

uma crítica sobre a

CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER

Comentário sobre erros e falhas bem como de acertos
desse documento confessional

- Xénos Magos

Textos originalmente postados em xenosmagos.wordpress.com

Sumário

NOSSA PROPOSTA	4
O QUE É A LEI DE DEUS?	5
CONFESSIONALISMO E CREDOS.....	27
DAS ESCRITURAS SAGRADAS – CAP. 1 (PARTE 1).....	34
DAS ESCRITURAS SAGRADAS – CAP 1 (PARTE 2)	42
DE DEUS E DA SANTÍSSIMA TRINDADE – CAP 2	49
DOS ETERNOS DECRETOS DE DEUS – CAP. 3.....	54
DA CRIAÇÃO – CAP. 4.....	59
DA PROVIDÊNCIA – CAP. 5.....	67
DA QUEDA DO HOMEM, DO PECADO E DO CASTIGO – CAP. 6.....	72
DO PACTO DE DEUS COM O HOMEM – CAP. 7.....	76
DE CRISTO, O MEDIADOR – CAP. 8.....	81
DO LIVRE-ARBÍTRIO – CAP. 9.....	90
DA VOCAÇÃO – CAP. 10	96
DA JUSTIFICAÇÃO – CAP. 11	99
DA ADOÇÃO E DA SANTIFICAÇÃO – CAP. 12 E 13.....	102
DA FÉ SALVADORA – CAP. 14.....	103
DO ARREPENDIMENTO PARA A VIDA – CAP. 15.....	106
DAS BOAS OBRAS – CAP. 16.....	108
DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS – CAP. 17.....	113
DA CERTEZA DA GRAÇA E DA SALVAÇÃO – CAP. 18	115
DA LEI DE DEUS – CAP. 19	119
DA LIBERDADE CRISTÃ E DA LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA – CAP. 20.....	125
DO CULTO RELIGIOSO E DO DOMINGO – CAP. 21.....	131
DOS JURAMENTOS LEGAIS E DOS VOTOS – CAP. 22	146
DO MAGISTRADO CIVIL – CAP. 23.....	150
DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO – CAP. 24.....	157
DA IGREJA – CAP. 25.....	163
DOS SACRAMENTOS – CAP. 27	175
DO BATISMO – CAP. 28.....	177
DA CEIA DO SENHOR – CAP. 29.....	191
DAS CENSURAS ECLESIASTICAS – CAP. 30.....	202
DOS SÍNODOS E DOS CONCÍLIOS – CAP. 31	205
DO ESTADO INTERMEDIÁRIO – CAP. 32	207
DO JUÍZO FINAL – CAP. 33	211

ALGUMAS OBSERVAÇÕES.....	212
PRESBÍTEROS E DIÁCONOS.....	213
O MILÊNIO.....	228
ESCATOLOGIA 1	241
ESCATOLOGIA 2 – O DECLÍNIO DA DEPRAVAÇÃO HUMANA.....	262
BREVE COMENTÁRIO DE MATEUS 24 - 25.....	278
ASTROLOGIA.....	286
CONCLUSÃO.....	305

NOSSA PROPOSTA

É natural que uma obra que resolva questionar outra seja vista como um problema e, no mínimo, como fruto de uma mente orgulhosa que não se contenta em simplesmente ter suas doutrinas sem questionar outras. Mas queremos mostrar não só que isso é possível com humildade, mas que o fato de determinadas obras serem fruto de uma tradição e de muitas mentes habilidosas não as isentam de erros básicos e, às vezes, até bobos.

A dificuldade de entender isso é natural, já que sempre, em toda nossa história humana, presumimos que os sábios sabem mais em geral. Contudo, uma simples lida no texto sagrado faz-nos notar não só que há um equívoco em acreditar nisso piamente, como eventualmente a verdade está do lado oposto dos "sábios e entendidos". Se deu assim entre os apóstolos e os sábios gregos atenienses (algo a que Paulo se refere em 1 Coríntios 2, falando dos sábios e entendidos), como também entre Jesus e os sábios e mestres da lei aos quais cortou com sua Palavra.

Em ambos os casos existem tradições filosóficas e teológicas, formuladas por homens que enxergavam detalhes minuciosos que ninguém costuma perceber (coam bem um mosquito); porém, ignoram certas coisas evidentes e claras (engolem um camelo).

Não estamos sugerindo uma vida espiritualista que ignore a tradição, nem tão pouco queremos ser os filósofos questionadores que se levantam contra todo tipo de ideia, tornando a vida chata, por ter que processar cada coisa que faz, fala ou pensa. Queremos ir além. Queremos mostrar que ser espiritual é como Deus diz que é ser espiritual – por mais contrassenso que pareça. Não é espiritual o religioso e nem o dado às fórmulas teológicas; tão pouco o são aqueles que olham tudo com certa afetação espiritual, buscando estabelecer o cristianismo e clamando a Deus todo o tempo, e nem mesmo os intelectuais que estão todo o tempo raciocinando como podemos fazer algo a mais para a glória de Deus. Estas coisas são habituais do cristianismo ocidental, mas não são habituais na Escritura.

Portanto, o que queremos que o leitor entenda é, abre aspas, um documento ou material produzido por uma série de homens inteligentes, não é em si isento de erro, mas também não quer dizer que esteja totalmente errado, fecha aspas. Tal compreensão está acima da paixão religiosa, pois enquanto de um lado muitos dizem haver erros na confissão (sem nunca os apontar), outros dizem ser qualquer confissão uma ferramenta do diabo. Para demonstrar que é possível transcender esse problema, queremos pontuar como existem erros na Confissão de Fé de Westminster ao mesmo tempo que reconhecemos seus acertos. Para isso, dividimos este livro em três partes:

A primeira considera brevemente a natureza da Lei de Deus, pois cremos ser fundamental para avançarmos no resto da CFW (Confissão de Fé de Westminster), sendo este texto o mesmo presente no nosso livro anterior e no próximo, porém também faremos uma breve consideração do papel das confissões nessa parte. A segunda trata a CFW em si. A terceira possui alguns comentários escatológicos e de outros temas que não estamos habituados a pensar, porque pensamos como

um ocidental que vive na milésima revolução política e que está em processo de lutas culturais internas.

Além disso, nem sempre será apresentaremos e explicaremos cada versículo citado pela CFW, visto que, nos casos que explicarmos com comprovação, queremos dar uma base para que o leitor consiga raciocinar os textos seguintes. Ou seja, nossa didática é que ao ver como tratamos partes anteriores o leitor seja capaz de lidar com as partes seguintes.

Outro detalhe é que o texto pode parecer um pouco desorganizado, mas o fato é que apenas estaremos seguindo a ordem da CFW e de suas próprias citações e, como eventualmente estas citações não tem relação alguma com o que a CFW quer defender, teremos que explica-las, tornando o texto um pouco 'bagunçado'. Mas não se desanime, visto que em cada capítulo inserimos uma pequena conclusão para facilitar a compreensão além de observações extras que podem ser pontualmente úteis.

Não queremos que deixe de perceber que este livro é o segundo de uma "série", que começou com o livro "Falsos Pecados – As Leis Humanas que têm te Escravizado" e se concluirá com uma obra sobre casamento. Apesar de não parecerem ter relação imediata, todos os três temas estão ligados por um fio único que é o da compreensão da Lei de Deus e o que dela podemos e devemos ainda praticar. Além disso, em uma obra tratamos de pecados que não existem, na atual estamos tratando de coisas gerais que são ditas e frequentemente estão equivocadas e, na última, trataremos daquilo que é a vida pessoal dos indivíduos, de modo que alguns questionamentos levantados no primeiro livro estão sendo respondidos aqui e no próximo, e outros questionamentos aqui levantados foram respondidos no primeiro livro e serão no próximo. A razão disso não é para que você leia três livros, mas para que haja separação dos assuntos e sejam mais compreensíveis, o que é melhor do que escrever tudo no mesmo livro criando mais confusão ainda.

Depois dessa péssima introdução, esperamos que o leitor consiga usufruir da leitura e avançar em direção a uma percepção mais correta das Escrituras e Lei de Deus.

O QUE É A LEI DE DEUS?

É aqui onde você aprenderá os princípios reais que aplicamos em todo o resto do livro. Portanto, não deixe de ler atentamente esta parte, para que não deixe de compreender o que estará sendo dito mais adiante.

Ó Senhor, a nós pertence a confusão de rosto, aos nossos reis, aos nossos príncipes, e a nossos pais, porque pecamos contra ti. Ao Senhor, nosso Deus, pertencem a misericórdia, e o perdão; pois nos rebelamos contra ele, E não obedecemos à voz do Senhor, nosso Deus, para andarmos nas suas leis [Torah], que nos deu por intermédio de seus servos, os profetas. Sim, todo o Israel transgrediu a tua lei, desviando-se para não obedecer à tua voz; por isso a maldição e o

juramento, que estão escritos na lei de Moisés, servo de Deus, se derramaram sobre nós; porque pecamos contra ele. E ele confirmou a sua palavra, que falou contra nós, e contra os nossos juizes que nos julgavam, trazendo sobre nós um grande mal; porquanto debaixo de todo o céu nunca se fez como se tem feito em Jerusalém. Como está escrito na lei de Moisés, todo este mal nos sobreveio; apesar disso, não suplicamos à face do Senhor nosso Deus, para nos convertermos das nossas iniquidades, e para nos aplicarmos à tua verdade. (Daniel 9:8–13)

Vamos começar com uma pergunta simples: a lei de Deus está só no Pentateuco ou se estende por toda a bíblia?

Explicaremos o que queremos com isso: se a lei de Deus é dada somente no pentateuco, todo o resto da Escritura é uma extensão disso, com novas revelações, mas não novas leis. Se o pentateuco contém a lei de Deus mas ela não se exaure aí, então, precisaremos de uma hermenêutica que nos instrua quanto a achar esses outros mandamentos dispersos pela bíblia (não seriam derivações? Ou não seriam instruções gerais? Todo imperativo implica mandamento?).

Para entendermos isso essa passagem de Daniel acima é sugestiva. No versículo 10 Daniel diz que a Torah foi dada (?) pelos profetas. Ora, sabemos que a Torah veio por intermédio de Moisés (v. 13), por qual razão Daniel diz que a lei foi dada pelos profetas (no plural)? A palavra-chave nesse ponto é “dar”. A Torah de Deus é de Moisés, mas foram os profetas que explicaram e expuseram ela para o povo. Esse termo (nāṭan) equivocadamente traduzido como “dar” é melhor entendido como “estabelecido”, “demonstrado” neste contexto. E como sabemos disso? Veja como Daniel começa o capítulo:

no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, entendi, pelos livros, que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as assolações de Jerusalém, era de setenta anos. Voltei o rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, pano de saco e cinza. (Daniel 9:2,3)

Que lei que Jeremias deu? Nenhuma, ele apenas mostrou que o povo transgrediu a lei e que seria levado para o cativo como a lei previa. Assim, Jeremias apenas prevê que essa pena duraria 70 anos, não que vinha daí uma nova lei. Logo após dizer isso, Daniel começa sua oração. Nessa oração Daniel entende que pecado é transgressão da lei de Deus (v. 11). Raciocine como o profeta Daniel: Israel foi para o cativo porque transgrediu a lei, e a lei foi exposta pelos profetas ao Povo. Os profetas são, portanto, aqueles que expõe a Torah, enquanto que a Torah é o conteúdo do que o povo deve guardar e não ultrapassar. Por isso o pecado é a Transgressão da Lei, e nada mais.

É importante perceber que a Torah contém toda a lei de Deus, e a lei de Deus acaba nela, sem nenhum novo mandamento essencialmente (sim, eu sei que você está pensando em Jesus dizendo “novo mandamento vos dou”, mas explicaremos). Qualquer conteúdo posterior se alinhará ao que a Torah diz, e será submisso a ela, sem acrescentar novos mandamentos. Deus deu os seus mandamentos a Moisés e a ninguém mais:

Então disse o Senhor a Moisés: Sobe a mim ao monte, e fica lá; e dar-te-ei as tábuas de pedra e a lei, e os mandamentos que tenho escrito, para os ensinar. (Êxodo 24:12)

como Moisés, servo do Senhor, ordenara aos filhos de Israel, segundo o que está escrito no Livro da Lei de Moisés (Josué 8:31)

Esforçai-vos, pois, muito para guardardes e cumprirdes tudo quanto está escrito no Livro da Lei de Moisés (Josué 23:6)

Porém os filhos dos assassinos não matou, segundo está escrito no Livro da Lei de Moisés, no qual o Senhor deu ordem, dizendo: Os pais não serão mortos por causa dos filhos, nem os filhos por causa dos pais; cada qual será morto pelo seu próprio pecado. (2 Reis 14:6)

Procure em qualquer lugar “a Lei de Jeremias” ou “a Lei de Ezequiel” ou de qualquer outro indivíduo entre Moisés e Cristo e não encontrará nenhuma outra lei, pois só há a Lei de Moisés e a Lei de Cristo (abaixo explicada).

Isso é um dos pontos principais. Toda a bíblia gira em torno da lei de Moisés; não há nada na bíblia semelhante à lei natural (com leis distintas das bíblicas) e nem teologicamente deduzida de outra parte das escrituras. Como consequência só é pecado o que a Torah (a Lei) diz que é pecado e nada mais além dela (1 Jo 3:4).

Como sabemos que a lei é somente a Torah? Bom, a começar pelo nome (Torah significa “Lei”), toda vez que a bíblia se refere à alguma lei ela sempre é encontrada na Torah. Quem tem que provar que a lei de Deus está também fora da Torah é quem não acredita nessa compreensão básica no próprio nome dos 5 primeiros livros e de como os outros livros se referem a estes.

Ainda não crê nisso? Ora, Deus mesmo disse que nenhuma lei nova seria acrescentada na Torah (Dt 4:2; 12:32). Se você acredita que o Novo Testamento ou os profetas trazem consigo novas leis, ordens e mandamentos, então está criando uma contradição, o que jamais poderá ocorrer, já que Deus não mente e não se contradiz. É inegável que quando Deus determina que nada pode ser acrescentado, ele está lidando com mandamentos, pois até mesmo Apocalipse 22, ao proibir o acréscimo, o faz somente após a breve citação de alguns mandamentos (Ap 22:15; 18 [é quase o equivalente ao Dez Mandamentos, inclusive]).

Se você não compreendeu isso, nem compensa continuar a leitura. Se compreendeu, mas não concorda, ainda há chance para você.

A LEI DE CRISTO

Não podemos ignorar o que chamamos de “Lei de Cristo” (1 Co 9:21; Gl 6:2). Que é essa lei? Podemos dizer que A Lei de Moisés é toda a Torah (é assim que sempre é referida no próprio Antigo Testamento, como você pode notar nos textos que já citamos acima); a Lei de Cristo, então, necessariamente é algo distinto do conteúdo total da Torah, já que, claramente é chamada “de Cristo”, e não “de Moisés”.

Porém, todas as vezes que Cristo mesmo se refere a mandamentos ele diz que é o “amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a ti mesmo” (Mc 12:28– 31; cf. Dt 6:5; Lv 19:18). Ora, até quando Cristo dá uma ordem particular, ela é apenas uma repetição dos mandamentos contidos dentro da Lei de Moisés (como você pode conferir comparando Marcos 12:28–31 com Deuteronômio 6:5 e Levítico 19:18). Cristo nunca deu uma ordem que não estivesse, também, na Torah! A lei de Cristo é, na verdade, um recorte dentro da Torah, algo específico, que não era compreendido durante o período que a Torah inteira estava em vigor. Explicamos.

A lógica é simples:

- Lei de Moisés = **todo** o conteúdo da Torah;
- Lei de Cristo = somente os mandamentos **contidos** na Torah;

Por qual razão sabemos que é verdade essa divisão acima? Primeiro porque, como vimos, nunca Cristo deu uma ordem que não estivesse na Torah antes e, segundo, porque em Cristo não praticamos mais as festas estabelecidas na Torah, logo, tem uma distinção entre as ordens de Cristo e de Moisés, mas ela não está em relação aos mandamentos contidos na Torah, pois estes são reafirmados por Cristo.

Nem toda ordem na Torah é um mandamento (1 Co 7:19 — Paulo distingue entre a circuncisão e guardar os mandamentos de Deus). Isso quer dizer que o próprio apóstolo Paulo via que nem só porque uma ordem estava no imperativo implicava o conceito de mandamento. A circuncisão, por isso, “nada é”, ou, na linguagem do autor da carta aos Hebreus: “é sombra”. Assim, a lei possui apenas duas categorias: sombras (ou tipos) e mandamentos. O que temos, então, é que mandamentos continuam sem os “excessos” presentes na Torah.

Isso é esclarecedor se notarmos o que Paulo diz em 1 Coríntios 9:21. Ele diz que prega aos que estão sem lei, como se estivesse sem, mas não estando, de fato, sem lei, pois segue a lei de Cristo. A conclusão é lógica: os gentios, que não têm lei, não precisam que Paulo pareça um judeu, isto é, seguindo as ordens levíticas, mas ele não deixa de praticar os mandamentos de Deus (1 Co 7:19). Assim, fica claro que a “Lei de Cristo”, nada mais é do que o mínimo requerido dele na Lei de Deus. O que fazemos, portanto, com o “novo mandamento vos dou”?

Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como Eu vos amei; que dessa mesma maneira tenhais amor uns para com os outros. (João 13:34)

A Lei já exigia que nos amássemos mutuamente (Lv 19:18), então, qual parte desse mandamento é uma novidade? Todo ele? Não pode ser, pois, como vimos, a ordem para o amor mútuo está apenas sendo repetida. Porém há algo que não está na Lei de Moisés: assim como **eu vos amei**. Existe um sentido em que isso é novo, Moisés não era o Messias, ele não poderia dar a si mesmo pela salvação do povo; Cristo, por outro lado, pode dar a própria vida para salvar os seus; nesse sentido, Cristo dá uma total novidade: vocês amarão ao próximo, mas me usarão como padrão básico e não somente o “como a si

mesmo". Assim, não é que o mandamento integralmente seja novo, mas que a base sobre a qual ele se estabelece é nova: Cristo.

Perceba, não é que houve uma mudança na ordem, já que permanece a mesma. Antes a base para eu amar o próximo era eu mesmo somente; como vemos, Cristo também afirma que devemos amar o próximo como a nós mesmos (Mt 22:37-39). Contudo, a novidade é que Cristo não havia se encarnado na época que a Torah foi dada, então, Moisés não podia dizer: ame o próximo como Cristo. Porém, com Cristo revelado, ele pode dizer: como **eu** vos amei. Dessa forma a ordem permanece (ame o seu próximo), mas ela foi elevada (como Cristo nos amou). Quer dizer que a primeira ordem da Torah deixou de ser verdadeira? De modo algum! Agora ela é vista com olhos mais claros, mas sua afirmação básica (como a ti mesmo) continua existindo, sem ignorar que podemos transcender a nós mesmos.

Não precisamos reconciliar os textos, só compreender que o único elemento novo no mandamento é a base dele.

COMO IDENTIFICAR UM MANDAMENTO?

Em Gênesis 1–3 vemos a transgressão do primeiro mandamento (negativo) que Deus deu ao homem: comer do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Pense bem: este é o primeiro pecado, e a morte entra no mundo por meio dele. O pecado, é evidente, existe como causa da morte, e isso nos é ensinado já no início de Gênesis como que gritando num megafone: Pecado gera morte. Não é uma coisa por fora. Se não há morte como punição, então não há pecado (eu sei eu sei, você está lembrando de 1 João que diz que há pecado que não é para a morte, vamos chegar lá). O fato é que Gênesis 1 – 3 inicia a Torah para passar o princípio de que: o pecado gera a morte, ou por transgredirmos a lei de Deus em suas ordens negativas ou por ignorarmos as ordens positivas (a árvore da vida). Deus já ensinava, desde o começo, como ele trata seus próprios mandamentos.

Esse é o entendimento de Paulo em Romanos 6:23, e isso não é só um sentido escatológico ou de que o primeiro pecado no mundo gerou a morte. A teologia de Paulo é consistente: o salário do pecado (qualquer que seja) é a morte. Não há um pecado que não gere a morte. Mas que diabos isso quer dizer? 1 João 3:4 diz que pecado é a transgressão da Lei, então, é evidente que pecado só se encontra na Lei, e a lei diz quais ordens se quebradas geram morte (Rm 6:23). A conclusão é simples:

- Pecado = Transgressão da Lei (1 Jo 3:4)
- A Lei = Torah (Pentateuco)
- Na Lei o Pecado = Morte (Rm 6:23) pois,
- O que há pena de morte na lei = Pecado

Mandamentos geram morte quando quebrados, se não há morte não há quebra de mandamento, e sem quebra de mandamento não há pecado. Assim, quando lemos, por exemplo, em Levítico, de que quem comia carne imunda não era morto nem precisava oferecer um sacrifício, fica claro que não estamos diante de um pecado, mas somente de uma imundície, isto é, algo que me impede de tocar no que é santo, mas não é pecado.

Fica evidente que a própria Torah distingue entre pecado (mandamento) e imundície (ordens que podem chegar a um fim).

Então você dirá: “mas o furto não gerava morte! Te peguei!” Bom, eu não disse em momento algum que o pecado gera a morte do transgressor simplesmente. Tanto Paulo (Rm 6:23) quanto João e o autor de Hebreus entendem que a morte é uma coisa direta e que funciona sozinha, ou seja, sem ser aplicada a um ser humano, mas também a animais (Hb 9:21, 22). Veja bem, sem derramamento de sangue não há remissão (do pecado), como Hebreus 9 argumenta, e lá, o texto claramente relaciona isso a animais.

A remissão do pecado só pode ocorrer porque um mandamento foi transgredido, e a pena de morte se recairá sobre você ou sobre algo que te represente e substitua penalmente. Como isso é estabelecido na Lei? Simples: Levítico 6:1–7 mostra que o ladrão deve oferecer um sacrifício animal após restituir o que foi roubado. Ora, qual ignorante negará que até para o furto havia pena de morte? Porém, para que houvesse justiça, Deus não mandava matar o ladrão, mas que ele oferecesse um sacrifício animal, para expiar o pecado dele, tirando dele a culpa, que geraria a morte pessoal dele. Assim, nem a morte deixou de ser aplicada e nem o pecador deixou de ser transgressor.

Obs.: Levítico 6, diferente de Êxodo 22, está tratando da necessidade sacrificial pelo furto/roubo. Além disso, existem mais algumas distinções nos dois textos, como a quantidade da restituição. Porém, o problema que surge e que não pode ser ignorado é que, se é pecado o furto, então, há alguma morte nele (Rm 6:23) e, portanto, derramamento de sangue (Hb 9:21, 22). Assim, quando Levítico estabelece o sacrifício, está dizendo que há pecado no furto, ainda que os casos difiram entre si.

Procure na lei tais pecados sem morte e não achará. Ser chicoteado, por exemplo, era disciplinar, e não envolvia sacrifícios animais ou humanos. Não é sobre pecado, mas sobre direcionamento e significado teológico: a lei tem este significado: encerrar tudo embaixo do pecado, mostrando o que é que gera a morte (por meio daquilo que Deus impõe a pena de morte). O significado teológico é claro: o pecado gera a morte, se não gera morte, não é pecado. Abaixo, para que tudo fique mais esclarecido, trataremos de alguns textos.

1 JOÃO 5:16

Se alguém vir seu irmão cometer pecado que não leva à morte, ore, e Deus dará vida ao que pecou. Refiro-me àqueles cujo pecado não leva à morte. Há pecado que leva à morte; não estou dizendo que se deva orar por este.

Aqui é onde o homem orgulhoso se levanta contra todos os outros textos que claramente ensinam que o pecado sempre leva à morte para tentar provar que há pecado que não leva à morte. Porém, nós lidaremos com a verdade e vamos ver o texto em três níveis: o significado direto, o texto original e o contexto.

Mesmo em português está evidente que o texto diz que todo pecado leva à morte. Veja o que diz o versículo: “ore, e Deus **dará vida** ao que pecou”. João está dizendo que, espiritualmente, este irmão morreu, mas o pedido por ele faz com que Deus o dê vida.

Ora, Deus só dá vida àquilo que está morto, e não ao que já está vivo! Imediatamente na primeira metade do versículo está provado que o que João está dizendo não é que não há pecado em absoluto para morte, mas que há um pecado em particular pelo qual se quer vale a pena orar, caso cometido. O ponto de João não é distinguir entre um pecado e outro, mas por qual pecado não é necessário que você ore, caso cometido por alguém. Veja: “Deus dará vida” implica que “este irmão morreu”.

Mas e o grego? João é muito claro, pois diz que no primeiro caso, é um irmão abertamente, enquanto no segundo caso, isto é, o indivíduo que peca para a morte, não é se quer mencionado como um irmão no sentido estrito, e por isso não se deve orar por este. O grego segue em direção de um afastamento (algo como: saiu do nosso meio, mas não é dos nossos). Além disso, a vida mencionada na passagem é um termo genérico pra um tipo de “vida espiritual” (ζωή), significando que Deus dá de volta não uma vida física, mas a vida espiritual do indivíduo; enquanto o outro morre espiritualmente de modo indefinido.

E o contexto? João diz que tudo o que escreveu em sua carta é para confirmar que aqueles que creem em Cristo têm a vida eterna (v. 13), então, seu ensino na carta é sobre como identificar alguém justo e que não vive em pecado, e alguém que vive em pecado (1 João 1). Os pecados que João condena na carta são coisas como o ódio ao irmão (1 Jo 2:9) e a negação de que Cristo veio em carne (1 Jo 4). Este último caso é o mais interessante e focal na carta, já que ele começa o capítulo 5 dizendo que Cristo nasceu de Deus e se encarnou (passando pela água e sangue), de modo que crer nisso é crer no Filho (1 Jo 5:10). Negar que Cristo veio em carne é ter o espírito do anticristo. E o que é anticristo é aquele que sai do meio da igreja (1 Jo 2:19), negando que Cristo veio em carne. Isso é o assunto retomado por João no capítulo 5 e que ele quer que os crentes entendam, porque só tendo o Filho [encarnado] é que se tem a vida (1 Jo 5:12). O que é isso?

João está em todo o contexto dizendo que o pecado que denuncia é a negação da vinda de Cristo. Quem diz isso não tem solução, porque negou o Filho e não tem a vida (1 Jo 5:11), pois só há vida no Filho. O que é mais claro que isso? O pecado para a morte é a crença no gnosticismo, doutrina que nega o Filho, pois nega sua encarnação, e nenhum gnóstico tem o Filho, e por isso não tem a vida eterna, e se não tem vida, não adianta orar por este. O que nasceu de Deus não comete este pecado (1 Jo 5:18).

Como você pode ver, o texto aponta claramente para a verdade única de que todo pecado leva à morte, mas há um pecado que nega o próprio Filho, e este nunca teve a vida porque só os que nasceram de Deus não pecam assim. Um Filho de Deus peca, mas seu pecado não leva à morte inevitável, basta que se interceda por ele para que Deus lhe dê novamente a vida que perdeu ao pecar (leia toda a 1 carta de João, e preste atenção no fato de que o anticristo **foi** essencialmente este tipo de pecador: que nega que Cristo veio em carne).

Também há um texto em Dt 21:22 que diz:

Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e for morto, e o pendurares num madeiro, Deuteronômio 21:22

Isso faz parecer que existiam pecados que não eram dignos de morte. Porém, o contexto sinaliza algo distinto: todos os pecados geram a morte, porém, nem todos podiam ser julgados pelo juiz. Veja que o texto está claramente falando de alguém que era morto pelas autoridades e posto sobre o madeiro – algo que não ocorria quando Deus matava indivíduos como a família de Corá, engolida pela terra, ou dos pecados sem testemunhas. Um exemplo interessante é o caso de Amnon e Tamar: em 2 Sm 13-14 temos a história destes dois irmãos, com Amnon desejando a Tamar, e se relacionando com ela à força. Como não haviam testemunhas do caso e a própria Tamar não denunciou o irmão tendo relações com ele na cidade e não no campo (Dt 22:25), Davi não podia simplesmente matar Amnon, mesmo sabendo do incesto – pecado punido com morte de fato (Lv 20:17 [Tamar era filha de Davi, mas com outra esposa]).

O resultado foi que Deus matou Amnon por meio do ódio e pecado de Absalão, e depois matou o próprio Absalão por ter cometido o pecado de matar Amnon sem julgamento (além de ter possuídos as concubinas do pai). O que entendemos? Ora, todo pecado passível de julgamento resultava no pendurar sobre o madeiro. Os pecados que não podiam ser julgados continuavam gerando morte, contudo, sem atuação humana (embora, no mínimo, a morte espiritual estivesse decretada sobre o indivíduo).

ROMANOS 5:12-17

Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram. Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir. Mas não é assim o dom gratuito como a ofensa. Porque, se pela ofensa de um morreram muitos, muito mais a graça de Deus, e o dom pela graça, que é de um só homem, Jesus Cristo, abundou sobre muitos. E não foi assim o dom como a ofensa, por um só que pecou. Porque o juízo veio de uma só ofensa, na verdade, para condenação, mas o dom gratuito veio de muitas ofensas para justificação. Porque, se pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, muito mais os que recebem a abundância da graça, e do dom da justiça, reinarão em vida por um só, Jesus Cristo. (Romanos 5:12-17)

Os versículos acima são esclarecedores. Veja a lógica de Paulo: se nós morremos (e a morte só existe por causa da transgressão da Lei), logo, todos pecaram (Rm 3:23), porque todos os homens morrem (ou seja, só é pecado o que gera morte). Inclusive, até mesmo os homens que viveram entre Adão e Moisés, que viveram sem Lei dada, morreram. Sem Lei o pecado não é imputado, não há porque morrerem homens se Deus deixou o mundo “sem lei” todo este tempo. Isso faz Paulo recuar no argumento, pois nota um problema (“no entanto”), fazendo com que ele realce o fato: mesmo quem não quebrou nenhuma ordem como Adão morreu (por isso Paulo está falando do período entre Adão e Moisés, pois não havia “lei”). Então, para provar o ponto, ele diz: todos morrem (“veio o juízo”)

por causa *de uma ofensa* – não por causa do que os homens fizeram entre Adão e Moisés.

Obs.: lembre-se que Deus visitava o pecado dos pais nos filhos, de modo que a morte física é perpetuada por causa do pecado do primeiro pai – Adão.

Veja um exemplo direto: os filhos de Adão se casaram entre si, porém, na Lei, posteriormente, é proibida qualquer relação entre parentes (Lv 18:6, 9). Ora, os filhos de Adão, portanto, não pecaram à semelhança de Adão, visto que não havia lei que proibia irmãos se casarem. Logo, por que houve morte mesmo entre os filhos de Adão, se Deus não deu a eles nenhuma lei em particular como a Adão? A resposta é bem simples: essa morte existiu porque os homens pecaram em Adão (cometeram pecado no ato de Adão e herdaram dele o pecado) e, como Adão é figura de Cristo, a morte passou a todos os homens, assim como a vida de Cristo passa para aqueles que são justificados em Jesus. Quer maior prova do que a não existência de Lei prova que o pecado não pode ser imputado? Veja aí mesmo, Paulo dizendo com todas as palavras: “o pecado não é imputado, não havendo lei” – os homens transgrediram uma lei: a dada no Jardim do Éden.

O raciocínio funciona assim:

- 1 – O pecado é o que leva à morte > os homens que viveram entre Adão e Moisés morreram > Portanto, de algum modo pecaram.
- 2 – Mas Deus não havia dado a Lei > então estes homens só morreram porque pecaram em Adão > Mesmo os homens que não têm nenhum registro de pecado em sua vida.
- 3 – Assim: (a) só morre quem pecou, (b) todos morrem, logo, (c) todos pecaram. Essa é a conclusão de Paulo em Romanos 3 e 5.

Para isso, contudo, podem levantar algumas questões: o que fazer dos homens que morreram no Dilúvio, não havendo lei? A resposta é simples: eles morreram mesmo sem lei, e por isso precisaram de um anúncio posterior: 1 Pd 3:18-20 (note que o texto trata justamente do caso do dilúvio, pois estes homens morreram “sem lei”). Lembre-se de que era evidente que o assassinato (a causa do dilúvio – Gn 6:11, 13) era pecado, mas não era imputado, justamente pelos motivos dados por Paulo; e mesmo sem essa imputação, Deus mandou o Dilúvio, o que criou uma pendência, resolvida no Novo Testamento (1 Pd 3:18- 20).

ROMANOS 14:23

É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa com que teu irmão venha a tropeçar [...] Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado. (Romanos 14:21, 23)

A pergunta óbvia neste texto é: o que significa não “vir da fé”? Ora, o sentido é: a incredulidade. Se eu não creio que é puro o que como, logo, cometo pecado, por fazê-lo em incredulidade. Não se trata meramente de uma incerteza circunstancial. O foco de

Paulo é mostrar que não podemos confundir, naquilo que se come, a nossa fé, pois o reino de Deus não é comida ou bebida. Por outro lado, o paralelo melhor com Romanos 14 é 1 Coríntios 8:7. Ora, sabemos que vinho e comida em geral não era um problema para quase ninguém na época de Paulo, porém Paulo relaciona isso com “impureza” e nos leva a crer que o problema é maior do que mera impureza ritual (já que na Lei o vinho não era uma bebida impura).

O que seria isso? Crentes associando a bebida aos ídolos e tratando-as como impuras. O contraste para isso é comer sem expor estas coisas – é por isso que o assunto da fé e do amor entra nessa passagem, pois somente com a fé de que é puro se pode comer algo dedicado a um ídolo (1 Co 8:4, 9 [cf. todo o capítulo]).

1 CORÍNTIOS 10:5-11

Mas Deus não se agradou da maior parte deles, por isso foram prostrados no deserto. E estas coisas foram-nos feitas em figura, para que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram. Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles, conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber, e levantou-se para folgar [1]. E não nos fornicuemos, como alguns deles fizeram; e caíram num dia vinte e três mil [2]. E não tentemos a Cristo, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes [3]. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor [4]. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. (1 Coríntios 10:5-11)

Paulo nos mostra novamente a sua teologia do pecado, apontando que o que não agrada a Deus resulta somente em morte, razão do porquê é dito que os israelitas, em sua maior parte, ficaram ‘prostrados’ (foram mortos) no deserto. E como prova disso, ele cita quatro circunstâncias que resultaram todas na mesma coisa: *morte*.

[1] – A idolatria em Êxodo 32:4-28: nesta situação, o povo comeu e bebeu em honra à imagem feita de Deus (ou de deuses), cometendo o pecado que nas nossas bíblias aparece como bebedeira e glotonaria (que nada mais é do que comer e beber em honra a outra divindade ou em falso culto a Deus). O resultado dessa ação está nos versículos 10, 27 e 28 – morte. Nessa primeira prova, o pecado é o que gera a morte. E os pecados em vista são: idolatria, glotonaria e bebedice.

[2] – A “fornicação” em Números 25:1-11: claramente aqui “fornicação” não é sexo sem casamento, mas sexo em honra a alguma divindade falsa. Ora Paulo está instruindo aos coríntios que vendo que estes homens morreram, não devem praticar as mesmas coisas que eles, pois só é pecado o que gera a morte. E o pecado em vista aqui é o **sexo cultural** e idolatria.

[3] – A “tentação” em Números 21:5-7: agora o povo tenta a Deus, dizendo que prefere voltar do que morrer no deserto, e nisso pecaram, pois testaram a Deus, esperando que ele fizesse melhor do que fez. O resultado? A morte de vários picados por serpentes. Ao verem que começaram a morrer os israelitas em dor dizem: “pecamos!” (v. 7), pois

entenderam que o pecado gera morte e, portanto, só pode ser pecado aquilo que mata na lei. O pecado foi tentar a Deus.

[4] – A “murmuração” em Números 16:41-48: O povo passou a murmurar contra Moisés e Deus, porém, ocorre que isso não agrada ao Senhor. O que ele fez, portanto? Matou os israelitas com uma praga. Agora, todos podiam ter certeza que pecado é só o que gera a morte, pois só gera a morte o que não agrada a Deus, sendo, assim, a forma como a lei trata o pecado. O pecado da “murmuração” (que na verdade é falar *contra a Deus e as autoridades de Deus*, e não meramente não estar satisfeito com algo).

Paulo diz que estas coisas ocorreram assim para ensinar aqueles crentes, do primeiro século, sobre o que é pecado. Ora, o que os crentes devem evitar? Aquilo que existe pena de morte na Lei, e tão somente isso – este é o raciocínio de Paulo, não meu. Se te parece legalista por um lado ou liberal por outro (afinal, a lei não chama de pecado muitas das coisas que chamamos), reclame com Deus, e cometa o erro dos incrédulos de Números 16.

GÁLATAS 5:18-23

Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, fornicação, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glotonarias, e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança. Contra estas coisas não há lei. (Gálatas 5:18-23)

Muitos homens utilizam este texto para dizer que no Novo Testamento não há mais pecado, mas somente obras da carne. O problema é que qualquer um que conhece a Lei sabe que o que Paulo chama de “obras da Carne” nada mais são do que mandamentos quebrados. Por exemplo, o que ele chama de “Idolatria” é condenado no Primeiro e Segundo mandamento. Todas as coisas carnis que estão neste texto de Gálatas se encontram, de um modo ou outro, proibidas na Lei de Deus, porém, não cabe uma exposição detalhada desse texto agora, pois o nosso foco é a parte final do texto.

Paulo, ao afirmar as coisas positivas (e também para provar que as obras da carne são quebras da lei), termina dizendo: “contra estas coisas não há lei”. E aqui duas coisas estão sendo afirmadas:

Primeiro, que as coisas anteriores mencionadas a Lei é contra, e o fato de serem obras da carne apenas demonstra que são coisas que desejamos fazer naturalmente, ou que fluem da natureza caída, e não do Espírito de Deus. Assim, o contraste, é que o que é feito sem quebrar a Lei é efeito da ação do Espírito de Deus. Portanto, devemos entender que na escritura tudo o que é condenado é obra da carne, e tudo o que é estimulado ou, ao menos, permitido, é efeito do Espírito Santo.

Segundo, o fato de a Lei não proibir é evidência de que aquilo que não é proibido é permitido. Ora, temos dito que tudo o que a lei não condena pode ser praticado, e isso vai desde a poligamia masculina (que tratamos no livro sobre Casamento e Divórcio) até mesmo não trabalhar por um longo período, portanto, por mais que nos incomodemos com alguma coisa, não podemos condenar se a Lei de Deus não proibir. Paulo claramente está dando aqui a ferramenta fundamental para sabermos até onde podemos ir na Lei: se a lei não condena, podemos praticar e ponto. Claro, no caso em particular que Paulo está tratando, ele quer apontar as coisas que nos impedem de pecar, como, por exemplo, se não quero adular, ter relações sexuais com parentes, ou relações antinaturais, então devo amar. O amor e a benignidade, por exemplo, contrastam com as quebras (e não com os mandamentos) da lei.

• LEI NATURAL

Será uma breve consideração pensarmos na “Lei natural”. É o trunfo do puritanismo e catolicismo romano, mas não passa de mera especulação filosófica. Então, levantaremos alguns pequenos questionamentos rápidos:

1 — O conteúdo da Lei Natural é igual ou diferente da Torah?

– Se for igual, então é a **mesma lei**, apenas expressa em lugar diferente (é o que defendemos); se for diferente qual conteúdo é este? Explicar isso é a pedra no sapato para quem tenta extrair leis “da natureza”.

2 — A transgressão dessa lei também resultava em morte?

– Se sim, de qual texto se presume isso? Se não, então não é lei, é apenas costume e cultura e, portanto, sua transgressão não é pecado. Ou a lei natural vem com sanções próprias? Por qual padrão deveria ser julgado se é justo ou não, caso a lei natural venha com sanções? Aqui sabemos que o que se tenta presumir da lei natural, só pode ser testado pela Escritura, mas se pode ser testado por ela, então ela pode, sozinha, estabelecer o que é certo e errado sem a lei natural.

3 — Como saberei que uma lei natural é uma lei de fato e não legalismo meu ou invenção filosófica?

– Se sei pelas escrituras, por que não utilizar elas como o padrão, já que são o padrão para avaliar uma lei natural? Se não sei pelas escrituras, então a lei natural tem tudo para ser uma ferramenta despótica e legalista.

4 — De onde se extrai os princípios da lei natural?

– Aqui estamos pedindo um princípio filosófico que gere tais leis. Sabemos que Pitágoras tentou por meios matemáticos, e Sófocles dizia que as leis do governo precisavam ser julgadas pela Lei Natural, logo, ela não pode ser a lei do Estado e, talvez, seja de dedução matemática. Como saber que é assim ou não? (na prática a “lei natural” só estabelece costumes gregos e romanos).

5 — Quem pode interpretar e expor a lei natural?

– Normalmente se defende que a interpretação das escrituras se dá por um “magistério” (católicos romanos) ou pelos padrões de fé (reformados e protestantes); quem identifica e sistematiza a lei natural? Políticos? E se um indivíduo em particular discordar poderá apontar ao quê como prova de estar certo ou errado?

6 – A Lei Natural é um acréscimo à Lei Bíblica?

– Se não é, onde está ela na Lei bíblica? Mas se é, ela viola a própria lei bíblica que exige nada ser acrescentado a ela (Dt 4:2; Dt 12:32).

Não temos problemas com nenhuma lei particular de qualquer Estado, pois se um Estado ordena que seus cidadãos usem apenas branco e preto nas roupas, não irá infringir nenhuma lei bíblica; mas essa ordem não estará fundamentada em nada além de interesses humanos e sentidos de controle — ninguém deve dar a isso qualquer fundamentação bíblica, exceto a de que se deve obedecer às autoridades e nada mais. A questão nossa é simples: o que o crente deve praticar como lei/mandamentos diante de Deus? Nisso a lei natural não interfere em nada e não contribui em nada — apenas atrapalha. E chamem-nos de pressuposicionalistas se quiserem, tanto faz. O ponto é que a lei natural não tem lastro, não tem base, e não pode ela mesma ser julgada, pois é posta, em última instância, acima da lei de Deus ou em paridade com ela. A verdade é que a “Lei natural” só pode ser o que Deus condena na Lei e que é de conhecimento universal, apenas isso.

INTERPRETAÇÃO DA LEI

• INTERPRETAÇÃO PRINCIPOLÓGICA

Saber o que é a Lei de Deus não garante sua interpretação correta e começamos a discutir o que é o certo em suas afirmações. Por isso aqui muitos homens chatos começam a dizer que a lei na verdade se lê de modo principiológico, isto é, de que ela dá princípios e a partir deles desenvolvemos o restante das ordens. A despeito do fato de este ter sido exatamente o mesmo pensamento dos fariseus, não os tratarei propriamente como fariseus, porque a verdade é que há alguns pontos distintos porque os fariseus não possuíam o Novo Testamento.

Porém, vamos testar a interpretação principiológica com três ordens na lei, para vermos se ela resolve e permite tal justificativa:

O *primeiro* exemplo é extraído de uma história na Lei: Jacó, Raquel e Lia. Em Gênesis 29 nos é dito que houve intensa disputa entre Lia e Raquel, de modo que brigas, confusões, estresse e coisas semelhantes estavam presentes. Disso — dizem os que leem com os olhos “principiológicos” — se deduz que os casamentos poligâmicos (um homem, várias mulheres) levam a uma maior briga no lar, e que neste texto em particular temos um sinal de desaprovação dele (do casamento poligâmico, no caso). Essa é a proposta principiológica.

Por outro lado, nós (os autores deste texto) **defendemos que o texto, e em especial os mandamentos, precisa ser lido como concebido e na estrutura que estabelece, ou seja,**

ele não vem de princípios, mas estabelece os princípios e para nesse estabelecimento sem maiores desenvolvimentos. Por exemplo, no caso de Jacó, ele se une a duas mulheres que são irmãs; por nossa leitura, isso apenas mostra que casamentos poligâmicos com irmãs produzem problemas e disputas, de modo que esta seria a interpretação única possível do texto. Para nossa alegria, posteriormente, tanto a Lei quanto os profetas explicam essa relação de Jacó: Levítico 18:18 diz que não se deve casar com duas irmãs, pois uma se torna rival da outra (e não é exatamente o que ocorre entre Lia e Raquel?). O texto é claro e objetivo (além de não possuir nenhuma pena externa). Duas irmãs jamais devem ser tomadas dentro do mesmo casamento. Ironicamente, há quem chegue neste texto de Levítico e presuma a mesma coisa: “o texto proíbe casamentos com mais de uma mulher”. Se proibisse, bastaria dizer: “não tomarás duas mulheres, pois Deus não aprova”.

Mas não paramos aqui. Em Ezequiel (os profetas são intérpretes da Lei que trazem revelações específicas sobre a negligência do povo em relação a ela), no capítulo 23, nos é dito que Deus se casou com Israel e com Samaria (portanto, um casamento poligâmico — confira Jeremias 3). É interessante a forma como o texto divide Israel e Samaria ou Judá porque sabemos que havia entre ambas as partes disputas, basta ver de 1 Reis 12 até 2 Reis 17 para que notemos que não é sem motivo que Deus divide Israel em duas esposas, para deixar claro que o que a lei estabelecida (de que duas esposas irmãs é problemático) está em voga. E como não há pena de morte para isso, Deus não está em pecado por se casar com duas irmãs. Israel e Judá viviam em disputas, eram briguentas, e até para aceitar Davi como rei primeiramente o sul o aceitou e só depois de 7 anos o norte o elegeu (1 Rs 2:11; 2 Sm 2:10, 11; 5:5; 1 Cr 3:4, 5)! Não temos aqui a disputa de duas irmãs (Israel e Judá) com um único marido (Deus)? (leia Ezequiel 23 e Jeremias 3).

Disso podemos inverter o processo que normalmente é tomado na interpretação principiológica. Nela se diz que o texto possui princípios, na nossa, dizemos que o texto é o princípio; ou seja, não há um princípio abaixo do texto, nas entrelinhas, subliminar etc., mas o texto em si como está expresso é o princípio do qual se vê a ordem. Mas continuemos em mais dois exemplos:

Segundo, “Não Furtarás” (Êx 20:15). Que é essa ordem? Você não deve tomar ou reter nada de alguém com ou sem o conhecimento da pessoa (Lv 6). Como o principiológico vê essa ordem?

1 — É uma ordem para trabalhar; 2 — é uma ordem para trabalhar bem; 3 — é uma ordem para compartilhar; 4 — é uma ordem para não ter preguiça (veja, por exemplo, o livro do Jean-Marc Berthoud sobre o oitavo mandamento).

Perceba que, se nos valermos desse princípio, fazer qualquer uma dessas coisas acima é equivalente a quebrar o mandamento. Mas vamos para o primeiro caso:

É uma ordem para trabalhar. Se for exatamente isso, por qual razão a ordem foi escrita como “não furtar” ao invés de “trabalhe” (de modo positivo)? Alguns, como Rushdoony, vão dizer que é pra evitar a tirania, mas se isso é verdade, e eu deduzo do mandamento

exatamente a ordem positiva como igualmente ordenada, resulta-se exatamente na mesma tirania que dizem que o mandamento tenta evitar (e caem naquilo mesmo que condenam).

Ainda, considerando isso, a ordem positiva, diferente do mandamento, não tem “borda”. Por exemplo, se eu tiro férias de um mês e não trabalho em nada durante este tempo estarei furtando? Pior, se eu enriqueço jovem e decido parar de trabalhar, tendo condições de sustentar a mim mesmo e minha família (além de ajudar outras pessoas), estarei furtando? Alguns, para serem consistentes, afirmarão que sim, que há furto nessas situações (afinal, não querem largar o pecado, que é a falta de misericórdia).

Se formos adiante, ainda temos mais questões: quando posso começar a considerar que é furto o não trabalho? Ou, o quanto de ociosidade é furto? É claro que o “oposto” de furtar é trabalhar, mas isso não equivale a que seja isso que o mandamento tem como foco ou objetivo. Naturalmente, concebemos o mandamento como foi escrito: independente de você ser rico, pobre, trabalhar ou não trabalhar, você só quebra o mandamento se tomar algo de alguém. É só isso que o mandamento diz e nada mais. Mesmo quando Paulo fala dos crentes que não trabalhavam em Tessalônica ele não chama atenção deles como ladrões, nem manda que sejam excluídos do meio da igreja como faz ao jovem incestuoso em Corinto. Ora, isso só pode ser assim porque em Corinto há uma transgressão do mandamento e em Tessalônica não.

É uma tolice sem igual que venhamos colocar cargas além daquelas que Deus nos dá e, daqui, o segundo ponto para nossa “hermenêutica da lei” precisa ser notado: se o primeiro ponto afirma claramente que devemos ler o texto em si como princípio, o segundo **afirma que não devemos deduzir dele o oposto como ordem equivalente ao que é proibido**. A isso acrescentamos que deve haver cuidado, pois o primeiro mandamento exige o oposto dele em relação à sua negação, mas o próprio mandamento se explica em seguida, dizendo para termos somente um Deus, o verdadeiro. Portanto, cuidemos para não deduzirmos dos mandamentos o seu oposto, como se tivesse o mesmo peso que o mandamento em si, caso Deus quisesse, teria dito de outro modo.

O *terceiro* caso é o da dedução com base na perfeição. Poderíamos dizer que este é o argumento mais grego dos que dizem que a Torah possui princípios subjacentes. Mas vejamos para que fique mais claro:

Normalmente se apela para a ideia de que o ideal é o modo como Deus criou o mundo, isto é, do modo como Deus fez Adão. Assim, o ideal é o homem ter uma só mulher, não existirem prostitutas, (comer somente) vegetais [dedução adventista e de outras seitas]...

Mas segundo este mesmo princípio, também deveríamos: andar nus, não comer churrasco [para quem defende isso mas não é vegetariano], morar em alguma floresta ou jardim sem casa ou tenda (afinal, a tenda foi invenção de um ímpio no cap. 4 de Gênesis), etc. etc.

É claro que não querem aceitar todas as implicações e, por isso, iremos além. Em 1 Co 15:45-50 Paulo estabelece o princípio da perfeição: não é ser de carne e sangue, pois carne

e sangue não podem herdar o reino de Deus (isso significa que Cristo, neste momento, não possui mais “carne e sangue”, mas outro tipo de corpo, embora seja físico e não um mero espírito). Ele claramente diz que, em última instância, Adão não possuía a perfeição, porque sua carne era corruptível (v. 47, 50). Desse modo, o primeiro Adão tinha tudo para o fracasso, pois sua carne era sujeita à Queda, e o que teremos após a morte não é sujeito a nenhum tipo de queda ou pecado. Agora somos como Adão, no corpo; após a morte seremos como Cristo. Veja que Paulo vai na contra mão do “ideal” e diz que o primeiro Adão justamente não é o “ideal”. Essa lógica do “ideal” é utilizada para interpretar vários textos bíblicos, e jogar culpa sobre indivíduos que apenas não conseguem ser “tão intelectuais, sábios, fortes etc.” quanto aqueles que defendem tais coisas. Nós, por outro lado, dizemos diferente disso: **primeiro que nenhum ‘ideal’ pode ser equivalente a um mandamento (ou seja, ande nu se for o contrário disso) e, segundo, que nenhum ideal pode ser deduzido de um texto que claramente não diga isso.**

Essas três coisas acima nos levam à seguinte conclusão: **se a lei bíblica não proíbe, não pode ser pecado, pois só é pecado o que ela proíbe.**

Veja claramente isso desse modo:

0 — Não existe Lei Natural fora das ordens dadas na Torah;

1 — O texto estabelece os princípios, e não se baseia em outros princípios;

2 — Não podemos deduzir dos mandamentos o oposto deles de modo equivalente;

3 — Nenhum ideal pode ser equivalente a um mandamento;

C — Portanto, só o que a lei bíblica [mandamentos] proíbe é pecado.

C(a) — O pecado é somente aquilo que a lei atrela à morte;

C(b) — Portanto, só é mandamento o que possui como consequência a pena de morte.

C(c) – As festas e o culto eram regulamentados, a vida comum não tem regulamentos, apenas limites (veremos isso ao considerarmos as festas).

Você pode pegar o ponto 2 e dizer: “mas o primeiro mandamento dos dez diz que não podemos ter nenhum outro deus diante do Deus verdadeiro, logo, o contrário disso, é ter somente o Deus verdadeiro! Aha! Te peguei!”. Triste engano.

O primeiro mandamento diz claramente que devemos cultuar somente um Deus quando diz: “não terás outros deuses além de mim”. Ora, o que é isso senão dizer claramente que só há o Deus vivo e verdadeiro? Além disso, há mais mandamentos que ordenam amar somente a Deus de modo positivo e claro (Amarás o SENHOR, teu Deus, com todo o coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças — Dt 6:5). Só um tolo se esquece de que os mandamentos de Deus não são somente os dez dados (em Levítico 18 e 20, por exemplo, o texto claramente diz que as proibições sexuais ali expressas são mandamento

de Deus, a diferença é que os Dez Mandamentos são a base e o mais direto sobre o que devemos praticar). É tão tolo pensar fora disso que é absurdo que ainda acreditemos em homens que vivem a inventar leis que nem a Torah deu.

Na seção abaixo explicamos um pouco sobre outro problema: a interpretação pode ser feita por qualquer um?

QUEM PODE INTERPRETAR O TEXTO?

Independente da resposta a esta pergunta, é evidente que as coisas não seguem nem os desejos dos católicos romanos e nem dos reformados. Segundo os Católicos Romanos (ICAR) quem tem o direito de interpretar o texto é o magistério, de modo que toda e qualquer pessoa que quiser entender o texto bíblico deve ceder à interpretação magisterial sobre o que a Bíblia diz. A verdade é que nem mesmo os católicos seguem isso em um sentido estrito. Para os reformados, embora haja certa liberdade de leitura e até mesmo seja aceita certa divergência interpretativa, tudo deve se submeter aos padrões de fé (confissões e catecismos), sob o argumento (verdadeiro) de que durante a história, quem se levantou contra este padrão normalmente era herege; para quem pensa um pouco, entretanto, notará que isso é uma versão estática e mais restrita do magistério da ICAR.

Vamos reconhecer algumas coisas lógicas e naturais:

- 1 — Toda pessoa possui um padrão de fé, um sistema teológico, mesmo que rudimentar, para entender o mundo e os problemas — além do texto bíblico.
- 2 — Esse padrão nem sempre é explícito, pois com muita frequência quem tem um sistema se quer nota que o possui, pois não sabe julgar os próprios pensamentos e nem os categorizar devidamente.
- 3 — Os padrões de fé servem como um tipo de cerca, que ajuda a identificar e organizar as denominações e crenças.

Esse reconhecimento nosso, entretanto, não sugere que haja um dever em adotar um padrão de fé conhecido, de fato, e diremos o nosso motivo, de modo que isso responderá à pergunta do topo.

Deve-se notar que na Bíblia, não havendo acesso ao texto, o poder de interpretá-la recai sobre a primeira autoridade imediata diante dos que ouvem (vemos isso nas cartas de Paulo a Timóteo e Tito), de modo que quem ouve, e não tendo meios de comprovar o que ouve lendo o texto (algo comum na época), deve aceitar claramente o que diz a autoridade. Porém, como notamos tanto em Apocalipse quanto em Atos, há possibilidade de se testar coisas de modo independente, sem que esteja preso a um padrão de fé existente e claro. Em Atos 17 os bereanos fazem isso com a pregação apostólica, pois, na sinagoga, havia sempre cópias das Escrituras que se podiam consultar, de modo que avaliavam criticamente (ἀνακρίνοντες — “questionando”, “examinando”, “julgando” — v. 11) o que era pregado pelos próprios apóstolos (cf. Rm 15:31).

Ora, o que era pregado pelos apóstolos era comparado diretamente com a escritura (At 17:11), não devemos, portanto, presumir que este caminho seja percorrido somente por hereges. Ademais, os que constituíam as comissões que formavam as Assembleias (como a de Westminster) eram, eles mesmos, “sem confissão” até formarem uma — mostrando que mesmo com a confissão e padrão de fé o que prevalece sempre é a leitura direta do texto bíblico (a propósito, os puritanos não concordavam todos com a confissão, nem os próprios presentes na formação dela). De qualquer modo, temos diante de nós clara evidência de que a Confissão ou Magistério existe pela fraqueza nossa em não sabermos ou não termos acesso ao texto.

Talvez você diga: “Mas eu reconheço que sou fraco!” Tudo bem, não nos importamos e muito menos o texto bíblico, que significará o que Deus intencionou acima de tudo o que você ou eu dissermos. Ora, mas isso não é prova portanto de que se aceitarmos isso haverá confusão interpretativa? E quem disse que não há? Na época dos apóstolos, com todos eles presentes, haviam hereges de todos os tipos: haviam os que diziam que a ressurreição já tinha ocorrido (2 Tm 2:18); os que negavam que Cristo veio em carne (1 Jo 2 e 4; 2 Jo); os que distorciam o que Paulo dizia (2 Pd 3:15, 16); haviam os que ensinavam que Cristo só era efetivo para a salvação se houvesse circuncisão (Gálatas); os que não se importavam de se deitar com a mulher do pai sem crer que é pecado (1 Co 5)... tudo isso é baseado em hermenêuticas próprias, de modo que quase todo o NT foi escrito buscando resolver pendências hermenêuticas nas igrejas.

Ora, em algum momento Paulo ou João disse que a interpretação estava presa a alguém? Não, exceto quando o que está sendo dito não pode ser conferido. Isso não é um menosprezo do papel do pastor e dos presbíteros. Ora, lembre-se dos bereanos! Eles não lutaram contra os apóstolos, mas os questionaram com o devido respeito.

Isso não é estar do lado dos hereges? Depende. A própria Confissão de Fé de Westminster diz: “Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado” (CFW XXXI.3). Como saberei — pergunto — que um sínodo ou concílio errou? Comparando com aquilo que eles mesmos produziram? Claramente não! Talvez nem os puritanos estivessem suficientemente cientes de que essa afirmação, virtualmente, faz com que cada indivíduo que pode conferir no texto bíblico o fará para saber se a confissão não errou (e sim, ela errou: na escatologia, em pontos sobre a igreja, sobre o casamento etc.). E como provarei que não sou um herege? Não se prova. Tal como para os hereges Paulo era um herege e impostor (1 Co 9:1, 2), assim serão aqueles que lidam com o texto bíblico “diretamente”. Ademais, ninguém pode ser sobrecarregado com o dever de estudar todas as possíveis opiniões durante a história da igreja, quando a própria Escritura possui, em si, seus intérpretes (os profetas no AT e os apóstolos no NT).

[Note que a CFW está, virtualmente, dizendo que ela mesma deve ser julgada de acordo com a Escritura. Ora, se ela disser que deve ser julgada de acordo ela mesma, estará derivando sua autoridade de si, o que seria absurdo — só Deus deriva autoridade de si, e de si, deriva a Escritura, que é o único livro que pode atestar a própria autoridade. Se

devemos julgar a CFW pela Escritura, é óbvio que não podemos julgar a escritura pelo padrão da CFW antes. Assim, sem querer, a CFW reconhece que a aceitação dela deriva de outra 'confissão implícita', anterior à própria aceitação dela mesma]

Então, quem pode interpretar o texto? Qualquer um (dizer o contrário disso é afirmar que o texto não tem em si nenhuma mensagem, tornando a Escritura não objetiva – o que diminui a própria fé no que está escrito). Quem vai aceitar? Quem tiver as ferramentas ou o mesmo modo de compreender (veja o caso do eunuco em Atos, que se quer tinha como comprovar a autoridade de Filipe e teve o texto explicado por ele — o que prova que se precisa de alguém para pregar, ao mesmo tempo em que o texto não está preso à autoridade de quem prega). Mas e a confusão, não vai imperar? Ora, ela sempre imperou de certo modo, ou não notou ainda que quase todo o Novo Testamento só existe por causa de confusões interpretativas? Aceite que o mundo não está sob seu poder e que Deus fará a obra dele. Não recuse o ensino, por mais improvável que seja, mas se esforce por se ater às doutrinas que sejam bíblicas evitando aquelas que percebe contraditarem as escrituras. Recuse-se aceitar acriticamente, mas não se levante contra autoridades — ambas as coisas são claras na Escritura, e devem ser recebidas com a tensão que geram.

Até mesmo entre os rabinos não havia concordância sobre interpretação dos textos (leia a Mishná e notará exatamente este ponto: nunca houve consenso judaico interpretativo — veja, de cara, a distinção entre saduceus e fariseus); também nunca houve consenso da patrística, nem em assuntos básicos como a expiação (por isso a briga sobre este tema considerando a história da igreja não é nada mais nada menos do que uma briga infantil sobre qual pai da igreja é melhor no assunto); até entre os apóstolos, embora no caso deles houvesse consenso, notamos que um tinha dificuldade de interpretar o que o outro dizia (2 Pd 3:15, 16). Você acha que sanaremos milênios de discussão tentando entregar a interpretação a um Magistério? Ou nos reclinando sobre uma Confissão?

O medo de perder a unidade só se dá porque olhamos a realidade de modo ideal. O apóstolo Paulo, porém, organiza a unidade de um modo um pouco distinto do nosso:

Portanto, se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e paixões, completai o meu gozo, para que sintais o mesmo, tendo o mesmo amor, o mesmo ânimo, sentindo uma mesma coisa. Nada façais por contenda ou por vanglória, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, [...] (Filipenses 2:1-5)

O que cria falta de unidade? É a doutrina? Não, ela nos une. O que nos divide é que defendemos doutrinas que nos favorecem, e isso é o que acaba com a unidade. Se trabalhamos querendo contendas, discussões, debates etc., o resultado óbvio e natural serão doutrinas divisionistas. É claro que há um certo rompimento que a doutrina verdadeira carrega, mas jamais confunda isso com o princípio de unidade que Paulo

estabelece: busque fazer as autoridades felizes não procurando o seu próprio interesse. Só quem procura o que é seu mesmo é que divide igrejas.

Quer utilizar a CFW? Use! Nós também usamos, mas recusamos partes por não vê-las enquadrando-se na própria Escritura. Citá-la aumentará a autoridade? Não. Mas pode ser que o modo como ela sistematizou uma coisa ou outra seja melhor do que eu conseguiria expressar (e o mesmo vale para o Magistério). Não é o Magistério que dá autoridade à interpretação, pois o menor recebe o que tem daquilo que é maior, de modo que se o Magistério existe para explicar a Escritura, sua autoridade só será real na medida em que explica, de fato, a Escritura e se submete a ela.

O problema real nas Escrituras – deveria ser claro – não é quem tem o “direito” de interpretar o texto, mas quem tem o “direito” de aplicar as penas caso o que o texto proíbe seja praticado. Porém, este assunto ficará para o momento em falarmos de pastorado e bispado.

É um mundo amplo e que dá medo, é verdade, é como andar pisando “no nada”, mas o contrário disso é a absoluta recusa do próprio texto bíblico, que nos instrui, quando temos acesso, a pensarmos o que ouvimos de acordo com a própria escritura.

- Uma observação

Em Deuteronômio 30 temos:

Porque este mandamento, que hoje te ordeno, não te é encoberto, e tampouco está longe de ti. Não está nos céus, para dizeres: Quem subirá por nós aos céus, que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Nem tampouco está além do mar, para dizeres: Quem passará por nós além do mar, para que no-lo traga, e no-lo faça ouvir, para que o cumpramos? Porque esta palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires. (Deuteronômio 30:11-14)

É óbvio que a interpretação não pode estar presa a um indivíduo em particular. A lei, neste momento, está provando isso, pois não depende de que a interpretação fique presa a um corpo específico de pessoas. É claro que um corpo de pessoas estará certo se concordar com o texto bíblico, mas não se deve prender a este grupo, como se o texto só pudesse ser alcançado por meio dele (cf. Rm 10:4-9).

Mais interessante é que este texto está no fim do Pentateuco (Torah), mostrando que tudo o que Deus quis ensinar (para o agradar) se encerrava ali. Os profetas, os poéticos e o NT apenas explicam e desenrolam o conteúdo da Lei, para que não andemos perdidos em simbologias sem fim ou em meditações que não afirmam nada além de nossa experiência pessoal. A Lei de Deus é tudo o que Deus quis que seu povo praticasse (Is 2:3 [note que “palavra” neste texto é sinônimo para “lei”, de modo semelhante ao caso de Dt 30, que usa “mandamento” e “palavra” de forma intercambiável]).

INTERPRETAÇÃO QUÁDRUPLA – MODO POSITIVO DE ENTENDER O TEXTO

Qual princípio interpretativo (não embaixo da lei, mas de como entendê-la) deveríamos utilizar? Abaixo sugeriremos aquilo que chamamos de interpretação quádrupla, pois está fundamentada em quatro pontos que direcionam o entendimento e organização mental do que o texto bíblico condena e como condena.

Essa interpretação está baseada em como os autores do Novo Testamento encaram o texto bíblico, além das próprias subdivisões do texto na Lei e nos Profetas. É importante reparar que essa forma de ler é contrastante com o método puritano da divisão tríplice da lei, ou seja, ambas as coisas não funcionam bem juntas, de modo que ou se descarta a interpretação quádrupla ou a divisão tríplice (que divide a lei em Lei Moral, Civil e Cerimonial). Apesar de não parecer a princípio, até o fim da leitura você mesmo poderá constatar essa discordância entre os métodos.

Pois bem, quais são as categorias? Dividimos o entendimento moral da lei em quatro categorias:

Pecado

Impureza/Imundícia

Desonra

Tolice ou Falta de Sabedoria

A primeira de certo modo já vimos acima, mas cabe leve resumo:

O Pecado é aquilo que está atrelado à morte na Lei de Deus, ou seja, é a infração dos mandamentos. Como diz o Apóstolo Paulo, sem lei não há transgressão (Rm 4:15) e João diz de modo positivo que o pecado é a transgressão da Lei (1 Jo 3:4), de modo que o resultado disso é a pena de morte (Rm 6:23) ou derramamento de sangue animal (Hb 9:21, 22). Assim, o método para saber o que a Lei condena como pecado é ver a morte atrelada como pena. É curioso que o pecado não possui a morte como resultado natural, mas sobrenatural, visto que não há nada, por exemplo, no adultério, que explique a morte como pena, assim como não havia na árvore no meio do jardim. **O pecado o é apenas e tão somente porque Deus o diz.** Se Deus não diz, não há transgressão, e portanto não há pecado. Por isso, a conexão entre o pecado e morte só é perceptível por quem enxerga espiritualmente, pois vê como Deus estabelece e não como a cultura ou as consequências de atos individuais retumbam. O contrário do pecado é justiça e piedade.

Obs.: às vezes o pecado vem categorizado como “abominação” ou “maldade”, em textos como Lv 18:22; 20:13 (o termo hebraico é diferente do utilizado em Lv 11 e que também é traduzido como “abominação”, de modo que um texto tem uma ênfase de mandamento de fato, enquanto que o outro tem de mera separação). Sabemos que, por padrão, abominação gera a pena de morte, embora seja categorizado assim às vezes por não haver meios de provar (como provarei que dois homens dormiram juntos?). Isso nos leva também aos pecados que somente Deus punia, como a quebra do primeiro mandamento, isto é, a de não crer nele (alguém podia, “civilmente”, não crer em Deus, mas evidentemente este sofreria as penas por não crer, porém, diretamente da parte de Deus – não dar graças quando recebe o alimento, alguns

pecados sexuais etc. seriam outros exemplos [chamamos isso de “pecado subjetivo”, quando uma autoridade além de Deus não pode punir]).

A **Impureza** possui duas formas de ser vista, duas no AT e uma no NT. No AT há impurezas que são pecado, e no NT toda impureza é pecado. Porém, não notamos que nem toda impureza gera morte no AT, e como nem toda gera a morte, nem sempre ela pode ser pecado. O livro de Levítico está cheio de exemplos destes. Comer carne de animais impuros não resultava em morte, pois não era pecado (Lv 11:1-24). Ter relação sexual com sua própria esposa resultava em impureza (Lv 15:18), mas não era pecado (afinal, tanto o AT quanto o NT recomendam isso fortemente). A Teologia da impureza tem por interesse ensinar como o pecado tirou a naturalidade de todas essas coisas, quebrou os padrões e fez o homem sujar até o que estava anteriormente limpo. E do que a impureza afasta o homem? Do culto a Deus.

Em Levítico é claro que quem está impuro não pode oferecer nada a Deus, de modo que está distante dele. Se um impuro tocasse em algo santo, então assim ele morreria. No NT é mais claro o que Deus intencionava dizer com a impureza, pois, quando um homem se deita com outro (Rm 1) aí vemos impureza, pois é confusão. Assim, qualquer coisa que impedia, no AT, o culto a Deus, era impureza por padrão, e qualquer coisa que confundia as classes que Deus dividiu (como homem e mulher, ou o ânus sendo utilizado no lugar da vagina), então há impureza. O contrário da impureza é santidade ou pureza.

A **Desonra** é, em geral, um processo de problema familiar, em si é uma mancha da honra pessoal ou do seu nome, mas não é, em si, pecado ou impureza, pois não gera morte e nem o separa do culto a Deus. Por exemplo, quando Paulo diz que a falta do uso do véu na mulher casada gera desonra para o marido, está dizendo não que o marido está pecando, nem está impuro, mas que ela será indevidamente desejada por outros homens no culto, contrariando o poder dado por Deus de ter a esposa sob a cabeça do marido (cf. 1 Co 11). No Antigo Testamento, o não cumprimento do voto de Levirato era uma desonra (Dt 25:5- 10), pois resultava meramente na humilhação do irmão que não quis dar descendência ao outro e anunciou isso sem se casar com a viúva (diferente do caso de Onã, que se casa, mas recusa dar descendência ao irmão, resultando na quebra de promessa e pecado, por isso Deus o matou). As penas são geralmente intrafamiliares, sem penas aplicadas por parte de autoridade externa (veja quem pune o homem na quebra do levirato). Assim, quando não há consequência direta relacionada, nem há morte, e nem separação das coisas santas, estamos diante de um ato de desonra. O contrário da desonra é honra ou respeito.

Obs.: a honra é a única coisa que poderia ter um fator cultural, mas a própria Escritura mostra que, em verdade, tem relação com os papéis gerais esperados na Escritura. Por exemplo, uma filha idealmente deve casar virgem, do contrário, há “má fama” (Dt 22:14; veja Êx 22:16, 17). Caso isso seja conhecido de todos, a mulher apenas tem sua honra desfeita, mas não morre, pois na Escritura o pecado dela seria mentir sobre a virgindade (Dt 22:14ss) e não necessariamente a ter perdido (Êx 22:16, 17). Este é, talvez, um dos melhores exemplos do que é falta de honra ou o possuir dela (no final deste livro trataremos sobre prostituição). Deus ordena,

também, que Isaías ande nu (Is 20), o que é desonra, mas como não há pecado Deus não está se contradizendo, apenas quebrando e humilhando o profeta.

Por último, existe a **Tolice** ou falta de sabedoria. Diferente das coisas anteriores, a tolíce possui consequências claras do tipo causa-efeito. Se você bebeu muito, não pecou, mas sofrerá as consequências das dores e cansaço que vem disso; se você for preguiçoso, não estará pecando, mas ficará pobre e dependente. Você pode ser um crente tolo, nesse sentido, e é algo que mesmo Isaías prevê para a Nova Aliança (Is 58:8), mas não deixará de ser crente.

Talvez você pense que “o temor do Senhor é o princípio da Sabedoria”, porém, quando isso aparece em Provérbios, o contexto é sempre de mandamentos, ou seja, o medo que você tem de Deus é que te ensina a diferença entre o certo e o errado (cf. Dt 4:5, 6, onde sabedoria é conhecer a Lei de Deus e a praticar). A falta da sabedoria “educacional” não é um problema para a Lei de Deus, já que a Lei é para todos. Ninguém será menos santo por não saber ler, ou não saber um cálculo, ou não saber filosofia – embora saber estas coisas possa ajudar você ganhar um bom dinheiro ou mesmo a ajudar melhor alguém. O contrário da Tolíce é Sabedoria ou Inteligência.

Então, se sua preocupação é saber o que a Lei diz ser certo, errado, desestimulado ou que já tenha passado, essa divisão compreensiva pode lhe ser de grande ajuda e boa ferramenta.

Concluindo

- Pecado = morte;
- Impureza = Separação Temporária (ou pecado, a depender do contexto);
- Desonra = Sujar o nome da Família ou o próprio;
- Tolíce = Não saber organizar a vida coerentemente.

CONFSSIONALISMO E CREDOS

A busca por uma *sistematização* das ideias é algo que sempre esteve presente entre os homens. Nós buscamos organizar, trabalhar, explicar e encontrar princípios que simplifiquem nosso entendimento de qualquer texto mais complexo ou de difícil compreensão. Isso é natural, e é esperado. Este livro mesmo possui, como base fundamental, uma sistematização do conceito de pecado, Lei de Deus e também uma sistematização do ensino bíblico geral.

Isso é o esperado, e qualquer um que disser o contrário o dirá sistematizando outro pensamento, pois raciocinará de acordo uma organização própria criada por si mesmo e para si mesmo, querendo não prestar contas a ninguém mais. O problema, contudo, se mostra não na sistematização, mas *até* onde ela pode ir, ou até que nível ela pode dividir e separar o acerto do erro de modo *universal*. Veremos a seguir justamente como algumas sistematizações são ruins.

QUAL CONFISSÃO?

Antes de tratarmos de qualquer coisa mais, devo explicar que há várias confissões e credos. Desde o Credo Apostólico, Niceno, até a CFW (Confissão de Fé de Westminster) entre outros, que resultariam numa grande lista. Para os nossos propósitos, optamos por usar a CFW como exemplo padrão, já que, do nosso ponto de vista, ela seja a que melhor organize seus assuntos e pontos. Há outros documentos que não poderiam ser "ignorados", mas teremos que fazer em favor da brevidade do espaço que temos.

CONFISSÃO IMPLÍCITA E EXPLÍCITA

Além da CFW, porém, há outra confissão que todo indivíduo carrega consigo: a confissão implícita. Explico a diferença: uma confissão explícita é aquela que é, de fato, confessada. P.ex.: o que creio sobre Jesus? Ele é Deus? (sim); Ele se encarnou? (sim); Creio que Deus predestinou quem seria salvo? (sim). Temos Livre-Arbítrio? (não). Nessas respostas eu tornei a minha confissão explícita, embora, talvez, não a tivesse escrito em lugar algum. Tornar a confissão explícita é uma boa ferramenta para que aqueles que se interessam possam conhecer mais facilmente as doutrinas da igreja na qual se encontra.

Contudo, como cheguei a estas conclusões? Ora, por uma confissão implícita que levariam livros e livros para ser escrita, e tornaria quase inviável explicitar toda ela. E qual poderia ser um destes exemplos? De que eu conheço a Deus por causa de que ele se revelou; de que eu sei que Jesus se encarnou por causa das Escrituras; de que a passagem significa exatamente o que ela diz significar etc., etc.

Algumas respostas soariam mais filosóficas, outras, mais teológicas, e ainda outras não encontrariam bem sua "localização". O problema, é claro, é que expor todos os princípios daquilo que está explícito levaria muito tempo, o que, virtualmente, gera um estudo particular da Confissão, do que a antecedeu, do que se discutiu, das atas do ocorrido, das personalidades envolvidas, da localidade... em outras palavras, gera um campo novo de especialização. Claramente não somos contra nada disso sozinho. A dificuldade é reconhecer, contudo, o peso da confissão implícita sobre a explícita.

O método hermenêutico, como divido a escritura e suas passagens, como entendo os autores, de que modo aceito suas afirmações, a partir de que princípios entendo e interpreto as festas e sombras... todas essas coisas nenhuma confissão conseguiria, de fato, explorar. Daí, Deus ter instituído bispos/presbíteros para continuamente exporem as escrituras, e não confissões. As confissões só conseguem fazer o papel de declararem a afirmação necessária, mas não de expor os processos hermenêuticos, exegeticos etc., por trás do próprio texto dela.

Talvez – diria você – bastaria estudar toda a história e os autores da confissão. Podemos dar este mérito. Mas não seria muito mais conveniente gastar toda essa energia no estudo do texto bíblico, mesmo que consultando os autores que cremos ser os melhores? A ordem padrão de Deus é o conhecimento e exposição, bem como leitura e explicação de sua lei – não de uma confissão.

PRINCÍPIO INTERPRETATIVO

Não sou eu que digo que há uma certa fé "implícita" antes do credo, da confissão ou da decisão conciliar, é a própria CFW que diz claramente o que estou falando:

*Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares podem errar, e **muitos têm errado**; eles, portanto, **não devem constituir regra de fé e prática**, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra coisa. (CFW, 31:3)*

Sobre que base sei que o que a CFW diz é verdade (ou um erro)? Como posso saber que a sua decisão é certa se ela mesma não pode ser o padrão de fé e prática? Não faz diferença se é um magistério católico romano ou não, se há uma declaração falsa, se há um erro, como saberei? Não é nem pela razão, nem pelo próprio documento gerado por eles. É pela Escritura, e tão somente por ela.

É necessário certa sofisticação intelectual para acreditar que os Magistérios (na verdade, a Tradição) e Confissões se corrigem mutuamente sobre o nada, como se o centro de gravidade destas coisas pairasse ininterruptamente na história da igreja, em algum lugar entre as autoridades eclesiais e a documentação produzida. Isso, não sem motivo, costuma gerar algum nível de orgulho – que em si não será explorado por nós.

O princípio pelo qual se aceita uma confissão ou credo é seu acordo com a Escritura, de modo que o credo ou confissão se torna um efeito e não uma causa da minha crença na Bíblia. Ora, o próprio Jesus, que é superior a qualquer coisa que houve nesta terra afirmou categoricamente que para crer nele é necessário crer na lei (Jo 5:46, 47). Não é uma alternativa, é um *sine qua non*, i.e., sem a lei, não se crê devidamente em Cristo, o que se expande, de certo modo, ao resto da Escritura. Por isso e somente por isso poderemos saber se um credo ou confissão é correto. Não é sem motivo que durante o início da Idade Média, com o pouco conhecimento da Lei entre os padres (só havendo conhecimento do NT), tenha ocorrido um afastamento do conhecimento de Jesus e sua Obra. Não só isso, mas, como relata a própria história, entre os anos 700 e 900 d.C., pouquíssimo conhecimento havia da própria Lei Bíblica, causando-se, assim, grande afastamento da pessoa de Jesus. Este ponto é fundamental até para a história recente, já que Hitler demonstrou interesse em remover *todo* o Antigo Testamento da Bíblia (certamente ele está bem distante de um indivíduo que conhece Cristo em algum nível).

Veja, não foi a confissão que fundamentou a fé em Cristo, nem a Igreja em si. Pois, como Jesus demonstra, nem se mortos ressuscitassem para falar sobre os terrores da vida ímpia as pessoas criam, pois não creem na Escritura (Lc 16:31). Isso precisa ficar em perspectiva:

Abraão, concluindo, lhe afirmou: ‘Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se permitirão converter, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos!’.

Não é se “não ouvem a Israel” (a igreja), nem “se não ouvem o testemunho conjunto”. Mas é a crença fundamental na Escritura que carrega a fé verdadeira. Nem mesmo provas claras da ressurreição de Jesus se fundamentam nos sentidos ou evidências científicas, pois, com Jesus diante dos discípulos, ele não diz: vejam, estou aqui. Antes, Lucas declara:

*E ele [Jesus] lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração **para crer tudo o que os profetas disseram!** Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas e entrasse na sua glória? E, **começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava***

*em todas as Escrituras. E chegaram à aldeia para onde iam, e ele fez como quem ia para mais longe. E eles o constrangeram, dizendo: Fica conosco, porque já é tarde, e já declinou o dia. E entrou para ficar com eles. E aconteceu que, estando com eles à mesa, tomando o pão, o abençoou e partiu-o, e lho deu. **Abriam-se-lhes então os olhos, e o conheceram, e ele desapareceu-lhes.** (Lucas 24:25-31)*

Que é isso? Jesus estava ali, de frente, mas não permitiu que o reconhecessem sem que antes atendessem à compreensão bíblica de sua própria ressurreição. Cristo, acima e antes do credo e da confissão, expressa que o pressuposto fundamental e absoluto do crente é a Escritura, no seu conjunto total. Jesus não era "evidencialista", não quis que os apóstolos fundamentassem o conhecimento da sua ressurreição somente no que viram, já que Jesus mesmo diz a Tomé (Jo 20:29) que é bem-aventurado quem não o viu e creu (como creará se não for pela Escritura, então? [Rm 10] – lembre-se de que não existia "magistério" ou "tradição" ainda). Confundem-se os que pensam que o credo é a perfeita exposição e que não encontram nas confissões nenhum erro. Isso mostra que *não* estão julgando o credo pela Escritura, mas sim a Escritura pelo credo.

Ora, de certo modo, o que estou escrevendo aqui é um "credo", e de fato o é. Porém, estou apontando para que se confira logo e diretamente na Escritura, não se há outro texto que se baseia em outro e outro e outro, sem a escritura.

Veja que até a unidade da Igreja é precedida pelas "palavras dadas por Jesus" (Jo 17:8, 23). A pedra fundamental bíblica, portanto, é o AT e, por causa do cumprimento do AT, nos vem o NT. Sem o AT o resultado é caos e até morte, sem o NT nossa visão fica embaçada e bagunçada. O NT é entendido somente pelo AT, e o AT é explicado, em partes, no NT. Este é o princípio interpretativo.

QUESTÕES QUE SÃO LEVANTADAS

- O Credo ou Confissão não seria uma imposição ao texto bíblico?

Isso depende. A maior parte das pessoas simplesmente não considera que possuem credos e confissões implicitamente, como já dissemos. Se for verdade de que não há um tempo de fé implícita antes da confissão, então ninguém, absolutamente ninguém, alcança o texto bíblico e seu real significado. Cabe, porém, ressaltar que existe uma compreensão errônea sobre os credos do outro lado, como se eles formassem uma cerca para proteger a interpretação das escrituras. Os credos não fazem isso, pois são um modo particular de entender o texto, que pode estar sujeito às questões culturais, temporais e preocupações imediatas (como o capítulo da CFW que relaciona o Anticristo ao Papa). Portanto, nem podemos negar a existência e legitimidade de confissões e nem podemos confiar nelas para balizar a compreensão bíblica a ponto de que a discordância gere fratura na igreja. Neste caso, e para nosso desespero, cada coisa precisa ser avaliada diretamente na fonte (as Escrituras), com o Credo e Confissão sendo apenas um meio "seguro" e simplificado de sistematização.

- O Credo e a Confissão servem à unidade?

É outra questão que depende do ângulo em que se olha. Por um lado, ajuda afirmar e reafirmar aquilo que cremos, tornando mais fácil identificarmos os que crem de

modo semelhante, criando uma unidade *superficial*, já que a confissão apenas simplifica uma discussão que poderia ser mais longa. Por outro lado, caso um pastor presbiteriano deixe de crer no batismo infantil, ele perde o pastorado e dificilmente ficará numa igreja presbiteriana. O mesmo para um pastor batista ocorreria (caso passe a crer no batismo infantil) – pior ainda se tiver o posicionamento do batismo que apresentaremos. Isso implica certo nível de dificuldade, pois ambas as formas não são tão interessantes, já que uma *força* uma unidade e a outra *favorece* um nível de falta de unidade. Porém, mesmo assim, seria possível haver unidade em uma igreja mesmo que com membros discordantes, embora não aceitando aqueles que fogem às questões básicas da fé (como de que Cristo veio em carne, quebra dos mandamentos etc.). Não há resposta fácil, mas sabemos que nem o rigor confessional e nem o modo relapso de doutrina liberal condizem com a Escritura.

- A Confissão não afasta-nos do ensino bíblico?

Há muita energia sendo gasta, por exemplo, em definir o que uma confissão disse sobre os salmos, ou se o uso do termo implica salmodia exclusiva ou inclusiva. Tais questões acabam por se tornarem autônomas, e passamos a discutir se um puritano, um pai da igreja ou um pregador particular quis dizer algo que poderia significar outra coisa a depender do contexto. Isso carrega um afastamento, pois o objetivo não se torna mais “definir o que diz a Escritura”, mas definir o que diz a confissão ou um autor em particular. Digamos que a Confissão contrarie a Escritura, todo o debate e esforço para entender o que os autores quiseram significar com um termo perde todo o valor real. O pior é que na medida em que se estuda o ambiente da confecção da Confissão, mais distante ela mesma fica do povo comum, criando o seguinte caminho:

Interpretação da Confissão (somente quem estuda a história e os escritos tem acesso) > Leitura da Confissão > Interpretação das Escrituras (que só poderia se dar pela Confissão + conhecimento do texto bíblico) > Escrituras em si e sua verdade.

Esse caminho torna o conhecimento da Escritura quase de nível gnóstico, já que se cria várias camadas interpretativas, pois com o afastamento histórico da confecção do(a) credo/confissão, mais se torna necessário que haja quem o(a) interprete – resultando no exato oposto do objetivo inicial da Confissão. Essa é uma das razões do porquê quando formos comentar os capítulos da CFW evitaremos ao máximo a situar tanto em relação aos autores, já que, espera-se, qualquer crente novato possa compreender a CFW e os documentos escritos sem muito conhecimento prévio. O contrário disso resulta na necessidade de um esforço que poderia ser dirigido diretamente para as Escrituras.

- Não seria a CFW palavras de poder do homem?

Sim. Como já dissemos, é uma tentativa nossa de responder sistematicamente à escritura. Em si, isso não é um problema, mas pela quantidade de erros da CFW, isso impede que ela seja palavra de poder de Deus.

- Qual deve ser nossa relação com um credo ou confissão?

De normalidade. Com frequência, nos debates teológicos, os dois lados estão errados porque só consideram o que conseguem ver imediatamente. E este é um dos casos. Pois reagimos ao liberal, que pensa que a igreja nasceu ontem, mas também reagimos ao confessional, que não consegue ver erro na confissão, justamente porque não sabe ler a bíblia sem ela. Um acha que é tão capaz que não precisa consultar a ninguém; o outro pensa que Deus não capacita ninguém para ver o texto bíblico diretamente. Um usa a si mesmo como crivo, o outro, usa a história da igreja como crivo (voltaremos a este ponto). Uma coisa pode estar errada durante boa parte da história da igreja, já que porque um erro nasceu cedo, não quer dizer que vira acerto com o tempo ou por causa de quem o defendeu. Coragem é um fator decisivo aqui, tanto para reconhecer que há verdade na Confissão (ela *contém a palavra de Deus*, mas não é a palavra de Deus), quanto para reconhecer que ela falha (pois a palavra de Deus é a Escritura).

A correção de um credo ou confissão só será possível se e quando indivíduos particulares questionarem trechos, duvidarem de partes e argumentarem contra sentenças. Nenhuma dúvida em relação a um documento surgirá como que por osmose entre todas as pessoas. *Alguém precisa* começar o "ciclo". O problema é que os confessionais acham sempre que isso é um ataque da modernidade, exatamente o que católicos romanos achavam, em parte, dos puritanos (é claro, mesmo assim não é algo equivalente, pois seria terrível anacronia).

Obs.: é natural que quem questione a confissão seja ofendido com a afirmação de que está se achando inerrante, pois acusa a confissão de erro. Oras, essa acusação aponta, em si mesmo, a condenação dos que querem defender a confissão a qualquer custo, pois afirma, como base, que a confissão está sendo inerrante. Algo que erra pode ser questionado por um indivíduo ou um grupo de pessoas – isso é irrelevante em termos de quantidade. O ar de superioridade destes, ao dizer que não podemos “aceitar” só uma parte da confissão não lhes permite ver que, ao acusarem-nos de crermos possuímos “*status* de inerrância”, prova que creem que a confissão é inerrante para eles. Se algo é inerrante, nem um homem pode questionar, se algo possui erro, mesmo uma criança pode contradizer. Se eu não posso contradizer nada na confissão, então, ela está no *status* de inerrante. E quanto a mim? Apesar de eu não ter entrado na equação em momento algum, posso dizer: mostre-me meus erros com algo que é inerrante. Naturalmente estou reconhecendo o fato de que erro, mas só aceito ser corrigido por algo que não erra: a escritura. A própria CFW foi mais humilde que eles, ao dizer que os concílios erram: e quem vai apontar o erro dos concílios? Um anjo vindo do céu? Claro que não! Outro homem, de carne e osso, como os próprios puritanos, é que vai apontar os erros *antes que um grupo inteiro reconheça estes erros*.

Assim, nosso objetivo nos próximos textos será: *comentar cada capítulo da CFW* (o que abrirá espaço para vários assuntos), *e ver se os textos bíblicos atrelados a eles fazem sentido ou possuem, de fato, a interpretação proposta pela CFW* (para que sejamos justos). Importante, porém, é que se note que não estamos propondo um comentário exaustivo, e sim um comentário breve, ressaltando erros e acertos da CFW.

PEQUENA HISTÓRIA HIPOTÉTICA CREDAL EM ISRAEL

Assim que Israel chegou do deserto e conquistou Canaã, a Terra Prometida, e Josué estabeleceu a liderança (sem a ensinar muito), o povo resolveu fazer um documento credal. Esse documento surgiu no período dos juízes, quando o povo notou grande afastamento do ideal inicial estabelecido por Deus. Porém, essa decisão foi adiada, para que a igreja sedimentasse melhor seu ensino. Assim, passaram-se 200 anos entre a chegada do povo na Terra e a confecção do documento.

Um dos primeiros pontos do documento foi reconhecer a Torah como padrão básico de interpretação. E nisso, era evidente, todos concordaram. Mas nestes 200 anos haviam ensinamentos que estavam se mostrando perdurantes na igreja. Por exemplo, já após a morte de Josué, os homens passaram a fazer sexo com mulheres ao ar livre como modo de culto a Baal. Isso parecia absurdo, já que só Deus merece culto [o que é verdade]. Para não contradizer a história da Igreja (afinal, já se passaram 200 anos), decidiram que o culto a Baal seria abolido, mas não que a forma de culto o seria, de modo que decidiram que Deus aceitaria o culto sexual como legítimo [o que não é verdade].

Diante disso, algumas poucas vozes dissonantes foram ouvidas, mas a tradição eclesiástica deveria prevalecer. O testemunho é a história da igreja e a interpretação da Torah se dá por ela. Alguns, que tinham acesso ao livro, questionaram que Deus havia definido que tal forma de culto a ele era inaceitável. A igreja, como já havia estabelecido o credo, disse que não se poderia interpretar a Torah assim, sem a história, e sem os credos. Ademais, na própria Torah havia registro de culto sexual a Deus (Êx 32:1-6 – o termo “deuses” é uma clara referência a Deus, e não à pluralidade de deuses de fato). Portanto, tanto pela Torah quanto pela tradição havia base para isso.

Com o tempo, a história foi sedimentando ainda mais e, agora, já na época dos grandes reis de Israel, tínhamos não mais um credo, mas toda uma confissão elaborada. Contudo, e pela dificuldade de entender a Torah, ela não podia ser lida diretamente, senão somente pela Confissão. Desse modo, os reis estabeleceram intérpretes das Confissões, para que ensinassem ao povo a verdade de Deus. Como muito tempo havia se passado (agora 700 anos), era necessário que o ambiente em que os credos e confissões foram elaborados fosse bem estudado. Notaram que durante o período dos Juízes houve um monumento, feito com peças de ouro, em volta do qual o povo prestava sexo cultual. O que perceberam? Devemos retornar às fontes, aos pais, que praticaram o culto mais simples e puro. Foi, então, que entenderam que a palavra “culto” nos credos implicava esse poste e, com uma consulta a um mestre, foi notado que também o culto prestado a Deus em Êxodo 32 foi feito a partir de peças de ouro. Mas, por misericórdia, o culto pode ser feito tanto com o ouro em forma de bezerro quanto em forma de poste – Deus não é tão rigoroso, mas só aceita o modo de culto prescrito.

ENTENDENDO ESTA HISTÓRIA

Assim, a história prevalecente em Israel foi de idolatria, com ‘culto’ a Deus, mas de idolatria. Contudo, na vida real, geralmente, o apelo à tradição está vinculado muito mais a um aumento de rigor (como ocorria com os fariseus e ocorre na ICAR entre os estudiosos, tanto quanto entre os reformados) e não a um relaxamento.

Perceba que, na realidade, a segunda geração após Moisés já não conhecia ao Senhor (Jz 2:10, 11). Imagine se a tradição fosse a coisa mais importante de todas. O livro de Juízes mostra que, em última instância, o povo deve obedecer a Deus, e não a uma tradição. Inclusive, a tradição judaica até aquele momento não era nada boa, já que serviram a outros deuses no Egito, desejaram retornar para a servidão e, posteriormente, passaram a cultuar outros deuses das terras canaanitas. Os israelitas eram extremamente suscetíveis à cultura de culto em que viviam. A lei de Deus era *totalmente* contrária às culturas em torno.

Veja, mesmo que eu apele à tradição prática após a Torah, o que tenho? Justamente uma sequência de erros e práticas gerais, pois nem mesmo Davi se lembrou de que a arca só poderia ser carregada utilizando as varas que Deus ordenou (2 Sm 6; Êx 25:12-15). Embora, por causa da promessa de Deus, devemos esperar que a história da igreja contenha menos erros, não devemos supor que a história da igreja seja tão diferente que seus erros não tenham sido, também, sistematizados teologicamente, como se fossem acertos. Este é um cuidado necessário. Antes de tudo, é preciso que o texto bíblico seja conhecido, pois a promessa de Deus não é que em nosso coração teríamos a CFW decorada, mas o conhecimento de sua Lei (Jr 24:7; 31:33; 2 Co 3:3; Hb 8:10; 10:16). Com isso em mente é que espero que você leia os próximos textos deste livro.

Obs.: depois disso, muitos dirão que não se pode interpretar um texto fora da história da igreja, de modo privado. Estes homens pensam que a igreja surgiu inteira, pronta, de repente, com as 'interpretações' prontas, quando, na verdade, várias interpretações particulares foram sendo aceitas progressivamente, até que, finalmente, tomaram o *status* de "Posicionamento da Igreja". Perceba que não nos levantamos nem propriamente contra uma coisa ou outra, pois pode ser que uma "interpretação privada" esteja correta tanto quanto é possível que esteja errada – o que testemunha contra ou a favor é a escritura, e tão somente ela. A Escritura precede em autoridade até aos homens instituídos como autoridades (Moisés mesmo morreu antes de entrar na Canaã terrena porque não seguiu fielmente ao mandato de Deus sobre ele – o próprio Moisés não era páreo para o que Deus diz)

Conclusão

- Confissões têm seu bom propósito;
- Porém, não podem ser pontos decisivos;
- Elas podem mais dividir do que unir;
- Mas também podem unir quem já está próximo;
- A promessa de Deus é o conhecimento de sua Lei, não da história ou dos credos.

DAS ESCRITURAS SAGRADAS – CAP. 1 (PARTE 1)

CAP. 1:1

Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência manifestam de tal modo a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens sejam inescusáveis, todavia não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e de sua vontade, necessário à salvação; por isso agradou ao Senhor, em diversos

tempos e [de] diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e contra a maldade de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna as Escrituras Sagradas indispensáveis, tendo cessado aqueles antigos modos de Deus revelar a sua vontade ao seu povo.

Um dos maiores méritos da CFW é iniciar seu texto com o fundamento da Fé, as Escrituras. Como ferramenta básica, a CFW já nos mostra, de modo genérico, que esta deve ser a crença cristã fundamental e que essa crença fundamental não pode ser ignorada. Fora disso, há apenas confusão.

Inclusive, vemos que ela enfatiza que a “luz da natureza” não é suficiente para salvar o homem, algo que Paulo claramente diz em Romanos 1:20 em diante. Pois, na verdade, a natureza revela Deus (Sl 19), mostra seu poder e seu ato criativo sem, contudo, revelar o caminho em Cristo. Sabemos disso, pois em Levítico 18:3, 24, 25 Deus claramente diz expulsar e destruir os cananeus por não praticarem os mandamentos dele. Ora, eles não saberiam os mandamentos de Deus se Deus, de algum modo, não os tivesse revelado também aos cananeus. Por isso a conclusão lógica de Paulo em Romanos 1 é de que Deus se revelou a todos os povos (interessante perceber que em Rm 1:25ss há uma descrição de pecados sexuais quase na mesma linha de Levítico 18 e 20).

Aqui também a CFW reconhece que Deus falou à Igreja no AT de diversos modos, mostrando que há uma continuidade entre Israel do AT e Israel no NT. Quando Israel se reunia em assembleia a LXX (a tradução grega do AT) chama de “ekklesia”, o termo que o Novo Testamento usa para se referir à igreja atualmente. Ou seja, a igreja não é uma revelação do NT, mas estava presente sob a antiga dispensação, sem, contudo, ser plenamente o que Deus intentava para ela. De certo modo, a igreja do AT existiu somente para ensinar à igreja do NT como obedecer a Deus (Rm 15:4).

Obs.: o termo grego “ekklesia” não significa “chamado para fora [do templo]”. Esse significado nem ao menos faria sentido, já que o próprio texto grego do AT (LXX) utiliza essa palavra para as reuniões dentro do Templo. Além disso, se significasse “chamado para fora” poderia ser “para fora” de qualquer lugar (de uma casa, de um templo, de um ambiente), de forma que dizer que é para fora do “Templo” é somente uma desordem linguística característica de teólogos liberais.

Também, e diferente do que poderíamos esperar, Deus ordena que suas ordens sejam escritas. Ele ordena a Moisés que escreva as suas ordens específicas (Êx 17:14; 24:4; 34:27) mostrando que intenciona usá-las como testemunho (prova de que fez a Aliança) e ensino. Deus não quis confiar na tradição humana, nem na esperança de transmissão oral. Talvez a transmissão oral tenha tido seu papel importante antes de Moisés, principalmente no início de Gênesis, no qual os homens viviam centenas de anos, podendo ter presenciado os atos de Deus, mas agora não temos mais isso (aquela geração morreria em 40 anos ou menos). Deus quer garantir a transmissão de sua verdade (Is 8: 19, 20; 2 Pd 1:15, 16). Por isso, se queremos garantir fidelidade a Deus, a Escritura é ferramenta fundamental.

Deus mesmo mostra que esse tipo de revelação cessaria, já que o objetivo era que se alcançasse os “últimos dias” com a destruição de Israel (Dt 31:29), finalizando,

assim, no “último dia”, aquele tipo de revelação profética, pois agora a perfeição (ou completude dos tempos) chegou (1 Co 13:9, 10). Naturalmente, enquanto Moisés ainda estava nos primeiros dias de Israel, ele falava com o povo e Deus por muitas maneiras, quando os “últimos dias” chegaram, Deus parou de falar por estes outros modos e falou apenas por meio de Cristo (Hb 1:1 [cf. 2 Pd 1:14] – mostrando que aquele tipo de revelação estava para cessar absolutamente [2 Pd 1:19], já que o NT é escrito em sua maior parte não mais por profetas, mas por apóstolos que transmitem o ensino direto de Cristo [2 Pd 1:18]). Assim, cremos que essa parte da CFW expressa bem este conteúdo, embora, talvez, nem todos os textos bíblicos se enquadrem devidamente na exegese que acaba por ser forçada ao modo de escrita da CFW.

CAP 1:2

Sob o nome de Escrituras Sagradas, ou Palavra de Deus escrita, incluem-se agora todos os livros do Antigo e do Novo Testamento, que são os seguintes:

O ANTIGO TESTAMENTO Gênesis Êxodo Levítico Números Deuteronômio Josué Juízes Rute 1 Samuel 2 Samuel 1 Reis 2 Reis 1 Crônicas 2 Crônicas Esdras Neemias Ester Jó Salmos Provérbios Eclesiastes Cantares Isaías Jeremias Lamentações Ezequiel Daniel Oséias Joel Amós Obadias Jonas Miquéias Naum Habacuque Sofonias Ageu Zacarias Malaquias

NOVO TESTAMENTO Mateus Marcos Lucas João Atos Romanos 1Coríntios 2Coríntios Gálatas Efésios Filipenses Colossenses 1Tessalonicenses 2Tessalonicenses 1 Timóteo 2 Timóteo Tito Filemom Hebreus Tiago 1 Pedro 2 Pedro 1 João 2 João 3 João Judas Apocalipse

Todos eles são dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e prática.

Essa parte passaremos por alto, pois comentaremos abaixo, na seção seguinte:

CAP. 1:3

Os livros geralmente chamados Apócrifos, não sendo de inspiração divina, não fazem parte do Cânon das Escrituras; não são, portanto, de autoridade na Igreja de Deus, nem de modo algum podem ser aprovados ou empregados senão como escritos humanos.

O debate sobre o que compõe as Escrituras é antigo, de modo que mesmo entre os cristãos nunca houve, em absoluto, uma concordância exata. Em princípio, os 66 livros nas “bíblias protestantes” estão em todas as bíblias (Romana e Ortodoxa, bem como de outras igrejas orientais). Mas a verdade é que isso gera uma série de dúvidas que parece não se resolver, e a CFW tenta resolver sem argumentar muito.

Porém, um dos argumentos utilizados contra qualquer forma reconhecida de livros sagrados é o da circularidade: ora, a Escritura cita a si mesma, de modo que, se ela faz assim, os livros que ela cita são, em conjunto, afirmados entre si. O problema desse argumento não é a circularidade (algo que todo pensamento terá em algum momento [p.ex., Deus afirma que Ele é Deus, e o que prova que Ele é Deus é a afirmação dele mesmo]), mas de onde ela parte (do Novo Testamento? Dos Evangelhos? Dos Profetas?). Qual parte da bíblia é tão básica que dessa parte a autoridade dos outros livros flui?

Para ilustrar melhor, pense deste modo: O Evangelho Segundo Mateus cita Isaías. Isso seria uma prova de que Isaías é um livro inspirado! Mas como sabemos que Mateus foi inspirado e de que, portanto, a partir de sua citação, Isaías se torna um livro reconhecidamente inspirado? "Não há uma resposta". Não só isso, mas como sabemos que a citação torna um livro inteiro inspirado? Paulo cita poetas gregos em Atos, e isso não tornou nenhuma obra poética grega parte integrante da bíblia – seria absurdo, considerando o ensino idólatra e a "ética" distinta.

Obs.: sobre 'Ética' veja o nosso livro Falsos Pecados.

Em certo sentido, o primeiro ato de Fé é crer que algo foi revelado por Deus, e isso **não pode** ser confirmado pela razão, visto que as Escrituras claramente não estabelecem nenhum critério desse tipo para identificar algo como inspirado. Quer você creia no Alcorão ou nas Escrituras sagradas, a aceitação de que aquilo é verdade não parte de um elemento propriamente racional, no sentido filosófico do termo.

Mas exploremos brevemente como que Moisés estabelece na Lei essa questão. Primeiro, note que a Torah não é reconhecida por Israel para ser Escritura. Todo o Pentateuco simplesmente é aceito como uma revelação de Deus por meio de Moisés. Não é, em momento algum, posto sob averiguação sacerdotal, ou mesmo aprovação dos hebreus. Antes, o apelo é direto: "escreve isto" (Êx 17:14 – se referindo à destruição dos Amalequitas). Presume-se, pois, que o fato de Deus dizer seja, em si, suficiente, como prova, de modo que não foi a igreja do AT que fez a Torah ser Torah, mas a Torah é que reconheceu a igreja do AT formalmente, pois a Torah é a aliança de Deus com Israel (portanto, **reconhecendo Israel** como a esposa na relação Deus – Israel [cf. Jr 3:8; Is 62:4]). Contudo, qualquer um pode dizer algo e falar que Deus supostamente está dizendo. Isso torna essa parte um primeiro passo somente: é preciso que o texto diga ser de origem divina, ou que seja, assim, reconhecido por outros autores já reconhecidos anteriormente.

Obs.: note que a Lei reconhece não somente Israel, a nação, povo do AT, como igreja, mas também que Israel seria substituído e que todos os povos seriam abençoados e criariam com a fé de Abraão. No final, o que estabeleceu a igreja do NT foi a própria lei, pois nela já temos essa revelação. Por isso, devemos ressoar com a Torah que não foi a igreja que "organizou" e "reconheceu" as Escrituras, mas a Torah que estabeleceu a igreja do NT, quando ela *nem ainda existia*. Porém, este assunto será tratado no tema "Da Igreja" na CFW com mais detalhamento.

Obs2.: o ponto fundamental se torna, agora, saber se a Lei é inspirada. A isso respondemos: não é necessário. Mesmo quando Jesus relata a parábola do rico e Lázaro, diz que os homens devem simplesmente crer em Moisés e nos Profetas, ou seja, não haviam meios de simplesmente sair argumentando em favor da lei. Ela é pregada, e creia quem tiver que crer, segundo a determinação de Deus.

Mas, para que não fiquemos soltos nisso, Deus mesmo diz a Isaías (41:22, 23):

Trazei os vossos ídolos para que nos anunciem o que há de acontecer; falai-nos dos eventos passados para que os consideremos e saibamos o fim deles; ou mostrai-nos o que haverá de ocorrer no futuro. Anunciai-nos acontecimentos

vindouros para que saibamos que sois deuses; fazei bem ou fazei mal, para que tenhamos e fiquemos atônitos [...].

O que Deus está dizendo? Ora, está avisando que um deus falso não pode dizer o que ocorrerá no futuro (cf. Dt 18:20, 22). Um deus falso não pode mandar escrever (anunciar) coisas que vão ocorrer, pois é falso, um Deus verdadeiro (com mensagem verdadeira), pode anunciar o futuro.

A lei mesmo anunciou, tanto em Dt 4:30 quanto em Dt 31:29, que duas coisas ocorreriam "nos últimos dias": a primeira, de que Israel buscaria a Deus; a segunda, de que Israel seria destruído (disperso pelo mundo). Isso não só ocorreu uma vez, mas, de fato, nos últimos dias, o próprio Templo foi destruído e o povo foi disperso pelo Império Romano, provando, portanto, o profetismo presente na Torah (veja que não é a previsão sobre a vida de um indivíduo, mas de uma nação inteira). Antes, contudo, do povo ser destruído, muitos judeus creram em Jesus, e isso está registrado em Atos, nos primeiros capítulos. Mostrando que ambas as coisas se cumpriram com perfeição, e a plenitude do povo judeu foi salva (isto é, o quanto Deus intencionava salvar da destruição e condenação eterna [cf. Rm 11]).

Assim, o primeiro critério para conhecer se algo é de Deus é a afirmação de que é de Deus e, em segundo lugar, a previsão como prova (algo que não se vê ainda). Mesmo que alguém aceitasse que a Torah foi escrita tardiamente (digamos, 200 a.C.), o autor humano não teria como prever toda a cadeia de acontecimentos que realmente ocorreu aos judeus, e que a lei previra antes do tempo e a substituição da Antiga Nação por uma Nova Nação multiétnica. Deus anunciou, desde Gênesis "o fim" (cf. Is 46:10; Hb 11:1-9 [Hebreus 11 mostra que desde Gênesis se previa o "fim" da Antiga Ordem do mundo, e assim os crentes atuavam sem ver ainda essa ordem, pois Deus os chamou prometendo essas coisas – Rm 4:17]).

Veja, também, que mesmo os saduceus não aceitando os profetas (por ignorância), Jesus não perde tempo tentando explicar que eles são inspirados por Deus, se dedicando apenas a os refutar nos assuntos particulares levantados por eles. Isso, de certo modo, prova que a Torah é o fluxo de livros que dá autoridade aos outros. Assim, Deus estabelece o fundamento para se reconhecer os profetas e o que ele inspirou. Disso, podemos ainda perceber mais algumas coisas:

O livro que não contradiz a Torah é candidato a inspirado por Deus.

Note que isso é diferente da prática errada registrada, como quando um indivíduo pratica idolatria em 1 ou 2 Reis ou faz um serviço pelos mortos nos livros dos Macabeus. O que se torna o primeiro passo agora é a não contradição doutrinária em relação à Torah; se alguém ensina a lei, mas a contradiz, este não pode ser um Profeta (Dt 18:20, 22). Nenhuma autoridade nas Escrituras vem do Novo Testamento ou dos profetas, mas da aceitação do que Deus ordena na Lei (cf. Sl 37:30, 31; Jr 31:33). Nenhum mestre deveria o ser sem o conhecimento dessa lei (1 Tm 1:7-9; Tt 3:13; Tg 2:8-10; Hb 10:16).

O profeta precisa ser do povo de Israel.

Isso é muito claro na própria lei, que espera que se ouçam profetas hebreus, e não gentios (Dt 18:18 – já prevendo a vinda de Cristo – cf. Rm 3:1, 2). Dessa forma, os

oráculos foram dados não aos gentios, mas aos judeus ou, no caso do NT, a alguns gentios com supervisão apostólica.

As profecias da Torah (sim, ela tem muitas) são explicadas e demonstradas claramente.

Em outras palavras, um profeta é, sem dúvida, alguém que expõe a Torah. Claro, aqui ficariam “pendentes” os chamados “livros históricos”, mas mesmo neles vemos um registro particular demonstrando de modo presente o cumprimento de promessas e maldições descritas no Pentateuco. O NT entra como um apêndice, mostrando a extensão desse cumprimento até quase à destruição de Jerusalém, com ela sendo prevista em Apocalipse de modo mais completo (ou seja, também cumprindo as predições de Deuteronômio, inclusive, de que uma nação de outro idioma destruiria o povo vindo como águia [Dt 28:49 – note que Roma possuía a águia como símbolo militar de suas legiões]). A vinda do Messias ou Profeta e Rei também estava prevista na Torah. Assim, um livro só pode ser inspirado enquanto sua doutrina não contradiz a Torah, embora possa jogar a revelação um passo à frente.

Sobre os versículos citados pela CFW: estes só fazem sentido com um pano de fundo teológico mais amplo, de modo que até mesmo alguns textos não se aplicam corretamente (como Ap 22:18, 19 que está falando de Apocalipse e não das Escrituras). Isso tudo dificulta a leitura dos Apócrifos, já que, pelos princípios bíblicos, nada em particular impede que os Apócrifos de origem judaica (de antes da destruição do Templo) não sejam, em algum sentido, aceitos. Isso gera uma tensão. De um lado, no mínimo, os 66 livros que temos estão certos, do outro, no máximo os apócrifos do AT estão certos (não cremos estarem).

Perceba que trouxemos o debate para um lugar no qual não é mais tratado no Ocidente, mas que, no Oriente, onde há contato entre Romanos e Orientais, e entres estes e Protestantes, o assunto sempre acaba por aparecer de algum modo. O ideal seria, é claro, que ao menos a leitura dos apócrifos fosse feita como uma segurança, mas não sem cuidado.

Obs.: o livro de Enoque parece ser o que mais atrai os leitores de livros apócrifos, porém, algumas interpretações que ele faz da própria Torah são duvidosas (como dos gigantes e dos anjos com mulheres), embora, por outro lado, ele seja um dos livros antes de Cristo que mais explicitamente tenha descrito a vinda do Cristo/Messias em conformidade com as expectativas do AT – ou seja, de acordo o que o NT revela sobre Jesus. Se estes livros fossem “destravados” da posição atual, muito estudo poderia ser feito e, junto com ele, várias questões poderiam ser, definitivamente, resolvidas. [Não basta apelar para a medida estratosférica dos gigantes como prova contra o livro, já que, como alguns comentaristas apontam, há chance de haver erro de cópia ou tradução (para o grego)].

Obs2.: porém, uma consulta a qualquer Tanakh (bíblia Hebraica), mostrará que, por base, não há nela nenhum livro chamado “apócrifo” e, a depender do ano, pode até não conter o livro de Cântico dos Cânticos (visto que alguns judeus criam que ele fosse fruto da idolatria – sendo muito provável que os judeus tenham reagido a este livro por causa de escrúpulos morais e, portanto, hoje só o interpretam

alegoricamente [como muitos cristãos o fazem], ignorando totalmente a realidade do material).

Assim, por padrão, repetimos: as Escrituras são os livros da Tanakh (bíblia Hebraica) como foram concebidos e possuem o NT por causa do cumprimento da esperança prevista no próprio AT. Dessa forma, assim é que as escrituras precisariam ser vistas:

Torah > Profetas > Escritos (livros poéticos) = AT (completo)

AT > Evangelhos (cumprimento das profecias em parte) > Cartas do NT (cumprimento das profecias em parte) = AT + NT (cumprimento total das profecias / fim da revelação).

Note que na nossa estrutura não dizemos que o fechamento do Canon Bíblico seja o fim da revelação, mas que a destruição do templo é que marca o fim (pois agora não há mais povo judeu a quem se entregar oráculos [Rm 3:1, 2], e as profecias de Joel referentes ao profetismo gentio eram para os "últimos dias" e não para "depois dos últimos dias") de modo que o que a igreja fez posteriormente foi apenas juntar as cartas e livros do NT que já tinham cessado de serem escritos (incluindo Apocalipse, que precisa ter sido escrito antes do ano 70 d.C.). Então, daqui emerge nosso último ponto por hora:

O livro/carta precisa ter sido escrito antes dos hebreus deixarem de existir como nação, de modo que até a destruição do templo todas as profecias estavam cumpridas em parte, mas depois estavam perfeitas, ou totalmente cumpridas (1 Co 13:9-12).

Para que nada fique confuso, em termos práticos, temos concordado com a CFW, com a ressalva de que nem todos os textos bíblicos estão sendo devidamente utilizados e, portanto, o caminho que fizemos para se chegar às conclusões do documento foi feito diferente do que os puritanos fizeram.

CAP. 1:4

A autoridade das Escrituras Sagradas, razão pela quais debes ser cridas e obedecidas, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o Autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a Palavra de Deus

Nada mais justo do que concluirmos a parte 1 deste assunto aqui (nesta seção). Ela sumariza o que dissemos acima de vários modos. Portanto, não cremos ser necessário maiores explicações, já que a circularidade foi explicada. A Escritura é escritura porque Deus disse, e sabemos que Deus disse pela própria escritura (pense no seguinte caso para contraste: se você acredita que a razão é suficiente, com base em quem acreditará que a razão o seja? Ora, com base nela mesma. O que prova que todo pensamento fundamental precisa ser circular, pois não há autoridade maior a que recorrer. Mesmo Deus, quando precisa jurar, jura de modo circular, por si mesmo [cf. Gn 22:16; Is 45:23; Hb 6:13]).

Obs.: seguimos um tipo de "Solo Scriptura", mas não do tipo que nega que não se aprende com a história da igreja, afinal, só sabemos de algumas coisas porque outra pessoa nos contou, visto que não tínhamos notado no texto bíblico! Porém –

argumentam os romanos – só a igreja atesta a Escritura. Mas eles mesmos dizem que o Catolicismo foi fundado pelas palavras de Cristo a Pedro, o tornando fundador do catolicismo romano (ICAR). Se isso é verdade, então a própria Igreja é fundada pela Escritura, e não fará diferença estes argumentos de suficiência material etc. Outro detalhe é que o AT só chegou a nós, em parte, por causa do cuidado dos fariseus, que o mantiveram com muito ‘carinho’. Veja, o mesmo texto que eles preservaram os contradisse tanto em sua letra quanto em seu espírito, então, não podemos supor que porque a ICAR possa ter sido relevante para a preservação do texto bíblico automaticamente significará que ela não possa ser contraditada por ele. A Escritura possui os tijolos e a ordem de como organizá-los.

VERSÍCULOS CITADOS NA CFW EM DESACORDO

Lembramos que os versículos foram acrescentados à CFW posteriormente, portanto, a afirmação no documento não é necessariamente fruto do entendimento do texto bíblico, mas o texto bíblico que foi adequado à CFW; considerando isso, faremos apenas breves comentários nos versículos que não dizem o que a CFW diz – logo, os versículos não **explicados estão em acordo com o texto da CFW** (não lidaremos com pequenas nuances, apenas com usos indevidos completos). Tentamos manter a lógica do texto e usaremos a versão KJV (King James Version) da Bíblia em Português:

Os textos citados foram:

Seção 1: Sl 19:1-4; Rm 1:19,20; 2:14,15; Rm 1:32; 1 Co 1:21; 2:9-14; At 4:12; Rm 10:13,14; Hb 1:1,2; Gl 1:11,12; Dt 4:12-14; Lc 24:27; 2 Tm 3:16; Rm 15:4; 2 Pd 3:15,16; Lc 16:29-31; Hb 2:1-3; **2 Pd 1:10.**

Portanto, irmãos, procurai diligentemente firmar o vosso chamado e eleição; porque, se fizerdes essas coisas, jamais caireis. (2 Pd 1:10).

O texto de 2 Pedro 1:10 simplesmente não se enquadra, considerando o contexto precedente da passagem, que, antes de expressar o conteúdo sobre a Escritura, o texto explica como os crentes devem confirmar o chamado corporativo, isto é, o fato de que Deus chamou a igreja gentílica para participar da glória de Deus e seu reino. Assim, Pedro afirma que a igreja precisa ter virtudes que faltavam ao povo de Israel no deserto, provando que ela não era, de fato, eleita no sentido em que a igreja no NT o é.

Seção 2: Jo 5:39; 1 Ts 2:13; 2 Tm 3:16; 2 Pd 1:21.

Simplesmente nenhum texto citado prova que o Cânon da Escritura é o que temos. No máximo ele prova que o AT é Escritura, considerando que Jesus chama de Escritura o que os judeus também chamavam de Escritura (Jo 5:39). Porém, Tessalonicenses prova somente que a pregação de Paulo é verdadeira; Timóteo prova que o AT é inspirado e 2 Pedro 1:21 de que as profecias não podem ser ignoradas e são inspiradas – de certo modo, a passagem de 2 Pedro é a mais próxima de provar algo diretamente sobre o NT, se considerarmos o versículo citado nessa segunda seção: 2 Pd 3:15, 16, mostrando que os Apóstolos consideravam os escritos de Paulo como “outras escrituras” (além das do AT).

Obs.: é curioso alguém dizer que se alguém tem uma revelação inerrante é necessário que ela esteja na Escritura. Mas tal coisa é absurda, pois vemos, na própria escritura, que houveram revelações e outros profetas que nunca escreveram nada para ser registrado na Escritura. A questão, porém, antes que pentecostais se alegrem, é que as profecias cessaram e, portanto, embora uma profecia fosse inerrante mesmo não registrada, não há mais nenhuma profecia hoje.

Seção 3: Lc 24:27,44; Rm 3:2; 2 Pd 1:21.

Esses versículos apenas provam o reconhecimento do AT, como já mencionamos acima.

Seção 4: Jo 5:39; 2 Tm 3:16; 1 Ts 2:13; Gl 1:11,12.

Talvez a melhor seção em termos de citação bíblica até agora.

Conclusão

- A CFW começa bem;
- Porém, as citações são truncadas (por não se aplicarem corretamente ao que a CFW propõe defender);
- Embora a sistematização do assunto esteja bem feita;
- Afirmando o testemunho da Escritura sobre si mesma (como palavra de Deus);
- Assim, a CFW é boa na primeira proposta, apesar de certo fracasso exegetico.

DAS ESCRITURAS SAGRADAS – CAP 1 (PARTE 2)

CAP 1:5

Pelo Testemunho da Igreja podemos ser movidos e incitados a um alto e reverente apreço pelas Escrituras Sagradas; a suprema excelência do seu conteúdo, a eficácia da sua doutrina, a majestade do seu estilo, a harmonia de todas as suas partes, o escopo do seu todo (que é dar a Deus toda a glória), a plena revelação que faz do único meio de salvar-se o homem, as suas muitas outras excelências incomparáveis e completa perfeição são argumentos pelos quais abundantemente se evidencia ser ela a Palavra de Deus; contudo, a nossa plena persuasão e certeza da sua infalível verdade e divina autoridade provêm da operação interna do Espírito Santo que pela Palavra e com a Palavra testifica em nossos corações.

Aqui a CFW mantém absoluta coerência com o fato de que a igreja tem papel importante em relação à Escritura. Ora, se a Igreja for irreverente, ou descuidada no trato das Escrituras, qualquer um irá olhar para a bíblia como sendo uma mera opinião entre várias, e não como o motor primário do modo de vida dos cristãos. Isso, porém, é diferente de dizer que a Escritura precise dizer de modo normativo o que você pode fazer. A escritura diz de modo normativo o que você não pode fazer e algumas coisas que *deve* fazer. Nesse sentido, ela toda testemunha que a proibição põe apenas um "ponto", ou um pequeno limite em determinada área, podendo (assim como no Jardim do Éden) ser toda a área restante explorada.

É importante olhar isso à luz de Tito 2:5 que instrui a obediência das mulheres aos maridos, com o fim de que a Palavra de Deus não seja blasfemada. Isso, sozinho, mostraria que o aspecto próprio para que as escrituras sejam reverenciadas de algum modo é a obediência e a bondade – mesmo em relação aos outros crentes, de modo geral. A palavra de Deus é blasfemada de modo claro e evidente quando os crentes, despregados da verdade, passam a odiar, a não obedecerem e a atuar contrariamente à própria Escritura.

A seção conclui afirmando o óbvio e claro por toda a Escritura: é o Espírito Santo que convence um indivíduo. Não é, de modo algum, outro poder ou atuação. É uma seção que poderia, porém, ter sido dispersa em outras.

CAP 1:6

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a sua glória e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado nas Escrituras ou pode ser lógica e claramente delas deduzido. Às Escrituras nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a iluminação interior do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na Palavra, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras da Palavra, que sempre devem ser observadas.

A primeira dificuldade é com o termo "deduzido". Sabemos que a Escritura possui tudo o que é preciso sabermos para sermos perfeitos (2 Tm 3:16, 17), portanto, ela não está abaixo da perfeição. Isso está claro em toda ela. A questão é que, aqui, a CFW demonstra um padrão hermenêutico que já é produto da filosofia na teologia, com um pouco do pensamento cartesiano (que hoje é tão denunciado por reformados). Ora, concordamos que coisas são "deduzidas" da Escritura. Mas é desse conceito de "dedução" que também surgiram várias bizarrices teológicas, baseadas num "senso geral das escrituras" com uma dedução genérica para doutrinas que nunca estiveram lá (os próprios puritanos, fazendo essas deduções, chegaram a algumas conclusões escatológicas muito ruins).

Tudo fica mais claro ainda quando se consulta os textos que provam essa seção: em nenhum versículo mencionado há qualquer sugestão de que há alguma interpretação "dedutiva" da Escritura. É claro que não há, este conceito só surgiu no fim da Idade Média. É evidente que, em certo sentido, há deduções nos textos: por exemplo, Deus prometeu a Abraão que ele possuiria a Terra, mas morreu sem a possuir de fato, logo (deduzindo), deve haver uma ressurreição que permita Abraão herdar "a Terra" (não necessariamente a que ele via com os olhos da carne). Contudo, veja que essa dedução está próxima ao texto, não sendo uma elucubração teológica baseada em outra afirmação teológica genérica.

Obs.: normalmente o conceito de "deduzido" está em um conjunto de deduções genéricas do texto bíblico, que se afastam dele. P.ex.: se deduz, de um princípio geral, alguma informação bíblica. Mas não existem "princípios gerais flutuantes no texto", pois, para que um princípio geral se forme, é necessário que textos específicos sejam estudados e afirmem coisas específicas. Veja o caso do casamento de Jacó com duas irmãs: deduzem, daí, que o casamento poligâmico está sendo criticado, porém, a

própria Lei bíblica mostra que o problema é casar com duas irmãs, pois isso resulta em disputas entre elas (Lv 18:18). Assim, a dedução deve seguir o texto até o fim: Jacó se casou com duas irmãs > isso gerou problemas > portanto, casar-se com duas irmãs é o que o texto está mostrando ser o problema. No nosso livro sobre casamento retornamos a este assunto.

Contudo, por causa da péssima escatologia dos puritanos, eles não tinham justificativa para afirmarem que nada pode ser acrescentado à Escritura. Afinal, se os últimos dias ainda não chegaram, logo, as profecias ainda continuam e, portanto, são passíveis de serem palavras inspiradas por Deus (Joel 2 é um grande exemplo disso). Perceba que a "continuidade revelacional" está atrelada ao conceito escatológico de "naqueles dias" ou "últimos dias", já que a promessa de Deus é que os judeus deixariam de existir nestes dias (finalizando os oráculos de Deus [Rm 3:1, 2]). Portanto, se há últimos dias, ainda há dons, e se ainda há dons, há profecias, ciência e coisas semelhantes, de modo que toda essa lógica bíblica só faz sentido dentro da estrutura escatológica que concebe o fim das "eras" em 70 d.C. Fora disso, tudo o que resta é confusão doutrinária e brigas para tentar-se entender onde cada coisa ocorre. Por isso é preciso compreender que, na Escritura, o fim da revelação se dá após o fim dos judeus (ou seja, a destruição do Templo).

De todo modo, quando Deus proíbe acrescentar algo, ele o faz em relação a um material em particular. Por exemplo, sabemos que Deus não pode ter dado novas leis após a Torah por causa do que é dito na própria Torah: "nada acrescentareis à palavra que vos mando" (ou seja, aos mandamentos [Dt 4:2; 12:32]), porém, mesmo os reformados continuam propagando que há novas leis ou mandamentos por toda a Bíblia, o que seria uma contradição, tornando todo o resto dos livros bíblicos em heresia e quebra dos mandamentos de Deus.

Já o conceito de "tradição humana" foi empregado considerando o pano de fundo católico romano. Por que é importante observar isso? Porque, com frequência, não notamos as nossas próprias tradições humanas, pois cremos estarmos embasados nas Escrituras (assim como os fariseus criam e até a citavam como prova). Os puritanos, como ficará claro em textos posteriores, deixaram penetrar na CFW algumas tradições humanas que até Agostinho reconheceu como costume romano (do Império), mas não bíblico. Os princípios basilares expressos até aqui claramente estão corretos, mas averiguar a própria Assembleia pelo que ela estabeleceu mostra que ela falhou no que defendia. E falhou imediatamente. Porém, deixemos para tratar das tradições romanas depois; por hora não há motivo para briga.

Obs.: aqui podem nos acusar de "Nuda Scriptura" ("A Escritura e nada além"). Aceitamos a acusação. É claro que a interpretação da Escritura não se dá no vácuo, mas pense da seguinte forma: imagine que você acabou de ouvir Moisés dar a Lei, não há tradição, não existe "teologia sistemática" e/ou coisa semelhante: você está incapaz de interpretar a Lei? Claro que não. Você a lerá pelo ponto de partida dela mesma, aquilo que nela é mais compreensível vale para esclarecer o que é menos e assim sucessivamente. Além disso, o significado dos termos é ferramenta básica mais importante do que tradição qualquer. Estou dizendo que não se deve estudar a tradição? De modo nenhum, pois nela também encontramos ajuda, do contrário, eliminaríamos até os presbíteros. Mas pense novamente: como eu sei que a tradição

está certa? Se é pela escritura, logo, a interpretação do texto bíblico precede à tradição acima de tudo, invalidando o papel preponderante da tradição. Além disso, é irônico que se pressuponha que tudo o que vem da tradição tenha surgido da tradição, como se o primeiro a afirmar algo tivesse seguido uma tradição sobre aquilo (ora, a tradição então pode “surgir no vácuo”, mas eu não posso afirmar nada no “vácuo”?) – e se surgiu da Escritura, então a tradição só é válida enquanto afirma a Escritura, provando que a tradição só foi útil por me conduzir de volta à Escritura. “Mas assim você invalida o credo e as confissões”: de modo nenhum, antes, busco os melhores credos e confissões, pois servem ao papel de resumir o conteúdo bíblico e simplificar sua compreensão – mas devido à minha posição, estou disposto a aceitar que há erros tanto na tradição, quanto nos credos e confissões.

Ainda nessa seção a CFW diz: “e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja, comuns às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã”. É irônico ver os teólogos discutindo sobre o Princípio Regulador do Culto utilizando textos que falam sobre a regulação do culto sacerdotal no AT. Por qual razão isso é irônico? Simples, sem uma teologia que explique a correta transferência do símbolo/sombra para a luz atual do culto, o princípio regulador irá regular, na verdade, apenas preferências humanas.

Note como normalmente o assunto é abordado: com frequência se cita o exemplo de Nadabe e Abiú (Lv 10:1-3), mostrando que Deus não aceita um culto que ele não prescreveu (plenamente verdade em relação ao sistema sacerdotal do AT). Certo, então Deus exige um modo de culto. Agora, qual é ele? Levar incenso até ao Santo dos Santos? Certamente – dirá o reformado – que não. A história de Nadabe e Abiú apenas prova que Deus zela pelo seu culto. Pois bem, mas agora pense mais de perto: Cristo não é, justamente, quem faz com que o culto possa ser feito sem as exigências da Lei? (cf. Hb 10:19-22). Isso torna tudo mais intrigante, porque o texto pode ter um ensino reverso do que o reformado espera. Pela leitura de Hebreus, o texto mostra que Deus não aceita orações de qualquer coração que primeiro não guarde seus mandamentos (Pv 28:9 – o fogo está atrelado ao uso do incenso, e o incenso com frequência é atrelado à oração [Sl 141:2; Ap 8:4]).

Nadabe e Abiú não foram atentos à Lei de Deus, pois ela não permitia que eles oferecessem incenso em qualquer momento (nas festas e culto só se podia fazer exatamente o que estava prescrito), de modo que quebraram a lei. Agora, porém, Deus abre o caminho permitindo não “outras formas de culto”, mas um culto sem elementos prescritivos. O NT, portanto, é sobre o culto sem prescrições mais do que sobre outra série de prescrições para o culto. Dessa forma, horários, locais, dias etc., tudo depende do meio em que estamos eventualmente. No culto do AT, tudo isso era prescrito (de manhã e à tarde, no Templo, todo sábado etc.), no NT nada disso é prescrito (não há hora, templo ou dia – confira nosso livro sobre Falsos Pecados, no texto sobre o Shabbat).

Isso quer dizer que Deus aceita “toda forma de culto”? Não. Por exemplo, ele não aceita a forma de culto prestada no AT (Hb 9:9), pois isso é como retornar aquilo que ele mesmo cumpriu. Ele também não aceita um culto prestado sem o que essas coisas no AT sinalizavam (oração e canto, por exemplo). Boa parte da meta do culto no NT é a “assembleia” (ekklesia) dos santos. Portanto, o culto como tal, é plenamente expresso em assembleia, com alguma oração, canto e, claro, com a

palavra do Senhor. O debate não é se a escritura prescreve (princípio regulador) ou permite (normativo), mas se o que prestamos está de acordo os símbolos previstos para o culto no AT. Pois, pelo princípio regulador, não podemos utilizar projetores (eu sei que muitos dirão que não contradiz, mas no capítulo sobre o culto voltaremos a isso), computadores e coisas semelhantes. Sabemos que Deus não recebe como culto o trabalho, nem a relação sexual de um casal; mas é ignorar muito a escritura dizer que há uma série de ordens específicas e cronologia na qual tudo deve ocorrer.

O culto do AT era atrelado aos bens do templo (a construção), o do NT é atrelado aos bens do templo (a assembleia). Portanto, em certo sentido, a massa que gera a forma de culto é aquilo que forma o templo. Como dissemos, ainda retornaremos a isso, por hora deixaremos o assunto como está para não misturarmos demais os temas.

CAP 1.7

Nas Escrituras não são todas as coisas em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em uma ou outra passagem das Escrituras são tão claramente expostas e aplicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios comuns, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.

Essa parte é autoexplicativa e expressa perfeitamente Isaías 35:8.

CAP 1:8

O Antigo Testamento em hebraico (língua nativa do antigo povo de Deus) e o Novo Testamento em grego (a língua mais geralmente conhecida entre as nações no tempo em que foi escrito), sendo inspirados imediatamente por Deus, e pelo seu singular cuidado e providência conservados puros em todos os séculos, são, por isso, autênticos, e assim em todas as controvérsias religiosas a Igreja deve apelar para eles como um supremo tribunal; mas, não sendo essas línguas conhecidas por todo o povo de Deus, que tem direito e interesse nas Escrituras, e que deve, no temor de Deus, lê-las e estudá-las, esses livros têm de ser traduzidos nas línguas comuns de todas as nações aonde chegarem, a fim de que, permanecendo nelas abundantemente a Palavra de Deus, adorem a Deus de modo aceitável e possuam a esperança pela paciência e conforto das Escrituras.

Confira o nosso artigo "As Divisões da Escritura" no nosso site xenosmagos.wordpress.com – ele também se encontra em nosso livro sobre Falsos Pecados.

CAP 1:9

A regra infalível de interpretação das Escrituras é as próprias Escrituras; portanto, quando houver questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto das Escrituras (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente.

Tanto no nosso artigo sobre as divisões da Escritura como sobre o que é a Lei de Deus há bons pontos de reforço dessa informação. Precisamos somente tratar de uma coisa: quantos sentidos tem o texto bíblico? Existe um sentido alegórico? Não

existe? Existe um modo espiritual de ver o texto? É possível que um termo signifique duas coisas ao mesmo tempo? Vejamos o caso da promessa de Deus a Abraão sobre a Terra:

Deus garante a Abraão que herdaria a terra, porém, como o autor de Hebreus prova, Abraão viu essa promessa de longe (Hb 11:13). Nenhum deles alcançou a promessa prevista no AT. Porém, quando lemos o texto bíblico, a promessa parece cumprida: de fato, os descendentes de Abraão conquistaram Canaã, possuíram aquela terra; mas o NT diz o contrário, que essa promessa não era a realidade. O que está faltando? Olhar o texto alegoricamente? Na verdade não. A alegoria é o erro da igreja primitiva em termos de interpretação. É o fracasso hermenêutico que foi perpetuado entre nós sob o discurso de espiritualidade. O que falta é simplesmente conectar as partes, isso sim é a percepção espiritual. Ora, se Abraão morreu sem alcançar a promessa e se o povo de Deus foi retirado da terra, então Deus – que não pode falhar – não prometeu isso a Abraão e o próprio Abraão deveria esperar uma ressurreição, já que não herdou a terra com seus descendentes.

O que temos diante de nós é a interpretação espiritual, que considera a promessa de Deus e não alegorias. Poderíamos ir além e mostrar que mesmo Ismael e Isaque não formam alegoria. Pois, de fato, Ismael não podia herdar com Isaque a promessa, pois Deus prometeu liberdade a Abraão, e não a escravidão. Logo, o filho da escrava não pode herdar com o da livre, e se somos filhos, pela fé, de Abraão, seguimos os passos do filho da livre. Nada disso é alegoria, é apenas e fundamentalmente o que o texto diz. A interpretação alegórica depende de conceitos próprios, culturais, circunstanciais e das sensações dos indivíduos. Deus não sujeitaria a interpretação de sua palavra a isso.

Contudo, é verdade que a regra de interpretação da escritura é ela mesma. Cabe, porém, uma observação: o fundamento interpretativo da Escritura é a Torah, tudo, repito, tudo o que a Escritura diz está, de modo compactado, na Torah; e por a Escritura expressar a Torah é que ela tem relevância. Assim, a Torah é o ponto de partida para entender qualquer coisa na Escritura. É nela que encontramos a "Alavanca de Arquimedes" da interpretação bíblica.

CAP 1:10

O Juiz Supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas têm de ser determinadas e por quem serão examinados todos os decretos de concílios, todas as opiniões dos antigos escritores, todas as doutrinas de homens e opiniões particulares, o Juiz Supremo em cuja sentença nos devemos firmar não pode ser outro senão o Espírito Santo falando na Escritura.

É o que temos falado durante todo este tempo.

VERSÍCULOS CITADOS NA CFW EM DESACORDO

Lembramos que os versículos foram acrescentados à CFW posteriormente, portanto, a afirmação no documento não é necessariamente fruto do entendimento do texto bíblico, mas o texto bíblico que foi adequado à CFW; considerando isso, faremos apenas breves comentários nos versículos que não dizem o que a CFW diz – logo, os versículos não **explicados estão em acordo com o texto da CFW** (não

lidaremos com pequenas nuances, apenas com usos indevidos completos). Tentamos manter a lógica do texto e usaremos a versão KJV (King James Version) da Bíblia em Português:

Os textos citados foram:

Seção 5: 1 Tm 3:15; 1 Jo 2:20,27; Jo 16:13-14; 1 Co 2:10-12.

Os textos não expressam exatamente o que diz a seção, contudo, não há o que explicar, pois são evidentes.

Seção 6: 2 Tm 3:15-17; Gl 1:8; 2 Ts 2:2; Jo 6:45; 1 Co 2:9, 10, 12; **11:13-14.**

Apesar de nenhum texto afirmar exatamente o que está na seção 6, o mais fraco de todos é o último, 1 Coríntios 11:13-14. Os Puritanos defendiam a ideia de "duas revelações de Deus" como se a natureza revelasse algo além do fato de que quem a criou tem poder, sabedoria, conhecimento e divindade (no capítulo sobre a Criação trataremos mais extensamente da questão da "revelação natural"). A verdade é o comprometimento deles com a filosofia grega fez com que interpretassem a passagem de modo contrário ao que ela diz.

Julgai em vós mesmos: É decente que uma mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é vergonhoso para um homem ter cabelo comprido? (1 Coríntios 11:13, 14)

Veja a tolice interpretativa dos puritanos e veja como Deus mesmo ordena, às vezes, coisas desonrosas. Primeiro, note que Paulo não diz "que é pecado", mas que é "desonroso/vergonhoso". O termo "desonra" normalmente é utilizado nas Escrituras em termos de relações familiares, que não são pecado, mas não são estimuladas. Assim, Paulo está dizendo que um homem não deve, pela natureza, **ter cabelo comprido**, pois desonra a si mesmo. Ora, Deus mesmo, na Lei, instituiu o voto de nazireu (Nm 6), e nessa lei é ordenado que o homem deixe o cabelo crescer (v. 5). Sansão, inclusive, é o melhor exemplo de nazireu, pois podia fazer até tranças com seu cabelo (Jz 16:19). Se o que está contrário à natureza for sempre pecado, logo, Deus estabeleceu o pecado na lei. Não sejamos tolos, a "revelação geral" apenas mostra o que é desonroso, mas é na Lei que Deus diz o que ele aceita. Logo, Paulo, para não contradizer a lei, apenas mostra que familiarmente é uma desonra um homem ter cabelo comprido, mas não é pecado, pois Deus mesmo institui em sua lei um voto que exige o cabelo comprido no homem.

Além disso, o mesmo texto de 1 Co 11 diz para que o homem não cubra sua cabeça, enquanto que na Lei o sacerdote deveria usar uma mitra, cobrindo, assim, sua própria cabeça (Êx 39:28). Estaria Deus ordenando o pecado? Claro que não! Ele está desonrando o sacerdote, sem, entretanto, mostrar que haja pecado nisso. Os homens, infelizmente, por raciocinarem sem realmente comparar escritura com escritura, ou a escritura com a Torah, não notam as contradições que acabam criando.

Então Paulo mandou as mulheres usarem véu por causa da cultura? Não. Paulo está baseando na natureza das relações (além do fato de "anjos" não serem nada culturais no texto), e a família deve ser preservada de interesses externos, de modo que a mulher se cubra enquanto junto de outros indivíduos. A propósito, este é o

grande ponto aqui, pois Paulo fala somente, e tão somente, da mulher casada. Deus está mostrando que a prova que uma mulher é casada é que ela preserva seu corpo de ser mostrado – e isso é baseado na própria natureza. Uma mulher que mostra os cabelos desonra o marido, pois expõe aquilo que contribui para que desejos alheios ocorram. Estará em pecado se não utilizar o véu? Não, de modo algum – apenas demonstrará um amor menor, uma submissão menor, um interesse menor em preservar a própria relação (não ironicamente, países com mais usos de véu tendem a ter menos divórcios em função das mulheres – o véu é sintoma, e não causa, é claro).

Assim, por que nem a lei e nem a natureza ensina que uma mulher **solteira** deve usar o véu? Ora, porque ela precisa ser desejada! Nos textos sobre casamento ainda falaremos mais disso, mas já apontamos que na escritura há total naturalidade em um homem desejar sexualmente uma mulher, desde que solteira, de modo que não peca e nem comete adultério (eu sei que você pensou em Mateus 5, mas saiba que conhecemos o texto, basta você ter paciência e ler o nosso texto sobre casamento quando estiver disponível).

No nosso texto sobre O Que é a Lei de Deus temos um breve subtítulo sobre a “Lei Natural”. Também há um livro chamado *The Flaw of Natural Law*, de Phillip Kayser, que mostra alguns outros problemas atrelados a este erro grego, católico romano e puritano.

Seção 7: 2 Pd 3:16; Sl 119:105, 130; At 17:11.

Seção 8: Mt 5:18; Is 8:20; 2 Tm 3:14-15; 1 Co 14; 6, 9, 11, 12, 24, 27-28; Cl 3:16; Rm 15:4.

Seção 9: At 15:15; Jo 5:46; 2 Pd 1:20-21

Seção 10: Mt 22:29, 31; At 28:25; Gl 1:10.

Conclusão

- A CFW continua possuindo citações bíblicas truncadas;
- A influência da filosofia grega começa a ser notada, em algum grau, nessas seções;
- A CFW poderia ser um pouco mais breve, no que diz respeito a alguns tratamentos.

DE DEUS E DA SANTÍSSIMA TRINDADE – CAP 2

CAP 2:1

Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu ser e em perfeição. Ele é um Espírito puríssimo, invisível, sem corpo, sem membros, não sujeito a paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto, e tudo faz segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável, e para a sua própria glória. É cheio de amor, gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro galardoador dos

que o buscam, e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos, pois odeia todo o pecado; de modo algum terá por inocente o culpado

Vimos nos textos sobre o capítulo 1 da CFW que os autores fizeram bem em tratar, primeiramente, das Escrituras. E, agora, o primeiro interesse deles é estabelecer quem Deus é, para que tudo o que será dito adiante faça sentido. Isso é um primor lógico e teológico, apesar de, evidentemente, termos notado várias falhas pontuais na CFW. Talvez, a maior falha, seja o compromisso dela com a filosofia grega e o direito romano, o que se traduziu, nela, como conceitos anacrônicos ou incongruentes, quando aplicados às Escrituras. Por isso notaremos alguns usos duvidosos de termos como "infinito" ou mesmo do que é o casamento e o divórcio. Por essa razão, faremos diferente daqui em diante, não avaliaremos os versículos no final do artigo, mas sim em cada seção às quais os textos se referirem, destacando apenas os versículos mais incorretamente utilizados.

Concordamos com a CFW em tudo neste texto da seção 1 do cap. 2, com uma ou duas ressalvas: a inserção do termo "infinito". É claro que, diante do fato de este capítulo não mencionar onipresença, até faz sentido, mas compare os significados extraídos das afirmações:

"Infinito em seu ser" > um ser com uma série sem fim de "eus"[?]. "Onipresente" > Estar em todos os lugares ao mesmo tempo, preenchendo-os, mas não contido por eles.

Novamente, não cremos que haja um erro teológico profundo no uso do termo "infinito" aplicado a Deus. Porém, na CFW, este uso caracteriza quase uma redundância. Por exemplo, nesta seção foi afirmado que Deus é eterno, e a eternidade nada mais é do que a infinitude em relação ao tempo, ou seja, Deus não é limitado por tempo, de modo que sempre existiu e, portanto, em relação ao tempo, ele é infinito. Mas isso torna-se confuso quando aplicado à espacialidade: afinal, sabemos que Deus é espírito e, por ser espírito, não podemos atribuir a ele uma forma. Foi pensando neste ponto que os latinos começaram a dizer que Deus é "onipresente", pois, de algum modo, está presente em todos os lugares (Sl 139) sem que, contudo, nem um lugar em particular o limite.

A infinitude, porém, prevê que Deus tem o seu espírito (ou ele mesmo) em "todos os espaços físicos e espirituais e além". Mas as Escrituras sempre se preocupam em atribuir a Deus seus atributos em relação a alguma coisa. P.ex., Deus não é simplesmente imutável, mas é imutável em relação ao seu povo, a quem o que ele promete, ele cumpre (é sempre assim que a imutabilidade de Deus é mencionada nas Escrituras). Desse modo, uma filosofia que tente explorar os atributos de Deus corre o risco de atribuir a ele aquilo que ninguém atribuiu a ele nas Escrituras. Até a passagem que é citada para provar que Deus é infinito (Jó 11:7-9), faz uso de um atributo de modo relativo, ou seja, a sabedoria de Deus é mais elevada que o céu, mais profunda do que o abismo etc. nunca, jamais, são atribuídas a Deus qualidades de modo abstrato quanto alguns autores fazem parecer. Sem contar que o assunto do texto é a sabedoria, e não o *ser de Deus*.

Veja que a ironia é que, caso você consulte comentários à CFW, nesta parte, eles apenas darão vários sinônimos de "infinito", mostrando que o termo está, literalmente, flutuando sem motivo no texto (isso quando eles comentam o termo). Cremos que o termo é útil? Sim, quando tentamos resumir "Eterno" e

“Onipresente”, mas na presença destes dois outros termos, este apenas repete significados e nada mais.

A Imutabilidade de Deus é outra questão problemática. Nas escrituras sempre a vemos atrelada a alguma promessa, como a de nunca destruir Israel (Ml 3:6), ou de que ele concede o que pedimos [pois prometeu fazer isso] (Tg 1:5, 17). Assim, o que está em jogo? A CFW fez bem em dizer apenas que Deus é imutável, mas sabemos que os puritanos pensavam na imutabilidade de Deus como Ato Puro, no sentido tomista (doutrina que era já uma novidade, considerando que a igreja existiu 1000 anos sem ela [não que isso prove que é falsa, pois a igreja pode ter se “esquecido” de alguma doutrina bíblica, de fato]).

Não podemos tratar de tudo, mas servem algumas questões: por exemplo, sendo Deus ato puro, como explicar a criação do mundo em “determinado momento”? Ou a encarnação de Cristo (não que a encarnação mudou a natureza de Deus, longe disso, mas em que ela ocorreu em “um momento” – portanto, Deus podia se encarnar, mas não está encarnado desde a eternidade)? Ora, dirão, é uma questão já respondida, Deus opera fora e dentro [de si?] (extra e intra). Isso não só não responde nada, como contradiz o princípio fundamental de quem defende o Ato Puro, que é o de manter a simplicidade divina (mas atrapalha tudo dividindo Deus em uma parte interna e externa, como se fosse possível a parte externa se mover, sem contar que estamos falando de um ser totalmente espiritual e que, portanto, não pode exatamente ter partes).

Quais são os problemas então? O conceito de Ato Puro, derivado da Filosofia Grega Aristotélica (preocupada com ciência, e não necessariamente com teologia); o conceito de Analogia Entis, que sobre um princípio invisível traduz coisas do mundo aplicando-as a Deus de algum modo; a investigação excessiva da natureza de Deus (que não é algo necessário, exceto nas afirmações diretas e claras da Escritura) etc.

Obs.: não somos contra a filosofia grega, até porque, caso você avalie bem, estamos lidando com algumas questões, justamente, utilizando filosofia. O problema é confundir ela com a teologia, e achar que ela é ferramenta investigativa teológica. Por isso Deus nunca deu a Israel filósofos, mas somente profetas e mestres da lei, visto que a filosofia só serve enquanto ciência, ou seja, pode ser aplicada nas questões pragmáticas do mundo. Exemplos práticos não faltam: o próprio desenvolvimento científico, o uso da física, a programação etc., são coisas que nascem da filosofia. Ademais, o “Analogia Entis”, que é usar analogias entre Deus e o mundo e nós, é um bicho de sete cabeças: tudo que se quer atacar se ataca por analogia – se eu quero falar mal das escolas, basta dizer que o professor é um sacerdote e os alunos são discípulos (não sabendo que a relação ‘professor-aluno’ sempre será parecida com a de um sacerdote, justamente porque têm atividades semelhantes em termos de ensino). Fazer analogias prova que uma coisa é errada tanto quanto afirmar que porque temos alguma semelhança com algum animal significa que somos seu descendente.

Como a imutabilidade é definida por estes homens? Ora, Deus não pode mudar, pois a mutabilidade pressupõe imperfeição, afinal, por qual razão algo mudaria se não fosse por faltar uma coisa a isso? Ou, tendo tudo, não implicaria a perda de algo? Nesse binarismo grego é que os defensores do Ato Puro raciocinam. Mas

note que Deus não se preocupou em responder estas perguntas, já que tudo o que importa é:

1 – Entendermos que ele não muda em seus atributos (ou seja, sempre será amor, e sempre terá poder);

2 – Entendermos que ele não muda em suas promessas (ou seja, tudo o que ele diz se cumpre).

Essas são as únicas duas coisas que as Escrituras falam. Agora, se sem mudar seus atributos ele decidiu fazer algo para hoje e outra coisa para amanhã, não há o que dizer. Sabemos que no que diz respeito ao que ele revelou, nada mudará. Ele não decidirá, de repente, salvar os ímpios sem arrependimento destes, e nem condenar os salvos. Disso podemos ter certeza.

Mas consideremos novamente a encarnação. Segundo o Ato Puro, Deus perdeu ou ganhou algo nisso, pois, se Deus podia, desde toda eternidade, se encarnar, por qual razão somente por volta do ano 3 a.C., isso ocorreu? Ora, para nós é simples: ele prometeu, logo, cumpriu, mesmo que isso implique uma mudança na sua operação sobre o mundo e sobre si mesmo. O sábio filósofo grego dirá: na verdade isso foi uma ação externa a Deus. Como que o ser de Deus encarnaria sem que isso seja ele mesmo? Não foi uma sombra de Deus que se encarnou, pois Cristo é Deus conosco. Dirá o ignorante que não sabe ler as Escrituras: de acordo a forma como Deus vê o mundo, Cristo morreu até mesmo antes da fundação do mundo. Ora, que tolice! Além de uma tradução errada de Apocalipse, isso ignora totalmente o próprio fato da encarnação, que ocorreu, realmente, há 2 mil anos atrás e, portanto, houve um tempo em que o filho não tinha carne. Ou você acredita em uma esquizofrenia sobre Deus?

Então Deus ganhou ou perdeu algo? Nenhuma coisa e nem outra. Você que se convenceu de defender a simplicidade divina com o ato puro, terá que abandonar ela assim que tiver que explicar sua doutrina, além de tornar necessário o conhecimento filosófico para o entendimento bíblico, enquanto que as Escrituras se mostram suficientes para o conhecimento de Deus.

CAP 2:2

Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser. Todas as coisas estão patentes e manifestas diante dele; o seu saber é infinito, infalível e independente da criatura, de sorte que para ele nada é contingente ou incerto. Ele é santíssimo em todos os seus conselhos, em todas as suas obras e em todos os seus preceitos. Da parte dos anjos e dos homens e de qualquer outra criatura lhe são devidos todo o culto, todo o serviço e obediência, que ele há por bem requerer deles.

Concordamos plenamente com isso, pois afinal, Deus não tem próximo, i.e., alguém com quem ser comparado.

CAP 2:3

Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade – Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo. O Pai não é de ninguém – não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho.

Concordamos, embora possam haver certas perguntas: se é verdade que Deus “é” os seus atributos, e todos os três têm os mesmos atributos, logo, o ser seria apenas um só. Cremos, portanto, que a investigação teológica sobre a Trindade deveria seguir o percurso abaixo:

1 – Deus Pai revelado em seus atributos é diferente de:

2 – Seu Filho, em todos os seus atributos e que pode ser adorado, embora diferente do Pai, e não é possível explicar exatamente isso (1 Tm 3:16 – note que é, em si, um mistério).

3 – Do Espírito Santo, que é diferente do Pai e do Filho, e de algum modo nunca é adorado, mas nos ensina a adorar o Pai, e foi enviado pelo Pai e pelo Filho a nós (nenhum texto diz que procede de ambos, mas que ambos o enviaram – proceder possui uma relação mais íntima do que enviar).

Tudo isso é complicado, é verdade, mas as Escrituras não foram feitas para exploração da razão, embora a razão não possa contradizê-la (afinal, como a razão contradirá algo que é um mistério se não pode compreender?). Não é que a razão pertença a um reino e a ‘mente espiritual’ a outro. Mas que tudo isso não pode vir da razão, visto que ela apenas recebe essas coisas. O que diremos? Que tudo isso é uma mentira? Que estamos aproveitando o discurso de “mistério” para não nos comprometermos racionalmente? De modo algum, antes, temos tido todo o trabalho de organizar racionalmente todos os textos deste livro, expondo o que as escrituras ensinam acima do que os homens intencionam. Se você se sente perturbado por não conseguir explicar a Trindade para alguém, não atribua a si mesmo culpa, pois Deus mesmo não quis fazer isso quando ordenou aos apóstolos e profetas o que escreveriam – Deus não quis se explicar nisso, não pense que você é sábio para poder fazê-lo.

O que sabemos? Sabemos que Deus falava a alguém ao criar o mundo, pois ao ordenar que as coisas surjam, não expressa isso estando sozinho – logo em seguida vemos que seu Espírito estava sobre as águas do universo, de modo que, portanto, não é “ele mesmo”, já que o texto diz “o Espírito **de Deus**” e não “Deus pairava sobre as águas” (Gn 1:2) – provando, assim, que seu Espírito recebe de Deus mesmo informação para fazer o mundo, distinguindo o Deus Pai de Seu Espírito (1 Co 2:11). Também Deus Pai criou tudo por meio de Jesus. Ora, se diz que criou tudo, não pode ter criado o próprio Filho, de modo que o filho deve coexistir com o Pai desde toda a eternidade (capítulo 1 de João). Por isso, não só Deus se comunicava a alguém, mas a própria comunicação de Deus é ele. Deus cria o mundo, mostrando que o mundo é algo externo a ele, mas o que Deus fala só pode ser ele mesmo, portanto, o Verbo é Deus. Assim, quando Deus fala, a expressão é divina, pois é sua própria fala. Portanto, não só Deus fala, mas fala com “outro” e prova, desse modo, uma relação tripla. Quem dirá que o que Deus fala é inferior ao próprio Deus? Se sua fala for inferior, então ela não pode provir de

Deus, e se ela é igual a ele, só pode ser, portanto, Deus. Dessa forma, o que sabemos é que o que chamamos de Trindade esteve na criação do mundo plenamente ativa, mas não podemos expressar, perfeitamente, como entender isso em nossa razão.

Contudo, as coisas não acabam aqui. Sendo o Espírito de Deus o responsável por "ouvir" dele o que é para ser feito e repassar ao mesmo tempo ao Filho, não podemos supor que quem fosse encarnar seria o Espírito. Pelo contrário, só o Verbo poderia se encarnar, pois ele é a Ação de Deus, e só a Ação de Deus (que se dá em Palavra) é que pode tomar para si um corpo, enquanto só o Espírito é que pode dar vida. Assim, desde a eternidade tínhamos claramente as distinções de cada um.

Conclusão

- A CFW está certa em maioria neste capítulo;
- Erra, porém, tecnicamente no uso do termo "infinito" e "imutável";
- Embora ambos os termos sejam utilizáveis, com imutável realmente estando certo, mas dependente do pano de fundo.

DOS ETERNOS DECRETOS DE DEUS – CAP. 3

CAP 3:1

Desde toda eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou, livre e inalteravelmente, tudo quanto acontece(1); porém, de modo que nem Deus é o autor do pecado(2), nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias antes estabelecidas(3). Ref.: 01- Ef 1:11; At 4:27,28; Mt 10:29,30; Ef 2:10. | 02- Tg 1:13; | Jo 1:5. | 03- At 3:23; Mt 17:12; At 4:27,28; Jo 19:11; Pv 16:23; At 27:23,24, 34,44.

Para simplificar mais ainda os textos, destacamos em negrito a parte que comentaremos e deixamos as referências bíblicas junto da citação. Abaixo, em cada seção, na medida do necessário, comentaremos os textos bíblicos citados pela CFW.

Recusar reconhecer os decretos de Deus é, em qualquer sentido, abrir mão não só do fato de Deus conhecer o futuro, mas também nos leva a crer que o futuro pode ocorrer diferente do ele profetizou. Por exemplo, a maioria daqueles que defendem que há livre-arbítrio nunca pensaram a respeito do que seria o "anticristo". Segundo a maior parte do 'mundo cristão' o "anticristo" ainda virá. Ora, se ele virá, e é verdade que há livre-arbítrio, ele pode se arrepender. E se ele pode se arrepender, é provável que o que Deus disse que ocorreria com ele e conosco não ocorra. Ora, veja que mesmo que aceitemos que Deus somente "prevê" o futuro, se há livre-arbítrio, todo o futuro pode ser perturbado, e isso implica que nem podemos dizer que a profecia dada por Deus ocorrerá e nem que não ocorrerá, tornando até mesmo os bons profetas passíveis de morte (Dt 18:22). Talvez pensando retroativamente a coisa fique mais interessante.

Segundo os salmos, Judas estava destinado a trair Jesus (Sl 41:9; Mt 26:23). Mas suponhamos que, ao receber a informação de Jesus de que estava para o trair (Mt 26:20ss), Judas se arrependesse? Ora, não só a profecia do Salmo falharia, como Jesus não seria entregue, e a salvação não nos alcançaria. Note que o ocorrido com Jesus implicava uma série de acontecimentos pequenos (o fato de Judas estar no lugar que foi encontrado por Jesus e chamado, o fato de que Judas colocou a mão no prato na hora que Jesus falava etc.) determinados minuciosamente e, portanto, não é possível que afirmemos que somente "coisas grandes" estão predestinadas, já que o Salmo prevê até a mão no mesmo pão – algo irrelevante para a história da Salvação. (Como Atos 1:20-26 [cf. Sl 69:25] mostra, também era necessário que Judas morresse depois de trair Jesus, portanto, sem chance de arrependimento. Sua traição e morte estavam totalmente determinadas).

Assim, devemos presumir que o Livre-Arbítrio não existe e, portanto, o que Deus prevê, no mínimo, se cumpre, quer dos atos ímpios quer dos atos santos. Porém, Deus não só "prevê", pois a Escritura usa termos claros como "predestinar". Os autores bíblicos não viam a profecia como uma previsão, mas como uma determinação de Deus (Is 14:24-27). A maioria dos indivíduos perde tempo lutando sobre traduções e passagens no NT que, pelo fato de o grego ser "desorganizado", permite milhares de interpretações. Mas vejamos com clareza: Deus promete a Abraão que ele teria uma descendência específica. Ora, note que é uma promessa e não uma previsão (Gn 17:4, 6). Pra que isso ocorra, Deus fez que o povo se multiplicasse. O simples ato sexual e de casamento foi, da parte de Deus, determinado individualmente. Por exemplo, sem Raabe ser a prostituta cananea que salva os espias e que, portanto, não morre, seria impossível a vida de Cristo (Mt 1:5). Deus tem que ter determinado ela morar no muro da cidade, estar ali exatamente no momento em que os espias chegaram, e decidir proteger os espias. Note que para que tudo isso ocorra "por acaso" é necessária uma sequência de ações improváveis dignas de filmes de *Hollywood*.

Isso deveria ser suficiente para entendermos que não há "contingência". E aqui é importante perceber: essa noção de "contingência" já era efeito da época em que os puritanos viviam, em especial do cartesianismo. Como nossa proposta não é filosófica, não entraremos neste embate por meios filosóficos. Mas cabe reforçar: os puritanos cederam à cultura parcialmente, pela beleza do argumento e da retórica, caindo em contradição clara. Pois, se é verdade que há "liberdade e contingência", não há mais decreto e determinação. Se há decreto, não há "liberdade e contingência", pela simples necessidade de que todos os acontecimentos grandes ou pequenos dependem de uma série de acontecimentos grandes e pequenos.

Além disso, outro problema tosco é o fato de todo mundo pensar que maior liberdade é igual maior responsabilidade e por isso Deus dá mandamentos. Mas é absurdo este pensamento, pois, o momento em que o homem mais teve liberdade (no Éden) ele só tinha um mandamento e, portanto, somente um meio para cair em pecado. Se Deus não o proibisse de comer da árvore, também se quer meios haveriam para pecar, ainda que ele desfrutasse da maior liberdade. Ora, se o raciocínio certo fosse o de maior liberdade = maior responsabilidade, Adão seria o homem com mais mandamentos e nós com menos, pois temos menor liberdade.

O que tornou Adão responsável? Duas coisas: o fato de Deus ter proibido e o fato de Deus ter dito. Se Deus não proibisse nada a Adão ele não saberia que seria errado comer do fruto de uma determinada árvore. De fato, nem mesmo olhando a natureza ele não saberia, já que não existe "lei natural" para isso. Não há nenhuma característica externa dada nas Escrituras que explique o motivo para que aquela árvore fosse proibida. A propósito, originalmente ela era boa, já que tudo era bom e, portanto, só uma proibição de Deus poderia tornar algo ruim. Assim é que Deus decidiu que aquela árvore seria ruim. Não tinha nenhum motivo natural, e aquela árvore não expressava nada contra a natureza de Deus, nem mesmo o mandamento contra comer daquela árvore deriva de alguma coisa na natureza de Deus que explicasse o motivo para ela ser proibida. Neste sentido Deus é totalmente *Ex Lex* (a lei não se aplica a ele).

Essa compreensão é necessária para que percebamos que Deus é o autor do pecado, mas não o praticante. Veja, se Deus decretou que o primeiro Adão cairia, pois Cristo estava predestinado a morrer desde todos os tempos, então a queda era necessária. Assim, Deus não só criou Adão, mas fez com que a queda ocorresse, de modo que Deus, ao colocar a árvore no Jardim e proibir a ingestão de seu fruto, mostrou como o homem cairia, com Ele sendo apenas quem articulou o que ocorreria. Não nos venha dizer que sem essa árvore o homem não seria testado, pois, segundo a maior parte do cristianismo, no "novo céu e nova terra", essa árvore não existirá mais e, portanto, não mais haverá chance de pecado.

O que é isso? É simples, se só fosse possível ter relacionamento com Deus a partir de um "livre-arbítrio", então os que morrem e ressuscitam não têm mais qualquer relacionamento com Deus, já que a escritura promete que nunca mais pecarão. Se o livre-arbítrio é essencial para a relação, a Escritura não pode prometer que nunca mais haverá pecado.

O problema é que todos pensam no sentido de "autor" do pecado como sendo o que o pratica, mas isso não é o que o termo autor significa. Deus fez com que o homem pecasse, por decretos, por condições, por o ter direcionado etc., todas essas coisas são óbvias. O problema, de fato, não é se Deus é autor, pois assim como alguém que escreve um livro fazendo um personagem matar outro não é assassino, Deus destinou cada indivíduo a cada ato sem, com isso, ser ele o praticante do ato. Deus, ao ter dito a Davi o que ocorreria com as mulheres deste, diz claramente que Ele fará com que Absalão pratique o ato (2 Sm 12:11, 12).

Não é suficiente prova? E por qual razão, então, Deus chama os homens ao arrependimento e diz estar nas mãos destes escolher o caminho? (Dt 11:26-32). É bem simples, como poderá Deus acusar o homem de pecado se a ordem não for dada? Ou como usará a ordem como evidência de que o homem o obedeceu? (Rm 5:20). Adão não comeria do fruto? E por qual razão Deus o proíbe? Cristo não morreria? E por qual razão Deus proíbe que matemos inocentes? É evidente que o é assim para que o propósito dele se cumpra. Se não for deste modo, não há pecado, e sem pecado, não há nem salvação e nem condenação. Tolo é quem pensa que isso anula a pregação ou qualquer coisa do tipo, achando-se mais sábio cai em terra como tolo, pois claramente as Escrituras mostram que Deus destinou os meios e os fins. Ora, Cristo não estava destinado a morrer? Como morreria se Deus não fizesse que o Império Romano dominasse Israel politicamente? Ou como morreria se não encarnasse? Tudo isso é claro e evidente na Escritura.

As passagens citadas na CFW só provam que Deus se vale do que quiser para que seu plano se cumpra. Por exemplo, em Deuteronômio 32:39 Deus diz que ele mata e ele faz viver. Ora, considerando que quem morre, morre por motivos variados, Deus deve determinar exatamente como a morte de cada indivíduo ocorre. Se eu morro num acidente de carro, em cujo carro eu comprei, pra que eu morra assim é necessária uma cadeia de eventos: conseguir um determinado trabalho, ganhar uma quantidade de dinheiro, ter nascido num lugar que vende um tipo de carro, resolver sair de carro naquele dia, por causa de alguma vontade/necessidade, que também esteve atrelada com outras coisas... No fim, a "simples" morte de carro, é precedida por uma série de acontecimentos irrelevantes, de modo que Deus me faça morrer. Assim, Deus não pode ter destinado o fim meramente, pois as coisas não funcionarão sozinhas, mas Deus mesmo faz com que ocorram.

O que mostra o amor de Deus nisso é o fato de, não tendo necessidade alguma, ter decidido destinar indivíduos para a salvação. Mesmo que consideremos que o conjunto da igreja tenha sido predestinado, isso só é possível por meio da predestinação de indivíduos. Veja que irônico, sabemos que Deus amou Jacó e odiou a Esaú (Mt 1:1-4; Rm 9:13). Digamos que isso se aplique somente aos descendentes deles. Ora, se Deus odiou a nação edomita antes de ela vir a existir destinando toda ela à perdição, então Deus destinou os **indivíduos** dessa nação, que só podem ser os que descenderam do sangue de Esaú. Muitos, querendo dizer que tudo é mera questão "corporativa", apenas recuam dois passos atrás, com uma afirmação que prova justamente o ponto que o texto bíblico quer mostrar: todos os indivíduos da nação de Esaú já nasciam condenados, e Deus não faria questão de os salvar.

Isso quer dizer que Deus é quem nos tenta? Claramente não, mas como a história de Jó mostra, sem Deus querer, não há tentação, pois é Deus que aponta Jó para o diabo, mostrando que a tentação só ocorre quando Deus quer que ocorra (Jó 2:13).

Obs.: o mal existe, portanto, porque Deus quer que exista. O contrário disso é a aniquilação dos decretos de Deus. Como dissemos acima, se o livre-arbítrio é essencial, não podemos aceitar que Deus decretou tudo. Ele não só permitiu o mal, mas quis ativamente a sua existência. Além disso, respostas bobas como as de Agostinho ("o mal é a ausência do bem") nada explicam, pois a prática de Adão ao comer do fruto proibido não foi "ausência", mas "prática". Satanás não pecou pela "falta do bem", mas por "haver nele maldade". O mal só é ausência do bem quando claramente o contexto aponta isso (a negligência com os necessitados ao nosso redor, a falta de interesse em condenar a própria maldade etc.). Então, mesmo nesse sentido, Deus é o autor do mal, pois ele é conhecedor do bem e do mal – algo que não havia no homem antes da Queda, mas que Deus já possuía (Gn 3:22).

CAP 3:2

Ainda que Deus saiba tudo quanto pode ou há de acontecer em todas as circunstâncias imagináveis(1), ele não decreta coisa alguma por havê-la previsto como futura, ou como coisa que havia de acontecer em tais e tais condições(2).
Ref.: 1- 1 Sm 23:11,12; Mt 11:21-23; Sl 139:1-4. | 2- Rm 9:11, 13, 16, 18; 2 Tm 1:9; Ef 1:4,5.

Cremos ser algo claro a partir do que dissemos acima.

CAP 3:3

Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna(1) e outros preordenados para a morte eterna.(2) Ref.: 1- 1 Tm 5:21; At 13:48; Rm 8:29,30; Jo 10:27-29. | 2- Mt 25:41; Rm 9:22,23; Jd 4.

Também evidenciamos isso por Jacó e Esaú.

CAP 3:4

Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído. Ref.: Jo 10:14-16, 27-29; Jo 6:37-39; Jo 13:18; 2 Tm 2:19 Ap 6:11; Ap 7:4.

Aqui cabe uma observação. Quando Jesus, nos evangelhos, diz que escolheu algum discípulo em particular, isso só prova que ele escolheu aquele discípulo em particular, e não necessariamente que Deus escolhe cada homem em particular. É necessário reconhecer que o contexto não favorece que essas passagens sejam interpretadas no sentido pleno da predestinação (ainda que os discípulos estivessem desde a eternidade destinados a serem).

CAP 3:5

Segundo o seu eterno e imutável propósito(1) e segundo o santo conselho e beneplácito da sua vontade(2), Deus, antes que fosse o mundo criado(3), escolheu em Cristo(4) para a glória eterna(5) os homens que são predestinados para vida; para louvor da sua gloriosa graça, ele os escolheu de sua mera e livre graça e amor(6), e não por previsão de fé, ou de boas obras e perseverança nelas, ou de qualquer outra coisa na criatura, que a isso o movesse, como condição ou causa(7). Ref.: 1- Ef 1:11. | 2- Ef 1:9. | 3- Ef 1:4. | 4- 2 Tm 1:9. | 5- Rm 8:30. | 6- Ef 1:5, 6, 12. | 7- 2 Tm 1:9; Ef 1:6; Ef 2:8,9.

Já adiantamos isso na Seção 1 – além disso, cremos haver certa redundância em toda essa seção.

CAP 3:6

Da mesma forma como Deus destinou os eleitos para a glória, assim também, pelo eterno e mui livre propósito da sua vontade, preordenou todos os meios conducentes a esse fim(1); os que, portanto, são eleitos, achando-se caídos em Adão, são remidos por Cristo(2), são eficazmente chamados para a fé em Cristo pelo seu Espírito, que opera no tempo devido(3); são justificados(4), adotados(5), santificados(6) e guardados pelo seu poder por meio da fé salvadora(8). Além dos eleitos não há nenhum outro que seja remido por Cristo, eficazmente chamado, justificado, adotado, santificado e salvo(8). Ref.: 1- Ef 2:10; 2 Ts 2:13; 1 Pd 1:2; Ef 1:4. | 2- Rm 5:19; 1 Ts 5:9,10; Tt 2:14. | 3- Rm 9:11; 2 Ts 2:13, 14; 1 Co 1:9. | 4- Rm 8:30. | 5- Ef 1:5. | 6- Ef 1:4; 1 Ts 4:3; 2 Ts 2:13. | 7- 1 Pd 1:5; Jo 10:28. | 8- Jo 17:9; Jo 6:64, 65; Jo 8:47; Jo 10:26; At 13:48; 1 Jo 2:19.

Se existe contingência, Deus não pode ter preordenado os meios conducentes. Se Contingência significa outra coisa além de "coisas não controladas imediatamente", então o termo também não faz sentido, sendo essa seção uma

contradição com a primeira. Alguns versículos nesta seção também estão um pouco deslocados do sentido original deles, embora a afirmação da seção esteja em acordo claro com a Escritura.

CAP 3:7

Segundo o inescrutável conselho da sua própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas(1); o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça(2), foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados(3). Ref.: 1 Mt 11:25,26. | 2 Ap 15:3,4. | 3 Rm 2:8,9; 2 Ts 2:10-12; Rm 9:14-22.

Redundante, mas verdadeiro. A CFW ganharia muito se fosse mais objetiva, pois facilitaria o próprio fato de ser mais fácil de decorar.

CAP 3:8

A doutrina deste alto mistério de predestinação deve ser tratada com especial prudência e cuidado, a fim de que os homens, atendendo à vontade revelada em sua palavra e prestando obediência a ela, possam, pela evidência da sua vocação eficaz, certificar-se da sua eterna eleição. Assim, a todos os que sinceramente obedecem ao Evangelho esta doutrina fornece motivo de louvor, reverência e admiração de Deus, como de humildade, diligência e abundante consolação. Ref.: Rm 9:20; Rm 11:23; Dt 29:29; 2 Pd 1:10; Ef 1:6; Lc 10:20; Rm 8:33; Rm 11:5, 6, 10.

Claramente há mistério nessa doutrina (dos decretos), e como todo aspecto de mistério, ocorre de ser abusada. Essa seção evidentemente quer ter este cuidado.

Conclusão

- Deus é o autor do pecado, mas não o praticante;
- Deus determinou tudo o que ocorre, até o que chamam de causas secundárias;
- Se decretou tudo, também decretou quem crerá nele e quem não irá crer;
- Essa doutrina é fundamental às Escrituras, pois o contrário disso é rejeitar o poder de Deus.

DA CRIAÇÃO – CAP. 4

CAP 4:1

Ao princípio aprovou a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo, para a manifestação da glória do seu eterno poder, sabedoria e bondade, criar ou fazer do nada, no espaço de seis dias, e tudo muito bom, o mundo e tudo o que nele há, visíveis ou invisíveis. Ref.: Rm 9:36; Hb 1:2; Jo 1:2,3; Rm 1:20; Sl 104:24; Jr 10:12; Gn 1; At 17:24; Cl 1:16; Ex 20:11.

Concordamos totalmente nisso com a CFW, e o que faremos abaixo é apenas um ponto importante sobre o entendimento dos seis dias criativos, nos quais Deus criou, do nada, o mundo.

Um dos argumentos daqueles que estão dispostos a abandonar o sentido direto da escritura, é o de que Gênesis 1 – 3 é mito, mas não no sentido moderno do termo, e sim porque tem um significado teológico. O mito não significaria que a história relatada em Gênesis fosse mentira, mas que não expressa, exatamente, a ordem dos acontecimentos ou os acontecimentos em si (é verdade, mas não é verdade – vai entender). Junta-se a isso o fato de haver um tom poético neste texto. Como evidência disso citam os mitos criacionais em torno de Israel, afinal, vários povos tinham mitos sobre o surgimento do mundo. Esse é aquele tipo de argumento intelectualista, que quer nos fazer crer que os povos em torno de Israel não criam exatamente em seus “mitos” criacionais. Utilizamos um sentido anacrônico de mito, polido filosoficamente, para parecer que as culturas em torno do povo de Deus serviram, em algum nível, de modelo para o texto de Gênesis. Para isso, porém, a primeira coisa que teriam que provar é que para os outros povos, os relatos da criação do mundo eram vistos meramente com sentidos teológicos e não literais (e na verdade havia um grande misto, com muitos crendo literalmente, não literalmente e até quem desprezasse totalmente). Como sabemos (até pelo testemunho das Escrituras), é que os povos em volta de Israel criam, de fato, que o mundo tinha sido feito da forma como seus “mitos” relatavam, e apenas posteriormente tomou um sentido quase somente teológico (como os cultos sexuais devido o “fato” de o mundo surgir por um ato sexual).

Além disso, dentro da própria Escritura, sempre que estes dias são citados o são aceitando sua literalidade. Veja, se os próprios autores bíblicos interpretam como literais, quem está atribuindo ao texto outra coisa somos nós, e estamos dizendo que o texto bíblico era visto como mito, com base nas culturas em volta de Israel (sendo que em todas as citações bíblicas posteriores o texto é visto como literal). Veja que o NT (Novo Testamento) fundamenta na literalidade do mundo criado a “não” literalidade do mundo que viria após Cristo. As Escrituras não seguem nem os liberais e nem os teólogos tradicionais neste sentido. Para eles, o aspecto literal do primeiro momento do mundo é para apontar para o aspecto literal do mundo “vindouro”, enquanto que dizemos que o fato de ser literal é que prova o aspecto espiritual do mundo “vindouro”. O fato de Deus criar um Adão de carne e osso é o que prova a vinda do último Adão e sua ressurreição, tendo este, agora, um corpo espiritual, não mais feito da mesma matéria deste mundo, embora, de algum modo, física (1 Co 15). Mas retornaremos a este ponto.

Outro argumento bobo é o de que o sol foi criado somente no quarto dia e, portanto, não podemos medir os 3 primeiros dias. Se o sol foi dado pra medir o tempo, como mediremos o tempo sem ele? Esse argumento é tão tolo que é até engraçado. Ora, Moisés não presenciou nenhum dos acontecimentos de Gênesis, portanto, ele só pode ter recebido por uma revelação de Deus. Você dirá que Deus não sabe medir o tempo sem o sol? Ou sem uma matéria que o possa servir para isso? Mais ainda, se não havia sol nos três primeiros dias e isso nos impede de medir o tempo, como, então, sabemos que não foi somente um dia, mas milhões de anos? Afinal, se o sol não existe, não tem como saber que se passaram 1, 2 ou 1000 anos; sem o sol para medir, nenhuma medida de tempo faz sentido, portanto – qualquer que seja (segundo a lógica do argumento destes homens).

Aqui é preciso que você note o papel central de Moisés: ele era um profeta (Dt 18:15), e a característica mais importante do Profeta é que ele repete o que Deus

diz, não que ele meramente coleciona documentos e tradições orais (Ag 1:7; Zc 11:4; Jr 45:2; Ez 21:9; Is 7:7; 2 Cr 34:23 etc). O profeta apenas repete o que Deus diz, e ele prediz coisas que não aconteceram. Ora, se elas não aconteceram, logo, como medir em quanto tempo ocorrerá? Ou, como medir algo que ainda não existe? Mas como sabemos que ocorrerá exatamente como Deus diz? Simples, por que Deus diz. Moisés, antes e acima de tudo, recebia de Deus o que dizia e ensinava ao povo, logo, não precisava de nenhuma referência humana para o seu ensino. E, mesmo que recebesse algum nível de tradição oral, ele só colocou no papel aquilo que Deus aceitou ser colocado, pois refletia o que Deus dizia – do contrário, Moisés seria um falso profeta, e deveria, segundo a mesma lei, morrer. Se Deus está dizendo a Moisés algo referente ao tempo, não é Moisés que está medindo o tempo, mas Deus.

Por qual razão alguém levantaria algum questionamento contra a literalidade de Gênesis 1- 3? Ora, simples, por causa da nossa cultura (se os hebreus podem ceder à cultura, por que não podemos nós cedermos? Somos melhores? Temos proteção mental contra a cultura? Oh seres iluminados!). Nossa cultura “científica” fez com que Gênesis fosse questionável. Prova disso é que até os Pais da Igreja duvidavam de Gênesis 1 – 3 eventualmente, pelo fato simples da cultura científica herdada dos gregos. Mas vejamos o fundamento do questionamento.

O maior orgulho da ciência (no qual concordamos) é que ela muda, não é dogmática, não está sujeita à perenidade, e pode, com um tempo, mudar completamente. Até seus fundamentos, se devidamente questionados e tratados, podem sofrer alteração. A ciência é, por natureza, relativa, e está sujeita às descobertas, entendimentos e processos metodológicos de cada era. Isso é maravilhoso, pois simplesmente mostra que uma afirmação científica é, por natureza, **pragmática**, e **não verdadeira**. Ora, o que melhor funciona e melhor explica um acontecimento, permitindo algum grau de previsibilidade, é que é adotado cientificamente. Então como posso deixar utilizar esta ferramenta para interpretar uma coisa que por natureza se diz imutável? Como posso, com base na ciência, dizer que Gênesis 1 – 3 não é literal, sendo que, daqui 50, 100 ou mesmo 1000 anos a ciência terá uma perspectiva diferente e adversa da atual? A própria ciência já entendeu que não existe gravidade, que ela era uma força e, atualmente, entende que é a distorção do espaço-tempo e já conta com discordâncias mesmo nisso, na expectativa de que, na realidade, o Campo de Higgs é que fundamenta o que entendemos por gravidade. Ora, se uma das coisas fundamentais dentro da ciência (A Gravidade) pode assim alterar com o tempo, não devemos presumir que ela mesma não pode dizer nada sobre a origem do mundo quando a Escritura diz o contrário do que a ciência afirma?

Os homens podem fazer suas guerras científicas sobre o que o texto bíblico diz e como achar o significado abaixo dele. O fato é que, no fim, ao dizerem que o significado teológico é o principal objetivo, acabam por tirar todo o significado do texto e nunca explicam o tal “significado teológico” expresso em cada dia – embora, e como já dissemos, o significado teológico esteja fundamentado na literalidade deste texto, e não na poética que se encontra nele. Veja, se a ciência não é verdade absoluta (e cremos não ser mesmo), por qual razão poderei utilizá-la para corrigir a interpretação do texto bíblico?

Assim, por dois meios a situação se esclarece:

Pelo conceito de mito: pois o método "mitológico" é anacrônico e não representa como os próprios povos viam seus mitos;

Pelo conceito de ciência: pois a própria ciência fundamenta-se em sua falta de verdade absoluta como critério básico.

Por este caminho, nos sobram somente as Escrituras (a considerar que os Pais da Igreja também sofreram forte influência da filosofia grega e do direito romano [veremos isso melhor em nossos textos sobre casamento]).

Mas agora vejamos como Paulo vê a literalidade do texto de Gênesis como uma necessidade:

Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão em espírito vivificante. Mas não é primeiro o espiritual, senão o natural; depois o espiritual. O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu. Qual o terreno, tais são também os terrestres; e, qual o celestial, tais também os celestiais. E, assim como trouxemos a imagem do terreno, assim traremos também a imagem do celestial. E agora digo isto, irmãos: que a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção. (1 Coríntios 15:45-50).

Compare com este texto:

Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça. (Romanos 4:1-5)

Ambos os textos dependem de personagens históricos: Se Abraão não foi um indivíduo literal que creu, o ensino sobre a justificação pela fé repousa em um fantasma. O texto de 1 Coríntios tem a mesma estrutura de argumentação que o de Romanos, no que diz respeito à linha de raciocínio paulina. Por que podemos crer e como sabemos que teremos a justificação pela fé? Ora, porque um homem, chamado Abraão, recebeu a promessa, e esta promessa teve como um dos aspectos centrais a fé de Abraão. Como sei que sou natural e morro? Ora, porque um homem, no passado, criado da terra, era natural e morreu. Assim, todos os seus descendentes ecoam esse destino. O primeiro foi feito alma vivente (tinha a vida pra si, neste mundo), o último (Cristo), espírito vivificante. O segundo que é espiritual existe porque há o carnal. Ora, segundo Paulo, se há o carnal, então há espiritual (1 Co 15:44). A lógica é que Adão é figura de Cristo não por aquele ser um mito, mas por ter sido um indivíduo real, pois só um indivíduo real pode representar o espiritual (assim como Davi, Moisés e tantos outros eram figuras de Cristo – não faria sentido uma figura de uma figura ser uma figura de Cristo, entendeu?).

Adão era figura não do Cristo na terra, que morre, mas do Cristo eterno, que não morre, ressurreto. Um foi feito da terra, e o outro do que é "celestial" (Cristo não tem o corpo que teve na terra [pois a corrupção não pode herdar a incorrupção], antes, o seu corpo, embora 'físico', não é mais da estrutura que possuía neste

mundo). Um podia morrer, o outro, não mais pode (pois já morreu como o primeiro). A um foi dado uma esposa em particular, chamada Eva (natural), ao outro foi dado uma esposa em particular, a Igreja (espiritual). A um foi dado que governasse todos os animais, ao outro, que governasse todo o mundo. Um caiu e perdeu o governo, o outro venceu e entregou o reino a Deus Pai. Tudo isso é claro e presente na argumentação de Paulo de modo que não precisamos nos delongar muito mais nisso.

ALGUNS ARGUMENTOS CONTRÁRIOS

- A prova de que os dias não são literais é o fato de o sétimo dia não ter fim.

Embora metonimicamente possamos dizer que o "sétimo dia não teve fim", a verdade é que o que não teve fim é o descanso de Deus, como que restando, ainda, "um dia" para o descanso do povo dele (confira nosso artigo sobre o Shabat). Não se trata propriamente do dia, mas apenas do que ocorreu neste dia e nunca acabou. Mesmo que consideremos que este dia em si não teve fim, a única coisa que isso provaria é que Deus o destacou dos outros 7 (algo que ele claramente diz em Êxodo 20:11), para atribuir a ele outro significado e, portanto, o próprio fato de o dia ser destacado dos outros prova que não é para ser contado igualmente.

- Para Deus um dia é como mil anos.

E também mil anos como um dia (2 Pd 3:8). Primeiro, se examinarmos o texto, notaremos que há uma "contradição", pois o sentido do texto não é sobre a criação do mundo, mas sim sobre outra coisa. Note o significado direto do versículo: um dia é como mil anos para o Senhor (ou seja, o que consideramos 1 dia, para ele se passa como mil anos [então o tempo passa **mais lento** para ele?]), mas também é dito que um mil anos é como um dia (então o tempo passa **mais rápido** pra ele?). Só para que você se situe, pela lógica, se um dia vale mil anos, mil anos então vale... (1000 [anos] x 365 [dias] = 365000 x 1000 [anos] = 365.000.000 [365 milhões de anos]), logo, se a primeira sentença significa que mil anos é como um dia, e um dia como mil anos, a coisa toda significaria um absurdo. Aqui sim temos um aspecto poético claro. O Salmo 90:4, de onde Pedro retira essa ideia, claramente se refere a um contexto de juízo e morte, e Pedro utiliza no mesmo sentido. Os que zombam do Senhor morrem, enquanto o Senhor continua a viver. Se você acha que Deus está demorando, saiba que para ele nada demora. E se você achar que está tudo indo rápido demais, saiba, que para ele nada é rápido demais (este seria o sentido mais natural para nós). A menos que Gênesis 1 e 2 seja sobre juízo, ou entre no contexto do julgamento de Deus sobre as nações, nada realmente faz muito sentido quando aplicado pelo texto de 2 Pedro.

- Deus deu duas revelações: a da natureza e a da escritura.

Supondo que isso seja verdade, para você estudar a revelação natural, se depende dos instrumentos científicos, que são mutáveis, e que permitem novas leis, teorias ou hipóteses, tão logo problemas reais aconteçam e não se consiga solução pelo modelo padrão. As Escrituras, por outro lado, possuem uma única interpretação com fundamento histórico, de modo que não está sujeita à época.

Além disso, em nenhum lugar nas Escrituras foi dito que a revelação geral é ferramenta para conhecer a Deus de modo diferente do que a própria Escritura diz, até porque, sempre que o mundo e a criação estão em vista, as únicas coisas destacadas são o Poder e a Sabedoria de Deus (Jr 10:12; Jr 51:15; Rm 1:20 [natureza divina = natureza diferente do mundo, isto é, de que é Deus]; Sl 33:6). Assim, podemos, pela natureza, não saber exatamente como Deus criou o mundo, já que Hebreus diz que isso se dá pela fé (Hb 11:3 [ou seja, pelo conhecimento da Escritura {do que Deus disse – Hb 11:1, 7}], mas sim que quem criou o mundo é: diferente do mundo (Deus), tem poder, conhecimento e sabedoria para fazê-lo.

Basicamente estas são as coisas que a criação aponta sobre o Criador, fora disso, a única outra coisa que está no coração humano é a lei de Deus (Rm 2), e até isso não é em sentido exaustivo, mas somente seminal, de modo que o homem tem uma noção do certo e errado, como um testemunho em sua consciência (não um construto racional), e nada mais – todos os que dizem contrário disso já conhecem a lei de Deus e atribuem a leitura que fazem dela racionalmente aos povos que nunca a ouviram. Além disso, com base no fato da ciência ser limitada devido à sua mutabilidade, o que fazer quando a “revelação natural” contradisser a “revelação especial”? Lhe digo o que farão: dirão que precisam de novos estudos, mas que a revelação especial não significa o que ela mesmo diz significar.

Pode ser que não crer na literalidade de Gênesis 1 – 3 não seja decisivo para a salvação (nem é este o nosso assunto). Mas sabemos que quem se nega a aceitar a afirmação da literalidade do texto, está predispondo-se a outro fundamento – mesmo enquanto afirma acreditar na inspiração da Escritura. Estes apenas afirmam externamente isso, enquanto sorrateiramente põe outra inspiração no lugar, a humana – quase sempre são apologetas, os homens “inteligentes” e sábios de nossa época, que defendem essa ideia da não literalidade.

- Gênesis reconta esse evento histórico usando termos culturais que os hebreus no antigo Oriente Próximo podiam entender.

E você é “acultural”, não é, seu símio? Quer dizer que os hebreus estavam colocando a cultura deles no texto, passando pelo modo de enxergar do Oriente Próximo, mas você, ser transcendental, que não sofreu influência de um mundo “cientificista”, nem teve influência cultural alguma, consegue ver com seus olhos neutros e imparciais o que nem o texto diz, mas você pressupõe porque, afinal, “o povo no passado era estúpido demais”. Além disso, você não acha que o povo hebreu poderia entender que Deus fez o mundo em um longo período de tempo? A palavra hebraica (olam) foi utilizada pelo próprio Moisés na Lei, mostrando que os hebreus compreendiam, ao menos, o sentido de longos períodos de tempo, até mesmo de tempo indeterminado (Gn 3:22 [a palavra “para sempre” é este termo hebraico, que também pode ser entendido como “longo tempo” {neste sentido, o termo é usado em Gênesis 6:4 – “antiguidade” = longo tempo atrás}]). Se Moisés quisesse, e Deus assim tivesse revelado a ele, o texto diria, simplesmente, que numa “olam” Deus fez isso e em outra fez aquilo. Mas Moisés não só usa o termo “dia”, como o qualifica, mostrando que houve “tarde e manhã” – exatamente da forma como os hebreus contavam os dias (começando da noite anterior, de modo que um dia começava por volta das 18h [tarde] – muita coincidência, não é?).

- Romanos 5:12 diz que o pecado entrou no mundo pelo homem, mas se foi a mulher que pecou, então o texto não pode ser literal.

Tolo! Paulo (o mesmo que escreveu Romanos) disse claramente que a mulher pecou primeiro (1 Tm 2:13, 14), porém, quem representa a humanidade e a própria mulher é o marido (assunto que em outro texto falaremos), de modo que os erros dela recaem sobre ele. Não foi assim que aconteceu com Cristo? Cristo, sendo o marido da igreja, é que leva os pecados dela e, embora a igreja tenha pecado, a culpa é atribuída Cristo. Dessa forma, sabemos perfeitamente que a figura de Adão com base em sua literalidade é perfeita! Afinal, Cristo é o último Adão, e Adão levou a culpa da mulher por ser o responsável como Cristo levou a culpa da igreja por se responsabilizar por ela, ao mesmo tempo em que a igreja continua a ser punida pelos próprios pecados. Não há perfeição nisso?

Poderíamos argumentar dias, horas e percorrer todas as linhas já percorridas por outros autores, mas cremos que deveria ser óbvio isso sozinho: que o significado teológico na Escritura só existe atrelado ao fato histórico; por isso, a maior parte da Escritura é História, e não livro de Teologia.

- O texto de Gênesis 1 – 3 é poético, e isso deve provar a não literalidade dele.

Tal avaliação é anacrônica, pois não consegue verificar que o uso poético nada diz sobre a literalidade do texto, e raciocina a poesia conforme a pensamos *hoje*. Por exemplo, os salmos que dizem que o amor (misericórdia) de Deus dura para sempre são poesias (Sl 136), logo, devo deduzir que não é literal o amor de Deus? Ou que não é literal que dura para sempre? O que diz se um texto é literal ou não na Escritura é o contexto e como outros textos mesmos interpretam aquela passagem. Apelar para a poética do texto é coisa de gente preguiçosa, que não sabe pensar suficientemente na passagem, e reconhecer que ela é clara e direta em sua afirmação, resultando em supostas anomalias "científicas" que a razão e mente humana atual não pode receber ou aturar (na verdade, sempre foi assim, pois todos os povos estavam dispostos a aceitarem deuses que tenham criado o mundo a partir de uma guerra no céu, mas jamais um Deus que sem necessidade alguma criou o mundo pra mostrar nele seu plano em Seu Filho e seu Povo – Dt 4:7, 8).

- Adão precisa ser não literal, pois o céu é um tipo de retorno ao Éden.

Este é um daqueles pensamentos filosóficos do tipo do "Uno" ou da história cíclica e, até, de Primitivismo. Como será visível mais a frente, o Éden era um momento de carnalidade, isto é, daquilo que era bom, mas não glorioso. O Éden não aponta nenhuma realidade referente ao Céu, senão somente por contraste, e não por retorno (Cristo é o último Adão justamente por não morrer, em contraste com o primeiro [1 Co 15:45-49]; no Céu não há mais casamento como houve na Criação; não teremos mais carne e sangue, pois isso não entra no reino de Deus [mas temos um tipo de corpo]; Adão estava restrito a um jardim, sobre um monte [pois só assim rios podiam sair de lá], mas Deus não se relaciona com o povo por meio de montes físicos [como no Ararate e no Sinai também o foi], etc. etc.). A história é linear, com ciclos internos, mas ela mesma não é cíclica.

Depois de haver feito as outras criaturas, Deus criou o homem, macho e fêmea(1), com almas racionais e imortais(2), dotando-os de inteligência, retidão e perfeita santidade, segundo a sua própria imagem(3), tendo a lei de Deus escrita em seus corações(4) e o poder de cumpri-la, mas com a possibilidade de transgredi-la, sendo deixados à liberdade da sua própria vontade, que era mutável(5). Além dessa escrita em seus corações, receberam o preceito de não comerem da árvore da ciência do bem e do mal(6); enquanto obedeceram a este preceito, foram felizes em sua comunhão com Deus(7) e tiveram domínio sobre as criaturas(8). Ref.: 1- Gn 1:27; Gn 2:7. | 2- Sl 8:5,6; Gn 2:19,20; Ec 12:7; Mt 10:28; Lc 23:43. | 3- Gn 1:26; Cl 3:10; Ef 4:24. | 4- Rm 2:14,15. | 5- Gn 2:16,17; Gn 3:6,17. | 6- Gn 2:16,17. | 7- Gn 2:16,17; Gn 3:8,11,23. | 8- Gn 1:28; Sl 8:6-8.

A CFW causa algumas pequenas confusões teológicas neste ponto. Por exemplo, Deus criou o homem com sua lei no coração dele, contudo, posteriormente, vemos os santos se casando com suas irmãs, algo que só séculos depois Deus proibiu e, portanto, não era pecado (ou você acha que Abel e Caim casaram com outras pessoas que não suas próprias irmãs? Sem a Queda isso simplesmente não seria pecado; Abel e Caim não tiveram um conflito moral do tipo: ou caso com minha irmã ou deixaremos de existir). Talvez possamos dizer que a lei que o homem tinha no coração era os 10 mandamentos, algo que faria bastante sentido, já que os patriarcas evitavam sua quebra, de modo que o assassinato já é percebido como pecado no ato de Caim. Logo, podemos dizer que a "lei escrita nos corações" dos homens deve ser algo mais básico ainda do que toda a Torah ou mesmo do que alguns outros mandamentos dados nela. Porém, em momento algum essa "lei nos corações" é colocada no texto de Gênesis como passível de quebra. A única Lei passível de quebra foi a que Deus deu externamente ao homem, e isso fica claro diante do próprio contexto da Aliança de Deus com Adão: a única restrição era o comer do fruto, e não a quebra de qualquer outro mandamento. Assim, a CFW confunde o conceito genérico de "Lei de Deus" com uma "lei específica" dada por Deus e que só vigorou na primeira aliança de Deus com o homem.

Obs.: o único homem a quem foi vedado o poder de casamento poligâmico foi Adão, pois isso implicaria o casar com a própria filha ou neta, e vemos no próprio livro de Gênesis (antes da Lei sobre este ponto ser dada) isso ser tratado com desprezo, como no caso das filhas de Ló, que precisaram embriagar o pai (fazendo-o perder o controle do conhecimento da lei de Deus [Pv 31:5], o que presume que ele não se deitaria com as próprias filhas em condições normais, portanto, apontando para um repúdio dessa prática já antes da lei – e as filhas de Ló sabiam disso, do contrário, o pediriam, não o embriagariam). O casamento entre irmãos, porém, só se tornou pecado posteriormente (o que prova que a Lei de Deus não é necessariamente algo de "sua natureza", eterna; e também prova que quando Deus não diz que há pecado ou não proíbe, **não há pecado** – sobre isso falamos em nosso texto sobre O que é a Lei de Deus).

Isso explica a citação de Romanos 2:14, 15 feita pela CFW, que só fala do estado atual das consciências humanas, e não de como o homem foi concebido originalmente ou se originalmente ele possuía essas leis que hoje sabemos terem sido dadas somente muitos anos após a Queda. Cremos que essa seção do capítulo falha por usar uma forma confusa da Lei de Deus, mas não falha nas outras afirmações. Posteriormente, em outros capítulos nos quais a CFW trata da Lei de

Deus essa confusão retornará, mostrando que os puritanos não tinham um claro entendimento da cronologia das ordens de Deus e dos acontecimentos que eram necessários para que o plano salvífico tivesse continuidade.

Conclusão

- O mundo foi criado em seis dias;
- Deus deu ao homem uma lei externa para guardar, e esta foi quebrada;
- Internamente, no homem, há poucas leis, que em momento algum se esperava que fossem quebradas antes da Queda;
- A CFW, entretanto, confunde os conceitos de Lei de Deus, se atrapalhando em conceitos gerais e específicos, internos e externos, temporários e eternos.

DA PROVIDÊNCIA – CAP. 5

CAP 5:1

Pela sua muito sábia providência(1), segundo a sua infalível presciência(2) e o livre e imutável conselho da sua própria vontade(3), Deus, grande Criador de todas as coisas, para o louvor da glória da sua sabedoria, poder, justiça, bondade e misericórdia(4), sustenta, dirige, dispõe e governa todas as suas criaturas, todas as ações e todas as coisas, desde a maior até a menor(5). Ref.: 1- Pv 15:3; 2 Cr 16:9; Sl 145:17; Sl 104:24. | 2- At 15:18. | 3- Ef 1:11; Sl 33:11. | 4- Ef 3:10; Rm 9:17. | 5- Ne 9:6; Hb 1:3; Sl 135:6; Mt 10:29-31; At 17:25,28; Mt 6:26,30; Jó 38 a 41.

Apesar de crermos haverem textos levemente deslocados do sentido original, a afirmação da CFW está em perfeita harmonia com as Escrituras em si. Deus não pode falhar em nada que determina, do contrário, seria como nós.

CAP 5:2

Posto que, em relação à presciência e ao decreto de Deus, que é a causa primária, todas as coisas acontecem imutável e infalivelmente(1), contudo, pela mesma providência, Deus ordena que elas sucedam, necessária, livre ou contingentemente(2), conforme a natureza das coisas secundárias(3). Ref.: 1- Jr 32:19; At 2:23. | 2- Ex 21:13; Gn 1:19,20; 1 Rs 22:34; Is 10:6,7. | 3- Gn 8:22; Jr 31:35

Este trecho da CFW acerta quase 100% de sua afirmação, mas confunde, por causa da filosofia, aquilo que seria simples de se compreender. Por exemplo, como prova de que as coisas funcionam "livre e contingentemente" (mesmo com o decreto e a providência), é citado o texto de Isaías 10:6, 7, que apenas prova que os homens não sabem que Deus controla suas ações para determinados fins. O texto de Êxodo 21:13 evidencia a mesma coisa, pois o problema é não saber se o morto de fato veio a óbito por um motivo de pecado. 1 Reis 22:34 sofre do mesmo problema: um indivíduo atirou uma flecha a esmo e acertou outro. Ora, o que 1 Reis mostra neste caso? Que o homem não sabia a quem iria acertar, apenas isso, mas Deus direcionou a flecha como direcionou a mão e tudo o mais. Gênesis 1:19, 20 nem necessita de explicação.

Alguns, ao verem nossa explicação podem raciocinar que defendemos, diretamente, um ocasionalismo ou decretalismo. Qualquer que seja a "doutrina filosófica", estamos do lado de textos que afirmam claramente que Deus é aquele que controla todas as coisas (Sl 147:8). E aqui cabe mais observações sobre a ciência e sobre o fato de Deus determinar que as coisas aconteçam em relação aos textos bíblicos.

Dos textos Bíblicos:

Quando você mostra um texto que afirma que Deus controla todas as coisas, sempre há alguém que levanta outro texto dizendo que decidimos, e que algumas coisas ocorrem "fora da intenção de Deus". O ponto que estes homens não percebem é que, para qualquer questão que venhamos a tratar, sempre partimos de algum texto e de alguma lógica atrelada a ele. Por exemplo, se eu creio que Deus determina tudo, então interpreto os textos que falam sobre a vontade humana e sua aparente liberdade como algo não só limitado, mas legal, para que Deus tenha de que acusar o homem pela falta da prática. Para quem parte da liberdade humana aparente, os textos que falam que Deus controla tudo carrega algo de poético, de louvor ou semelhante a isso. O problema (que já ressaltamos no texto Dos Decretos) é que para a segunda forma de ver os textos, não fica esclarecido o quanto Deus controla e como as profecias podem se cumprir, se tudo pode se alterar. A lógica dos textos bíblicos demonstra que coisas grandes só ocorrem porque outras, menores, aconteceram. Dessa forma, se em algum momento um "anticristo" vem, ele jamais irá se arrepender, pois a profecia prevê a destruição dele. Ora, para que o "anticristo" exista, é necessário uma série de fatores: nascer num tempo, ser influenciado por uma educação, interpretar o mundo de uma forma, ter uma determinada intenção, ganhar um determinado tipo de poder etc. e nada, absolutamente nada, o poderia desviar disso, afinal, segundo a interpretação tradicional do cristianismo, Cristo o destruirá (no futuro). É essencial que Deus mesmo faça com que o erro ocorra, portanto (2 Ts 2:11 – repare o termo utilizado: "erro").

Obs.: note como Deus diz a Davi que Ele mesmo fará que o filho de Davi, Absalão, cometa os pecados que cometeu contra a casa de Davi (2 Sm 11-15). Deus diz "eu farei" e depois quem faz é Absalão.

Da ciência:

Outro erro constante é dizer: os instrumentos científicos cada vez mais mostram que Deus não pode estar administrando o mundo. De onde tiram essa afirmação é estranho porque, em momento algum, as Escrituras dizem que Deus causa uma ação ficando atrás dela, mas que Deus mesmo conduz toda a ação, do início ao fim. Então, Deus não pode estar num mundo "quântico" dirigindo as coisas. Os Salmos, os Profetas e a Lei demonstram que Deus faz desde a chuva até o brotar das plantas (Sl 147:8; Gn 9:14 ["eu reunir" – Deus]; Is 5:6 – todas essas passagens [e mais] não podem ser poéticas e se o fossem, qual seria o significado?).

O que é isso? A ciência não diz que determinadas coisas acontecem para que, por exemplo, uma nuvem carregada apareça? E mais, ela com frequência não acerta a previsão? A primeira ignorância dessa visão é: por qual motivo Deus seria imprevisível? Jesus mesmo reconhece que o simples olhar para o céu nos mostra

se o tempo vai ou não mudar (Mt 16:2, 3), então não pode haver conflito entre a previsibilidade científica e o fato de Deus controlar o tempo e todas as coisas. A afirmação de Jesus é clara, se eu posso prever o tempo, eu estou prevendo o que Deus irá fazer. Pense nas próprias profecias. Deus fala sobre vários sinais que ocorreriam (dentre eles, guerras) nos "últimos dias". Ora, uma guerra não ocorre de modo "natural"? Mas essas guerras foram causadas por Deus mesmo. Poderíamos até prever elas, olhando o cenário político em Roma, vendo a formação dos exércitos, o cerco de Jerusalém, entre outras coisas. O fato de Deus fazer com que ocorram, não significou que tais acontecimentos não eram perceptíveis por outra via.

Mas voltemos ao clima. Deus faz chover. Como posso saber que isso é verdade? Todos os cálculos preveem como o clima ficará, é possível que Deus se submeta assim à matemática? Não, não é isso que dissemos. O contrário disso. Por Deus atuar no mundo de modo regular, tornando suas próprias ações previsíveis, é que é possível alguma previsão matemática dos acontecimentos. Contudo, não podemos nos esquecer de algo que tratamos no assunto dos decretos: a ciência não atinge a verdade, só atinge aquilo que é pragmático. Ora, se ela não atinge a Verdade, não devemos nos surpreender que nenhum instrumento científico não consiga "localizar" Deus. A ciência é para ser assim. Se ela atingisse a verdade seria imutável, mas sua mutabilidade está como prova de que não pode chegar à verdade e, portanto, é **apenas um instrumento de medição e previsão das coisas mensuráveis**. Se Deus é diferente do universo, não há como, pelos instrumentos, provar que ele faz chover ou não – só podemos prever se irá chover ou não, com base no que é mensurável (esta é a segunda ignorância, pois os homens acham que a ciência é, em algum nível, verdade). Eu não preciso explicar que Deus está "sob a matéria", ou "no mundo quântico", ou que "as lacunas provam a ação de Deus", quando a própria Escritura diz que a chuva é em si produzida por ele.

Talvez outro ponto seja necessário: não é o que a ciência não consegue explicar o que seja a atuação de Deus. Na verdade, o que a ciência explica é que é a atuação de Deus. Ora, a temperatura variou, por causa de uma massa de ar, que fez com que nuvens parassem sobre a cidade de São Paulo, resultando na chuva. Deus não atuou meramente no mundo quântico, mas todo o processo, do início ao fim. Deus quis que isso ocorresse, neste momento, neste lugar, daquela maneira. Tudo perfeitamente previsto por climatologistas, com cálculos, por instrumentos. Nada, porém, fora da atuação de Deus. Deixem os filósofos e cientistas debaterem, e não conseguirem explicar isso. O ponto é que não conseguem explicar nem como a ciência pode ser "verdade" e "mentira" ao mesmo tempo, como é que explicarão a atuação de Deus? Se nas coisas humanas com muita dificuldade entram em acordo, imagine aquilo que só é possível saber pela revelação de Deus! Ou você acha que é possível, olhando a natureza, sabermos que Deus está fazendo as coisas ocorrerem? Olhando a natureza eu consigo, no máximo, saber que ela é criada, por Deus, que tem poder e sabedoria, mas nada há que possa ser medido nela que prove que Deus está atuando de modo presente. Por isso existem homens que, cegos pelos olhos da carne, acreditam que Deus criou o mundo e o deixou à própria sorte, estabelecendo leis físicas para o reger.

Coitados, nem sabem que as leis físicas são apenas explicações matemáticas para a previsibilidade dos acontecimentos, e nada dizem sobre si mesmas além do que

pode ser previsto utilizando-as. Por isso sabemos que essas leis não estão em “um lugar” no universo, pois são recursos explicativos para a realidade, já que a ciência convencionou a explicação do mundo físico por meio de leis. Apenas isso. Mas não são essas leis invioláveis? Acho que você pode estar confundindo. A ciência prevê a inviolabilidade delas, mas aquele que de fato faz as coisas acontecerem não precisa prestar honra a nenhuma “lei” particular do mundo. Eu não posso utilizar uma convenção científica como prova de que milagres não ocorreram. E mais, o mundo não é, segundo a própria escritura, governado por Leis Naturais, mas por Deus. As “leis naturais” são explicações matemáticas de Deus atuando no mundo e nada mais. Pois ou você parte do princípio de que elas são invioláveis e pronto, ou você parte do princípio de que Deus revelou como dirige o mundo. Para a ciência, nada mais conveniente do que Leis Naturais. Nas Escrituras, contudo, nada mais real do que a regularidade de Deus na sustentação do mundo (Hb 1:3). Estas coisas não conflitam entre si, antes, à ciência é dado o papel de funcionar de acordo com o que medimos.

Obs.: aqui podem acusar-nos de defender uma divisão tomista entre natureza e graça. Porém, note nossa afirmação: cremos que não é possível, pela ciência, conhecer qualquer ordem de Deus, não por causa de uma limitação racional, mas porque Deus só se revelou nas Escrituras. Ora, quando você lê as Escrituras utiliza a razão, porém, o método de compreensão é distinto. Em um caso, formulamos as coisas de acordo os resultados que podem estar equivocados. No outro, compreendemos as coisas com base em informações reveladas. Esse conflito (Natureza/Graça – Graça Comum/Especial) só existe por que os homens estão tentando entender a filosofia com os instrumentos errados. Não é que usamos “duas razões”, porque o método toma forma de acordo o conteúdo. Ou você usará cálculos de movimento no espaço para compreender a divisão celular no sangue? É bem simples: Deus deu as escrituras, e elas têm seus próprios métodos (que são espirituais) e toda divisão fora disso gera bizarrices como “natureza e graça” ou o próprio neocalvinismo.

As “causas secundárias” são meramente explicações científicas. Mas do ponto de vista de Deus não existem causas secundárias. Só ele mesmo atuando. A CFW, infelizmente, por causa já da influência da ciência da época e do cartesianismo, solapa um pouco do próprio fundamento, ignorando a realidade mais simples e direta.

CAP 5:3

Na sua providência ordinária Deus emprega meios(1); todavia, ele é livre para operar sem eles(2), sobre eles(3) ou contra eles, segundo o seu arbítrio(4). Ref.: 1- At 27:24,31,44; Is 55:10,11. | 2- Os 1:7. | 3- Rm 4:29,21. | 4- 2 Rs 6:6; Dt 3:27.

Concordamos, embora seja possível discutir o que sejam “meios”. Mas isso é irrelevante. É apenas importante reforçar que Deus não depende da nada criado para agir, e que sua ação pode ir contra a expectativa científica. Deus pode agir de um modo que não o contradiz (afinal, ele não decretou leis para reger o mundo, ele mesmo o rege – logo, não contradiz nada que “tenha dito”).

CAP 5:4

A onipotência, a sabedoria inescrutável e a infinita bondade de Deus, de tal maneira se manifestam na sua providência, que esta se estende até a primeira queda(1) e a

todos os outros pecados dos anjos e dos homens(2), e isto não por uma mera permissão, mas por uma permissão tal que, para os seus próprios e santo desígnios(3), sábia e poderosamente os limita(4), regula e governa em uma múltipla dispensação; mas essa permissão é tal, que a pecaminosidade dessas transgressões procede tão somente da criatura e não de Deus, que, sendo santíssimo e justíssimo, não pode ser o autor do pecado nem pode aprová-lo(5). Ref.: 1- Is 45:7. | 2- Rm 11:32,33; 2 Sm 24:1; At 4:27,28. | 3- Gn 1:20. | 4- 2 Rs 19:28 Is 10:5-7, 12, 15. | 5- 1 Jo 2:16; Sl 50:21; Tg 1:13,14.

Já comentamos sobre o uso da palavra "infinito" ao falarmos sobre o segundo capítulo da CFW. Também já dissemos que não há "permissão" de Deus no texto sobre os decretos. De igual modo também já discutimos o sentido de "autor do pecado" no mesmo ponto. Em parte, cremos que tecnicamente esta seção do capítulo 5 soa redundante, podendo ser dispersa pelas seções anteriores. Fora isso, também ressaltamos que há alguns versículos citados deslocados do contexto.

CAP 5:5

O mui sábio, justo e gracioso Deus muitas vezes deixa, por algum tempo, seus filhos entregues a muitas tentações e à corrupção de seus próprios corações, para castigá-los pelos seus pecados anteriores ou fazer-lhes conhecer o poder oculto da corrupção e dolo de seus corações, a fim de que eles sejam humilhados(1); para animá-los a dependerem mais íntima e constantemente do apoio dele e torná-los mais vigilantes contra as futuras ocasiões de pecar, bem como para vários outros fins justos e santos(2). Ref.: 1- Dt 8:2; 2 Cr 32:25,26,31. | 2- 2 Cr 12:7-9; Sl 77:1-12; Mc 14:66-72; Jo 21:15-17.

Essas coisas são de fato claras nas Escrituras: na verdade, o próprio pecado existe porque Deus quer que exista, pois só pelo pecado ele pode demonstrar a grandiosidade de sua misericórdia e a vinda de Cristo. O mundo que existe é o melhor meio de conhecermos a glória de Deus, pois sabemos que Deus jamais o faria se não fosse para isso.

CAP 5:6

Quanto àqueles homens malvados e ímpios que Deus, como justo juiz, cega e endurece(1) em razão de pecados anteriores, ele não só lhes recusa a graça pela qual poderiam ser iluminados em seus entendimentos e movidos em seus corações(2), mas às vezes tira os dons que já possuíam(3), e os expõe a objetos que, por sua corrupção, tornam ocasiões de pecado(4); além disso, os entrega às suas próprias paixões, às tentações do mundo e ao poder de Satanás(5); assim, acontece que eles se endurecem sob influências dos meios que Deus emprega para o abrandamento dos outros(6). Ref.: 1- Rm 1:24,26,28; Rm 11:7,8; 2 Ts 2:11,12. | 2- Dt 29:4; Mc 4:11,12. | 3- Mt 13:12. | 4- 2 Rs 8:12,13. | 5- Sl 81:11,12; 2 Ts 2:10-12. | 6- Ex 8:15,32; 2 Co 2:15,16; Is 8:4; Ex 7:3; 1 Pd 2:7,8; Is 6:9,10; At 28:26,27.

Essa seção sofre com um pouco de confusão em suas afirmações. Por exemplo, nem sempre Deus cega e endurece alguém em razão de pecados anteriores (afinal, a Queda de Adão não foi por causa de pecados anteriores, o que implicaria outros pecados, e mais outros...), mas é verdade que no mundo atual o endurecimento seja geralmente por causa de pecados já alimentados no coração. Contudo (note

isso), os próprios pecados alimentados estão lá porque Deus o quis, daí Romanos 9 afirmar que mesmo sem terem feito bem ou mal Jacó e Esaú já tinham os destinos traçados (um para perdição e outro não). Deus, então, mostra nisso que não há tipo sanguíneo ou qualquer coisa em nós que o faça decidir escolher o bem para um e não para o outro. Somos como vasos de barro, que da massa sem forma e vazia, Deus destina a fins que geram em nós alegria ou tristeza, no fim de tudo. Cremos que essa seção também não precisava existir, bastando informar que Deus endurece a quem quer e deixa entregue aos pecados quando quer.

CAP 5:7

Como a providência de Deus se estende, em geral, a todos os crentes, também de um modo especial ele cuida da Igreja e tudo dispõe a bem dela. Ref.: Am 9:8,9; Mt 16:18; Rm 8:28; 1 Tm 4:10; Ef 1:22.

A grande promessa para a Nova Aliança é que, jamais, Deus puniria todo o povo novamente. Preste atenção neste detalhe: todo o povo. Diferente da nação geográfica de Israel, que sofria em conjunto todos os juízos de Deus, a Nova Israel não sofre de modo algum em conjunto, mas enquanto uma parte está sob disciplina, outra está livre de sofrimento e vice versa. Isso nos deixa felizes porque nunca mais a igreja sofrerá inteira uma mesma coisa por um mesmo pecado.

Conclusão

- A CFW divaga um pouco por causa de questões filosóficas;
- Ela poderia ter tornado este capítulo em algo menor (o que facilitaria até mesmo a absorção do conteúdo);
- A Providência de Deus está sobre todos, controlando tudo, e garantindo a proteção da Igreja.

DA QUEDA DO HOMEM, DO PECADO E DO CASTIGO – CAP. 6

CAP 6:1

Nossos primeiros pais, seduzidos pela astúcia e tentação de Satanás, pecaram, comendo do fruto proibido(1). Segundo o seu sábio e santo conselho, foi Deus servido permitir este pecado deles, havendo determinado ordená-lo para a sua própria glória(2). Ref.: 1- Gn 3:13; 2 Co 11:3. | 2- Rm 5:19-21.

Cremos não ser necessário nenhuma explicação disso. Apenas lembramos que “permissão” é, no caso de Deus, propósito. Se Deus quisesse que Adão e Eva não caíssem, eles não cairiam. Não se trata de um livre-arbítrio para “um relacionamento” verdadeiro (como Karl Barth erroneamente entende Gênesis 1- 3, pois vê essa passagem isolada da própria história da salvação), mas que sem a Queda Deus não revelaria Cristo Jesus e, portanto, todo o plano maravilhoso que vemos descortinado na história do mundo.

CAP 6:2

Por este pecado eles decaíram da sua retidão original e da comunhão com Deus(1), e assim se tornaram mortos em pecado(2) e inteiramente corrompidos em todas as suas faculdades e parte do corpo e da alma(3). Rf.: 1- Gn 3:6-8; Gn 2:17. | 2- Rm 5:12; Ef 2:3. | 3- Gn 6:5; Jr 17:9; Rm 3:10-19; Rm 8:6-8; Sl 58:1-5.

Apesar de uma tendência ao modo grego de ver a alma nos puritanos (como se a alma fosse a parte "emotiva" do homem), o texto da CFW não transmitiu este conceito, se limitando a apenas reforçar que o homem é dotado de corpo e alma. E, embora não queiramos discutir agora este assunto, cabe ressaltar: é evidente que o homem possui em si 2 "partes", sendo que o corpo, no AT, morria e a alma/espírito retornava a Deus, aguardando o grande juízo, que traria um novo corpo aos salvos. Não sabemos em que nível ficava a consciência do homem neste momento, daí a razão para o medo da morte existir mesmo entre os crentes do AT (Hb 2:15). Muitos especulam sobre um tipo de inferno dividido em partes, com crentes e ímpios num tipo de galpão espiritual. Simplesmente tal coisa só pode ser inferida a partir de leitura de livros considerados apócrifos, como Enoque, ou de algumas interpretações duvidosas de pequenos trechos de textos no NT. E mesmo que possa ser verdade, este período apenas evidencia que a alma/espírito não pode simplesmente deixar de existir, pois vem de Deus e para Deus pode retornar. Este espírito é como uma centelha divina. Contudo, Deus não quis que olhássemos além do horizonte de eventos da morte; e embora tenha trago a luz para que soubéssemos que não mais esperamos outro juízo, tendo dado corpos novos a todos os que nele creem, não foi concedido saber como exatamente é esta vida. Deus não confiou à igreja todas estas informações, garantindo que foquemos naquilo que ele nos ordenou fazermos aqui – é por isso que qualquer leitura séria das escrituras mostra que ela é extremamente "mundana", quase não tratando de coisas 'etéreas', 'espiritualistas' e semelhantes, com o objetivo de que pratiquemos ela mais do que imaginemos as coisas que nos ocorrem após a morte.

CAP 6:3

Sendo eles (nossos ancestrais primevos) o tronco de toda a humanidade, o delito dos seus pecados foi imputado a seus filhos(1); e a mesma morte em pecado, bem como a sua natureza corrompida, foram transmitidas a toda a sua posteridade, que deles procede por geração ordinária². Ref.: 1- At 17:26; Gn 2:16, 17; Rm 5:12, 15-19; 1 Co 15:21,22, 45,49. | 2- Sl 51:5; Gn 5:3; Jo 3:6; Rm 3: 10-18.

Creemos plenamente que todos os homens herdaram de Adão o pecado, e por isso a morte foi transmitida a todos, mesmo a aqueles que pecaram entre Adão e Moisés, e por isso não possuíam a lei de Deus (Rm 5:12-19). Essa natureza, herdada de Adão, nos fez pecadores antes mesmo que praticássemos qualquer bem ou mal pessoalmente. As escolhas de Adão foram as nossas escolhas, pois, se nossas consciências substituíssem a de Adão, ainda assim pecaríamos como ele. Se não herdamos pecado, e não herdamos a falha, a morte de Cristo não pode ter sua justiça herdada, pois Cristo é o último Adão, cuja realidade é aplicar aos seus sua própria justiça, substituindo penalmente os seus. Ora, se Cristo não nos substituiu, logo, merecemos a pena de morte da lei e continuamos em nossos pecados. Se de Cristo herdamos a justiça, de Adão herdamos o pecado. Sem uma herança não é possível possuir a outra.

CAP 6:4

Desta corrupção original pela qual ficamos totalmente indispostos, adversos a todo o bem e inteiramente inclinados a todo mal(1), é que procedem todas as transgressões atuais(2). Ref.: 1- Rm 5:6; Rm 7:18; Rm 8:7; Cl 1:21; Gn 6:5; Gn 8:21; Rm 3:10-12. | 2- Tg 1:14,15; Ef 2:2,3; Mt 15:19.

Uma segunda prova de que herdamos o pecado de Adão é que o pecado torna os seus dependentes dele. Infelizmente atualmente só pensamos em termos de drogas, como se este fosse o exemplo da escravidão do pecado. Mas isso não passa nem perto do que Cristo significava quando disse que os fariseus eram escravos do pecado (dificilmente usavam drogas). Ora, qual o pecado os fariseus não conseguiam evitar? O homicídio e o falso testemunho (confira João 8, todo o capítulo). O homicida não consegue não odiar, não consegue ter um sentimento de amor e pacificação, ele não consegue pensar positivamente sobre quem o contradiz. A liberdade que Cristo anuncia é aquela que nos torna livres daquilo que nos faz sempre querer transgredir a lei de Deus. Antes, todos sabiam que desejar a mulher do próximo é pecado e, como resultado, mais ainda a desejavam; com a vinda de Cristo o Espírito Santo capacitou os homens a não mais desejar a mulher do próximo, nem a sua morte e nem a mentir sobre ele.

As escrituras não perdem tempo explicando essa "natureza caída", se focando no fato de que ela existe, pois atestamos até mesmo em nossa experiência a incapacidade natural de vencer estas coisas e desejos, mostrando que livros inteiros sobre o pecado ao estilo de John Owen são mais para o próprio orgulho do que com qualquer efeito contra o pecado. Os homens que leem estes livros não se sentem nenhum pouco mais livres; na verdade, a sensação que paira sobre eles é de maior gravidade, pensando que qualquer desejo do que não possui é pecado, tornando-os estressados e com muita facilidade odiosos daqueles que perturbam a sua "paz interior". No fim, fracassam porque trabalham em cima dos "desejos" como se o problema se resumisse a isso, e não ao conhecimento correto da Lei de Deus.

Ora, o que a Escritura permite-nos compreender? Que o pecado de Adão nos tornou culpados, mesmo que não pequemos como ele, e que, em conjunto, ao morrer (perdendo toda capacidade espiritual que possuía), tornou todos os seus descendentes natimortos no que diz respeito à vida eterna.

Obs.: veja o caso do Apóstolo João, querendo adorar o anjo no livro de Apocalipse. O fato de ter a revelação bíblica e de já possuir conhecimento sobre isso ainda assim não o impediu de desejar adorar um anjo, provando que o desejo nessa direção era tão forte quanto real (Ap 19:10; 22:8, 9; cf. At 10:25, 26).

CAP 6:5

Esta corrupção da natureza persiste, durante esta vida, naqueles que são regenerados(1); e, embora seja ela perdoada e mortificada por Cristo, todavia tanto ela, como os seus impulsos, são real e propriamente pecado(2). Ref. 1- Rm 7:14, 17, 18-23; Tg 3:2; 1 Jo 1:8-10; Pv 20: 9. | 2- Rm 7:5, 7, 8- 25.

É comum hoje dizerem que o "desejo" não é pecado. Argumentam que o 'desejo de um homem por outro' não é pecado, como se fosse possível o desejo existir

sem uma coisa desejada. Estes têm revertido a verdade de Deus, tornando-a em prática externalista, enquanto dizem combater os hipócritas. Sobre os hipócritas, cremos haverem de fato entre os que são contra as práticas de sexo entre homem e homem, mas isso não diz que a prática sexual entre dois homens seja correta. Ou você crê que porque seu inimigo está errado você está certo? Tal raciocínio é tão absurdo quanto o fato de ser chamado de raciocínio (alguém que pensa assim certamente não está raciocinando).

Em primeiro lugar, qualquer desejo possui objeto, e isso é inegável. Quer ele seja informe ou não, estará presente como o conceito desejado. Se um homem deseja outro ele comete pecado, mesmo que não se masturbe. Perceba: somos completamente a favor do fato de que não há tanta proibição na bíblia quanto os crentes querem fazer parecer que há. Mas disso não se segue que não há proibições. O décimo mandamento, por exemplo, proíbe o adultério e o furto já nos desejos, mostrando que não é possível desvencilhar o desejo de uma prática, ao menos no coração. Afinal, se você deve amar a Deus de todo o coração, desejar pecar é ir contra Deus, pois está revertendo o amor a Deus para o pecado.

Podemos aceitar que é verdade que um convertido possa ter problemas com desejos sexuais do tipo (homem com homem), mas uma coisa é dizer que sente desejo e se refreia de o praticar, e outra é dizer que você tem lutado para não sentir se quer o desejo. O crente está neste último nível – embora seja possível cair como o apóstolo João.

Em segundo lugar, hipócritas existem em todos os lugares, e eles não tornam a verdade menos verdadeira por não a viverem ou por julgarem as pessoas desproporcionalmente. Se condeno os outros no que faço, estou condenando a mim mesmo: este é o principal problema do hipócrita. O que não tem misericórdia – que chamamos de legalista – em geral até vive no nível que exige, mas peca por inventar coisas que Deus não proibiu.

CAP 6:6

Todo o pecado, tanto o original como o atual, sendo transgressão da justa lei de Deus e a ela contrária torna, pela sua própria natureza, culpado o pecador(1) e por essa culpa está ele sujeito à ira de Deus(2) e à maldição da lei(3) e, portanto, exposto à morte(4), com todas as misérias espirituais, temporais e eternas(5). Ref.: 1- 1 Jo 3:4; Rm 2:15; Rm 3:9-19. | 2- Ef 2:3. | 3- Gl 3:10. | 4- Rm 6:23. | 5- Ef 4:18; Rm 1:21-28; Mt 25:41; 2 Ts 1:9.

Essa afirmação é verdadeira, embora os próprios puritanos não compreendessem o sentido pleno dela: o pecado gera a morte e, portanto, só o que é punido com a morte é que é pecado (confira o texto introdutório deste livro). Todo mundo que nega isso nega essa afirmação da CFW, embora isso não importe quando é para se defender a "lei natural" ou a tradição romana.

Cremos que a CFW poderia ter feito destas 6 seções umas duas ou três, evitando ser prolixa e, ao mesmo tempo, sendo direta no ponto que deseja.

Obs.: isso significa que o homem tem menos valor do que os animais? De modo nenhum. Pois Cristo mesmo diz “valermos mais do que muitos pássaros” (Mt 10:31). E mesmo quando Deus se diz “arrependido” de ter criado o homem, ele inclui nessa

categoria (das coisas das quais se arrepende) também a criação dos animais (Gn 6:7) – e esta é a razão do porquê homens e animais morreram no Dilúvio. Os animais não encontram redenção, nem mesmo um plano salvífico (não, Isaías não fala de animais, e trataremos disso em outro texto), logo, se morrem, é porque o pecado os atingiu, mas não foi dado a eles nenhum projeto de salvação. Em último caso, isso mesmo prova o valor do homem em relação aos animais (diante de Deus).

Conclusão

- Este capítulo da CFW é até equilibrado;
- A Queda do Homem (Adão) atingiu a todos, por isso todos morrem, pois todos pecaram em Adão.
- Do contrário, não morreríamos;
- A morte é a pena para o pecado, portanto, se não há morte, não há pecado.

DO PACTO DE DEUS COM O HOMEM – CAP. 7

CAP 7:1

Tão grande é a distância entre Deus e a criatura, que, embora as criaturas racionais lhe devam obediência como ao seu Criador, nunca poderiam fruir nada dele como bem-aventurança e recompensa, senão por alguma voluntária condescendência da parte de Deus, a qual foi ele servido significar por meio de um pacto. Ref.: Jó 9:32,33; Sl 114:5, 6; At 17:24, 25.

A CFW acerta muito bem em demonstrar que Deus se relaciona por meio de pacto/aliança. Isso é essencial às Escrituras, pois o que torna o relacionamento de Deus com homem factual não é qualquer "liberdade do homem", mas a relação factual entre Deus e o ser humano. A falha da CFW aqui foi presumir que isso se dá assim por ser a criatura distante do Criador e não por ser da natureza do Criador se relacionar assim (em outro livro tratamos do contrato de casamento e enfatizamos isso mais detidamente). Presume a CFW que o Senhor Deus se relaciona por pacto com o homem por causa da fraqueza deste, quando na verdade é por causa do tipo de relação que Deus está disposto a fazer. Dessa forma, esta primeira seção torna-se "nula". A prova de que a relação "pequenez da criatura" x "grandeza do Criador" = "pacto" é forçada, se mostra nas passagens citadas pela CFW. Todas elas falam meramente da grandeza de Deus e do fato de Deus ser inatingível. O pacto não se dá por causa disso, mas sim pela vontade de Deus, que quis relacionar conosco factualmente devido ao seu eterno propósito, de forma que todas as relações com ele se tornam perpétuas por serem dentro do pacto (e disso temos prova, como os próprios mandamentos ou o fato de a morte de Cristo nos dar acesso a Deus mesmo – tudo isso sendo pacto). Todos os textos que tratam do pacto de Deus com o homem sempre ressaltam ou a misericórdia de Deus (como Ezequiel o faz) ou o amor e interesse de Deus (como Jeremias também o faz). Em nenhum momento o foco ou o motivo do pacto é a fraqueza do homem, mas tão somente a vontade, amor e interesse de Deus de que a relação dele com seu povo seja *contínua*. É a continuidade que explica o pacto, não nossa fraqueza.

Enfatizaremos isso: o pacto não é para permitir um relacionamento com Deus, mas para garantir a perpetuidade. Por isso o contrato de casamento é uma realização humana deste pacto, pois ele dura enquanto dura a carne dos casados e, com a morte, torna a esposa livre (Rm 7:2, 3); o mesmo não ocorre no pacto com Deus, que é espiritual – e Deus não morre, portanto, o pacto é eterno. Assim, o foco factual é a durabilidade e não meramente o relacionamento, pois se Deus quisesse, sua relação conosco poderia ser sem pactos, apenas fazendo uma bondade ou outra a nós, como os “deuses” pagãos sempre o foram.

CAP 7:2

O primeiro pacto feito com o homem era um pacto de obras(1); nesse pacto foi a vida prometida a Adão e nele à sua posteridade, sob a condição de perfeita obediência pessoal(2). Ref.: 1- Gn 2:16,17; Gl 3:10; Os 6:7; I Co 15:22, 47. | 2- Gn 2:16,17; Rm 5:12-14; Rm 10:5; Lc 10:25-28.

Aqui enfrentamos um assunto grande: Paulo claramente aponta uma aliança feita no Sinai (Rm 5:12-14) que é, claramente, diferente da Aliança feita no Novo Testamento (como Hebreus ressalta). Isso implicaria que a Aliança de Deus com Adão seria uma terceira (ou a primeira, no caso)? Ou, conforme a resposta padrão, uma aliança seria apenas a ampliação de outra? Cremos que a resposta apenas carece de falta de explicação por conta da nossa forma de raciocinar o assunto.

Por exemplo, Deus fez uma aliança completa com Abraão (Gn 15, em especial o versículo 18), posteriormente, ainda revelando questões referentes à sua aliança, Deus diz que reis procederão de Abraão (Gn 17:6). São duas alianças? Claramente não, há apenas uma reafirmação específica do fato de que de Abraão procederá um povo (Gn 15:5), e não há povo sem governante. Quando Deus fala com Davi, ele não faz outra aliança, antes, reafirma aquela aliança feita com Abraão, mostrando que um rei específico viria da família de Davi (2 Sm 7:12- 16). Se Deus prometeu a Abraão a vinda de reis (em especial de um), é claro que estes reis viriam de alguém da descendência dele – estes reis não seriam fantasmas sobre os descendentes de Abraão. Quando Deus se comunica com Davi, ele apenas está prometendo que viria de Davi, que é descendência de Abraão (logo, é apenas um processo lógico daquela aliança feita com Abraão).

E a aliança do Sinai? Lembre-se de que o objetivo de Deus é salvar o homem, mas se todos estavam morrendo pelo pecado de Adão, ainda faltava algo para esclarecer isso, ou para tornar todos os homens visivelmente culpados. Por isso, com a dádiva da Lei Deus quer tornar todos os homens culpados de atos específicos até mesmo praticados por eles. Sem a lei Deus não encerraria todo o mundo sob o pecado explicitamente. Então, o que há aqui? A aliança do Sinai serve ao mesmo modelo da aliança de Deus com Adão: proibição – caso haja quebra, então há morte.

Retomemos uma parte do caminho. Em Romanos 4 vemos Abraão e Davi sendo citados, o que não ocorre sem motivo, já que a Davi a promessa abraâmica é reafirmada e a aliança de Deus com Abraão difere da aliança do Sinai. O que isso esclarece? Ora, esclarece o fato de que a aliança com Abraão é a que Deus manteve até a vinda de Cristo, com a vinda da promessa sinalizando o fim da outra aliança (do Sinai) de Deus. Deus, portanto, quer por isso mostrar não só suas duas esposas (a livre e a escrava), mas sim que a escrava não herdaria com a livre a

herança (Gl 4:22-31). Por isso é dito que Deus "mandou embora" a escrava (evidenciado pela vida de Abraão [esta é a razão do porquê Abraão não pecou neste caso, visto representar a própria atitude de Deus com relação à nação judaica e a nação israelita real]). Assim, Deus se manteve unido à nação judaica até sua destruição (ou morte), finalizando aquela aliança estabelecida no Sinai, que se formava de sombras/festas, e mantendo os mandamentos, para que a igreja (Israel), crescesse sob sua vista.

O que precisamos entender é que Deus sempre mantém duas alianças até a unificação delas. Com Adão primeiro foi demonstrado seu fracasso em guardar as ordens, para que, tendo fracassado, Deus promettesse a vinda de um salvador. Com Noé (o segundo Adão), Deus promete a não destruição do mundo. Com Abraão Deus promete um povo. Com Moisés promete um Profeta. Com Davi Promete um Rei e assim sucessivamente. Como podemos ver, tudo se trata de um percurso único, com uma mesma aliança apenas sendo especificada com o tempo (afinal, não viria um salvador da humanidade se Deus a destruísse [Noé], nem se não nascesse de um povo com reis [Abraão], muito menos se não viesse de um rei específico [Davi]).

Quando chegamos ao NT, a aliança de Deus alcança suas promessas, de modo que Cristo une o povo, por meio de sua morte, terminando aquela aliança da Arábia, mas mantendo os mandamentos como sinal da guarda dessa aliança, embora a entrada nela seja pela fé. Adão teve, portanto, com ele mesmo, "dois pactos", um apontando o do Sinai (que leva à morte, como ocorreu com ele mesmo [uma aliança para morte]) e o outro apontando o de Cristo (que leva à vida). A partir destes dois pactos a história da Salvação se desenvolve. E aquele que não entra no pacto da fé, apenas recebe o efeito da Queda de Adão (a morte) e da quebra particular dos mandamentos (não pesa sobre ele nenhuma quebra das festas/sombras, pois foram dadas à Igreja no AT).

Obs.: nenhum "pacto de obras" podia dar a vida ao seu praticante. Adão, embora alguns possam implicar que a guarda do mandamento resultasse em vida, foi feito para cair em pecado, visto que a carne não pode herdar o reino de Deus (1 Co 15:50 – e Adão era de carne, corruptível, e não glorioso, incorruptível [1 Co 15:46-49]); o objetivo de Deus era que a realidade de Adão atestasse a espiritualidade da aliança da fé (ou da graça) e a incapacidade do homem de guardar qualquer dos mandamentos.

Creemos que não precisamos explicar as passagens bíblicas, pois atestam claramente este ponto, principalmente Oséias 6:7 ("pois eles transgrediram a Aliança, como Adão" – ora, isso prova que Adão transgrediu a aliança – a mesma que vigorava na época de Oséias).

Obs.: estamos cientes das possibilidades de tradução distintas para Os 6:7. Porém, supondo que essa passagem não seja lida assim, façamos um exercício mental: no Sinai, Deus deu ao povo ordens e disse que se transgredisse este morreria, e chamou isso de "Aliança". A Adão Deus deu uma ordem e disse que se este a transgredisse morreria. Como uma coisa pode ser diferente da outra não é possível saber, já que ambas possuem uma estrutura de aliança que implica morte igualmente. Distinta da Aliança de Abraão e Cristo, que apenas promete vida, e não pode, portanto, falhar.

O homem, tendo se tornado, pela queda, incapaz de viver por esse pacto, dignou-se o Senhor de fazer um segundo pacto, geralmente chamado o pacto da graça(1); nesse pacto ele livremente oferece aos pecadores a vida e a salvação por Jesus Cristo, exigindo deles a fé nele para que sejam salvos(2); e prometendo dar a todos os que estão ordenados para vida o seu Santo Espírito, para dispô-los e habilitá-los a crer(3). Ref. 1- Mt 26:28; Gl 3:21; Is 42:6; Gn 3:15; Hb 10:5-10. | 2- Jo 3:16; At 16:30,31. | 3- Jo 3:5-8; Jo 6:37, 44; Ez 36:26, 27.

Creemos não haver necessidade de acréscimo nisso, pois já foi claramente explicado acima.

CAP 7:4

Este pacto da graça é frequentemente apresentado nas Escrituras pelo nome de Novo Testamento, em referência à morte de Cristo, o testador, à perdurável herança, com tudo que lhe pertence, legada neste pacto. Ref.: Hb 9:15-17.

Dizer que é "frequente" é um exagero (dado citar somente uma passagem, inclusive), porém, é fato de que o Pacto é chamado de "Novo", pois o velho passou (que é chamado de "Testamento"), havendo um novo contrato.

CAP 7:5

Este pacto no tempo da lei não foi administrado como no tempo do Evangelho(1). Sob a lei foi administrado por promessas, profecias, sacrifícios, pela circuncisão, pelo cordeiro pascal e outros tipos e ordenanças dadas ao povo judeu, prefigurando, tudo, Cristo, que havia de vir(2); por aquele tempo essas coisas, pela operação do Espírito Santo, foram suficientes e eficazes para instruir e edificar os eleitos na fé do Messias(3) prometido, por quem tinham plena remissão dos pecados e a vida eterna: essa dispensação chama-se Velho Testamento(4). Ref.: 1- Hb 1:1,2; 2 Co 3:6-9. | 2- Rm 4:11. | 3- Hb 11:13; Jo 8:56; Gl 3:6-8. | 4- At 15:11; Gl 3:8, 9, 14.

Apesar de uma ênfase temporal nesta seção, o fato é que a Escritura desenvolve primeiro os pactos e depois os tempos dentro deles. Como sabemos disso? Ora, baseado no fato de Deus ter feito com Adão os dois pactos e, só posteriormente, tê-los desenvolvido. O tempo é secundário em relação ao pacto, e não primário. Contudo, o tempo marca o período de atuação de um pacto, como, por exemplo, o fato de agora não precisarmos mais efetuar os sacrifícios do pacto antigo.

Ora, veja, não que o tempo do pacto tenha limitado o pacto, mas que o pacto foi feito para durar um tempo, e disso notamos mesmo na Queda, pois Deus estabelece que em algum tempo viria a semente para esmagar a serpente. Ora, o que precede então na promessa? O tempo ou o pacto? Claramente o pacto, pois sem ele o tempo não se cumpre, mas o tempo é a marcação, ou aquilo que sinaliza a compreensão do pacto. Assim, Deus fez aliança com Adão, prometendo que em algum tempo viria o salvador, para garantir a vitória sobre a morte.

CAP 7:6

Sob o Evangelho, quando foi manifestado Cristo, a substância, as ordenanças pelas quais este pacto é dispensado são a pregação da palavra e a administração dos sacramentos do batismo e da ceia do Senhor(1); por estas ordenanças, posto que

poucas em número e administradas com maior simplicidade e menor glória externa, o pacto é manifestado com maior plenitude, evidência e eficácia espiritual(2), a todas as nações, aos judeus bem como aos gentios(3). É chamado o Novo Testamento. Não há, pois, dois pactos da graça diferentes em substância, mas um e o mesmo sob várias dispensações(4). Ref.: 1- Cl 2:17; Mt 28:19,20; 1 Co 11:23-25. | 2- Hb 8:6-13; 2 Co 3:9-11. | 3- Ef 2:15-19. | 4- Gl 3:17, 29.

Sobre o assunto dos sacramentos, retornaremos no capítulo próprio da CFW, pois cremos haver uma confusão escatológica atrelada a eles. Aqui nos focaremos brevemente no sentido de "sob várias dispensações". Sabemos o que o conceito significa, mas cremos ter sido indevidamente utilizado. Por exemplo, em Gálatas 3 vemos que a promessa feita a Abraão permanece a mesma, sem ter alterado, o que confirma o fato de haver um pacto feito com ele e conosco. Por outro lado, este mesmo pacto não foi alterado com o tempo, nem sofreu qualquer influência do pacto da lei. Antes, a lei veio após a promessa justamente para guiar até ela e mantê-la em foco, mas o tempo todo a promessa permaneceu a mesma, apenas com a sua compreensão lógica sendo ampliada (ou especificada). Talvez, uma melhor forma de dizer, seria: "um pacto somente mesmo durante a lei (pois não há várias dispensações)". Note que buscamos eliminar a compreensão de haver várias dispensações. Há apenas dois pactos, ambos sendo administrados conjuntamente, embora um apenas como promessa e o outro recebendo plena recepção com Moisés.

Cremos que aqui CFW falha na sua ordem lógica. Ora, elogiamos em outra parte a ordem da CFW, mas isso considerando não a Escritura, mas sim a ordem meramente lógica. Consideramos que seria muito melhor caso a CFW seguisse do modo abaixo:

: As Escrituras > A Lei > O Pacto > A Queda > Deus e a Trindade :

ou, ainda:

: A Lei > As Escrituras > O Pacto > A Queda > Deus e a Trindade :

Da forma como a CFW segue desorganiza a ordem de importância dos assuntos, tratando-os por ordem de compreensão. Como podemos notar, as próprias Escrituras não se organizam por ordem de compreensão, mas pela mensagem que Deus quis passar por elas. Infelizmente não temos como voltar no tempo para uma sugestão tal e dificilmente os próprios "guardiões da CFW" modernos estão dispostos a aceitarem qualquer correção nela.

Conclusão

- Deus só se relaciona pelo Pacto/Aliança/Contrato;
- O Homem quebrou o primeiro pacto e a especificação dele em Moisés;
- O segundo pacto é, por natureza, inquebrável, pois depende somente de Deus (não da carne);
- O tempo é irrelevante quando consideramos o pacto, mas é essencial para compreendermos a existência dele;
- A CFW tem uma falha em sua organização, diminuindo a prioridade dos assuntos.

DE CRISTO, O MEDIADOR – CAP. 8

CAP 8:1

Aprouve a Deus, em seu eterno propósito, escolher e ordenar o Senhor Jesus, seu Filho Unigênito, para ser o Mediador entre Deus e o homem(1), o Profeta(2), Sacerdote(3) e Rei(4), o Cabeça e Salvador de sua Igreja(5), o Herdeiro de todas as coisas(6) e o Juiz do mundo(7); e deu-lhe desde toda a eternidade um povo para ser sua semente(8) e para, no tempo devido, ser por ele remido, chamado, justificado, santificado e glorificado(9). Ref.: 1- Is 42:1; 1 Pd 1:19,20; 1 Tm 3:5; Jo 3:16. | 2- Dt 18:15; At 3:20-22. | 3- Hb 5:5,6. | 4- Is 9:6,7; Sl 2:6. | 5- Lc 1:33; Ef 5:23. | 6- Hb 1:2. | 7- At 17:31; 2 Co 5:10. | 8- Jo 17:6; Ef 1:4; Jo 6:37, 39; Is 53:10. | 9- 1 Tm 2:5,6; 1 Co 1:30; Rm 8:30; Mc 10:45.

Cremos não ser necessário corrigir ou acrescentar nada a esta seção, ela é suficientemente clara e com absoluta certeza revela aquilo que é o poder e ofício de Cristo.

CAP 8:2

O Filho de Deus, a Segunda Pessoa da Trindade, sendo verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância do Pai e igual a ele, quando chegou o cumprimento do tempo, tomou sobre si a natureza humana(1) com todas as suas propriedades essenciais e enfermidades comuns, contudo sem pecado(2), sendo concebido pelo poder do Espírito Santo no ventre da Virgem Maria e da substância dela(3). As duas naturezas, inteiras, perfeitas e distintas – a divindade e a humanidade – foram inseparavelmente unidas em uma só pessoa, sem conversão, composição ou confusão(4); essa pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém, um só Cristo, o único Mediador entre Deus e o homem(5). Ref.: 1- Jo 1:1,14; 1 Jo 5:20; Fp 2:6; Gl 4:4. | 2- Hb 2:17; Hb 4:15. | 3- Lc 1:26, 27, 31, 35; Mt 16:16. | 4- Cl 2:9; Rm 9:5. | 5- Rm 1:3-4; 1 Tm 2:5

Esta seção é um desenvolvimento natural dos credos que buscam afirmar claramente que Jesus é Deus, tanto de acordo com o AT quanto com o NT. E, embora possamos dizer que este seja um dos grandes acertos da igreja, não podemos presumir que as formulações estejam isentas de falhas. Por exemplo, podemos dizer que ambas as naturezas (divina e humana) estão unidas em Cristo, mas não sabemos como isso ocorre, pois a própria Escritura chama isso de mistério (1 Tm 3:16). Perceba que, por ser um mistério, não é possível afirmar o que é, mas, no máximo, o que não é. Para melhor esclarecer, imagine a seguinte comparação: digamos que surja uma seita ensinando que Cristo se encarnou, mas que ele era, na verdade, a encarnação do Espírito Santo. Isso claramente não é ensinado nas escrituras, e elas demonstram que quem encarnou foi o Verbo, não o Espírito. Ou, de outro modo, digamos que outra seita ensine que Cristo apenas assumiu a semelhança humana, mas jamais teve carne. Isso é uma heresia também. Qualquer que seja o ponto, sabemos o que é o erro, mas em nenhum lugar da Escritura é definido claramente como que a encarnação se deu, pois, por natureza, é um mistério.

Mistério significa que nem Deus revelou e que nem o estudo filosófico pode esclarecer. Veja dessa forma: normalmente é debatido se Cristo tinha uma ou duas vontades (uma divina e outra humana), pra isso, textos que demonstram Cristo exercendo vontade sempre são estudados. Os Cristãos não deveriam se preocupar com este assunto, pois é dúvida de filósofos que querem dissecar a natureza da encarnação. A Escritura nada afirma sobre isso, pois independente de parecer que Cristo tenha uma ou duas vontades, ela encerra tudo isso sob mistério, para que não venhamos a corromper mais ainda o ensino com as questões que nem mesmo a Escritura se importou.

Podemos afirmar, claramente, que Cristo possuía completamente uma natureza humana, mas não temos como saber se isso significa "uma alma humana" ou "alma divina". O que sabemos? Ora, que Cristo é Deus e que possuía uma carne humana, apenas isso. O que nos torna redimidos é o fato de Cristo ter derramado o seu sangue (e não se ele tinha uma alma humana ou não, que é onde filósofos se perdem debatendo, como Craig e Moreland, afirmando que sem Cristo ter uma alma humana não poderia redimir essa alma – isso é só uma falsa dicotomia, mero contraste retórico, pois na Escritura nunca é dito que somos salvos por Cristo ter uma alma de uma forma ou de outra, mas por ter encarnado e derramado seu sangue, somente isso). Ora, Cristo, mesmo tendo a carne, aparece gloriosamente em visões para os apóstolos antes da morte e ressurreição (Mt 17:1-13), isso significa alguma coisa contra sua natureza humana? De modo nenhum, visto que o próprio Moisés desceu do monte com o rosto coberto de glória.

O que podemos afirmar, portanto? Aquilo que o texto claramente afirma. As Escrituras não foram dadas para os inimigos da fé, embora os refute, mas para a igreja, o povo de Deus. Os inimigos da fé tropeçarão porque seus interesses não são o de conhecer a fé em Cristo, e sim de encontrar nela meios para a refutar e, não conseguindo a refutar, acabam por produzir nos cristãos a morosidade devido o interesse filosófico. Como já dissemos em outro livro (Falsos Pecados), não cremos que a filosofia seja ruim ou mesmo nociva. Ela é uma ótima ferramenta científica, porém, por ser uma ferramenta científica é que não pode ser o trampolim da fé. Se o autor de Hebreus dissesse: "pela razão (lógos)" ou "pela mente (nous)" é que compreendemos as coisas que não se veem, poderíamos sem medo entregar o debate à filosofia, mas ele afirma algo diferente disso: "pela fé" (Hb 11). Assim, faremos uma pequena digressão para os curiosos entenderem o que está em vista quanto à encarnação:

O que é a fé? A fé é a crença no que Deus diz (portanto, naquilo que não se vê). Quando Deus disse a Abraão que este seria pai de multidões, Abraão não podia ver, nem notar pelos meios comuns e ordinários qualquer sinal disso. Antes, pela fé, isto é, crendo no que Deus disse, é que ele submete a razão, crendo contra a expectativa (Rm 4:18). O que é a fé? É crer que tudo dará certo? Que tudo será bom? Não, é crer no que não se vê, **desde que declarado por Deus**.

A questão é que fé é certeza das coisas que não se veem e, portanto, a razão não pode ser a mesma coisa que a fé, de modo que ou a razão se trata somente das coisas que se veem ou não pode ter certeza absoluta do que diz – talvez, melhor do que isso, ela seja as duas coisas: daquilo que se vê e da incerteza dessas coisas (daí o motivo de a ciência sempre mudar e nunca poder ser dogmática). Dessa

forma, fé e razão nunca se contradizem, pois ambas se referem a coisas e conteúdos distintos.

Isso não significa que a fé é irracional, ela apenas se mostra impassível de prova científica, cujo objetivo é diferente e, portanto, não faz sentido dizer que a fé "é irracional". Tal absurdo é como dizer que "um carro não voa"; não só é óbvio que ele não voa, mas também é óbvio que não foi feito para isso. Dessa forma, a fé parece contradizer a razão apenas porque confundimos seus objetivos e papéis.

Tendo visto estes elementos relativos à fé, podemos retomar o assunto: se não é possível afirmar, pelo estudo da razão meramente, como se deu a encarnação de Cristo, devemos nos contentar com aquilo que a Escritura diz. Não ignore que para quase qualquer afirmação bíblica é necessário fé em absoluto. Ora, se a Escritura diz que um povo morreu nas mãos de israelitas, a partir de uma ordem dada por Deus, só podemos aceitar isso pela fé, pois, talvez, nunca vejamos nenhuma evidência deste povo em particular. Quando Deus diz que é pecado dois homens terem relações sexuais, só podemos saber disso pela fé, mesmo que a ciência resolva os problemas comumente associados a isso. Pois, quando alguém peca, não é possível ver nenhuma linha ultrapassada, antes, só se sabe que pecamos porque Deus o diz; portanto, pela fé é que sabemos. Cristo, assim, se encarnou, assumiu a forma de homem, morreu e ressuscitou, e isso é recebido pela fé, porque Deus disse. E somos felizes se cremos sem ter visto (Jo 20:29).

Obs.: Essa doutrina claramente carece de uma boa explicação, o que joga ela novamente para o nível de mistério. Por exemplo, quando dizemos que a "natureza humana" de Cristo sofreu, isso quer dizer que essa natureza não possuía uma mente própria e mesmo assim sofreu? Ou, Cristo tinha uma mente divina e outra humana que sofreram individualmente? Além disso, se Cristo é uma única pessoa, como pode uma natureza sofrer separada da outra, já que ambas estariam unidas em uma única pessoa? O contrário disso seria dizer que Cristo era "duas pessoas" (o que também não é aceito historicamente). Veja como o problema deixou de ser teológico: eu preciso definir "natureza" (divina e humana), "pessoa", "mente", "vontade" e estabelecer uma relação entre essas coisas. Note que tudo o que precisamos definir é assunto natural da Filosofia, portanto, não faz sentido uma discussão teológica, visto que a própria Escritura nunca se engajou na explicação dessas coisas.

Mas e Maria (mencionada na seção da CFW)? Uma mulher santa, que cumpriu o propósito de Deus, é eventualmente rebaixada pelos protestantes e supervalorizada pelos católicos romanos. Se a tradição da igreja é que afirma as coisas referentes a ela (como ascensão, impecabilidade), então a tradição está errada e não tenho o que discutir com estes homens. Fiquem com suas tradições enquanto afirmamos aquilo que aos olhos deles é absurdo e viola até mesmo a natureza de Deus. Todo homem que se apegua à tradição torna-se ignorante, pois é sensível, visto ter se entregue ao que os olhos veem, invalidando a fé. Cristo mesmo nega a tradição dos fariseus em Mateus 5 – 7, provando que a "tradição oral" deles não passava de bobagens humanas.

Ora, a Mishna mesmo mostra que os fariseus creem que Moisés deu instruções orais ao povo e que não foram escritas na Lei. Tais instruções são justamente o que Jesus refuta, pois estes se apegam às tradições de homens. Quando Jesus fala da lei sem citar nenhum mestre o povo se maravilha, pois Jesus não ensina como os

mestres da lei (Mt 7:28, 29). Os católicos romanos (e até protestantes) se entregaram às tradições, pois pensaram não haver clareza suficiente na Escritura sobre as ordens de Deus, crendo que os apóstolos deram tradições orais ao povo à parte da própria Escritura e que a igreja perpetuou por todos os séculos. Sim, protestante também tem esse tipo de tradição: pergunte sobre a guarda do domingo ou véu para alguns deles.

Bom, lhes direi uma coisa: mesmo que fosse verdade, a igreja primitiva não era formada de muitos homens sábios (1 Co 1:26), e já havia disputas entre os crentes mesmo enquanto os apóstolos viviam (veja a carta aos Gálatas, 1 e 2 Coríntios, Colossenses, as cartas às igrejas em Apocalipse, a carta de Tiago entre outras), você quer acreditar que a igreja foi competente a ponto de transmitir o ensino apostólico oralmente com perfeição? Se com os apóstolos em vida eles precisaram corrigir crentes doutrinariamente e até outros apóstolos (Gl 2:11), imagine a igreja comum! A promessa de Deus para a Nova Aliança é que o povo não pecaria mais como o povo na antiga aliança, e não que o povo teria uma capacidade intelectual para ensinar mais coisas além do texto bíblico!

Note, ironicamente, que sempre as tradições acrescentam uma prática religiosa e jamais uma prática de bondade, pois toda a bondade está revelada nas Escrituras, mas os ritos, cerimônias (com exceção das instituídas por Deus no AT), debates e coisas semelhantes são invenções humanas. Estes acréscimos nunca são funcionais, sempre são questões de contemplação ou de processo ritual. Nunca são, de fato, uma explicação da prática da justiça, isto é, da ajuda simples ao pobre, por exemplo. Afinal, o que podem acrescentar a isto? Nada!

Assim, para demonstrar um caso contemplativo, perceba: segundo a "tradição" Maria nasceu sem a mancha do pecado, e logicamente ela não só não morreria de modo ordinário, como superaria o próprio Adão (veja, este ensino em nada contribui para qualquer prática de justiça que as escrituras exigem, apenas coloca uma série de observações para a contemplação e intercessão de Maria). Mas em nenhum momento na Escritura há qualquer exceção para o pecado, pois todos pecaram (Rm 3:23) e somente Cristo tomou a natureza humana sem pecado (Hb 4:15) – que achem qualquer afirmação apostólica e veterotestamentária do contrário disso sobre Maria!

Ora, Maria também é "Mãe de Deus", mas o é apenas por ter gestado a Cristo, o Senhor o que, também, não significa nada mais em relação a Cristo, embora possa conferir a ela honra e dignidade. Pois, como sabemos, a carne e o sangue não herdaram o reino de Deus (1 Co 15:50), portanto, assim que Jesus ressuscitou, não mais carregava a carne ou sangue de Maria, mostrando que "não há sangue mariano correndo em suas veias". Assim, Cristo não mais presta qualquer tipo de honra maternal, somente Paternal, pois Deus, o Pai, é seu Pai desde a eternidade. Maria, porém, também já morreu, sendo, como os outros crentes, "filha de seu filho" (Mt 12:46-50).

Se Maria permaneceu virgem, tanto faz, já que em momento algum as Escrituras ensinam ser o sexo ou falta dele algum pecado. Contudo, conforme Paulo mesmo ensina, o melhor é que marido e mulher tenham sexo regularmente, parando apenas para coisas como a oração (1 Co 7:5). Se José e Maria não fizeram sexo, então, se abstiveram daquilo que o casamento mesmo foi feito para garantir: tornar

uma só carne. Se não há uma só carne, o contrato de casamento é mera fachada, embora ainda real. Maria e José estariam se abstendo do melhor e, segundo a filosofia Católica Romana, abster-se do melhor é também cair abaixo do ideal, podendo até mesmo resultar em pecado (inclusive, dizem que Adão e Eva formam o ideal de casal [o que não seria verdade], logo, qualquer coisa fora do ideal é falha, e se Maria se absteve do sexo, ela se absteve do ideal para o casamento, tendo, portanto, falhado).

Há uma série de confusões, pois os cristãos reagem ao platonismo com um "idealismo criacional", crendo que o ideal é aquilo que Deus fez na criação. Sinto dizer-lhes, mas nem o platonismo e nem o ideal da criação é o que Deus ensina nas Escrituras. Pois, como vimos, a criação é, por natureza, incapaz de herdar o reino dos Céus. Adão não podia herdar os céus, visto ter sido feito de carne e sangue, o que mostra que não é possível possuir nada semelhante ao corpo que temos. Porém, também não é verdade que no céu somos espíritos desencarnados meramente. A ressurreição de Cristo veio para mostrar que teremos um corpo glorioso (não feito de carne e sangue), e que ele possui propriedades distintas, indestrutíveis e no qual é impossível adquirir o contrato de casamento.

A Escritura ensina estas coisas com clareza, mas por causa das tradições humanas, ficamos preocupados com coisas que nada acrescentam à piedade.

CAP 8:3

O Senhor Jesus, em sua natureza humana unida à divina, foi santificado e, sem medida, unguido com o Espírito Santo(1), tendo em si todos os tesouros de sabedoria e ciência(2). Aproveu ao Pai que nele habitasse toda plenitude(3), a fim de que, sendo santo, inocente, incontaminado e cheio de graça e verdade, estivesse perfeitamente preparado para exercer o ofício de Mediador e Fiador(4). Este ofício ele não o tomou para si, mas para ele foi chamado pelo Pai(5), que lhe pôs nas mãos todo o poder e todo o juízo e lhe ordenou que os exercesse(6). Ref.: 1- Lc 4:18, 19, 21; At 10:38. | 2- Cl 2:3, 17 | 3- Cl 1:19. | 4- Hb 7:26; Jo 1:14. | 5- Hb 5:4, 5. | 6- Jo 5:22, 27; Mt 28:18.

Como a primeira seção deste capítulo, esta é um resumo excelente do que o Pai deu ao Filho.

CAP 8:4

Este ofício o Senhor Jesus empreendeu voluntariamente(1). Para que pudesse exercê-lo, foi feito sujeito à lei(2), que cumpriu perfeitamente(3); padeceu imediatamente em sua alma(4) os mais cruéis tormentos e em seu corpo os mais penosos sofrimentos(5); foi crucificado e morreu(6); foi sepultado e ficou sob o poder da morte, mas não viu a corrupção(7); ao terceiro dia ressuscitou dos mortos(8) com o mesmo corpo com que tinha padecido(9); com esse corpo subiu ao céu, onde está sentado à destra do pai(10), fazendo intercessão(11); de lá voltará no fim do mundo para julgar os homens e os anjos(12). ref.: 1- Sl 40:7, 8; Fp 2:5-8. | 2- Gl 4:4. | 3- Mt 3:15; Jo 17:4. | 4- Mt 26:37, 38; Lc 22:44; Mt 27:46. | 5- Mt caps 26 e 27. | 6- Fp 2:8. | 7- At 2:24, 27; At 13:37. | 8- 1 Co 15:4. | 9- Jo 20:25, 27. | 10- Lc 24:50, 51; At 1:9; At 2:33-36. | 11- Rm 8:34; Hb 7:25. | 12- At 10:42; Mt 13:40-42; Mt 16:27; Mt 25:31-33; 2 Tm 4:1.

Esta seção é uma das mais densas teologicamente do capítulo e, junto com a densidade, veio os erros. O primeiro erro cometido pela CFW neste capítulo era comum aos judeus (de alguns grupos, na verdade): o de crer que a ressurreição tem em si o mesmo corpo que o atual de algum modo. Isso deveria ficar claro ser impossível, pois carne e sangue não herdam o reino de Deus (1 Co 15:50) e, portanto, o corpo não pode ser o mesmo. A CFW cita o capítulo 20 de João, nos versículos 25 e 27, no qual Tomé toca as feridas de Cristo (nas mãos e do lado). Presumir que isto é o estado eterno de Cristo é uma falha, visto que aos apóstolos Jesus se apresentou como era antes da ressurreição.

Parece uma volta retórica, é claro, pois o texto de João continua ressoando em sua cabeça. Mas não ignore o ponto: João 20 é uma descrição histórica, 1 Coríntios 15 é uma afirmação de regra. Jesus, pela própria natureza de seu ministério, não ressuscitou imediatamente no reino de Deus. Ora, sabemos que a natureza da ressurreição não é para esta terra, e mesmo assim Jesus estava nesta terra – violando o princípio de que os mortos e ressurretos não podem estar neste mundo. Talvez você pense: mas na ressurreição reinaremos neste mundo. Contudo, nem mesmo você crê que será no mundo no estado atual, mas sim transformado. Ora, se Jesus veio no mundo no estado atual dele e ressurreto, então ele mesmo “violou” a regra de que os ressurretos não podem estar neste mundo atual. Logo, não devemos esperar que ele apareça conforme a sua forma final neste mundo, do contrário, não poderíamos, de fato, o compreender ou o perceber realmente.

Assim, o corpo dele não sofreu decomposição, mas foi removido deste mundo, sendo transformado para um corpo de glória. Por isso tanto o salmo como o NT confirmam o fato de o sepulcro estar vazio: não porque o corpo foi reaproveitado (ou você acha que quem virou cinzas não pode ressuscitar?), mas para cumprir a promessa de que o Cristo não veria corrupção da carne.

Mas, dirá você, nenhum texto prova isso. Ora, você está olhando os eventos históricos e confundido com a regra da ressurreição. Essa regra exporemos melhor em outro texto, por hora, note: onde Cristo está, não há corrupção, portanto, não há feridas e nem coisas que só são possíveis num corpo corruptível. Não é o machucado fruto de um corpo que pode se ferir? Como Cristo poderia ter, eternamente, feridas, se ele mesmo não pode ter um corpo corruptível? Cristo ressurreto neste mundo era uma coisa anormal, própria de sua missão, para provar que suas feridas foram reais; contudo, feridas não permanecem em um corpo glorificado.

Voltemos agora nossa atenção para sua vinda. Ensinaram-nos, desde os Pais da igreja, que Cristo voltaria num futuro, próximo ou distante. Nos ateremos aos textos citados pela própria CFW para mostrar o justo oposto disso: ele já veio.

Mateus 13:40-42: Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo. Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade. E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Há uma grande falha de tradução neste texto, pois a palavra “mundo” não está devidamente traduzida. A palavra grega (αἰῶνος) nunca significa meramente “mundo” (no sentido de planeta terra ou universo), mas sempre tem uma relação

de tempo atrelado ao termo. Cristo está apontando para a consumação deste mundo/tempo, isto é, a finalização daquela era. Claramente o problema não é da existência do mundo, pois o termo "consumação" ainda empresta ao termo "mundo" o aspecto claro de temporalidade. "Na conclusão deste tempo" seria uma boa tradução.

Tendo entendido isto, precisamos entender que "tempo" é este. Conforme o contexto de Mateus 13 mostra, Cristo está falando sobre o povo que o via e ouvia (13:13-17), apontando que o tempo específico é aquele no qual os homens o ouvem (neste [τούτου] tempo). Mais uma prova disso é que o autor da carta aos Hebreus diz que Cristo veio no "fim do mundo" (Hb 9:26), fazendo um único sacrifício. O sacrifício de Cristo é o marcador do fim, pois a era dos sacrifícios chegaria ao fim em breve (Dn 9:27).

Ora, se Cristo veio no fim do "mundo", é preciso entender que ele está dizendo que sua morte ocorre próximo a este fim, logo, é natural concluirmos que Cristo está falando de um fim de uma era (do AT) e não do planeta, já que o planeta ainda existe mesmo após 2 mil anos da morte de Cristo. E qual a prova do fim do mundo (do AT)? A destruição do Templo. Cristo aponta este fim com clareza, mostrando que o julgamento ocorreria logo após esta destruição (portanto, na época da festa dos tabernáculos, no mês do julgamento – Tishri). Os anjos (como o anjo da morte em Êxodo), atuam na morte dos ímpios (recolhendo de Israel estes ímpios para a fogueira).

Mateus 16:27, [28]:Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.

Os membros da Assembleia intencionalmente citaram Mateus 16:27 sem o versículo seguinte, pois ele claramente diz que alguns homens que ouviam Jesus não provariam a morte antes de ver a vinda de Cristo em seu reino. Todos estes homens que se alinham ao pós-milenismo, pré-milenismo, amilenismo e outras formas comuns à escatologia, não conseguem explicar o fator óbvio que este texto carrega: Cristo viria na glória do Pai, e muitos ali não morreriam antes disso (1 Co 15:51). Mas vejamos o que isso quer dizer: o que é a "glória do Pai"?

Então a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo; de maneira que Moisés não podia entrar na tenda da congregação, **porquanto a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do Senhor enchia o tabernáculo.** (Êxodo 40:34,35)

Ninguém parece notar que a Glória de Deus [quase] sempre está atrelada ao aparecimento de nuvens no AT (Nm 9:15; Êx 19:9; Ap 14:14; Mt 17:5). Todos os que presenciaram a vinda da nuvem presenciaram a Deus. Ver a nuvem era ver a Deus. O tabernáculo, atrelado ao sacrifício, se valia do incenso para produzir nuvens (Lv 4:7; Mt 27:45), apontando que não só o sacrifício de Cristo seria rodeado de nuvens de escuridão, mas que a sua vinda seria sobre (não abaixo) as nuvens (Mt 24:30). Portanto, todos os olhos que viram a fumaça em Israel na destruição do templo (em fogo) e as nuvens em torno da cidade de Jerusalém, viram a vinda do Filho do homem sobre as nuvens.

Mateus 25:31-33: E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda.

Não cremos ser necessário muita explicação, pois já demonstramos isso comentando a outra passagem. Contudo, pode surgir uma dúvida: que julgamento de todas as nações é este? Ora, é simples, é o julgamento de todos os povos existentes durante todo o AT. Cristo, pois, julgou todos os crentes e descrentes que viveram e morreram até a destruição do Templo.

2 Timóteo 4:1: Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino.

O português não possui a riqueza de palavras que o grego, por isso, é necessário perceber que tipo de coisa está sendo significada com determinada palavra. Por exemplo, em 2 Timóteo 4:1, o termo para "vivos" (ζῶν) não é sempre aplicado à vida comum, que temos na carne (2 Tm 2:4 – aqui é o termo βίος). 2 Timóteo está falando de um tipo de gente que Cristo estaria julgando entre os que têm "vida espiritual" e os "mortos" (Ap 20:4 [repare o "e viveram", mesmo após terem sido mortos; contraste isso com os "mortos" no versículo 5]). Ora, Cristo iria julgar os que estavam "mortos" e "vivos" (na carne) ou "mortos" e "vivos" espiritualmente? Claramente é o segundo caso. No final deste livro voltaremos ao assunto da escatologia com mais calma.

CAP 8:5

O Senhor Jesus, pela sua perfeita obediência e pelo sacrifício de si mesmo, sacrifício que, pelo Espírito Santo, ele ofereceu a Deus uma só vez, satisfaz plenamente à justiça de seu Pai(1), e para todos aqueles que o Pai lhe deu, adquiriu não só a reconciliação, como também uma herança perdurável no Reino dos Céus(2). Ref.: 1- Rm 5:19; Hb 9:14; Rm 3:25,16; Hb 10:14; Ef 5:2 | 2- Ef 1:11,14; Jo 17:2; Hb 9:12.15.

Cremos não haver necessidade de explicar esta seção, pois tudo isso afirmado deve ser óbvio para todos os crentes.

CAP 8:6

Ainda que a obra da redenção não foi realmente cumprida por Cristo senão depois da sua ressurreição; contudo a virtude, a eficácia e os benefícios dela, em todas as épocas sucessivamente desde o princípio do mundo, foram comunicados aos eleitos naquelas promessas, tipos e sacrifícios, pelos quais ele foi revelado e significado como a semente da mulher, que devia esmagar a cabeça da serpente, como o cordeiro morto desde o princípio do mundo, sendo o mesmo ontem, hoje e para sempre. Ref.: 1- Gn 3:15; Ap 13:8.

Cristo não foi morto desde a fundação do mundo, mas amado e conhecido (1 Pd 1:20). A passagem de Apocalipse é apenas uma má tradução, veja:

E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses **cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.** (Apocalipse 13:8)

É assim como a maioria das traduções trazem o texto, mas o correto se encontra (ironicamente) na versão Católica:

e hão de adorá-la todos os habitantes da terra, cujos nomes não estão escritos desde a origem do mundo no livro da vida do Cordeiro imolado. (Apocalipse 13:8)

Também a NTLH:

Todos os que vivem na terra o adorarão, menos aqueles que, desde antes da criação do mundo, têm o nome escrito no Livro da Vida, o qual pertence ao Cordeiro, que foi morto. (Apocalipse 13:8)

O "desde a Criação do mundo" se refere aos que têm o nome no Livro da Vida e não à morte do Cordeiro. Infelizmente o desconhecimento do texto bíblico pesou na confecção dessa pequena parte da CFW, principalmente por causa da fidelidade às versões mal traduzidas (como a KJV).

CAP 8:7

Cristo, na obra da mediação, age de conformidade com as suas duas naturezas, fazendo cada natureza o que lhe é próprio(1); contudo, em razão da unidade da pessoa, o que é próprio de uma natureza é às vezes, na Escritura, atribuído à pessoa denominada pela outra natureza(2). Ref.: 1- 1 Pd 3:18; Hb 9:14; Jo 10:17-18. | 2- At 20:28; Jo 3:13; 1 Jo 3:16.

No assunto das duas naturezas de Cristo há muito que é teológico e muito que é filosófico. Assim, para facilitar, faremos algumas afirmações diretas de modo que simplifique um pouco o conteúdo:

1 – Cristo estava com o Pai desde toda a Eternidade > portanto, não pode ser um anjo criado ou um ser qualquer formado durante a criação do mundo (Jo 17:5; Hb 1:6). [Cristo, porém, pode ter sido simbolizado pela vinda do Anjo do Senhor no AT ou até mesmo Miguel, mas isso não quer dizer que ele seja um anjo no sentido estrito do termo tanto quanto um pastor ser chamado de anjo não quer dizer que ele seja um ser alado espiritual (Ap 1 e 2)].

2 – Se Cristo não era anjo ou outro ser inferior, só pode ser igual a Deus, de modo que por meio de Cristo tudo foi criado (ora, se tudo foi criado por meio dele, ele mesmo não pode ter sido criado por meio de si mesmo [Jo 1:3]).

3 – Porém, Cristo não pode ser o Pai, pois ora ao Pai enquanto no mundo (Jo 17) e distingue-se claramente dele em suas afirmações (Jo 5:17). Logo, Cristo é Deus, mas não pode ser o mesmo que o Pai.

4 – Contudo, isso não significa que Cristo seja um Deus diferente, pois, se Cristo vem do Pai, mas o Pai não o criou como criou as coisas do mundo e os anjos, então, Cristo só pode ser o mesmo Deus sem ser o mesmo que o Pai.

5 – Em que ele difere do Pai? Ora, do fato de que o Pai fala, mas como não há som que se propague de uma boca física do Pai, essa fala só pode ser algo que vem dele e, se vem dele, só pode ser igual a ele.

6 – Cristo se encarnou, e negar isso é negar a Cristo (1 Jo 4). Ora, não sabemos explicar essa relação, de como Cristo, sendo eterno, fez-se temporário, mas ela (a encarnação) está prometida na Escritura desde o princípio, se configurando uma

das poucas coisas na Teologia que não pode, de fato, ser explicada – apenas afirmada.

7 – Além deste aspecto da encarnação, não é possível entender a relação de Cristo encarnado com respeito à mente humana, à vontade e à alma, pois a Escritura jamais explica essa relação, apenas aceita a encarnação. Pois, só encarnado pode morrer (1 Pd 3:18), e só tendo descido do céu pode subir de volta (Jo 3:13 [note que ele também “estava” no céu enquanto falava com os fariseus]). Assim, este é o nosso “universo observável”, do qual qualquer coisa além torna-se pura especulação, mesmo que em termos de tentativa da explicação do conteúdo para um descrente ou um inimigo da fé cristã.

Obs.: compare isso com o conceito mesmo de “Universo Observável”. Imagine que eu não acredite na própria existência do universo e tente usar como prova o fato de que nenhum cientista consegue explicar, para mim, o que há além do que é possível de se ver no horizonte de partículas. Note o peso meramente retórico e vazio da minha dúvida em relação à existência do universo (não duvidando necessariamente da existência da terra). O mistério do que está além do observável nada prova contra aquilo que é observável, e é aqui onde muitos crentes falham, pois sua fé já é fraca, e carecem de explicar, para os que a questionam, minuciosamente como ela funciona. Não é sem razão que o uso da filosofia é pesado nesse assunto, visto que só se recorre a ela na teologia pela falta de fé no que está escrito.

Assim, cremos que esta seção não seja tão importante do ponto de vista teológico, embora isso não signifique a exclusão dela, mas sim a reformulação.

CAP 8:8

Cristo, com toda a certeza e eficazmente, aplica e comunica a salvação a todos aqueles para os quais ele a adquiriu(1). Isto ele consegue, fazendo intercessão por eles(2) e revelando-lhes na Palavra e pela Palavra os mistérios da salvação(3), persuadindo-os eficazmente pelo seu Espírito a crer e a obedecer, dirigindo os corações deles pela sua Palavra e pelo seu onipotente poder e sabedoria(4), da maneira e pelos meios mais adequados à sua admirável e inescrutável dispensação(5). Ref.: 1- Jo 6:37,39; Jo 10:16. | 2- 1 Jo 2:1; Rm 8:34. | 3- Jo 15:15; Jo 17:6; Gl 1:11, 12; Ef 1:7-9. | 4- Rm 8:9,14; Tt 3:4,5; Rm 15:18,19; Jo 17:17. | 5- Sl 110:1; 1 Co 15:25, 26; Mt 4:2, 3; Cl 2:15.

Este final do capítulo resume bem a obra de Cristo.

Conclusão

- Cristo é o Filho de Deus e Deus, portanto;
- Cristo se encarnou e se fez homem;
- Cristo é o Salvador e Senhor;
- Cristo já veio (a primeira e segunda vez);
- A CFW falha na medida em que busca explicar Cristo em termos filosóficos.

DO LIVRE-ARBÍTRIO – CAP. 9

CAP 9:1

Deus dotou a vontade do homem de tal liberdade, que ele nem é forçado para o bem ou para o mal, nem a isso é determinado por qualquer necessidade absoluta da sua natureza. Ref.: 1- Dt 30:19; Jo 7:17; Ap 22:17; Tg 1:14; Jo 5:40

A CFW possui um grande Cavalo de Tróia neste capítulo, por mais que, eventualmente, os próprios reformados digam que atualmente nos referimos ao "livre-arbítrio" como "livre agência" – meras nuances filosóficas para o desconfortável papel deste capítulo. E por qual razão isso? Ora, porque nunca, jamais, as escrituras se importaram com este assunto, nem mesmo na criação de Adão.

Normalmente pensando em Adão é que um reformado defende o livre-arbítrio, afirmando que Adão podia não pecar. Mas dizemos o oposto disso: Deus não colocou Adão em prova para "ver" se ele ficaria sem pecar para em um determinado momento remover a árvore do Conhecimento do Bem e do Mal do Jardim. Como já dissemos várias vezes: Adão foi feito de carne e sangue, e a carne e sangue não podem herdar o reino de Deus (1 Co 15:50; cf. Mt 25:34 [este último texto mostra que o Reino estava preparado desde a fundação do mundo, portanto, Adão foi criado com este Reino existindo]). Tendo isso em vista, é impossível que Adão realmente tivesse como não pecar.

Mas nos voltemos aos textos citados na CFW (que deixa qualquer arminiano e antinomista até orgulhoso de ler):

Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, de que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe pois a vida, para que vivas, tu e a tua descendência [...] (Deuteronômio 30:19)

Devemos começar com uma pergunta básica: alguma promessa de Deus pode falhar? Se o povo pudesse, de fato, escolher contrário à promessa de Deus, Cristo não nasceria da descendência de Abraão, antes, nasceria da descendência de Moisés, mostrando que seria uma continuidade da Lei (sombra), e não da fé (Êx 32:9-13 [repare o versículo 13, mostrando que o objetivo da promessa é a descendência de Abraão, e não de Moisés]). Ora, se fosse possível o povo "escolher" distintamente do que de fato escolheu, a promessa seria anulada, Cristo não nasceria, e nós estaríamos perdidos.

Mas por qual razão o texto dá a opção de escolha para os hebreus se isso fosse impossível? Ninguém está dizendo que a escolha é impossível, mas que ela se dá sempre dentro do propósito de Deus. Além disso, e de certo modo, o povo escolheu a morte, algo claramente demonstrado pelo subsequente desvio do povo no longo prazo (ou curto?). O ponto é que Deus mesmo não anularia a promessa feita para os hebreus e, portanto, não dependia da escolha particular deles, mas fazendo com que escolhessem a Deus, ao menos da boca para fora.

Além disso, o "escolhe pois a vida" é uma forma de demonstrar que uma ordem de Deus seria quebrada. Lembre-se de que a Lei existe também para que sejamos culpados (Rm 3:20; 5:13, 20). Se Deus não os ordena a escolherem a vida, como os condenará por escolherem a morte?

[Aqui você pula de sua cadeira e diz: mas eu posso escolher pular de um prédio e me matar. Deus não controla minhas ações! E eu digo, Deus é quem disse que faria

Absalão possuir as concubinas de Davi, você acha que Absalão pensava estar "sendo controlado por Deus"? (2 Sm 12:11; 16:22) Ou pior, a morte de Cristo foi predeterminada que ocorresse daquela forma, acha que os que o mataram tinham consciência de serem "controlados" por algo? (At 2:23; 4:28) Ou você acha que o mundo e você mesmo se resume ao fato do que você consegue ter consciência? Alguns ainda dirão: mas se você acredita nisso, então por que está tentando me convencer, não está tudo determinado? Ora, pelo mesmo motivo que a morte de Cristo estava determinada, mas ele precisou vir, fazer a ira dos fariseus se levantar e então ser morto pelos romanos, não há nada de especial nisso, pois não faz sentido Deus determinar os fins sem determinar os meios. Seria uma estupidez achar que o homem predestinado simplesmente será salvo sem que os meios para que ele seja salvo ocorram. E por último, você pode dizer: se tudo está predeterminado, então o que creio não tem como ser verdade, pois o raciocínio não terá validade. Incrível como eles se acham tanto o centro do universo que para uma verdade ser válida ele precise ter o raciocínio pela sua própria capacidade, pensei que a verdade existia independente de nós...]

Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo. (João 7:17)

Este capítulo poderia se chamar: "Do Arminianismo". Cristo mesmo mostra que ninguém pode ir a ele se não for concedido por Deus Pai (Jo 6:44). Logo, é bem simples: quem irá querer? Ora, aquele que Deus conceder! O mesmo se aplica a Apocalipse 22:17.

Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. (Tiago 1:14)

Este texto é uma pedra no sapato mesmo para muitos "calvinistas". Se Deus determina a queda – pensam muitos homens – ele é quem tenta a pessoa (lembre de Absalão). Não, ele não precisa te tentar, apenas endurecer (Rm 9:18; Êx 10:27). A dureza é algo que está em nosso coração, mas é Deus quem a faz maior, pior ou menor. Isso é bem simples. A maldade está em nós.

E não quereis vir a mim para terdes vida. (João 5:40)

Qualquer calvinista melhor que estes puritanos sabe que este texto justamente prova a falta de livre-arbítrio: a escritura diz o tempo todo que ninguém quer Deus (Rm 3:10-13), todos fogem dele. Logo, é natural e lógico que essa afirmação de Jesus seja apenas para ressaltar a culpa deles. Note, inclusive, como João 5:40 é uma aplicação direta de Deuteronômio 30:19, sendo utilizada na forma como já explicamos: a ordem veio apenas para ressaltar a culpa, e não para mostrar a capacidade nossa de cumprir algo.

Aqui os filósofos cristãos (não sei o que "cristão" acrescenta em "filósofo") amam se meter, pois dizem que Deus não ordenaria algo que o homem não consegue fazer, isso seria (segundo eles) injusto. Que tolice! Deus ordenou toda a lei, e nunca nenhum homem, além de Cristo, conseguiu praticar ela. A existência da Lei é prova clara de que este argumento é mentiroso, porque olha os mandamentos apenas de forma individual. Pior, mesmo uma olhada de modo individual prova que não conseguimos, pois quebrar qualquer mandamento é quebrar a Lei, visto a lei ter

uma mesma origem (Tg 2:10, 11 [isso não quer dizer que um assassino seja adúltero, mas que a quebra é um conjunto, jamais algo individual]).

Obs.: a pergunta não é se eu escolho, mas por qual motivo escolho. É evidente que nossa vontade se move, porém a pergunta não é esta, e sim: o que move a minha vontade? Se algo a move, não quer dizer que estou consciente disso, afinal, Deus mesmo moverá nossa vontade pela eternidade para nunca mais desejarmos a maldade e isso não será visto como uma “violação”.

A primeira seção deste capítulo anula todo o conteúdo a respeito de Depravação Total e Predestinação ensinado à parte pelos puritanos. O orgulho de mostrar estar em acordo com algo que é dito pela “ciência” (filosófica) penetrou fortemente neste capítulo.

CAP 9:2

O homem, em seu estado de inocência, tinha a liberdade e o poder de querer e fazer aquilo que é bom e agradável a Deus(1), mas sendo isso possível de alteração, de sorte que pudesse decair dessa liberdade e poder(2). Ref.: 1- Gn 1:26. | 2- Gn 2:16,17; Gn 3:6; Ec 7:29

É engraçado que não há qualquer texto bíblico que diga que fosse possível o homem não pecar (nem mesmo os citados acima), pois todos os textos pressupõe que Deus tinha como meta revelar a Cristo como Salvador, logo, não é possível haver outra possibilidade.

Uma confusão, porém, é o de achar que o fato de Adão não ter livre-arbítrio significar que ele não tinha “liberdade”. Aqui vamos demonstrar a distinção entre uma coisa e outra: a Escritura jamais se preocupa com o conceito de Livre-Arbítrio, pois isso é muito mais um conceito grego/científico do que bíblico. E prova disso é de que, na Escritura, a liberdade sempre é contrastada ao pecado, e não às possibilidades de atuação contrária a intenção de Deus ou de escolhas sem influência interna. Assim, o pecado controla a vontade do homem, e por isso o homem não consegue deixar de desejar o mal para o próximo e nem deixar de desejar a esposa do próximo etc. Veja que os homens que desejam a maldade para os outros não conseguem se desligar dela, antes, na verdade, se você apontar para ele a maldade, você entrará no alvo dele, mas ele mesmo não mudará o foco da maldade. Assim, Adão tinha essa liberdade relativa ao pecado, porém não relativa ao plano de Deus e seus decretos.

A liberdade relativa ao pecado significa que ele podia fazer uma coisa ao invés de outra? Não. Apenas que ele não era tentado em nada dentro de si para o mal. A árvore não foi desejada por Adão sem o tentador, justamente porque não havia, em Adão, a tentação. Era essa a liberdade que ele tinha. Este capítulo da CFW é, até agora, o mais dispensável (por não saber lidar com isso).

A tentativa de ser fiel à tradição (agostiniana e tomista) criou essa bizarrice contraditória na confissão.

CAP 9:3

O homem, caindo em estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação(1), de sorte

que um homem natural, inteiramente adverso a esse bem(2) e morto no pecado(3), é incapaz de, pelo próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso(4). Ref.: 1- Rm 5:6; Rm 8:7, 8; Jo 15:5. | 2- Rm 3:9, 12, 23. | 3- Ef 2:1,5; Cl 2:13. | 4- Jo 6:44, 65; 1 Co 2:14; Tt 3:3-5; Rm 8:8.

Seguindo a filosofia, a CFW chega à uma conclusão, mas seguindo as Escrituras ela chega à outra. Aqui temos o exemplo claro disso, de modo que esta seção contradiz as duas anteriores, pois esta está preocupada com o conceito de liberdade como a escritura define, e não como os filósofos o fazem.

CAP 9:4

Quando Deus converte um pecador e o transfere para o estado de graça, ele o liberta da sua natural escravidão ao pecado e, somente pela sua graça, o habilita a querer e fazer com toda a liberdade o que é espiritualmente bom(1), mas isso de tal modo que, por causa da corrupção, que ainda nele existente, o pecador não faz o bem perfeitamente, nem deseja somente o que é bom, mas também o que é mau(2). Ref.: 1- Cl 1:13; Jo 8:34, 36; Fp 2:13; Rm 6:18, 22. | 2- Gl 5:17; Rm 7:15, 21-23; 1 Jo 1:8,10.

Outra seção considerando teologicamente e corretamente os assuntos, porém, caberia muito bem no capítulo em que trata da certeza da salvação ou da possível queda de um crente em particular – note que nada tem a ver com “livre-arbítrio”. Lembre-se que quanto mais curto um documento confessional, mais fácil é de ele ser recordado e mais simples é de estudá-lo – é uma questão de método, porém, e não de teologia.

CAP 9:5

É no estado de glória(1) que a vontade do homem se torna perfeita e imutavelmente livre para o bem só(2). Ref.: 1- 1 Jo 3:2; Ap 22:3, 4. | 2- 2 Cr 6:36; 1 Jo 1:8-10; 2:1-6; Sl 17:15.

Note um detalhe interessante. O texto da CFW está correto teologicamente, pois embora tenhamos alguma dificuldade com o pecado agora, após a morte, porém, não mais enfrentaremos qualquer tentação. Contudo, as citações bíblicas contrariam a própria CFW.

Por exemplo, aqui temos a citação de 1 João 3:2:

Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos.

A CFW já demonstrou que “seremos como Jesus” na ressurreição, mas se este texto diz que não é manifestado o que havemos de ser, mas seremos semelhantes a ele (Jesus), então este texto provaria claramente que o Cristo ressurreto não estava com o seu corpo na forma final, afinal, João viu Cristo com os próprios olhos, então saberia como seríamos. É irônico a Assembleia ter visões contraditórias, pois no capítulo anterior (o 8), diz que teremos um corpo de glória igual ao de Cristo, mostrando haver certeza do que “seremos”, porém agora cita um texto que diz não se saber o que seremos (na interpretação popular do texto), com base em não sabermos como Cristo é agora. As duas coisas, contudo, estão

equivocadas (pois nem Cristo está exatamente com o mesmo corpo e nem o texto de 1 João fala sobre o estado de glória).

Repare que o ponto é: "agora" (quando João escreveu) e "ainda não" (algum ponto no futuro a partir dele). Porém, o que eles tinham "agora"? Ora, eles eram filhos de Deus (cf. o v. 1). Este ponto é essencial para compreendermos que ele não está falando de corpo glorificado, mas de outra coisa: uma **relação**. Para que você entenda, veja se há contraste: "agora somos filhos, depois seremos glorificados" – isso simplesmente não faz sentido no texto, visto que ele está dizendo que "somos filhos" e não "estamos sem glória". Algo na relação de Deus com seus filhos mudaria a partir da manifestação de algo. Outra questão é que o ponto não é que não sabemos como seremos (do ponto de vista de João), mas que o que seremos será "manifesto", isto é, revelado em algum momento. Não falta saber, mas manifestar. Não é falta de conhecimento (γινωσκω), mas de manifestação (φανερός) que está em vista. Essa manifestação se daria quando algo fosse visto.

Veja o uso que João continua fazendo no versículo 5: Jesus se manifestou para tirar os nossos pecados (ou seja, foi visto para acabar com a aquilo que nos condena: o pecado). Quem permanece no pecado não o viu. Assim, o objetivo de João é continuar mostrando que a manifestação de Cristo e a sua contemplação implica na mudança de nossa relação com Deus. Porém, ainda faltava uma segunda vinda para que essa relação fosse melhorada. É por esta razão que João novamente diz que o Filho se manifestou no versículo 8, mas agora não só para acabar com o pecado, e sim com o diabo também (note que na Escritura o diabo costuma a ser relacionado ao poder político [Mt 4:8, 9; Jo 12:31; 16:11; Ap 2:10; 20:2, 3], mostrando que a derrota do diabo está atrelada também à queda de um Estado em particular [Ap 18:2]).

Porém, de repente, João diz que há uma coisa que **manifesta** os filhos de Deus: a prática da justiça (v. 10). Agora ressoa a pergunta: que manifestação é esta? João não disse que ainda estava para ocorrer a manifestação dos filhos de Deus? Como ele pode dizer que no presente eles já se manifestam? A questão é bem simples: os filhos de Deus são vistos, pois praticam a justiça (pense isso num contexto em que todos vivem a se morder e odiar, como era o contexto de João). Assim, eles estão sendo manifestos, mas ainda receberão mais evidência, pois serão vistos como Cristo foi visto.

Este termo para "ver" é interessante, já que raramente é usado na escritura com referência a um objeto "palpável" (Mt 5:8; 17:3; Lc 1:11; Jo 1:51; Ap 11:19 etc.). Quando se refere à segunda vinda de Cristo, o objetivo é bem claro: Cristo não era necessariamente visível da forma como as outras coisas, portanto, na sua vinda, quem viria a ser manifesto, na verdade, seriam os filhos de Deus. Assim, os filhos de Deus seriam manifestos da forma como Cristo o foi, "silenciosamente", pois não foi com todo mundo notando a fuga dos crentes da cidade de Jerusalém, mas sua sobrevivência mesmo após a destruição dela.

E como foram manifestos? Saindo de Jerusalém a tempo, pela profecia de Apocalipse, de modo que os filhos do diabo morreram ali, e os filhos de Deus sobreviveram (sendo, portanto, manifestos). Agora, eram filhinhos de Deus, depois, foram demonstrados serem os justos de Deus (pois sobreviveram ao julgamento).

Em resumo, essa manifestação dos filhos de Deus se deu por volta do ano 70 d.C., quando os romanos em fim destruíram Israel, o Estado que tinha que cair, e então os crentes ficaram definitivamente destacados dos judeus, separados deles, como um povo à parte e sem relação direta.

O Salmo 17:15 que é mencionado (pularemos os outros textos, por liderem ou com escatologia [que ainda explicaremos melhor] ou com outro assunto) demonstra uma questão adversa, pois fala do salmista que morreria e, assim que voltasse a vida, teria a semelhança (não somente a imagem) de Deus. A semelhança é ter a total justiça de Deus (Ef 4:24). O Salmo considera a morte como necessária, porque o salmista não viveria até a aparição do Filho de Deus; João, porém, já não escreve para pessoas que não veriam a Cristo, mas que presenciariam seu julgamento. Portanto, podemos saber de onde João entendeu a relação de "manifestação", "justiça" e ter a "visão" de Deus (repare a semelhança do assunto do Salmo 17 com parte do capítulo 3 de 1 João, claramente mostrando que há um livramento em expectativa no texto, assim como fica claro em 1 Jo 3).

Sabemos que pode parecer confuso, mas como já pontuamos, trataremos da escatologia adiante, no final. Sugerimos que ao ler o conteúdo da escatologia retorne à seção deste capítulo que se refere ao assunto.

Conclusão

- Este capítulo da CFW é o pior até o momento;
- O livre-arbítrio é falso;
- A liberdade só existe em relação ao pecado, e não é filosófica;
- A manifestação dos filhos de Deus já ocorreu;
- Os filhos de Deus foram percebidos e vistos por todo o mundo.

DA VOCAÇÃO – CAP. 10

CAP 10:1

Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido, no tempo por ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito; tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transportando-os para a graça e salvação(1). Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos espiritualmente a fim de compreenderem as coisas de Deus para a salvação(2), tirando-lhes os corações de pedra e dando-lhes corações de carne(3), renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que é bom(4) e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo(5), mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça(6). Ref.: 1- Rm 11:7; Rm 8:30; 2 Ts 2:13,14; Rm 8:2; 2 Tm 1:9,10. | 2-

At 26:18; 1 Co 2:10-12. | 3- Ez 36:26. | 4- Ez 11:19, 20; Ez 36:27; Fp 4:13; Dt 30:6.
| 5- Jo 6:44, 45. | 6- Jo 6:37

Apesar de versículos levemente deslocados do seu sentido, esta seção é maravilhosamente certa em sua afirmação.

CAP 10:2

Esta vocação eficaz é só da livre e especial graça de Deus e não provém de qualquer coisa prevista no homem(1); na vocação o homem é inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo(2), fica habilitado a corresponder a ela e a receber a graça nela oferecida e comunicada(3). Ref.: 1- 2 Tm 1:9; Tt 3:4, 5; Rm 9:11. | 2- 1 Co 2:14; Rm 8:7-9; Ef 2:5. | 3- Jo 6:37; Ez 36:27; Jo 5:25.

CAP 10:3

As crianças que morrem na infância, sendo eleitas, são regeneradas e por Cristo salvas, por meio do Espírito Santo, que opera quando, onde e como quer. Do mesmo modo são salvas todas as outras pessoas incapazes de serem exteriormente chamadas pelo ministério da Palavra(1). Ref.: 1- Gn 17:7; Lc 18:15, 16; At 2:39; Jo 3:8; 1 Jo 5:12; At 4:12.

Cabe uma observação: não há passagem na Escritura clara sobre salvação de crianças ou como ela funciona (senão somente pela fé). Por exemplo, 1 Co 7:14, que fala sobre os filhos santificados, também fala do marido santificado (logo ele seria salvo sem fé?). A santificação da passagem apenas mostra que a relação de um indivíduo que se converte após ter contrato de casamento não o polui, antes, ele é quem santifica a relação, tornando-a aceitável diante de Deus (a "santificação" no versículo tem relação com o crente, pois se um crente se casa com um idólatra, ele erra [mas não peca] ao contrair um contrato com um ímpio, mas se antes ele também era ímpio, a própria relação é permitida por Deus, que não põe duas cargas sobre um indivíduo). Assim, nenhum texto esclarece, realmente, qualquer coisa, exceto: filhos de crentes (Israel) de algum modo tem um acesso a Cristo (Lc 18:15, 16), e as crianças podem ter seus corações transformados já mesmo pouco depois de nascidas (veja que a circuncisão era praticada aos 8 dias, e ela simboliza a mudança de coração [Cl 2:11; Dt 30:6 – repare o termo "descendência"]).

Obs.: isso é extremamente relevante se considerarmos que os casamentos à época eram feitos nos lares, com a invocação de deuses e com a presença de 'penates'. Paulo ao invés de dizer que o casamento era inválido por ser feito de um modo pecaminoso e idólatra (assim como a eleição de autoridades), diz que o crente santificava a relação. A igreja que, imitando o Estado Romano, adotou para si a autoridade para casar pessoas, com os protestantes removendo essa autoridade da ICAR, porém, dando-a novamente ao Estado. Os casamentos se davam no seio familiar, e é algo que veremos em nosso livro sobre casamento.

CAP 10:4

Os não-eleitos, posto que sejam chamados pelo ministério da palavra e tenham algumas das operações comuns do Espírito Santo, contudo não chegam nunca a Cristo e portanto não podem ser salvos(1); muito menos poderão ser salvos por qualquer outro meio os que não professam a religião cristã(2), por mais diligentes

que sejam em conformar as suas vidas com a luz da natureza e com a lei da religião que professam; o asseverar e manter que podem é muito pernicioso e detestável(3). Ref. 1- Mt 22:14; Mt 13:20, 24; Jo 6:64-66; Jo 8:24; 1 Jo 2:19; Hb 6:4-6. | 2- At 4:12; Jo 14:6; Jo 17:3. | 3- 2 Jo 9, 10, 11; Gl 1:8.

Talvez a única questão relacionada a este capítulo seja não sobre ele, mas sobre como encaramos a realidade em uma estrutura que estipula sempre um modelo único de expressão. Por exemplo, os crentes chineses, eventualmente, não têm uma igreja formal como temos no Ocidente. Isso nada diz sobre a natureza da igreja, que pode formar ou não uma organização (com CNPJ, prédio etc.). Até porque, uma denominação religiosa possuir CNPJ nada prova contra ela, tanto quanto ter um CPF nada prova contra mim. Por outro lado, o CNPJ ou ser aceito pelo Estado como organização, também nada diz sobre a natureza da igreja, que, na realidade, é pura e simplesmente a reunião dos crentes (este é o significado da palavra "igreja", que pode ser traduzida como "assembleia", "reunião", e não carrega em si nenhuma qualidade mística, senão somente o fato de essa assembleia ocorrer em nome de Cristo, para conhecer a Lei de Deus e compartilhar do auxílio mútuo, também cantando louvores [voltaremos ao assunto quando a CFW tratar da natureza da igreja]). Até mesmo um crente em particular, separado do conjunto total da igreja, não pode ser considerado descrente simplesmente, pois isso implicaria a necessidade de desqualificar qualquer crente sob circunstâncias outras. Porém, é evidente que, não professando aquilo que o Cristianismo professa (Deus único, o Cristo, o Espírito Santo, além da soberania e ação presente de Deus entre outras coisas), o indivíduo não é salvo.

Obs.: existe um erro perpetuado atualmente entre muitos autores e cristãos, de que "eu tenho uma 'vocação'" (significando um tipo de trabalho que devo executar durante a minha vida). Embora seja verdade que Deus tenha predeterminado em que trabalharemos, este conceito é mero subjetivismo, alinhado meramente a um conhecimento científico de minhas habilidades presentes junto com minhas capacidades para adquirir algo no futuro. Na Escritura, porém, a "vocação" se atrela à salvação e à pregação do evangelho, nada mais além disso (e, pelo menos no primeiro caso, nada tem a ver com qualquer habilidade nossa). É verdade que temos facilidades operacionais, mas não as executar não é pecar, visto não haver nada na Escritura que se quer aponte uma necessidade em relação a isso. O máximo que ocorrerá é uma ineficiência de ganhos financeiros ou algum desconforto com um trabalho com o qual não tenho muitas habilidades.

Conclusão

- O capítulo 10 é bem tranquilo em suas afirmações, sendo um dos mais simples e compreensíveis;
- As crianças dos Crentes são, por padrão, caso morram, consideradas salvas;
- Não há, contudo, uma idade muito clara para o fim disso (da idade de "não responsabilidade").
- Não existe vocação para o trabalho em termos teológicos, apenas comuns e naturais.

DA JUSTIFICAÇÃO – CAP. 11

CAP 11:1

Os que Deus chama eficazmente, também livremente justifica(1). Esta justificação não consiste em Deus infundir nos justificados a justiça, mas em perdoar os seus pecados e em considerar e aceitar as suas pessoas como justas. Deus não os justifica em razão de qualquer coisa neles operada ou por eles feita, mas somente em consideração da obra de Cristo; não lhes imputando como justiça a própria fé, o ato de crer ou qualquer outro ato de obediência evangélica, mas imputando-lhes a obediência e a satisfação de Cristo(2), quando eles o recebem e se firmam nele pela fé, que não têm em si mesmos, mas é dom de Deus(3). Ref.: 1- Rm 8:30; Rm 3:24. | 2- Rm 4:5-8; 2 Co 5:19, 21; Tt 3:5-7; Ef 1:7; Jr 23:6; Rm 3:22, 24, 25, 27, 28; 1 Co 1:30-31; Rm 5:17-19. | 3- Fp 3:9; Ef 2:8; At 13:38, 39.

A CFW é certa em enfatizar a justificação.

CAP 11:2

A fé, assim recebendo e assim se firmando em Cristo e na justiça dele, é o único instrumento de justificação(1); ela, contudo não está sozinha na pessoa justificada, mas sempre anda acompanhada de todas as outras graças salvadoras; não é uma fé morta, mas opera por amor(2). Ref. 1- Jo 1:12; Rm 3:28; Rm 5:1. | 2- Tg 2:17, 22, 16; Gl 5:6.

Existem quatro formas de lidarmos com o assunto da justificação/aplicação da justiça:

- 1 – Por Obras Somente;
- 2 – Por Obras e Fé;
- 3 – Por Fé Somente;
- 4 – Tudo se Contradiz.

Por razões óbvias não considerarei a quarta, visto não cremos que as Escrituras se contradizem, como afirmamos no início deste livro. A primeira também não cabe grande explicação, visto que sabemos, pelas Escrituras, que todos pecaram, e estão destituídos da glória de Deus (Rm 3:23); e se era necessária uma expiação anual pelos pecados, além das ofertas particulares, é evidente que nada que façamos por obra será suficiente, logo, somente as obras não podem nos salvar.

Para discutir o ponto 2 e 3 é preciso que agora seja observado um fator: quem defende que a justificação se dá pela fé somente considera os textos que excluem as obras (como os textos em Romanos, especialmente o capítulo 4). Quem considera necessárias as obras normalmente pensa na carta de Tiago (especialmente o capítulo 2, no qual trata exatamente de Abraão, à semelhança de Paulo). Os outros grupos tentam resolver essa suposta tensão ensinando que Tiago se destina a um público judeu e Paulo a um gentio, algo que simplesmente não faz sentido, visto que Deus salva tanto o judeu quanto o gentio da mesma forma (Rm 1:16); portanto – devemos assumir – ou não sabemos algo que explica

isso, ou uma das duas posições está certa e estamos dando pesos errados aos textos.

Vamos considerar os dois exemplos de Tiago (no cap. 2): Abraão e Raabe.

No capítulo 15, antes da circuncisão (cap. 17) e do (quase) sacrifício de Isaque (cap. 22), Gênesis declara: "creu Abrão em Deus e isso lhe foi imputado como justiça" (v. 6). O raciocínio de Paulo é bem claro: antes de Abrão receber a circuncisão ele foi considerado justo, portanto, a circuncisão não foi necessária pra isso; se prosseguirmos na lógica dele, isso se aplicará ao caso do sacrifício de Isaque, que só veio anos depois (Rm 4:10, 11). Assim, teríamos não só Paulo "contra" Tiago, mas o próprio livro de Gênesis, que claramente declara a justiça de Abraão antes de qualquer coisa feita posteriormente.

O caso de Raabe também é interessante, pois ela salva os espias de serem mortos, mas veja o que ela declara: "Bem sei que o Senhor vos deu esta terra" (Josué 2:9). Naturalmente a ação dela se deu depois de ter crido nisso, pois não salvaria os espias se não cresse que Deus já tinha dado a terra aos israelitas (um golpe em quem pensa que se Deus destinou algo os meios são ignorados). Portanto, Raabe creu antes de ter feito qualquer coisa (note os versículos 9 a 12).

Ora, estaria Tiago contradizendo claramente tanto o AT quanto a Paulo? Não ignore a alta carga hipotética que Tiago carrega no texto. Tiago está dizendo: se Raabe tivesse fé e nada fizesse, teria sido ela justificada? (A resposta é "não", pois morreria quando os hebreus invadissem a terra). Se Abraão não tivesse levado Isaque para o sacrifício, o que ocorreria? Absolutamente, Abraão seria culpado de não obedecer a Deus, e a justificação pela fé dele de nada valeria. Porém, devemos notar, ambas as coisas não ocorreriam, pois Raabe foi essencial para a vitória dos crentes do AT e o ato de Abraão essencial para a demonstração da vinda de Cristo (Abraão viu o dia de Cristo ali).

O que Tiago quer mostrar? Ora, se você crê, mas nada faz, sua fé é contraditória, pois não opera nada (ou seja, é uma fé morta – e aquilo que está morto já "não existe"). A lógica de Tiago é mostrar que a fé não existe sem obras, pois se alguém crê, faz. Ora, se eu creio que Deus existe e que ele mandou eu pular, então se eu não pular é porque não creio de fato. Daí o uso de Tiago do termo "justificação": Raabe seria injusta se não salvasse os hebreus, pois teria crido e ainda assim ignorado a própria fé; um homem, portanto, é justificado pela obra no fato de que a obra é sua própria fé operando.

Obs.: jamais confunda o que o texto de Tiago chama de obra com o que indivíduos extremamente religiosos chamam de boa obra. Tiago vê a verdadeira obra como a ajuda ao próximo (Tg 2:12-16). E a verdadeira religião se constitui de 3 coisas: 1 – Refrear a língua de falar mal do próximo ou insultá-lo sem causa, buscando a paz com ele ao invés do conflito (cap. 1:26 e 3:8-18); 2 – Auxiliar e ajudar órfãos e viúvas (cap. 1:27); 3 – Guardar-se da corrupção do mundo, isto é, não praticar a iniquidade (Tg 1:27; 4:4 [a palavra "adúltero" realmente significa... adúltero, portanto, ele mostra que o objetivo é guardar-se do mundo ao não praticar estes pecados – Tiago não é nem liberal e nem mero intelectual religioso]).

Cristo, por meio de sua obediência e morte, pagou plenamente a dívida de todos os que são justificados e, em lugar deles(1), fez a seu Pai uma satisfação própria, real e plena. Contudo, como Cristo foi pelo Pai dado em favor deles(2) e como a obediência e a satisfação dele foram aceitas em lugar deles(3), ambas livremente e não por qualquer coisa neles existente, a justificação deles é só da livre graça(4), a fim de que tanto a justiça restrita como a abundante graça de Deus sejam glorificadas na justificação dos pecadores(5). Ref. 1- Rm 5:8-10,19; 1 Co 15:3; 2 Co 5:21; 1 Pd 2:24; 1 Pd 3:18; Hb 10:10, 14; Is 53 | 2- Rm 8:32; Jo 3:16. | 3- 2 Co 5:21; Is 53:6. | 4- Rm 3:24; Rm 6:23; Ef 1:7; Ef 2:6-9. | 5- Rm 3:26; Ef 2:7.

CAP 11:4

Deus desde toda a eternidade, decretou justificar todos os eleitos(1); e Cristo, no cumprimento do tempo, morreu pelos pecados deles e ressuscitou para a justificação deles(2); contudo, eles não são justificados até que o Espírito Santo, no tempo próprio, não lhes aplique de fato os méritos de Cristo(3). Ref. 1- 1 Pd 2:2, 19, 20; Rm 8:30. | 2- Gl 4:4; 1 Tm 2:6; Rm 4:25. | 3- Jo 3:5, 18, 36; Gl 2:16; Tt 3:4-7.

Confira o nosso texto Dos Eternos Decretos de Deus.

CAP 11:5

Deus continua a perdoar os pecados dos que são justificados(1). Embora eles nunca possam decair do estado de justificação(2), poderão, contudo, incorrer no paternal desgosto de Deus, e ficar privados da luz do seu rosto, até que se humilhem, confessem os seus pecados, peçam perdão e renovem a sua fé e o seu arrependimento(3). Ref.: 1- Mt 6:12; 1 Jo 1:7-9; 1 Jo 2:1, 2. | 2- Lc 22:32; Jo 10:28; Hb 10:14; Fp 1:6; 1 Jo 2:19. | 3- Sl 89:31-33; Sl 32:5; Mt 26:26.75; Sl 51:7-12; 1 Co 11:30-32.

É notável que Deus purifique os crentes de modo constante, conforme João diz (1 Jo 1:7-9) e não os justifique novamente, pois é um ato único. Os atos de purificação do AT esclarecem este processo que Deus faz com o seu povo no NT: um israelita não era excluído do povo por se tornar impuro, mas precisava se purificar, e Deus o declarava puro novamente após o processo de purificação (que se dava, às vezes, pelo uso da água, simbolizando a limpeza de Deus interna no NT). Diferente disso é o processo de santificação, que é aquilo que distingue o santo do ímpio. A purificação se dá pelo processo negativo, isto é, o de remover a sujeira em nós, que por ventura venhamos a praticar. A santificação é positiva (como no AT), se dando pelo modo ativo de fazer o que é puro. Em um caso, falhei e estou sendo limpo; no outro, eliminei da minha vida o que é impuro e pratico aquilo que é puro (ou seja, não há pecado no meu modo de vida). Portanto, se ainda há pecado, também há necessidade de arrependimento e "renovação da fé"; todas essas coisas são claras, dado que Deus não deixou de possuir mandamentos e, assim, não deixou de haver quebra deles.

CAP 11:6

A justificação dos crentes sob o Velho Testamento era, em todos estes respeitos, a mesma justificação dos crentes sob o Novo Testamento(1). Ref.: 1- Hb 11:13; Jo 8:56; Gl 3:6-8; At 15:11; Rm 3:30.

Perfeitamente resume o conceito claro de que nunca o sangue de animais salvou ninguém (Hb 9:21, 22). Como nunca foram salvos (os crentes do AT), não podiam compartilhar da ressurreição (nem mesmo Enoque ou Elias) até a vinda de Cristo, sendo este o primeiro a ressuscitar, e fazendo com que os crentes do AT também ressuscitassem no fim da antiga ordem do mundo. De modo que os crentes do AT só foram aperfeiçoados com os crentes do NT (Hb 11:39, 40).

Conclusão

- A Justificação se dá por fé somente;
- Sem obras não existe fé e, portanto, sem (boas) obras há apenas condenação;
- O pecado exige purificação;
- Mas a Justificação é única e definitiva (no que diz respeito à fé).

DA ADOÇÃO E DA SANTIFICAÇÃO – CAP. 12 E 13

CAP 12:1

Todos os que são justificados é Deus servido, em seu único Filho Jesus Cristo e por ele, fazer participantes da graça da adoção(1). Por essa graça eles são recebidos no número dos filhos de Deus e gozam a liberdade e privilégios deles(2); têm sobre si o nome dele(3), recebem o Espírito de adoção(4), têm acesso com confiança ao trono da graça(5) e são habilitados a clamar: Abba, Pai(6); são tratados com comiseração(7), protegidos(8), providos(9) e por ele corrigidos, como por um pai(10); nunca, porém, abandonados(11), mas selados para o dia da redenção(12), e herdaram as promessas(13), como herdeiros da eterna salvação(14). Ref.: 1- Ef 1:5; Gl 4:4, 5. | 2- Jo 1:12; Rm 8:17. | 3- Ap 3:12. | 4- Rm 8:15. | 5- Ef 3:12; Hb 4:16; Rm 5:2. | 6- Gl 4:6. | 7- Sl 103:13. | 8- Pv 24:26; Sl 27:1-3. | 9- Mt 6:30-32; 1 Pd 5:7. | 10- Hb 12:6. | 11- Lm 3:31; Hb 13:5. | 12- Ef 4:30. | 13- Hb 6:12. | 14- 1 Pd 1:4; Hb 1:14.

Este assunto é de grande simplicidade. Não fomos "gerados" de Deus como Cristo o foi, portanto, quando Deus é considerado como pai, então somos seus filhos por adoção (algo válido tanto para Israel no AT quanto para Israel no NT). Os privilégios do Filho principal são dados aos adotados, assim, do mesmo modo como o filho recebeu um corpo espiritual, ou uma casa, nós recebemos também. É o modo que Deus usa para conferir-nos herança. Desse modo, no dia da redenção, o selo do Espírito foi concluído, de modo que agora gozamos completamente da liberdade de um filho nascido em casa. (Cremos que a CFW teria feito bem em não fazer um capítulo separado, mas incluir isso no capítulo da Justificação ou no início do capítulo da santificação: e talvez uma ou duas linhas resolvessem...).

DA SANTIFICAÇÃO CAP 13:1

Os que são eficazmente chamados e regenerados, tendo criado em si um novo coração e um novo espírito, são, além disso, santificados real e pessoalmente pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, pela sua palavra e pelo seu Espírito, que neles habita(1); o domínio do corpo do pecado neles todo destruído(2), as suas várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas(3), e eles são mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras(4), para

a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus(5). Ref. 1- At 20:32; Rm 6:5, 6; Jo 17:17; Ef 5:26; 2 Ts 2:13. | 2- Rm 6:6, 14. | 3- Rm 8:13; Gl 5:24; Cl 3:5. | 4- Cl 1:11; 2 Pd 3:13-14. | 5- 2 Co 7:1; Hb 12:14.

O maior problema, sempre, é definir "santidade". Por exemplo, um conhecido define santidade como ser "diferente do mundo" e, para isso, ele entende que uma mulher deve deixar o cabelo crescer (indefinidamente) e só usar saias, além de não permitir (vejam só) que a relação sexual entre marido e mulher seja vista por... eles mesmos (tudo deve ser embaixo de lençóis, às escuras). O ponto de partida da santidade dele é um contraste ao "mundo".

O ponto é que depois do capítulo 19 da CFW essa posição vai ficar cada vez mais evidente: o conceito de "santidade" depende inteiramente de como você define o ponto de partida. A maioria dos crentes (mesmo os "Sola Scriptura") não partem das escrituras e, portanto, ou geram uma série de conflitos internos e familiares desnecessários, ou caem numa flacidez total tornando os indivíduos culpados do que *realmente* é pecado. Ainda exporemos alguns pontos sobre a santidade, mas já demonstramos no texto sobre a lei de Deus o que deve ser pensado da Santidade.

CAP 13:2

Esta santificação é no homem todo(1), porém, imperfeita nesta vida; ainda persistem em todas as partes dele restos da corrupção, e daí nasce uma guerra contínua e irreconciliável: a carne lutando contra o espírito e o espírito contra a carne(2). Ref. 1- 1 Ts 5:23. | 2- 1 Jo 1:10; Fp 3:12; Gl 5:17; 1 Pd 2:11; Rm 7:19, 23.

Apesar de textos deslocados do contexto, a afirmação é verdadeira: lutamos contra o pecado. Embora eu não chamasse de guerra, como a seção seguinte o faz. Só é guerra para quem considera mais coisas pecado do que a própria bíblia considera.

CAP 13:3

Nesta guerra, embora prevaleçam por algum tempo as corrupções que permanecem(1), contudo, pelo contínuo socorro da eficácia do santificador, o Espírito de Cristo, a parte regenerada do homem novo vence(2), e assim os santos crescem em graça(3), aperfeiçoando a santidade no temor de Deus(4). Ref.: 1- Rm 7:23. | 2- Rm 6:14; 1 Jo 5:4; Ef 4:15, 16. | 3- 2 Pd 3:18; 2 Co 3:18. | 4- 2 Co 7:1.

Conclusão

- Há uma pequena redundância da CFW nestes dois capítulos;
- Entretanto, via de regra, apontam verdades profundas e bíblicas;
- Embora falte um condicionamento do conceito de Santidade, visto poder significar "qualquer coisa".

DA FÉ SALVADORA – CAP. 14

CAP 14:1

A graça da fé, pela qual os eleitos são habilitados a crer para a salvação das suas almas, é a obra que o Espírito de Cristo faz nos corações deles(1), e é ordinariamente operada pelo ministério da palavra(2); por esse ministério, bem como pela administração dos sacramentos e pela oração, ela é aumentada e fortalecida(3). Ref. 1- 1 Co 12:3; Ef 2:8; Hb 12:2. | 2- Rm 10:14,17. | 3- 1 Pd 2:2; At 2:32; Mt 28:19; 1 Co 11:23-29; 2 Co 12:8-10.

A Escritura é bem clara: a fé vem pelo ouvir e o ouvir pela Palavra de Deus (Rm 10:17; cf. Mt 4:4). Junto com isso ela não elenca nenhum outro instrumento de aumento da fé. Como podemos notar, mesmo no AT, com todas as festas direcionadas com o fim de apontar Cristo, a fé pouco operou, mostrando-nos que Israel, mesmo sob a antiga ordem do mundo com vários "sacramentos", ainda tinha dificuldades para ter fé (Lc 18:8). Infelizmente a CFW deduz da escritura que os 'sacramentos' aumentam a fé, e vamos conferir se os textos que ela cita realmente afirmam isso.

Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional [ou: leite da palavra; ou: lei espiritual], não falsificado, para que por ele vades crescendo; (1 Pedro 2:2)

A passagem apenas afirma que os crentes devem desejar o alimento básico, isto é, o leite da palavra (na leitura do texto grego isso é mais claro e evidente). Nada diz sobre sacramentos, e apenas reafirma que a palavra de Deus é alimento (Mt 4:4). A passagem de Atos 2:32 também nada afirma no que diz respeito aos sacramentos (e se considerarmos outras citações de outras versões da CFW – que citam Rm 1:16, 17 – só se evidencia mais ainda o desespero para que o texto bíblico se enquadre na visão dos puritanos).

Em outras versões a CFW cita João 6:

Jesus, pois, lhes disse: Na verdade, na verdade vos digo que, se não comerdes a carne do Filho do homem, e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós mesmos. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia. Porque a minha carne verdadeiramente é comida, e o meu sangue verdadeiramente é bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue permanece em mim e eu nele. (João 6:53-56)

Nada neste texto se refere à ceia. Cristo coloca a si mesmo no lugar do Maná (Jo 6:58), demonstrando ser o pão espiritual (assim como as palavras de Deus são "leite", Cristo nos dá sua "carne" e "sangue"). Os próprios apóstolos reconhecem serem as palavras de Cristo que dão vida (v. 68), além de o próprio Cristo ter afirmado o mesmo anteriormente (v. 63). O que temos? A instituição da Ceia que só veio próximo à traição? Claramente que não, pois nenhum elemento da ceia está em vista, e sim somente as palavras de Cristo e a própria vida dele.

Mas retomemos o início do problema: Jesus mostra que os homens o estavam procurando por causa da comida que ele deu à multidão (v. 26, 27). O versículo 27 é definitivo no assunto, pois ele mostra que o foco não é a comida física (e, portanto, a Ceia não está em vista), mas aquele alimento espiritual, que é Cristo mesmo (v. 35). Todo o discurso de Cristo é feito em torno desse ponto único e absoluto, e não de um alimento físico, que acaba. A Fé em Cristo é que de fato nos

alimenta (v. 48, 49). Quem busca conectar isso à Ceia só pode estar inserindo no texto o que quer ver, e não o que Jesus diz.

1 Coríntios 11 também nada afirma sobre aumento de fé ou diminuição dela atrelada à ceia (muito menos o batismo). As citações da CFW nada atestam sobre aquilo que ela busca provar. É uma conexão forçada.

[Talvez agora você diga: mas tudo o que Deus ordena é para o aumento da nossa fé! Bom, não sei você, mas não sentir ódio contra alguém ou não matar não aumenta a fé, apenas a demonstra. A instituição da ceia e do batismo veio com o objetivo não de aumentar a fé, mas de, no máximo, confirmá-la, demonstrando que os crentes possuem essa fé e não que aumentarão por estes meios (os tais "meios de graça"). O que temos aqui é, no máximo, o aumento de um sentimento ou mesmo uma emoção, mas jamais da fé].

A oração também não aumenta, por si mesma, a fé de ninguém, mas nela podemos pedir a Deus que nossa fé seja aumentada, e Deus, que é justo e santo, nos concederá isso nos direcionando mais e mais para sua Palavra, além de, eventualmente, se valer do sofrimento para que esta mesma fé seja testada (o sofrimento não aumenta a fé, diferente do que muita gente diz por aí... ele apenas a testa e reafirma).

CAP 14:2

Por esta fé o cristão, segundo a autoridade do mesmo Deus que fala em sua palavra, crê ser verdade tudo quanto nela é revelado, e age de conformidade com aquilo que cada passagem contém em particular, prestando obediência aos mandamentos, tremendo às ameaças e abraçando as promessas de Deus para esta vida e para a futura; porém, os principais atos de fé salvadora são: aceitar e receber a Cristo e firmar-se só nele para a justificação, santificação e vida eterna; isto em virtude do pacto da graça. Ref.: 1- 1 Ts 2:13; 1 Jo 5:10; At 24:14.

CAP 14:3

Esta fé é de diferentes graus; é fraca ou forte(1), pode ser muitas vezes e de muitas maneiras assaltada e enfraquecida, mas sempre alcança a vitória(2), atingindo em muitos a uma perfeita segurança em Cristo(3), que é não somente o autor, mas também o consumidor da fé(4). 1- Mt 6:30; Mt 8:10; Rm 4:19, 20. | 2- Lc 22:31, 32; 1 Co 10:13. | 3- Hb 6:11, 12; Hb 10:22; 2 Tm 1:12. | 4- Hb 12:2.

Este capítulo poderia ter sido resumido em um único parágrafo, além, também, de não falar nada realmente próprio da natureza da fé (e nós explicamos a natureza da fé no capítulo sobre Cristo, o Mediador). Se tornou apenas um falatório com uma falácia bíblica de que os sacramentos podem aumentar a fé (embora o restante do texto não seja, necessariamente, errado, afinal, é verdade que a fé recebe Cristo, ou que ela pode ser fraca ou forte, etc.). É um capítulo praticamente inútil, pois fala das relações sem falar da natureza central. Daí vemos tanta tendência ao racionalismo e intelectualismo entre os reformados...

Conclusão

- A fé vem pela palavra de Deus – e somente por ela;

- A CFW confunde a fonte da fé com os elementos estabelecidos para obediência dela;
- Porém, no demais, o capítulo acerta.

DO ARREPENDIMENTO PARA A VIDA – CAP. 15

CAP 15:1

O arrependimento para a vida é uma graça evangélica(1), cuja doutrina deve ser tão pregada por todo ministro do Evangelho como a da fé em Cristo(2). Ref. 1- At 11:18. | 2- Lc 24:47; Mc 1:15; At 20:21

Apenas devemos lembrar: o arrependimento é a base inicial da vida de alguém que vivia em pecado, apenas porque sem ele não se entra diante do Senhor; porém, é apenas uma doutrina rudimentar, e livros e livros escritos sobre o assunto provam certa superficialidade (ou você acha que tratar “profundamente” o assunto do arrependimento é que te torna um crente profundo? O arrependimento, pela própria natureza dele, precisa ser algo simples, visto que o objetivo é que um crente o execute tão logo creia em Cristo [e esta é uma boa razão para que este capítulo fosse parte do que trata da fé. Em um único parágrafo as coisas se resolveriam]). Para piorar, o arrependimento é uma doutrina tão rudimentar, segundo o autor da carta aos hebreus, que se quer o autor quis reexplicar o assunto, pois um crente de verdade não precisa viver se arrependendo.

CAP 15:2

Movido pelo reconhecimento e sentimento, não só do perigo, mas também da impureza e odiosidade do pecado como contrários à santa natureza e justa lei de Deus; apreendendo a misericórdia divina manifestada em Cristo aos que são penitentes, o pecador, pelo arrependimento, de tal maneira sente e aborrece os seus pecados que, deixando-os, se volta para Deus(1), tencionando e procurando andar com ele em todos os caminhos dos seus mandamentos(2). Ref.: 1- Ez 18:30, 31; Ez 36:31; Sl 51:4; Jr 31:18, 19; 2 Co 7:11. | 2- Sl 119:6, 59, 106; Mt 21:28, 29; Jo 14:23.

CAP 15:3

Ainda que não devemos confiar no arrependimento como sendo de algum modo uma satisfação pelo pecado ou em qualquer sentido a causa do perdão dele(1), o que é ato da livre graça de Deus em Cristo(2), contudo, ele é de tal modo necessário aos pecadores, que sem ele ninguém poderá esperar o perdão(3). Rf.: 1- Tt 3:5; At 5:31. | 2- Rm 3:24; Ef 1:7. | 3- Lc 13:3, 5; At 17:30.

CAP 15:4

Como não há pecado tão pequeno que não mereça a condenação(1), assim também não existe pecado tão grande que possa trazer condenação sobre os que se arrependem verdadeiramente(2). Ref.: 1- Rm 6:23; Mt 12:26; Tg 2:10. | 2- Is 55:7; Rm 8:1; Is 1:18.

Chocante quanto possa parecer, não há, na escritura, nenhuma estrutura de “pecado menos grave e mais grave” exceto daquilo que podemos deduzir como, por exemplo, o fato de desejar a mulher do próximo ser menos grave do que se deitar com ela. Mas isso só é verdade em relação ao próximo, não em relação a Deus. Para Deus todos os pecados o são de fato, e por isso recebem todos a mesma pena (a morte). Notamos que no modo da morte pode haver alguma pequena distinção (como a filha prostituta do sacerdote ser queimada ao invés de apedrejada [Lv 21:9]), mas nada disso altera o fato de haver certo nivelamento entre os pecados, devido sua pena única, alterando em gravidade apenas diante dos homens, pois atingem mais ou menos a vida dos outros (note que os mesmos que defendem que há pecados maiores e menores dizem que a pena para o pecado é a morte, nivelando todos os pecados igualmente). Também devemos lembrar que Cristo mostra que atribuir um ato do Espírito Santo ao diabo é imperdoável, tanto no período do AT quanto do NT (Mt 12:31, 32). Devemos, portanto, agir com cuidado, pois essa divisão (entre pecados maiores e menores) só satisfaz a nós. Porém, diante de Deus, a pena resulta sempre na exclusão da igreja (o que não resulta nisso não é pecado [confira nosso livro Falsos Pecados]).

Obs.: em Números é relatado que por qualquer pecado pode se aceitar remissão, porém, pelo assassinato não se pode. Isso é, claramente, um aspecto no qual existe gravidade maior neste pecado (Nm 35:31-34). Poderíamos dizer que o pecado contra o Espírito Santo também é um destes. O resultado disso, em absoluto, é que só há um pecado contra o próximo e um contra Deus que é distinto de todos os outros – com todos tendo a mesma gravidade diante de Deus.

CAP 15:5

Os homens não devem se contentar com um arrependimento geral, mas é dever de todos procurar arrepender-se particularmente de cada um dos seus pecados. Ref.: 1- Sl 19:13; Lc 19:8; 1 Tm 1:13, 15

A verdade é que não existe “arrependimento geral”. Se não nos arrependemos dos pecados especificamente, então não nos arrependemos. Pressupor que é possível um arrependimento geral é mera especulação, e nada diz sobre o que o arrependimento de fato é – consulte os próprios textos citados pela CFW.

CAP 15:6

Como todo homem é obrigado a fazer a Deus confissão particular das suas faltas, pedindo-lhe o perdão delas(1); o que, feito, achará misericórdia(2), se deixar os seus pecados, assim também aquele que escandaliza a seu irmão ou a Igreja de Cristo, deve estar pronto, por uma confissão particular ou pública do seu pecado e do pesar que por ele sente, a declarar o seu arrependimento aos que estão ofendidos(3); isto feito, estes devem reconciliar-se com ele e recebê-lo em amor(4). Ref.: 1- Sl 32:5,6; Sl 51:4, 5, 9, 10. | 2- Pv 28:13; 1 Jo 1:9. | 3- Tg 5:16; Lc 17:3, 4; Js 7:19. | 4- 2 Co 2:7, 8; Gl 6:1, 2.

Como a igreja aumentou a quantidade de coisas que são pecado, a instrução para a confissão para as autoridades tornou-se irrelevante. Afinal, hoje, se você “peca” comendo um pouco acima, pra quê confessar? Não pecamos toda hora? Então eu viveria em confissões! Veja, a escritura é clara em que devemos confessar nossos pecados uns aos outros (não só os que cometemos contra eles), mas ela também

é taxativa em limitar a quantidade de pecados existentes reais. Por exemplo, um garoto que se masturba (qual não faz isso? "É raro, mas acontece muito"), deveria toda semana se confessar, caso pense em uma moça solteira (nem noiva e nem casada)? Claramente que não, pois isso não existe na escritura. Contudo, caso ele o faça pensando em uma mulher casada, deve imediatamente buscar suporte dos presbíteros (ou diáconos?), a quem deve confessar suas faltas.

Obs.: eu sei que você está pensando em Mateus 5 em que Jesus diz que desejar uma mulher é adultério, mas acalme-se, pequeno polegar, em nosso livro sobre casamento tratamos o assunto. Por hora evitaremos para não haver sobrecarga.

Este é o caso de Acã, que teve que confessar seu pecado às autoridades (que são a sombra das autoridades "eclesiásticas" no NT, não do governo civil), de modo que assim a antiga Israel parou de sofrer as penas de Deus (Js 7), visto terem aplicado a ele a disciplina (da morte total naquele momento, sendo atualmente a exclusão do meio do povo [não meramente a remoção do nome do papel da 'membresia'] por algum tempo). O pecado (sim, somente **pecado**, não questões de mero incômodo pessoal) se praticado contra o meu próximo deve ser confessado a ele, de acordo Mateus 18 esclarece. Mas não havendo a necessidade, por ser algo interno (como o exemplo dado acima) ou por ser somente contra Deus, devemos confessar às autoridades instituídas por Deus na igreja, que procederão com exclusão temporária (o pecado deve ser tratado assim, independente do arrependimento do indivíduo [como no caso de Acã]. Viu como é grave condenar por qualquer coisa que achemos que é pecado?).

Isso merece um pequeno adendo: se tudo é pecado, a igreja nem se quer deveria existir, visto que todos os dias praticamos o que dizem ser pecado. Como só é pecado o que diz a Escritura, então de fato a igreja pode existir sem que seus membros sejam permanentemente excluídos (lembre-se que Paulo manda excluir do meio dos crentes o que praticou pecado em 1 Co 5).

Conclusão

- A CFW se estende desnecessariamente no assunto, mas o trata bem;
- O arrependimento, embora vindo após a fé, é o primeiro ato em direção a Deus que costumamos perceber;
- O arrependimento só pode ser específico;
- As divisões de pecados maiores e menores tendem a ser superficiais;
- O pecado exige confissão.

DAS BOAS OBRAS – CAP. 16

CAP 16:1

Boas obras são somente aquelas que Deus ordena em sua santa palavra(1), não as que, sem autoridade dela, são aconselhadas pelos homens movidos de um zelo cego ou sob qualquer outro pretexto de boa intenção(2). Ref.: 1- Dt 12:32; Sl 119:9;

Mt 28:20; Lc 10:25, 26; 2 Pd 1:19. | 2- Mt 15:9; Is 29:13; Jo 16:2; 1 Sm 15:22, 23; Cl 2:20-23

É engraçado como, no que diz respeito à lei de Deus, a CFW confunda tantas coisas (a lei dada a Adão, dada a Moisés, lei natural etc.), mas no que diz respeito a afirmação de boas obras ela afirme categoricamente que somente o que as escrituras dizem que são boas obras é que de fato sejam boas obras (logo, não pode haver lei natural, não é?). Notamos claramente que a preocupação puritana neste momento não é a de definir biblicamente o assunto, mas sim, é outra coisa.

A preocupação deles neste capítulo evidencia o quanto a teologia católica romana estava presente. Os puritanos queriam rebater a série de invenções romanas a respeito das boas obras, obras estas criadas por eles para uma satisfação religiosa pura, com coisas como a privação do sexo nas festas religiosas, o dízimo, o cuidado geográfico de terras, etc., como se essas coisas fossem boa obra.

Porém, os puritanos não escaparam à invenção das boas obras. Para um puritano, trabalhar (no sentido 'normal' do termo) é uma boa obra, e por isso não trabalhar com perfeição é má obra, de modo que pouco trabalho ou um trabalho relapso resulta em pecado (algo que em lugar algum as escrituras afirmam. No fim, tiraram as "boas obras" católico romanas voltadas para o âmbito religioso e as adaptaram ao âmbito trabalhista).

Obs.: se Lei Natural existe (no sentido ensinado pelos puritanos e romanos), a prática dela é boa obra, logo, ou os puritanos defendem que Lei Natural existe e pode estabelecer boas obras, ou ela é só um resumo do que diz a Lei de Deus na Escritura e, por isso, podemos saber pela Escritura (e lei natural) o que é uma boa obra, testificando de Deus no mundo todo o que essas coisas são.

É tão tolo quanto quase maléfico. Veja, por qual razão você pensa que a Europa cresceu científica e tecnologicamente após a Reforma? Ou, por qual motivo você acha que os EUA (nação de "protestantes") se tornaram líderes mundiais em termos de trabalho? Simplesmente por que "a consciência foi aberta para a realidade" ou devido a uma "cosmovisão cristã"? Ou por que o homem saiu "redimindo" tudo (conceito também fortemente católico romano, mas recuperado pelos neocalvinistas em especial)?

Obs.: a divisão "Natureza x Graça" e "Graça Comum x Especial", sempre necessitará de uma teologia da "remissão" (o Opus Dei que o diga), para tornar as coisas não santas em santas(?), como se Cristo não já tivesse morrido para tornar tudo puro por si mesmo.

A resposta é simples: o que os impulsionava era o medo do inferno! Ora, é óbvio que coletamos boas coisas disso, temos mais conforto, tecnologia e comunicação. Em relação a países sem desenvolvimento cristão ou católicos, os países protestantes estão quase sempre na frente no que diz respeito a quase tudo que há no mundo. Você acha que isso é efeito meramente da benção de Deus? Não somente; pois Israel foi abençoado por Deus, mas estava atrás de nações como os gregos em termos científicos (o Imperador [pagão e idólatra] Juliano prova muito bem isso em seu livro "Against the Galileans"). Então, qual é o ponto?

Tanto o Católico quanto o Puritano ensinaram distorções de boas obras, enquanto que o NT (junto ao AT) ensinam por sombras e realidades o que elas de fato são. Assim, essa seção da CFW deve ser utilizada não só contra as invenções ritualísticas dos romanos, mas também contra os reformados e protestantes.

Quando a Escritura trata de boas obras, sempre tem em vista dois tipos: obras de justiça e obras de misericórdia (Mq 6:8). Estas obras se focam em dar a cada um o que é devido (no caso da justiça: pagar o que se deve, dar a honra, fazer o que gostaria que fosse feito a mim etc.) e ajuda-los nas necessidades (no caso da misericórdia: pagar a quem não se deve para que tenha o que comer, dar honra a quem não tem e fazer o que gostaria que fosse feito a mim, se na mesma necessidade). No caso das mulheres (casadas), as boas obras incluem sua modéstia e o silêncio em relação ao marido com um procedimento obediente (1 Pd 3:1-5).

CAP 16:2

Estas boas obras, feitas em obediência aos mandamentos de Deus, são o fruto e as evidências de uma fé viva e verdadeira(1); por elas os crentes manifestam a sua gratidão(2), robustecem a sua confiança(3), edificam os seus irmãos(4), adornam a profissão do Evangelho(5), tapam a boca dos adversários(6) e glorificam a Deus(7) cuja feitura são, criados em Jesus Cristo para isso mesmo(8), a fim de que, tendo o seu fruto em santificação, tenham no fim a vida eterna(9). Ref.: 1- Tg 2:18, 22. | 2- Sl 116:12, 13; Cl 3:17; 1 Cr 29:6-9. | 3- 1 Jo 2:3, 5; 2 Pd 1:5-10. | 4- 2 Co 9:2; Mt 5:16. | 5- Tt 2:5; 1 Tm 6:1; Tt 2:9-12. | 6- 1 Pd 2:15. | 7- 1 Pd 2:12; Fp 1:11; Jo 15:8. | 8- Ef 2:10. | 9- Rm 6:22.

Até aqui a CFW disse quais são as boas obras? Como ficará evidente, a CFW contribuiu para uma fé morta, ou deixou o mesmo espaço para que se desenvolvesse o conceito de boas obras apenas diferente do que dizia o Catolicismo Romano. Veja, nada do que ela disse até agora está errado, mas não há nada dito de modo realmente positivo, somente de modo genérico (tapam a boca de adversários, glorificam a Deus, adornam o Evangelho, manifestam gratidão, são somente as que a Escritura afirmam ser boas obras...). Conquanto sejam fundamentais essas informações (todas elas estão claramente nas Escrituras), elas são insuficientes para a defesa do que são boas obras (considerando até que o católico romano diria a mesma coisa).

Não podemos negligenciar – é verdade – que também há boas obras em relação à piedade, isto é, coisas que são feitas em direção a Deus (como oração, louvor e salmos etc.). O que é preciso saber, portanto? Que as obras são feitas considerando o que a Escritura considera boa obra, e não no que nós achamos ser. Qualquer coisa além do que a Escritura diz ser boa obra é meramente algo paralelo, uma ajuda emocional e até mesmo verdadeira, mas nada mais do que algo horizontal.

CAP 16:3

O poder de fazer boas obras não é de modo algum dos próprios fiéis, mas provém inteiramente do Espírito de Cristo(1). A fim de que sejam para isso habilitados, é necessário, além da graça que já receberam, uma influência positiva do mesmo Espírito Santo para obrar neles o querer e o perfazer segundo o seu beneplácito(2);

contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo Espírito, mas devem esforçar-se por estimular a graça de Deus que há neles(3). Ref.: 1- Jo 15:5, 6; Ez 36:26, 27. | 2- Fp 2:13; 4:13; 2 Co 3:5. | 3- Fp 2:12; Hb 6:11, 12; Is 64:7 2 Pd 1:3, 5, 10, 11; 2 Tm 1:6; Jd 20 e 21.

Continuamos em afirmações verdadeiras, mas genéricas.

CAP 16:4

Os que alcançam, pela obediência, a maior perfeição possível nesta vida estão longe de exceder as suas obrigações e fazer mais do que Deus requer, e são deficientes em muitos dos deveres que são obrigados a fazer. Ref.: Lc 17:10; Gl 5:17.

Imagine o problema: falta uma definição, então, qualquer coisa que façamos (como o trabalho) é considerada "boa obra". Daí, ensino que sempre serei deficiente em relação às boas obras. Qual você crê que será a conclusão? (trabalhar até acima do que consigo). Isso confunde-se com o conceito de "Vocação" entre os reformados:

- 1 – Cada ser humano tem uma vocação;
- 2 – Deus é quem a dá;
- 3 – Logo, negligenciar ela é pecar contra Deus.

Embora seja verdade que haja certas "vocações", elas estão estabelecidas desde o início dos tempos, e nada têm a ver com o trabalho em si. A vocação é: praticar os mandamentos de Deus e tratar devidamente as autoridades (p.ex.: maridos). E, mesmo assim, quem cobra a prática dessas vocações nem sempre é qualquer um, pois contradiria a própria vocação (uma esposa não pode cobrar ao marido tais coisas, por exemplo).

O resultado do conceito de vocação desorganizado é uma vida direcionada ao trabalho, com este sendo boa obra, tornando, novamente, os indivíduos negligentes em relação ao que, de fato, são as boas obras. É claro que na prática é melhor um povo trabalhador do que preguiçoso, mas isso se deu a um custo alto para as consciências dos homens. Podemos, com verdade, estimular o trabalho e é o que buscamos, mas jamais podemos equivaler a preguiça ao inferno (em nosso livro sobre Falsos Pecados tratamos disso).

CAP 16:5

Não podemos, pelas nossas melhores obras, merecer da mão de Deus perdão de pecado ou a vida eterna, porque é grande e desproporção que há entre elas e a glória porvir, e infinita a distância que vai de nós a Deus, a quem não podemos ser úteis por meio delas, nem satisfazer pela dívida dos nossos pecados anteriores(1); e porque, como boas, procedem do seu Espírito(2) e, como nossas, são impuras e misturadas com tanta fraqueza e imperfeição, que não podem suportar a severidade do juízo de Deus(3); assim, depois que tivermos feito tudo quanto podemos, temos cumprido tão somente o nosso dever, e somos servos inúteis(4).

Ref.: 1- Rm 3:20; Rm 4:2, 4, 6; Ef 2:8, 9; Tt 3:5-7; Rm 8:18. | 2- Gl 5:22, 23. | 3- Is 64:6; Sl 143:2; Sl 130:3; Gl 5:17; Rm 7:15, 21-23. | 4- Lc 17:10; Gl 5:17.

Aqui há mistura de erro e acerto. Afinal, nossas obras, quaisquer que sejam, não podem nos aproximar de Deus, aliás, podem até nos afastar, caso achemos que elas servem para nossa justificação. Porém, a CFW, mesmo considerando o resto do capítulo, erra na ênfase. Todas as boas obras dos crentes são recebidas por Deus como se elas valessem mais do que qualquer coisa, até mesmo quase tanto quanto a fé (como vimos em nosso texto sobre a Fé). Assim, se as obras forem uma coisa tão fraca, ruim e infinitamente distante de Deus, nossa fé, igualmente, é ineficaz para qualquer coisa. O que tornou as obras em valorosas foi justamente o fato de, em especial no NT, a Fé ter relevância acima de qualquer coisa que o homem produza. Desse modo, a Fé (que produz obras) é justamente o que as torna reais e valiosas (mesmo considerando todos os textos citados pela CFW – que em geral se voltam para os ímpios ou à incapacidade de nos salvarmos por obras).

CAP 16:6

Não obstante o que havemos dito, sendo aceitas por meio de Cristo as pessoas dos crentes, também são aceitas por ele(1) as boas obras, não como se fossem, nesta vida, inteiramente puras e irrepreensíveis à vista de Deus(2), mas porque Deus, considerando-as em seu filho, é servido aceitar e recompensar aquilo que é sincero, embora seja acompanhada de muitas fraquezas e imperfeições(3). Ref.: 1- Ef 1:6; 1 Pd 2:5; Gl 4:4; Hb 11:4. | 2- 1 Co 4:3, 4; Sl 143:2. | 3- 2 Co 8:12; Hb 6:10

Aqui, enfim, vemos um pequeno reconhecimento de que as boas obras valem.

CAP 16:7

As obras feitas pelos não-regenerados, embora sejam, quanto à matéria, coisas que Deus ordena, e úteis tanto a eles mesmos quanto aos outros(1), contudo, porque procedem de corações não justificados pela fé(2), não são feitas devidamente, segundo a Palavra(3); nem para um fim justo – a glória de Deus(4); são, portanto, pecaminosas e não podem agradar a Deus, nem preparar o homem para receber a graça de Deus(5); não obstante, o negligenciá-las é ainda mais pecaminoso e ofensivo a Deus(6). Ref.: 1- 2 Rs 10:30, 31; Fp 1:15, 16, 18. | 2- Hb 11:4, 6; Gn 4:3-5. | 3- 1 Co 13:3; Is 1:12. | 4- Mt 6:2, 5, 16; Rm 14:23. | 5- Tt 1:15; Pv 15:8; Pv 28:9. | 6- Mt 25:24-28, 41-43, 45

Há completa verdade nisso: boas obras sem a fé em Cristo de nada valem – exceto horizontalmente. Porém, nada pode ser dito contra as obras em si. A lógica do texto bíblico aponta que aquele que faz boas obras tem, ao menos, uma direção em relação à fé (como Tiago mostra, no mínimo), mas estar “em direção à fé” não é o mesmo que ter a fé. Por isso, ajudar órfãos, viúvas, cuidar dos de fora da igreja e alimentar necessitados nada acrescenta à fé se, primeiro, não estiver controlado pela fé. Como devemos compreender, a CFW possui primor teológico, mas carece, neste assunto em especial, de clareza para limitar o que a própria escritura reconhece como boas obras.

Obs.: há um exemplo prático em Atos 14-15. Alguns homens ensinavam que para haver salvação era necessário a prática de certas obras, neste caso, a circuncisão (At 15:1). Os apóstolos, porém, ao lidarem com isso, não resolvem na forma padrão

esperada pela teologia nossa, antes, estabelecem outras obras distintas (v. 29), considerando a graça de Deus como o que nos livra das obras da lei (v. 11). Dessa forma, o conflito no texto não é exatamente entre “obras – fé” ou “obras – graça”, mas entre “obras – obras”, sendo a primeira as obras da lei, e a segunda os mandamentos da lei. Há diferença entre as obras da lei e seus mandamentos. Este é o ponto que a CFW não conseguiu atingir, pois, embora reforce o papel da fé, ela não conseguiu dizer ativamente quais são as obras que o crente deve praticar.

Conclusão

- A CFW fracassa em determinar o que são as boas obras, embora entenda o ponto teoricamente;
- As boas obras não salvam;
- Mas elas não podem ser negligenciadas, sob risco de perdição.

DA PERSEVERANÇA DOS SANTOS – CAP. 17

CAP 17:1

Os que Deus aceitou em seu Filho amado, que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça nem total, nem finalmente; mas, com toda certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos(1). Ref.: 1- Fp 1:6; Jo 10:28, 29; 1 Pd 1:5, 9; Jr 32:40; 1 Jo 3:9.

CAP 17:2

Esta perseverança dos santos não depende do livre arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do livre e imutável amor de Deus Pai(1), da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo(2), da permanência do Espírito e da semente de Deus neles(3), da natureza do pacto da graça(4); de todas estas coisas vêm a sua certeza e infalibilidade(5). Ref.: 1- 2 Tm 2:19; Jr 31:3; Ef 1:4, 5; Jo 13:1; Rm 8:35-39. | 2- Hb 10:10, 14; Jo 17:11, 24; Hb 7:25; Hb 9:12-15; Lc 22:32. | 3- Jo 14:16, 17; 1 Jo 2:29; 1 Jo 3:9. | 4- Jr 32:40; Hb 8:10-12. | 5- 2 Ts 3:3; 1 Jo 2:19; Jo 10:28; 1 Ts 5:23, 24; Hb 6:17-20

Ressalto que isso é de absoluta importância, e justamente por causa de um elemento em particular no texto: a natureza do pacto da graça. Retornaremos a isso abaixo ainda.

CAP 17:3

Eles [os santos], porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pela força da corrupção neles restante e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e por algum tempo continuar neles(1); e assim incorrerem no desagrado de Deus(2), entristecerem o seu Santo Espírito(3) e, de algum modo, venham a ser privados das suas graças e confortos(4); tenham os corações endurecidos(5) e as suas consciências feridas(6); prejudiquem e escandalizem os outros(7) e atraiam sobre si juízos temporais(8). Ref.: 1- Mt 26:70, 72, 74; 2 Sm 12:9, 13. | 2- Is 64:7, 9; 2 Sm 11:27. | 3- Ef 4:30. | 4- Sl 51:8, 10, 12; Ap 2:4. | 5- Mc

6:52; Sl 95:8. | 6- Sl 32:3, 4; Sl 51:8. | 7- 2 Sm 12:14; Ez 16:54. | 8- 2 Sm 12:10; Sl 89:31, 32.

Satanás foi "lançado no lago de fogo". A isso voltaremos ao tratarmos da Escatologia em geral em outro artigo. O ponto é que se Satanás ainda reinasse, ou se ele ainda tivesse algum poder real, a própria igreja seria conduzida à idolatria (aquela mesma dos cultos antigos, que envolvia morte de bebês, assassínios, sexo, comida e bebida... tudo em honra a alguma divindade). As Escrituras mostram que o papel principal do diabo foi conduzir as nações para dentro da idolatria. Atualmente isso não existe (não dentro da igreja), de acordo a própria promessa de Deus (Zc 13:2). Assim, se isso não existe mais, e o diabo é quem liderava esse culto (1 Co 10:19-21), então o diabo não tem mais este poder. [Note que o diabo exercia muito poder político no AT (cf. Mt 4 e Ap 16:14)].

Este ponto é importante, pois já há muito tempo que nenhum governante se atribui poder divino. Embora haja perseguição religiosa iniciada por governos, aquele tipo de governo diabólico em que o imperador/rei exige adoração não é mais visto entre nós. O ambiente natural após a Torre de Babel era o de auto atribuição divina pelo rei. Israel era uma raridade em que o rei não tinha esse reconhecimento por parte de ninguém; mas dos egípcios até os babilônios (veja Daniel, por exemplo) e gregos e romanos (na verdade, nos romanos isso começa a diminuir), o rei necessitava de adoração. Que é isso senão aquela evidente fala de Satanás diante de Cristo de que detinha (ele diz no presente) o poder de todos os reinos do mundo? (Mt 4:8, 9). Uma vez notado que isso não é mais comum, podemos entender que o diabo perdeu este poder, e os governos embora não neutros, não são mais regidos por poderes diabólicos (apesar de maldades infinitas, mas que vêm do coração humano, não do diabo [Mt 15:19]). Veja que em Apocalipse 20 o diabo é tratado como quem engana as nações, logo, se o evangelho tem chegado a todas as nações e até a reis, não é possível que o diabo as esteja enganando.

[Não nos venha com os conceitos toscos de idolatria presentes entre puritanos e neocalvinistas ou entre católicos romanos. Estes conceitos mais confundem do que ensinam, fazendo qualquer emoção ou paixão ser uma idolatria abominável, quando são somente certa falta de controle ou desequilíbrio].

Por qual motivo sabemos que há plena certeza da perseverança dos crentes? Veja, quando Deus fez a aliança com Abraão, não lhe impôs condições, pois era fruto da graça somente. E, embora seja verdade que a lei esteja cheia de graça, ela, que veio séculos depois da promessa, estava cheia de condições nas quais nós falharíamos, pois somos carne (Rm 7). A Lei de Deus veio como um auxílio à promessa feita a Abraão, mas ela mesma não era capaz de levar os israelitas (e a igreja) de volta à promessa senão somente como uma condutora, alguém que ensina sobre a promessa, demonstrando para nós a incapacidade de guardar a lei (tanto em seu âmbito "moral" quanto "ritual"), mas, principalmente, ensinando ativamente sobre a vinda de Cristo em seus rituais e cerimônias (pois é isso que um 'aio' fazia). Dessa forma, o que temos? Não podemos confundir as funções. A perseverança existe apenas pela promessa e não pela lei, mas sem a lei eu não entendo a promessa e nem sei em quê perseverar. Veja que embora a promessa seja incondicional, e portanto a aliança, ela exige que nos portemos como a esposa de Deus, o honrando e o adorando unicamente.

Isso prova que Israel, a nação, jamais será novamente povo de Deus. Todo o plano para Israel (nação) foi completado no ano 70 d.C., mostrando que há falha naqueles que esperam poder reviver essa aliança que falhou por causa da carne. Ora, se busco reatar Israel à aliança, estou olhando com os olhos da carne, e tentando invalidar a promessa de Deus a Abraão, que é para todas as nações (inclusive Israel) e não limitada à nação israelita. Se creio que Deus ainda alimenta e sustém Israel, ignoro também o símbolo de Hagar, que foi expulsa da casa de Abraão (Deus) por causa da igreja, isto é, Hagar (Israel Antiga) é a escrava, pois estava sob a lei, e Sara (Nova Israel) a livre, pois estava sob a promessa (Gl 4:23-26) – Hagar jamais volta à casa de Abraão. Mas apenas pela promessa de Deus a Abraão fica claro e evidente o papel limitado que Israel forneceu, tendo caído da aliança sinaítica, e não acordado para a abraâmica.

Portanto, se a nova aliança não pode falhar, Israel também não pode retornar como povo separado da igreja, pois a assembleia de Deus (a igreja), só veio a existir pela queda de Israel. Quem espera um futuro para Israel espera uma falha grande para a igreja, algo que Deus não prometeu, visto que invalidaria a promessa a Abraão. A perseverança dos Santos está perfeitamente resumida neste capítulo, embora não se tenha tratado destes âmbitos mais gerais que garantem a perseverança dos crentes.

Conclusão

- Este capítulo da CFW só confunde os papéis do diabo;
- A promessa de Deus para a Nova Aliança é de que ela não falharia;
- Portanto, a antiga Israel jamais retornará como povo;
- A perseverança dos crentes na igreja é certa, visto a promessa de Deus não falhar.

DA CERTEZA DA GRAÇA E DA SALVAÇÃO – CAP. 18

CAP 18:1

Ainda que os hipócritas e outros não regenerados possam iludir-se vãmente com falsas esperanças e carnal presunção de se acharem no favor de Deus e em estado de Salvação(1), esperança essa que perecerá(2); contudo, os que verdadeiramente creem no Senhor Jesus e o amam com sinceridade, procurando andar diante dele em toda a boa consciência, podem, nesta vida, certificar-se de se acharem em estado de graça(3) e podem regozijar-se na esperança da glória de Deus, nessa esperança que nunca os envergonhará(4). Ref.: 1- Dt 29:19; Jo 8:41. | 2- Mt 7:22,23. | 3- 2 Tm 1:12; 1 Jo 2:3; 1 Jo 5:13; 1 Jo 3:14, 18, 19, 21, 24. | 4- Rm 5:2, 7.

Quem lê essa seção da CFW não consegue imaginar o quanto os puritanos se preocupavam com a "certeza da salvação". Isso gerou vários manuais, livros, sermões, anotações ad infinitum. Lembrando que a Igreja Primitiva não era geralmente inteligente (1 Co 1:26-29), os manuais puritanos dificilmente serviriam a ela. O motivo é simples. Quanto mais cristianizada uma sociedade, quanto mais

"normais" os indivíduos são, mais difícil fica separar quem "é crente" de quem "não é" e, pra isso, a igreja acaba criando uma série de minúcias apenas para se contrastar com o "mundo". Na igreja primitiva era bem simples saber que alguém era crente: havia caos por todo lado, os crentes eram os únicos humildes e que mantinham seus votos e guardavam os mandamentos de Deus. Hoje, até mesmo entre os ímpios (será que são todos?) é difícil não notarmos características que na Igreja Primitiva não seriam coisas elevadas.

Isso pode ser melhor visto, hoje, em um mundo muçulmano. Explique a um muçulmano (que não faça mais parte do ISIS) sem contato com a cultura Ocidental o quanto a morte de Cristo o purifica de todo o pecado. Para ele, que matou e torturou indivíduos, isso será grande coisa. Pra nós, que já vivemos com relativo alto padrão (quem é nos EUA e Brasil que tem uma organização voltada para torturar e matar inimigos e dissidentes?) tal afirmação é até básica, quase uma "verdade necessária".

Mas nos voltemos novamente ao ponto principal. Concordamos que é possível termos certeza da salvação, mas quanto mais comparamos com "o mundo" (cristianizado) mais difícil fica de fazer a demarcação do que, de fato, é essa certeza. E se não bastasse, agora é necessário estudar livros e manuais para essa certeza de fato... bobagem. Falhamos totalmente se acreditamos nisso. Como exemplo prático, veja: se alguém que consideramos descrente come muito, presumimos que ser crente é o oposto disso (comer pouco); se alguém que consideramos descrente vive em casa mais do que trabalha, presumimos que essa vida é de descrente; do mesmo modo, se um indivíduo vive a fazer certas coisas que temos uma suspeita de serem ruins, logo em seguida passamos a defender que tais coisas são pecado. Assim, cada vez mais, na medida em que a lista de pecados aumenta, mais aumenta a necessidade de um estabelecimento claro para vencer a incerteza da salvação.

Posso pontuar de outro modo: os fariseus sabiam mais hebraico e (talvez) mais grego do que qualquer mestre de Hebraico e Grego atualmente. Eles, com todo o conhecimento em primeira mão (já estavam na cultura para a qual aquilo tinha sido escrito) estavam errados nos pontos fundamentais da fé e da própria escritura que estudavam diariamente. Não acha que esse conhecimento em primeira mão com uma vida rígida não criava a necessidade de uma diferenciação cada vez maior do "mundo"? Cristo, por outro lado, nunca foi contra aquilo que a lei não proibia, por isso andava com publicanos, gentios e prostitutas, mas não com hipócritas, adúlteros e ladrões (os fariseus). Isso não é para que levantemos a voz contra os que muito estudam, e sim para criar em nós temor! Afinal, se os que estudam muito e podem "comprovar a própria certeza" erram tão grotescamente, o que será de nós, meros ocidentais de milênios de distância dos eventos principais da História do Mundo? Ora, pela graça de Deus nem o conhecimento da verdade e nem a certeza dele depende do conhecimento e intelectualidade disponível a nós.

A afirmação da CFW, portanto, está correta: há hipócritas que se convencem de sua salvação. Há descrentes no nosso meio. Há todo tipo de heresia no coração. Ninguém irá discordar disso. E mais, é verdade que os crentes podem ter certeza, embora, em termos de conteúdo, ela não difira em nada da de um hipócrita. Ou você acha que quem entregava um crente à morte crendo fazer um serviço a Deus não tinha tanta certeza quanto o crente que morria? (Jo 16:2). A certeza dos

indivíduos nada diz da realidade diante de Deus; algo que só podemos conquistar, de fato, pelo que a Escritura diz e não pelo sentimento de certeza, confiança ou mesmo de práticas e doutrina correta.

O fato de Paulo ter certeza de sua salvação (2 Tm 1:12) e de João afirmar o método para sabermos isso (1 Jo 2:3) é o testemunho de uma certeza da salvação em cada crente. O caso de João ainda é mais interessante, já que ele diz que "guardar os mandamentos" é sinal de que conhecemos a Deus e somos seus filhos (lembre-se que ele menciona como mandamento o amor ao irmão em especial). Não me importa se um indivíduo não parece crente, devido a uma certa estupidez, palavreado feio ou porque flertou com uma moça não casada (nem divorciada). A verdade é que ele não deixa de ser crente, desde que tenha o fundamento correto (Cristo) e a guarda dos mandamentos de Deus de fato. Como saber se sou crente? Ora, confira os mandamentos de Deus e veja se tem mantido o seu caminho puro! (Sl 119:11, 21, 24, 35, 116). Parece muito superficial? É claro! O objetivo de Deus é que até o tolo saiba que é salvo se o for; portanto, fez um caminho de grande simplicidade. Não precisamos entender Filosofia, ter um raciocínio longo, cheio de digressões, ler John Owen, para de fato entender a natureza do pecado de que fui liberto e de como tenho certeza da salvação.

Resumindo, se estamos guardando os mandamentos de Deus somos salvos, quer tenhamos muita consciência disso ou não – esta é a fórmula do apóstolo João.

CAP 18:2

Esta certeza não é uma mera persuasão conjectural e provável, fundada numa falsa esperança, mas uma segurança infalível da fé(1), fundada na divina verdade das promessas de salvação(2), na evidência interna daquelas graças a que são feitas essas promessas(3), no testemunho do Espírito de adoção, que testifica com nossos espíritos sermos filhos de Deus(4), testemunho desse Espírito, que é o penhor de nossa herança e por quem somos selados para o dia da redenção(5). Ref.: 1- Hb 6:11, 12. | 2- Hb 6:17-20; 2 Pd 1:4, 5. | 3- 2 Pd 1:10, 11; 1 Jo 3:14. | 4- Rm 8:1, 5, 16. | 5- Ef 1:13, 14; 2 Co 1:21, 22.

A CFW vai muito bem nesta seção, porém, falha em dois pontos bem pequenos nela: o primeiro – e menos evidente – é o subjetivismo ao qual ela lança o leitor. Enquanto João e Paulo se focam em ambas as coisas (internas e externas), esta seção se preocupa apenas com as provas internas e subjetivas da salvação. É meia verdade, pois falta o seu complemento, o da fé viva, conforme Tiago explica.

O segundo problema é que, tendo o dia da redenção ocorrido no ano 70 d.C., não é possível que o Espírito Santo ainda seja um selo, mas sim o presente completo. Antes ele selava os crentes, pois era como uma preparação para o Grande Dia – garantindo a eles a vida após este dia. Agora, porém, que o Dia passou, não mais é necessário aguardarmos um "dia da redenção". Se já temos a redenção completa, o penhor não existe mais, e por isso os dons cessaram. Agora temos a pacificação do Espírito Santo, que ilumina e habilita os crentes dando a eles certeza de sua salvação. A isso retornaremos em nossos artigos sobre Escatologia, mas, até lá, é importante que note este erro cronológico na CFW.

CAP 18:3

Esta segurança infalível não pertence de tal modo à essência da fé, que um verdadeiro crente, antes de possuí-la, não tenha de esperar muito e lutar com muitas dificuldades(1); contudo, sendo pelo Espírito Santo habilitado a conhecer as coisas que lhe são livremente dadas por Deus, ele pode alcançá-la sem revelação extraordinária, no devido uso dos meios ordinários(2). É, pois, dever de todo o fiel fazer toda a diligência para tornar certas a sua vocação e eleição, a fim de que por esse modo seja o seu coração, no Espírito Santo, confirmado em paz e gozo, em amor e gratidão para com Deus, em firmeza e alegria nos deveres da obediência, que são os frutos próprios desta segurança. Este privilégio está, pois, muito longe de predispor os homens à negligência(3). Ref.: 1- Is 1:10; 1 Jo 5:13 | 2- 1 Co 2:12; 1 Jo 4:13; Sl 77:10-20. | 3- 2 Pd 1:10; Rm 6:1, 2; Tt 2:11, 12, 14.

É intrigante a afirmação para se lutar para ter certeza da salvação, pois, como dissemos, era um grande foco de estudo dos puritanos, de modo que chegaram a distorcer textos bíblicos para criar uma série de percursos complexos para essa certeza (veja, por exemplo, o sofrimento desnecessário de John Bunyan e George Whitefield com as incertezas que tiveram por causa de poucas coisas). O tamanho deste capítulo já é uma prova por si mesmo, visto que um parágrafo resolveria o problema (e poderia, talvez, até ser parte de outro capítulo).

Note também os textos: Isaías 1:10 nada prova, e 1 João 5:13 tem como fundamento o versículo de 1 João já citado aqui. Ora, o que cada uma dessas coisas prova? Que os puritanos se apoiavam em palavras de sabedoria humana – apesar de toda a aparência de piedade deles.

A nota feita no final do parágrafo, porém, é relevante. A certeza da salvação não nos faz indispostos à vida e à prática da verdade. Ora, quem mais teve certeza de sua vida piedosa não foi Cristo? E mesmo assim em nada foi negligente. E mais, os próprios apóstolos tiveram de Cristo afirmação clara que somente um se perderia (Judas), portanto, sabiam que eles mesmos estavam decididamente salvos. Ora, quem dirá que os apóstolos foram negligentes? A certeza da fé esteve em Davi e Abraão, que em momento algum abandonariam essa certeza (se caíssem da fé, logo, Cristo não nasceria). A certeza faz com que pisemos na estrada com mais firmeza do que se não acreditássemos que ela é firme.

CAP 18:4

Por diversos modos podem os crentes ter a sua segurança de salvação abalada, diminuída e interrompida: negligenciando a conservação dela, caindo em algum pecado especial, que fira a consciência e entristeça o Espírito Santo, cedendo a fortes e repentinas tentações, retirando Deus a luz do seu rosto e permitindo que andem em trevas e não tenham luz, mesmo os que temem(1); contudo, eles nunca ficam inteiramente privados daquela semente de Deus e da vida da fé, daquele amor a Cristo e aos irmãos, daquela sinceridade de coração e consciência do dever; dessas bênçãos a certeza de salvação poderá, no tempo próprio, ser restaurada pela operação do Espírito(2), e por meio delas eles são, no entanto, suportados para não caírem no desespero absoluto(3). Ref.: 1- Sl 51:8, 12, 14; Ef 4:30; Sl 77:1-10. | 2- Jo 3:9; Lc 22:32; Sl 51:8, 12. | 3- Mq 7:7, 8, 9.

Creemos não ser necessário afirmar que tal é a descrição da realidade: uma crente pode por algum motivo qualquer duvidar da própria salvação ou perder a alegria de ser salvo. Fazemos, porém, uma observação: Deus não nos ordenou que

ficássemos medindo se um católico pode ou não ser salvo, isso não tem a ver comigo. A questão é ensinar o certo na medida em que lidar com o erro. Portanto, não é o tipo de julgamento total do indivíduo que preciso fazer, exceto em casos claros e das repreensões de atos particulares.

Conclusão

- Este é mais um Capítulo desnecessariamente grande da CFW;
- O assunto é tratado de modo genérico, pois perde a praticidade;
- A certeza da salvação é real;
- A possibilidade de perder esta certeza também.

DA LEI DE DEUS – CAP. 19

CAP 19:1

Deus deu a Adão uma lei como um pacto de obras. Por este pacto, Deus o obrigou, bem como toda sua posteridade, a uma obediência pessoal, inteira, exata e perpétua; prometendo-lhe a vida sob a condição dele cumprir a lei e o ameaçou com a morte no caso dele violá-la; e dotou-o com o poder e capacidade de guardá-la. Ref.: Gl 3:12; Os 6:7; Gn 2:16, 17; Rm 5:12-14; Lc 10:25-28; Gn 1:26; Dt 30:19; Jo 7:17; Ap 22:17; Tg 1:14, 25; 2:8, 10; Rm 3:19; Dt 5:32; Dt 10:4; Ex 34:1

Começemos com o óbvio. A lei de Deus dada a Adão é diferente daquela dada aos seus descendentes. O fato de a Lei de Moisés vir posteriormente e ser como que uma continuidade da aliança de Deus com Adão (baseada no cumprimento por parte deste), não altera o fato de que tal lei é, realmente, diferente. Como podemos saber disso? Ora, assim que Adão peca, ele é expulso do Jardim (mas não do Éden), perdendo o acesso às árvores. Assim, tornou-se impossível que qualquer descendente de Adão pecasse da mesma forma que ele, portanto, é impossível que os seus descendentes tivessem a mesma lei.

O que passou de Adão para sua descendência foi a morte. Veja que este é o tratamento de Gênesis e de Paulo em Romanos 5. Em Gênesis, mesmo Noé ou os crentes que não temos registro de pecado (José?) morrem, o que prova que de algum modo eles herdaram de Adão a culpa, tornando-os transgressores. Até quem não pecou como Adão (é isso que acabamos de dizer) morreu (Rm 5). Aqui cabe reforçarmos que é essencial que você se lembre do nosso texto sobre a O que é a Lei de Deus.

Além disso, note que em lugar algum das passagens citadas está dito que "Adão tinha capacidade de guardar a lei". Isso nunca foi um tema nas Escrituras, pois elas não se dão a hipóteses e imaginações humanas. Pois, se Adão caiu, não há motivo para pensar sobre hipóteses e mais hipóteses de como ou se poderia guardar a ordem de Deus. A seção seguinte vai evidenciar mais ainda o como os puritanos eram ignorantes no que diz respeito à separação da ordem de Deus a Adão e a Moisés.

CAP 19:2

Essa lei, depois da queda do homem, continuou a ser uma perfeita regra de justiça. Como tal, foi por Deus entregue no monte Sinai em dez mandamentos e escrita em duas tábuas; os primeiros quatro mandamentos ensinam os nossos deveres para com Deus, e os seis, os nossos deveres para com o homem. Ref.: Mt 22:37-40; Ex 20:1-17

Essa afirmação é tão absurda que não sei por qual motivo reformados ainda creem nisso. A lei de Deus dada a Adão é sobre a árvore, tendo, pois, ele caído, não foi mais necessário este mandamento, tendo os homens vivido sem lei entre Adão e Moisés (Rm 4:14, 15; 5:13, 20). O medo de soar dispensacionalista era grande. Mas sabemos que a aliança da Lei no Sinai é apenas uma demonstração daquela feita com Adão, embora não possa ser igual, pois não havia lei entre Adão e Moisés (se houvesse lei entre Adão e Moisés, a promessa de Deus a Abraão seria dependente a Lei, e não da Promessa e da Fé). Como, pois, os homens se valiam da "lei dada no Jardim"? A lei do Jardim não foi dada no Sinai. Porém, existe uma coisa presente no Jardim, a Imagem e Semelhança de Deus. Quanto a isso, ela é a capacidade de fazer justiça (Ef 4:24). Logo, é evidente que havia um padrão de justiça conhecido antes da Lei, mas ele não era a Lei dada, e por isso o pecado não era imputado (Rm 5:13).

Veja de outra forma. Adão estava sob teste se cairia na idolatria? De modo nenhum! O "teste" dele era sobre se comeria do fruto. Como muita gente "espiritualiza o texto", há quem diga que era um teste da idolatria. Pois bem, mas não poderemos dizer que com a árvore Adão cometeria adultério! (afinal, era a árvore uma mulher de outro homem?). Se pensarmos nos Dez Mandamentos veremos que nenhum deles estava presente como ordem no Jardim, tendo a restrição sobre Adão sido nada mais nada menos do que uma ordem "arbitrária" de Deus (pois também não há nada na natureza de Deus que explique por qual razão uma árvore deveria ser proibida).

Vamos ver por outro ângulo ainda: se Deus não dissesse nada a Adão (por causa dos inimigos somos forçados a fazer hipóteses) saberia ele que aquela árvore em particular seria proibida? Como não há "lei natural" que proíba alguma árvore, sabemos que afirmar que Adão saberia é uma coisa absurda. Além disso, nenhum texto citado afirma o que a CFW disse, mesmo se buscarmos as outras versões com outras citações (que incluem Tg 1:25; 2:8, 10; Dt 5:32...), e saber disso é incrível, considerando que temos textos que até afirmam o contrário (como Romanos 4 e 5).

Eu sei que existe medo de cair no dispensacionalismo, mas dizer que a lei de Adão é diferente da de Moisés, embora o resultado seja idêntico (a quebra dela) não significa que você se torna dispensacionalista, apenas prova que você aceitou o texto como está: existiram duas leis e uma promessa, com a primeira lei perdendo validade por ser impossível ter continuidade fora do Jardim. Além do mais, tal lei edênica não só era diferente da de Moisés, como não implicava quebra de nenhuma outra ordem.

Nós sabemos que muitos dizem que Adão pecou adulterando ou idolatrando ao comer do fruto (pois dizem que idolatrou a si mesmo), mas tal afirmação é mera

invencionice da cabeça de teólogos mal intencionados. Não existe isso em nenhum texto, nem de passível dedução e tão pouco por indução.

CAP 19:3

Além dessa lei, geralmente chamada lei moral, foi Deus servido dar ao seu povo de Israel, considerando uma Igreja sob tutela, leis cerimoniais que contêm diversas ordenanças típicas. Essas leis, que em parte se referem ao culto e prefiguram Cristo, as suas graças, os seus atos, os seus sofrimentos e os seus benefícios(1), e em parte representam várias instruções de deveres morais(2), estão todas abrogadas sob o Novo Testamento(3). Ref.: 1- Hb 10:1; Gl 4:1-3; Cl 2:17. | 2- Lv 5:1-6; Lv 6:1-7. | 3- Mc 7:18, 19; Gl 2:4; Cl 2:17; Ef 2:15, 16.

"Dessa lei" qual? A do Éden? Ela era moral (no sentido em que se entendia entre os puritanos?). Há uma série de equívocos aqui. Além do primeiro mencionado, a CFW diz que a lei (cerimonial) foi ab-rogada (abolida), mas a verdade é que ela não foi abolida, mas elevada (como também já tratamos no texto sobre a Lei de Deus). Podemos – é verdade – conceder que a prática externa dela foi abolida, afinal, de fato, não precisamos praticar a páscoa (matando um animal) e fazê-lo contraria a ordem de Deus de não praticarmos estas festas. Mas a CFW simplesmente ignora o fato de Hebreus apontar o aspecto de sombra (portanto, algo temporário e baixo) em relação à realidade (portanto, contínuo e elevado).

Outro exemplo do fracasso total da CFW é achar que Marcos 7 está "abolindo" qualquer coisa. Vejamos:

E ele disse-lhes: Assim também vós estais sem entendimento? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não o pode contaminar, porque não entra no seu coração, mas no ventre, e é lançado fora, ficando puras todas as comidas? E dizia: O que sai do homem isso contamina o homem. Porque do interior do coração dos homens saem os maus pensamentos, os adultérios, as fornicações, os homicídios, os furtos, a avareza, as maldades, o engano, a dissolução, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Todos estes males procedem de dentro e contaminam o homem. (Marcos 7:18-23)

Se Jesus estivesse simplesmente dizendo que as comidas proibidas no AT são puras (no sentido pleno da palavra) os fariseus imediatamente se levantariam contra Jesus dizendo que ele contradiz a Lei. Ora, ninguém o questiona nisso em nenhum texto paralelo, pois Jesus mesmo não está dizendo que isso é uma nova ordem, mas algo que ocorria mesmo enquanto ele falava.

Vamos dar um passo a mais. Na Lei é claramente mostrado que comer carne de porco não era pecado. E como sabemos disso? Olhando a pena aplicada. Comer algum alimento impuro apenas resultava em impureza temporária com limpeza ritual. A prática do pecado gerava a pena de morte. Jesus contrasta a prática dos alimentos puros com aquilo que gerava pena de morte ou desagrado claro de Deus na lei (p.ex., a "loucura" está atrelada ao orgulho, como a fala descontrolada, que acaba por espalhar falsidades [cf. 2 Co 11:21]). Em lugar algum na Lei há pena de morte ou desagrado claro da parte de Deus por causa de alimentos impuros (isso era diferente de comer algo impuro e participar das coisas sagradas – isso sim, resultando em morte). Está Jesus abolindo alguma coisa? Claramente que não, apenas mostrando que os fariseus chamavam de contaminação aquilo que era

mera impureza – essa “abolição” ocorre apenas com sua morte, tornando todos os alimentos puros (assim como a todos os gentios). Os autores da CFW, porém, não entendiam isso.

Obs.: Veja Deuteronômio 12:15. Tanto o homem puro quanto o imundo participam das bênçãos de Deus, mas no mesmo contexto os pecadores são eliminados (v. 30). Isso prova que a Lei tem só duas divisões principais e Jesus está mostrando que a imundície não era pecado.

CAP 19:4

A esse mesmo povo, considerado como um corpo político, Deus deu leis civis que terminaram com aquela nacionalidade, e que agora não obrigam além do que exige a sua equidade geral. Ref.: Mt 5:38, 39; 1 Co 9:8-10; Êx 21 e 22.

Os puritanos, na esperança de que a lei ainda seja prática do Estado, “inventaram” o conceito de “equidade geral”, apontando que os princípios na lei expostos servem ao Estado. Ora, se um governante quer utilizar a lei bíblica que utilize, ele é a autoridade, e Deus deu a ele poder para tanto. Mas a Lei bíblica estabelece a nação de Israel como sombra da igreja, que não é uma nação no sentido étnico, mas espiritual (Êx 19:6; 1 Pd 2:9). Então, não, as “leis civis” não terminaram com aquela nacionalidade, elas foram elevadas a um patamar espiritual para serem aplicadas na igreja, e o Estado não é obrigado por Deus a praticá-la – embora, como dissemos, não devemos nos levantar contra, haja vista que Deus permite ao Estado suas formulações próprias da Lei, e a igreja serve, eventualmente, de auxílio aos juízes estatais na formulação de leis justas (cf. Salmo 2).

Mas voltemos à “equidade geral”. O que Deus disse à Israel, ele o disse à igreja (fundamento essencial do aliancismo, que os puritanos diziam seguir, mas ignoram quando o assunto é política, e queriam obrigar o Estado a praticar a lei civil bíblica). Novamente, não há problema nisso, pois sabemos que toda autoridade é instituída por Deus (mesmo as más), e elas podem, porque foram instituídas por Deus, serem tanto quanto “Faraó” ou mesmo como “Davi”, e nós, como crentes, devemos nos submeter, pois é isso que a Escritura ensina. Contudo, a equidade geral é um conceito filosófico tentando se intrometer na teologia que fala da lei bíblica. Aqui temos uma distorção clara do texto bíblico. E quer ver uma prova disso? Vejamos os textos que a CFW cita:

Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao mau; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; (Mateus 5:38, 39)

Compare isso com o que Jesus diz em Mateus 4:

Ele [Jesus], porém, respondendo, disse: Está escrito (Mateus 4:4, 7, 10)

Olhem a tolice dos puritanos. Primeiro, o que esse versículo prova sobre “equidade geral”? Jesus não está falando sobre a lei, mas corrigindo o que os fariseus pensavam sobre a lei. A prova disso é que quando Jesus está citando algo do Antigo Testamento ele claramente diz “Está escrito”, e quando cita uma tradição judaica ele diz “ouvistes o que foi dito”. O contraste fica mais forte ainda quando comparamos o “o que foi dito” com o “eu, porém, vos digo”, isto é, “não estou me

baseando na autoridade de nenhum mestre da lei ou fariseu" (Jesus não estava fazendo um equivalente ao "Assim diz o Senhor", mas mostrando que a interpretação da Torá não depende de autoridades humanas). Ora, os fariseus eram extremamente chatos, pois a autoridade do que diziam dependia da autoridade de quem citavam (Rabban Gamliel? Ou Mestre Yehuda? – seria um exemplo de disputa). Porém, quando Jesus termina seu discurso, vemos que o povo se surpreendeu com o ensino de Jesus, pois ensinava como tendo autoridade, e não derivando ela de um mestre qualquer da lei (Mt 7:28, 29).

Então assim podemos compreender o versículo (e o capítulo) de Mateus 5. Jesus está refutando o que a multidão havia ouvido (aquela tradição oral farisaica). Contudo, você dirá, que o que Jesus refuta está na lei, e o que ele defende que devemos fazer é a equidade geral. Bom, mesmo que fosse, a resposta de Jesus não tem relação direta com um Estado ou governo, mas com um indivíduo ("se alguém te bater na face direita..."). Pior, é que se olharmos o texto de Êxodo, no qual se encontra o "olho por olho, dente por dente", veremos que o problema é que os fariseus interpretaram erroneamente a passagem.

Êxodo 21 (de onde os fariseus viram isso) se referia à autoridade magistral, os juízes (Êx 21:1, 6), e os fariseus, se sentindo reis do mundo, viam nessa ordem o estabelecimento da vingança pessoal (lembre-se de Jesus refutando dizendo o "te bater na face...", portanto, os fariseus, quando alguém os insultava pessoalmente, vingavam-se pessoalmente). O pior de tudo é que a lei ordena não nos vingarmos (Lv 19:18; Dt 32:35; Rm 12:19); agora você está vendo como que Jesus está, justamente, estabelecendo a lei? E mais, se o teu inimigo (que é alguém que te fez maldades) perder um animal, ajude-o! (Êx 23:4, 5). Ora, não está a Lei ordenando aquilo que Jesus repete? Se teu inimigo ou homem maldoso fizer algo contra você, não seja tolo, a Lei bíblica já explica como você deve proceder: ajude-o, mesmo que ele queira o pior pra você! A passagem de Mateus 5, por isso, não estabelece nenhuma dessas porcarias filosóficas que se defende por aí. É uma correção do entendimento da Lei, estabelecendo, justamente, o que a Lei diz sem nenhum conceito geral de equidade.

Mas e a tal "equidade geral"? Ela não existe na lei. Ou você faz o que ela ordena ou não é a lei! Qual a "equidade geral" do mandamento "não matarás"? A lei já explica: você não deve odiar e nem se vingar (Lv 19:18). É tão simples que quem faz malabarismo filosófico não aceita, e busca querer fazer parecer haver tal novidade que passamos a ver coisas que não estão no texto. Êxodo 21 e 22 apenas prova o ponto que dissemos acima.

Mais irônico é a citação de 1 Coríntios 9:8-10:

Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante.

Não, não, não. Não há conceito de equidade geral. É uma lei específica que Paulo está citando. Quem trabalha tem direito do salário. Isso é aplicado aos bois, por qual razão não seria ao homem? Paulo está dizendo que se os bois tem este direito,

quanto mais nós! O princípio é bem simples: quando Deus ordena algo para o bem do animal, não devemos presumir que isso se limite ao animal, pois se este que foi feito para o bem do homem tem seus 'direitos', quanto mais o próprio homem para o bem de quem foi criado o animal! No nosso texto sobre escatologia também explicaremos qual é o papel dos animais na Lei, que nada tem a ver com equidade geral.

Vejamos de outro modo um exemplo prático: o que a Lei da "Equidade Geral" diz a respeito de um homem que se deita com a mulher de outro? Se o mesmo deve ser morto pela espada estatal então é a "lei bíblica", se não, então é outra lei (afinal, a lei bíblica imporia a morte). A equidade geral é só uma desculpa psicológica para se aplicar as leis romanas pensando serem leis bíblicas. Novamente, não temos problema com que os governantes apliquem "leis romanas", mas camuflar isso sob verniz bíblico é absurdo, e gera confusão, tornando a lei do homem "palavra de Deus", quando na verdade é mero efeito dos costumes.

CAP 19:5

A lei moral obriga para sempre a todos a prestar-lhe obediência, tanto as pessoas justificadas como as outras, e isto não somente quanto à matéria nela contida, mas também pelo respeito à autoridade de Deus, o Criador, que a deu(1). Cristo, no Evangelho, não desfaz de modo algum esta obrigação, antes a confirma(2). Ref.: 1- Rm 13:8,9; 1 Jo 2:3, 4, 7; Rm 3:31; Rm 6:15. | 2- Mt 5:18, 19; Tg 2:8.

Se a equidade geral não existe, então, Cristo não pode afirmar a equidade geral. Apenas pode afirmar o que a própria lei o diz. Cristo não afirmou algo diferente da lei, e sim a reafirmou. Graças a Deus, ao menos, esta seção isoladamente é verdadeira.

CAP 19:6

Embora os verdadeiros crentes não estejam sob a lei como um pacto de obras, para serem por ela justificados ou condenados(1), contudo ela serve de grande proveito, tanto a eles como aos demais. Como regra de vida, ela lhes informa da vontade de Deus e do dever que eles têm; ela os dirige e os obriga a andar segundo a retidão(2); descobre-lhes também as pecaminosas poluições da sua natureza, dos seus corações e das suas vidas(3), de maneira que eles, examinando-se por meio dela, alcançam mais profundas convicções do pecado, maior humilhação por causa deles e maior aversão a eles(4), e ao mesmo tempo lhes dá uma melhor apreciação da necessidade que têm de Cristo e da perfeição da obediência a ele(5). Ela é também de utilidade aos regenerados, a fim de conter a sua corrupção, pois proíbe o pecado(6); as suas ameaças servem para mostrar o que merecem os seus pecados e quais as aflições que por causa deles devem esperar nesta vida, ainda que sejam livres da maldição ameaçada da lei(7). Do mesmo modo as suas promessas mostram que Deus aprova a obediência deles e que bênção podem esperar, obedecendo(8), ainda que essas bênçãos não lhes sejam devidas pela lei considerada como pacto das obras – assim o fazer um homem o bem ou o evitar ele o mal, porque a lei anima aquilo e proíbe isto, não é prova de estar ele debaixo da lei e não debaixo da graça(9). Ref.: 1- Rm 6:14; Gl 4:4,5; At 13:39. | 2- Rm 7:12; Sl 119:5; Gl 5:14, 28, 22, 23; 1 Co 7:19. | 3- Rm 7:7; Rm 3:20;. | 4- Rm 7:9, 14, 24;. | 5- Gl 3:24; Rm 8:3, 4; Rm 7:24, 25. | 6- Tg 2:11; Sl 119:128. | 7- Ed 9:13, 14; Sl 89:30-34. | 8- Sl 36:11; Sl 19:11; Ef 6:2; Mt 5:5; | 9- Rm 6:12, 14; Hb 12:28, 29.

“Vamos fazer um documento simples que sirva a todo cristão” – então aparece a CFW, que você precisa: ‘decorar’ um grande texto, saber as referências, estudar como era o significado dos termos na época, saber o contexto da Assembleia de Westminster, e separar as afirmações dos indivíduos, sabendo que nem todos concordavam com cada sentença do documento (isso porque não mencionei a leitura das atas, dos catecismos, etc. etc.).

O documento é desnecessariamente grande (sim, eu sei, o reformogominho dirá que é efeito da preguiça de nossa época, enquanto, na verdade, o motivo é mais simples: simplificar a compreensão do texto bíblico, e não criar uma área de estudo separada). Podemos ver verdades em todas essas coisas, e verdades essas que são até assertivas (como esta última seção), mas é mero palavreado, grande, floreado de sabedoria, e nos afasta, de certo modo, da verdadeira sabedoria.

Obs.: na época em que a CFW foi escrita a quantidade de pessoas que liam e se interessavam era ainda proporcionalmente menor do que hoje. O que causava maior efeito ou impressão de que havia mais fervor no passado do que agora é porque os estados eram explicitamente religiosos o que causava uma grande algazarra em torno das confissões. Essa sensação de maior apego dos ‘crentes do passado’ é genérica, e toda seita ou igreja tem essa mesma impressão – e é só mera impressão mesmo.

Conclusão

- Antes de Moisés a Lei “não existia”;
- Portanto, não podemos confundir a ordem própria a Adão com a Lei de Moisés;
- Cristo reafirma a Lei bíblica;
- Cristo refuta os fariseus;
- Este capítulo da CFW é uma bagunça de conceitos e afirmações, além de grande excessivamente.

DA LIBERDADE CRISTÃ E DA LIBERDADE DE CONSCIÊNCIA – CAP. 20

CAP 20:1

A liberdade que Cristo, sob o Evangelho, comprou para os crentes consiste em serem eles libertos do delito do pecado, da ira condenatória de Deus, da maldição da lei moral(1); e em serem livres do poder deste mundo, do cativo de Satanás, do domínio do pecado(2), do mal das aflições, do aguilhão da morte, da vitória da sepultura e da condenação eterna(3); como também em terem livre acesso a Deus(4), em lhe prestarem obediência, não motivados de um medo servil, mas de amor filial e espírito voluntário(5). Todos estes privilégios eram comuns também aos crentes debaixo da lei(6), mas sob o Evangelho, a liberdade dos cristãos está mais ampliada, achando-se eles isentos do jugo da lei cerimonial a que estava sujeita a Igreja judaica(7), e tendo maior confiança de acesso ao trono da graça(8)

e mais abundantes comunicações do Espírito de Deus, do que os crentes debaixo da lei ordinariamente alcançavam(9). Ref. 1. Tt 2:14; 1 Ts 1:10. | 2. Gl 1:4; At 26:18; Cl 1:13; Rm 6:4. | 3. Sl 119:17; 1 Co 15:56, 57. | 4. Rm 5:6. | 5. Rm 8:14, 15; Ef 2:18; Gl 4:6; Hb 10:19; 1 Jo 4:18. | 6. Gl 3:9, 14. | 7. Gl 5:1; At 15:10; Gl 4:1-3, 6. | 8. Hb 4:14, 16; Hb 10:19. | 9. Jo 7:38, 39; 2 Co 3:13, 17, 18.

Em nosso texto "O que é a Lei de Deus?" refutamos parcialmente o conceito de "Lei Moral, Cerimonial e Civil". Mas aqui caberá umas observações a mais, que podem ser relevantes.

Primeiro, é evidente que a lei deve ser "dividida" em partes. Isso é claro principalmente se pensarmos no que diz respeito às penas e punições: coisas que resultam em morte (pecado) e coisas que não resultam em morte (desonra, impureza, falta de sabedoria). Poderíamos pensar em termos de autoridades (como fizeram os puritanos): Lei Moral (dada por Deus a cada um), Lei Civil (dada ao rei) e lei cerimonial (dada ao sacerdote). Contudo, embora essa divisão possa ser relevante para algumas coisas, ela é incompleta, visto não esclarecer realmente o conceito de pecado e confundir o conceito de "Lei Moral" com a filosofia.

Por qual razão dizemos isso? Ora, pense filosoficamente qual seria a imoralidade de comer um fruto em particular. Pensamos na imoralidade muito em termos sexuais ou de existência da vida, mas nas Escrituras não existe algo como "lei moral", existem mandamentos, e eles não se alinham com o conceito de "moral" filosófica comum ao "mundo Ocidental". Por exemplo, as Escrituras proíbem claramente o sexo entre dois homens, mas ela não o proíbe entre duas mulheres (sim, eu sei que você pensou em Romanos 1:26, 27, o qual tratamos em nosso livro sobre casamento, por hora apenas note que na lei não existe pena/proibição para "sexo" entre duas mulheres – como proibir isso em meio à poligamia masculina? Ou você acha que Salomão fazia sexo com cada esposa individualmente por vez?). Deus dá mandamentos, não uma lei moral simétrica. Este é o caso do fruto proibido. Não há nada na natureza de Deus (conhecido) que faça sentido apontarmos como fonte da proibição de um fruto em particular; não há nada "transcendental" que explique a proibição de um fruto. Os mandamentos de Deus não são simetrias do mundo idealizado pelos gentios.

É mais interessante se notarmos que o termo "moral" ou "ética" (aplicado aos mandamentos) não ocorre no NT, visto não refletirem o conceito de "mandamentos" de Deus. Note que isso é diferente do termo "Trindade", utilizado só posteriormente – moral e ética já eram termos correntes entre os gentios e até judeus.

Segundo, a divisão adotada pelos puritanos é ruim, pois não consegue reconhecer a diferença entre mandamento e ordens (ex., a circuncisão é uma ordem, mas não um mandamento [cf. 1 Co 7:19 – na prática, a lei só tem **duas** divisões: sombras e mandamentos – a proibição para adultério não é sombra de nada, mas a nação de Israel é uma sombra da Igreja]), nem reconhecer a descontinuidade das práticas se não houver descontinuidade da autoridade. Por exemplo, sabemos que governantes continuam a existir, e devemos obediência a eles. Na divisão "Moral/Civil/Cerimonial", sem a existência do sacerdócio, é evidente que a lei moral e civil ainda vigoram em suas autoridades competentes, visto continuarem – o que contradiz o ensino da Lei e do NT, que vê a "lei civil" tendo continuidade somente

no governo da igreja, e que uma autoridade secular qualquer pode, à sua vontade, adotar ou não (é incrível como os reformados defendem o aliancismo como ponto focal, mas confundem tudo na política; o dispensacionista nem se fala, pois deveria ignorar todo o AT, visto esperar outra Israel... e ficaria só com instruções do NT para como as autoridades eclesíásticas se comportam).

Concordamos, é claro, com a afirmação da seção da CFW, mas é um absurdo que ela se fundamenta num erro tão infantil como essa divisão tríplice da lei. Por exemplo, veja um dos frutos dessa confusão toda:

Entre os dez mandamentos há um que é uma sombra, o quarto. Como apelam para uma simetria fajuta (a de que – pelo bem do contexto – todas as ordens ali são 'morais'), o quarto mandamento precisa ser aplicado em toda sua força, guardando-se um dia em sete. Porém, é claro, nem faz sentido isso ser chamado de "moral" e nem o faz o fato de estar entre os dez mandamentos implicar que o dia deve ser guardado como o era no AT. Se se quiser ser um "aliancista consistente", o correto é eliminar essa teologia filosófica puritana e abraçar, de uma vez, a teologia bíblica, que mostra o "fim" do quarto mandamento fora dessa estrutura de simetria ética grega.

O problema fica maior, pois se o quarto mandamento não é algo "cerimonial", portanto, Cristo não poderia alterá-lo (do sábado para o domingo). Ou você (para ser consistente) acha que Deus poderia alterar o mandamento do adultério? Ou do assassinato? Sim, sim, dirá você, "O quarto mandamento mudou apenas a forma externa, mas seu espírito continuou"; "o dia é um 'acidente', a 'essência' é o guardar um dia". Ora, isso se aplica aos outros mandamentos? Se não, então você reconhece que o quarto mandamento é para ser tratado diferente dos outros, só não quer aceitar que ele o é de tal modo que sua prática foi elevada no NT. Precisam dos gregos pra interpretar a escritura, pois não conseguem comparar escritura com escritura. Existia uma 'forma' do adultério no AT, então podemos mudar isso no NT? Isso funciona? Por qual motivo funciona no quarto mandamento? Essa avaliação truncada de contexto é tola.

É engraçado que, para contornar o problema, é dito que as outras ordens 'morais' fluem todas dos dez mandamentos. Como se todas as proibições sexuais estivessem dentro do mandamento que proíbe o adultério, por exemplo. Mas isso aí seria uma confusão, e Deus seria um Deus de confusão, pois, ao utilizar um termo, não só quer dizer uma ou duas coisas (como numa sombra), mas sim três, cinco ou até dez coisas! Pra eles, o pecado do adultério engloba a prostituição, o sexo antes do casamento, o sexo com a esposa do próximo e o sexo fora do casamento! Isso é tão tolo que a própria lei contradiz a eles, quando em Êxodo 22:16, 17 o sexo entre duas pessoas não casadas não resulta em nenhuma pena, caso o pai não queira dar a mão da filha em casamento. Ora, se isso fosse adultério, ambos (ou no mínimo o homem) morreriam! O salário do pecado é a morte, se não há morte, não há, portanto, salário pelo pecado sendo pago, e o que temos não pode ser uma variação do mandamento contra o adultério, e sim meramente uma ordem distinta, que não está inclusa de nenhum modo nos Dez mandamentos.

Eles contribuem para os liberais, pois dizem que os Dez Mandamentos fornecem os princípios. Tolos! Eles não fornecem princípios, não existe isso oculto embaixo do mandamento. O mandamento é o princípio e basta em si mesmo. Os liberais

(pelo mesmo argumento) concluem que, portanto, não violando este princípio (invisível) não quebram o mandamento, e acabam por quebrarem os mandamentos de outro modo, odiando a letra da lei, crendo defender seu espírito.

É evidente que temos muito a discutir sobre o assunto, mas cremos que se você ler isso somado ao texto da Lei de Deus, esclarecerá muito do que temos dito.

CAP 20:2

Só Deus é Senhor da consciência, e a deixou livre das doutrinas e mandamentos humanos que, em qualquer coisa, sejam contrários à sua Palavra, ou que, em matéria de fé ou de culto, estejam fora dela(1). Assim, crer em tais doutrinas ou obedecer a tais mandamentos, por motivo de consciência, é trair a verdadeira liberdade de consciência(2); é requerer para eles fé implícita e obediência cega e absoluta; é destruir a liberdade de consciência e a própria razão(3). Ref. 1. Rm 14:4; At 4:19; At 5:29; 1 Co 7:23; Mt 23:8-10; 2 Co 1:24; Mt 15:9. | 2. Gl 2:3, 4; Cl 2:20-23; Gl 5:1. | 3. Os 5:11; Ap 13:12, 16, 17.

Concordamos com essa afirmação, mas colocamos uma observação: quando há uma ordem política, isto é, de alguma autoridade (principalmente paterna), tal ordem deve ser acatada justamente por causa da consciência. Deus deu liberdade ao seu povo para que teologicamente não haja ordens imperativas em festas, comemorações etc., deixando-o livre para, caso seja do próprio agrado, festejar o que quiser, quando quiser, não dando a isso ordem como mandamento, e nem desprezando aquele que não participa. Ora, temos contrário a isso o calendário litúrgico que, além de quebrar o verdadeiro calendário litúrgico (instituído na Lei Bíblica, e que era sombra, não sendo mais prática ordenada), obriga a todos participarem como uma prática religiosa ordenada por Deus. Fugamos disso, essas ordens humanas em nada têm a ver com o que Deus ordenou.

Obs.: como pontuamos em outro texto, mandamentos normalmente são limitantes, ou seja, possuem uma linha que não pode ser ultrapassada. Uma festa (sombra), por outro lado, deveria ser seguida à risca, com tudo sendo norma e regulação. Deus não deu nenhuma ordem à igreja pós-destruição de Jerusalém para que praticasse de modo regulado estritamente como as festas do AT – nisso retornaremos quando formos tratar do culto.

CAP 20:3

Aqueles que, sob pretexto de liberdade cristã, cometem qualquer pecado ou toleram qualquer concupiscência, destroem, por isso mesmo, o fim da liberdade cristã; o fim da liberdade é que, sendo livres das mãos dos nossos inimigos, sem medo sirvamos ao Senhor em santidade e justiça diante dele todos os dias da nossa vida. Ref.: 1- Lc 7:74, 75; Rm 6:15; Gl 5:13; 1 Pd 2:16; 2 Pd 3:15; Jo 8:34.

Na prática isso não tem sido seguido pelos reformados, basta notarmos as querelas políticas em que se metem, tornando em mandamentos coisas que Deus mesmo nunca ordenou nem mesmo à Israel, e que poderiam ser de outro modo. Claro, não estamos aqui defendendo que uma ideologia política qualquer não possa ser recusada na igreja, mas que tem ocorrido confusão profunda, visto os homens não distinguirem entre o que é mandamento e o que não é, e entre um método que é melhor e outro que é apenas pior.

CAP 20:4

Visto que os poderes que Deus ordenou, e a liberdade que Cristo comprou, não foram por Deus designados para destruir, mas para que mutuamente nos apoiemos e preservemos uns aos outros; resistem à ordenação de Deus os que, sob pretexto de liberdade cristã, opõem-se a qualquer poder legítimo, civil ou religioso, ou ao exercício dele(1). Se publicarem opiniões ou mantiverem práticas contrárias à luz da natureza ou aos reconhecidos princípios do cristianismo concernentes à fé, ao culto ou ao procedimento; se publicarem opiniões ou mantiverem práticas contrárias ao poder da piedade ou que, por sua própria natureza ou pelo modo de publicá-las e mantê-las, são destrutivas da paz eterna da Igreja e da ordem que Cristo estabeleceu nela, podem, legalmente, ser processados e visitados com as censuras eclesiásticas(2). Ref.: 1- 1 Pd 2:13, 14, 16; Hb 13:17. | 2- 1 Co 5:1-5, 11, 13; Tt 1:13. 2 Ts 3:14; Tt 3:10; Mt 28:17, 18.

Já refutamos este conceito de "Lei Natural". Como já tratamos, isso não existe nas Escrituras, antes, a "Lei Natural" nada mais é do que um resumo da própria Lei de Deus (que está nas Escrituras), mas na consciência dos homens. Já tratamos, porém, tanto nos nossos artigos sobre o primeiro capítulo da Confissão quanto no nosso artigo sobre a Lei de Deus. Ora, é dessa "lei natural" que os homens inventam todo tipo de conceito para aplicar à lei de Deus. Assim que sentem que a lei de Deus não condena pecados suficientes, recorrem à lei natural para preencherem as lacunas que desejam. Na Escritura, o mais próximo dessa forma do conceito é a honra familiar, a qual sendo transgredida pode ser castigada pelo pai da família.

O resultado tem sido o excesso de regras, leis e punições. O que queremos dizer é que a lei bíblica é suficiente para julgar a igreja, e recorrer a quaisquer outras leis significa violar a própria lei bíblica, ao que nada deve ser acrescentado. Para facilitar aos leitores, repetiremos aqui um trecho do nosso texto sobre a lei:

1 — O conteúdo da Lei Natural é igual ou diferente da Torah?

– Se for igual, então é a **mesma lei**, apenas expressa em lugar diferente (é o que defendemos); se for diferente qual conteúdo é este? Explicar isso é a pedra no sapato para quem tenta extrair leis "da natureza".

2 — A transgressão dessa lei também resultava em morte?

– Se sim, de qual texto se presume isso? Se não, então não é lei, é apenas costume e cultura e, portanto, sua transgressão não é pecado. Ou a lei natural vem com sanções próprias? Por qual padrão deveria ser julgado se é justo ou não, caso a lei natural venha com sanções? Aqui sabemos que o que se tenta presumir da lei natural, só pode ser testado pela Escritura, mas se pode ser testado por ela, então ela pode, sozinha, estabelecer o que é certo e errado sem a lei natural.

3 — Como saberei que uma lei natural é uma lei de fato e não legalismo meu ou invenção filosófica?

– Se sei pelas escrituras, por que não utilizar elas como o padrão, já que são o padrão para avaliar uma lei natural? Se não sei pelas escrituras, então a lei natural tem tudo para ser uma ferramenta despótica e legalista.

4 — De onde se extrai os princípios da lei natural?

– Aqui estamos pedindo um princípio filosófico que gere tais leis. Sabemos que Pitágoras tentou por meios matemáticos, e Sófocles dizia que as leis do governo precisavam ser julgadas pela Lei Natural, logo, ela não pode ser a lei do Estado e, talvez, seja de dedução matemática. Como saber que é assim ou não? (na prática a “lei natural” só estabelece costumes gregos e romanos).

5 — Quem pode interpretar e expor a lei natural?

– Normalmente se defende que a interpretação das escrituras se dá por um “magistério” (católicos romanos) ou pelos padrões de fé (reformados e protestantes); quem identifica e sistematiza a lei natural? Políticos? E se um indivíduo em particular discordar poderá apontar ao quê como prova de estar certo ou errado?

6 – A Lei Natural é um acréscimo à Lei Bíblica?

– Se não é, onde está ela na Lei bíblica? Mas se é, ela viola a própria lei bíblica que exige nada ser acrescentado a ela (Dt 4:2; Dt 12:32).

Agora chegamos ao ápice do capítulo, pois, se é verdade que não há lei natural, uma igreja só pode disciplinar um crente por aquilo que haveria pena de morte na Torah, logo, a igreja aplica espiritualmente a pena de morte da Torah. Ora, se há outras leis, poderemos aplicar a pena espiritual contra os crentes que pecam? (ponto 2). É absurdo pensar nisso, no entanto, é isso que mais de 3 séculos de puritanismo e mais séculos de catolicismo romano quer fazer você crer! Novamente, se um rei/governante acredita em uma “lei natural”, que ele a aplique, e nós, que o obedeçamos; mas não podemos confundir os assuntos. O governante opera pela ordem de Deus para que o obedeçamos nessas coisas que terão outra serventia, porém, a Igreja já possui um rei a quem se reporta diretamente, e seus mensageiros não podem incluir nas ordens o que o rei não disse. A pena aplicada injustamente será cobrada pelo Rei.

Se te parece que um crente não se conduz como “deve ser um crente”, mas você não sabe que mandamento ele quebra, não se preocupe, deixe assim. Pois melhor deste modo do que julgar um inocente. E se ele “parece com o mundo”, também não se preocupe, devemos julgar conforme a reta justiça (Jo 7:24), isto é, a Lei de Deus, e não por semelhanças ou dessemelhanças. O mundo muda, quem te garante que aquela prática em particular não é, ela, influência positiva da igreja sobre o mundo? Ou de um modo de vida que, embora supérfluo, não pecaminoso? O importante é não perder o padrão legal de Deus.

Conclusão

- As Escrituras reconhecem que a Lei possui divisões;
- Porém, essas divisões não são aquelas ditas pelos puritanos, exceto no que diz respeito à autoridade aplicada a lei;
- A Lei é composta de Sombras e Mandamentos. Sombras são elevadas, Mandamentos são continuados;
- Também não existe “ética” e “moral”, visto que a Lei de Deus não é simétrica em suas ordens e proibições;

- Não existe “Lei Natural”.
- Entretanto, o capítulo da CFW é bom no que não insere da mentalidade humana.

DO CULTO RELIGIOSO E DO DOMINGO – CAP. 21

CAP 21:1

A luz da natureza mostra que há um Deus que tem domínio e soberania sobre tudo; que é bom e faz bem a todos; e que, portanto, deve ser temido, amado, louvado, invocado, crido e servido de todo coração, de toda a alma e de toda a força(1); mas o modo aceitável de adorar o verdadeiro Deus é instituído por ele mesmo e tão limitado pela sua vontade revelada, que não deve ser adorado segundo as imaginações e invenções dos homens ou sugestões de Satanás, nem sob qualquer representação visível ou de qualquer outro modo não prescrito nas Santas Escrituras(2). Ref. 1- Rm 1:19, 20; Jr 10:7; Sl 19:1-6. | 2- Dt 12:32; Mt 15:9; At 17:24, 25; Ex 20:4-6; Cl 2:2-23.

Este é um daqueles assuntos que revelam como dois lados opostos podem estar, ao mesmo tempo, errados. Quais são estes lados? Na história da igreja, principalmente na recente, a igreja tem se dividido em “Princípio Normativo” e “Princípio Regulador” do Culto. Este texto da Confissão vem para argumentar em favor do princípio regulador, isto é, de que só é culto a Deus aquilo que ele define como culto, e tudo deve respeitar essa estrutura. O princípio normativo é um pouco mais aberto, entendendo que, por princípio, se Deus não proíbe, então é permitido no culto. Evidentemente que no sentido normativo não se aceita qualquer coisa em absoluto, pois entendem haver ainda assim uma linha de tolerância. Pois bem, cremos que ambos estão errados, embora a explicação do princípio regulador esteja correta: Deus só aceita como culto aquilo que foi prescrito nas Escrituras. O erro, contudo, se centra na explicação dessa posição e naquilo que entendem como culto. Por conta disso, e para não termos que tratar do assunto novamente, este texto será diferente. Não só exporemos os erros da CFW, mas apresentaremos o assunto positivamente, focados no princípio regulador (que é onde os erros que temos interesse em corrigir se concentram).

ELEMENTO E CIRCUNSTÂNCIA

Como temos comentado em outras partes, a filosofia grega foi preponderante na história da igreja. Ela criou as distinções teológicas, foi base interpretativa de textos, entre outras coisas. O ponto é que a igreja primitiva estava em oposição ao judaísmo, e isso fez com que os crentes recorressem aos métodos alegóricos míticos dos gregos ao invés dos métodos bíblicos estabelecidos que, de um modo ou outro, ainda se achavam entre os judeus. Aquilo que era um afastamento simples hermenêutico no início, se tornou uma bola de neve e formulou toda a teologia Ocidental.

Em outro texto comentamos que os mitos gregos e dos outros povos não eram alegorizados. Os gregos, contudo, com o tempo passaram a ver a necessidade de

alegorizar cada vez mais seus mitos, pois eram um povo mais "científico", criando a necessidade de que os mitos tivessem uma interpretação do tipo: "o que importa é a mensagem". Esse modo de ver a literatura antiga influenciou mesmo Agostinho (354 – 430 d.C.), que tinha dificuldade, por exemplo, de ver a literalidade de Gênesis 1 e 2.

Obs.: estou fazendo a correção dos Pais da Igreja e, por mais que soe como orgulho (afinal, quem sou eu? pff), é o princípio em que Paulo mesmo fundamenta a igreja: nem mesmo um anjo vindo do céu ou outro apóstolo poderia pregar algo diferente do que já havia sido pregado (Gl 1:8). Se até mesmo um anjo e um apóstolo estavam sujeitos a um julgamento por meio das Escrituras (At 17:10, 11), quem é que são os Pais da Igreja ou a própria História da Igreja pra se levantar contra isso? Nem mesmo os defensores do Sola Scriptura percebem a intensidade disso, já que o resultado inevitável do Sola Scriptura seria, justamente, o "Solo Scriptura" (ou seja, somente a Escritura em absoluto). É claro que o lado oposto, aqueles que veem que a igreja é fundamental para a interpretação da Escritura, apontarão que não podemos interpretar o texto no vácuo. O ponto é que não dizemos isso. Dizemos apenas que a História da Igreja e mesmo os Pais não podem resistir à interpretação correta da Escritura, de modo que mesmo eles devem se sujeitar na medida em que notamos os erros deles (devo lembrar que o ministério do AT foi de anjos [Hb 2:2] e do NT foi de Apóstolos; se estas coisas que fundamentaram a interpretação da Escritura a contradizerem, até elas devem ser amaldiçoadas – não é mera hipérbole [afinal, se for, o que ela significa?], mas é Paulo dizendo que a Escritura está acima de toda e qualquer autoridade dada por Deus aos homens ou anjos). Use a história da igreja, concorde com aqueles que concordam com a Escritura, aprenda com os Pais da Igreja quando estiverem de acordo com o texto bíblico, todavia, jamais acredite que eles são os intérpretes oficiais de Deus que não podem ser corrigidos – a isso Deus chamava de Profeta, e não existem mais profetas. O resultado será um certo nível de "bagunça"; mas não é por causa dessa bagunça interpretativa que o Novo Testamento existe?

Na Reforma, principalmente com Gillespie, vemos o desenvolvimento do sistema "elementoXcircunstância", como efeito justamente dessa filosofia grega, no qual o Elemento seria aquilo que não pode faltar num culto (como oração) e a circunstância seria o que pode variar (como o uso ou não do microfone, ou o horário do culto). O princípio normativo, contudo, acredita que o culto é algo mais próximo da "circunstância" (cultua-se no domingo por circunstância, etc. etc., ceia é essencial etc.). Poderíamos dizer que o princípio normativo é quase como o regulador, mas com bordas muito maiores.

A questão é que a divisão "Elemento/Circunstância" é, ela mesma, aquela influência grega na teologia. Como já dissemos, não temos problema algum com a filosofia grega, afinal, sem ela, a ciência moderna não seria nada, e a tecnologia, medicina e até mesmo o estudo da História não seriam o que conhecemos. Contudo, quando olhamos pra escritura, "elemento e circunstância" são a mesma coisa.

Veja, quando Deus estabeleceu o culto levítico, não só os elementos eram essenciais ao culto, mas as circunstâncias também (se é que poderíamos dividir assim), desse modo, caso o ritual fosse feito fora do horário ou no dia errado, ou com os instrumentos distintos, equivalia a quebrar o culto. Não só isso, mas até

mesmo se eu quisesse levantar um altar a Deus, ele deveria seguir uma regra no qual a circunstância e o elemento eram iguais (Êx 20:25). Isso fica mais evidente quando comparamos os textos que são citados como prova pelo princípio regulador. Ora, cita-se, por exemplo, Levítico 10, no qual Deus mata dois irmãos que eram sacerdotes, por terem oferecido fogo estranho a Deus; ou mesmo o caso da arca que, sendo transportada de um modo errado (circunstância), resultou na ira de Deus contra Uzá, que tentou impedir a arca de cair (1 Cr 13).

Há um salto quântico entre afirmar que Deus exige um culto de sua forma para dizer que há coisas que Deus permite de modo distinto no culto. Das duas uma: ou o culto é regulado até em seu horário, dia, instrumentos (como, por exemplo, o não uso do microfone), ou o culto do AT prefigura outro modo de culto, também regulado, mas de forma distinta do que tem sido dito por aí. Note que não concordamos de modo algum com um culto 'normativo', pois cremos fortemente que Deus só aceita como culto o que ele determinou e do modo e na "circunstância" que ele determinou. Tendo visto que o problema cria uma terceira possível resposta, vejamos o que dizem os versículos citados pela CFW acima.

Romanos 1:19, 20, Jeremias 10:7 e Salmos 19:1-6 concordam de que a criação anuncia a existência do verdadeiro criador. Isso significa que o fato de o mundo existir implica a existência de Um que é acima do que vemos e tasteamos. Até aqui a concordância é plena! As coisas complicam a partir de Deuteronômio 12:32:

Tudo o que eu te ordeno, observarás para fazer; nada lhe acrescentarás nem diminuirás. (Deuteronômio 12:32)

Ora, o princípio regulador, tanto quanto o normativo, diminuem o que Deus ordenou como culto (isso ignorando o contexto imediato do capítulo). Se não posso diminuir o que Deus disse, quem deu-me o direito de dividir o culto em elemento e circunstância quando o AT claramente não os distingue? Se a circunstância pode ser movida, então estou diminuindo o que Deus ordena.

Obs.: note que este texto também prova que não há leis novas após o livro de Deuteronômio, do contrário, seria o povo de Deus acrescentando leis novas à Lei do Senhor – o que é claramente uma quebra da mesma lei.

Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens. (Mateus 15:9)

Essa passagem de Mateus é sugestiva, pois mostra que os judeus/fariseus não estavam adorando erroneamente a Deus. Na verdade, Jesus diz que os judeus sabiam o que adoravam, demonstrando que sabiam o modo correto disso (Jo 4:22). O problema na passagem é que, mesmo adorando ritualisticamente correto, o judeu ensinava preceitos de homens (olha só, quem diria!). Essa passagem não prova nada para lado algum, exceto que podemos invalidar nosso culto quando ensinamos algo que Deus não ensinou. O que isso prova em relação ao assunto? Não muito, justamente porque Cristo só está dizendo que devemos ensinar o que é preceito divino, ao invés de um preceito humano (e tanto o normativo quanto o regulado é preceito humano).

O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens; nem tampouco é servido por mãos

de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, e a respiração, e todas as coisas (Atos 17:24, 25)

Essa passagem é simplesmente abusada. Primeiro, os desigrejados a utilizam como se fosse uma grande novidade do NT, sendo algo já claro desde o AT, e os crentes sempre foram cientes disso (1 Rs 8:27; Is 66:1; 2 Cr 2:6; 6:18; Gn 14:19). O combate é aos gregos, que assimilavam seus deuses aos locais de culto para eles erigidos, enquanto Deus nunca esteve restrito ao local de culto. Ora, não salvou Deus a Israel quando nem existia local de culto entre o povo? Não venceu aos egípcios quando nem existia templo? É óbvio que essas coisas ocorreram assim para que o povo entendesse que Deus não precisava de local de culto para salvar e vencer os deuses estranhos.

Segundo, isso tende a reprimir o senso de princípio regulador presente entre nós. Ora, se Deus destruiu o templo de Jerusalém para nunca mais ser erguido, isso sinaliza a verdade de que jamais poderemos voltar ao princípio regulador do Antigo Testamento, o qual agora existe de modo distinto, já que o templo físico não existe. Se o culto para ser praticado dependia do templo (algo que não é verdade), e o templo é a igreja do Deus vivo (1 Co 6:16), então o culto só será praticado verdadeiramente se as coisas do culto antigo forem orientadas para o novo templo, ou seja, os que fazem parte da igreja/congregação de Deus.

Terceiro, existe outro erro. O culto jamais foi preso ao templo, o templo existia como um dos elementos, mas não o único, já que o sacerdote performava o culto pela nação, contudo, não prestava o culto pelo indivíduo. A ordem é que cada um, individualmente e com suas famílias, pratique o culto, do contrário, sem templo Israel estaria sem culto, o que nunca foi dito de Israel. A falta de sacrifício (que só poderia ser no templo) implicava a falta de perdão pelos pecados, e não a falta de culto. Prossigamos.

Obs.: se não há obrigatoriedade pelo templo, logo, não há uma ordem sobre uma forma que este deve ser construído se o for. Ele pode ter parede branca, preta, azul ou vermelha. Pois, se há uma regra que impeça a parede do que chamamos de templo atualmente de ser preta, qual é essa regra? Se formos seguir o AT neste quesito, na forma como era o templo/tabernáculo, então todos os templos deviam seguir aquela estrutura, mas, se não seguimos ela, então qualquer que seja a estrutura é feita por conveniência própria e interesses particulares dos grupos que se valem de locais 'públicos' para cultuarem. Como vemos, tanto quem briga pelo direito da parede preta etc. quanto quem é contra falha por não perceber o ponto básico: não há prescrição. Se podemos cultuar a Deus até sem paredes, quem dirá se houver! A natureza nada declara sobre isso, e Deus habita toda a terra, tanto no templo quanto na casa, tanto embaixo de uma árvore quanto em um pedaço de terra numa fazenda ou roça. Se podemos utilizar paredes de tantas cores naturais fora de nossas casas e templos, quanto mais uma parede de uma única cor ou duas!

Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás; porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam. E faço misericórdia a milhares dos que me amam e aos que guardam os meus mandamentos. (Êxodo 20:4-6)

A passagem é simples, visto que busca eliminar a idolatria do culto, somente nos é dito que não devemos fazer imagens de Deus para representá-lo com nada, em nenhuma forma. Todo culto possuía imagens dos deuses, mas o povo de Deus deveria ser santo. A passagem, de forma positiva, apenas diz que devemos prestar culto, mas sem imagens de Deus. Ora, deduzir quaisquer outras coisas fora do que ela diz claramente não só é temerário, mas contradiz o princípio que a Escritura utiliza pra interpretar a si mesma. Jamais devemos propor tal absurdo. A letra da Lei comunica o seu espírito, apenas os rituais é que possuem um significado anexo por serem sombras; este mandamento, contudo, não é sombra de nada em particular. Os verdadeiros adoradores se colocam diante de Deus em espírito e em verdade, não com preceitos humanos, mas também não mais com as sombras que compunham o culto. Por isso, para ficar claro, resumiremos o que vimos até agora:

1 – Deus só aceita ser adorado como exige, portanto, o princípio normativo do culto está errado.

2 – Na escritura o culto não possui distinção entre elementos e circunstâncias, portanto, a formulação do princípio regulador está errada;

2.a – Isso difere do culto individual e familiar, que era mais livre em relação ao culto do templo, por isso, quando não podendo cultuar a Deus no templo, Deus não contradisse ao povo quando decidiu se reunir em sinagogas, com uma estrutura simples de canto, oração e leitura e comentário da escritura. Cristo reconhece que os fariseus cultuavam a Deus corretamente, como já mencionamos, e isso mesmo com a sinagoga, com estrutura distinta do templo.

3 – O Templo é a congregação de Deus reunida, portanto, os elementos de culto que apontam o Templo no AT devem, de algum modo, apontar para a igreja reunida no NT – visto que o templo era sombra da igreja. Retornaremos em breve a estes pontos.

CAP 21:2

O culto religioso deve ser prestado a Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – e somente a ele(1); não deve ser prestado nem aos anjos, nem aos santos, nem a qualquer outra criatura(2); nem, depois da queda, deve ser prestado a Deus pela mediação de qualquer outro, senão Cristo(3). Ref.: 1- Jo 5:23; 2 Co 13:13; Mt 4:10; Ap 5:11-13. | 2- Cl 2:18; Ap 19:10; Rm 1:25. | 3- 1 Tm 2:5; Ef 2:18.

Nenhum profeta, nem durante o AT ou NT, recebeu qualquer honra com imagens e louvores de homens, nem orações após mortos, o que por si só deveria ser prova de que nem anjo ou homem além de Cristo pode interceder por nós.

CAP 21:3

A oração com ação de graças, sendo uma parte especial do culto religioso(1), é por Deus exigida de todos os homens(2); e, para que seja aceita, deve ser feita em nome do Filho(3), pelo auxílio do seu Espírito(4), segundo a sua vontade(5), e isto com inteligência, reverência, humildade, fervor, fé, amor e perseverança(6). Se for vocal, deve ser proferida em uma língua conhecida dos circunstantes(7). Ref.: 1- Fp 4:6; Lc 18:1; 1 Tm 2:8. | 2- Lc 18:1; 1 Tm 2:8 | 3- Jo 14:13, 14. | 4- Rm 8:26. | 5- 1 Jo 5:14. | 6- Sl 47:7; Hb 12:28; Gn 18:27; Tg 5:16; Ef 6:18. | 7- 1 Co 14:14-17.

Creemos que essa afirmação é verdadeira, afinal, tudo deve ser, realmente, feito deste modo que a CFW instrui. Por isso, não temos nada a comentar daquilo que já está correto, apenas praticar.

CAP 21:4

A oração deve ser feita por coisas lícitas(1) e por todas as classes de homens que existem atualmente ou que existirão no futuro(2); mas não pelos mortos(3), nem por aqueles que se saiba terem cometido o pecado para a morte(4). Rf.: 1- 1 Jo 5:14. | 2- 1 Tm 2:1, 2; Jo 17:20; 2 Sm 7:29. | 3- 1 Jo 5:14. | 4- 1 Jo 5:16.

Em nosso texto sobre a Lei de Deus mostramos o que era o "pecado para a morte".

CAP 21:5

A leitura das Escrituras com o temor devido(1), a sã pregação(2) da palavra e a consciente atenção a ela em obediência a Deus, com inteligência, fé e reverência(3); o cantar salmos com agradecido coração(4), bem como a devida administração e digna recepção dos sacramentos instituídos por Cristo – são partes do ordinário culto de Deus(5), além dos juramentos religiosos(6); votos(7), jejuns solenes(8) e ação de graças em ocasiões especiais(9), tudo o que, em seus vários tempos e ocasiões próprias, deve ser usado de um modo santo e religioso(10). Ref.: 1- At 15:21; At 17:11; Ap 1:3. | 2- 2 Tm 4:2. | 3- Tg 1:22; At 10:33; Hb 4:2; Mt 13:19; Is 66:2. | 4- Cl 3:16; Ef 5:19; Tg 5:13. | 5- Mt 28:19; At 2:42; 1 Co 11:23-29. | 6- Dt 6:13. | 7- Sl 116:14; Is 19:21; Ne 10:29. | 8- Mt 9:15; 1 Co 7:5; Ef 4:16. | 9- Sl 107 | 10- Jo 4:24; Hb 10:22.

Aqui temos uma série de informações que nos levam à continuidade do que dizíamos nos comentários acima.

Salmos:

A primeira informação é sobre o canto dos salmos. Sabemos, mesmo no NT, que cantar salmos, hinos e cânticos espirituais faz parte tanto do culto individual como da unidade da igreja (Ef 5:19; Cl 3:16; 1 Co 14:26). Isso é inegável e, portanto, o abandono dos salmos como louvor dos crentes (do 1º ao 150º) é também um abandono de parte do que deveria ser o culto. Porém, o debate reformado entre salmodia exclusiva e inclusiva é somente uma corruptela da originalidade do assunto. E neste debate centra-se o problema, já que os puritanos, com frequência, defendiam uma exclusividade do canto de salmos. E o raciocínio está correto: se eu cantar os salmos, jamais errarei, afinal, é o que Deus mesmo ordenou para o povo cantar!

O problema começa com a definição de "hinos e cânticos espirituais", em que os puritanos defendiam ser uma subdivisão do livro de salmos, e outros dizem se referir a outras partes da escritura (hinos) e canções novas (cânticos espirituais). Mas, como há muito deveria ter sido percebido, ambos os lados estão certos: tanto o livro de salmos tinha essa divisão, quanto os termos eram utilizados no sentido mais amplo mencionado pelos opositores da salmodia exclusiva.

A razão para haver briga é que um lado enfatiza um aspecto enquanto outro se apega a outro ponto. Estritamente falando, a Escritura não briga a este respeito; inclusive, os salmos que temos não existiam no período anterior a Moisés (o culto

seria falso por falta dos salmos?), além disso, a própria escritura ordena o canto de outras coisas que não se encontram nos salmos. Por exemplo, Deuteronômio 31:16-19 é um "hino" (na tradução para o Grego) e não se encontra entre os salmos. Ao que nos consta, a ordem para que o cante não conflita com o canto dos salmos, nos mostrando que mais partes das Escrituras não só podem, mas devem ser cantadas! E o argumento pode ser o mesmo: se está na escritura podemos cantar, pois não haverá erro. Deuteronômio é a Torah ordenando o canto de algo, e a salmodia exclusiva condena a si mesma ao conflitar com uma ordem expressa da Torah.

A verdade é que Deus até mesmo montou outras músicas para o livro de Apocalipse, demonstrando que mesmo músicas que sejam o cruzamento de várias passagens é concebível. O que não é para ocorrer é um canto que venha do coração, visto que o coração é enganoso (Jr 17:9). A meta é louvar com o coração, e não criar a letra do coração. O cântico deve vir da Escritura como um todo ou da lei em particular (Sl 119:53-55).

Interessante notarmos ainda que nos salmos temos o registro do canto de trechos da Lei, como o Salmo 119:54 prova. Então, podemos certamente reconhecer que, no mínimo, devemos cantar os salmos e, no máximo, outros trechos da Escritura que podem ser cruzados entre si, formando uma mensagem integral (como Apocalipse mostra na prática – Sl 98:1; Ap 5:9, 10 [isso é a junção de passagens bíblicas do AT]). Logo, não julgue aquele que canta as músicas de outros trechos bíblicos ou da junção entre eles. Podemos cantar de toda a Escritura, mas somente dela.

Sobre instrumentos musicais ofereceremos um resumo (visto não estar na CFW): eles fazem parte da estrutura de culto do AT, como sombra e, portanto, não são parte do culto a Deus no NT. Não estamos dizendo que não se pode cantar com instrumentos, mas que eles eram sombra do louvor e alegria audível a Deus, como vemos em Apocalipse (que frequentemente usa instrumentos nos seus símbolos em conjunto com o incenso – que também é uma sombra – Ap 5:8 – 2 Cr 20:27, 28; Jó 21:12 [abandonar os instrumentos é sinal de tristeza: Sl 137:1-2]). Portanto, o culto do NT não depende do instrumento, mas somente da alegria de culto.

Jejuns:

Na Lei o jejum aparece na ordem para a guarda do dia da expiação (isto é, do dia do sacrifício para expiar o pecado). Lá, o jejum é chamado de afligir a alma (Lv 16:31; 23:27). Quando o animal é morto, é necessário o jejum, pois está ligado ao pecado, para purificação (Lv 16), tirando-se o animal do meio do povo, o povo jejua (Mt 9:15 [porém, Cristo aplica como sendo noivo, e não o animal da expiação]).

A lógica é simples: Enquanto Cristo não vinha sobre a Terra, o jejum era necessário, com Cristo sobre a Terra, o jejum não era necessário (Mt 9:14-15), mas com Cristo removido da Terra, o jejum torna-se, novamente, necessário (Mt 9:15). Contudo, Cristo retornou na destruição do templo de Jerusalém, voltou para os discípulos ainda vivos (João 14:18, 28, 29 – repare o uso do "vós", sendo que os discípulos presenciariam este retorno espiritual de Cristo), tornando a abstenção alimentícia desnecessária.

Pela graça de Deus, contudo, o jejum tem um significado no próprio Antigo Testamento. Primeiro, o jejum foi estabelecido para ser uma tristeza pessoal, mas Deus queria apontar essa tristeza como superficial (Sl 69:10; Dn 9:3; Sl 35:13), pois o objetivo era que o jejum fosse uma alegria por causa da salvação (Zc 8:19; Is 58:5). Mas a alegria não é pessoal, por isso está vinculado à tristeza e a afligir as almas. Como, então, pode haver tristeza e alegria ao mesmo tempo? Simples: porque o significado do Jejum é deixar de fazer para mim para que possa fazer para o próximo (Is 58:6, 7). Isso que Isaías faz não é metáfora, é o significado real:

Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? (Isaías 58:6,7)

Deus escolheu este jejum, então, quando olhamos para a Lei, e vemos a aflição pessoal, é para ensinar a nós, por meio de contraste, que a meta de Deus é que deixemos o que é nosso e busquemos o bem do próximo (cf. Is 56:4). **Sempre que a lei fala de uma privação pessoal, o que ela tem em vista é o bem do próximo, e não meramente nossa privação – que é o que pensariam os ascetas.** É assim que os profetas a veem, como notamos tanto em Zacarias como em Isaías. A tristeza pessoal é a alegria do próximo. Deus ensinou de modo rudimentar o que é para ser a luz entre os povos. Perceba que a justiça, a piedade e a ajuda ao próximo é o foco do jejum alimentício. Sempre que a Lei ensina uma privação pessoal ela tem em vista algo que é para o próximo ou, no mínimo, a pureza pessoal e sinceridade.

Colocaremos de outro modo: o jejum significa abrir mão de algo que tenho pelo bem de outro, de forma que, ao abrir mão de algo, sofro, mas trago alegria, pois doo, quer em justiça, quer em bens. Como exemplo prático veja o caso que Jesus pontua: durante a Igreja Primitiva, em especial, os crentes vinham sendo presos injustamente, pois se negavam a prestar culto ao imperador ou manter as tradições judaicas. Com isso, tornava-se perigoso qualquer justo fazer justiça, visitando ou dando comida a estes, de modo que ao fazer isso, eu mesmo poderia perder a minha justiça (ser preso, açoitado, ou perder minhas posses – cf. Mt 25:35-45 [o mesmo valia para hospedar um crente, dar comida ou vesti-lo, tudo altamente arriscado, exigindo um nível altíssimo de 'jejum' por aqueles que assim ajudavam aos irmãos de Cristo, que eram, portanto, irmãos deles {v. 40}]). Note o caso da mulher que doou tudo o que tinha, é o nível máximo de jejum, visto abrir mão do que tem, afligir a própria alma; os mestres davam do que sobrava (está vendo como Cristo quer ressaltar que a ajuda ao próximo é mais valiosa quando tenho a chance de perder algo por causa disso?) – se nos sobra muito, devemos ajudar, mas não é para cantarmos vitória, nem nos orgulharmos, pois teremos feito apenas o nosso dever básico neste caso.

Por isso, quando Jesus ainda mantém o jejum alimentício para ser praticado entre a sua primeira e segunda vinda, ele está mantendo a sombra em parte, aguardando que a destruição do templo livre por completo a igreja da prática das sombras. Entre Cristo e o fim do Templo as sombras ainda estavam passando, mas não tinham passado completamente, pois tudo estava **perto de acabar** (Hb 8:13). Assim,

o jejum não é elemento de culto, não no sentido estipulado pela CFW. Jejue, jejue de verdade, de acordo o que a sombra da Lei previa para a Nova Aliança.

Notamos que a CFW não conseguiu trabalhar bem, até aqui, um princípio de culto simples que diga algo como: pregação, oração e louvor ou algo do tipo. Há voltas e mais voltas, com explicações amplas e com uso duvidoso de textos bíblicos. Além disso, ainda trataremos do batismo e da ceia (os sacramentos) que aqui é dito serem elementos de culto ou essenciais ao modo de culto – o que não é verdade.

CAP 21:6

Agora, sob o Evangelho, nem a oração, nem qualquer outro ato do culto religioso é restrito a um certo lugar, nem se torna mais aceito por causa do lugar em que se ofereça ou para o qual se dirija(1), mas Deus deve ser adorado em todo o lugar(2), em espírito e verdade(3) – tanto em famílias(4), diariamente(5) e em secreto, estando cada um sozinho(6), como também mais solenemente em assembleias públicas, que não devem ser descuidadas, nem voluntariamente desprezadas nem abandonadas, sempre que Deus, pela sua providência, proporcionar ocasião(7). Ref.: 1- Jo 4:21. | 2- Mt 1:11; 1 Tm 2:8. | 3- Jo 4:23, 24. | 4- Dt 6:7; Jó 1:5; At 10:2. | 5- Mt 6:11; Js 24:15. | 6- Mt 6:6; Ef 6:16. | 7- Is 56:7; Hb 10:25; At 2:42; Lc 4:16; At 13:42.

Estamos em pleno acordo.

CAP 21:7

Como é lei da natureza que, em geral, uma devida proporção do tempo seja destinada ao culto de Deus, assim também em sua palavra, por um preceito positivo, moral e perpétuo, preceito que obriga a todos os homens em todos os tempos, Deus designou particularmente um dia em sete para ser um sábado santificado por ele(1); desde o princípio do mundo, até a ressurreição de Cristo, esse dia foi o último da semana; desde a ressurreição de Cristo foi mudado para o primeiro dia da semana, dia que na Escritura é chamado Domingo, ou Dia do Senhor, e que há de continuar até ao fim do mundo como o sábado cristão(2). Ref. 1- Ex 20:8-11; Is 56:2, 4, 6. | 2- 1 Co 16:1, 2; At 20:7.

Não há nada que se aproveite deste parágrafo. Como já provamos em nosso texto sobre o Shabbat (em nosso livro Falsos Pecados), o sábado é eterno, não por continuar em um dia da semana, mas por ter se estendido, após o fim de Israel (no ano 70 d.C.), a todos os dias. Mas vamos tratar brevemente das passagens, evitando as que já tratamos positivamente no texto que mencionamos acima.

Assim diz o SENHOR: Guardai o juízo, e fazei justiça, porque a minha salvação está prestes a vir, e a minha justiça, para se manifestar. Bem-aventurado o homem que fizer isto, e o filho do homem que lançar mão disto; que se guarda de profanar o sábado, e guarda a sua mão de fazer algum mal. E não fale o filho do estrangeiro, que se houver unido ao Senhor, dizendo: Certamente o Senhor me separará do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que sou uma árvore seca. Porque assim diz o Senhor a respeito dos eunucos, que guardam os meus sábados, e escolhem aquilo em que eu me agrado, e abraçam a minha aliança: Também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles, que nunca se apagará. E aos

filhos dos estrangeiros, que se unirem ao Senhor, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor, e para serem seus servos, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. (Isaías 56:1-7)

É um texto lindo, mas que fala por sombras a realidade da Nova Aliança (veja, por exemplo, a menção dos holocaustos e sacrifícios, que na Nova Aliança se tornam louvor e auxílio [Hb 13:15; Fp 4:18; 1 Pd 2:5]). Como dissemos no artigo sobre o Sábado, o objetivo do sábado é a misericórdia, não a cessação do trabalho. Este é o ensino deste mandamento, dado como sombra (e, portanto, é o único mandamento que é um sinal aplicado ao único dia que possuía um nome no AT). Deus, portanto, não está ensinando uma guarda estrita do mandamento tanto quanto não está falando de que os eunucos realmente terão filhos, segundo a carne. Isaías está falando espiritualmente, ensinando a guarda verdadeira do sábado. Todos os elementos do texto têm significado espiritual, não um significado externo. Leia com atenção a passagem novamente, justamente lembrando que se eunucos teriam filhos segundo a carne, então temos uma interpretação literal, se eunucos teriam filhos espirituais, então temos uma interpretação espiritual, e nada no texto pode ser lido literalmente como querem fazer parecer em relação ao dia de culto.

1 Coríntios 16 também é um texto claro: os crentes deveriam separar as ofertas no primeiro dia da semana. Isso é estranho, considerado que na verdade a igreja se reunia todos os dias (At 2:46 – em especial a de Jerusalém). Os homens que veem aqui uma mudança para o domingo não notam que, em geral, o ponto alto das festas no AT é o domingo, no qual se iniciava a alegria (também tratamos no texto sobre o shabbat). Ora, se a alegria se inicia no domingo, é natural que separemos nossos sacrifícios no domingo. Além disso, a ordem de Paulo para que a igreja separe as ofertas no domingo prova que a igreja se reunia todos os dias:

No primeiro dia da semana cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que não se façam as coletas quando eu chegar. (1 Coríntios 16:2)

Paulo não chegaria na igreja de Corinto num domingo, mas sim durante a semana, o objetivo de Paulo é mais pragmático do que, necessariamente, teológico. Pense o que ocorreria caso fosse o contrário: se Paulo chegasse e precisasse que a coleta fosse feita, seria grande atraso para que ela chegasse aos santos – precisava-se do mínimo de atraso possível, pois haviam pessoas passando fome em Jerusalém (v. 3).

Obs.: chegou a reparar o “cada um de vós”? A separação dos itens é individual no texto, e não coletiva. Portanto, o que Paulo está mostrando é que a igreja precisava se organizar para separar os bens que enviaria para a igreja de Jerusalém, e não que os crentes, reunidos no domingo, separavam seus bens (não faria sentido, já que não estariam nas próprias casas vendo o que poderiam enviar).

O fato de isso precisar ser feito no primeiro dia da semana demonstra que não era para fazerem nos outros dias que se reuniam. Ora, se a igreja se reunisse somente

neste dia, para que essa informação? Bastaria Paulo dizer: separem o que têm de acordo sua prosperidade etc. A ordem precisar especificar um dia, prova que a congregação se juntava mais de uma vez na semana, pois cada um precisa separar o que tem para juntar com as coletas dos outros membros antes de Paulo chegar.

Não ironicamente, Paulo também utiliza a festa de Pentecostes como marcação para sua viagem (v. 8), mesmo ela tendo se cumprido no início de Atos. O motivo, novamente, é pragmático: uma porta tinha se aberto para Paulo, com muitos adversários (v. 9); assim, com a festa do Pentecostes os judeus não estariam atrapalhando tanto a Paulo nas outras cidades, já que transitariam para Jerusalém e deixariam as cidades mais "abertas ao Evangelho" ("uma porta se abriu"). Assim, em 1 Co 16, Paulo está se mantendo pragmático, e não ritual ou algo do tipo.

E no primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e prolongou a prática até à meia-noite. (Atos 20:7)

Este é um daqueles pontos complicados para que os 'guardadores' do domingo expliquem. Após mudar do sábado para o domingo, Deus também alterou a duração do dia? Ora, no AT sabemos que o dia vai do por do sol ao outro, isto é, começando às 18h e terminando às 17:59 do dia seguinte (estou arredondando para compreensão do leitor – basta cf. Gênesis 1, "tarde e manhã" = 1 dia). Mas aqui notamos que Paulo prega até meia-noite do primeiro dia. Se o shabbat é algo rigoroso, não faria sentido, junto com o dia da semana, Deus alterar o horário em que começa o 'shabbat'. Além disso, os discípulos se reuniram para partir o pão no primeiro dia, mas só o partiram no dia seguinte (v. 11 – usando a meia-noite como referência), ou seja, o culto teria sido distorcido, visto que parte dos seus elementos não estaria sendo praticado no domingo, mas sim na segunda.

Por outro lado, se assumirem que o Primeiro dia da Semana começou às 18h de fato, com o discurso de Paulo durando até o amanhecer do mesmo dia, então será necessário que abandonem o método romano de horas e se voltem para aquele criacional. Na prática, não haveria muita gente realmente guardando o domingo se considerarmos esta passagem...

A mensagem de Atos 20:7 é o padrão de Cristo e das festas do AT: o primeiro dia da semana é quando a mensagem da alegria vem aos crentes, mesmo que se reúnam todos os dias (não necessariamente tendo pregação em todos eles – explicaremos).

Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta (Apocalipse 1:10)

Os conservadores amam dizer que uma mentira repetida muitas vezes vira verdade. Pois bem, aqui estamos diante de uma. Começamos pela tradução, que na verdade faria mais sentido deste modo:

"Eu estava em espírito no Dia do Senhor". O verbo traduzido como "arrebatado" é melhor entendido como "estar/ser". Além disso, o "Dia do Senhor" (τῆς κυριακῆς ἡμέρας) é visto, por estes domingueiros, como sendo o título do primeiro dia da semana. Disso discordamos, pois quebraria o fluxo do primeiro capítulo, que não quer mostrar o dia da semana, mas o dia de julgamento de Deus (veja que João

ouve Jesus com voz de trombeta [cf. Joel 2:1]). Os nossos opositores alegam que a versão grega da Septuaginta traduzia o termo "Dia do Senhor" do AT de um modo distinto (ἡμέρα κυρίου). O problema é que, por exemplo, em hebraico (língua de João), não há qualquer distinção entre uma escrita e outra (se podemos traduzir do hebraico para o grego, também podemos fazer o caminho inverso – [יְהוָה הַיּוֹם] essa seria exatamente a mesma escrita de João em hebraico: "yom adonai"), sem contar que, apesar de a Didaquê assumir que este termo se refira a um dia da semana, Apocalipse está num contexto ímpar: o de julgamento e, portanto, de Dia do Senhor.

Tudo isso é reforçado pelo fato de que João já estava vendo, no versículo seguinte (11), o que acontecia no dia do Senhor ("e o que vês [no presente], escreve-o num livro"). Claramente, o que João via não era no domingo, mas no futuro. Usar a Didaquê aqui é anacronismo, pois foi após João (que escreveu Apocalipse por volta dos anos 60-66 [demonstrado também na versão Peshita]) que a Didaquê veio a existir.

Explicando de outro modo, a Didaquê, que é um tipo de documento sobre procedência cristã produzido entre o século I e II, não pode ser definidora de algo que foi escrito antes, com uma mentalidade propriamente judaica, isto é, que mesmo escrito em grego passava um raciocínio hebreu. Se bem que mesmo autores fora da espiritualidade judaica costumavam se referir ao domingo com escritas e nomenclaturas distintas (provando que não havia essa distinção estrita que se defende atualmente) – Irineu de Lião seria um bom exemplo disso.

CAP 21:8

Este sábado é santificado ao Senhor quando os homens, tendo devidamente preparado os seus corações e de antemão ordenado os seus negócios ordinários, não só guardam, durante todo o dia, um santo descanso das suas obras, palavras e pensamentos a respeito de seus empregos seculares e de suas recreações(1), mas também ocupam todo o tempo em exercícios públicos e particulares de culto e nos deveres de necessidade e de misericórdia(2). Ref.: 1- Ex 16:23, 25, 26, 29, 30; Ex 31:16, 17; Lc 23 :56. | 2- Is 58:13; Mt 12:1-13.

Este capítulo poderia ter sido um simples parágrafo, mas não, os autores eram demasiadamente ligados ao domingo.

Obs.: perceba que não mencionei ser o domingo uma festividade romana, pois não só outros dias também eram (como o sábado, que era do deus Saturno), como seria irrelevante contra o domingo se ele fosse um mandamento de Deus. A única coisa que poderia provar qualquer coisa contra a guarda deste dia seria, no fim, a própria Escritura, e não os interesses dos romanos. Contaremos sobre interferências mais graves dos romanos em outro livro, no qual isso fará sentido.

ENTÃO O QUE É O CULTO?

Basicamente paramos nossa explicação na seção 2, então convém a recuperarmos: 1 – Deus só aceita ser adorado como exige; 2 – Não há distinção entre elementos e circunstâncias; 3 – Tudo o que era do templo, culto etc. do AT era sombra, portanto, precisamos entender o que é o culto através dessas sombras.

CONGREGAÇÃO E LOCAL DE CULTO:

Primeiro, a congregação pode, claramente, ter um CNPJ ou local fixo para cultuar a Deus; ora, Deus não habita em templos tanto quanto não habita em casas ou árvores, portanto, qualquer lugar pode lhe servir para o culto. Ter um CNPJ não faz a "igreja" deixar de ser igreja tanto quanto um CPF não faz uma pessoa deixar de ser pessoa. A questão é que a igreja não pode ser reconhecida somente por este meio, e nem pode ser a expectativa que ela esteja dessa forma manifestada. Do mesmo modo como o CNPJ não impede que a igreja seja, de fato, igreja (já que ela precede à documentação), ela não pode deixar de ser por não ter um CNPJ. Da mesma forma como a existência da pessoa precede seus documentos, o CNPJ vem depois da fundação da igreja.

Segundo, além disso, Hebreus instrui que não devemos deixar de nos congregar (Hb 10:25 [considere que em Hebreus 10 ainda há outro alerta, que é o fato de o dia estar próximo naquela época; se os crentes deixassem de congregar, dificilmente saberiam para onde tinham que fugir, quando a profecia de Apocalipse chegasse – haja vista que as cartas eram lidas para as congregações]). No AT sabemos que a Páscoa começava numa semana e só terminava na outra (Lv 23:6-15), prefigurando que o culto seria, também, de uma semana até outra (Is 66:23 [luas novas e sábados]), dessa forma, sabemos que o objetivo era que os crentes se reunissem sempre, pois essas festas só podiam ser executadas em conjunto. Assim, o culto a Deus congregacional diário é essencial para nós, e não a localidade ou a geografia.

DIA DE CULTO

A resposta disso está no parágrafo anterior, pois, como Isaías prevê, no Novo Testamento o culto seria todos os dias, com o povo se reunindo (não, Isaías não está falando do Céu, basta ver o cap. 65:20 que prevê a morte como elemento real do Novo Céu e Nova Terra, bem como o v. 19 do cap. 66 que aponta sobreviventes indo às nações proclamar a verdade de Deus [como seria possível isso num céu perfeito?]). Isso não quer dizer que cada crente em particular se reúne com a congregação todos os dias, mas que ela se reúne diariamente (além do culto privado, que também deve ser prestado todos os dias, e não é prestado pelo trabalho, mas pelo canto e louvor a Deus, bem como com as ofertas [auxílio aos necessitados etc.]). Pelo fato de o culto ser diário da congregação é que há necessidade de vários presbíteros: você não porá todos os presbíteros todos os dias com a igreja. Na falta de presbíteros e diáconos, a reunião da igreja não pode possuir pregação, de modo que deve ser mantida os pontos base que toda a igreja pode fazer: orar, cantar e ajudar-se mutuamente.

PREGAÇÃO, LOUVOR E ORAÇÃO

Estes elementos são claros já em Isaías 66, no qual ensina que Deus ainda escolheria homens para serem levitas (entre os novos crentes), portanto, provando a desconexão com a tribo de Levi. Ora, o que os levitas faziam? Ensinavam ao povo a Lei de Deus (Dt 33:10; 2 Cr 17:7-9). O fato de Isaías dizer que Deus separaria pessoas de outras nações para serem levitas, é para provar que o sacerdócio levítico prefigurava o bispado, isto é, a pregação das ordens de Deus. No final do livro falaremos melhor sobre bispado.

Obs.: essa ideia de que “Jesus é o meu pastor e, portanto, não preciso de pastor humano” é tão tola quanto quem profere isso. No AT Deus era o pastor do povo (Sl 23:1; 28:9; Is 40:10, 11) e mesmo assim Deus mesmo diz que dará ao povo pastores (Jr 3:15; 23:4). Dessa forma, é claro e evidente que há pregação na Nova Aliança, pois Deus prometeu manter pastores nela – escatologicamente – e também presbíteros - eternamente.

O louvor também é claro e evidente, principalmente se considerarmos os próprios salmos, que eram cantados em conjunto pelo povo. No NT o papel do canto é realmente congregacional e, portanto, parte do culto (Ef 5:19 – repare o “entre vós”). O mesmo contexto de Efésios prova a necessidade da oração enquanto congregação (além de outras passagens). Isso é tudo o que compõe o culto, de modo que as únicas coisas que podem variar serão, de um modo ou de outro, os locais (pois isso Deus removeu, tornando qualquer lugar em local de culto), os dias (também removidos, tornando todos os dias em dias de culto) e o alcance (pois o anúncio dos levitas não estava controlado por nenhum elemento, antes, Deus não só não prescreveu o alcance da pregação levítica, mas fez com que pudessem anunciar de qualquer lugar e como pudessem). Assim, não há crise entre elemento e circunstância, pois o microfone não é nem uma coisa e nem outra, visto apenas potencializar algo que já está lá: a mensagem pregada vocalmente (a fé vem pelo ouvir – não por imagens e visões, caso contrário fosse, o povo do AT seria o mais crente de todos!).

O que resulta disso tudo é a seguinte conclusão: **o que Deus não exigiu, não é culto.** Assim, o microfone não é culto, tanto quanto uma dança não é culto. A diferença entre uma coisa e outra é que na dança os indivíduos querem inventar um culto ao próprio modo, crendo fazer Deus aceitar o que ele nunca exigiu. No uso do microfone todos sabemos que não é culto, mas reconhecemos que por não ser, não podemos utilizá-lo como barganha para dizer que uma igreja oferece um culto melhor por ter um ou dois microfones. Já o dançarino não perverte o culto, ele simplesmente não oferece culto com a dança! Ironicamente, muitos dos que defendem o princípio regulador dizem que prestamos um culto a Deus com o trabalho – mas isso não é verdade. Culto é: louvor, oração e ajuda aos pobres. Estes são os elementos de culto na Nova Aliança, e qualquer coisa – qualquer uma – fora disso não é serviço a Deus.

PRINCÍPIO REGULADOR DO AT E DO NT VS. NORMATIVO

Vamos dar um exemplo prático para fecharmos o assunto, a partir do ponto de vista do que o princípio regulador (PRC) defende.

Do ponto de vista bíblico, é claro que Deus exige no culto somente o que ele aceita, e isso vemos no AT claramente e, no mínimo, devemos aceitar que se o AT é sombra, no NT a exigência continuará, mas não sendo mais sombra. Até aqui, tudo bem, é o que o PRC defende e prova o erro do Normativo. O problema do PRC é que ele não consegue traduzir isso para o NT. Veja a passagem mais citada pelo defensor do PRC:

E os filhos de Arão, Nadabe e Abiú, tomaram cada um o seu incensário e puseram neles fogo, e colocaram incenso sobre ele, e ofereceram fogo estranho perante o SENHOR, o que não lhes ordenara. Então saiu fogo de diante do Senhor e os

consumiu; e morreram perante o Senhor. E disse Moisés a Arão: Isto é o que o Senhor falou, dizendo: Serei santificado naqueles que se chegarem a mim, e serei glorificado diante de todo o povo. Porém Arão calou-se. (Levítico 10:1-3)

O texto é claro, Deus não aceitou o fogo estranho de Nadabe e Abiú, pois os ofereciam sem a permissão de Deus ou ofereciam culto a Deus misturando com outra divindade (o que faria sentido, diante do termo "estranho", apesar de que "não ordenara" pode implicar apenas que não era permitido oferecer, naquele momento ou aquele incenso, a Deus). Ora – diz o PRC –, temos prova clara de que Deus só aceita o culto como quer! E com isso concordamos, mas como o PRC traduz para o NT a prática de Nadabe e Abiú?

Obs.: é muito engraçado como quem defende o PRC lê essa passagem para dizer que Deus não aprova um culto inventado e, de repente, inventa ou impõe suas próprias estruturas de culto pessoais ou tradicionais. Diga para nós, seu esperto, como você traduz a passagem de Lv 10 para o NT em termos de culto?

Como não temos mais um tabernáculo, nem incenso e nem sacerdotes ao estilo veterotestamentário, precisamos entender como isso chega ao NT. E a resposta é simples:

O sacerdócio não-levítico era estritamente superior e, portanto, prefigura Cristo de algum modo. Além disso, o incenso é, na Escritura, oração (Sl 141:2; Ap 5:8; 8:3), enquanto o tabernáculo é a igreja/congregação de Deus (1 Co 6:16). A lógica é que no NT Cristo não ofereceria uma oração mista e que os crentes, por consequência, não podem oferecer a Deus uma oração que misture com outros deuses seus pedidos. Ora, não seria incomum que um homem orasse tanto a Deus como a Zeus na época dos apóstolos, por isso, tal ensino era muito mais patente para eles do que para nós. Assim, se esta passagem prova algo sobre o princípio regulador, é de que a oração a Deus não pode ser compartilhada com outra divindade no culto.

Dessa forma, o princípio normativo erra por crer que o que Deus não proíbe ele aceita como culto, e o regulador erra por estar mais de dois mil anos atrasado em sua prática. Deus recebe como culto o que ele quer e como quer, o que acrescentamos apenas satisfaz a nós mesmos e não melhora o nosso culto a Deus, por isso, de fato, o princípio que defendemos permite certa flexibilidade, tanto para o liberal, que quer um culto mais limpo de aparatos, quanto para o tradicionalista que se vale de aparatos, sendo que nem os aparatos melhoram o culto e nem a falta deles piora. Tudo, porém, deve ter decência [evitando-se a falta de sobriedade, e tendo a mente equilibrada] e ordem [tudo com uma devida seqüência, para que todos compreendam] (1 Co 14:40).

Obs.: todo ritual abolido no NT, se reinstituído, é pecado, pois é retorno ao que Deus já não quer mais. Este princípio está claro em Hebreus tanto quanto em Colossenses e Gálatas. No AT tudo o que tivesse impuro e tocasse algo santo morreria; para simplificar este processo no NT, Deus aboliu todos estes instrumentos de santidade de modo que só há uma forma de pecar em relação a eles, atualmente: os trazendo de volta. Portanto, retomar estas coisas é pecado, ao passo que tentar cultuar a Deus com dança não é pecado, apenas não é culto (e o que ocorre com alguém que não presta culto a Deus? Neste contexto, nada). Por outro lado, afirmar ser uma doutrina que a dança é culto viola outro princípio, o de dizer falsidades sobre a doutrina de

Deus: uma coisa é alguém dizer que prega com dança, outra é ela dizer que ela é instrumento de culto; no primeiro caso, há um erro técnico, no segundo há uma falsa doutrina.

Em outro texto falaremos especificamente sobre a pregação e quem pode pregar; por hora, devemos compreender o sentido que a CFW nos impulsiona: uma igreja frequente, mas medrosa; enquanto a Escritura: uma congregação diária e alegre.

Conclusão

- Tanto o Princípio Normativo quanto o Regulador falham em analisar as Escrituras.
- O Princípio Regulador não sabe transportar os textos do AT para o NT corretamente.
- De fato, temos um princípio regulador, mas ele apenas diz que outras coisas não são culto, e não que são pecado.
- O culto a Deus é para ser dado: todos os dias, congregacionalmente, em qualquer lugar, com a presença de alguns presbíteros – sem eles não há pregação.
- Seus elementos são: louvor, oração e ajuda aos necessitados – com a pregação podendo existir somente com presbíteros.
- Trazer de volta os elementos do AT é pecar contra Deus no culto.
- Usar coisas que Deus não exigiu apenas anula elas mesmas como culto, tornando o culto mera expressão externa, e não culto de fato.

Este último ponto é crucial: devo permitir que as pessoas pensem que prestam culto a Deus com danças ou artefatos sacramentais? Não, portanto, meu dever é remover estas coisas, pois embora sejam mera anulação do culto, faz as pessoas crerem que prestam culto com estas coisas – o que não é verdade.

DOS JURAMENTOS LEGAIS E DOS VOTOS – CAP. 22

CAP 22:1

O juramento, quando lícito, é uma parte do culto religioso(1) pelo qual o crente, em ocasiões necessárias e com toda a solenidade, toma Deus por testemunha do que assevera ou promete; pelo juramento ele invoca a Deus para julgá-lo segundo a verdade ou falsidade do que jura(2). Ref.: 1 – Dt 10:20. | 2- 2 Co 1:23; 2 Cr 6:22, 23; Ex 20:7.

Ao Senhor teu Deus temerás; a ele servirás, e a ele te chegarás, e pelo seu nome jurarás. (Deuteronômio 10:20)

Em Deuteronômio 10:20 o foco é proibir os crentes de jurarem por qualquer outra divindade ou nome (por Maria, por exemplo – Jr 5:7). O princípio é simples: quando você jurar, deve jurar somente e tão somente pelo nome de Deus e por nada mais: nem pela sua própria mãe, ou por sua casa, ou pelo templo, ou pelo céu (como

faziam os fariseus). E aqui encontramos qual era o juramento que Jesus condenava: aquele que tira Deus do foco e põe algo da sua criação ou de nossa imaginação.

CAP 22:2

O único nome pelo qual se deve jurar é o nome de Deus, nome que se pronunciará com todo o santo temor e reverência(1); jurar, pois, falsa ou temerariamente por este glorioso e tremendo nome ou jurar por qualquer outra coisa é pecaminoso e abominável(2); contudo, como em assuntos de gravidade e importância o juramento é autorizado pela Palavra de Deus, tanto sob o Novo Testamento como sob o Velho; o juramento, sendo exigido pela autoridade legal, deve ser prestado com referência a tais assuntos(3). Ref.: 1 – Dt 6:13. | 2- Jr 5:7; Tg 5:12; Mt 5:37. | 3- 1 Rs 8:31, 32; Ed 10:5; Mt 26:63, 64

Note que o foco da a CFW agora é proteger-nos de pecar:

Mas, sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento; mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não; para que não caiais em condenação. (Tiago 5:12)

E Tiago prova isso, visto que ele mesmo alerta para não jurarmos por nada (céu, terra ou outra coisa). O foco, novamente, é proibir que juremos pelas coisas criadas ou imaginadas por nós, por essa razão que Tiago não começa dizendo “não jureis por Deus”. Além disso, um juramento precisa ser bem pensado, pois, caso você jure por uma mentira ou em favor de algo que é somente para benefício próprio, o resultado será a condenação de Deus sobre você. Se você cometeu um pecado e jurar por Deus que não o cometeu então serão dois pecados e não mais somente um. Assim, embora possa ser absolvido na igreja não o será por Deus, que notará e punirá sua blasfêmia. Aqui, porém, a CFW já disse basicamente tudo o que se poderia dizer sobre Juramentos.

CAP 22:3

Quem vai prestar um juramento deve considerar refletidamente a gravidade de ato tão solene e nada afirmar de cuja verdade não esteja plenamente persuadido, obrigando-se declarar tão somente o de que está convencido ser a verdade, justo e bom, e aquilo que pode e está resolvido a cumprir. É, porém, pecado recusar a prestar juramento concernente a qualquer coisa justa e boa, sendo ele exigido pela autoridade legal(1). Ref.: 1- Jr 4:2; Gn 24:2, 3, 9; Ne 5:12

O juramento também é um voto, isto é, prometo cumprir uma ordem até o fim ou na parte que me compete. O erro, porém, é que os puritanos acharam que votos poderiam ser feitos sobre confissões, mas jurar fidelidade a uma confissão cria uma contradição: ora, como posso fazer um voto sobre algo que pode haver falha? Se eu encontrar uma falha na confissão estarei quebrando o voto por não a seguir no que ela falhou? E os que creem que não há falha, o que farão? Apelarão ao voto que fiz? No fim, fazer o voto de fidelidade a uma confissão é um jeito de entrar em uma enrascada porque é impossível de não ser culpado de algo, caso você lide com o texto bíblico.

Mesmo quando dizem: “o voto é para ser fiel à confissão enquanto esta for fiel à escritura”, não há sentido, visto que quando você discorda da confissão te lembram

do voto que você fez. Se notarmos, porém, os textos citados pela CFW e os votos ocorridos na Escritura, nunca lidam com uma estrutura confessional, mas sim, no geral, com atos específicos que deveriam ser cumpridos: achar alguém, tomar uma atitude, garantir a própria inocência etc. No fim, os juramentos nas Escrituras são extremamente simples e curtos, afinal, é para que qualquer um possa praticá-los, e não gerar uma complexidade como o conceito de "subscrição confessional" gera. Não posso fazer um voto por algo que é passível de haver erro. Por isso só posso fazer voto por aquilo que Deus ordenou na Escritura (isto é, mandou eu fazer, como notaremos abaixo).

Deixe-nos exemplificar de outro modo. Imagine que você prometeu ser fiel à CFW, e isso é um juramento que inclui, entre outras coisas, ser Historicista na escatologia (crer que Apocalipse se cumpre durante a História da Igreja), e é normal que se acredite que uma ou duas profecias se cumpriram na igreja primitiva, mesmo dentro do Historicismo. Porém, note o problema: e se eu crer que três profecias se cumpriram na igreja primitiva? Estou violando o juramento feito? Ou só se assumir completamente o Preterismo? A razão é simples: não existe uma linha clara entre uma coisa e outra, portanto, o juramento é tolo quando feito por estas coisas.

Podemos piorar ainda mais a situação. Os homens que alteraram a CFW em Filadélfia e no Brasil juraram serem fiéis à CFW original, feita pelos puritanos. Assim, se eu juro em cima da atual, estarei jurando em cima do pecado de outros, não é? Virtualmente, esse tipo de juramento pressupõe que a CFW será "eterna". Outra tolice. Por um lado, se eu juro que serei fiel à CFW enquanto ela for fiel às Escrituras, me dirão que minha discordância é particular e violo meu voto; se mantenho o meu voto pressuponho que a CFW é perfeita (outro ponto, porque sempre dizem que ela não é perfeita, mas nunca apontam os erros dela... suspeito, não? – parece mera retórica). Sim, sim, você pode avaliar como casos ruins, afinal, você talvez defenda aquela CFW original... você se lembra que o protestantismo (e os reformados em particular) surgiu de uma (série de) quebra de votos, não é?

Se eu fizer um voto de que irei até à próxima rua para pegar uma laranja pra você hoje e der meia noite e um e eu não tiver trago a laranja, é claro que terei quebrado o meu voto. A linha é clara, e há uma divisão entre o erro e o acerto. É por essa razão que os votos nas Escrituras sempre são do tipo de "ação" e não de "fidelidade a ideias" ou "confissões".

Obs.: há um livro chamado "The Practice of Confessional Subscription" [A Prática da Subscrição Confessional] que é uma vergonha para a 'doutrina do juramento', pois entra em tantas minúcias sobre subscrição (que é outra forma de 'juramento') que a torna impraticável por uma pessoa ignorante, tornando o ignorante culpado de algo que não depende dele. Caso você se aventure na leitura, verá a crise que este livro cria.

E sim, a CFW acerta no que diz respeito às autoridades exigirem algum juramento, mas este juramento só pode fluir em direção do que já dissemos: da inocência ou prática de algo que em si não seja pecado. Jurar por algo que é contraproducente é um atestado de fraqueza e resultará em pena para a autoridade e para quem fez o juramento (1 Sm 14) – assim, melhor é recusar fazer um juramento e ser punido pela autoridade do que jurar algo que não pode cumprir e ser punido por Deus (Ec 5:4-6).

CAP 22:4

O juramento deve ser prestado conforme o sentido comum e claro das palavras, sem equívoco ou reserva mental(1). Não obrigar a pecar; mas, sendo prestado com referência a qualquer coisa não pecaminosa, obriga ao cumprimento, mesmo com prejuízo de quem jura(2). Não deve ser violado, ainda que feito a hereges ou infiéis(3). Ref.: 1- Sl 24:4; Jr 4:2. | 2- Sl 15:4. | 3- Ez 17:16, 18.

Corretamente.

CAP 22:5

O voto é da mesma natureza que o juramento promissório; deve ser feito com o mesmo cuidado religioso e cumprido com igual fidelidade(1). Ref. 1- Ec 5:4-6; Sl 66:13, 14; Sl 61:8; Dt 23:21, 23.

Distinção absolutamente desnecessária.

CAP 22:6

O voto não deve ser feito a criatura alguma, mas somente a Deus(1); para que seja aceitável, deve ser feito voluntariamente, com fé e consciência de dever, em reconhecimento de misericórdias recebidas ou para obter o que desejamos. Pelo voto obrigamo-nos mais restritamente aos deveres necessários ou a outras coisas, até onde ou quando elas conduzirem a esses deveres(2). Ref.: 1- Sl 76:11. | 2- Sl 50:14; Gn 28:20-22.

Algo já dito de outro modo no mesmo capítulo. Embora esse capítulo dos votos seja relevante, também poderia ser incluso em outros, como, por exemplo, da autoridade civil ou até mesmo do culto religioso. De qualquer modo, o capítulo não possui um erro no sentido estrito, embora a aplicação dele venha sendo abusada pelos próprios reformados que fazem seus membros jurarem em favor de coisas que não deveriam jurar.

CAP 22:7

Ninguém deve prometer fazer coisa alguma que seja proibida na Palavra de Deus ou que embarace o cumprimento de qualquer dever nela ordenado, nem o que não está em seu poder cumprir e para cuja execução não tenha promessa ou poder de Deus(1); por isso, os votos monásticos, que os papistas fazem, de celibato perpétuo, pobreza voluntária e obediência regular, em vez de serem graus de maior perfeição, não passam de laços supersticiosos e iníquos com os quais nenhum cristão deve embaraçar-se. Ref.: 1- At 23:12; Mc 6:26; 1 Co 2:9; Ef 4:28; 1 Ts 4:11, 12; 1 Co 7:23.

Mais repetição de informações. Podemos, porém, fechar o assunto com o fato de que Deus se agrada que façamos votos a Ele (Sl 76:11), e que devemos fazer atos que não sejam de destruição física (como ascetas), mas coisas como doar algo, ajudar alguém por determinado tempo (mesmo que me custe muito), auxiliar em algum serviço ou, em suma, cumprir coisas que Deus exige de nós, mas que podemos fazer de modo mais completo com o comprometimento do juramento (todos devem ajudar os outros crentes, mas imagine jurar a Deus que você se dedicará a ajudar um que tem uma necessidade bem específica até conseguir tirá-lo dela?). Isso encerra o assunto.

Conclusão

- Este capítulo da CFW é desnecessariamente grande;
- Porém, o que ele ensina é a pura verdade da Escritura no que diz respeito aos votos;
- Embora os puritanos e reformados tenham ampliado demais as coisas pelas quais se votam.

DO MAGISTRADO CIVIL – CAP. 23

CAP 23:1

Deus, o Senhor supremo e Rei de todo o mundo, para a sua glória e para o bem público, constituiu sobre o povo magistrados civis que lhe são sujeitos, e a este fim os armou com o poder da espada para defesa e incentivo dos bons e castigo dos malfeitores. Ref. 1- Rm 13:1-4; 1 Pd 2:13, 14.

Os puritanos iniciam bem este capítulo: Deus, o Deus verdadeiro, não é anarquista, por isso estabeleceu reis e ordenou estruturas de poder, a fim de que os homens sejam impedidos de sobressair em sua maldade, ainda que, claramente, essas estruturas em si possam ser abusadas (qual não pode?). Em último caso, Deus ordenou que obedecêssemos de bom grado ou à força (por essa razão Deus deu a espada ao magistrado – Rm 13:4).

Um problema que adiantaremos, porém, é que os puritanos não sabiam lidar com o próprio Aliancismo deles. Ora, se Israel é a Igreja e vice versa, não podemos supor que a estrutura de governo dada por Deus à Israel no AT seja para o magistrado civil, antes, ela prediz a estrutura de governo da igreja. As sombras do AT só **têm um equivalente espiritual e não dois** – exploraremos isso melhor no final deste livro.

CAP 23:2

Aos cristãos é lícito aceitar e exercer o ofício de magistrado, sendo para ele chamados(1); e em sua administração, como devem especialmente manter a piedade, a justiça, e a paz, segundo as leis salutares de cada Estado(2), eles, sob a dispensação do Novo Testamento e para conseguir esse fim, podem licitamente fazer guerra, havendo ocasiões justas e necessárias(3). Ref.: 1- Pv 8:15, 16. | 2- Sl 82:3, 4. | 3- Rm 13:1-4; Lc 3:14; Mt 8:9; At 10:1, 2.

Uma das piores partes da teologia dos puritanos foi o "chamado". Isso que eles se valem para definir o papel de alguém implica em pecado caso abandonado. A teologia do chamado basicamente diz que cada indivíduo foi "chamado" para uma missão específica: sapateiro, político, professor etc., sendo estas coisas únicas durante sua vida, ou seja, você só pode exercer o seu chamado e nada mais. Para contornar o problema que isso cria, alguns puritanos mesmo reconheceram que é possível haver mais de um chamado ao mesmo tempo, ou em momentos diferentes: posso ser político hoje e soldado amanhã, ou posso ser um sapateiro e costureiro.

O problema é que não há nada disso nas Escrituras, pois sempre que o conceito de chamado é utilizado ou é para a salvação, isto é, o chamado de Deus para sermos salvos (Mt 22:14); ou do apostolado especificamente (Rm 1:1 – claramente, Paulo foi chamado por Cristo para ser apóstolo em Atos). Assim, desenvolver qualquer coisa a partir disso é tolice, já que não é possível atrelar o conceito de chamado a nenhum trabalho ou “missão” particular, exceto o que o texto bíblico já disse. A interpretação dos puritanos também está fundamentada num conceito errôneo de “aplicar a passagem ao nosso tempo”. A bíblia não exige isso, pois do jeito em que foi escrita sua mensagem é clara, já que nas Escrituras interpretação também é aplicação.

Claro também que o conceito de chamado cria medo nas pessoas, afinal, se eu não exercer o meu chamado, irei para o inferno, pois estarei em pecado constante: este é o grande motivo do porque os EUA cresceram... você não vai querer ir para o inferno, então é melhor trabalhar bem. Não foi o capitalismo que criou nos EUA o senso de trabalho extenuante ou necessário e “bem feito”, foi o puritanismo. O capitalismo, por ser um sistema de livre troca, se valerá do que está em voga e crescerá a partir disso e nada mais. Não podemos confundir as coisas.

Obs.: o conceito de “Chamado” ou “Vocação” entre os puritanos é trabalhado como uma junção de habilidades, ou seja, se você possui capacidade de trabalhar com determinada função, e se se sente pressionado a executá-la, então, você tem uma vocação. Mas notaremos como isso é falho abaixo.

Quando avaliamos o texto bíblico citado, que é Provérbios 8, ele apenas diz que é por Deus que os reis governam. Mas note, se é verdade que os reis governam por terem um tipo de “vocação” e “habilidade” dada por Deus a eles, então o que faremos de reis que eram crianças ou homens maus? Pior, o que faremos do faraó que perseguiu o próprio povo de Deus, que era mau, e para isso foi posto no cargo pelo próprio Deus? (Rm 9:17). O texto de Provérbios diz que todos os reis são reis porque Deus quer que sejam, pois são postos ali por Deus. O que fazer dos homens que governaram o mundo e claramente não tinham habilidade pra isso? São chamados ou não? É claro, os puritanos passariam a fazer várias divisões filosóficas buscando mostrar como essa questão é tola, mas deixo o ponto para o leitor.

Um homem comum, como todos são, deve apenas avaliar se tem habilidade e se quer realmente fazer algo, embora, claro, haja contextos em que sintamos pressão para executar determinada função. Mas isso não tem relação alguma com qualquer chamado metafísico, já que Deus deu o mundo para que o administremos como acharmos conveniente, exceto nas proibições e exigências que Deus deu. Por este motivo, se você, em seu país, percebe que pode ser um bom presidente, por qual razão devo perguntar se isso é um chamado ou não? Antes, meu papel, é ou alertá-lo dos riscos ou colaborar para que você atinja este objetivo – e em boa parte dos casos não preciso fazer nada. O ponto é que para o puritano o mundo é místico, porque ao pensar na máxima de que Cristo governa cada coisa da vida, se esquece de que na criação Deus deu ao homem o poder de administrar as coisas como convém, permitindo ao homem a tentativa e o erro, tanto quanto o fracasso e o sucesso: e tem sido assim por toda a história humana.

O único povo que teve um governo e política particular foi Israel, governo este que pode ser imitado, mas que no Novo Testamento é traduzido na eclesiologia, e não na política civil. Portanto, se algum país decidir ter um rei ou presidente, ter um imperador ou regente, será por decisão dele e não há nada na escritura que proíba ou aponte qualquer coisa além do fato da necessidade de haver governantes e de se obedecê-los. Ou não percebe que o reino sobre Israel era predição do Reino de Cristo sobre a igreja? Por acaso ignora as sombras do AT em prol do seu projeto político? Acusa os homens de idolatria por amarem muito um político ou os acusa de colaborar com o pecado por gostarem de um político com um senso um pouco duvidoso ou que não tem uma boa política monetária? Não é o tipo de divisão que favoreceremos. Infelizmente os puritanos compraram a paz governamental pagando com a divisão da igreja.

Dito isso, é óbvio que o crente também pode exercer o governo. Não há proibição alguma para isso nas Escrituras, e ele pode desde ser um republicano a um democrata (sim, eu sei, há mais mentiras desse lado do que do outro, não se preocupe que entendemos a situação), desde um homem em favor de buscar estabelecer a pena de morte até utilizar os nossos impostos para manter prisões: é disso que se trata ter poder, e não se levantar em revolução contra isso é que se trata de obedecer. Se fosse algo diferente disso, as Escrituras não precisariam mandar-nos obedecer a autoridade. Afinal, o que é obedecer senão seguir alguém quando sua ordem ou estabelecimento for duvidoso? **Se só obedeco quando concordo plenamente com um modelo administrativo, então não há obediência, mas mera anuência.**

Obs.: note o perigo que é acreditar que quase qualquer coisa é pecado: quando Deus criou o mundo, ele deu a Adão uma árvore proibida (pecado), uma que ele deveria comer (ordens positivas, como amar o próximo), e milhares de outras que poderia ou não comer, ao gosto dele (literalmente qualquer coisa que não seja pecado ou ordens positivas de Deus). Isso é o exemplo claro da salvação: Deus deu-nos poucas proibições, poucas ordens ativas, e permitiu que optássemos por várias coisas de acordo nossas preferências e percepções. Se você acha que é pecado haver prisão, logo, não pode aceitar um cargo que implique a existência dela, pois estará em concordância. Por outro lado, se só achar um modelo administrativo ruim, por causa de efeitos colaterais diversos, então poderá entrar com uma perspectiva de mudança sem peso na consciência. A lógica é simples: se tudo for pecado, melhor não ser político, pois é só mais uma coisa para me meter com o pecado. Como os políticos habitualmente não andam ordenando o estupro, morte de inocentes ou furto de bens (pois não vivemos nas revoluções gregas), não há razão para acreditar que tudo seja pecado.

Deus sabe que gostamos dos confortos que podemos ter baseados em algumas estruturas políticas, mas precisamos entender que ter o conforto não é o nosso objetivo, e sim a obediência à autoridade. Como os puritanos não dividiam as coisas em administração (mais ou menos eficiente) e pecado (pois para eles administração menos eficiente é igual a pecado), então eu me torno livre para desobedecer a autoridade quando acho por bem, sob o argumento de que é melhor obedecer a Deus do que aos homens.

Ora, temos exemplos claros de obediência ou desobediência à autoridade na escritura, e me centrarei em três:

1 – As parteiras egípcias: contra a ordem de Faraó, que exigia a morte de inocentes, obedeceram a Deus e não aos homens, não violando o mandamento, e não “comendo o fruto proibido”. No fim, e porque a ordem era estritamente pecaminosa (não tinha a ver com administração, mas com pecado), elas foram justificadas em seu ato, e desobedecer à autoridade neste contexto foi igual a obedecer a Deus. A história delas está em Êxodo 1 e também comentamos em nosso texto sobre o Pecado da Mentira no livro Falsos Pecados.

2 – Os apóstolos: eles foram pessoalmente ordenados por Cristo a pregarem o evangelho e, ao serem confrontados pelas autoridades, falaram que mais importa obedecer a Deus do que aos homens. Eles “comeram da árvore da vida”, pois estavam fazendo o que Cristo os ordenou positivamente. A lógica é que não houve pecado neles, mesmo em insubmissão, mas em obediência a uma ordem direta de Deus (isso está em Atos 5).

3 – Urias: Urias obedeceu a Davi, indo para a linha de frente da guerra. É importante que você note que na guerra alguém estar na linha de frente é uma decisão administrativa, já que normalmente estes homens morriam primeiro, portanto, você, rei, tinha que decidir que homem era mais dispensável numa guerra e que poderia ser usado para amortecer o conflito. No caso, se ele desobedecesse à sua ordem, estaria em pecado, pois sua ordem não era pecaminosa. Ora, nota que estes soldados obedeciam ao rei considerando o fato quase certo de que morreriam? Pois bem, obedeceram apesar de a ordem não os favorecer e nem dar a eles liberdade, muito menos se considerassem a própria vida: seria melhor viver mais tempo do que ter uma morte quase certa em uma semana. Obedeciam apesar da ordem ser duvidosa e talvez até ruim administrativamente do seu ponto de vista.

Poderíamos multiplicar os exemplos, tal como Davi com Saul, em 2 Samuel 1-6, mostrando que Davi, apesar de Saul ter tentado matar, se submetia à autoridade dele, odiando o homem que trouxe a notícia da morte de Saul e dos que mataram um dos descendentes de Saul enquanto dormia (e que era inimigo pessoal de Davi). Davi, homem que já tinha sido ungido rei de Israel, se submeteu à autoridade de Saul e sua família, não querendo fazer nada a eles fora do que uma autoridade podia fazer a outra. Tenho certeza que muitos homens atualmente, apenas porque o presidente subiu os impostos (algo ruim mesmo), querem que ele morra e dizem ser isso um ato de piedade, já que subir imposto “não é bíblico”. Quem mais bíblico do que Davi neste contexto? Não foram os impostos que subiram, foi Saul tentando matar Davi por muito tempo. Deixe de ser tolo e se submeta devidamente.

Percebe que o ensino sobre desobediência à autoridade e obediência não é realmente ensinada nas igrejas? Exceto, claro, no que diz respeito à autoridade eclesiástica, que tem sim seu poder, e que veremos mais à frente ainda. Diante disso, é claro que tanto no AT quanto no NT um crente pode estar no poder político, e por algum motivo entrar em guerra, e os que ele ordenarem devem ir para o conflito em submissão à ordem – por mais doloroso que isso nos seja.

A CFW deixa também em aberto o conceito de “leis salutares de cada Estado”, algo que certamente é tolo, do ponto de vista da confissão, já que busca estabelecer também um aliancismo estatal (então como cada estado pode ter suas próprias leis?). Mas não será nosso tema, já que concordamos que cada Estado tem sua legislação sobre a base que quiser.

Um problema comum

Antes de prosseguirmos, porém, preciso explicar um detalhe intrigante sobre a exigência de participação política. É verdade que um bom cristão será um bom cidadão, mas isso não deve significar exatamente a participação em todos os aspectos políticos ou de denúncia ao pecado. Por exemplo, quando Jesus estava na Judéia, João Batista denunciava o ato de Herodes de tomar a mulher de seu irmão (um claro adultério), mas sabemos que Herodes também administrava algumas questões não muito bem. O que João Batista denunciou como pecado? A administração ou o ato que viola o mandamento de Deus? Claro que o que viola o mandamento; porém, mais interessante, Jesus não denunciou Herodes Antipas e nem os outros discípulos, estariam eles "em cima do muro"? Eram falsos crentes neutros? Infiltrados? Claramente que não. O contexto não justificava um posicionamento de todos os crentes ali, apenas de alguns. O mesmo claramente vale considerando a própria interpretação do texto! Não é necessário que os crentes entendam de política e se posicionem sobre tudo, visto que é mais grave opinar no que não entende do que ficar calado, por mais duvidoso que isso pareça (Pv 17:28).

O problema é que temos homens que, de um lado, pressionam um posicionamento e, de outro, afirmam que qualquer amor aos políticos é idolatria. Ambos estão errados, pois nem a Escritura demanda posicionamento político e nem o amor exagerado por um político é idolatria (as mulheres cantando a Davi que o digam – 1 Sm 18:7 – já que Davi havia feito muito menos do que Saul por Israel, em termos numéricos).

É claro que excessos não costumam ser muito agradáveis, porém, não existe passagem bíblica que condene algum excesso. Herdamos dos gregos e romanos, em sua filosofia, a preocupação com excessos que jamais foi realmente algo que Deus impôs como mandamento.

CAP. 23:3

Os magistrados civis não podem tomar sobre si a administração da palavra e dos sacramentos ou o poder das chaves do Reino do Céu, nem de modo algum intervir em matéria de fé(1); contudo, como pais solícitos, devem proteger a Igreja do nosso comum Senhor, sem dar preferência a qualquer denominação cristã sobre as outras, para que todos os eclesiásticos sem distinção gozem plena, livre e indisputada liberdade de cumprir todas as partes das suas sagradas funções, sem violência ou perigo. Como Jesus Cristo constituiu em sua Igreja um governo regular e uma disciplina, nenhuma lei de qualquer Estado deve proibir, impedir ou embarçar o seu devido exercício entre os membros voluntários de qualquer denominação cristã, segundo a profissão e crença de cada uma. E é dever dos magistrados civis proteger a pessoa e o bom nome de cada um dos seus jurisdicionados, de modo que a ninguém seja permitido, sob pretexto de religião ou de incredulidade, ofender, perseguir, maltratar ou injuriar qualquer outra pessoa; e bem assim providenciar para que todas as assembleias religiosas e eclesiásticas possam reunir-se sem ser perturbadas ou molestadas. Ref.: 1- Mt 16:19; 1 Co 4:1; Jo 18:36; Ef 4:11, 12; 2 Cr 26:18.

Apesar dos textos citados não ajudarem muito, a CFW acerta no fato de distinguir entre governo eclesiástico e civil, e é um assunto que não entraremos por cremos

já haver muitos bons materiais sobre isso. O único problema é uma certa subjetividade ("sob pretexto de religião... ofender") que paira no fim da seção – afinal, o que é uma ofensa? Na maioria dos casos, depende de quem se sente ofendido. Mas não iremos problematizar isso, já que concordamos que devemos ter paz com todos no quanto for possível.

Sobre o Estado proteger a igreja, sabemos que originalmente os 'constituintes' da CFW pensavam em certas denominações específicas – algo com o qual também não brigaremos, já que, conforme Paulo, a autoridade existe para punir quem faça o mal. Se membros de uma congregação em particular não fizerem o bem claramente o Estado poderá punir estes. Então, não existe razão particular alguma para crermos que o Estado deva proteger ou punir uma denominação específica, apesar de vários "falsos aliancistas" crerem que sim. Lembre-se, o governo de Israel se traduz para a Igreja no NT, e não para o Estado.

Obs.: posso acrescentar, ainda, que se o Estado quiser, pode proteger alguma igreja com especial atenção, porque é isso que significa ser uma autoridade: proteger especialmente ou não, algum grupo em particular – mesmo que eu discorde disso. Porém, o problema recai sobre o julgamento, pois diante da Lei de Deus não pode haver parcialidade, nem a favor de um e nem de outro. Neste caso, proteger uma igreja especialmente significa o quê? Abrir mão de impostos? Se for isso, então tudo fica tranquilo. Mas se um destes crentes cometer um crime e for julgado de modo mais leve do que se outro cometer o mesmo crime, então temos um problema com o julgamento.

CAP 23:4

É dever do povo [de Deus] orar pelos magistrados(1), honrar as suas pessoas(2), pagar-lhes tributos e outros impostos(3), obedecer às suas ordens legais e sujeitar-se à sua autoridade, e tudo isto por amor da consciência(4). Incredulidade ou indiferença religiosa não anula a justa e legal autoridade do magistrado, nem absorve o povo da obediência que lhe deve, obediência de que não estão isentos os eclesiásticos(5). O papa não tem nenhum poder ou jurisdição sobre os magistrados dentro dos domínios deles ou sobre qualquer um do seu povo; e muito menos tem o poder de privá-los dos seus domínios ou vidas, por julgá-los hereges ou sob qualquer outro pretexto. Ref. 1- 1 Tm 2:1, 2. | 2- 1 Pd 2:17. | 3- Rm 13:6, 7. | 4- Rm 13:5; Tt 3:1. | 5- At 25:10, 11.

Ora, concordamos com tudo isso, com uma nota: se uma autoridade política achar por bem concordar com o papa ou com um pastor, ou com um civil qualquer, a decisão é dela, e negar isso a ela é tirar-lhe a autoridade que tem. Sabemos que disso corre-se o risco de cair no totalitarismo, o que é verdade, mas as pessoas não entendem que para qualquer lado que puxamos o risco será o inverso do oposto, ou seja, se cremos que a autoridade não pode fazer nada disso, logo, estamos tirando o poder dela, e colaborando para a confusão e 'libertinagem' (que dizem ser contra). Além disso, se a autoridade concordar com a CFW estará quebrando o próprio princípio que a CFW está tentando impor – o de que a autoridade não deve se guiar por interesses estritamente religiosos de alguma denominação.

Os autores do documento claramente defendiam que a autoridade fosse explícita em defender as denominações protestantes contra o catolicismo, o que garantiu

certa sobrevivência ao protestantismo em alguns lugares. Mas a verdade é que não há princípio sobre o qual alguma denominação cristã possa exigir que uma autoridade tenha qualquer respeito especial por alguma denominação, exceto que ela mesma queira. É promessa do AT que as autoridades civis ouviriam o povo de Deus (como o Salmo 2), mas não que se dedicariam a algum grupo específico. Diante disso, recai sobre a autoridade o interesse, o qual não podemos contradizer, visto que depende dela, e não de nós. Por isso, se a autoridade quiser favorecer batistas ou presbiterianos, católicos ou ortodoxos, não somos nós que lhes infligiremos qualquer pena, apenas poderemos alertar sobre a defesa dos erros doutrinários, mas sem nos meter nas questões administrativas que competem aos governantes – exceto, claro, os crentes que já sejam políticos e que por motivos administrativos discordem dentro do que é permitido legalmente.

A bíblia é muito menos apaixonada politicamente do que os socialistas, social democratas, conservadores, teonomistas ou neocalvinistas querem fazer parecer. Mesmo quando Jesus é questionado sobre se deve pagar imposto aos romanos, sua resposta é extremamente desinteressante, pois afirma que, **baseado na imagem que está na moeda**, ela pertence ao imperador e, portanto, ele pode fazer o que quiser com ela, por isso os judeus deveriam pagar seus impostos, já que o dinheiro é da autoridade (Mt 22:19-21 – confira também nosso texto sobre o Roubo de Dízimos). Qualquer coisa fora disso causa divisão entre os crentes, lutando por um reino que não é especificamente deles (embora sejam governados por Deus).

As Escrituras não querem cientistas políticos, nem homens que distingam entre as intrincadas diferenças de um conservador europeu, brasileiro e norte americano; muito menos como uma decisão política resultará, em 10 anos, numa determinada crise financeira – Deus não ordenou que nenhum crente precisasse saber de qualquer coisa como esta. Embora, claro, vejamos nas Escrituras que o povo pode e fica insatisfeito com a carga de impostos, algo que claramente resultará numa governança difícil para a autoridade (1 Rs 12; Pv 29:4). As Escrituras exigem de nós que não pratiquemos o pecado e façamos boas obras já determinadas para nós. Converter qualquer passagem bíblica em interesse político torna-se, portanto, confusão dos poderes que Deus deu ao homem, embora – reforçamos – uma autoridade qualquer possa seguir algo que lhe tenha interessado da escritura (contudo, os crentes devem estar alertas para não confundirem a prática da autoridade com o significado real da passagem: é mais difícil assim, não é? Mas também é mais simples).

Deus ensinou que os crentes devem evitar quebrar os mandamentos que são proibições e praticarem as ordens positivas, com todas as outras coisas podendo ser praticadas de acordo o interesse deles: se política, vender bolos, ser investidor de alto risco, trabalhar numa loja de peças de automóveis, vender balas no sinal ou ser dono de um sexshop (nada de estimular relações anais, hein!), depende inteiramente do que o indivíduo quer – e nada mais.

Obs.: eu sei que aqui os homens começam a dizer que se deve fazer tudo para a glória de Deus (1 Co 10:31). O que ignoram é o contexto da ordem de Paulo: 1 Coríntios 10 está tratando da comida dedicada ao ídolo, portanto, para a glória do ídolo. O alimento, porém, é algo inevitável à vida, portanto, Paulo, sabendo disso, apenas ressalta que devemos comer não para a glória do ídolo, mas de Deus – e nisso

acrescenta o resto das coisas: não faça nada para a glória de Zeus, ou Thor ou Maria, somente para a Glória de Deus. Isso não tem a ver com “comer melhor”, ou “ir bem em provas”, apenas com “a quem você dedica o que faz?”. Atualmente o “fazer isso para a glória de Deus” se tornou um modo de coagir indivíduos, exigindo deles, por meio de um conceito que se tornou genérico, algo que eles mesmos não gostariam de fazer, se pudessem.

Teríamos muito mais coisas a dizer, baseados na CFW original, mas como para os brasileiros não é comum, nos ateremos apenas à esta versão. Por hora essas informações são suficientes.

Conclusão

- As Escrituras dão menos atenção à política do que parece superficialmente;
- Nosso papel principal é o de obediência, mesmo com dúvidas sobre a procedência da ordem;
- Crentes no governo podem mudar sua estrutura, por terem poder para isso;
- Devemos ter cuidado para não acusar outros crentes por posicionamentos políticos, mesmo que a longo prazo possam resultar em prejuízo para nós.
- Crentes podem amar exageradamente uma autoridade ou serem totalmente apáticos com a política – sem pecar em nenhum dos dois casos.

DO MATRIMÔNIO E DO DIVÓRCIO – CAP. 24

Fazemos apenas uma observação antes de que inicie este capítulo: temos outro livro dedicado exclusivamente ao assunto do casamento, portanto, aqui trataremos apenas de questões chave e resumidamente.

CAP 24:1

O casamento deve ser entre um homem e uma mulher. Ao homem não é lícito ter mais de uma mulher nem à mulher, mais de um marido, ao mesmo tempo. Ref.: 1- 1 Co 7:2; Mc 10:6-9; Rm 7:3; Gn 2:24.

Este é o capítulo mais grego e romano de toda a CFW, e isso por vários motivos: o primeiro é a limitação numérica de que só se pode casar um homem e uma mulher (quando mesmo o NT permite um homem e mais mulheres); o segundo é a distorção dos textos bíblicos. Veja brevemente algumas observações:

Durante muito tempo “sacerdotes” tiveram concubinas na história da igreja, até ocorrer a proibição taxativa da poligamia (de qualquer nível) na Idade Média, sendo essa proibição fruto do direito romano, que vemos claramente expresso no ódio que os romanos possuíam pelos casamentos poligâmicos, considerando-os nojentos e fruto de luxúria. Sim, os descrentes romanos entendiam que o casamento poligâmico era luxúria, e isso porque criam que os desejos precisavam ser domados, entendendo que desejar algo que não se possui é um indício de falta de controle. Fausto mesmo, um incrédulo, questionava Agostinho sobre a poligamia dos patriarcas, colocando isso como uma barreira para ele – um romano

– aceitar o cristianismo. Não sem razão quando o Cristianismo cresceu no império o monasticismo e ascetismo encontrou amplo apoio.

Infelizmente a maior parte das pessoas não está ciente disso, e não apenas isso, mas se estressam com esse tipo de informação, a ponto de preferir não pensar nela do que encará-la. Isso é verdade para descrentes e crentes no Ocidente. Infelizmente, as pessoas acham que a poligamia era autorizada por Deus assim como o divórcio – pela dureza do coração. E sobre isso veremos abaixo.

O irônico, porém, na CFW é que um dos textos citados (Rm 7:3) até prova que somente à mulher não é lícito se casar com o marido estando vivo, com nada sendo dito do marido. Se fôssemos olhar 1 Co 7:2 à luz de 1 Co 7:39 a mesma coisa é provada, com Paulo apenas apontando que o ideal, durante a perseguição, era se quer um homem se casar (quanto mais ter 2 esposas!). Marcos 10 trata apenas de divórcio, e Gênesis 2 prova apenas que o casamento nos torna uma só carne (independente da quantidade de mulheres) para a vida toda – ou você acha que Davi era uma só carne somente com a primeira esposa? (1 Co 6:16).

CAP 24:2

O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher(1), para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima e da Igreja por uma semente santa(2), e para impedir a impureza(3). Ref.: 1- Gn 2:18. | 2- Mt 2:15; Gn 9:1. | 3- 1 Co 7:2, 9.

Não, o matrimônio não é para mútuo auxílio, mas para auxílio do homem. A mulher é que foi feita para ser auxiliadora, e isso está no mesmo texto citado pela CFW como prova! É verdade que o homem não é independente da mulher e vice versa (como Paulo diz em 1 Co 11), porém isso não se trata de "auxílio", e sim de "dependência".

Outra falha é a de que a preocupação de Paulo em afirmar o casamento em 1 Co 7:2 seria, na verdade, por causa da impureza, mas a palavra impureza tem um sentido muito específico no texto bíblico e não se enquadra no termo utilizado por ele em 1 Co 7. A palavra utilizada ali é porneia, que normalmente é traduzida como "prostituição" (outra tradução ruim). O contexto de Paulo em 1 Co 5 – 6 é o sexo com parentes e com prostitutas cultuais (assunto continuado depois), e a preocupação do apóstolo não é a prostituição em geral, que existia até mesmo em Israel, mas sim com aquele tipo de ato que mesmo entre os gentios se via como absurdo (1 Co 5:1). Ora, qual o interesse? Fazer os crentes se casarem por causa da prostituição em geral? Não, mas sim por causa das relações familiares violadas (Lv 18-20) e por causa da prostituição cúltica, que era a regra da prostituição fora de Israel.

Infelizmente os puritanos não entenderam o que a prostituição era e, por isso, até quando um homem flertava com uma mulher obrigavam a se casarem, colocando uma carga que não existia sobre os crentes nem no AT e nem no NT. Herdaram isso, claramente, das preocupações sexuais dos Pais da Igreja, que já tinham se deslocando do sentido original dos textos bíblicos. Caso você queira mais informações, temos o assunto da prostituição tratado tanto em nosso livro Falsos Pecados como no sobre o casamento.

CAP 24:3

A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar(1); mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se desigualmente pelo jugo do casamento aos que são notoriamente ímpios em suas vidas ou que mantêm heresias perniciosas(2). Ref.: 1- Hb 13:4; 1 Tm 4:3. | 2- 1 Co 7:39; 2 Co 6:14; Gn 24:14; Ex 34:16; 1 Rs 11:4; Ne 13:25-27.

O sentido dessa seção está correto, mas é frequentemente aplicado errado. Por exemplo, o que é uma pessoa "não crente"? Alguém que não está presente em todos os cultos? Alguém que não tem um compromisso claro com a igreja? Quando vemos as proibições ao casamento misto nas Escrituras o contexto sempre aponta indivíduos idólatras e que possuem uma doutrina falsa. Na Escritura, a consideração do casamento é sempre "preto no branco", permitindo um espaço para o que possui dúvidas ou que não é tão compromissado quanto o ativismo religioso exige atualmente. Caso você confira os textos citados na CFW notará claramente que os contextos não favorecem a compreensão de que "idolatria é qualquer coisa".

Para simplificar, na Escritura, você nunca verá o interesse exagerado em comida ou conforto ser chamado de idolatria, pois isso não é idolatria, é apenas má administração da vida e desordem, e nunca, jamais, má administração é igual a pecado (mesmo que eventualmente crie um ambiente propício para ele). O ponto é que a idolatria é algo muito bem demarcado, e a Escritura não tende a chamar de idólatras aqueles que simplesmente não prestam honra a alguma divindade.

Suponha o seguinte evento: um homem, que não vai à igreja e que não se mostra avesso a ela, se interessa por uma moça da igreja. O pai (não o pastor) da moça autoriza a relação e ambos se casam. Em uma estrutura enviesada e que ignora o texto bíblico, dirão que ela se casou com um idólatra, mas veja o que Paulo diz do idólatra:

Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Por isso saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; (2 Coríntios 6:14-17)

A carta de Paulo aos coríntios não é para separar eles do mundo (1 Co 5:10, 11), e sim separá-los dos pecados do mundo. Os pecados são coisas extremamente objetivas e, quando essas coisas estão ausentes, falta meios de condenar um indivíduo, não podendo, por isso, haver razão para exclusão de um indivíduo do meio da igreja por causa do casamento com um "descrente". Ora, Paulo foi claro, e o ponto dele é a idolatria, falsos deuses e falsas doutrinas, bem como homens injustos e ímpios. Mesmo a lei de Deus permite o casamento com mulher de outra nação fora da terra de Canaã (Dt 21:10, 11) – porém das de dentro não (Dt 7:1-6 [aquelas claramente idólatras]). Para lidar com isso os crentes modernos

transformaram qualquer "paixão" em pecado e idolatria. Isso é terrivelmente triste, pois uma coisa que não possui uma demarcação clara passa a ser julgada de uma forma que nunca o foi na Escritura.

A idolatria nunca foi ter um intenso desejo por algo ou gastar dias naquilo. Na Escritura a idolatria pode ser algo que dure um minuto, mesmo que com pouco interesse. Não tem a ver com intensidade e duração, mas com desvio e honra a outra divindade. Do ponto de vista moderno, a honra prestada aos reis em Israel, a Moisés, aos apóstolos ou mesmo o interesse com que as pessoas buscavam um casamento (como Abraão para seu filho) se torna idolatria. Portanto, não confundamos e não julguemos precipitadamente. Pode ser que casar-se com alguém de fora da igreja local torne um pouco mais difícil a relação? Claro! Mas ser mais difícil não é fruto direto do pecado, haja vista que homens pecam sem sofrer consequência alguma no mundo. Eventualmente, um simples trabalho pode ser mais difícil, portanto, quem olha as coisas dessa perspectiva vê tudo carnalmente e não pela fé (que é o ensino da Escritura).

Obs.: lembre-se que apenas se houver pena de morte para algo no AT é que a igreja pode excluir o indivíduo no NT; portanto, casar-se com um indivíduo comum que não seja idólatra não leva, em si, à exclusão – na verdade, nem com um idólatra, visto que a morte só ocorreria se o indivíduo também praticasse idolatria. Agora é engraçado como, para tentar sanar o problema de casamentos ‘mistos’, os mesmos pastores que pregam que a família deve ser fortalecida, quando um membro está para casar, só aceita o casamento se tiver autorização deles. Ora, isso não é só uma contradição, é pior, visto que de fato mina a autoridade familiar do pai. E daí se o pai da moça ou do rapaz nada faz? Tal coisa é de responsabilidade do poder paterno, e nenhum presbítero ou diácono pode fazer nada – pois nem no AT se fazia.

CAP 24:4

Não devem casar-se as pessoas entre as quais existem os graus de consanguinidade ou afinidade proibidas na palavra de Deus(1); tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem coabitar como marido e mulher(2). Ref.: 1- 1 Co 5:1 | 2- Mc 6:18; Lv 18:24-28; Lv 20:19-21.

CAP 24:5

O adultério ou a fornicação, cometido depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato(1); no caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propor divórcio(2), e depois de obter o divórcio, casa-se com outrem, como se a parte infiel fosse morta(3). Ref.: 1 – Dt 22:(20-24) 23, 24. (Mt 1:18-20) | 2 – Mt 5:31, 32 | 3 – Mt 19:9.

É tanto erro nessa parte que prefiro começar indicando a leitura do nosso texto sobre Divórcio e Casamento. Aqui nos limitaremos a comentar nos referindo aos textos bíblicos citados:

Devemos reconhecer que os puritanos compreendiam que o casamento era um contrato, não uma relação sexual e, portanto, isso é positivo. Como tratamos em nosso texto sobre o Contrato de Casamento, antes de mais nada é necessário um

contrato, pois o sexo não torna ambos uma carne por toda a vida, apenas por aquele momento.

Os textos citados provam bem isso: Dt 22 e Mt 1, apontam que se um homem se casasse (Dt 22:23, 24) e encontrasse a mulher impura, ela morreria (porém, não diz nada sobre romper o contrato antes da união carnal); já Mateus 1:18-20 prova o fato de que essa "brecha" na Lei permite o rompimento do contrato se não houver união carnal, ou seja, José, que era um homem justo, reconheceu que a Lei o permitia deixar Maria, desde que não se unisse com ela, de modo que ela não sofreria pena de morte.

Contudo, o adultério após o casamento não possui permissão por Deus para um novo casamento; vejamos a passagem citada pela Confissão:

Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher, a não ser por causa de fornicção, faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5:31, 32)

A exceção serve para quê no texto? Vejamos sem ela para que compreendamos:

Também foi dito: Qualquer que deixar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo que qualquer que repudiar sua mulher [...] faz que ela cometa adultério, e qualquer que casar com a repudiada comete adultério. (Mateus 5:31, 32)

Jesus está repetindo o conceito de Dt 24:1-4: dar carta de divórcio faz com que o outro adúltere, pois se casará novamente. Assim, Jesus está dizendo que um homem que dá carta de divórcio causa o adultério de sua mulher. Agora vejamos o que a exceção acrescenta:

[...] a não ser por causa da fornicção, faz que ela cometa adultério [...]

A não ser por causa da fornicção de quem? O texto está se direcionando à mulher, isto é, ao adultério dela, e o termo fornicção coincide gramaticalmente com "mulher"; então, o que Jesus está dizendo, na verdade, é que a menos que a mulher já esteja se prostituindo, a carta de divórcio causará o adultério dela. Em outras palavras, a prostituição dela não me deu direito de casar novamente, apenas a tornou adúltera **antes** da carta de divórcio (caso eu a dê).

Obs.: alguns grupos puritanos permitiam – olha só – o divórcio caso o marido fosse impotente, não podendo gerar filhos. Não é o que está expresso aqui neste capítulo, mas note as ideias absurdas que os puritanos defendiam por serem que o casamento “é para reprodução somente” – logo, se isso não ocorre (pensa o bobo), não há casamento. Este era o pensamento do casamento grego e romano também, visto que para eles se um casamento não gerava filhos o homem podia dar carta de divórcio e se casar novamente. Porém, como os puritanos já viviam na inversão da autoridade patriarcal, permitiam às mulheres se divorciarem dos maridos, ao invés do oposto. Graças a Deus em Israel (e nas escrituras) um homem poderia simplesmente casar com outra sem divórcio nenhum e, portanto, sem pecar. A solução não é acabar com o divórcio, mas permitir a poligamia masculina.

Por último, o texto de Mateus 19 apenas diz, literalmente, que nem em caso de prostituição (da mulher) tenho direito de me casar novamente se eu der o divórcio. O problema é que as nossas traduções costumam carregar o sentido de exceção baseadas numa pressuposição errada. Como em nosso texto sobre Divórcio demos alguns detalhes técnicos, não os repetiremos aqui.

CAP 24:6

Posto que a corrupção do homem seja tal que o incline a procurar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, contudo, nada, senão o adultério, é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio, a não ser que haja deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil(1). Para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discricção das partes o decidir em seu próprio caso(2). Ref.: 1- Mt 19:8; 1 Co 7:15; Mt 19:3. | 2- Ed 10:3

Acima tratamos dos textos que parecem supor que o adultério é causa suficiente para dissolver o casamento. Além disso, também não podemos deixar de mencionar que o fato de alguém ir embora de casa ou abandonar o cônjuge também não torna o matrimônio dissolvido – muito pelo contrário, pois Paulo mesmo argumenta no mesmo capítulo de 1 Co 7 (v. 39) que somente a morte do marido dissolve o casamento. Logo, ir embora separa as partes fisicamente, mas não dissolve o casamento.

Por último, a passagem de Esdras 10:3 nada prova sobre processo público, haja vista que a carta de divórcio, na Lei, não exige tal processo. Infelizmente, como existia uma confusão teológica entre o papel do Estado e da Igreja nos puritanos, eles não percebiam que o próprio divórcio não se dá por meios políticos, e sim parentais e até mesmo pessoais (ou seja, o marido entregando a carta de divórcio na mão da mulher). Esdras 10 apenas prova que uma igreja, se tivesse muitos casamentos mistos com idólatras, poderia decidir em conjunto dar a carta de divórcio para suas mulheres. O Estado do AT não se traduz em Estado no NT, e sim na Igreja.

Ora, se um governante exigir processo público para isso, quer dizer que ele está quebrando o que dissemos? Não, pois o governante pode exigir o que quiser de acordo com o conhecimento disponível a ele. Portanto, se ele exigir este processo, que façamos, porém, não é bíblicamente exigido, de modo algum. Em resumo, os autores da CFW erraram demais neste capítulo e, quanto mais avançamos e comparamos com os textos bíblicos, mais percebemos os erros deles.

Cabe também citarmos Lutero – embora venham nos acusar de ‘falta de contexto’, o que sabemos não ser o caso –, em *De Wette II*:

"Confesso que não posso proibir uma pessoa de se casar com várias esposas, pois isso não contradiz a Escritura. Se um homem deseja se casar com mais de uma mulher ele deve ser perguntado se está satisfeito com esta decisão em sua consciência, para que ele o faça em acordo com a palavra de Deus. Em tal situação a autoridade civil não tem nada o que interferir."

Conclusão

- Tanto AT quanto NT permitem casamento em poligamia masculina;
- A Escritura não aceita dissolução do casamento, exceto na morte do marido;
- A idolatria e a falsa doutrina é o que realmente impede o crente de casar com descrente;
- Contudo, a igreja não tem permissão de excluir os que se casam com ‘descrentes’;
- Não existe necessidade de intrometer o Estado nas questões de casamento e divórcio.

DA IGREJA – CAP. 25

O assunto da Igreja é extremamente conectado com a escatologia (“Fim dos tempos”), e isso é inegável de qualquer ponto de vista. Porém, pela dificuldade do tema, resolvemos deixá-lo para o final do livro, com o capítulo atual servindo meio que como uma introdução. Após este capítulo, ainda trataremos dos sacramentos e, enfim, ofereceremos textos mais completos cujo foco será escatológico. Portanto, sugerimos que leia com atenção, principalmente o capítulo atual, visto que os próximos textos serão mais complexos, e exigirão algum conhecimento prévio.

CAP 25:1

A Igreja Católica ou Universal, que é invisível, consta do número total dos eleitos que já foram, dos que agora são e dos que ainda serão reunidos em um só corpo sob Cristo, seu cabeça; ela é a esposa, o corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todas as coisas. Ref.: 1- Ef 1:10, 22, 23; Cl 1:18; Ef 5:23, 27, 32

A primeira pergunta levantada deveria ser: a igreja é invisível “pra quem”? A resposta natural é: para nós. Portanto, por qual razão isso é um assunto credal? Por causa do contraste com a ICAR (Igreja Católica), que tinha a ênfase na igreja visível. Porém, o que os puritanos tomaram como resposta ao catolicismo, não só não aparece nos textos citados por ela, como favorece, indiretamente, o “desigrejismo”, visto que se a igreja é invisível também, pode ser que eu seja membro dela sem participar dos seus sacramentos ou ordenanças, ou da sua comunhão e pregação. E, se a igreja só é aquilo que participa dos sacramentos, ordenanças, comunhão e pregação, então não é “invisível”. No fundo, este assunto é somente uma tentativa de puxar para o lado oposto do catolicismo romano.

Obs.: um texto que fala diretamente da igreja de modo universal é Mt 16:18, mas os puritanos estavam dialeticamente opostos à ICAR, impedindo-os de utilizar textos como estes. A propósito, Jesus não mentiu quando disse que a igreja seria construída sobre Pedro, pois vemos tanto em Atos 2 quanto em Atos 10 que Pedro fundou tanto a Igreja judaica quanto a gentílica (interessante que no cap. 10 é enfatizado que *precisava ser Pedro o primeiro a pregar a um gentio*). Pedro, de fato foi, não a pedra da ICAR, mas da igreja de modo geral.

Efésios 1:10, 22, 23 não fala de igreja invisível, tanto quanto Colossenses ou qualquer passagem do NT, pois para os crentes o que importa é o que é visível, *no que diz respeito à igreja*, isto é, à reunião ou congregação dos crentes. Porém, isso no início do cap. 25 já mostrava que todo ele tinha o interesse de afirmar não o que a bíblia diz sobre a igreja, mas o que os puritanos pensavam da ICAR. Ora, cremos claramente que a ICAR está afundada em erros, porém, contra um erro não se deve levantar outro, antes, deve-se firmar na verdade, pela qual não somos reprovados. Prefiro não ter resposta diante do inimigo do que distorcer a escritura em seu espírito ou letra o mínimo que for, buscando provar que ele está errado. Por isso não agradamos a ninguém em particular em nossos textos, quer pareça ou não lógico para os sistemas teológicos populares e comuns. O que pensamos da natureza da igreja? Você *não* precisa ler um livro de 900 páginas para entender isso. As escrituras são muito mais "mundanas" do que esse pessoal aceita. Vejamos:

1 – A palavra "igreja", tanto no AT quanto no NT significa congregar, e era usada tanto para se referir à ajuntamentos de inimigos quanto de aliados, tanto para os que se uniam a satanás, quanto para os que se submetiam a Deus. Mesmo que o termo tenha ganho autonomia, ao passar a significar algo mais propriamente teológico, tem o objetivo apenas de apontar que os que se reúnem são igreja (ou seja, contradiz o "desigrejismo"). Por natureza, isso é algo bem visível, e não pode ser equiparado a uma reunião de espíritos desencarnados ou invisíveis.

Obs.: em Atenas o termo se referia aos que se reuniam em assembleia política e militar. Essas reuniões eram fora de casa, muitas vezes em uma acrópole (que continha um templo – ou seja, nem mesmo os gregos pensavam que *eklesia* significava "para fora do templo") – o mais próximo a isso hoje, no Brasil, poderia ser uma "Assembleia Legislativa", que na prática é uma "igreja", no sentido do termo grego mesmo.

2 – O que muda essa reunião e a separa de qualquer outra é o objetivo dela: oração e canto a Deus (Ef 5:19 [note o "entre vós"]). Esta é a natureza real da igreja, a reunião que carrega consigo o canto a Deus. E a pregação, embora essencial, não é parte do culto a Deus, exceto quando há presbíteros presentes, pois estes são os mensageiros de Deus (lembra-se de que a igreja não existe por causa deles, e sim eles por causa da igreja). Desse modo, mesmo sem liderança, a igreja continua a existir, ainda que mais fraca, e comumente com maiores erros.

Note que não estamos tratando de como Deus trabalha por meio da Igreja ou coisas semelhantes, porque queremos apenas enfatizar o aspecto ativo que divide ela do resto do mundo. Porém, é verdade – olha só –, é possível que crentes estejam desgarrados da comunhão normal da igreja, como tanto o AT quanto o NT mostram, mas isso se espera que por motivos excepcionais (2 Rs 5:18, 19 [Naamã não pode ficar em Israel {a igreja no AT}]; At 8:26-39 [o eunuco era um servo que, ao que o contexto nos faz pressupor, jamais teve contato novamente com Filipe e, por extensão, com a igreja]).

Não estamos negando que a igreja, fisicamente, não se reúne em um único lugar, porém, onde quer que esteja, será visível, e será tratada de modo particular (uma grande benção de Deus para o NT foi compartimentar a igreja pelo mundo, ao invés de permitir que, com o pecado de um, todos fossem condenados, como ocorria na

igreja no AT [veja, p.ex., Ap 2 – 3 e compare com Js 6:17, 18 e 7:1, 11, 12]). Estamos apenas dizendo que esta unidade mundial ou universal da igreja não significa muita coisa no que diz respeito à uma igreja particular, visto que o simples fato de a igreja “mundial” ser assim implicará em certa falta de unidade nela, algo que se dá por mais firme que seja a liderança e por mais burocrática que seja a administração.

Em resumo, a natureza da igreja é física, real, atual, tanto local quanto universal, porém, não impede que haja membros relativamente desgarrados, embora isso o seja por força maior. De outro modo, o que é igreja é a mesma coisa que uma reunião, assembleia, ajuntamento, congregação de pessoas, portanto, traduzir o termo por ajuntamento, congregação ou assembleia seria o mesmo que entender o termo da forma como era compreendido pelos primeiros leitores e escritores.

Obs.: é impossível avaliar todos os casos, porém, é claro que discordância doutrinária, em determinado nível, não impede de se congregar com um povo. O problema é que o limite para isso precisa ser notado nos contextos, visto que eventualmente os erros são bobos, mas às vezes os erros bobos são centrais para aquele grupo, o que *talvez* justifique uma separação de um indivíduo, tal como Elias precisou fazer. Interessante que no caso de Elias, haviam ainda “7 mil homens fiéis em Israel” sem que ele o soubesse.

CAP 25:2

A Igreja visível, que também é católica ou universal sob o Evangelho (não sendo restrita a uma nação, como antes sob a Lei) consta de todos aqueles que pelo mundo inteiro professam a verdadeira religião(1), juntamente com seus filhos(2); é o reino do Senhor Jesus(3), a casa e família de Deus(4), fora da qual não há possibilidade ordinária de salvação(5). Ref.: 1- 1 Co 1:2; 12:12, 13; Rm 15:9-12. | 2- Gn 17:7; Gl 3:7, 9, 14; Rm 4; At 2:39; 1 Co 7:14; Mc 10:13-16. | 3- Mt 13:47; Cl 1:13; Is 9:7. | 4- Ef 2:19. | 5- Mt 28:19; At 2:38; 1 Co 12:13; Mt 26:26-28.

Esta seção poderia ter iniciado o capítulo de modo perfeito: reconhece a igreja visível pelo mundo, afirma que ela já foi limitada a um único lugar, mostra que todos os que professam a fé em Cristo fazem parte dela, e é o **reino de Cristo**, além de apontar que fora dela não há salvação de modo normal.

Obs.: preciso pontuar – a igreja é o reino de Cristo, não o governo, não a política. O reino de Cristo é a igreja de modo universal, anulando um cabeça humano único, ao mesmo tempo que não a confunde com outras estruturas em que é permitida a administração humana do jeito que melhor lhe parecer.

Contudo, se você conferir as referências da parte 5 dessa seção, notará que nenhuma fala, nem de modo indireto, que é preciso ser membro de uma igreja em particular para ser salvo, pois para que o texto bíblico permitisse a salvação mesmo aos que por força maior estivessem fora, de modo que não fossem julgados, foi necessário que tal assunto ficasse como que em aberto: toda a escritura falando da necessidade de a igreja se reunir (quase todas as festas no AT se dão em reunião, e a igreja celebra a festa de Cristo, portanto, deve se reunir), contudo, jamais punindo especificamente alguém que não pode (veja qual a solução para a falta de presença na páscoa dada em Números 9:1-14).

A única passagem que trata da proibição de deixar a congregação (a reunião mesmo) é Hebreus 10:23-26:

E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras, não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia. Porque, se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não resta mais sacrifício pelos pecados [...]

Note que o autor aos Hebreus quer mostrar que sem congregação não existe estímulo para amor e boas obras, visto que só o convívio com outras pessoas permite que você seja devidamente estimulado a praticar o bem e a amar – amar de verdade. De modo que ele entende que abandonar o amor e boas obras é pecar. Ora, pecar voluntariamente abandonando a congregação não é o assunto, e sim o deixar o amor e boas obras. Nossa luta, pois, é manter-nos presentes entre os verdadeiros cristãos para que não sejamos desestimulados da fé, isto é, daquilo que Deus ordena: amar e obrar. Se você deixar estas coisas estará voluntariamente pecando contra Deus.

Tudo isso mostra, por todos os meios, que nunca a congregação é um fim em si mesma, senão como meio de culto maior e glorioso a Deus e também para que não deixemos de o agradecer, nunca deixando de amar de fato.

Obs.: existe em 1 Coríntios 3:10-17 um alerta contra a divisão com base em falsas doutrinas. Este alerta demonstra a ação do pecado, pois embora não haja qualquer alerta pesado para um aspecto de frequência nos cultos comunitários, ainda assim existem alertas para as divisões causadas entre os crentes. Qualquer divisão, pois, será tratada por Deus com base naquilo que não se podia fazer ao templo no AT: a destruição daqueles que dividiram a igreja.

CAP 25:3

A esta Igreja Católica Visível Cristo deu o ministério, os oráculos e as ordenanças de Deus, para congregamento e aperfeiçoamento dos santos nesta vida, até o fim do mundo, e pela sua própria presença e pelo seu Espírito, os torna eficazes para esse fim, segundo a sua promessa. Ref.: Ef 4:11- 13; Is 59:21; Mt 28:19, 20.

Note que, embora esta seção esteja correta, ela erra por presumir o "fim do mundo" em passagens que não dizem isso. Por exemplo, em Isaías 59 o sentido é, literalmente, "para sempre" (cf. Sl 104:5, falando que a terra é para sempre [ainda que espiritualmente se refira, também, à outra terra]). Por outro lado, em Mateus 28:19, 20 o que temos é Jesus dizendo que estaria *com os apóstolos até a consumação dos séculos* e não até o "fim do mundo".

Essa informação precisa ser lida no contexto dela: Cristo está se dirigindo aos apóstolos, que foram ordenados a pregarem até os confins da terra, começando em Jerusalém (Lc 24:47; At 1:8; Rm 10:18; Cl 1:23 [note que Romanos e Colossenses foram escritos por volta dos anos 55 a 62, perto da destruição de Jerusalém. Nestas epístolas Paulo fala que o Evangelho *já* alcançou os confins da terra {ou seja, o mundo conhecido de então}]). Ora, tendo os discípulos pregado até os confins do mundo, a promessa de Cristo em Mateus 28 deveria se cumprir

completamente – a consumação dos séculos (que nada mais é do que a completude do AT, e a vida da igreja no NT).

Quanto a isso, não podemos discorrer por hora, mas devemos notar que a CFW errou completamente por esperar que este mundo, como o conhecemos, terá um fim. Nunca houve tal promessa bíblica, visto que o mundo não será destruído (eu sei que você pensou em Pedro e Mateus 24, mas calma, pequeno polegar), antes, ele foi renovado para que o Novo Céu e Nova Terra estivesse plenamente entre os homens. Somente na ciência e na filosofia o fim do mundo parece necessidade ontológica, porém, na Escritura, Deus firmou a terra *para sempre* (Sl 104:5; Ec 1:4; Sl 93:1; 96:10). A Verdade de Deus nos alcançou porque os apóstolos cumpriram perfeitamente a sua missão, de modo que se tornaram o fundamento da Igreja no NT (Ef 2:20; Ap 21:14).

CAP 25:4

Esta Igreja católica tem sido ora mais ora menos visível(1). As igrejas particulares, que são membros dela, são mais ou menos puras conforme nelas é, com mais ou menos pureza, ensinado e abraçado o Evangelho, administradas as ordenanças e celebrado o culto público(2). Ref.: 1- Rm 11:3, 4; At 9:31 | 2- 1 Co 5:6, 7; Ap 2-3).

Apenas lembrando que não é possível dizer que uma igreja particular é membro de uma "universal". A distinção é simples: a igreja existe porque existem seus membros, e ela se encontra pelo mundo. Isso significa que não existe uma igreja flutuante misticamente por aí, pois ela só existe na medida em que seus membros se reúnem. Por outro lado, é evidente que a igreja "está espalhada", de modo que, em nossa linguagem, faz sentido dizer que as igrejas menores fazem parte dessa: contudo, a teologia disso é confusa, já que nunca, em lugar algum, existe qualquer referência a uma igreja "universal" separada de uma local. Pois se a igreja universal fosse uma entidade como Israel o era no AT, o pecado de uma igreja particular seria cobrado de todas, o que jamais ocorrerá, como vemos mesmo em Ap 2-3. Deus não é nem "nominalista" e nem trata sempre as coisas em conjunto.

CAP 25:5

As igrejas mais puras debaixo do céu estão sujeitas à mistura e ao erro(1); algumas têm degenerado ao ponto de não serem mais igrejas de Cristo, mas sinagogas de Satanás(2); não obstante, haverá sempre sobre a terra uma igreja para adorar a Deus segundo a vontade dele mesmo(3). Ref.: 1- Mt 13:24-30, 47, 48 | 2- Rm 11:18-22; Ap 2:9 | 3- Mt 16:18; Sl 102:28; Mt 28:19, 20

Uma leitura boba de Apocalipse 2:9 mostra que "sinagoga de Satanás" eram os 'crentes' que se diziam verdadeiros judeus, mas não eram. Ora, a razão para serem chamados de sinagoga é justamente por se reunirem com o nome de judeus, e não por serem hereges em geral – somente isso deveria bastar para se provar que *este é o sentido do texto*. Sabemos que todo mundo quer fazer o texto ser 'útil pra hoje', porém o texto bíblico já é, não é necessário buscar aplicações distintas do que o texto mesmo dá.

Porém, sabemos que é verdade que alguns grupos religiosos denominados de cristãos se degeneraram (como a ICAR) ou nasceram (como os TJ's) como falsas

igrejas de Deus, enquanto pregam suas ilusões e pensamentos próprios. A verdade é que o texto bíblico precisa ser aceito como concebido, do contrário, não só não fará sentido, mas poderemos alterar o seu sentido de acordo nossos interesses pessoais, com o caso acima sendo apenas uma situação boba – veremos um caso mais extremo abaixo.

CAP 25:6

Não há outro Cabeça da Igreja senão o Senhor Jesus Cristo(1); em sentido algum pode ser o Papa de Roma o seu cabeça, mas ele é aquele anticristo, aquele homem do pecado e filho da perdição que se exalta na Igreja contra Cristo e contra tudo o que se chama Deus. Ref.: 1- Cl 1:18; Ef 1:22, 23; Mt 23:8-10; 1 Pd 5:2-4; 2 Ts 2:3, 4

Os únicos textos que falam do Anticristo não são citados pela CFW (1 e 2 João). Sabe por qual motivo? Porque eles não tinham como provar que o papa é o anticristo com base nesses textos. Ora, uma coisa é dizer que o papa é um falso mestre, avarento ou qualquer coisa que qualifique seu falso ensino, outra é distorcer o texto bíblico para o fazer se enquadrar no interesse interno para acusá-lo falsamente. Por isso, e para que façamos uma introdução ao assunto da escatologia, faremos breve explicação dos textos citados pela CFW e que podem, ao menos, dar uma direção na interpretação de outros textos escatológicos.

Obs.: o capítulo 26 da CFW poderia muito bem ser inserido *dentro deste*. Porém, como não notamos nenhum erro particular ou relevante no capítulo 26, não vemos necessidade de comentá-lo. O próximo comentário, portanto, será sobre o capítulo 27.

Últimos dias e última hora

As pessoas leem o texto bíblico como se este fosse um bloco fechado, ou como se tivesse surgido pronto, sem progresso temporal e coisas do tipo; porém, precisamos considerar a passagem de tempo para a compreensão dos textos. Um exemplo é o caso de Hebreus 4:5-9, que diz que "ainda resta um descanso para o povo de Deus", baseado no fato de o salmo que diz isso ter sido escrito cronologicamente *após* o povo ter entrado na Terra Prometida veterotestamentária – ou seja, se Deus prometeu um descanso e o salmista ainda falava de um descanso, é porque o verdadeiro descanso não havia sido alcançado. Este fato altera completamente o entendimento do texto, e não permite que seja lido fora da perspectiva pretendida.

Pensando nisso, é necessário notarmos uma clara distinção entre "últimos dias/naquele dia" (algo distante) e "última hora", isto é, algo prestes a ocorrer. O tempo entre um texto e outro precisa ser considerado e pensado, pois pode ser que o último dia ainda esteja por ocorrer, bem como pode ter ocorrido, mas o que nos dirá isso será, justamente, a passagem de tempo entre um texto bíblico e outro.

Neste caso, não é possível que entre os evangelhos (que falam ainda em "últimos dias") e 1 João (que fala em "última hora") tenha chegado os últimos dias, mas a última hora esteja se estendendo até hoje. Acreditar que a última hora se perpetua assim é o mesmo que dizer que o texto não tem valor real, nem significado algum,

já que pode implicar um tempo longo ou curto, a depender da época. Vejamos o texto para esclarecer:

então este mal vos alcançará nos últimos dias, quando fizerdes mal aos olhos do Senhor, para o provocar à ira com a obra das vossas mãos. (Deuteronômio 31:29)

E acontecerá nos últimos dias que se firmará o monte da casa do Senhor no cume dos montes, e se elevará por cima dos outeiros; e concorrerão a ele todas as nações. (Isaías 2:2)

Note que para a Lei de Deus, a nação de Israel se desviaria nos últimos dias, mostrando que a duração destes está relacionada ao abandono do povo, e não a uma coisa indefinida. Portanto, o primeiro marcador temporal é Israel se levantando contra Deus (de modo que a ira do Senhor se viraria contra Israel).

O segundo marcador temporal (que está presente em Dt também, mas queremos avançar para mostrar a coerência do texto bíblico) é a conversão das outras nações. Ou seja, nos últimos dias (que estavam distantes ainda de Moisés e Isaías) Israel abandonaria a Deus e outras nações se converteriam ao Senhor. Portanto, se estas duas coisas se cruzarem, estamos diante dos últimos dias.

Obs.: note que Deus se irou com Israel várias vezes no AT, porém, em nenhuma dessas vezes nações se converteram ao Senhor, somente com os apóstolos é que houve um cruzamento entre o abandono de Israel e a conversão gentílica (Gl 4:25-29).

Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz. (Marcos 13:24)

O texto de Marcos está apontando algo claro: os últimos dias ainda não tinham chegado nos dias de Cristo sobre a terra. O que temos é que, em Marcos, há uma grande aflição prevista (claramente para Israel, o público de Jesus – v. 14 menciona claramente a **Judéia**) com este evento ainda sendo futuro do ponto de vista de Cristo e dos seus ouvintes: faltava pouco para Israel abandonar completamente a Deus e as outras nações se converterem.

Ora, o que temos? Uma clareza maior da profecia de Deuteronômio, porém, ainda com tais dias não chegados.

Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo a terceira hora do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne (Atos 2:15-17)

Passaram-se, pelo menos, 1500 anos entre Moisés e o início dos últimos dias, nos quais Pedro viveu. O sinal claro e definitivo destes dias seriam os eventos de Atos 2 – 3 em especial (que além da rejeição de Israel possui a conversão de judeus gentílicos e judeus 'puros' – junto com os dons miraculosos mencionados por Joel, que *durariam somente os últimos dias*). Dessa forma, com os apóstolos os últimos dias foram inaugurados, e estavam já presentes – ocorrendo:

Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho (Hebreus 1:1)

Perceba com que clareza o autor da carta aos Hebreus afirma que vivia nos últimos dias e, portanto, eles já vinham durando cerca de 30 anos (pois a carta teria sido escrita por volta do ano 60, e os discípulos começaram a pregar por volta do ano 30). Contudo, repentinamente, surge uma carta, escrita entre o ano 65 e 70 (alguns dirão que foi por volta do ano 100, o que não fará sentido pelo que veremos):

Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que é já a última hora. (1 João 2:18)

Ora, João claramente notou que os últimos dias estavam chegando em seu clímax, e mostrou que vivia já na última hora porque os anticristos *já tinham começado a aparecer na sua época* (não sendo, portanto, um evento futuro, nem o papado [que não existia]). O que temos, portanto, é um progresso temporal claro:

[Moisés/Isaías/Joel] *Naqueles dias/últimos dias* → [Apóstolos] *Nestes últimos dias* → [João] *última hora*.

Como notamos, para que os últimos dias chegassem ao seu fim necessário, foi preciso a passagem de algo em torno de 30 anos. Desse modo, não faz sentido que esta última hora esteja durando já 2 mil anos, do contrário, não há nenhuma coerência ou motivo para João deixar de chamar de 'últimos dias' e passar a chamar de 'última hora'. A realidade é que os fins dos tempos (do AT) já tinham chegado, e estavam prestes a serem concluídos.

Obs.: talvez não tenha ficado claro. O fato de que estes dons (profecia e línguas) cessaram só faz sentido dentro de uma estrutura em que os últimos dias já tenham passado. Enquanto os *últimos dias durarem na teologia de um indivíduo, não há motivo para os dons terem acabado*. Neste sentido, a teologia pentecostal é internamente mais consistente, pois diz que vivemos os últimos dias e está cheia de (falsos) dons. Os reformados, mestres da lógica, não notam isso, e buscam atrelar o fim dos dons ao povo judeu ou à formação do cânon bíblico (do qual não há nenhuma profecia bíblica, e joga sobre a própria igreja a responsabilidade de 'finalizar' estes dons). Assim, nenhum dos dois grupos acerta, mesmo que em lados opostos – provando que as escrituras quase sempre andam acima dos debates humanos.

1 e 2 João

Como já dissemos, não existe outro texto bíblico que trate do "anticristo", porém, como todo mundo chega no texto querendo que ele confirme as ideias dos indivíduos e não o que o texto quer dizer, acabam por verem gnomos onde há apenas anões. A isso acrescentam que o termo "anticristo" pode significar "no lugar de Cristo". Ora, o fato de *poder* significar não implica que este seja o significado. Eu *cedo* o meu lugar pra um idoso, tanto quanto chego *cedo* em casa, mesmo com o termo *podendo* significar algo, você não pressupõe que signifique algo diferente do contexto. Portanto, é isto o que faremos: avaliaremos o que os textos dizem em seus contextos.

Filhinhos, é já a última hora; e, como ouvistes que vem o anticristo, também agora muitos se têm feito anticristos, por onde conhecemos que é já a última hora. Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que

*não são todos de nós. [...] Quem é o mentiroso, senão **aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho.** Qualquer que nega o Filho, também não tem o Pai; mas aquele que confessa o Filho, tem também o Pai. (1 João 2:18-23)*

O texto é muito claro nas características do anticristo ou, devo dizer, anticristos (no plural e ao mesmo tempo). João está dizendo que, enquanto escreve a carta, é a última hora (não últimos dias mais), e o sinal disso é que haviam, naquele momento, vários anticristos pelo mundo (se fosse o papa, deveríamos esperar vários papas ao mesmo tempo). Isso resolve nosso marcador temporal, pois João não está falando de um evento futuro, que viria mil, dois mil ou milhares de anos depois. Seu texto é claro e direto: os anticristos saíram de nós (da igreja primitiva), já estão pelo mundo, e isso prova que *vivemos a última hora* (no caso, eles viviam).

No que diz respeito à doutrina, aqui temos apenas uma informação geral: os anticristos negavam que Jesus é o Cristo e, embora não saibamos (até aqui) como era essa negação, sabemos que eles *ensinavam verbalmente* que o indivíduo "Jesus" não era o Messias prometido do AT ou ele não corresponde à expectativa dos apóstolos de *como seria o Messias*. Portanto, eram indivíduos com conhecimento religioso que buscavam ensinar nas igrejas o que pensavam. Se lermos o texto como foi concebido, teremos total tranquilidade com isso.

Perceba ainda que se cruzarmos estas informações, o resultado é muito mais simples e menos espetacular do que queremos que seja: João viveu na última hora e, portanto, não devemos esperar um novo último dia; e tudo o que João disse até agora apenas corrobora que ele está falando não para nós, mas para a igreja primitiva, dando-nos na realidade a alegria de que já estamos livres desse erro que ele menciona como característica da última hora.

*Amados, não **creiais** a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque **já muitos falsos profetas se têm levantado** no mundo. Nisto conhecereis o Espírito de Deus: Todo o espírito que confessa que **Jesus Cristo veio em carne é de Deus**; e todo o espírito que **não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus**; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo. (1 João 4:1-3)*

Como contornar um texto tão claro como este? Veja, João está falando para crentes que não deveriam crer em todo mundo, antes, deveriam testar, perguntando se aqueles que vinham pregar criam que Jesus veio em carne (ou seja, eles deveriam confessar audivelmente com a boca, antes de ensinarem qualquer coisa à igreja). Por esta razão, nota-se que os falsos profetas se levantavam enquanto João escrevia sua carta – não num futuro distante.

Mas o fator final e definitivo do que eram os anticristos é sua negação de que Cristo veio em carne. Ou seja, estamos falando de algum tipo de docetismo ou gnosticismo (que gerou *vários falsos evangelhos sobre a vida de Jesus* – veja qual a gravidade disso [aparentemente, havia **centenas de falsos evangelhos sobre a vida de Jesus já nessa época**, com 18 mais ou menos sendo encontrados por volta de 1945. Mesmo se você considerar 18, quantos são os evangelhos que descrevem corretamente Jesus? Pois bem, veja a gravidade da situação aí]).

A Igreja corria o risco de ser engolida pelos falsos profetas que vinham ensinando que Jesus era um espírito com mera forma externa, sem corpo, sem carne (pois criam que a matéria era má, contrariando Gênesis 1, que diz que tudo criado por Deus é bom). Contudo, se não bastasse, aqui João usa "anticristo" no singular, mas não sem completar dizendo que "já está no mundo". Qual a conclusão disso? É que tudo o que se ensina sobre anticristo atualmente é falso, para acusar posicionamentos políticos, falsos mestres e outros homens (alguns certos, outros neutros e outros errados).

E o amor é este: que andemos segundo os seus mandamentos. Este é o mandamento, como já desde o princípio ouvistes, que andeis nele. Porque já muitos enganadores entraram no mundo {ou seja, ocorria na época}, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne {ou seja, gnósticos}. Este tal é o enganador e o anticristo. Olhai por vós mesmos, para que não percamos o que temos ganho, antes recebamos o inteiro galardão. Todo aquele que prevarica, e não persevera na doutrina de Cristo, não tem a Deus. Quem persevera na doutrina de Cristo, esse tem tanto ao Pai como ao Filho. Se alguém vem ter convosco, e não traz esta doutrina {de que Cristo veio em carne}, não o recebais em casa, nem tampouco o saudeis. (2 João 1:6-10)

Agora me diga, de onde vem seu conceito de anticristo? De um *megazord* teológico que pinça o que quer do texto ou do texto mesmo, considerado em sua escrita e seu objetivo?

Obs.: muitos há que dizem ter João escrito por volta do ano 90 d.C., caso fosse, ainda assim, ele fala de "última hora" como um progresso em relação aos "últimos dias", ou seja, no máximo o "fim dos tempos" deveria ter se dado por volta do ano 100 d.C. (o que não faz sentido). Além disso ele não menciona de modo algum a "morte" deste anticristo, apenas o seu aparecimento, isto é, não é impossível que este tipo de doutrina ainda persistisse na igreja após algum tempo de já ter acabado a última hora. E, de fato, o gnosticismo persistiu muito durante quase dois séculos.

2 Tessalonicenses

Abaixo colocamos, para adiantar, algumas observações entre chaves ({} no próprio texto bíblico:

Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis o que o detém {no presente de Paulo ele estava vivo, sendo detido}, para que a seu próprio tempo seja manifestado. Porque já o mistério da injustiça opera {ou seja, estava na época de Paulo}; somente há um que agora o retém até que do meio seja tirado {outra pessoa detinha essa na época de Paulo}; e então será revelado o iníquo {quebrador da lei de Deus}, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda {este homem morreria na vinda de Cristo}; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem,

porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira; (2 Tessalonicenses 2:3-11)

Paulo descreve que para o fim faltava um tempo. Este tempo seria marcado pela apostasia (ou seja, um abandono generalizado da fé). Paulo previa que um engano geral circularia dentro da igreja, algo que ainda não tinha ocorrido até o ano 52 d.C. (mais ou menos a data da carta, e antes de 1 João). Mas nos é dito que a "grande apostasia" se daria *junto com outro evento*: "e se manifeste o homem do pecado". Ou seja, se Paulo previu os anticristos ao falar da apostasia, agora estava acrescentando outra informação, a de que um homem, individual, pecador ("iníquo"), surgiria um pouco antes do fim – não sendo um apóstata, e sim alguém de fora da igreja.

Quais as descrições deste homem?

1 – Se opõe e levanta contra *tudo* o que se chama "Deus" ou se adora (não pode ser o anticristo, que adorava a Deus, mas pregava mentira sobre Cristo);

2 – Se assentaria, como Deus, no templo de Deus (ou seja, seria num momento em que os templos seriam relevantes no que diz respeito a Deus [ou outro "deus", já que também faz sentido na tradução]).

3 – Algo o detém *enquanto Paulo escrevia a carta*, ou seja, precisava estar vivo naquele momento. Pior, Paulo ainda diz que alguém teria que ser tirado da frente para este homem iníquo aparecer de fato – apontando que tanto ele quanto quem o impedia de aparecer estavam vivos e com algum nível de contato naquela época.

Existem poucas pessoas que desejariam ser igual a um deus naquela época, e que teria poder para se levantar contra o que se chama deus (ou Deus), podendo até mesmo se assentar em um templo. Quem são essas pessoas? Imperadores. Os homens da antiguidade que tinham poder para tanto *sempre eram reis e imperadores*, os quais com frequência exigiam culto e prostração dos homens que o serviam (cf. Dn 3:1-6). Assim, claramente estamos falando de uma figura política que só pode existir em um ambiente em que é concebível a adoração literal dela, ou seja, não está se falando das "idolatrias subjetivas" de hoje em dia, mas de algo que exige adoração, louvor e prostração a um homem mortal.

Um evento como este deve ter sido registrado depois dos apóstolos, pois é algo muito grande. Qual era o único poder político que existia naquele momento que exigia adoração do imperador? Roma. E quem vivia e reinava durante a época que Paulo escrevia a carta aos Tessalonicenses? Claudius. Veja:

Durante os anos 50-54 d.C., Roma ainda era governada por Claudius, que era relativamente tolerante com os cristãos (ao contrário dos judeus daqueles anos – 1 Ts 2:14-16), contudo, segundo relatam historiadores, foi morto pela própria esposa ainda em 54, tendo seu lugar tomado por Nero César (ou seja, foi removido de seu lugar). Nero era considerado, mesmo entre os romanos, o mais vil imperador de todos os tempos. Tácito, um romano, chega a relatar as crueldades de Nero com horror (Suetônio também o relata de modo mais geral). Assim, Claudius seria "quem o detém" do texto, e o detido seria Nero.

Sob o governo neroniano o cristianismo viu a pior perseguição, pois não só Roma cercava os cristãos por todos os lados, mas eles mesmos ainda estavam dentro dos limites romanos (algo que após o ano 70 d.C. mudou). Pra você entender o grau disso, veja: quando Caim matou Abel, seu assassinato foi mais grave do que qualquer outro após este, pois haviam apenas três homens no mundo, e ali um terço estava sendo morto. A gravidade da perseguição romana se equipara a isto, pois uma perseguição hoje não corre o risco de eliminar o cristianismo do mundo, algo que naquele momento era quase real.

E quais atrocidades ele cometeu? Nero teria matado a própria mãe (após ter relações sexuais com ela) bem como as próprias esposas, se casado com um homem que ele obrigou a ser mutilado, e feito mais coisas absurdas. Aliás, Nero teria colocado fogo em Roma e acusado especificamente os cristãos de o terem feito (grande feito de mentira), o que iniciou a perseguição que mencionamos (por volta do ano 64), fazendo muitos cristãos de tochas vivas nas ruas de Roma (algo sem precedentes).

Ele é o pai da primeira perseguição generalizada aos cristãos, e a mais grave de todas, por se centrar ainda no cristianismo nascente. O perigo era grande. A propósito, quando Pedro fala que era hora de o julgamento começar e que começaria pela casa de Deus, o que ele tinha em mente era uma perseguição e matança, primeiro contra os cristãos e, depois, contra os ímpios judeus que os perseguiram inicialmente (1 Pd 4:16-17).

Nero desejava ser ativamente adorado por todos os homens, por isso buscou fazer um colosso de si mesmo, para ser adorado. Tudo o que sua mente vil imaginou e desejou, ele buscou fazer. Isso era tão grave que mesmo o senado ímpio romano não o aturava, com tudo culminando na escolha de Galba como imperador pelo mesmo senado, que declarou Nero inimigo público.

Obs.: já é de conhecimento de muitos que o número seiscentos e sessenta e seis é apenas o nome codificado de Nero (não seria gematria, apenas uma codificação para impedir as cartas de Apocalipse de serem retidas por soldados romanos). Além disso, Apocalipse possui uma longa descrição de poderes romanos e judaicos (da época) que se juntariam contra os cristãos. Infelizmente, não poderemos fazer uma descrição completa disso.

Contudo, repentinamente, no ano 68 (a vinda de Cristo se iniciou por volta de 66 a 67 d.C., para destruir Jerusalém), Nero se matou, sendo, assim, destruído pela vinda do Senhor, que atingia tanto aos judeus quanto aos romanos. Eventualmente poderemos retornar ao assunto da Vinda do Senhor, que inaugurou completamente o Novo Céu e Nova Terra, mas, por hora, é importante que você note que todos os marcadores textuais tanto de 1 João quanto de 2 Tessalonicenses não permitem uma interpretação para um futuro distante. Aliás, não permitem nem se quer uma dupla interpretação, **visto que o NT é a realidade, e somente sombras (o AT) é que possuem 2 cumprimentos.**

Como comprovações finais, veja os textos de Mateus 10:16-23 (mostrando que aquelas coisas se dariam ainda em Israel, com os primeiros discípulos de Cristo) e 24:34, 14-20 (que mostra a Judéia como palco, com o *sábado* sendo uma preocupação real nos dias da perseguição). Por hora, basta notar que todos os

tratamentos sinceros e diretos do texto bíblico permitem apenas que o entendamos da forma como foi escrito, e não como nós queremos vê-lo para dar sentido às nossas vidas.

Obs.: por causa dessas afirmações textuais claras do retorno de Cristo naquela época é que C. S. Lewis disse: “Diga o que quiser [...], as crenças apocalípticas dos primeiros cristãos se provaram falsas. É claro pelo Novo Testamento que eles esperavam a Segunda Vinda durante a sua vida. E pior, eles tinham uma razão [...]. Seu Mestre havia dito isso. Ele [Jesus] disse frequentemente, ‘esta geração não passará sem que tudo se cumpra’. E Ele [Cristo] estava errado. [...] Este é o versículo mais embaraçoso da bíblia” (em seu livro: *The World’s Last Night*). Prefere ficar com a crença de que Jesus errou em sua profecia (cf. Dt 18:22) ou de que nós é que erramos em como a interpretamos? Os homens inteligentes e versados em literatura são os que menos entendem a literatura bíblica.

Em resumo, tanto a interpretação de um texto quanto de outro nos empurra para uma compreensão de algo ocorrido na época, e não nos dias de hoje. Deixe os mestres da literatura se enganarem dando mais interpretações ao texto, como se fossem estes textos obras místicas gregas. Por nossa parte, também não nos importamos que nos chamem de preteristas completos ou qualquer outra coisa, pois nosso compromisso é com a Escritura, e não com os sistemas humanos criados para satisfazerem as dúvidas humanas.

Conclusão

- A Igreja é mais do que local;
- Porém, ela é tratada nas Escrituras somente de modo local – sem abstracionismos;
- O fim dos tempos já ocorreu;
- O anticristo não foi um governante – mas um gnóstico;
- O iníquo foi um governante – Nero.

DOS SACRAMENTOS – CAP. 27

CAP 27:1

Os sacramentos são sinais e selos do pacto da graça, imediatamente instituídos por Deus(1) para representar Cristo e os seus benefícios e confirmar o nosso interesse nele(2), bem como para fazer uma diferença visível entre os que pertencem à Igreja e o resto do mundo(3), e solenemente obrigá-los ao serviço de Deus em Cristo, segundo a sua palavra(4) Ref.: 1 – Gn 17:9-11; Ex 13:9, 10; Rm 4:11; Ex 12:3-20. | 2 – 1 Co 10:16; 11:25, 26; Gl 3:27. | 3 – Ex 12:48; Hb 13:10; 1 Co 11:27-29. | 4 – Rm 6:3, 4; 1 Co 10:14-16.

A nomenclatura, que é motivo de debate entre batistas e presbiterianos, é irrelevante. Alguns chamarão de ordenanças (afinal, são ordens), outros chamarão de sacramentos (afinal, existe uma ideia de sagrado e dever atrelado de fato). Porém, quer você chame de sacramento quer não, não faz sentido utilizar Gênesis

17 como prova dos sacramentos para a Nova Aliança. E isso por um motivo simples: Gênesis 17 fala de circuncisão, e não de batismo. Veremos logo mais sobre isso.

CAP 27:2

Em cada sacramento há uma relação espiritual ou união sacramental entre o sinal e a coisa significada, e por isso, os nomes e efeitos de um são atribuídos ao outro. Ref.: 1 – Gn 17:10; Mt 16:27, 28; Tt 3:5.

CAP 27:3

A graça significada nos sacramentos, ou por meio deles, quando devidamente usados, não é conferida por qualquer poder neles existentes; nem a eficácia deles depende da piedade ou intenção de quem os administra, mas da obra do Espírito(1) e da palavra da instituição, a qual, juntamente com o preceito que autoriza o uso deles, contém uma promessa de benefício aos que dignamente o recebem(2) . Ref.: 1 – Rm 2:28, 29; 1 Co 3:7; 6:11; Jo 3:5; At 8:13-23. | 2 – Jo 6:63.

Simplesmente nenhum versículo citado pela CFW confirma o ponto (1) desta seção. De qualquer modo, porém, nunca vimos nas Escrituras a prática destes "sacramentos" sem estarem atreladas a indivíduos realmente crentes – o que dificulta interpretar que fosse possível que o batismo ou a ceia fossem aceitos caso direcionada por uma falsa autoridade. Além do mais, como os puritanos queriam se desvincular da ICAR (Catolicismo Romano), essa afirmação precisava ser feita, pois estavam se formando novas autoridades desvinculadas do catolicismo – e como aceitar o que elas administram se primeiro não for afirmado que "não importa" quem administra? Aí está a resposta do porquê há essa afirmação na CFW.

É claro que isso não prova muita coisa, afinal, na ânsia de também vencer o erastianismo o puritanismo afirmou coisas certas. O problema é que aqui, no final de tudo, tentaram adequar os versículos aos próprios entendimentos e não se adequarem a eles – mesmo que isso lhes custasse falta de argumento.

CAP 27:4

Há apenas dois sacramentos ordenados por Cristo, nosso Senhor, no Evangelho: O Batismo e a Ceia do Senhor(1). Nenhum dos quais pode ser administrado senão por um ministro da Palavra, legalmente ordenado(2). Ref.: 1 – Mt 28:19; 1 Co 11:20, 23-24; | 2- Hb 5:4.

Tendo eles buscado tirar a centralidade da ICAR, e o argumento dela de que os sacramentos só podem ser dados por ela, então agora os puritanos afirmam que só um ministro ordenado de modo correto pode administrar os sacramentos. Conquanto seja verdade que sobre o batismo nunca o vejamos desconectado de autoridades, a Ceia não possui nenhuma demonstração disso nas Escrituras. É claro, como os puritanos tratam os dois sacramentos igualmente é impossível não achar que o que vale para o batismo vale para a ceia – o que não é verdade. Essa relação só existe na cabeça dos puritanos.

Veja também que Hebreus 5:4 que foi citado pela CFW se trata apenas do sacerdote no cargo de sacerdote como tal no AT.

Obs.: note que os presbiterianos frequentemente ligam a ceia à páscoa, como sendo ela a páscoa do NT (o que também será visto não ser verdade), contudo, a páscoa no AT era uma das festas menos centralizadas que havia, embora houvessem os sacrifícios no templo. Se formos usá-la como padrão, cada família é responsável por sua ceia (Êx 12), com os anciãos (talvez presbíteros) sendo os que organizam – contudo, a instituição da Páscoa no AT é individual para ser feito em conjunto familiar (Êx 12:3, 4). Assim, no padrão deles, a própria ceia não precisa ser administrada essencialmente por uma autoridade pastoral – no máximo pelo conjunto dos presbíteros (Êx 12:21) e no mínimo pelos indivíduos.

CAP 27:5

Os sacramentos do Velho Testamento, quanto às coisas espirituais por eles significadas e representadas, eram, em substância, os mesmos que os do Novo Testamento(1). Ref.: 1 – 1 Co 10:1-4; Cl 2:11, 12; 1 Co 5:7, 8.

O título da CFW (WCF – em inglês) poderia ser WTF... A relação do texto não faz o menor sentido. Primeiro porque citam um caso de batismo com água no AT (1 Co 10:1-4), segundo porque, de repente, e magicamente, acham que o batismo é a realidade da circuncisão (Cl 2:11), quando Colossenses claramente está atestando que a circuncisão da qual fala é do coração, não feita por mãos humanas (Dt 10:16; Jr 4:4). Além do fato óbvio e claro de que 1 Co 5 não menciona e não faz alusão à ceia nem de longe. Esse apelo “grego” de “são os mesmos em substância” só significa alguma coisa na cabeça do bobo que se acha inteligente – buscando entender mistérios, mas se enganando no que é básico nas Escrituras.

No próximo texto trataremos exclusivamente do Batismo e provaremos, por todos os meios, não só que ele é totalmente do AT, como sua origem e seu objetivo é distinto do que os homens geralmente falam. Lembre-se de que estamos falando de coisas estritamente escatológicas, e já fizemos uma boa introdução no capítulo anterior.

Conclusão

- De fato, Deus deu sacramentos ou ordenanças para o povo mesmo no NT;
- Contudo, estes sacramentos não devem ser tratados em conjunto;
- Também eles não são mudanças de sacramentos do AT.

DO BATISMO – CAP. 28

Dividiremos este texto em duas partes: a primeira será um breve comentário sobre a CFW, de modo direto e rápido. A segunda parte será uma doutrina do batismo consistente com o ensino bíblico *não importa as consequências e aparentes incongruências*.

Devo ressaltar que a doutrina do batismo aqui desenvolvida tem como base o comentário sobre o capítulo “Da Igreja”, no qual provamos que a “última hora” era na época dos apóstolos e que, portanto, o “fim dos séculos” (não do mundo) já

ocorreu. Em um texto próximo ao final do livro explicaremos a escatologia disso melhor, por hora, porém, e para seguir a CFW, apenas compreenda que pressuporemos que o leitor entende o assunto.

CAP 28:1

O batismo, sacramento do Novo Testamento, foi instituído por Jesus Cristo(1), não só para solenemente admitir na Igreja a pessoa batizada(2), mas também para servir-lhe de sinal e selo do pacto da graça(3), de sua união com Cristo(4), da regeneração(5), da remissão dos pecados(6) e também da sua consagração a Deus por Jesus Cristo a fim de andar em novidade de vida(7). Este sacramento, segundo a ordenação de Cristo, há de continuar em sua Igreja até ao fim do mundo(8). Ref. 1- Mt 28:19. | 2- At 2:41; At 10:47. | 3- Rm 4:11; Gl 3:27-29; Cl 2:11,12. | 4- Gl 3:27; Rm 6:3, 4. | 5- Tt 3:5 | 6- At 2:38; Mc 1:4; At 22:16. | 7- Rm 6:3, 4. | 8- Mt 28:19.

É incrível como no capítulo anterior os puritanos citam um texto *que diz claramente sobre o batismo com água em Moisés* e, apesar disso, os puritanos continuam acreditando que este sacramento é algo somente do NT. Mas isso é porque, claramente, não tinham uma compreensão da distinção de sombra/realidade e literalidade/espiritualidade. Estas coisas ficam evidentes em passagens como 1 Co 10:1, 2 e 1 Pd 3:20, 21 além do fato de João Batista estar batizando quando Jesus mesmo apareceu (repare que Jesus chama a prática do batismo de "cumprir a justiça" [Mt 3:15], pois era uma exigência da Lei, não de Jesus primeiramente). Isso rebate o ponto (1) – o batismo não é um sacramento do Novo Testamento, ele é do Antigo e faz parte do período transicional, isto é, a Plenitude dos Tempos na era apostólica.

Outro equívoco é pensar que o batismo era o meio de ser admitido na igreja. Paulo mesmo contradiz isso por não ter batizado a quase ninguém em Corinto, visto que muitos creram e mesmo assim ele não quis batizar (1 Co 1:13-17). Se isso era essencial para ser recebido na igreja, então por qual motivo Paulo abriu mão disso? Aliás, se a preocupação de Paulo era que ninguém associasse o batismo a ele, então por qual motivo outra pessoa podia batizar? Não correria o mesmo perigo? Isso rebate o ponto (2) – ou seja, alguém era admitido na igreja independente do batismo.

Além do mais, Rm 4:11 e Cl 2:11, 12 não falam nem de perto de batismo, já que ambos os textos argumentam somente de uma coisa: a circuncisão – esta que, no NT, não é o batismo, pois não pode ser feita por mãos humanas, mas sim é fruto de arrependimento, arrancando a carne do pecado (Cl 2:11, 12; Rm 2:28, 29; Dt 10:16; Lv 26:41; Dt 30:6; Jr 4:4). Todas as passagens que falam do significado espiritual da circuncisão não a atrelam ao batismo, dizer algo assim é absurdo, visto que só substitui uma sombra por outra. A propósito, como João Batista, ainda sob o AT, entenderia que aquilo que cortava a carne do prepúcio agora, de repente, deixou de ser isso e se tornou um banho em água? Simplesmente não faz sentido.

Para João entender que aquele era o momento de se batizar as pessoas com água, era necessário que algo estivesse na lei prevendo isso para *aquela momento*. Deixaremos Gl 3:27- 29 e Rm 6:3, 4 para mais tarde. Isso rebate o ponto (3).

Tito 3:5 é outra passagem, tão distorcida pelos Pais da Igreja que, quando os puritanos foram lê-la, viram nela só batismo com água. Ignoram que o Espírito Santo é *derramado* sobre o povo, tornando, ele mesmo, um tipo de lavagem sobre os crentes (At 2:17, 18, 22; 10:45). Mas o que está escrito em Tito?

Não pelas obras de justiça [lembre-se o que era o batismo com água em Mateus 3:15] que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, (Tito 3:5)

Não fomos lavados pelo batismo na água, mas pelo derramamento e regeneração feita pelo Espírito de Deus. Dizer que foi o batismo que fez isso é contradizer o próprio texto e Mateus 3:15, que diz claramente ser o batismo uma obra da justiça. No final, a leitura do versículo citado na CFW rebate o próprio ponto (5).

Vamos fazer um resumo, pois é necessário já que depois não retornaremos a isso: O batismo era uma justiça ou obra do AT, e que não pode ser confundido com o batismo/derramamento do Espírito Santo e nem com a circuncisão do AT. Além disso, estritamente, o batismo não era essencial para ser parte da igreja, algo claro pelo fato de Paulo não querer batizar ninguém em Corinto e ainda dar graças a Deus por isso (algo que ele deveria dizer com pesar, se o batismo for tão essencial como dizem). Sozinho isso elimina quase metade da teologia do batismo moderna, mas ainda precisamos avançar mais, porque os que se porão como inimigos são muitos.

CAP 28:2

O elemento exterior usado neste sacramento é a água, com a qual um ministro do Evangelho, legalmente ordenado, deve batizar o candidato em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo(1). Ref.: 1- At 10:47; At 8:36-38; Mt 28:19.

Por motivos que veremos mais abaixo isso está corretíssimo: jamais nas Escrituras o batismo se daria "jogando areia sobre o indivíduo", pois não basta que seu significado seja algo específico, é preciso que seja (ou tenha sido) praticado da forma como Deus exigia.

CAP 28:3

Não é necessário imergir na água o candidato, mas o batismo é devidamente administrado por efusão ou aspersão(1). Ref.: 1- Mc 7:4; At 1:5; At 11:15,16; Hb 9:10, 19-21.

O capítulo 9 de Hebreus é muito claro no grego, "as abluções" (rituais de batismo) eram comuns no AT. Porém, tais rituais, segundo a própria escritura, eram a aspersão de hissopo ou o lavar o corpo da impureza ritual. Portanto, é evidente que o termo "batismo" possuía uma gama muito maior do que mero "imergir". Dizer que este significado é o único possível do termo é fazer todos os rituais de batismo do AT se tornarem imersões. Paulo também, ao ser batizado, o foi dentro de uma casa, tornando sua imersão inviável em uma moradia da época (At 9:17, 18). Isso sem contar que o povo batizado em Moisés mal encostou em água (1 Co 10). Portanto, transformar a imersão em algo tão básico é ignorar o sentido semântico e uso corrente do termo na época.

Obs.: seria como se, em português, eu dissesse que manga sempre será a fruta e jamais outra coisa. Na verdade, eu estaria errado, pois existem, além da fruta, mais três coisas distintas que levam o nome de “manga”.

CAP 28:4

Não só os que professam a sua fé em Cristo(1) e obediência a ele(2), mas os filhos de pais crentes (ainda que um só deles seja crente) devem ser batizados. Rf.: 1- Mt 28:19; At 2:41; At 10:47; Rm 4:11; At 3:29; Cl 2:11,12; Gl 3:27; Rm 6:3, 4; Tt 3:5; At 2:28; Mc 1:4; At 22:16; Rm 6:3, 4. | 2- Gn 17:7,9,10; Gl 3:9, 14; Rm 4:11; At 2:28; At 16:14, 15, 33; Cl 2:11, 12; 1 Co 7:14; Mc 10:13- 16; Lc 18:15, 16.

Conquanto creiamos que filhos eram batizados, não o eram pelos argumentos que os puritanos apresentam (que para explicarem a razão do batismo infantil partem da circuncisão). Antes, todos os que corriam o risco de serem condenados, por causa do julgamento de Deus sobre crianças e adultos (no próprio AT), precisavam ser batizados – afinal, na travessia do mar vermelho não haviam somente adultos, e mesmo assim todos ali foram batizados em Moisés (1 Co 10:1, 2; Êx 10:24). Não só isso, como todos pecaram em Adão havia necessidade clara de todas as crianças serem batizadas, ainda que o batismo, em si, pudesse ser “abandonado” circunstancialmente entre os gentios (como Paulo fez em Corinto) por motivos que serão mais claros depois.

Obs.: note, porém, que a CFW quebra a estrutura familiar. Paulo diz que os filhos “mistos” são santos, e isso não depende de batismo no contexto de 1 Co 7. Antes, apenas por *nascem de um dos pais crentes* já se fazem santos a Deus. Assim, se o marido fosse descrente e não quisesse que o filho fosse batizado, não seria a mulher que o convenceria (1 Pd 3:1), pois viola a instituição familiar que Deus criou. Não devemos, portanto, acrescentar carga onde a Escritura não a põe.

CAP 28:5

Posto que seja grande pecado desprezar ou negligenciar esta ordenança(1), contudo, a graça e a salvação não se acham tão inseparavelmente ligadas com ela, que sem ela ninguém possa ser regenerado(2) e salvo, ou que indubitavelmente regenerados tornam-se todos os batizados(3). Ref.: 1- Lc 7:30; Gn 17:14. | 2- Rm 4:11, 12; Lc 23:40-43; At 10:45-47. | 3- At 8:13.

Sabemos que o apóstolo Paulo não pecou, mesmo negligenciando ativamente o batismo em relação aos coríntios. Portanto, quem está certo neste caso? Além disso, essa seção contradiz a citação da seção 1. Ora, na primeira seção temos Tito 1:5 falando sobre o lavar regenerador – e em lugar algum na passagem se pontua ser isso um sinal ou algo do tipo. Se ali o que temos é sobre o batismo com água, logo, é óbvio que o batismo é inseparável da regeneração. Porém, deixe este debate para ser entre anglicanos, católicos, presbiterianos e batistas. Por nossa parte, porém, nenhum destes grupos entende o texto porque cada um quer apenas defender uma “perspectiva respeitada em seu grupo”.

Lc 7:30 é claro em mostrar que os fariseus não se arrependeram e que, na prática, isso demonstra que negaram o desígnio de Deus para eles. Ora, qual era o “desígnio de Deus”? O arrependimento (que João dizia a eles – Mt 3:8) ou o batismo? Mais ainda, em Atos 10:45- 47 vemos o exemplo claro de que o batismo

com água não era essencial mesmo para Deus. Portanto, se o batismo é o que torna alguém membro da igreja de Cristo, como pode Deus subverter isso? O próprio Moisés sofreu com sua esposa por adiar a circuncisão, e Deus deixaria assim as coisas em relação ao batismo? É evidente para Pedro que o batismo com água sobre eles não era para entrarem na igreja, já que reconhece isso antes mesmo do batismo. Portanto, o sentido precisa ser *outro*.

CAP 28:6

A eficácia do batismo não se limita ao momento em que é administrado(1); contudo, pelo devido uso desta ordenança, a graça prometida é não somente oferecida, mas realmente manifestada e conferida pelo Espírito Santo àqueles a quem ele pertence, adultos ou crianças, segundo o conselho da vontade de Deus, em seu tempo apropriado(2). Ref.: 1- Jo 3:5, 8. | 2- Gl 3:27; Ef 1:4, 5; Ef 5:25, 26.

Os puritanos precisam se decidir: a graça de Deus é realmente conferida pelo batismo ou não? O batismo regenera ou não? Ele é eficaz ou não? Eles, porque acreditavam que o batismo tinha várias funções (entrar na igreja, sinal de regeneração, união com Cristo e blá blá blá), não conseguiriam manter este sistema sem contradizerem a si mesmos e as Escrituras.

Além disso, citam João 3:5, 8 (lembre-se de que Jesus está sob o AT) como prova de que o batismo é essencial, e invalidam todos os crentes anteriores a Cristo, pois ninguém era batizado com água no AT (exceto os impuros nos rituais de purificação). Pense, já *que circuncisão não inclui água*, e Jesus diz que só nascendo da água e do Espírito é que se pode ver o reino de Deus, como os circuncidados herdaram os céus sem o uso da água? Ninguém parece entender o sentido emprestado de Ezequiel que está aqui, e que também veremos mais abaixo.

CAP 28:7

O sacramento do batismo deve ser administrado uma só vez a uma mesma pessoa(1). Ref.: 1- Tt 3:5.

É digno de riso isso. Tito 3:5 fala de quê? Ora, não estamos dizendo que os crentes se batizavam novamente, porém, de onde retiraram essa informação de modo taxativo? Não existe texto que trate deste assunto, não só pela quase impossibilidade da repetição do batismo antes do ano 70 d.C., mas porque a igreja não se dava a especulações absurdas. Não existe texto que prove ou contrarie isso, portanto, é bobagem tornar essa afirmação em algo básico para a fé cristã (lembre-se, isso é uma confissão).

Graças a Deus terminamos o "comentário" dos erros deste capítulo. Abaixo faremos uma explicação positiva do assunto, e não deixaremos de tratar de Gl 3:27-29; Rm 6:3, 4; At 2:38; 22:16; Mc 1:4; e Jo 3.

O BATISMO COMO JULGAMENTO

O que ele não é

Já vimos, de modo adiantado acima, que o batismo não é a circuncisão do AT, isso nem faria sentido, considerando principalmente que João batizava com água antes de Cristo se quer ter encontrado com ele em seu ministério profético. O papel da

circuncisão ainda era pleno naquele momento e seria repetitivo citar as passagens que claramente provam que ela só significa remover a carne do pecado, isto é, uma mudança interna, não feita por mãos humanas (Cl 2:11, 12).

Por outro lado, alguns pensam que o batismo é uma continuação dos rituais de purificação de Levítico, algo que também está errado, pois estes rituais são apenas para quem tivesse contato com coisas impuras. Na realidade, não havia nada de especial neles que os tornasse tão decisivos como vemos o batismo ser no ministério de João Batista, ainda mais considerando que João não batizava os impuros, e sim os arrependidos. Aliás, tais rituais podiam ser praticados dias seguidos, bastando, por exemplo, um homem ter relação sexual com a esposa (Lv 15:18). Imagine um homem tendo relação, digamos, 2 ou 3 dias seguidos... todos estes dias ele se banharia após a relação sexual, tendo que se purificar do contato com o sêmen e da emissão deste (não, ele não se purificava do sexo, mas somente do sêmen). Assim, como o batismo poderia vir de algo tão comum e ao mesmo tempo ser executado só por João Batista como algo distinto e especial?

Portanto, é imprescindível que na Lei o batismo tenha outra origem e seja claro o seu objetivo.

O ministério profético de João

Outro fator relevante é o fato de que o batismo só veio a ser praticado no final do AT de modo intencional por João Batista. Então, é importante perceber que o batismo ter aparecido com ele precisa ser considerado. E isso é assim porque João Batista era o precursor do Messias, que veio para anunciar a sua vinda e que o julgamento se recairia sobre os judeus (Mt 17:10-13; Lc 1:13-17; Ml 4:5, 6; Mt 3:6-12). Repare que em Mateus 3:6-12 é dito que o machado *já está na raiz*, afirmando que o corte das árvores seria ainda naquela época, e é por isso que João diz que os fariseus acham que fogem da ira 'vindoura' (sobre Israel – v. 7).

É, pois, claro, que o batismo tem de ser algo escatológico, isto é, algo que anuncia um fim e uma ira – ou, no caso, um julgamento. E isso é muito claro na narrativa de Mateus 3 – que também cita o Espírito Santo (ao qual chegaremos). Portanto, de onde João tirou que, de repente, ele tinha que começar a batizar? A resposta está dada parcialmente: ele sabia que era aquele que anunciava o dia do Senhor contra Israel e, por isso, era o momento de batizar (Ml 4:5).

A comunidade de Qumran, que batizou seus indivíduos, estava adiantada muitos anos, embora tenha corretamente compreendido o motivo e papel do batismo. Estes judeus ainda estavam distantes da verdade e, portanto, também não foi com eles que João Batista aprendeu sobre o motivo de batizar. Jesus diz que ser batizado era cumprir a justiça (Mt 3:15), de forma que não pode ser uma coisa inventada por uma comunidade qualquer, mas precisa estar na lei.

Obs.: perceba que João não se volta para gentios, não é o foco dele. A profecia de Malaquias se centrava somente em Israel e Lucas 1 confirma que o papel de João Batista é voltado para dentro daquela nação. Assim, a diferença entre o batismo de Jesus e de João é não pelo significado ou se é “no nome do Pai, Filho e Espírito” (explicaremos isso), e sim porque em Cristo o batismo foi ampliado em seu escopo para outras nações vizinhas.

Obs.: por qual motivo João é chamado de “Elias”? A questão é mais simples do que parece. Ambos eram itinerantes, porém, ambos começaram seu ministério junto ao Jordão (1 Rs 17) e também possuem passagens pelo deserto e se vestem de modo semelhante. Contudo, o fator principal é a condução de arrependimento que Elias faz logo após demonstrar que só o Senhor é Deus, assim como João Batista fez *dentro de Israel* (não como Qumran que saiu do meio do povo). Ambos vieram em momentos críticos causando conversão.

Resultado: João não aprendeu seu batismo dos rituais batismais purificadores, não o desenvolveu da circuncisão e nem aprendeu com uma tradição judaica de qualquer seita conhecida. Para entendermos de onde João tirou seu batismo, portanto, é necessário que vejamos como era o batismo no AT.

O BATISMO NO AT

Precisamos nos aprofundar melhor agora na ferramenta que João utilizou para entender a necessidade do Batismo com água e também sua relação com o Espírito Santo.

O Batismo em Gênesis – o Espírito Santo

Uma das marcas de que o batismo com água estaria sendo aprovado por Deus é que, junto com ele, estaria o Espírito Santo atuando. E isso é importante reconhecer porque o batismo *não significa o Espírito Santo*, que é sempre vinculado ao “ar”, “vento” etc., nas Escrituras (Jo 3:8; At 2:1, 2, 4; Jo 20:22; Ez 37:9). Aliás, em Hebraico o termo para vento é o mesmo que para Espírito, o que deve ser mais do que claro e sugestivo.

Contudo, na Lei aprendemos que o momento em que o Espírito viria de modo único é quando o batismo com águas começasse. E é assim que se anuncia por sombras já no primeiro capítulo de Gênesis (os pressupostos disso explicaremos no texto de escatologia):

E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. (Gênesis 1:2)

Ora, quando a terra era sem forma e vazia e ainda havia trevas é que o Espírito Santo de Deus se move sobre as águas. Portanto, enquanto ainda não era dia havia necessidade de o batismo ser feito, e junto com ele estava o Espírito se movendo. Aliás, não estava o Espírito de Deus se movendo sobre o mundo nos outros dias? Por qual razão você acha que somente aqui, sobre as águas, é mencionada a ação do Espírito Santo? Ou mais, por qual razão você acha que o Espírito, que é onipresente, seria mencionado especificamente sobre as águas e não sobre a parte sólida da terra? É evidente que além da literalidade há também uma espiritualidade significando algo: isto é, de que quando o batismo começasse a ser praticado o Espírito de Deus desceria.

Repito: num texto que descreve a criação do mundo, por qual motivo você acha que seria relatado que o Espírito Santo estava sobre a face das águas? Mais, por qual razão ele, que é onipresente, estaria sendo retratado especificamente sobre as águas e não sobre a parte sem forma e vazia ou em algum dia posterior, sobre

o homem, por exemplo? O motivo narrativo é claro: apontar que com a ação da água sobre as trevas, o Espírito se manifestaria nos últimos dias – como já o fez.

Obs.: o objetivo do batismo não era dizer que “você” individualmente foi salvo das trevas, e sim que as trevas como um todo estavam passando, finalizando uma era. Portanto, não podemos confundir com a leitura mais individualista que adotamos dos teólogos patrísticos.

O Batismo em Gênesis e 1 Pedro – As Águas do Julgamento

Contudo, não vimos ainda o que especificamente significa o batismo. E é necessário que vejamos isso claramente no Dilúvio. Oras, Deus submergiu todo o mundo, porém, não submergiu a Noé, e mesmo assim Pedro nos diz:

Os quais noutra tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água; que também, como uma verdadeira figura, agora vos salva, o batismo (1 Pedro 3:20, 21)

A relação que Pedro estabelece é clara. O batismo ocorreu com Noé, e isto como um julgamento sobre os rebeldes. O fato de Noé ser o único “seco” é que, porém, nos surpreende (veremos isso ainda). Neste momento todos foram batizados em Noé, o primeiro Justo relatado na bíblia. Ser batizado em Noé é ser em “seu nome”.

Contudo, não devemos nos esquecer que as águas em Noé foram claramente um julgamento, e vimos João perceber isso, pois também relaciona ao julgamento o que faz, bem como vemos isso predito em Malaquias a respeito de Elias. Portanto, estamos vendo Deus operar em sua soberania por meio de figuras.

Porém, o que o batismo com água ainda significa no que diz respeito a João se o mundo não seria mais destruído em um dilúvio? O ponto é que não entendemos as figuras do AT. Daniel prevê que Israel seria destruído em um “dilúvio” (Dn 9:26). Dilúvio, águas, mares etc. se referem aos povos que destroem e atacam *Israel* (cf. estes textos: Ap 17:15; Is 8:7; Jr 47:2; Sl 65:7; 93:3, 4). Portanto, quando se diz em Gênesis que o dilúvio destruiu o mundo, ele está, por figura, ainda que literalmente tenha ocorrido, ensinando o que Deus faria localmente a um povo, ou seja, o destruiria por meio de outras nações.

Assim, ser batizado com água sinaliza o livramento deste julgamento, o juízo sobre aquela geração de fariseus e saduceus, e falsos mestres judeus. É como se o julgamento fosse antecipado, de modo figurativo, sobre os cristãos, para não serem julgados juntos de Israel. Daqui do dilúvio fica claro ser este o propósito escatológico: em Gênesis 1 é o fim das trevas; em Gênesis 6-9 é o julgamento de um povo por meio de outros povos.

Obs.: repare que em Ap 21:1 diz que o “mar já não existe”. Isso tem uma mensagem clara: o objetivo é apontar que as nações em contraste a Israel não existem mais, pois Israel, como nação geográfica local, não existe mais. Devemos então perguntar: sem “mar” para Deus usar como julgamento contra uma nação é necessário haver o *signal* que aponta o julgamento por meio de outras nações?

Obs.: A carta de Pedro foi escrita a cristãos ‘dispersos’ ou da ‘dispersão’, apontando que na verdade seu público era de gentios que foram judeus e que se converteram a Cristo. Neste sentido, dizer que o batismo “vos salva” tem total sentido, sendo o único texto com essa afirmação, visto que o batismo para salvação foi administrado aos judeus, a fim de serem salvos do julgamento que recairia sobre Israel em 70 d.C.

O Batismo em Êxodo e 1 Coríntios – As Águas da Salvação

Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem, e todos passaram pelo mar. E todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de uma mesma comida espiritual, (1 Coríntios 10:1-3)

Vários teólogos pensam que quando Paulo chama a igreja (o povo reunido) de “templo” ou quando diz que houve um batismo em Moisés, ele está na verdade fazendo uma analogia. Ignorantes! Não percebem que a mensagem do AT é espiritual e deve ser lida como Deus intentou ensiná-la – não por analogia, mas por realidade e sombra.

De qualquer modo, o que temos aqui? Paulo está dizendo que houve um tipo de batismo “em Moisés” na nuvem e no mar. A razão disso é simples: em Moisés o povo foi salvo, e isso é provado pelas águas do batismo que cercou a Israel. Mas mais sugestivo é que também vemos um período “escatológico”, no qual o Egito é julgado no seu exército, com todos morrendo ali no “mar”. No fundo, Israel foi batizado tanto na nuvem quanto no mar “espiritual”, assim como comeu de uma comida “espiritual”, ou seja, havia uma realidade que aquelas coisas literais apontavam.

Mas ainda não confunda, esse ensino é escatológico, pois de um lado aponta a salvação e do outro aponta a perdição. E o quadro não fica completo se não encararmos quem é o “Egito” espiritual no Novo Testamento, e que deveria ser destruído pelo “mar” (outros povos):

E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado. (Apocalipse 11:8)

Pergunte ao apóstolo João (que escreveu Apocalipse antes do ano 70 d.C.): onde Jesus foi crucificado? No Egito ou em Jerusalém? É óbvio, dirá ele, que em Jerusalém. Mas espiritualmente como esta Jerusalém terrena se chamava? Egito.

Obs.: o cap. 11 de Apocalipse prova que o texto precisa ter sido escrito antes do Templo ter sido destruído por Roma (Ap 11:1, 2), pois ainda seria pisado por outros povos durante 42 meses (3 anos e meio – v. 2), isto é, o período do cerco de Jerusalém, de meados de 66 até 70 d.C.

Então, novamente, nos voltamos para o sinal do batismo, que para o Egito era perdição e para Israel era salvação. Neste caso, por qual motivo João diz que Jerusalém terrena era Egito? Ou, por qual razão a descrição de que a igreja profetizaria durante 3 anos e meio contra Jerusalém com poder de lhe enviar as pragas do Egito seria relevante no capítulo 11 de Apocalipse? A razão é simples: o Egito terreno teve o seu exército afogado para servir de sombra para o que ocorreria com o Egito espiritual – seria inundada como Daniel prevê.

Agora pense na quantidade de pessoas do AT que nunca foram batizadas. Por qual motivo você acha que não foram? É simples: não havia julgamento de Deus contra Israel todo dia, somente em algumas gerações específicas (como com Elias que fez chover antes de Israel ser julgada por Deus).

É nisso que o batismo com água consiste: adiantando o julgamento sobre o próprio povo de Deus, o livra do julgamento real que se deu no fim dos tempos. Assim, só se houver outro julgamento é que há motivo para haver outro batismo.

Veja a conclusão disso: em Moisés os judeus foram batizados para sinalizar que em Cristo os cristãos seriam batizados, sendo livrados da destruição que recairia sobre a Israel apóstata.

Em nome de quem?

A propósito, quando Paulo diz que ninguém em Corinto foi batizado no nome dele ele não estava usando de hipérbole. Antes, reconhecidamente, sabia que alguém poderia ser batizado no nome de Moisés, de Noé, de João Batista ou de Paulo. Estes batismos tinham todos os mesmos propósitos, e mudar o "em nome de quem" apenas move para frente o marcador temporal. O batismo de João era o último antes de Cristo, e com Cristo houve o último de todos os batismos.

Como Cristo reinou entre os anos 30 e 70, tudo o que se fazia pelos apóstolos e discípulos dos apóstolos, era feito imediatamente por Ele. Tendo entregue o reino a Deus Pai não mais necessita destas coisas, pois agora não há mais uma Israel veterotestamentária.

Obs.: reforço que isso não é nenhuma ação ou afirmação contra a "Israel moderna". A Israel ímpia que foi responsável pela morte de Jesus já foi julgada e condenada por Deus no ano 70 d.C., portanto, atribuir as culpas desta ação ao atual Estado não faz nenhum sentido.

Ora, se Israel não existe, o batismo não pode mais existir, pois não esperamos nenhum outro julgamento, já que o "mar" não mais existe e, assim, as nações não são mais ferramenta de julgamento de Deus contra outra nação específica. Ora, a própria Israel do AT não era batizada em cada nova geração, pelo contrário, os batismos só atuaram nos momentos de julgamentos e cessaram assim que o julgamento passou. Por esta razão, tendo o julgamento sobre Israel passado, não existe motivo para haver mais batismo com água.

OUTROS ARGUMENTOS

Alguns versículos que buscam contra isso – Gl 3:27-29; Rm 6:3, 4; At 2:38; 22:16; Mc 1:4; e Jo 3

Gálatas 3:27-29:

Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo. Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa. (Gálatas 3:27-29)

Existe uma série de debates sobre se "ser batizado em Cristo" significa sempre "batismo com água". Contudo, caso vejamos 1 Co 10:2, notaremos que mesmo em

grego a construção textual é quase idêntica no que diz respeito ao "em quem" alguém é batizado. Portanto, ao menos em Gálatas 3:27, não existe razão para crermos que não se trata de batismo com água.

Dito isso, será que se hoje não nos batizarmos mais de Cristo não seremos mais dele revestidos? Bom, apliquemos o caso a Moisés: mesmo com Moisés em vida a outra geração que chegou na Terra Prometida não passou pelo processo de batismo *nele*, e, ainda assim, foram sendo salvos até que fossem batizados em Josué. O ponto, porém, é que ser batizado em alguém só possui relevância durante período de julgamentos (o que explica o motivo de Israel se batizar em Josué ao julgar Canaã).

Por acaso devemos dizer que os israelitas que viveram na terra e não foram batizados pereceram ou foram repreendidos? De modo algum. Além disso, como efeito colateral do batismo no NT (lembre-se de que não há mais mar, sinalizando o fim das "nações"), chega-se ao fim da divisão dos povos, prefigurado já na união dos crentes em Cristo, algo que Paulo afirma claramente aqui, nesta passagem em Gálatas. Por qual motivo você acha que ele menciona o fim das divisões nacionais justamente usando como argumento o "ser batizado em Cristo"? Por causa do anúncio escatológico previsto no batismo!

Assim, longe de provar qualquer coisa contra, o texto de Gálatas 3 apenas aponta que aqueles crentes eram revestidos de Cristo no batismo, durante o período em que se chegava ao fim a "divisão dos povos" ocorrida em Babel. E, a menos que tenha ocorrido outra Babel, não existe razão para o batismo retornar, pois, como já dissemos, o fim das coisas não se deu individualmente, mas como um todo, pois Deus não reverteu a Babel nos indivíduos, mas com o fim da Era do AT.

Obs.: além disso, note que no batismo em Moisés isso estava prefigurado, pois neste batismo não houve nenhuma divisão entre servo, livre, homem, mulher ou criança (Êx 10:8-11 [veja que crianças atravessaram o mar, sendo, portanto, batizadas por causa da fé dos pais]). Todos ali foram igualmente batizados e foram igualmente salvos dos egípcios. Repare também este fator: o batismo em Moisés veio não para salvar o povo de modo final, mas para salvá-lo *dos egípcios* – isso precisa ser notado no NT, considerando que Israel era o novo Egito.

Romanos 6:3-5 (será necessário ver um versículo a mais):

Ou não sabeis que todos quantos fomos batizados em Jesus Cristo fomos batizados na sua morte? De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida. Porque, se fomos plantados juntamente com ele na semelhança da sua morte, também o seremos na da sua ressurreição; (Romanos 6:3-5)

Obs.: veja nosso texto sobre Escatologia em que provamos que a ressurreição já ocorreu. Não explicaremos os argumentos aqui, apenas os pressuporemos.

Ora, o que Paulo está dizendo sobre ser batizado em Jesus e ser batizado em sua morte? Primeiro é evidente o que já dissemos: o batismo é um adiantamento do julgamento de Deus. Assim como Jesus foi morto pelos pecados do seu povo (Mt 1:21) o seu povo morreu junto com Jesus pelo batismo. Isso é evidente mesmo no

que já dissemos acima. Contudo, o argumento de Paulo não é sobre batismo, e sim sobre andar em novidade de vida. O que ele quer demonstrar é que os crentes (que morreram em Cristo) não podem mais andar em pecado, visto que o pecado leva ao julgamento de Deus.

Obs.: Paulo está tratando da morte para o pecado no cap. 6; da incapacidade do conhecimento da lei para libertar do pecado no capítulo 7; do Espírito de Deus que dá vida aos nossos corpos para vencermos ao pecado no cap. 8; e de como o resto da criação também se tornaria menos sujeita ao pecado, em especial o da idolatria, após os filhos de Deus serem revelados (Rm 8:19; Cl 3:4; 1 Jo 3:2) - (note que os filhos de Deus eram vistos como uma seita judaica até por volta do ano 64, e só depois do ano 70 é que os cristãos foram conhecidos pelos gentios como totalmente distintos dos judeus, portanto, sendo ali revelados os filhos de Deus).

Porém, e aqui vem uma parte interessante, como a ressurreição era futura, o que se dá com a igreja que já ressuscitou? Ora, para a morte há batismo, para a ressurreição não há. O batismo sepulta (não por ser mergulhado, já que os que foram batizados em Moisés foram sepultados para o Egito sem nem entrarem na água), mas o que ressuscita? Outro batismo? Claro que não, pois não se sepulta novamente aquilo que já o foi feito de uma vez por todas. Como não há mais morte e só o corpo ressurreto após a morte do corpo atual, então não há porque haver mais batismo. Este texto lido no contexto dos últimos dias em que os apóstolos viviam até mesmo prova o nosso ponto.

Atos 2:38:

E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; (Atos 2:38)

Essa passagem em parte confirma o que dissemos: onde há água há o Espírito Santo, pois são coisas simultâneas (veja o caso da pomba em Gn 8 justamente com uma folha de oliveira ao fim do dilúvio – apontando por figura a ação do Espírito Santo sobre as águas). Além disso, o que há no texto que contradiria o que dissemos?

O texto é extremamente feito em paralelo: arrepender = perdão de pecados / batismo = dom do Espírito. Mas supondo que ainda se referisse ao batismo como perdão para os pecados, em nada nos oporíamos, afinal, o batismo era um julgamento antecipado sobre o povo de Deus, de modo que servia como perdão para os pecados, assim como a travessia no Mar Vermelho serviu como perdão para os pecados do povo de Israel – ignorando Deus assim toda a vida pregressa do povo a partir dali (embora o próprio povo assim não fizesse).

Atos 22:16:

E agora por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor. (Atos 22:16)

Vemos claramente um paralelo entre lavar os pecados e o ato de batizar-se. Contudo, o "lavar os pecados" está associado ao "invocar o nome do Senhor" e não ao "batiza-te" (que está associado ao "levanta-te"). Porém, novamente,

mesmo que se refira aos pecados, não há problema, pois são, de fato, atos paralelos.

Marcos 1:4:

Apareceu João batizando no deserto, e pregando o batismo de arrependimento, para remissão dos pecados. (Marcos 1:4)

Em português soa como se o texto se referisse ao "batismo", mas a remissão dos pecados está diretamente ligada ao arrependimento no texto (não te lembra At 2?), por outro lado, novamente, ambos os atos são paralelos, com o batismo sendo, em fim, o momento do arrependimento.

João 3:5:

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. (João 3:5)

Além do fato de este texto "emular" Ezequiel 36, é preciso reconhecer o seu papel central como sendo o Espírito Santo, e não a água somente, e isso porque Jesus, logo em seguida, só se refere aos nascidos do Espírito (e não da água). Notavelmente é uma ação paralela, que reforça o fato de que sem o batismo não se veria o reino de Deus.

Por outro lado, este é o único texto no NT que parece por sobre o batismo uma carga essencial. O que seria estranho, considerando *a alegria de Paulo* em não ter batizado quase ninguém em Corinto (1 Co 1:14) – um contrassenso, já que se é tão importante para salvação tal coisa deveria ser motivo de pesar, no mínimo.

Portanto, a única solução viável para João 3:5 é que Jesus está tornando o Espírito e o batismo um paralelo, a fim de que seja perceptível que no batismo o Espírito se manifestaria (repare o caso de Jesus ter tido o Espírito sobre ele em forma de pomba no *momento do batismo* – o que certamente joga luz sobre o ocorrido [Mt 3:16] e ecoa a pomba no fim do Dilúvio).

(Bônus) Atos 19:2-6:

[...] Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso; e achando ali alguns discípulos, disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados então? E eles disseram: No batismo de João. Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas [outros idiomas], e profetizavam. (Atos 19:1-6)

Esta passagem é a única de "rebatismo" presente no texto bíblico, e é preciso notar o fator óbvio presente e ausente no texto:

1 – O batismo de João não estava errado, o rebatismo ocorreu não por erro de doutrina ou por pecado, antes, como Paulo demonstra, havia uma pendência para os batizados que não sabiam sobre a existência do Espírito Santo – portanto, não

fecharam o ciclo completo que já dissemos: o Espírito atuava no momento do batismo.

2 – Notamos que o batismo de João tinha o teor escatológico da vinda do Senhor Jesus Cristo, e Paulo mesmo reconhece isso. O que reforça que o problema não era doutrinário no que diz respeito a erro, e sim somente de que os homens conheciam a Jesus, mas não ao Espírito Santo e, portanto, não manifestavam os dons miraculosos esperados em Atos (note que com João batizando não há evento miraculoso relacionado à profetismo ou idiomas).

3 – A conclusão clara é simples: Os batizados em João foram salvos da ira vindoura, e seu batismo foi “nele” (em João); porém o Batismo “em Jesus” não só livrava o indivíduo da ira, mas ainda o dotava de dons e coisas ainda não experimentadas durante o anúncio escatológico (note que em Atos se vivia os últimos dias, porém João apenas *anunciava* estes últimos dias). Ora, como os dons cessaram por estarem associados à descida do Espírito, por qual motivo o batismo deveria continuar, já que o Espírito Santo se encontra entre pessoas de todos os povos? Não existe razão alguma para que, aquilo que ocorria em simultâneo com a descida do Espírito sobre alguns grupos de pessoas, continue, uma vez que o Espírito já alcançou todos os povos que se dividiram em Babel (pois Atos é a reversão de Babel [em Atos são os 70 discípulos que pregam revertendo a divisão de Babel em 70 povos {cf. Lc 10:1, 17 – são estes os **setenta**}]).

Obs.: com tudo isso, deve ter ficado claro que a circuncisão e batismo são distintos – a circuncisão aponta uma mudança interna, o batismo apontava uma mudança escatológica. São coisas com ‘substâncias’ totalmente diferentes.

Fim

O fim do batismo se deu junto com o fim de Israel, de forma que, a menos que houvesse outro anúncio escatológico, não faz sentido manter o batismo. É claro que muitos homens aparecerão até dos cantos das ruas para dizerem: “ninguém na história da igreja interpretou assim!”. O que responderemos com a calma e certeza de quem se importa com a Escritura: “e daí?”. Não sabem vocês que quando os Pais da Igreja diziam algo que se tornava doutrina ortodoxa ninguém havia dito antes deles? Pior, você não sabia que a doutrina ou tradição nada mais é do que uma série de opiniões particulares que convenceram um grupo? E com base em que você tem o direito de interpretar a tradição e não o tem de interpretar a Bíblia?

Podíamos ficar nisso o dia todo, mas queremos coisas mais importantes para aqueles que vivem após a Queda de Jerusalém – diferente da primeira Queda que trazia somente tristeza (Ap 19:1-3). Toda a alegria e vida que temos tem sido menosprezada por aqueles que deveriam apontar como as promessas de Deus se cumpriram e como ainda temos recebido mais do que esperávamos. Não é possível que neguemos com tanto afinco, por causa de um medo, o fator óbvio de que não há mais “escatologia”, pois tudo se cumpriu. E isso nos basta, visto que Deus nos basta. É Deus quem nos ilumina diretamente, é ele quem fez o Novo Céu e Nova Terra, e por isso temos certeza de que podemos pedir ao Senhor aquilo que o agrada em nosso coração.

Obs.: eu sei que muitos dirão que se já vivemos no Novo Céu e Nova Terra por qual motivo ainda vemos sofrimentos e maus governantes. Responderemos a isso nos textos de escatologia, mas eu já lhe adianto: pelo mesmo motivo que chegar na Terra que mana leite e mel *não deu* aos judeus leite e mel.

Não permita que estes homens fiquem lhe inserindo ansiedades sobre o futuro, dando falsas esperanças sobre a destruição do mundo. Daqui séculos e milênios o mundo estará com o reino de Deus intacto, pois é este reino que é dito que não terá fim. A esperança está cumprida, a verdade já venceu, e por isso podemos ser os mais alegres de todos, fugindo dos que querem colocar, em nosso coração, raiva e medo – pois é a isso que todas as escatologias pós ano 70 d.C. nos direciona.

Seja livre desse temor, pois tudo já passou.

Conclusão

- O Batismo é predito no AT em forma de água mesmo;
- Sua ação coincide com a do Espírito Santo;
- Sua ação se finaliza com a completude da escatologia;
- Pois o batismo apenas salva os batizados do julgamento de Deus.

DA CEIA DO SENHOR – CAP. 29

Dividiremos este texto em duas partes: a primeira será um breve comentário *negativo* sobre a CFW, de modo direto e rápido. A segunda parte será uma doutrina da Ceia consistente com o ensino bíblico, *não importa as consequências e aparentes incongruências*.

Outro detalhe importante: não trataremos das questões técnicas sobre se o dia da última ceia foi dia 14 ou 15 de "Abib" (do calendário judaico), pois nos focaremos na origem, duração e propósito da Ceia no sentido amplo, e não nos desdobramentos específicos históricos – não que não possuam relevância, mas ao tratar do assunto, precisamos optar por um prisma no qual não se é habitual tratar.

CAP 29:1

Na noite em que foi traído, nosso Senhor Jesus instituiu o sacramento do seu corpo e sangue, chamado Ceia do Senhor, para ser observado em sua Igreja até ao fim do mundo, a fim de lembrar perpetuamente o sacrifício que em sua morte ele fez de si mesmo; selar aos verdadeiros crentes os benefícios provenientes desse sacrifício para o seu nutrimento espiritual e crescimento nele e a sua obrigação de cumprir todos os seus deveres para com ele; e ser um vínculo e penhor da sua comunhão com ele e de uns com os outros, como membros do seu corpo místico(1). Ref.: 1- 1 Co 11:23-26; Mt 26:26, 27; Lc 22:19, 20; 1 Co 10:16, 17, 21; 1 Co 12:13.

Já destacamos que não existe ou existirá fim do mundo. Quanto a isto, porém, retornaremos posteriormente.

CAP 29:2

Neste sacramento não se oferece Cristo a seu Pai, nem de modo algum se faz um sacrifício pela remissão dos pecados dos vivos ou dos mortos, mas se faz uma comemoração daquele único sacrifício que ele fez de si mesmo na cruz, uma só vez, e por meio dele uma oblação de todo o louvor a Deus; assim o chamado sacrifício de Cristo, o qual é a única propiciação por todos os pecados dos eleitos(1). Ref.: 1- Hb 9:22, 25, 26, 28; Mt 26:26, 27; Lc 22:19, 20; Hb 7: 23, 24, 27; Hb 10:11, 12, 14, 18

CAP 29:3

Nesta ordenança o Senhor constituiu seus ministros para declarar ao povo a sua palavra de instituição, orar, abençoar os elementos, pão e vinho, e assim separá-los do comum para um uso sagrado, tomar e partir o pão, tomar o cálice, dele participando também, e dar ambos os elementos aos comungantes e tão somente aos que se acharem presentes na congregação(1). Ref.: 1- Mc 14:22-24; At 20:7; 1 Co 11:20.

É necessária apenas uma observação: só se entende que os líderes (como 'pastores') é que possuem essa incumbência de abençoar o pão e o vinho por causa da ordem de Jesus aos discípulos, ou seja, de eles (que eram apóstolos) partirem o pão e o vinho. Contudo, tal ordem ainda não é clara se virmos de onde no AT ela provém – algo que será notado abaixo.

CAP 29:4

A missa ou recepção do sacramento por um só sacerdote ou por uma só pessoa, bem como a negação do cálice ao povo, a adoração dos elementos, a elevação do cálice ao povo, a elevação ou procissão deles para serem adorados, e a sua conservação para qualquer uso religioso, são coisas contrárias à natureza deste sacramento, e à instituição de Cristo(1). Ref. 1- 1 Tm 1:3, 4; 1 Co 11:25-29; Mt 15:9.

Apesar de versículos citados não fazerem sentido, é evidente que a Ceia instituída por Cristo em nada se parece com o que o Catolicismo Romano pratica. Se bem que também não se parece em nada com a do evangelicalismo e até dos reformados mais estritos.

Por exemplo, sabemos que na Ceia de Cristo apenas um pão e um cálice eram utilizados, e cada elemento foi passado para todos, pois a lógica é que todos bebem do mesmo sangue e comem do mesmo corpo, e não de algo que já está dividido. Além disso, quer a instituição da ceia tenha sido ou não com vinho não fermentado, é evidente que a igreja de Corinto tomava vinho fermentado (pois ali os crentes se embriagaram com o vinho da ceia), mostrando que o importante é que o vinho estivesse presente, com sua fermentação não sendo o foco central. E, por último, também por causa do caso de Corinto, é claro que *todos* ali participavam da Ceia, com a única coisa não sendo clara a respeito das mulheres.

Obs.: muitos debatem que Cristo na verdade tomou um 'suco de uva'. Em sentido estrito, não existia suco de uva como temos hoje, algo que só foi inventado há mais ou menos 2 séculos. Mas seria possível que o vinho fosse novo, sem ter tido o tempo de fermentar. O fato é que quer tenha sido vinho novo (Cristo parece contradizer isso

ao afirmar que tomaria vinho **novo** depois) ou não, o processo de amassar as uvas para que sangrem é que é importante para o conceito do vinho, e não o teor alcoólico em si.

CAP 29:5

Os elementos exteriores deste sacramento, devidamente consagrados aos usos ordenados por Cristo, têm tal relação com Cristo crucificado, que verdadeira, mas sacramentalmente, são às vezes chamados pelos nomes das coisas que representam, a saber, o corpo e o sangue de Cristo(1); porém, em substância e natureza conservam-se verdadeira e somente pão e vinho, como eram antes(2). Ref.: 1- Mt 26:26-28. | 2- 1 Co 11:26-28.

Católicos, Luteranos, Presbiterianos e Batistas viviam debatendo isso na Reforma. Tudo simplesmente porque Cristo disse que o pão é o corpo dele e o vinho é o sangue dele. Ora, se é verdade que o pão e vinho se transformavam no sangue e corpo de Cristo, e isso não espiritualmente, então temos uma repetição de sua morte todas as vezes, o que seria absurdo, visto que Hebreus é claro em dizer que Cristo morreu uma única vez. De todo modo, Presbiterianos e Batistas conseguem se virar bem refutando os Católicos e Luteranos, portanto, não perderemos nosso tempo explicando o que é comum – embora reforçemos que, na Ceia, estes elementos se tornavam de fato o corpo e sangue de Jesus, mas espiritualmente.

CAP 29:6

A doutrina geralmente chamada transubstanciação, que ensina a mudança da substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo, mediante a consagração de um sacerdote ou por qualquer outro meio, é contrária, não só às Escrituras, mas também ao senso comum e à razão; destrói a natureza do sacramento e tem sido a causa de muitas superstições e até de crassa idolatria(1). Ref.: 1- At 3:21; 1 Co 11:24-26; Lc 24:6, 39.

CAP 29:7

Os que comungam dignamente, participando exteriormente dos elementos visíveis deste sacramento, também recebem intimamente, pela fé, a Cristo crucificado e todos os benefícios da sua morte, e nele se alimentam, não carnal ou corporalmente, mas real, verdadeira e espiritualmente, não estando o corpo e o sangue de Cristo, corporal ou carnalmente nos elementos pão e vinho, nem com eles ou sob eles, mas espiritual e realmente presentes à fé dos crentes nessa ordenança, como estão os próprios elementos aos seus sentidos corporais(1). Ref.: 1- 1 Co 11:28; 10:16; Jo 6:53-58.

Apesar de João 6 dificilmente poder ser utilizado para se referir à Ceia e do fato de que ela ter sido o que foi não depender da fé do indivíduo, é evidente que essa seção capta bem o sentido de que a ceia era algo espiritual, e não carnal.

Também é importante notar: "dignamente" não significava meramente livre de qualquer pecado, e ser "indigno" não significa simplesmente não participar da ceia. Aliás, dignamente era a posição dos que estavam em comunhão com o restante da igreja, já que é isso que a ceia aponta no seu símbolo físico: a aliança no sangue e corpo de Cristo, que é a união dos crentes. Além do mais, os

pecadores não participavam da ceia porque **não entravam** no recinto em que o povo congregava (isso é claro em 1 Co 5).

Obs.: em outro texto explicamos isso um pouco melhor. Esta é mais uma razão do porquê não pode haver muitos pecados reais, isto é, a bíblia fala de poucos pecados e, portanto, há pouca coisa que poderia excluir alguém da comunhão com o povo de Deus. No texto seguinte a este devemos tratar um pouco mais sobre essa questão da exclusão e tudo mais.

CAP 29:8

Ainda que os ignorantes e os ímpios recebam os elementos visíveis desde sacramento, não recebem a coisa por eles significada, mas, pela sua indigna participação tornam-se réus do corpo e do sangue do Senhor, para sua própria condenação. Portanto, eles como são indignos da sua mesa, e não podem, sem grande pecado contra Cristo, participar destes santos mistérios nem a eles ser admitidos, enquanto permanecerem nesse estado(1). Ref.: 1- I Co 11. 27-29; I Co 10. 21; II Co 6. 14-16; I Co 5. 6,7; II Ts 3. 6,14,15; Mt 7.6.

A morte alcançava os crentes que pecavam contra os outros e os ímpios que participavam da ceia justamente por receberem o que a ceia significava. E isso é claro, principalmente em 1 Co 11, no qual Paulo aponta os **crentes** que haviam morrido por participarem indignamente da ceia. Como poderiam eles serem réus do sangue e corpo de Cristo se recebessem somente o símbolo? A diferença é que o que é significado se torna em algo ruim para aquele que é ímpio ou participa indignamente. Além disso, ter quebrado a comunhão no momento da Ceia não faz com que você pare de participar dela. Antes, apenas é repreendido para que ocorra uma correção, e não disciplina (Paulo ordena exclusão dos que tomavam a ceia indignamente? Não!). Além disso, o próprio cap. 11 de 1 Coríntios é a prova de que a ceia precisava ser com vinho, pois mesmo com todos ali se embriagando, Paulo não pede para que cessem a ceia ou troquem o elemento, antes, ordena apenas que esperem uns pelos outros e dividam melhor a ceia entre si – comendo e bebendo em casa caso queiram se embriagar.

Ademais, Paulo nunca ordenou que alguém fosse suspenso somente da ceia, antes, quando alguém era "excluído" era, de fato, excluído de qualquer relacionamento com a igreja em comunhão, sendo vedada a sua entrada. No final, a igreja aumentou o rigor com a ceia e diminuiu o rigor da comunhão, o que é contrário ao texto bíblico. A isso voltaremos no nosso próximo texto.

De qualquer modo, abaixo faremos uma explicação mais ampla e completa sobre a Ceia, e poderá ser notado seu sentido tanto na Lei quanto nos profetas e, enfim, no NT.

A CEIA NA LEI

Gênesis

Em primeiro lugar, é necessário notarmos que a Ceia não se encontra presente nos primeiros capítulos de Gênesis, mas aparece pela primeira vez em Gênesis 14, com aquele que, é ele mesmo, um tipo de Cristo – Melquisedeque (Hb 7:1-7):

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra; (Gênesis 14:18,19)

Melquisedeque, o rei de paz, trouxe o pão e vinho, pois estes elementos sinalizam o vínculo do próprio povo de Deus no sangue e corpo de Cristo. Claramente, com Melquisedeque sendo a sombra de Cristo (Hb 7), ter levado a Abraão *especificamente* pão e vinho só pode significar a instituição da ceia, já que nada na Lei está por acaso, nem se quer uma letra ou variação dela (Mt 5:17). Portanto, dizer que isso é especulação é apenas o grito do incrédulo ante ao que está claro no texto.

Ademais, como não há relato de data, mês ou época, sabemos que no mínimo este vinho era fermentado, provando o motivo do porquê tanto faz se o vinho fosse ou não fermentado. De qualquer modo, Cristo instituiu uma ceia para a igreja nascente que não foi tirada de uma refeição noturna, mas de uma figura que profetizava seu ato.

Obs.: é notável o alerta de Deus para não se comer carne e sangue (Gn 9:4), ao mesmo tempo em que a ceia é, justamente, comer a carne com o sangue de Cristo. Isso é por contraste a sombra do evangelho, pois aquilo que se tornava em morte agora é vida, visto que a lei não tinha capacidade de nos aperfeiçoar. Além do mais, não precisamos da filosofia aqui para tentar explicar os 'acidentes' e 'substância', pois a bíblia nunca trabalhou nestes termos a ceia. Ela era duas coisas, ao mesmo tempo, literal e espiritual – e jamais precisou-se que isso fosse explicado no texto para nossa mentalidade filosófica.

Êxodo

Então tomou Moisés aquele sangue, e espargiu-o sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor tem feito convosco sobre todas estas palavras. (Êxodo 24:8)

Semelhantemente, tomou o cálice, depois da ceia, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós. (Lucas 22:20)

Cristo tinha consciência de que estava cumprindo uma série de profecias, e esta não é diferente. Ora, Moisés por sombra derramou o sangue da aliança do antigo testamento, Cristo, agora, instituiu o sangue da aliança do novo testamento. Tais eventos não se cruzam por acidente, pois Moisés, ao fazer isso, estava mostrando que um sacerdote faria o mesmo, e que este sacerdote era Cristo. Porém, enquanto Moisés derramava o sangue de animais, Cristo derramou o próprio, mostrando assim a imperfeição da lei no que diz respeito às figuras.

Obs.: há vários textos que figuram o pão, o vinho e o Espírito Santo. Infelizmente não temos espaço para tratá-los, e optamos por falar somente dos mais claros, para encurtar o que estamos escrevendo. Deixamos com o leitor o papel de pensar, com a ajuda de Deus, os versículos que apontam para a ceia ou para o sangue e corpo de Cristo (que nem sempre é simultâneo à ceia).

Levítico

E falou o Senhor a Arão, dizendo: Não bebereis vinho nem bebida forte, nem tu nem teus filhos contigo, quando entrardes na tenda da congregação, para que não morrais; estatuto perpétuo será isso entre as vossas gerações; (Levítico 10:8, 9)

E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai. (Mateus 26:29)

Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora [ou seja, quando o autor escrevia a carta] comparecer por nós perante a face de Deus; (Hebreus 9:24)

Essa parte é, talvez, a mais complicada aparentemente, pois mistura espiritualidade com realidade de forma incomum. Mas vamos por partes:

1 – Por qual razão Cristo precisava dizer que só poderia tomar o fruto da vide após a vinda do reino do Pai? As pessoas se focam no fato de Jesus mencionar o fruto da vide e não no fato de ele ter dito isso! Ora, o que Jesus estava cumprindo? Evidentemente, ele estava dizendo que ia entrar em um santuário (estaria no meio da igreja – Hb 2:12) enquanto o Reino de Deus Pai não se iniciasse.

2 – Quanto tempo Cristo ficou no santuário? Ora, os 40 anos que decorreram entre sua ressurreição e sua vinda, no ano 70 d.C., de modo que ele 'tomou do fruto da vide' logo em seguida (esse fruto já não pode ser mais do mesmo que o literal, veremos ao tratarmos disso nos profetas). Por esta razão, Cristo dizer o que disse era relevante, pois sinalizava seu papel sacerdotal, ensinando aos discípulos que, assim como Arão entrava no santuário e não podia consumir bebida forte durante este período, ele estaria entrando também.

Se Cristo não dissesse isso e que foi relatado pelo evangelista, jamais teríamos ciência de que ele estaria no santuário por um tempo, antes, na verdade, nunca saberíamos que ele esteve em um santuário.

Obs.: como dissemos, é mais evidente que Cristo contraste o vinho bebido na ceia com o que 'beberia' depois, dizendo que o da ceia é velho (e portanto, fermentado), enquanto o que beberia depois seria novo (e ainda não fermentado). Além disso, em defesa do que já dissemos, Cristo "poderia", se não tivesse que cumprir profecias, beber vinho com os apóstolos após sua ressurreição, o que não faz, para cumprir o que havia sido dito dele na Lei, tendo que cumprir não só o sacerdócio de Melquisedeque, mas também de Arão, entrando no santuário.

Aqui precisamos esclarecer que o texto de Lv é claro em dizer que o sacerdote não pode tomar vinho durante o período de exercício do sacerdócio, somente antes ou depois. Cristo, igualmente, sinaliza para nós a mesma coisa a respeito de si, dizendo que enquanto estivesse no meio da congregação não poderia tomar do fruto.

Números

Números apenas reforça, pelo voto do Nazireu, a mesma coisa dita em Levítico, mas sem o santuário, apontando o fato de ser um voto, no qual Cristo traria a comunhão pelo Espírito enquanto sua "barba crescia" (Nm 6:20; Sl 133:1, 2).

Deuterônimo

E quarenta anos vos fiz andar pelo deserto; não se envelheceram sobre vós as vossas vestes, e nem se envelheceu o vosso sapato no vosso pé. Pão não comestes, e vinho e bebida forte não bebestes; para que soubésseis que eu sou o Senhor vosso Deus. (Deuteronômio 29:5, 6)

A antiga Israel nunca participou da Ceia, embora tivesse comido do maná (que representa a Cristo, e não a ceia), pois quem tomaria a ceia seriam os da fé, como Abraão, e não os da lei. O objetivo disso é que soubessem que Deus é o Senhor, pois os havia sustentado sem a ceia de Abraão.

A nova Israel, contudo, andou quarenta anos pelo deserto dos judeus com pão e vinho, em contraste com a antiga, que andou sem isso. Deus queria, pois, por contraste (assim como faz com o Adão que morre em contraste com Cristo que não morre), ensinar a maravilha que a igreja viveria durante 40 anos sob o reinado de Cristo.

Mas não só isso, pois anunciava para Israel que Cristo havia morrido, provando que Deus estava sustentando a igreja com aquilo que não sustentou a antiga Israel. Em outras palavras, era o meio de Deus anunciar que seu Messias já havia morrido e que a igreja estava sob a proteção de Deus.

Fim da Lei

Até aqui vimos a ceia na Lei, e podemos presumir algumas coisas, de fato: a) Deus figura na lei a ceia e, portanto, ela não é a mera refeição judaica antes da páscoa. b) a própria páscoa não possui os elementos da ceia de modo real, ou, na realidade, figuram outra coisa distinta dela. c) a ceia também sinaliza a ida de Cristo para o santuário, apontando sua morte (até que saísse do santuário). d) seu retorno já ocorreu, e a ceia já sustentou a igreja por 40 anos, como previsto na lei.

A CEIA EM OUTROS LUGARES DO AT

A situação é diferente nos outros livros, pois com muita frequência eles não estão tratando propriamente da ceia, e sim de Cristo, como o pão da vida (e não como o pão da ceia). Portanto, é preciso cuidado. De qualquer modo, manteremos o foco nos textos mais simples e deixaremos ao leitor o papel de meditar as coisas seguintes.

Obs.: para que se entenda claramente a distinção – quando a Lei fala do maná ela está prevendo ao próprio Cristo como alimento espiritual, *sem relação alguma com a ceia* (este é o mesmo caso de João 6, no qual Jesus fala da sua carne e sangue). Porém, como já vimos acima, há passagens que preveem especificamente a ceia e não a Cristo propriamente como alimento espiritual. Este é o caso da Páscoa, que não prevê a Ceia, mas Cristo – veremos mais adiante.

Isaías

Naquele dia, dirá o Senhor: Cantai a vinha deliciosa! (Isaías 27:2)

Conforme o versículo 1, no dia da destruição da serpente, do diabo, que governava as nações, se cantaria a uma vinha (isto é, que produz vinho). Isso se cruza com o fim do Milênio (que explicamos no fim deste livro), mas aqui temos não só o fim do

milênio, e sim Deus cuidando da sua vinha, que, na verdade, é o seu povo (Is 5:7; Mt 20:1-16).

A pergunta que surge é: por qual razão o povo é uma vinha? Qual similaridade há? A resposta é simples: o povo produz um fruto, que é um sacrifício, Deus, por sua vez, 'se alimenta' deste sacrifício (Lv 21:6, 8, 17; 3:9-11). Deus se 'alimenta', mas não da comida que comemos, e sim da que produzimos, isto é, o louvor e boas obras. Assim, Jesus tomar do vinho no reino do seu Pai é tomar do fruto que seu povo produz (Sl 1; Gl 5:22).

Obs.: muitos teólogos dizem que isso é apenas 'antropomorfismo', para que compreendamos a mensagem do texto. Mas a verdade é que não é mero 'antropomorfismo', isto é, não é só para que compreendamos algo, já que isso produz mais confusão do que compreensão! A verdade é que há um significado, no qual Deus se alimentar significa que ele considera essencial que os crentes frutifiquem em boas obras, algo do qual Deus 'vive' – pois em seis dias fez suas obras para nós, para que no sétimo fizéssemos a nossa para ele.

Contudo, ainda pode não parecer claro para o leitor: essa passagem se cruza não com a ceia que a igreja tomava na terra, e sim com a que Cristo tomaria, cujo fruto é doce (este é o sentido de "deliciosa", falando de um vinho recém produzido pela vinha). Ou seja, se cruza perfeitamente com a previsão de Cristo mesmo de que tomaria um vinho novo no Reino do Pai, e prova, portanto, que o vinho que tomaria era espiritual e não físico. Porém, veja mais:

Jurou o Senhor pela sua mão direita, e pelo braço da sua força: nunca mais darei o teu trigo por comida aos teus inimigos, nem os estrangeiros beberão o teu mosto, em que trabalhaste. Mas os que o ajuntarem o comerão, e louvarão ao Senhor; e os que o colherem beberão nos átrios do meu santuário. (Isaías 62:8, 9)

Deus sinalizava, por meio do trigo (pão) e mosto (vinho) o fato de que estava reunindo o seu povo. Este texto é uma grande profecia, pois prevê que o povo se reuniria e, reunindo-se, compartilharia do que tivessem – exatamente como era a Ceia, pois cada um trazia o que podia, dividindo o seu pão e o seu vinho. Profeticamente estavam bebendo "no santuário de Deus", pois a igreja é o santuário de Deus (1 Co 3:10ss).

Mas as coisas não acabam aí, pois o fato é que o pão e o vinho, ambos, são feitos por meio de sofrimento tanto do trigo quanto das uvas. Ambos são amassados. Ambos sofrem, e das uvas escorre sangue. O propósito (e razão para a ceia nunca ser com água e outro elemento) é que essas coisas representem especificamente o que Deus queria que elas representassem. Deus, desde Gênesis, tencionava que naquele momento em que Cristo reinava sua morte fosse anunciada porque Deus o moeu até ser esmagado (Is 53).

Infelizmente, e para economizar espaço, manteremos o tratamento somente no profeta Isaías, e pedimos ao leitor que leia sua própria bíblia observando aquilo que foi aqui pontuado.

A CEIA NO NT

Já vimos, previamente, que a ceia no NT não surge ali, mas é prevista ainda no AT. Agora, porém, o que falta é vermos alguns pontos, como: até quando seria a prática

da ceia? A presença de Cristo era espiritual ou física/carnal nos elementos? Etc. É evidente que, a depender da resposta para o “tempo” de prática da ceia, outras coisas não terão relevância nenhuma.

Evangelhos

E, quando comiam [a páscoa?], Jesus tomou o pão, e abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E, tomando o cálice, e dando graças, deu-lho, dizendo: Bebei dele todos; Porque isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados. E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da vide, até aquele dia em que o beba novo convosco no reino de meu Pai. (Mateus 26:26-29; cf. Mc 14:17-25 e Lc 22:14-20)

Em Lucas 22 fica um pouco mais evidente que eles comiam “a páscoa” (não necessariamente o cordeiro pascal, mas o que comiam naquele momento se chamava “páscoa”), e sabemos, portanto, que esta refeição, de algum modo, fez parte do conjunto maior, mas que não podia ser uma tradição inventada pelos mestres da lei, já que Cristo veio cumprir a lei, e não um *seder* pascal judaico. De qualquer modo, enquanto comiam e bebiam, Jesus estabeleceu a ceia e ainda afirmou que não mais participaria dela até a vinda do reino do Pai. O fato, porém, de Cristo estabelecer a Ceia na época da Páscoa não significa que a Ceia entrou no lugar da Páscoa, pois na realidade é Cristo que foi morto na Páscoa, sendo *ele o cordeiro pascal*, e não a Ceia.

Outro detalhe é que, no que diz respeito a remissão de pecados, o sangue de Cristo foi derramado por muitos (não todos), como se dava no sacrifício no AT, no qual o animal não era morto por todo o mundo, mas somente pelo povo de Deus. Assim, Cristo morreu apenas por seu povo, pelos pecados dele, enquanto purificou todo o mundo (algo que explicamos brevemente no texto Escatologia).

De qualquer modo, não há muito que possamos dizer deste texto que não já tenha sido dito enquanto explicamos as passagens do AT, portanto, podemos rumar adiante, para 1 Coríntios – a única carta com instruções sobre a Ceia de fato.

Obs.: não tratamos do livro de Atos por um motivo óbvio – a descrição histórica do livro de Atos não favorece nada neste assunto no sentido em que estamos tratando, embora sirva em outros propósitos mais específicos.

1 Coríntios

Alimpai-vos, pois, do fermento velho, para que sejais uma nova massa, assim como estais sem fermento. Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós. Por isso façamos a festa, não com o fermento velho, nem com o fermento da maldade e da malícia, mas com os ázimos da sinceridade e da verdade. (1 Coríntios 5:7, 8)

Já dissemos que as coisas literais significam algo espiritual. A páscoa, que era para ser praticada sem fermento, sinalizava não o alimento que perece, mas a prática cristã de se reunir em Cristo, sem fermento, que é a hipocrisia e falsidade (Mt 16:5-12), mas com pães ázimos, que é sinceridade e verdade. Oras, Paulo está explicando o sentido espiritual da páscoa, que ocorria uma vez por ano (ou duas, entre aspas), mas que agora, na vida dos crentes, é algo que deve existir todo o tempo, todos os dias, entre eles. E aqui se segue a pergunta: o que seria da páscoa,

que era a conclusão dos pães e falta de fermento? Ora, a páscoa não sinalizava outro sinal, e sim uma realidade: Cristo. Todas as vezes que os crentes se reúnem têm por meta a Cristo, e não a ceia (embora a ceia tenha sido mais frequente na igreja primitiva).

O ponto é que Paulo não diz: "a ceia é a nossa páscoa", mas sim, "Cristo é a nossa Páscoa", pois se a ceia fosse nossa páscoa, estaríamos anulando o sentido espiritual da páscoa no AT. Jamais a páscoa sinalizou a Ceia, pois outra coisa a apontava, enquanto que Cristo é a verdadeira páscoa, da qual continuamos a participar.

1 Coríntios 11

Nisto, porém, que vou dizer-vos não vos louvo; porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque antes de tudo ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio. E até importa que haja entre vós heresias, para que os que são sinceros se manifestem entre vós. De sorte que, quando vos ajuntais num lugar, não é para comer a ceia do Senhor. (1 Coríntios 11:17-20)

A ênfase de Paulo não pode passar despercebida: primeiro, como já dissemos em outro texto, nem sempre a igreja se reunia para ouvir a pregação, antes, ela se reunia para orar, cantar e partir a ceia, sendo que, com a presença de líderes era mais comum a pregação. Segundo, todas às vezes que a igreja se reunia ela ceava, portanto, era um elemento natural da vida comunitária comer junto (tanto quanto orar e cantar junto). E isso se sabe porque *todas as vezes que os coríntios se reuniam comiam a ceia.*

Obs.: em outro texto provamos que, em geral, a igreja se reunia todos os dias, mas não significa que cada crente estava presente todos os dias. Faz sentido, inclusive, que a igreja se reunisse várias vezes sem a liderança, e a ceia era repartida entre os crentes independente dos líderes. Veja nosso texto sobre Presbíteros e Diáconos e sobre o Domingo.

Porque, comendo, cada um toma antecipadamente a sua própria ceia; e assim um tem fome e outro embriaga-se. Não tendes porventura casas para comer e para beber? Ou desprezais a igreja de Deus, e envergonhais os que nada têm? Que vos direi? Louvar-vos-ei? Nisto não vos louvo. (1 Coríntios 11:21, 22)

Ora, se a ceia é somente um elemento pequeno, em parte dado a cada um, como é possível que não partir a ceia faz o outro ficar com fome? Ou melhor, como, se fosse só um pouco de vinho, alguém iria se embriagar? A Ceia matava fome porque era muito pão, ainda que este pão fosse inicialmente partido e dividido entre todos. O que temos hoje é uma imitação da imitação da ceia. Cristo, pois, instituiu uma refeição e não uma ordenança ou sacramento cujo símbolo é um pedaço de pão e uma pequena bicada de vinho. A refeição *inteira* é o que Cristo havia instituído e, até onde conheçamos, nenhuma igreja pratica isto (o que não fará diferença no final, e você entenderá o motivo).

Isso ainda prova que a ceia também era descentralizada: se um homem distribuía os elementos, como os homens pegavam a quantidade que queriam dos elementos

para comerem o quanto quisessem? Ora, o que sabemos é que, na realidade, os líderes eram os primeiros a tomarem a ceia, mas deles se distribuía para todo mundo, sem limite e sem que os próprios líderes dessem a cada um: ou seja, assim como Cristo partiu o pão e deu aos mais próximos de si para passarem adiante, os crentes faziam de mesmo modo: os presbíteros tomando o primeiro pedaço e gole, distribuía tudo a partir dos que estavam à direita e à esquerda, sem centralizar a distribuição em si ou nos outros presbíteros, de modo que depois cada um poderia, por si, pegar o que queria, o que tornou possível a embriaguez.

Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o novo testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha. (1 Coríntios 11:23-26)

A pergunta que deve surgir é: para quem serve aquele "porque" que destacamos? O que ele tenta explicar? A natureza da ceia? Ora, a coisa é mais simples e menos filosófica do que parece. Paulo literalmente diz que o "todas as vezes" é o que leva a anunciar a morte do Senhor, considerando que todas as vezes se faz em memória dele. Isso não tem a ver com a natureza da ceia, mas com algo que ela faz: traz à memória a morte do Senhor. O "porque" diz que "em memória de mim" equivale a anunciar a morte do Senhor, ou seja, não está se falando da natureza da ceia, e sim do que ela *fazia*.

E é importante ser assim porque o sacrifício de Cristo precisava ser lembrado *todas as reuniões*, visto que ainda não tinha voltado. Isso é semelhante ao caso de Hebreus 10:3, que diz que o pecado era lembrado todas as vezes que o sacrifício era feito. Oras, não temos mais sacrifícios, e nem por isso é necessário os termos para que os pecados sejam "lembrados". Aliás, esta é a estrutura da morte e do sangue/pão de Cristo: sua morte é necessária ser lembrada pelos elementos enquanto ele não volta, pois, após sua volta, sua morte terá cumprido tudo o que precisava se cumprir. Igualmente um sacrifício veterotestamentário não precisa mais ser praticado porque já cumpriu seu papel.

Obs.: ou seja, a ceia não antecipa de nenhum modo a volta de Cristo, pois ela não tinha relação com isso, conforme o apóstolo mesmo sinaliza. A ceia apenas anuncia a morte, pois carrega Cristo na memória, e não tem relação com o corpo ressurreto e do retorno de Cristo, logo, não pode esta mesma ceia ser algo que se refira ao futuro.

Muitos preteristas (todos que conhecemos, na verdade) dirão que se anuncia a morte do Senhor até a sua vinda, ou seja, não que a ceia acaba quando Cristo retorna, mas que o anúncio que a ceia faz é a morte e vinda de Cristo. Mas tal coisa é absurda. O que se come? Pão, que é triturado para assim ser o pão. E o que se bebe? Vinho, que é pisado e amassado para ser vinho. Quando o corpo de Cristo foi torturado e quando verteu sangue? Ora, claramente na sua morte. Portanto, o pão e o vinho não podem anunciar aquilo que não é mais feito de carne e sangue,

somente o que *era* feito de carne e sangue (1 Co 15:50), ou seja, somente sua morte, não sua vinda.

A conclusão óbvia é que a ceia encontrou o seu fim com a vinda de Cristo no ano 70 d.C., não tendo mais necessidade de que seja praticada e nem lembrada no modo como era. Talvez você fique bravo, mas como sua igreja certamente não pratica a ceia como era praticada e como foi instituída não passará de uma revolta hipócrita. A própria ceia, na realidade, não é praticada na forma original quase desde os anos 100 d.C.

Obs.: se você vier com o argumento estúpido do tipo: “Mas são dois mil anos de história do cristianismo” só vou lhe perguntar duas coisas: a ceia sempre foi a mesma e do mesmo jeito nestes dois mil anos? Esqueceu-se que 1 Coríntios 11 existe justamente porque a ceia estava sendo praticada errada? Ou seja, se Paulo não corrigisse, tal erro de Corinto se perpetuaria na igreja! O fato de ser antigo não prova nada a favor da sua doutrina, pois pode apenas ser um antigo erro e nada mais. Defender a ceia sob o argumento histórico nada mais é do que hipocrisia.

Resumindo: a ceia era feita inicialmente com um mesmo pão e mesma taça, dividida entre os crentes, sendo este pão e taça parte de uma refeição maior, do qual não poderia ser subtraída, e que ocorria *todas as vezes que a igreja se reunia*. Além disso, essa mesma ceia anunciava somente a morte de Cristo, pois é um anúncio do sofrimento de sua carne e sangue, e não do seu retorno. Com seu retorno, a ceia não tem motivo mais para existir, tal como os sacrifícios do AT, que nos lembravam dos pecados, enquanto a ceia nos lembrava da morte de Cristo.

A piedade é reconhecer o que Deus nos ordenou ou proibiu, portanto, achar que somos mais piedosos por sermos mais rígidos e praticarmos mais a ceia não tem valor real algum. Dito isso, não queremos, com este texto, dizer que quem tem praticado a ceia está condenado. Não somos tolos. O fato é que a ceia, independente do que seja praticado atualmente, já não é mais a ceia instituída por Cristo, o que torna seus defensores ignorantes ou hipócritas (a depender do tipo de defesa que se faça e do conhecimento do indivíduo). Não somos reformadores, apenas desejamos que a igreja largue aquilo que Deus nunca ordenou.

Conclusão

- A Ceia era prevista no AT;
- A Ceia de fato só foi praticada na igreja primitiva;
- A Ceia tinha o objetivo de se centrar nesta igreja;
- Tendo, assim, cessado sua necessidade após o retorno de Cristo.

DAS CENSURAS ECLESIASTICAS – CAP. 30

CAP 30:1

O Senhor Jesus, como Rei e Cabeça da sua Igreja, nela instituiu um governo nas mãos dos oficiais dela; governo distinto da magistratura civil(1). Ref. 1- Is 9:6, 7; 1 Tm 5:17; 1 Ts 5:12; At 20:17, 28; 1 Co 12:28; Jo 18:36.

Este primeiro ponto é perfeito. Cristo é o rei da Igreja e, portanto, tem seu governo presbiteral instituído nela. Este governo instituído é totalmente distinto do governo civil, que não tem nenhuma conexão com o reino 'eclesiástico'. Há tanto texto produzido sobre isso que cremos mesmo ser desnecessário argumentar em cima. O único equívoco persistente é o fato de que quando Cristo ordenou aos apóstolos que as nações fossem evangelizadas, ele não tinha dito "os governos", mas os 'povos', ou seja, Deus nunca teve a intenção direta de colocar-nos sob um governo civil teonomista (nem neocalvinista). Algo que já tratamos em outros textos.

Infelizmente os homens confundem as coisas, e pressupõem que Deus intenciona ter outro reino (o civil) ou ter uma extensão do reino eclesiástico. Tolos. A Escritura chama a igreja de nação (no singular), mesmo formada de várias nações plurais. Isso deveria bastar para compreendermos que o reino de Deus é a igreja e ponto final. As influências que por acaso chegam à política são distintas do conceito direto de Reino.

Obs.: como já provamos em outro texto, sobre os magistrados: tanto faz se o governo é teonomista ou não, se é progressista ou conservador, a ordem de Deus para nós é obediência, e não revolta contra qualquer governo em particular (ainda que tenhamos total direito de preferir modelos de governo). O ponto é que, de um lado, uns dizem que Deus instituiu a democracia, do outro, a teonomia, e do outro ainda o governo 'covenanter'. Nada disso é verdade. O governo de Deus é presbiteral, e do AT para o NT ele se traduz no governo da igreja, não do Estado.

De qualquer modo esta seção é excelente.

CAP 30:2

A esses oficiais estão entregues as chaves do Reino do Céu. Em virtude disso eles têm respectivamente o poder de reter ou remitir pecados; fechar esse reino a impenitentes, tanto pela palavra como pelas censuras; abri-lo aos pecadores penitentes pelo ministério do Evangelho e pela absolvição das censuras, quando as circunstâncias o exigirem(1). Ref.: 1- Mt 16:19; Mt 18:17, 18; Jo 20:21-23; 2 Co 2:6-8.

Notavelmente aqui é onde os 'desigrejados' erram. Eles acreditam que por Jesus ser o pastor da igreja não é possível que haja lideranças com poder real em mãos. Mas lhe digo algo: Deus era o pastor da Antiga Israel (Sl 23), e mesmo assim ele instituiu reis (pastores) que faziam juízo em toda causa grande, além de ter determinado anciãos e juizes para todas as causas menores. Que é isso? É porque o que Deus faz no julgamento sempre o faz por meio de autoridades (algo muito claro mesmo no AT, quando julgava a Israel). É o mesmo princípio de quando se diz que Deus é Juiz, pois, visto ser juiz, se vale de indivíduos para aplicar suas penas, como Paulo mesmo argumenta em Romanos 13, ao dizer que toda autoridade civil é instituída por Deus para ser vingadora, exercendo o que Deus tenciona.

Oras, e quando uma autoridade eclesiástica falha? Simples, a ovelha de Cristo sofre, pois é isso que significa julgar erroneamente – mesmo que ela recorra diretamente a Deus por meio de Cristo, ela sofrerá as consequências da falta de comunhão com os irmãos – que, veremos mais adiante, tem que ser real. E isso é semelhante à quando os juizes julgavam injustamente ou erroneamente no AT: a

consequência era a morte do inocente, embora Deus tomasse a causa pessoalmente para si.

CAP 30:3

As censuras eclesiásticas são necessárias para chamar e ganhar para Cristo os irmãos ofensores, para impedir que os outros pratiquem ofensas semelhantes, para purgar o velho fermento que poderia corromper a massa inteira, para vindicar a honra de Cristo e a santa profissão do Evangelho e para evitar a ira de Deus, a qual com justiça poderia cair sobre a Igreja, se ela permitisse que o pacto divino e os selos dele fossem profanados por ofensores notórios e obstinados(1). Ref.: 1- 1 Tm 5:20; 1:20; Jd 22, 23; 1 Co 11:27-34; 1 Co 5.

A coisa é simples, na igreja primitiva, quem pecava, era expulso do meio dos crentes, e isso é evidente por 1 Coríntios 5:11. Eles não eram aceitos na comunhão, e "comunhão" não quer dizer "ceia" e sim o próprio meio em que a igreja se encontrava. Paulo ordena que toda a igreja não se associe com os que se dizem crentes e praticam pecado, e isso é provado porque Paulo queria que o incestuoso fosse retirado do meio da igreja (não do rol de membros meramente – v. 2). No v. 9 e 10 ele repete o conceito de incesto (não, ali ele não está tratando de prostituição, mas incesto), e prova, por todos os meios, que a Lei dos mandamentos continua a todo vapor no NT.

A grande diferença entre o AT e o NT aqui é o aspecto literal x espiritual: no AT, a pena de morte era física, no NT, a pena de morte é espiritual – com a vantagem de que o irmão pode ser recuperado ainda, como 1 João diz, mesmo após já ter morrido espiritualmente (ainda que haja pecado pelo qual não se deva orar, pois a morte é certa). Não ficaremos entrando em detalhes, pois já expomos em outros textos várias coisas relacionadas a estes pontos.

CAP 30:4

Para a melhor obtenção destes fins, os oficiais da Igreja devem proceder dentro da seguinte ordem, segundo a natureza da falta e demérito da pessoa: repreensão, suspensão do sacramento da Ceia do Senhor por algum tempo e exclusão da Igreja(1). Ref. : 1- Mt 18:17; 1 Ts 5:12; 2 Ts 3:6, 14, 15; 1 Co 5:3, 4, 13.

Uma pergunta simples: existe qualquer texto citado pela CFW que diga que se deve ser suspenso da ceia? Não, todos os textos presumem exclusão do meio, afastamento, expulsão. Nada, absolutamente nada nos versículos pressupõe uma mera exclusão da ceia. Mas vamos por partes. É verdade que existe uma ordem estabelecida em Mateus 18, mas ali a expectativa é a respeito dos pecados praticados contra o indivíduo que repreende (algo como uma briga, um insulto sem motivo e coisas semelhantes). Dos pecados em geral, em nenhum lugar na bíblia existe expectativa de que o indivíduo seja meramente repreendido.

No fundo, a CFW não só abaixa o padrão pelo qual a bíblia condena os pecados, mas também aumenta a quantidade de pecados (algo que já tratamos, também, em outros lugares). O problema a que nos referimos, entretanto, é que todos os textos bíblicos a respeito da disciplina eclesiástica não esperam mera repreensão para o pecado. A repreensão é para insultos pessoais, erros doutrinários e, até, para problemas de conduta que não são necessariamente pecado (como 2 Ts 3 diz

a respeito de quem não trabalha, a quem não devemos nos associar caso fique se sustentando por meio dos outros 'de graça' – devemos evitá-lo, mas não o excluir, apenas para envergonhá-lo, e não o entregar a 'satanás', como ocorreu em 1 Co 5 com o jovem incestuoso).

O fato é que a CFW tem uma doutrina da igreja que é mais complexa que das Escrituras e, para contornar, precisa criar vários níveis de pecado e repreensão, junto com níveis de afastamento. Graças a Deus a escritura nos instrui a formas mais simples nesse processo, mantendo o Reino de Deus no seu modo 'mais básico' entre nós.

Conclusão

- Existe disciplina Eclesiástica;
- Ela é mais rígida do que supomos;
- Mas ela é aplicada a menos coisas do que fazem por aí.

DOS SÍNODOS E DOS CONCÍLIOS – CAP. 31

CAP 31:1

Para melhor governo e maior edificação da Igreja, deverá haver as assembleias comumente chamadas sínodos ou concílios. Em virtude do seu cargo e do poder que Cristo lhes deu para edificação e não para destruição, pertence aos pastores e outros presbíteros das igrejas particulares, criar assembleias e reunir-se nelas quantas vezes julgarem útil para o bem da Igreja. Ref.: 1- At 15:2, 4, 6; 20:17, 28; Ap 2:1-6.

Não existe razão para discordarmos disso, pois é evidente que a Igreja primitiva se reunia e decidia suas questões desse modo. Aliás, essa é a única maneira sensata de se resolver coisas que ganham proporção grande demais para poderem ser resolvidas somente na igreja local. E isso não se trata somente de questões práticas, mas também doutrinárias. Infelizmente, porém, algumas denominações acreditam que há um dever de reunião conciliar regular, o que apenas gera desgaste e debates desnecessários, além de divagações em coisas irrealis. O ponto é que, como isso é algo de nível administrativo, não há razão para limitar a quantidade ou estabelecer um critério claro de quantas vezes uma igreja deve se reunir em um sínodo, ficando a cargo da denominação definir o nível de necessidade de cada caso.

CAP 31:2

Aos sínodos e concílios compete decidir ministerialmente controvérsias quanto à fé e casos de consciência, determinar regras e disposições para a melhor direção do culto público de Deus e governo da sua Igreja, receber queixas em caso de má administração e autoritativamente decidi-las. Os seus decretos e decisões, sendo consoantes com a Palavra de Deus, devem ser recebidos com reverência e submissão, não só pelo seu acordo com a Palavra, mas também pela autoridade

com que são feitos, visto que essa autoridade é uma ordenação de Deus, designada para isso em sua palavra(1). Ref.: 1- At 16:4; 15:19, 24, 27-31; Mt 18:17,20

Ora, se presbíteros são autoridades instituídas por Deus, quando eles se reúnem, estão apenas discutindo com outros para que possam chegar a uma solução cabível considerando os vários conselhos. Dito isso, não há uma autoridade particular distinta no concílio, antes, ela flui diretamente do fato de serem autoridades constituídas que se reúnem para resolver uma causa ou demanda. Cabe, porém, notar, que os casos bíblicos que vemos de concílios não passam a decidir todo tipo de questão, mas apenas aquelas que perturbam os cristãos por perverterem a fé (como em Atos 15) ou para informar um grande ocorrido (como Atos 20), sem discussão específica. Portanto, para além disso, não vemos nenhuma decisão conciliar presente nas Escrituras ou que elas deem base ou sustentação.

A questão é que este tipo de coisa ocorre para que haja união na igreja: ora, se a igreja pode sempre conferir na escritura para saber se o que o concílio decidiu é bom então tal concílio é inútil. A questão é que a razão para o concílio existir é especificamente a dúvida da igreja, naquilo que ela não tem capacidade de decidir, tornando, assim, o concílio a reunião daqueles que resolverão essa crise. A utilidade do concílio de Jerusalém foi justamente esta: a lei ordenava a circuncisão, porém os apóstolos diziam ser ela desnecessária, então, o que deviam os crentes fazer? A conclusão é óbvia: não é necessário se circuncidar, pois isso é uma sombra da lei. A igreja precisa apenas guardar os mandamentos, não as sombras. Se os crentes tivessem capacidade de saber isso, logo, o concílio seria inútil por si (lembre-se de que também não haviam bíblias nas casas das pessoas para consultarem, o que torna a necessidade de concílios hoje mínima, exceto para definir o nível em que uma doutrina é ou não importante para as igrejas que se dividem por causa dela).

CAP 32:3

Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra coisa(1). Ref. 1- At 17:11; 1 Co 2:5; 2 Co 1:24.

Nenhum texto citado pela CFW diz o que ela afirma nesta seção, nem de longe. O problema é que a questão do sínodo é apenas circunstancial. Ora, temos autoridades, qual o problema de elas decidirem em conjunto a mesma coisa? Nenhum, afinal, são autoridades. A Escritura nunca tentou justificar o papel dos sínodos, pois é natural que autoridades busquem outras nas quais confiam para auxiliarem ou tomarem decisões em conjunto. Essa tomada de decisão em conjunto pressupõe erro possível das autoridades, ou seja, implica que elas se sentem incapazes de resolverem sozinhas os problemas que defrontam, quer por incapacidade de poder ou por incapacidade de entender completamente o que fazer.

Assim, se autoridades individuais podem errar, é óbvio que autoridades em conjunto podem, pois o que elas decidem em conjunto é apenas a soma das concordâncias individuais com as ideias individuais de quem conseguiu olhar sob um prisma diferente. E isso explica a razão do porque a CFW é criticável, já que, no

fim, não foi um poder místico que decidiu o que nela está, mas foram opiniões particulares (algumas certas e outras erradas) que convenceram a maioria ou quem tinha poder – só isso. Este é o motivo que torna possível não só que discordemos dela, mas que apontemos erros sem medo, visto que aquele que se apega ao erro está, em conjunto, errado.

Obs.: muitos podem nos acusar de ‘nominalistas’, por supostamente reduzirmos a realidade. A questão é: desde quando acusar alguém de nominalismo é acusar de pecado ou erro? Não estamos propondo uma filosofia, que precisa verificar seu nível ou não de nominalismo. Estamos tratando de escritura e, a menos que se prove pela escritura o erro, podem nos chamar de qualquer termo filosófico que não fará diferença.

É evidente que dirão: basta não estar em uma igreja confessional, não acabe com a confessionalidade das igrejas. Mas não estamos querendo acabar com a confessionalidade, apenas querendo corrigir os erros. Aqueles que se opõem a isso o fazem por tolice e teimosia, não por crerem na escritura. Além disso, a mudança é justamente o que confessionalidades precisam esperar, pois é factível que os sínodos podem errar. Portanto, que orgulho é este que cerca estes homens que dizem “haver erros na confissão, mas nunca se encontra nenhum”? É simples: eles pegam as escrituras e as comparam à confissão, e não a confissão às escrituras. Assim, sempre dirão, por certo temor, que a confissão possui erro, mas jamais assumirão nenhum erro porque não leem a confissão pela escritura.

CAP 31:4

Os sínodos e concílios não devem discutir, nem determinar coisa alguma que não seja eclesiástica; não devem imiscuir-se nos negócios civis do Estado, a não ser por humilde petição em casos extraordinários ou por conselhos em satisfação de consciência, se o magistrado civil os convidar a fazê-lo(1).Ref.: 1- Lc 12:13, 14; Jo 18:36; Mt 22:21.

Apesar de nenhum texto afirmar o que afirma a CFW aqui (pois isso é meramente administrativo), é evidente que se uma autoridade civil exigir um posicionamento de um grupo eclesiástico não há razão para negar. Não estamos contra os reinos do mundo, apenas somos um reino distinto e separado.

Conclusão

- Confissões são boas, se apenas resumem o conteúdo da fé;
- Porém, são falíveis e devemos apontar seus erros;
- Sendo falíveis, podem mudar.

DO ESTADO INTERMEDIÁRIO – CAP. 32

CAP 32:1

Os corpos humanos, depois da morte, convertem-se em pó e vêm a corrupção(1); mas as suas almas – que nem morrem nem dormem – tendo uma substância

imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu(2). As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus, onde vêm a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos(3); e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final(4). Além destes dois lugares, destinados às almas separadas de seus respectivos corpos, as Escrituras não reconhecem nenhum outro lugar. Ref.: 1- Gn 3:19; At 13:36. | 2 – Lc 23:43; Fp 1:23; 2 Co 5:6-8. | 3- Lc 16:23; Rm 8:23. | 4- Lc 16:23,14; 2 Pd 2:9.

Este é um daqueles assuntos chatos de lidar, e que precisam de marcadores temporais para serem compreendidos. Por exemplo, sabemos que o estado de morte de Adão até a ressurreição de Cristo era distinto do que passou a ocorrer logo após sua ressurreição (em especial em relação aos mártires degolados em Ap 20). Mas tudo fica mais difícil ainda porque não reconhecemos que da Queda de Jerusalém para hoje há outra distinção: agora temos um corpo novo, pronto no céu, que recebemos imediatamente após a experiência de morte.

Isso não agrada aos teólogos comuns, pois para eles é como se fosse um desprezo pelo corpo de carne, algo que, corretamente, dirão que não é mau. Contudo, o fato de não ser mal não quer dizer que entra no céu. O corpo atual não entra nem glorificado e nem como está, pois as Escrituras claramente nos informam, em várias passagens, como no céu temos um corpo novo, não só de qualidade nova, mas totalmente novo.

Algumas das coisas e passagens citadas acima não explicaremos agora, pois já trataremos no texto de escatologia e do milênio. Porém, cabe afinarmos a compreensão de alguns pontos.

Primeiro, a teologia da morte do AT é distinta do NT, e isso não só porque Cristo trouxe mais clareza sobre a morte, mas porque seu reino 'milênar' também passou a ocorrer quando subiu à destra do Pai, ou seja, os santos que morriam logo no início do NT já possuíam um status distinto dos crentes do AT, pelo fato de morrerem e estarem com Cristo logo após a morte (embora ainda sem um corpo novo). Se você lê a sua bíblia, sabe que em Eclesiastes é meramente dito que o espírito volta para Deus, enquanto em Filipenses Paulo espera que se morrer estará pessoalmente com Cristo: isso é uma mudança gigantesca.

Segundo, vemos isso claramente baseado no fato de que a morte é a única coisa que não tem um meio de salvação em Gênesis 3: existe a destruição da serpente, o controle da vontade da mulher, o trabalho para o homem que carrega consigo o pão... mas não há nada que seja dado para a expectativa de morte. Sinalizando que "voltar ao pó da terra" era o limite do conhecimento do homem em relação à "vida" após a morte.

Não é sem motivo que o autor da carta aos Hebreus fala sobre o medo da morte que era geral no AT (2:14-16). No primeiro momento, portanto, Cristo retirou o poder da morte por vencer o diabo, tendo consigo também trago o conhecimento de que a morte após a ressurreição de si mesmo não mais era um estado de "voltar para Deus" sem explicação.

Então retornamos: afinal, odiamos o corpo por este não estar no céu? De modo nenhum! Do mesmo modo que não odiamos ao casamento por este não ocorrer

entre os ressurretos! Dizer que algo não está ou não ocorre no céu não quer dizer que aquilo seja algo ruim, apenas que foi feito para ser deste mundo, limitado ao nosso tempo 'do lado de cá'. Não somos versões novas dos gnósticos, aos quais com força repugnamos, por transformar Cristo numa mera aparência humana sem corpo neste mundo.

E falando sobre isso, tendo já tratado de vários modos a questão da ressurreição de Cristo, podemos afirmar claramente que ele não possui mais o corpo que detinha na terra por uma razão simples: o que é semeado não nasce uma semente, mas uma árvore ou planta distinta da semente. Isso é claramente percebido quando Paulo, em 1 Co 15, descreve a ressurreição. Somente quem pensa de modo binário é que não enxerga que amamos ao corpo, mas ele não existe para o céu. No céu temos outro corpo, de qualidade distinta e do qual não sabemos muito, exceto que excede em glória ao atual.

CAP 32:2

No último dia, os que estiverem vivos não morrerão, mas serão mudados(1); todos os mortos serão ressuscitados com os seus mesmos corpos e não outros, posto que com qualidades diferentes, e ficarão reunidos às suas almas para sempre(2). Ref. 1- 1 Ts 4:17; 1 Co 15:51,52. 2- 1 Co 15:42-44.

Tratamos extensivamente dos versículos citados em nosso texto sobre Escatologia, portanto, pouparemos tempo e não lidaremos com este assunto aqui para que tudo fique mais organizado. Porém, destacamos que o erro principal é jogar para o futuro um evento que já ocorreu no passado.

CAP 33:3

Os corpos dos injustos serão, pelo poder de Cristo, ressuscitados para desonra; os corpos dos justos serão, pelo seu Espírito, ressuscitados para honra e para serem semelhantes ao próprio corpo glorioso de Cristo¹ Ref.: 1- At 24:15; Jo 5:28, 29; Fp 3:21.

Primeiro, Atos 24:15 apenas informa que há ressurreição de justos e injustos sem detalhes da "qualidade" ou "da forma" desta mesma, portanto, não podemos concluir, deste texto, que se fala de corpos. Então, destacamos "corpos" mais pelo fato de o texto citado não tratar disso do que por qualquer possível erro real, embora, como temos dito, o corpo ressuscitado não seja o mesmo.

Já João 5:28, 29 realmente fala dos que sairiam dos sepulcros. Porém, novamente, não existe razão para dizer que este texto defende a ressurreição do mesmo corpo atual, visto que quer seja ou não, poderíamos usar a mesma fraseologia: "os que ouvirem sua voz sairão dos sepulcros" – vale tanto para quem defende a ressurreição física quanto para quem defende uma espiritual (embora não sejam espíritos sem corpo).

Filipenses 3:21 é o único texto que mais explicitamente parece favorecer a mudança do corpo atual meramente em termos de qualidade, como os puritanos argumentavam. Leiamos o texto:

Acautelai-vos dos cães! Acautelai-vos dos maus obreiros! Acautelai-vos da falsa circuncisão! [...] Pois muitos andam entre nós, dos quais, repetidas vezes, eu vos

dizia e, agora, vos digo, até chorando, que são inimigos da cruz de Cristo. O destino deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas. Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas. Filipenses 3:2, 18-21

Vamos situar os marcadores temporais do texto: em primeiro lugar, Paulo está criticando os judeus de sua época, que não amavam a cruz de Cristo, antes, odiavam-na com ódio tal que buscavam convencer os crentes a se circuncidarem (tal é a falsa circuncisão). Estes, que buscavam a glória da Israel nacional, nada mais procuravam do que a glória terrena, tendo como foco eles mesmos, pois amavam mais a glória dos homens do que a de Deus (é o que João mesmo diz dos mestres judeus).

Dito isso, Paulo começa contrastar a glória da cidade terrena com a celestial, aquela Jerusalém verdadeira que viria (ou seja, o que quer que tenha ocorrido referente ao corpo, precisa ter ocorrido quando a Jerusalém celeste chegou). A chegada desta Jerusalém bate com a destruição dos judeus mencionada por Paulo no texto, ou seja, estamos falando do ano 70 d.C. e não de um período num futuro extremamente distante, pois Paulo claramente diz que estes seriam destruídos ("o fim deles é a perdição"). Ora, mas onde está este reino de glória? Onde está a grandeza do império de Deus sobre o mundo?

Essa é a mesma reclamação dos judeus a respeito dos cristãos: onde está a glória do templo, que vocês dizem agora ser maior, já que vocês não têm templo? Ou: cadê a glória dos sacrifícios e do sacerdócio? Onde está a grandeza da casa real e dos sinais visíveis de Deus sobre seu povo?

A tudo isso os crentes podiam responder: o templo somos nós reunidos, o nosso sacrifício já ocorreu, e nosso sacerdote está nos céus, o qual também é nosso rei. E os sinais externos não são mais necessários, pois todos eles são espirituais, visto que assim como o nosso sacerdote não é mais visível a olhos nus, também os sinais não são necessários, e temos crido em Deus com muito mais força do que todos os judeus que mataram um inocente na cruz, e que tinham a lei e todo o conhecimento ao seu favor, bem como os sinais.

Todos os que questionam sobre a nova Jerusalém e por qual motivo ela não é visível, visto que somos governados por homens frequentemente maus na terra, não compreendem o caráter espiritual da Nova Aliança de Deus, que é, acima de tudo, o seu governo sobre a igreja, e com os benefícios para ela, sendo ela cuidada em todas as eras que já foram e que se seguirão.

Obs.: em Atos 17 vemos que os gentios questionam o conceito de ressurreição de Paulo. E isto é relevante já que estes gentios já conheciam o conceito de ressurreição dos judeus. Claramente eles estão falando de duas formas distintas de ressurreição.

Agora podemos avançar: Paulo, assim que termina esta descrição, começa a falar sobre os nossos corpos de modo plural. Paulo quer mostrar que cada crente terá seu corpo sujeito a Cristo como o corpo de Cristo é sujeito a si mesmo.

Assim nos voltamos para o ponto chave: o que teria a ver transformar o corpo com "sujeitar todas as coisas"? É bem simples: Paulo não está mostrando que nossos corpos brilhariam, mas que seriam transformados a ponto de não sentirem os mesmos sofrimentos de antes em relação às fraquezas espirituais, como o corpo glorioso de Cristo. Se a preocupação de Paulo fosse a mudança de uma estrutura essencial ou qualitativa em relação a um corpo ressurreto, não haveria razão para falar de sujeição, e sim de poder para meramente transformar.

Mas ainda temos mais coisas no texto que nos falam disso: primeiro, a palavra "humilhação" é usada em termos de sofrimento na LXX (Septuaginta), em passagens como Gn 16:11; 31:42; 1 Sm 1:11 etc., caso Paulo quisesse dizer corpo físico, poderia omitir o termo "humilhação" ou troca-lo por outro como "atimia" (desonra), mas decidiu se focar na aflição e baixeza do corpo como o povo que estava em humilhação entre os egípcios [Ne 9:9] (e aqui, em Fp 3, eram os crentes entre os judeus). E, assim como os corpos dos hebreus do AT foram libertos da humilhação entre os egípcios, os nossos corpos foram livrados da humilhação entre os judeus.

Ora, como se troca um corpo de humilhação para um de glória? Quando um é exaltado e outro humilhado (é isso que quer dizer "glória"), de modo que os judeus foram destruídos e humilhados, redundando em glória para os crentes, por serem exaltados.

Além disso, Paulo trata do "corpo da sua glória" e não "corpo espiritual" ou "corpo nos céus", pois seu foco é demonstrar que o ponto é a exaltação de Cristo, a quem nos assemelhamos de uma vez após o ano 70 d.C. Retornaremos a este tema abaixo. Por hora, é importante que se saiba que o contraste de Paulo e os marcadores temporais não permitem que lancemos este texto para um cumprimento em nosso presente, e sim no dele.

Conclusão

- Só houve estado intermediário até a ressurreição de Cristo;
- Após sua ressurreição o estado era de reino com Cristo;
- Após a destruição dos judeus já temos um corpo novo.

DO JUÍZO FINAL – CAP. 33

CAP 33:1

Deus já determinou um dia em que, segundo a justiça, há de julgar o mundo por Jesus Cristo(1), a quem foram pelo Pai entregues o poder e o juízo(2). Neste dia, não somente serão julgados os anjos apóstatas, mas também todas as pessoas que tiverem vivido sobre a terra, comparecerão ante o tribunal de Cristo, a fim de darem conta dos seus pensamentos, palavras e obras, e receberem o galardão segundo o que tiverem feito, bom ou mau, estando no corpo(3). Ref.: 1- At 17:31; Mt 25:31-34. | 2- Jo 5:22-27. | 3- Jd 6; 2 Pd 2:4; 2 Co 5:10; Ec 12:14; Rm 2:16; Rm 14:10, 12; Mt 12:36,37; 1 Co 3:13-15

Como trataremos desse assunto profundamente nos textos sobre escatologia, não comentaremos todos os erros aqui.

Obs.: não cremos ser necessário explicar cada versículo citado na Confissão, mesmo os que aqui foram citados a mais em prol do posicionamento dela, justamente pelas explicações que já demos.

CAP 33:2

O fim que Deus tem em vista, determinando esse dia, é manifestar a sua glória, glória da sua misericórdia na salvação dos eleitos(1) e a glória da sua justiça na condenação dos réprobos, que são injustos e desobedientes(2). Os justos irão então para a vida eterna e receberão aquela plenitude de gozo e alegria procedente da presença do Senhor(3); mas os ímpios, que nem conhecem a Deus nem obedecem ao Evangelho de Jesus Cristo, serão lançados nos eternos tormentos e punidos com a destruição eterna proveniente da presença e da glória do seu poder(4). Ref.: 1- Rm 9:23; Ef 2:4-7. | 2- Rm 2:5, 6; 2 Ts 1:7, 8. | 3- Mt 25:31-34; At 3:19; Sl 16:11. | 4- Mt 24:41, 46; 2 Ts 1:9; Mc 9:47, 48

CAP 33:3

Assim como Cristo, para afastar os homens do pecado e para maior consolação dos justos nas suas adversidades(1), quer que estejamos firmemente convencidos de que haverá um dia de juízo, assim também quer que esse dia não seja conhecido dos homens, a fim de que eles se despojem de toda confiança carnal, sejam sempre vigilantes, não sabendo a que hora virá o Senhor, e estejam prontos para dizer: Vem logo, Senhor Jesus(2). Ref.: 1- 2 Pd 3:11,14; 2 Co 5:11; 2 Ts 1:5-7; Lc 21:27, 28; Mt 24:36, 42-44. | 2- Mc 13:35-37; Lc 12:35, 36; Ap 22:20.

Graças a Deus Jesus veio, pois se ainda hoje tivéssemos que dizer "vem logo", a única conclusão óbvia seria de que Deus não ouve nem as orações dos apóstolos e nem as nossas, o que tiraria toda esperança, já que Deus sabe o que "logo" significa. Portanto, não podemos esperar que Cristo ainda esteja por retornar, antes, devemos confiar que seu retorno completo já se deu e já desfrutamos do Novo Céu e Nova Terra que não é um céu e terra visível, no qual os presidentes serão bons ao nosso gosto, mas sim, no qual Deus governa pessoalmente a igreja, como o sol sobre a terra.

Não importa o quanto você trema de raiva na cadeira, ou sinta um calor interno de ira contra o que dissemos, sua intensidade não fará que Cristo retorne de novo, isso é inconcebível nas Escrituras, não importa se passar mais mil, dois mil ou cinco mil anos: todas as coisas estarão como hoje.

Conclusão

- Este capítulo da CFW erra totalmente em relação ao tempo futuro.

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

Vimos até o momento como a CFW lida com todos os temas teológicos amplos; é evidente que não temos nela um tratamento detalhado teológico, visto que o objetivo dela sempre foi criar uma cerca para os crentes e não determinar cada passo dado. Contudo, como vimos, há certo fracasso da CFW em vários pontos, de forma que seus erros são como que um vazamento na proteção que ela diz criar.

Veja que não estamos discordando somente de partes da CFW, estamos dizendo que os métodos dela também são falhos, como bem pontuou Philippus Hoedemaker ao questionar Kuyper: quando se discorda de algo numa Confissão, você não está discordando somente daquilo, mas dos métodos por trás daquilo. E por isso também dissemos no início quais os princípios que julgamos serem os corretos e que superam o modo tacanho, tanto dos puritanos quanto de outros protestantes.

Aproveitando que mencionamos a Lei, precisamos notar que, diferente do que a CFW pressupõe, a Escritura não é 'religiosa' no sentido moderno do termo, na realidade, nem em termos de salvação a Escritura é focada, visto que quando a menciona, com frequência, tem em vista um momento específico ou um conflito pontual. A escritura é muito mais "mundana" por tratar de coisas mais corriqueiras e menos burocráticas do que a maior parte das instituições religiosas está disposta a reconhecer.

Para que compreendamos um pouco mais disso é que abaixo resolvemos fazer mais alguns textos, que são como que vários apêndices aos assuntos já tratados na CFW acima. Fecharemos o assunto de Presbíteros e Diáconos, trataremos de ciência e Astrologia, Escatologia, tanto os princípios que a regem quanto em exemplos práticos específicos, e explicaremos em breves comentários o sermão escatológico de Cristo em Mateus 24 – 25. A ordem real e final será: Presbíteros, Milênio, Escatologia 1 e 2, Sermão Profético e Astrologia.

PRESBÍTEROS E DIÁCONOS

Temos já superado algumas questões com certos textos acima como, por exemplo, o culto, que não deve ser regido por um princípio normativo e nem 'regulativo', no sentido popular do termo, mas sim por um princípio espiritual. O problema que nos sobrou, por necessidade do assunto, foi sobre a existência de presbíteros/bispos/pastores e diáconos; por ser um assunto complicado por si só, precisamos de mais um capítulo para tratar do tema.

Devemos, de antemão, entender que o assunto não começa do nada no NT (Novo Testamento), antes, ele é um desenvolvimento claro de sombras dadas por Deus a Israel. Sombras, por definição, não são o objeto em si, mas apenas sua forma, uma expressão menor de uma realidade maior. É isso que o NT quer significar quando diz que a Lei é sombra das coisas futuras (que agora são presentes). Logicamente, a sombra não é o mandamento, pois "não matarás" não é sombra de nada, mas o tabernáculo, o sacerdócio e os rituais eram sombras das coisas que viriam (Cl 2:16, 17; Hb 8:4, 5; 10:1). Assim, devemos esperar que o que a igreja estabeleceu no NT para norteá-la estava como sombra no AT, renunciada. Este princípio fundamenta tudo o que diremos daquilo que se chama liderança eclesiástica.

Obs.: a lei foi um aio para conduzir a Cristo não somente porque ela nos acusa de pecado (algo que os luteranos amam afirmar), mas porque ela aponta Cristo em suas sombras: este é o aspecto em que ela realmente nos conduz a Cristo, tanto em seus sacrifícios quanto em épocas estabelecidas, desde a criação de Adão até o reinado de Moisés.

PRESBÍTEROS/BISPOS

Partiremos, por causa da fraqueza moderna, dos textos mais claros no NT, para que tudo se estabeleça com facilidade.

Esta é uma palavra fiel: se alguém deseja o episcopado, excelente obra deseja. Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avaro; que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?); não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo. (1 Timóteo 3:1-7)

Por esta causa te deixei em Creta, para que pusesse em boa ordem as coisas que ainda restam, e de cidade em cidade estabelecesses presbíteros, como já te mandei: aquele que for irrepreensível, marido de uma mulher, que tenha filhos fiéis, que não possam ser acusados de dissolução nem são desobedientes. Porque convém que o bispo seja irrepreensível, como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante; retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina, como para convencer os contradizentes. Porque há muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão, Aos quais convém tapar a boca; homens que transtornam casas inteiras ensinando o que não convém, por torpe ganância. (Tito 1:5-11)

Obs.: Efésios 4:11 terá um tratamento separado no fim do texto, por causa de um aspecto escatológico não muito claro em primeiro momento. Em contraste, perceba que as duas passagens base para nós não possuem prática para um tempo limitado, curto ou meramente local, antes são para qualquer época, desde que haja uma congregação/igreja.

A primeira pergunta que deveria ser feita é de onde Paulo tirou as palavras "presbítero" e "bispo", pois isso também pode apontar para nós de onde todo o conceito de presbiterado e bispado vem e para onde vai. Sabendo que é comum entre os teólogos a divagação em divisões irreais (como a ideia de que presbítero era de uma região e bispo de outra), precisamos saber de onde isso tudo vem.

Presbítero:

A palavra grega para presbítero é... πρεσβύτερος ("presbíteros"), que na nossa bíblia basicamente é transliterada, mas que pode ser *traduzida* como *ancião* – ou *idoso*

para os mais íntimos. Porém, como já pontuamos em outro texto, não devemos recorrer a como os gregos usavam o termo, mas como a Septuaginta, que é o texto do AT traduzido por Judeus para o grego, utiliza essas palavras. No AT grego essa palavra surge em passagens como Gn 18:11; 19:4; 27:42; 50:7 etc. o que, claramente, demonstra o uso simples do termo para *velho* ou *mais velho*. O que, no mínimo, pontua o primeiro aspecto de um presbítero: precisa ser alguém idoso, ou pelo menos as pessoas mais velhas de um grupo. Mas as coisas não acabam aí. Ora, notamos claramente que as passagens de Timóteo e Tito sinalizam um tipo de autoridade, e que autoridade é essa?

Então disse o Senhor a Moisés: Passa diante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos [presbíteros] de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai. (Êxodo 17:5)

E veio Moisés, e chamou os anciãos [presbíteros] do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado. Então todo o povo [ou seja, os anciãos comunicaram ao povo e este respondeu por meio deles] respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo. (Êxodo 19:7, 8)

Não temos como argumentar agora que Moisés era uma sombra de Cristo, porém, devemos entender e, para todos os efeitos aceitar, que Moisés prefigurava Cristo, como rei sobre seu povo e profeta para ele [note o percurso de *mediador*: povo < anciãos (líderes eclesiásticos) < Moisés (Cristo) < Deus]. Cristo, sendo a quem a igreja se reporta, se comunica com ela por meio dos presbíteros, ou anciãos. E que tipo de poder é este? Como vemos, os anciãos é que estão sempre diante de Moisés, como os que passam a mensagem de Moisés para o povo (algo claro no texto de Êx 19). Deus não permitiu à sua igreja no AT ficar sem mensageiros e líderes capazes de ensinar o que Moisés (Cristo) lhe ensinava.

Se verificarmos com calma, ainda vemos que a Lei prevê que o papel presbiteral seria universal, pois assim como Deus confundiu a linguagem de 70 nações (Gn 10 – 11 – somando 70 nações a partir das línguas) ele decidiu se valer de 70 presbíteros para representar o seu povo (Êx 24:1). **Estes atos literais serviam como sombra dos atos espirituais que seriam reais no NT** – note que Jesus tem 70 discípulos.

Mas precisamos perceber que o papel dos presbíteros era político em especial, o que prova que a continuidade da Igreja no NT não pode ser política. O AT previa não um novo Estado governamental para cada nação, mas um Estado Espiritual entre as nações, com sua liderança própria. E isso notamos pelo fato de os anciãos sempre serem assistentes do Rei (que é Cristo) no AT (1 Rs 8:1; 12:6; Ed 5:5).

Os anciãos, portanto, eram mensageiros do rei tanto quanto homens que ordenavam ao povo o que deveria ser feito, e jamais faziam este papel *sozinhos*, mas sempre com um grupo de presbíteros também ordenados para isso. Esta é a razão para que não se haja um presbítero solitário que escolha tudo o que deve ser feito com a igreja, antes, ele deve estar em conjunto, como que em um Conselho, para decidir todas estas coisas. Esta é a razão do porquê a Tito Paulo diz para que se estabeleça *presbíteros* (no plural) em cada cidade, e não um somente. Vemos, assim,

que o presbiterado é mais do que uma ordem contextual, mas absoluta para a Igreja, que sem presbíteros ou sem bons presbíteros, estará fadada ao fracasso ou ao desaparecimento.

Por outro lado, é verdade, pode ser o caso de um ou outro presbítero ser melhor em entregar a mensagem, e não somente em julgar (veremos a questão do julgamento abaixo). Quando o presbítero era excelente no ensino deveria receber um salário dobrado (1 Tm 5:17), esperando-se que todos recebam salário (1 Tm 5:17^a). O resumo do papel do Presbítero é, portanto, *governar a igreja* (1 Tm 5:17 – προϊστημι: significa *por em sujeição, disciplina*, reforçado pelo contexto de 1 Tm 3:4, ao dizer que o presbítero *governa* a própria casa tendo os filhos *submissos*).

E sobre o presbítero julgar, é claro que este papel é importante, pois é justamente para isso que os anciãos foram estabelecidos em Israel, como vemos em Êxodo 18:

Ouve agora minha voz, eu te aconselharei, e Deus será contigo. Sê tu pelo povo diante de Deus, e leva tu as causas a Deus; e declara-lhes os estatutos e as leis, e faze-lhes saber o caminho em que devem andar, e a obra que devem fazer. E tu dentre todo o povo procura homens capazes, tementes a Deus, homens de verdade, que odeiem a avareza; e põe-nos sobre eles por maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta, e maiores de dez; para que julguem este povo em todo o tempo; e seja que todo o negócio grave tragam a ti, mas todo o negócio pequeno eles o julguem; assim a ti mesmo te aliviarás da carga, e eles a levarão contigo. Se isto fizeres, e Deus to mandar, poderás então subsistir; assim também todo este povo em paz irá ao seu lugar. [...] e escolheu Moisés homens capazes, de todo o Israel, e os pôs por cabeças sobre o povo; maiores de mil, maiores de cem, maiores de cinquenta e maiores de dez. E eles julgaram o povo em todo o tempo; o negócio árduo trouxeram a Moisés, e todo o negócio pequeno julgaram eles. (Êxodo 18:19-26)

Jesus declara sua lei aos presbíteros, e faz eles saberem o caminho em que devem andar e a obra que devem fazer. Cristo sempre levanta presbíteros entre o povo, sendo homens capazes, tementes a Deus, que sejam, de fato, *homens* (além de ser do sexo masculino), que não são apegados ao dinheiro (uma lida nesta lista deixa claro que Paulo repete parte dela em 1 Timóteo 3 e em Tito 1). É óbvio que o julgamento deles é pela Lei de Deus, e não pelos costumes humanos, ou pelas crenças pessoais. Isso é estipulado tanto na Lei quanto por Paulo, e ninguém deve esperar que seja diferente: estes homens são verdadeiros representantes de Deus, para trazerem a lei do Rei para o povo, e não suas próprias sensibilidades e medos

Bispos:

Pode não parecer, mas o bispo é diferente do presbítero, contudo, sua diferença é de aspecto, e não papel. Como vimos, o presbítero é o homem que julga e prega ativamente, como que sendo um juiz e um mensageiro; o bispo, por outro lado, é como quem visita e cuida para que tudo ocorra corretamente entre os crentes. E como sabemos disso? Primeiro, podemos ver o sentido original do termo com seu uso na Septuaginta:

E disse José a seus irmãos: Eu morro; mas Deus certamente vos visitar^á [ἐπισκοπή – 'bispará' (papel do bispo)], e vos fará subir desta terra à terra que jurou a Abraão, a Isaque e a Jacó. (Gênesis 50:24)

Como vemos, o ato de Deus visitar é traduzido para o grego em um ato de bispo (1 Pd 2:25), ou seja, de direcionar de um lugar para outro.

Neste deserto cairão os vossos cadáveres, como também todos os que de vós foram contados [ἐπισκοπή – numerados, organizados] segundo toda a vossa conta, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra mim murmurastes; (Números 14:29)

O fato óbvio é que se Deus visita, o povo que é visitado (neste caso, negativamente) será algo diante de Deus. Se há um bispo há povo. E ser bispado por Deus ou por homens é ser contado entre o povo, ou seja, ser um “número” entre os crentes é prova de que se está sendo guiado por Deus (às vezes para sofrer, como o caso de Números 14:29).

Porém o cargo [bispado] de Eleazar, filho de Arão, o sacerdote, será o azeite da luminária, e o incenso aromático, e a contínua oferta dos manjares, e o azeite da unção, o cargo de todo o tabernáculo e de tudo que nele há, o santuário e os seus móveis. (Números 4:16)

Este texto, mais do que todos, prova o quanto o bispo deve cuidar da igreja (principalmente sabendo que nós – a igreja – somos o santuário de Deus [1 Co 3:16, 17]). O bispo sempre precisa cuidar para que a luz da lei de Deus, as orações e louvores, a atuação do Espírito Santo e tudo o que ocorre com a igreja seja de conformidade com o que Deus estabeleceu. Não se deve supor que o bispo não seja idêntico ao presbítero, antes, temos duas atividades do AT cruzadas em uma pessoa: a do ancião e a do supervisor do templo. De certo modo, Eleazar prefigura Cristo, pois seu papel é único e está acima de toda a igreja. Por outro lado, o bispo é instruído a imitar Cristo, sabendo que Cristo também é *Bispo* (1 Pd 2:25).

Então, qual o papel do bispo? Contar a igreja, visitar seus membros e supervisionar se o que acontece está em conformidade com o que Deus estabeleceu. Este é o assunto principal do bispo, quando isso é enfatizado. Enquanto o presbítero precisa entregar a mensagem de Deus à igreja. Por esta razão, se instrui que os que pregam o evangelho vivam do Evangelho (1 Co 9:14 – confira nosso texto sobre Roubo de Dízimos também), para que possa ter tempo, além de ter outros presbíteros auxiliando, sem contar o cuidado físico por parte dos diáconos

A Liderança da Igreja em Geral:

O Levita prefigurava a liderança da Igreja no NT de uma forma bem particular. Ora, sabemos que a Lei era sombra das coisas que haviam de vir, e a Lei mesmo estabelece que os Levitas seriam de uma tribo específica (Nm 3:5-13), que não teriam herança entre os israelitas (Dt 18:1, 2) e que sua atividade *principal e maior* seria pregar a Lei de Deus entre o povo (Dt 33:8, 10 [é a primeira atividade deles da lista de atividades que deviam executar]; 2 Cr 17:8, 9; Ml 2:5-8 [a aliança de Deus com Levi é ensinar a Lei]).

Sabemos que a tribo de Levi deixou de existir, de modo que não há mais nação de Israel como havia. O que isso significa para a Nova Aliança? Simples, que os que pregam devem vir do meio da Igreja e não de fora, dos ímpios. O fato de não terem herança é sombra de que os que pregam o Evangelho não deveriam ter outra ocupação, não devem trabalhar fora, antes, devem viver do Evangelho, de modo

que as ofertas sacrificiais que eram alimento dos Levitas, no NT, são convertidas em sustento dos que pregam (1 Co 9:13, 14), além do fato de deverem pregar a Palavra de Deus em todo o tempo. Se lhe parece estranho este entendimento, veja como o profeta Isaías o entende:

E trarão a todos os vossos irmãos, dentre todas as nações, por oferta ao Senhor, sobre cavalos, e em carros, e em liteiras, e sobre mulas, e sobre dromedários, trarão ao meu santo monte, a Jerusalém, diz o Senhor; como quando os filhos de Israel trazem as suas ofertas em vasos limpos à casa do Senhor. E também deles tomarei a alguns para sacerdotes e para levitas, diz o Senhor. (Isaías 66:20, 21)

O judeu deveria se assustar com isso, afinal, Deus está prometendo que tomaria levitas a partir de outras nações, e não mais da tribo de Levi. Deus promete que os crentes gentios seriam preponderantes no sacerdócio levítico, no Novo Céu e Nova Terra (A Nova Aliança – não se deve esperar que Isaías 66 fale de outro céu, visto que não é necessário se ensinar a Lei para aqueles que já habitam com Deus nos céus – cf. o v. 22). O que é isso senão a profecia de que outros povos iriam compor o verdadeiro sacerdócio levítico?

Assim, os presbíteros/bispos são cumprimento das sombras do AT, tanto dos anciãos quanto das visitas de Deus e do sacerdote, bem como dos novos levitas. O Deus da Escritura deixou tudo perfeitamente alinhado. Os levitas são uma previsão geral do ensino da Lei de Deus no Novo Testamento.

Pastores:

Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas. E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores, querendo o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério, para edificação do corpo de Cristo; até que todos cheguemos à unidade da fé, e ao conhecimento do Filho de Deus, a homem perfeito, à medida da estatura completa de Cristo, (Efésios 4:10-13)

Este texto é escatológico, isto é, trata das últimas coisas da Antiga Aliança que deveriam se cumprir, sabemos disso por causa da série de condicionais que só existem neste texto em relação à liderança, junto com o fato de os dois primeiros (apóstolos e profetas) terem claramente cessado. Mas antes, vejamos o que este texto cumpre, pois a profecia – diferente do que liberais creem – está no AT prevendo a vinda dos pastores:

Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu estou contra os pastores; das suas mãos demandarei as minhas ovelhas, e eles deixarão de apascentar as ovelhas; os pastores não se apascentarão mais a si mesmos; e livrarei as minhas ovelhas da sua boca, e não lhes servirão mais de pasto. Porque assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu, eu mesmo, procurarei pelas minhas ovelhas, e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, assim buscarei as minhas ovelhas; e livrá-las-ei de todos os lugares por onde andam espalhadas, no dia nublado e de escuridão. E tirá-las-ei dos povos, e as congregarei dos países, e as trarei à sua própria terra, e as apascentarei nos montes de Israel, junto aos rios, e em todas as habitações da terra. (Ezequiel 34:9-13)

Os pastores (reis) de Israel falharam, fracassaram, então Deus promete que trará seu povo de outro lugar, de outros povos, de modo que Deus mesmo buscaria os crentes entre as nações. Ora, se Deus vai pastorear, é necessário que dê aos crentes pastores.

E dar-vos-ei pastores segundo o meu coração, os quais vos apascentarão com ciência e com inteligência. (Jeremias 3:15)

Diferente do que homens como Frank Viola ensinam, Paulo não pensava numa comparação de líderes com pastores de ovelhas meramente, mas sim em homens que estavam previstos no AT para virem pastorear a igreja durante o período entre as duas vindas de Cristo (entre os anos 30 e 70 d.C.). Os pastores do Novo Testamento substituíram os pastores de Israel, que fracassaram. Deus mesmo prometeu para seu povo novos pastores, afirmando que suas ovelhas teriam homens que deteriam ciência e inteligência (Jr 23:4).

Contudo, note a ênfase pastoral no sentido escatológico. O contexto de Efésios é claro nisso: existia a necessidade de apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e doutores até que o homem fosse perfeito (cf. 1 Co 13:10; Cl 1:28 [Paulo queria apresentar, ainda em sua época, os homens perfeitos]). Mas existia algo que havia entre eles que não há mais hoje: um apóstolo, por exemplo, era comissionado diretamente por Cristo (não há espaço para explicar tudo isso agora), de modo que o Apóstolo Paulo foi o último dos apóstolos (1 Co 15:8, 9 [qualquer outra pessoa se dizendo apóstolo mente por causa disso]). Porém, Cristo comissionou outros homens, além dos apóstolos, tendo ele mesmo pessoalmente distribuído os dons aos homens (note o "ele **mesmo** deu uns para apóstolos" [ou seja, foi ele quem pessoalmente comissionou]). Provavelmente, entre os outros 500 irmãos que viram Cristo, ele distribuiu estes dons (1 Co 15:4, 6 – por qual outro motivo apareceria aos que foram comissionados apóstolos e a mais 500 pessoas?). De modo que nesta lista de Efésios 4, *todos* foram homens chamados pessoalmente por Cristo para este fim, de forma que com o fim da vida destes homens, não haveriam mais dos mesmos na igreja.

E qual o papel deles? Todos eram lideranças, e os pastores em especial eram aqueles que foram postos para determinarem para onde o povo deveria ir, guiando-o não só teologicamente, mas no todo, a fim de que não morresse e não sofresse desnecessariamente (perceba que "ciência" e "inteligência" são características únicas dos pastores, mostrando que não era meramente uma questão teológica ou de matéria teológica que se tem em vista, são termos muito específicos [se o foco fosse o ensino da lei de Deus o termo resultaria na tradução para "sabedoria"]). Por isso, todos estes homens chamados não existem mais atualmente, e sim somente aquilo que Paulo instruiu a Timóteo e Tito, que exercem um poder menor do que os pastores possuíam com a Igreja no NT.

Vamos colocar de outro modo o papel dos pastores em relação aos presbíteros: os pastores são, no NT, o que os reis eram no AT: governavam vários anciãos, ou seja, presbíteros. A lógica é que durante o período entre o ano 30 d.C. e 70 d.C., a igreja possuía não só apóstolos e profetas, mas homens de grande autoridade que organizavam as igrejas em conjunto, enquanto os presbíteros cuidavam de igrejas locais. Atualmente, os presbíteros permanecem, porém, não os pastores.

Note que assim como Deus era Pastor no AT, e lá ele instituía os pastores para governar o povo, do mesmo modo, Cristo como Supremo Pastor instituía pessoalmente pastores no NT até que o homem fosse completamente formado, não tendo mais necessidade de que este papel permaneça, assim como a liderança dos apóstolos não é mais necessária.

Obs.: apóstolos, profetas, pastores etc., eram homens que tinham muito mais poder em mãos do que um presbítero/bispo pode ter. Isso é provado pelas ordens dadas por parte dos apóstolos e do fato de a Igreja do Novo Céu e Terra (atual) se fundamentar nos 12 apóstolos (Apocalipse 21:14 – compare com Efésios 2:20). “Doutores” é outro cargo que cessou sendo, inclusive, mencionado em conjunto com outros dons miraculosos (1 Co 12:28, 29), e nos evangelhos o termo sempre se refere ao próprio Cristo. Há apenas três exceções que utilizam o termo num sentido mais amplo. Além disso, considere a urgência da situação: a Igreja tinha 40 anos para se estabelecer antes de se espalhar totalmente pelo Império Romano, portanto, os cargos eclesiásticos precisavam ser distribuídos como dons miraculosos para que houvesse liderança na igreja *sem a necessidade de todo o processo que Paulo deu a Tito e Timóteo*. Contudo, é necessário notar que toda a lista de dons distribuídos por Cristo em Efésios 4 são para fundamentar a igreja, e não para prosseguir nela após a estatura de homem ter sido alcançada (algo nunca dito sobre presbíteros e diáconos).

Estes homens existiram apenas para deixar a igreja forte o suficiente para sobreviver após o ano 70 d.C., (“até que”, presente no texto de Efésios 4). Deus, pois, deu os pastores somente aos crentes primitivos, e a ninguém mais.

AS CARACTERÍSTICAS ADMINISTRATIVAS DOS PRESBÍTEROS

Começo dizendo que no geral as instruções de Paulo sobre como são os presbíteros são meramente administrativas, e não são listas de pecado. Ora, uma lista administrativa apenas supõe que se eu não a seguir eu aumento a chance de erro (como mostraremos), mas não que eu esteja pecando. Um exemplo prático seria o caso de presbíteros ordenados sem filhos. O texto claramente exige filhos, mas um presbítero e a igreja não estará em pecado por alguém sem filhos ser ordenado, contudo, a chance de erro aumentará.

Sabemos também que a lista é administrativa por causa de proibições como “não neófito” (novo na fé). A menos que seja pecado ser novo convertido, não há razão para supor que esta lista trate de pecados. Se formos mais cautelosos ainda, veremos que todos os atributos exigidos favorecem uma única coisa: “que governe bem a sua própria casa – para governar a igreja de Deus”. Ora, é lógico que Paulo está então ensinando sobre “governo sadio” e não sobre o que é ser crente ou não.

Para finalizar, se essa lista fosse sobre “pecado x não pecado”, o que teríamos seria uma redundância, pois bastaria que todos os crentes fossem iguais nessas características. E, embora Pedro diga para que os presbíteros sejam modelo do rebanho (1 Pd 5:3), este exemplo não está baseado nas características administrativas, mas na resistência e perseverança na fé (1 Pd 5:8, 9). Paulo, pois, está exigindo dos presbíteros algo que ele *não exige dos crentes em geral*. Isso ficará mais chocante na medida em que você acompanhar o texto:

Convém, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma mulher, vigilante, sóbrio, honesto, hospitaleiro, apto para ensinar; (1 Timóteo 3:2)

Irrepreensível: Note que Paulo começa não com a ideia de que o bispo deve ser “piedoso”, mas irrepreensível. Alguém repreensível é aquele que comete erros públicos. Por exemplo, embora Davi tenha sido repreensível, seu pecado tinha sido em secreto, diferente de Saul, que praticou publicamente seu pecado (e por isso perdeu o reino). A ideia de Paulo é que o bispo seja um homem que não costume errar publicamente, algo que entre outros crentes, naturalmente, seria mais comum. Irrepreensibilidade neste contexto é não ter algo do que dizerem contra ele, ou seja, não é sobre pecado, e sim sobre como não há argumento contra ele em geral. É sobre um procedimento público e vida pública claramente em acordo com o local em que vive.

Marido de uma só mulher: a ordem de Paulo pressupõe que os crentes tinham mais de uma esposa, com certa frequência. Ora, tal ordem é clara e evidente por si mesma como prova de um ambiente deste modo. Porém, como dissemos, não é a respeito de pecado, portanto, não devemos supor que seja pecado ter mais de uma esposa. Paulo está dizendo o tempo todo que quer que estes homens cuidem da igreja de Deus. Como cuidarão se tiverem que dar atenção a mais de uma mulher e a muitos filhos? Quem tem esposa cuida das coisas do mundo e em como agradar a esposa, quem não tem cuida das coisas do reino (1 Co 7:32-34). Porém, Paulo quer ensinar que só pode ser um presbítero aquele que tiver sido testado no governo do lar (1 Tm 3:5), e como será alguém assim testado se não for primeiro casado? Assim, Paulo equilibra o cuidado da vida pessoal (dando o dever de ter esposa) com o máximo de cuidado da igreja (limitando a uma esposa).

Obs.: Muitos homens tolos, que querem defender a poligamia masculina acima de tudo, dizem que no grego o termo “uma” significa “primeira”, dizendo que Paulo está ordenando que antes de mais nada um homem precisa ter a primeira esposa. Mas essa leitura não faz sentido dentro do fato de que Paulo quer que o presbítero seja comunicável e tenha dedicação à igreja. A poligamia masculina segue outro percurso, e será algo que trataremos em nosso livro sobre Casamento.

Vigilante, sóbrio: ambas as coisas formam um conjunto. Ser vigilante é o estar atento ao que ocorre (em especial em relação à igreja) e sóbrio significa a capacidade de pensar com calma (pense isso num contexto de perseguição, o quanto seria necessário...). O crente comum não é chamado de ovelha sem motivo, já que tem a tendência de não raciocinar bem (ovelhas são animais muito estúpidos). O presbítero precisa, portanto, ser melhor no uso de sua capacidade de avaliar as circunstâncias.

Honesto, hospitaleiro: a honestidade, no contexto, se refere a um tipo de modéstia, no sentido de ser alguém tranquilo, que não busca chamar atenção. Enquanto que a hospitalidade, embora seja prática devida a todos os crentes (Hb 13:2; Rm 12:13), o bispo deve praticar amando totalmente esta mesma hospitalidade – buscando receber a todos que pode e até os que não pode.

Apto para ensinar: são todos os crentes aptos? Evidente que não. A meta é buscar mostrar que somente quem tem capacidade de ensinar seja presbítero, enquanto os outros crentes ficam com as cargas normais da vida, não precisando serem capazes de tal ensino.

Não dado ao vinho, não espancador, não cobiçoso de torpe ganância, mas moderado, não contencioso, não avarento; (1 Timóteo 3:3)

Não dado ao vinho: como já dissemos em nosso artigo sobre Gula e Embriaguez, não há pecado na embriaguez enquanto não gera contenda. O problema é que quem se dá ao vinho pode se esquecer da Lei de Deus (Pv 31:4, 5), deixe que somente os que passam por muita necessidade se embriaguem para esquecerem um pouco o sofrimento (Pv 31:6, 7). Como a embriaguez leva ao esquecimento, o melhor é que presbíteros não sejam dados ao vinho.

Não espancador: cremos ser autoexplicativo. Um homem dado a brigas (de punho mesmo) poderá, por acaso, contribuir para a paz da igreja? Enquanto um crente pode lutar boxe etc., um presbítero não teria motivo para ser aceito assim. Paulo poderia dizer "não iracundo", ou não dado à ira, mas ele mesmo já mostrou que a ira não é pecado, se limitada (ou seja, enquanto não vira vingança). Porém, o espancador pode ser alguém dado a brigas (devo lembrar que na Lei a mera briga nunca resulta em morte, apenas em compensação médica – Êx 21:18, 19 – mostrando que há absolvição de pecado caso a briga não resulte em maiores problemas).

Não cobiçoso de torpe ganância: essa tradução causa um espanto. A lógica de Paulo na verdade é aquela de Êxodo 18:21. Homens que aceitam suborno não podem ser presbíteros. E caso pense que não, imagine que tenha que excluir um indivíduo rico que se deitou com a esposa de outro homem... alguém "cobiçoso" de suborno dificilmente conseguirá executar esta tarefa. Um crente que busca pagar suborno não peca por isso, pois normalmente já pecou antes (para precisar pagar suborno...).

Moderado, não contencioso: a moderação aqui nada mais é do que uma paciência distinta da sobriedade. Aqui Paulo quer ressaltar que o presbítero deve ser paciente com os outros (enquanto a sobriedade é algo "para si mesmo"). Um bispo impaciente não conseguirá fazer os problemas serem resolvidos. Ainda mais se for contencioso. Novamente, outro termo traduzido de um modo que parece ser algo muito mais grave. A lógica de Paulo é que se precisa ser um homem educado, ou seja, não áspero. Você pode ser naturalmente um crente áspero, mas um presbítero deve ser gentil, aquela gentileza "educada" (não utilizamos "educação" no sentido de conhecimento aqui, mas de comportamento e relações tranquilas).

Não avarento: Paulo diz-nos em Colossenses que a avareza é idolatria (Cl 3:5), apenas esqueceram de te dizer que em Colossenses Paulo se vale de um termo que implica uso da violência na aquisição de lucro, enquanto aqui em Timóteo Paulo fala apenas de alguém que é dado ao lucro de modo simples (desejando sempre ter mais). Um crente, como Salomão ou qualquer outro, pode desejar fazer negócio para crescer financeiramente de modo exponencial, o presbítero, por outro lado, não terá tempo de governar a igreja se estiver cuidando dos próprios negócios.

Como se pode notar, é o serviço mais abnegado que existe, e por isso demandar que um presbítero não receba salário e ainda tenha que trabalhar com as próprias mãos em outros afazeres é abusar destes homens.

Note agora que a instrução toda de Paulo orbita em torno do versículo abaixo, e tudo o que ele quer que o presbítero seja é por causa deste princípio que ele passa agora:

Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia (Porque, se alguém não sabe governar a sua própria casa, terá cuidado da igreja de Deus?). (1 Timóteo 3:4, 5)

Ora, vemos aqui que um presbítero primeiro passa por um teste em um seminário bem específico: o seu lar. Um presbítero solteiro é um contrassenso administrativo, pois primeiro precisa ter governado esposa e filhos (no plural, afinal, precisa resolver demandas entre um e outro) para poder ter a mínima noção do que é governar a congregação de Deus. Em Tito 1:6 Paulo ainda complementa, dizendo que os filhos não podem ter sido acusados de excessos (apesar da tradução comum ser 'dissolução', não é o que se favorece no contexto) ou desobediência (portanto, os filhos precisam ter já certa idade capaz de autonomia, não sendo bebês).

Obs.: viu por qual motivo os pastores eram chamados pessoalmente por Cristo? Uma igreja que existia há, por exemplo, 5 anos, não teria como ter todo este processo pronto, daí a necessidade de homens miraculosamente prontos para o ministério. Aqui, porém, Paulo está falando de algo em longo prazo, e não mais em termos de dons miraculosos.

Não neófito, para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo. Convém também que tenha bom testemunho dos que estão de fora, para que não caia em afronta, e no laço do diabo. (1 Timóteo 3:6, 7)

Por fim, deve ser antigo na fé, pois um novato, mesmo tendo todos os recursos anteriores, pode acabar não sabendo como se esquivar da condenação pública do diabo (o diabo antes da segunda vinda de Cristo ainda detinha certo poder político no mundo), de forma que Paulo conecta isso ao testemunho dos que são descrentes, para evitar que seja acusado diante das autoridades por motivos quaisquer (note como é um ciclo perfeito, fechando em acordo com a irrepreensibilidade). Ah, repare que não ser novo na fé não pode ser modelo para o rebanho (1 Pd 5), tanto quanto apto para ensinar. Se este texto for compreendido neste sentido imperativo de modelo do rebanho, o rebanho terá sobre si uma carga maior do que pode suportar.

Obs.: em Mateus 4 o diabo claramente detinha os poderes políticos do mundo *gentílico* (Mt 4:8, 9 – cf. Sl 2:1, 2). A promessa de Deus era que os reinos do mundo cairiam diante de um reino maior (Dn 2:44 – Ap 11:15), e o diabo, claramente, perderia o poder político que tinha (Ap 12:10 – o diabo acusava os crentes, de modo que eram julgados injustamente). Não deveria ser surpresa que antes de Cristo quase todo governante arrogava a si o direito de ser adorado (desde tempos imemoriais), com esta exigência vindo abaixo após o ano 70 d.C., e passando das nações na medida em que elas vão sendo conquistadas. O poder do diabo foi removido do mundo. Assim, Paulo quer que o presbítero tenha experiência na fé, para não ser elevado demais a ponto de ser notado pelo diabo e nem ser acusado por descrentes e acabar caindo nas armadilhas montadas pelo diabo, que o fariam ser perseguido e morto pelos impérios (em especial Israel, que se tinha tornado como o Egito [Ap

11:8 – Cristo foi morto em Israel, mostrando que essa profecia era para aquela época]).

Qualquer um que ler o texto com calma aceitando exatamente o que o texto bíblico diz não cometerá o erro de transformar estas coisas em pecado, antes, saberá que são processos administrativos que, se não seguidos ao pé da letra, impedirão a igreja de ter bons presbíteros, aumentando a chance de erros e problemas causados pela falta dessas habilidades e controles.

Obs.: em Tito Paulo ensina por um contraste que pode nos enganar em primeiro momento no português. Por exemplo, em Tito 1:8, 9, os contrastes são: Soberbo x Hospitaleiro [que orgulhoso receberá os outros em casa e tratará com amor?], Iracundo x Amigo do Bem [não precisa nem de explicação], Dado ao Vinho x Moderado [consuma, mas com moderação], Espancador x Justo [mostrando que não se deve bater primeiro e perguntar depois, pois a justiça na Escritura é dar a paga correta, e não quebrar tudo primeiro], “Cobiçoso” (amante do suborno) x Piedoso [ou seja, com dedicação a Deus acima dos outros], sobrando, por último, “temperante”, termo que só aparece aqui no NT, mostrando que Paulo está fechando tudo com a ideia de que um presbítero deve ter um domínio próprio acima da maioria, para manter todas essas habilidades anteriores em funcionamento.

Ordenação:

Tanto na carta de Paulo a Tito quanto a Timóteo está claro um ponto: Tito e Timóteo é quem estabeleceriam estas autoridades. Autoridades essas que, portanto, são “ordenadas”, ou seja, postas por outras. Naturalmente, por causa da confusão histórica da igreja, isto é, de autoridades que tomaram indevidamente o poder para si, além de cargos inexistentes que também concederam poderes a pessoas mentirosas e descrentes, não é possível traçar uma linha ininterrupta até os primeiros crentes de uma autoridade derivada.

Os católicos romanos tentaram resolver este problema argumentando que o catolicismo tem essa linha, com papas sendo continuados desde Pedro (e o que fazer dos outros apóstolos que instituíram autoridades, como Paulo a Timóteo e Tito? Isso sem contar crentes armênios e outros que se desenvolveram em total desconexão de Roma). O argumento do católico está certo, evidentemente: precisamos de continuidade, mas ela não se deu somente pelo catolicismo.

Além disso, também é verdade que só uma autoridade passa autoridade para outra pessoa. Vemos isso na Lei (Nm 27:22, 23; Dt 34:9) e no Evangelho (1 Tm 4:14; 5:22; 2 Tm 1:6; At 6:6). De qualquer modo, o que temos com a confusão presente, é que é impossível seguir “as mãos corretas”, exceto naquilo que é evidente, como, por exemplo, homens que não vivam em pecado e tenham, em grande medida, as características dos presbíteros mencionadas acima. Desse modo, hoje apenas podemos aceitar que há uma passagem de autoridade de um indivíduo para outro sem que consigamos rastrear seu início.

Graças a Deus a Escritura também é mais simples do que os mestres modernos, como os puritanos. As listas são simples, embora pesadas, e não costumam exigir coisas que só os presbíteros de uma localidade podem atender. Dessa forma, os presbíteros podem se organizar em seus grupos para administrarem igrejas em uma cidade específica (sim, a igreja de Deus sempre foi fundada em termos de

idades, não de 'denominações' – o que não quer dizer que as denominações sejam automaticamente destruidoras da fé ou qualquer coisa que o valha).

O fato de as exigências serem pesadas para que alguém seja ordenado mostra, em conjunto, que não se trata de mandamentos (1 Jo 5:3). Assim, os presbíteros são aqueles que estão além do nível comum dos crentes, não por serem de uma segunda categoria santa de gente, mas por serem capazes de executarem boa administração, sendo que, mesmo entre presbíteros, há ao menos três categorias: os que governam, os que governam bem e os que pregam (1 Tm 5:17), dessa forma, mesmo seguindo a lista administrativa, se espera que entre os presbíteros seja comum alguns não exercerem a pregação (ainda que seja exigido que saibam pregar) e outros não serem absolutamente bons administradores da igreja, sem que com isso deixem de ser crentes – já pensou se a lista para a capacidade administrativa fosse sobre pecado? Jamais teríamos presbíteros 'comuns' crentes.

Obs.: note que para alguém ser presbítero não precisa ter um “dom”, mas certas capacidades administrativas além de ser capaz de ensinar as doutrinas cristãs (simplesmente como alguém que dá uma aula ou prega sem “poder do Espírito”). Dentro do texto vemos que a instrução de Paulo não é para que se ache alguém com certos dons, mas com capacidades administrativas e habilidade pregacional, somente isso.

DIÁCONOS

Creemos que tendo exposto o que é necessário para os presbíteros, não seja muito necessário explicar os diáconos, veja por si mesmo:

Da mesma sorte os diáconos sejam honestos, não de língua dobre [não falem uma coisa e façam outra], não dados a muito vinho [igual ao presbítero], não cobiçosos de torpe ganância [também]; guardando o mistério da fé numa consciência pura [sem pecados em sua consciência]. E também estes sejam primeiro provados [devem ser testados antes de serem diáconos], depois sirvam, se forem irrepreensíveis [não cometerem nenhum erro visível]. Da mesma sorte as esposas sejam honestas [dos diáconos], não maldizentes, sóbrias e fiéis em tudo. Os diáconos sejam maridos de uma só mulher [para auxiliarem no governo da igreja], e governem bem a seus filhos e suas próprias casas. Porque os que servirem bem como diáconos, adquirirão para si uma boa posição e muita confiança na fé que há em Cristo Jesus. (1 Timóteo 3:8-13)

Precisamos pontuar algumas coisas breves: os diáconos não têm o cargo de ensino (como é exigido do bispo, embora ele possa ter esta habilidade, claro – e notamos em Atos isso), mas precisam da capacidade de que suas esposas tenham certas características específicas, pois os diáconos servem à igreja fisicamente; considerando que o diácono não deve receber dinheiro, é possível que a esposa se sinta na necessidade de ser maldizente, visto que a mulher sente o impulso de que o marido ganhe bastante dinheiro (como o presbítero deve receber salário, não se menciona as mulheres, visto que mais facilmente podem acabar se submetendo).

Se você notar, em geral, não há especificação para que os diáconos recebam dinheiro para si em nenhum lugar, por isso não se menciona a “avareza” como

possível problema para o diácono; contudo, ao ver um pecado, pode se sentir acuado por receber uma proposta financeira (por isso não pode ser "cobiçoso").

Obs.: note, também, que 1 Tm 3 só fala da esposa do diácono não apenas por causa do fato financeiro, mas porque ele já tratou da esposa do bispo no final do capítulo 2, mostrando como a mulher (esposa) deve se portar na igreja e com o marido.

Tudo se encaixa perfeitamente, visto estarmos focados no cuidado espiritual e físico da igreja da forma como a escritura estabelece a administração dessas coisas.

Obs.: você pode estar sentindo falta de algo do AT para explicar a existência dos diáconos. O fato é que eles são servos auxiliares, algo que naturalmente vem do termo grego. A lógica do texto bíblico é que, assim como os sacerdotes possuíam auxiliares (inclusive para cuidar dos animais, sendo outros levitas que não pregavam), os presbíteros precisam do mesmo auxílio no NT. É um papel conjunto que surge pela necessidade de cuidar da igreja e administrar tudo o que ela tem. Em último caso, entre o presbítero e o diácono, este último tem o cargo mais administrativo possível, pois só precisa existir numa igreja na medida em que ela precisa de cuidados físicos (At 6:1-6) – se uma igreja não precisa de cuidados físicos, não precisa de diáconos.

CULTO

Como argumentamos no nosso texto sobre o capítulo 21 da CFW, a presença de um presbítero é que inclui no culto a pregação, mas sem presbíteros o culto é, no total, o canto e o louvor *sem a pregação* (além de incluir ajuda aos necessitados). Não podemos confundir as coisas. Cessamos assim a lógica de que só é possível haver culto público com presbíteros, embora seja "impossível" haver pregação sem eles (eu sei que leigos frequentemente pregam, mas estamos falando do estabelecimento bíblico, não do que ocorre).

Autoridade:

Deveria ser simples: a autoridade do presbítero é mais limitada do que os pastores que vieram para um momento particular. Enquanto os pastores podiam definir muito mais tarefas, ao presbítero foi dado o papel de pregar e ser aquele que conduz a igreja em oração e pregação. Dessa forma, a autoridade dele é muito grande, pois pode perverter uma igreja tanto quanto abençoa-la. Mas ele não tem poder de determinar, como os pastores, se alguém deve sair de um lugar para outro etc., pois ele não foi naturalmente dotado com a ciência e inteligência prevista em Jeremias para os pastores.

Assim, o presbítero exerce um papel muito mais espiritual do que muitas igrejas estão dispostas a admitir. Por isso, embora eles sejam dignos de salário (1 Tm 5...), e possam até exigir certa quantia (como 10%), não faz sentido que esperemos que eles definam o que você fará, usará e o quanto poderá frequentar cada dia de culto a Deus, exceto o que Deus mesmo definiu na Lei. O poder que ele tem para exigir certa quantia está ligado ao fato de não poder trabalhar fora da igreja ("não tem herança") e de que é necessário o mínimo possível para subsistência (pense numa igreja pequena, 10% não fará mal no geral e muito provavelmente sustentará 1

presbítero com certa dificuldade – apesar de que poderiam abrir mão de alguns itens para aumentar o pagamento dele).

Dessa forma, o presbítero tem poder para excluir indivíduos da igreja tanto quanto os anciãos julgavam Israel para definir quem seria condenado à morte ou não (havia casos em que um pecado em particular não resultaria inevitavelmente em morte se a vítima aceitasse uma compensação financeira). A igreja, como Reino de Deus, deve ter seus juízes para excluírem somente conforme sua Lei. E, como temos trabalhado neste livro, mais da metade das exclusões que ocorrem no meio evangélico não são por pecados reais, mas questões culturais, contextuais etc. Imagine um israelita sendo condenado à morte porque não usou camiseta... isso nunca ocorreria, não num mundo onde Deus mesmo até mandou um profeta andar nu (Is 20) – e sabemos que Deus não nos ordena pecar.

Se um presbitério (ajuntamento de presbíteros) exclui por um falso pecado, ele será julgado por Deus e todos os que estão abaixo dele em conjunto. Por isso, não devemos confundir as coisas. Será real a exclusão tanto quanto era real a morte de alguém no AT, se julgado injustamente. Mas tal exclusão será cobrada por Deus. Isso é muito mais sério do que sair de uma denominação para outra, pois resulta em penalidades para os indivíduos e sofrimento.

Ainda neste tópico é preciso resolver um último ponto:

Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé, no amor e na santificação. (1 Timóteo 2:12-15)

Isso causava dor aos ouvidos gregos, visto que as mulheres com frequência eram sacerdotisas (acha que Paulo instruiu isso do nada?). Na verdade, as mulheres e os poderes matriarcais eram muito maiores naquele contexto do que nossa cultura moderna está disposta a aceitar, de forma que a instrução de Paulo não provém de um "machismo", mas muito mais do fato de isso ser mais comum do que parece, isto é, mulheres exercendo autoridade masculina.

Essa passagem é muito clara: a mulher não pode ensinar (logo, tira ela do cargo de presbítero), exceto as mais velhas e somente a outras mulheres e nos assuntos convenientes ao casamento (Tito 2:3-5). Mas vejamos o que Paulo está dizendo.

Primeiro Adão foi formado: parece tolo, mas a lógica da Escritura é que sempre o que vem primeiro tem maior autoridade. Adão foi formado Primeiro para fechar a criação de Deus, e isso significaria o fim, se Deus não achasse que não era bom o homem viver só. Assim, Eva foi criada para o bem *de Adão*. Veja, Paulo começa não com o pecado, mas com a criação, provando que a hierarquia não existe por causa do pecado, e sim por causa de Deus – afinal, Deus, mesmo sem pecado, é hierarquicamente superior aos anjos, e até entre anjo e anjo há hierarquia, não devemos supor que os homens seriam os únicos a escaparem a isto.

A maldição de Deus para a mulher ("sua vontade para seu marido, e ele te dominará" – Gn 3:16) precisa ser visto de outro modo, visto que a hierarquia não é maldição. E a tradução abaixo seria a mais coerente com o texto e o seu sentido:

Sua vontade será contra seu marido, mas ele te dominará

Ironicamente, a vontade da igreja (esposa) no AT era contra Deus (o marido), mas Deus ainda assim a dominava.

E Adão não foi enganado: Qual o valor dessa informação? Pense que Paulo esteja apenas dizendo que Eva foi enganada. Para que isso serviria neste momento? É bem simples: a mulher não deve exercer autoridade porque é mais facilmente enganada do que um homem (e poderíamos elencar vários motivos pra isso). Da mesma forma como cada homem segue a lógica de Adão (de que vem primeiro e, portanto, lidera) a mulher segue a lógica da primeira mulher (de que foi enganada e, portanto, é facilmente enganada).

Obs.: o “salvar-se-á dando à luz” é um comentário de Paulo sobre Eva, não sobre as mulheres em geral. A mulher seria salva a partir da semente dela mesma (Gn 3:15), dessa forma, Paulo conclui dizendo que a salvação alcançou às mulheres por causa do tratamento de Deus com Eva: de que precisava dar à luz para ser salva.

Portanto, “presbítera” é um contrassenso, não só porque em Israel nunca houve sacerdotisa levita ou “ancião” mulher, mas porque toda a Escritura prova que as mulheres não podem e não devem ser autoridade de nenhum modo, nem em casa e nem em conjunto com a igreja.

Conclusão:

- O pastorado deixou de existir;
- Presbíteros e diáconos existem e são continuidades necessárias para o bem da igreja;
- Os presbíteros têm características únicas que não são sobre pecado, mas administração.

O MILÊNIO

O assunto do Milênio há anos vem sendo tratado em cima de um único tripé: “pré-milenismo”, “pósmilenismo” e “amilenismo”. Aqui – onde **não** farei a apresentação dos termos mencionados -, porém, desejamos apresentar algo que nunca é cogitado por estes autores, e que eles até mesmo riem, por acharem absolutamente inviável. Esperamos esclarecer não só que estas posições acima não são as “únicas opções possíveis”, mas que estão equivocadas por partirem do *nosso ponto de vista*, e não do ponto de vista de quem escreveu e recebeu a carta de Apocalipse.

Abaixo consideraremos os textos principais, suas sombras, realidades e evitando a parte “cansativa exegética” para que o leitor menos habituado consiga seguir o raciocínio. Também buscaremos limitar em termos de “lugar” e “tempo” o que o milênio significa nas Escrituras, e quais passagens do AT e NT fazem referência a ele. Por isso, após nos situarmos nos marcadores temporais que Apocalipse 20 nos dá, imediatamente buscaremos as referências ao milênio na Lei de Deus e, em seguida, nos profetas e salmos – a menos que você ache que João tenha inovado

em referência ao milênio. Este texto terá conexão íntima com o comentário que fizemos no cap. 25 da CFW.

APOCALIPSE – SITUANDO LOCAL E TEMPORALMENTE

*E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, **para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem**. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo. E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos. E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e **sairá a enganar as nações** que estão sob os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou. (Apocalipse 20:1-9)*

Os teólogos ensinam que é necessário fazer certas perguntas ao texto, porém, quando é para favorecer o interesse deles não é comum que façam essas mesmas questões. Questões como "Onde?", "Quando?", "A/Pra Quem?". Por isso, nesse primeiro momento, faremos apenas estas perguntas ao texto, sem nos preocupar em explicar o que são os "mil anos" – vamos ver como as instruções dos teólogos se aplicam aqui contra eles mesmos.

Onde: essa pergunta levanta alguns pontos – é no céu? Na Terra? Se na Terra, é em toda ela? Essas perguntas precisam ser consideradas dentro do sentido do texto, pois as respostas a elas impedem que divaguemos de acordo o que vemos ocorrer no mundo. Assim, a pergunta retorna: onde?

1 – No céu: o evento do milênio é algo celestial/espiritual antes de tudo. Um anjo desce do céu para *prender* o dragão pelo período determinado, ao fim do qual este seria novamente solto: ou seja, a atuação dele no céu seria limitada por este tempo. Outro evento celestial são os tronos e as almas (ou seja, dos mortos, não vivos). Portanto, novamente, ainda não estamos falando de algo que pode ser percebido do ponto de vista da terra. Isso é importante porque quem reina com Cristo *são os mortos degolados* e não os vivos na terra. Por padrão, isso sozinho aniquila todas as três posições comuns sobre o milênio, que sempre trazem o "reino milenar" para a terra, no sentido em que se resulte em algo político ou coisa semelhante. Embora seja verdade que haja eventos para a terra, que veremos abaixo.

2 – Na terra: se engana quem pensa que a resposta é mutuamente exclusiva, pois eventos celestiais têm correspondência terrena. E qual é essa correspondência? "As nações", "Gogue e Magogue", "largura da terra", "arraial dos santos e a **cidade amada**". É importante que você note que o texto não é tão universal quanto parece, pois nas Escrituras "nações" geralmente não se referem a todos os povos

existentes no globo, mas aos conhecidos pelos judeus, de tal forma que Paulo sabia que em sua época o Evangelho já havia sido pregado a todos os povos em geral (Cl 1:23); e isso fica mais evidente com os termos Gogue e Magogue, que se referiam à região mais ao "norte" de Israel, ou seja, Israel é a referência, e não outros povos. Veja em Daniel 4:10, 11, 20-22 que a Babilônia era um reino até os **confins da terra**, no entanto, seu reino não passava do Crescente Fértil na região hoje chamada de Mesopotâmia.

Porém, aquilo que deixa tudo mais intrigante é que "largura da terra" não é um exército do tamanho do mundo, e sim, de toda uma terra, ou uma região, algo como um cerco, o que é confirmado logo em seguida, quando se diz que o "arraial dos santos" é cercado. Em última instância, na realidade, o texto ainda limita a uma localidade, à "cidade amada", isto é, Jerusalém (Ez 38:16) - que está em vista quando se considera os mil anos. Portanto, no que diz respeito ao "fim" do reino de Cristo, tal se daria pelo conflito contra Jerusalém, e não contra a igreja em geral, pelo mundo. Ah, e perceba que se fala do arraial dos santos, portanto, precisa ser um momento em que a presença de cristãos era preponderante em Israel.

As respostas ao "onde" nos permitem, previamente, concluir que não é de um evento em escala universal como atualmente se crê, mas extremamente local: Israel e suas adjacências - as nações e povos dentro dos limites conhecidos naquela época.

Quando: o fato de se mencionar a cidade amada já deve nos levar a crer que o texto está situando não num futuro distante, pois Israel deixou de existir (e o que há hoje é apenas uma imitação daquele povo de sangue judeu puro), de modo que o "quando" precisa considerar a existência de um lugar (o "onde"). Além disso, existem outros marcadores temporais no texto: a besta, a morte por Jesus, o "engano" das nações.

Obs.: não somos contra a existência do Estado de Israel atual, estamos apenas dizendo que os que se chamam judeus hoje não o são de sangue puro como eram aqueles que viviam em Israel ainda naquela época (lembre-se que até os judeus daquela época que tinham perdido certa pureza de sangue precisaram se deslocar, e foram conhecidos como "samaritanos"). Não queremos nos envolver com as questões políticas, por mais que o leitor, que ame ou odeie a atual Israel, certamente entenda esta parte erroneamente.

A Besta: não poderemos tratar de tudo o que a envolve, porém, é notável que o texto considera que o evento dos mil anos está atrelado à besta, e não a uma época posterior a ela. Ou seja, com a Besta sendo o Império Romano (há muitos outros textos que provam isso - cf. Ap 13:1-10 [que descreve o pano de fundo de Ap 20, e aponta que a autoridade da besta duraria 42 meses, o tempo exato que durou o cerco romano à Jerusalém]), é óbvio que tal evento de Ap 20 deve durar somente dentro dos limites de tempo em que o Império Romano durou.

Obs.: muitos dizem que o cerco à Jerusalém durou *seis meses*, mas existe uma falha nesse entendimento. O conflito que levou ao cerco *final* já estava durando três anos, com os seis meses finais sendo a parte referente à invasão para destruição da cidade. A confusão se baseia por causa da definição de "cerco". O ponto é que os judeus

estavam cercados por soldados romanos durante todo o conflito, porém, o “cerco” da cidade santa no sentido estrito do termo durou quase seis meses.

A morte por Jesus: o texto fala dos crentes degolados por causa de Cristo, pontuando um momento de perseguição física intensa sobre toda a igreja, algo que nem de perto se repete hoje, embora o cômputo total atual de crentes mortos seja maior do que da igreja primitiva (será?).

Engano das nações: é incrível como muita gente entende isso errado. Ora, o texto de Ap 13 e 20 é claro – enquanto satanás está preso, a besta tem poder, portanto, ele não pode estar falando que os povos deixariam de adorar o diabo ou ter outros deuses, mas sim que o “engano” dos povos acabaria durante este período de mil anos (cf. Mt 12:29 – Salvar pessoas era “saquear homens do poder do diabo” enquanto este estava preso). Neste caso, a verdade de Deus chegaria aos outros povos, independente de eles crerem ou não nessa verdade – algo que não ocorria sob o AT, apenas de modo muito limitado.

Ora, quem pode negar que, como resultado disso, as nações em torno de Israel tiveram convertidos sem conta, como nunca houve em toda a história do AT? Portanto, é evidente que o texto está relatando 3 momentos: 1º: os povos deixam de ser enganados; 2º: o evangelho perde alcance temporário; 3º: o evangelho volta a crescer (pois satanás é jogado no lago de fogo, perdendo finalmente todo o poder geral sobre as nações no que diz respeito ao engano delas), contudo, as nações não deixam de precisarem de cura, mesmo no “Novo Céu e Nova Terra”, pois pecados persistem nelas (Ap 22:2). Chamo sua atenção para que volte aos versículos e os leia novamente, para conferir se o que estamos dizendo e pontuando está realmente no texto.

Quem: pense que este texto esteja falando para crentes 2 mil anos após Cristo. Qual o consolo para a igreja que era perseguida? Lembre-se que o texto está falando dos degolados por Cristo, daquela época (Ap 1:9). Afinal, que mensagem tola estariam aqueles crentes recebendo sabendo que seus degolados ainda esperariam mais de dois, três ou quatro mil anos até o julgamento final? João quer sinalizar que a besta que matou os santos seria julgada (Ap 20:10), portanto, por qual razão essa besta deixaria de existir e só depois de milênios seria julgada? Assim, pela leitura do próprio texto, o “quem” e “pra quem”, são os cristãos primitivos, e não nós.

Obs.: note que os “mil anos” não são citados explicitamente em nenhum texto apocalíptico fora deste (porém, João não tirou do nada essa informação, claro). Por exemplo, em Mateus 24 Jesus fala sobre o evangelho ser pregado a outros povos (o que se cruzará com algumas informações abaixo), porém não menciona nada sobre milênio ou qualquer coisa semelhante. O ponto, na verdade, é que “milênio” é meramente algo que ocorre no céu, não na terra como tal e, portanto, não há sentido em que se descreva estes acontecimentos em todos os textos apocalípticos, já que seu relato existe para consolar a igreja perseguida que havia perdido muitos dos seus pela perseguição.

MIL ANOS NO AT

Adão

porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (Gênesis 2:17)

E foram todos os dias que Adão viveu, novecentos e trinta anos, e morreu. (Gênesis 5:5)

Todos os que leem o texto de Gênesis 2:17 precisam "espiritualizar" algo: ou dizem que no dia que Adão comeu o fruto ele morreu espiritualmente, ou que "dia" não quer dizer um período de 24 horas. Outros ainda tentam juntar essas duas coisas de algum modo. Mas não nos deteremos em todas as possibilidades, vamos apenas concordar com o fato de que há um sentido espiritual no texto. A dúvida é se este sentido se refere à morte ou ao "dia" da morte:

até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás. (Gênesis 3:19)

Ora, no que diz respeito ao sentido, o texto de Gênesis 2:17 está claramente se referindo à morte física, pois é isso que é dito como condenação a Adão: portanto, o que tem um sentido espiritual no texto não é a "morte" e sim o "dia", com este tendo durado, ao menos, 930 anos.

Obs.: o texto de Gênesis 1 – 3 é literal, algo que Paulo mesmo afirma, pois só pode haver espiritual por haver algo carnal, ou natural (1 Co 15:47). O princípio, entretanto, que Paulo submete o texto de Gênesis 1 – 3 é que nos interessa: a literalidade do texto implica uma espiritualidade futura, ou seja, algo que não pode ser medido no mesmo sentido em que aconteceu na primeira vez: assim, o carnal e mortal dá lugar ao espiritual e eterno, o jardim físico e local, dá lugar a um jardim espiritual e mundial etc. – sobre isso discutiremos brevemente em outro texto.

Vamos considerar a mensagem de Deus: Adão morreria no mesmo dia, não depois deste dia. Portanto, 930 anos ainda é o mesmo dia de Adão. O que quer dizer que para Deus 930 anos não acaba com um dia, nos fazendo crer que para fechar um ciclo completo precisaríamos de mais alguns anos, fechando um período perfeito; neste caso, estaríamos falando de mil anos – visto que nenhum descendente de Adão viveu igual ou superior a este período.

Porém, perceba que Adão foi expulso do jardim não podendo voltar a ele (Gn 3:23, 24). Ora, o que era o Éden? Literalmente, a tradução (não significado, e sim a tradução do termo) é Prazer ou Paraíso (Lc 23:43). Portanto, só quem vivesse no Jardim de Deus e no Éden poderia viver no Paraíso. Assim, o Jardim prediz uma vida diante de Deus, de modo que quem fosse para o paraíso viveria inteiramente um dia (conhecido como "Hoje" quando Cristo foi crucificado – Lc 23:43; Hb 3:13). E quem estivesse fora do Éden não teria seu tempo de vida registrado (Gn 4:16 [daqui pra frente, só a descendência santa tem seu tempo de vida registrado, mostrando que os outros estavam mortos, ainda que "vivos"]).

Dessa forma, Deus ensina que quem permanece por mil anos *vive*, e quem não permanece por mil anos *morre*. Assim, a mensagem da morte de Adão é que viver menos de mil anos significa morte, enquanto que viver mil anos significa vida. Acrescente a isso o fato de que Adão não herdou o reino de Deus, pois era de carne e sangue, e carne e sangue não herdam o reino de Deus (1 Co 15:50 [ou seja, Adão foi feito para cair]), de modo que viver mil anos só é possível *sem carne e sangue, pois na carne e no sangue não é possível atingir os mil anos de Gênesis*. Além disso, só é possível

viver mil anos no Paraíso, não fora dele, por isso Adão foi expulso de lá e, como o Paraíso era o céu (Lc 23:43), só quem estivesse no céu poderia viver “mil anos”.

Salmo

Tu reduces o homem à destruição; e dizes: Tornai-vos, filhos dos homens. Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou, e como a vigília da noite. Tu os levavas como uma corrente de água; são como um sono; de manhã são como a erva que cresce. De madrugada floresce e cresce; à tarde corta-se e seca. Pois somos consumidos pela tua ira, e pelo teu furor somos angustiados. Diante de ti puseste as nossas iniquidades, os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto. Pois todos os nossos dias vão passando na tua indignação; passamos os nossos anos como um conto que se conta. Os dias da nossa vida chegam a setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o orgulho deles é cansada e enfado, pois cedo se corta e vamos voando. [...] Farta-nos de madrugada com a tua benignidade, para que nos regozijemos, e nos alegremos todos os nossos dias.(Salmos 90:3-10, 14)

De onde o salmista puxou a ideia de falar sobre mil anos e compará-los aos nossos 70 ou 80 anos? Ora, claramente do fato de que ninguém chegou aos mil anos e de que Adão morreu antes de alcançá-los – o salmista interpretou Gênesis 2 e 5 como interpretamos acima. Porém, agora, note primeiro o grande contraste: **para** Deus ou **diante** dele, mil anos é como um dia, contudo, **nós** temos os nossos dias. Isso é claro no Salmo, pois ele começa dizendo que o Senhor reduz à destruição o homem, justamente porque para Deus mil anos é como o dia de ontem, ou seja, o fato de o homem ser destruído ou morto é justificado pelo fato de mil anos serem para Deus como nada e, por isso, quem vive os mil anos de Deus vive, em contraste ao homem que é destruído antes de acabar o dia (algo reafirmado neste salmo).

Obs.: perceba que este salmo nos ensina que não devemos buscar cruzar a contagem do tempo de Deus com a nossa, ou seja, ao se dizer que Deus criou o mundo em 6 dias não é para pensarmos que ele o fez em 6 mil anos, pois não é esta a mensagem que os mil anos *diante de Deus* ensina. A meta do salmo é contrastar a destruição, morte, “secar” etc., com os mil anos de Deus, daí o “porque”. Se pergunte como um “porque” explica o fato de Deus reduzir o homem à destruição e entenderá o ponto.

Deve-se notar a força disso: o salmista contrasta mil anos diante de Deus com a morte nossa na terra, em por volta dos 80 anos (“Diante de ti **puseste as nossas iniquidades**, os nossos pecados ocultos, à luz do teu rosto. **Pois** todos os nossos dias vão passando na tua indignação”). Para o salmista, morrer aos 80 anos é sinal da ira de Deus, enquanto os mil anos não são sinal da ira de Deus (pois é *diante dele*). Quem vive diante de Deus, vive “mil anos”, mas não necessariamente na contagem de tempo de Adão – já que nenhuma pessoa pode atingir mil anos fisicamente.

Poderíamos inverter o salmo para entender melhor: “O homem que tu não destróis [...] vive mil anos aos teus olhos”. Talvez você não concorde que essa seja a inversão do texto, porém, só assim conseguiríamos compreender a sua mensagem, já que o “porque” justifica a destruição do homem, logo, se o homem não é destruído, ele vive estes mil anos *diante de Deus* (não na terra).

Dessa forma, Deus ensina que mil anos é viver, embora não possamos contar da mesma forma que contamos nosso tempo de vida comum, ou seja, não podemos supor que mil anos seja, meramente, um período longo ou curto, pois seu sentido é somente *viver diante de/com Deus*.

Ezequiel

Até então nossa verificação dos textos nos aponta para coisas que não nos permitem limitar o ocorrido dos mil anos, pois nem tem como sabermos se é muito ou pouco tempo, nem se estes mil anos se dão por todo o mundo conhecido hoje ou não. Por isso precisamos de outro texto a que João se referiu relacionando aos mil anos, o texto de Ezequiel 37-42 (leia todos estes capítulos inteiros, pois aqui o espaço nos limitará apenas a alguns pontos essenciais):

Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu abrirei os vossos sepulcros, e vos farei subir das vossas sepulturas, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E sabereis que eu sou o Senhor, quando eu abrir os vossos sepulcros, e vos fizer subir das vossas sepulturas, ó povo meu. E porei em vós o meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que eu, o SENHOR, disse isto, e o fiz, diz o SENHOR. (Ezequiel 37:12-14)

Note que até agora o texto está falando de uma vida. Porém, lembre-se, estamos no AT e, portanto, a vida de carne e sangue é apenas um eco da vida vivida com o Senhor. Comentaremos ainda melhor abaixo essas coisas. (cf. João 5:28; Fp 1:23 [Paulo estaria com Cristo se morresse]).

Dize-lhes pois: Assim diz o Senhor DEUS: Eis que eu tomarei os filhos de Israel dentre os gentios, para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei à sua terra. E deles farei uma nação na terra, nos montes de Israel, e um rei será rei de todos eles, e nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos. E nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com as suas transgressões, e os livrarei de todas as suas habitações, em que pecaram, e os purificarei. Assim eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. E meu servo Davi será rei sobre eles, e todos eles terão um só pastor; e andarão nos meus juízos e guardarão os meus estatutos, e os observarão. (Ezequiel 37:21-24)

Veja o progresso claro: agora o texto está relatando que enquanto (o verdadeiro) Israel vive diante de Deus, Davi reina sobre todos, em especial sobre todos da terra que vieram de várias nações (Israel do AT já era uma nação, formar outra nação de Israel, portanto, significa que estamos falando de outros povos). Cf. 1 Pd 5:4; 2:25; Hb 13:20. Além disso, note que em ambas as partes existe o interesse de que se traga "de volta à terra", tanto os do sepulcro quanto os dispersos – ou seja, estamos falando de uma "ressurreição" (Ap 20 fala de uma 'primeira ressurreição') que põe os mortos sob o reino de Davi, enquanto, ao mesmo tempo, o povo de Deus é congregado de todo o mundo (te lembra algo?).

Obs.: Davi já tinha morrido quando Ezequiel profetizou, portanto, a ressurreição anterior não está falando só dos mortos de Israel em geral, mas de Davi também, sendo ressurreto espiritualmente, ou seja, como sombra do Messias, que de fato reinaria sobre todo o Israel que seria revivido na primeira ressurreição.

E dirás: Subirei [Gogue] contra a terra das aldeias não muradas; virei contra os que estão em repouso, que habitam seguros; todos eles habitam sem muro, e não têm ferrolhos nem portas; a fim de tomar o despojo, e para arrebatara presa, e tornar a tua mão contra as terras desertas que agora se acham habitadas, e contra o povo que se congregou dentre as nações, o qual adquiriu gado e bens, e habita no meio da terra. Ezequiel 38:11,12

Ao fim do reinado de Davi, Gogue invade a terra. Veja que o cap. 37 diz que Israel seria congregado de entre as nações e agora está se dizendo que Gogue se levantaria contra essa Israel congregada de entre as nações (não aquela Israel que veio do Egito somente). Portanto, enquanto uns vivem "ressurretos" e outros foram congregados dos povos, algo mudaria, fazendo com que Gogue, após o período em que o povo vivia em repouso (sem guerra), invadissem essa terra sem muros – ou seja, estamos falando de um povo que atacaria os crentes e buscaria cerca-los em um único lugar. Isso deveria te lembrar não somente dos crentes em Jerusalém, mas sob o Império Romano, que foram perseguidos durante o ano 64 d.C., sob Nero – que perturbou os cristãos sem estes lhe fazerem nada.

E subirás contra o meu povo Israel, como uma nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias sucederá que hei de trazer-te contra a minha terra, para que os gentios me conheçam a mim, quando eu me houver santificado em ti, ó Gogue, diante dos seus olhos. (Ezequiel 38:16)

Por último, veja que aqui está clara a demonstração de que é "nos últimos dias" que estes eventos se dariam (cf. nosso texto em que tratamos brevemente dos "últimos dias"). Neste caso, "cobrir a terra" é meramente "cobrir Israel", não o mundo. Este é o paralelo que João está estabelecendo e que está reafirmando que ocorreria nos seus dias.

Apocalipse 20 – 22 emula, por assim dizer, todos estes capítulos de Ezequiel, com o reino milenar ('olam) de Davi, a investida de Gogue e Magogue (cap. 38 e 39), a nova casa de Deus entre o povo (cap. 40 – 42) etc. E isso nos ajuda a localizar as passagens: os ossos secos que saem dos sepulcros e vivem são os santos de Ap 20 que estão diante de Deus, e que reinam com Davi (note que viver aqui é sinônimo de reinar). Posteriormente, ao fim do reinado de Davi, os outros povos se levantariam contra os santos congregados de todas as nações (se você ler Ezequiel 37 e 38 notará o progresso cronológico claramente).

Dessa forma, Ezequiel prevê um período em que os mortos viveriam (ou seja, "mil anos"), ao mesmo tempo que Davi reinaria, com isso sendo não necessariamente limitado por um tempo específico fechado.

Obs.: em um texto posterior contrastarei melhor a questão de "sombra x realidade", porém, cabe notar que a profecia de Ezequiel significava algo para o povo que a recebeu, de forma literal. Contudo, espiritualmente, ela se refere também ao povo de Deus no NT, durante o período do reinado do Messias, e que se finalizaria após a batalha de Gogue e Magogue, fechando o ciclo perfeito presente nos mil anos (cf. Rm 15:4 ["nós" no texto se refere aos crentes primitivos que recebiam a carta de Paulo – para este "nós" é que o AT havia sido escrito primeiramente]).

Aqui apenas vimos de modo geral que "mil anos" não tem a ver com tempo, e sim com **vida**. A literalidade de Gênesis em contraste com a espiritualidade do NT, com o auxílio dos salmos e profetas, nos faz entender que quando Apocalipse 20 fala

de mil anos não quer ressaltar um *tempo*, e sim a *vida dos que morreram* (como Ezequiel faz dos que estão no sepulcro no capítulo 37 imediatamente ao começar o reinado de Davi [que não pode ser o Davi carnal, portanto, não podemos presumir que os que voltam do sepulcro o façam carnalmente, mas ali vemos por sombra a realidade]).

Obs.: pode parecer estranho que em Ap 20 se diga que a cidade é apenas cercada, porém, o ponto é que ou essa cidade seria a de Ap 21 – 22 (a qual é impossível ser cercada, visto estar espalhada pelo mundo), ou o texto está fazendo uma sobreposição: enquanto os cristãos estão em Jerusalém terrestre, serão cercados, mas sobreviveriam a isso, pois seus inimigos morreriam (como ocorreu com Nero, o perseguidor da igreja [“fogo” não quer dizer nada além de morte neste caso]).

MIL ANOS NO NT

Pedro

E dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. [...] Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para convosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. (2 Pedro 3:4, 8, 9)

Veja que a questão não é matemática neste texto. Não é para buscarmos equivaler 1000 a 1 dia e 1 dia a 1000 anos, isso nem faria sentido (um dia nosso equivale a 1000 anos de Deus?). O ponto de Pedro é, ecoando parte do Salmo que já vimos, acalmar os crentes que se viam atacados por ímpios, que afirmavam que Cristo havia dito que retornaria naquela geração, mas ainda não tinha voltado.

Diante dessa acusação de atraso é que Pedro diz que para o Senhor o tempo não é um problema, pois Deus queria que aqueles que tinha recebido a carta se arrependessem a tempo do retorno de Cristo. Assim, a mensagem é que, no que diz respeito à terra, Pedro está dizendo que durante os mil anos os homens estariam se arrependendo dos seus pecados (note que as cartas de Pedro são aos gentios: 'outras nações', portanto, até que todas elas tivessem se convertido/arrependido, não faria sentido que os mil anos terminassem – isso te lembra algo?).

Este texto, de fato, não responde muita coisa sobre o milênio, pois busca apenas consolar os crentes sob o fato de que a promessa de Deus se cumpriria, quer pareça que leve muito tempo quer não. Posteriormente retornaremos a este para explicar o seu contexto devidamente, por hora, entretanto, não é necessário aprofundarmos mais nos detalhes (como de que "elementos" se referem às coisas do AT, ou de que o "céu" se refere ao estado de governo de Israel etc.)

O REINO – QUANTO TEMPO?

Sabendo do que ocorre no Céu em relação aos mil anos, e tendo notado que o foco, na terra, é a conversão das nações (isto é, de indivíduos dessas nações, não elas inteiras), precisamos então considerar o tempo em que estes eventos se dariam, ou seja, não se mil anos celestiais equivalem a 1 dia na terra ou se mil anos na terra equivale a um dia no céu, mas sim sobre quanto tempo durou o reino de

Cristo do ponto de vista da terra apenas, já que os mil anos se referem meramente à vida diante de Deus, e não ao tempo. Para isso é preciso notar que a Escritura trabalha frequentemente com comparações como, por exemplo, quando Jesus é comparado a Moisés, Davi e Salomão. Vejamos essas comparações (entre muitas outras que poderíamos fazer):

Obs.: selecionamos Moisés, Davi e Salomão apenas por serem as maiores personalidades do AT, e por serem citados no NT de algum modo direcionado ao Messias.

As comparações

Moisés: Como sabemos que Jesus é comparado a Moisés? Sabemos disso, pois não só Cristo afirma que Moisés escreveu sobre ele (Jo 5:46), como em um momento específico Moisés prediz a vinda do Messias diretamente:

O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis; (Deuteronomio 18:15)

Pergunte à toda a escritura, qual outro profeta foi como Moisés? Ou que tenha sido testificado por sinais publicamente como a Moisés? Somente Jesus foi como Moisés neste sentido. Porém, o mais interessante paralelo é que Jesus, ao ressuscitar, passou a guiar o povo, como supremo pastor, à Nova Terra e Novo Céu, isto é, realizava espiritualmente o que Moisés fez por sombra.

Por esta razão, Moisés é em si a sombra do "único profeta" profetizado por ele mesmo, e que guiaria o povo não mais para uma terra que pode ser destruída nas guerras, mas a uma que permanece para sempre. Moisés guiou a Israel por 40 anos (Dt 2:7).

Davi: Vimos acima, em Ezequiel, que o Messias é claramente chamado de Davi, algo que, cremos, não ser necessário mais provas. Porém, por qual razão ele é assim chamado? Bem simples, pois, conforme Ezequiel mostra, sob este supremo pastor, o seu povo seria reunido de todas as nações e não se dividiria mais em dois (como ocorria no AT). E o que Davi fez a Israel senão unir um povo separado? Israel se dividia em dois reinos, tendo sido Davi o responsável por unir estes: de modo que Davi reinou **sete anos no sul** (Judá e Jerusalém) e depois 33 anos no norte, somando 40 anos de reinado total (1 Rs 2:11).

Salomão: Não menos importante é Salomão, sob quem o governo cresceu e prosperou por causa de sua sabedoria. Para ele foi dito: "eu [o Senhor] lhe serei por pai, e ele me será por Filho" (2 Sm 7:14), que no NT é aplicado ao nosso Senhor Jesus (Hb 1:5). O Reino de Salomão, portanto, por ser "para sempre" (1 Cr 28:6, 7) ecoava o poder do reino do Messias. Salomão reinou por 40 anos (1 Rs 11:42) – mesmo sendo "para sempre".

Ora, todos estes apontam detalhes específicos: um [Moisés] que guia o povo peregrino (1 Pd 2:11), outro [Davi] que junta este povo como um pastor (Jo 10:16) e ainda outro [Salomão] que faz este mesmo povo crescer sabiamente (Mt 12:42). Cada um se volta para um aspecto do Messias, embora todos estes tenham exatamente o mesmo período de governo. Talvez, e mais interessante, seja se

olharmos o governo de Davi, no qual vemos que primeiro esteve sobre os "judeus principais" (2 Sm 5:5) e, depois, sobre o resto de Israel:

Judá, assim como Isaque, deixa de simbolizar diretamente o próprio povo de Israel/Igreja do AT e passa a sinalizar a igreja do NT (Gl 4:25-28), e o resto de Israel passa a sinalizar a igreja gentílica. Note qual é o ponto: Deus havia prometido que judeus seriam salvos, mas que também os gentios seriam parte maior da igreja. Para tanto, primeiro, no Pentecostes (At 2), Pedro pregou para judeus que vinham de várias regiões (ou seja, congregados de vários povos), os quais se converteram, e se tornaram a casa de Judá, e o centro do governo e Lei de Deus (Is 2:3 [Jerusalém era em Judá – veja que a profecia trata dos "últimos dias", v. 2]). Porém, **sete anos depois**, o mesmo Pedro pregou para o primeiro gentio "puro", Cornélio, fazendo com que o reino de Cristo se estendesse, como o de Davi, para o restante de Israel.

Deveria ser claro o contato: o fato de estes homens terem governado e reinado por 40 anos sinaliza que o Messias governaria seu povo por 40 anos antes do fim do AT; como, de fato, se deu entre sua ressurreição em 30 d.C. e volta no ano 70 d.C – 40 anos: 7 sobre judeus convertidos e 33 sobre gentios e judeus convertidos. Dessa forma, como Davi, Cristo reinou sobre o povo, não só unindo povos irreconciliáveis (judeus e gentios), como também por 40 anos até destruir totalmente o que os distinguiu: o templo e a cidade de Jerusalém.

O autor da carta aos Hebreus mesmo dizia que o descanso ainda não tinha sido entrado pela Igreja Primitiva (Hb 3:11-19), citando o salmo 95:11, o qual provava que o descanso não tinha sido encontrado pela nação de Israel. Ora, o mesmo salmo, no versículo anterior, expressamente diz que o período antes de entrar no descanso dura 40 anos, prevendo que este período não poderia ser menor ou maior do que isso. Até mesmo mestres judeus como R. Eliezer (Talmude San'hedrin Babilônico 99A [1ª Baraita]) reconhecia que o Messias não reinaria por mais do que isso (o mesmo cria Aqiba).

Veja que não apelamos a cálculos mirabolantes, nem mesmo a conhecimentos ocultos acessíveis somente a uma casta única, ou que sejam permitidos somente aos iniciados, de modo nenhum. Expressamente afirmamos o que está claro no texto, mesmo que contra essa interpretação pese toda a história da igreja. Pois, quando a igreja erra quem lhe diz que errou? Sua própria interpretação ou a Escritura? Se a própria interpretação dela então invalidamos a Escritura.

Dessa forma, o reino terreno de Cristo durou 40 anos do nosso ponto de vista, enquanto os povos se congregavam.

Não sabia "dia" ou "hora"

É evidente que se levantarão mais questionamentos em um minuto do que os maiores sábios podem responder em 10 anos, porém, também é claro que existem alguns que valem tratarmos ainda agora, pois – dirão alguns –, Cristo mesmo disse que não sabia dia ou hora, como pode toda a escritura prever 40 anos e Cristo não saber disso? A questão é: quem disse que Cristo não sabia que seria em até 40 anos?

*Em verdade vos digo que **não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.***
(Mateus 24:34)

*Em verdade vos **digo que alguns há, dos que aqui estão,** que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.* (Mateus 16:28)

*porque em verdade vos digo que **não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem.*** (Mateus 10:23)

*Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, **até os mesmos que o traspassaram***
(Apocalipse 1:7)

Obs.: por causa dessas afirmações textuais claras do retorno de Cristo naquela época é que C. S. Lewis disse: “Diga o que quiser [...], as crenças apocalípticas dos primeiros cristãos se provaram falsas. É claro pelo Novo Testamento que eles esperavam a Segunda Vinda durante a sua vida. E pior, eles tinham uma razão [...]. Seu Mestre havia dito isso. Ele [Jesus] disse frequentemente, ‘esta geração não passará sem que tudo se cumpra’. E Ele estava errado. [...] Este é o versículo mais embaraçoso da bíblia” (em seu livro: *The World's Last Night*). Prefere ficar com a crença de que Jesus errou em sua profecia (cf. Dt 18:22) ou de que nós é que erramos em como a interpretamos? Precisamos também inserir outra observação referente a Mt 16:28: muitos dizem que isso se refere à transfiguração, mas tendo ela ocorrido poucos dias depois, tal afirmação de Cristo não faria o menor sentido, já que pelo próprio texto não só ninguém morre nesse período, como quem presenciou foram apenas três apóstolos, não fazendo o menor sentido dizer que todos ali veriam Cristo em seu reino.

Jesus, assim como toda a igreja Primitiva, cria que tudo se daria naquela geração. Os apóstolos assim ensinaram, Cristo assim ensinou, e se isto não ocorreu, logo, são falsos profetas e dignos de pena (Dt 18:22). O fato que passa ignorado, porém, é que Jesus nunca disse o dia ou a hora em que ele viria, e se manteve, assim como os apóstolos, apenas afirmando que aquela geração presenciaria as “coisas do fim” (1 Co 15:51 [falando de ‘nós’, ou seja, dos que recebiam a carta]).

Obs.: veja, em Lucas 21:8, Cristo mesmo diz para não se acreditar naqueles que estavam dizendo que o dia estava próximo, porém, quando os apóstolos aparecem, eles passam a dizer justamente isso. Não é notável que é porque houve um avanço temporal e, portanto, com os apóstolos, o tempo realmente estava próximo? O tempo para se dizer isso havia chegado.

Porém, o que Cristo queria significar com o dia ou a hora? Simples, ele estava ecoando algo que era necessário devido à festa da Lua Nova no AT. A festa das trombetas só era iniciada após a Lua estar perfeitamente oculta no céu, de modo que era necessário que durante alguns dias (e horas) enviados do sacerdote conferissem em distintas colinas se conseguiam visualizar a lua totalmente apagada no céu, para, assim, dar início à festa. Como deve ficar claro, todo mundo sabia que a festa estava para começar, apenas não conseguiam determinar exatamente o dia ou a hora. Você pode conferir o registro disso na Mishna Rosh Hashanah 1:3, principalmente onde se fala sobre o mês de Tishrei.

Dessa forma, quando Cristo viria? Ora, antes de aquela geração toda morrer (40 anos), porém, não era possível precisar exatamente em que dia e hora isso se daria.

Por que não estamos brilhando se Cristo já veio?

Temos aquela ideia errônea de que nossos corpos atuais retornarão glorificados após a "ressurreição no fim dos tempos", mas não é isso que é ensinado por Paulo e nem por toda a Escritura, que claramente ensina que "carne e sangue não herdam o reino de Deus" (1 Co 15:55), portanto, no mínimo, após a morte não temos o mesmo corpo, e sim outro, da mesma forma como uma semente que morre e não gera uma semente de qualidade diferente, mas um corpo totalmente distinto e que em nada se parece com a semente (1 Co 15:37). Assim, e em primeiro lugar, não se pode esperar que o corpo de glória a que se refere a Escritura seja um corpo igual ou parecido com o que temos, antes, é algo totalmente distinto, glorioso, e que não possui nem carne e nem sangue, visto que isso não entra no reino de Deus – o que não quer dizer que sejam espíritos desencarnados, apenas que são *corpos* não compostos por nada semelhante aos atuais.

Daí, você pode justamente questionar: de onde que tiro isso se nenhum corpo atualmente é glorioso? Como pode Cristo ter voltado se não há nada que prove isso numa transformação física visível? Talvez porque você tenha se equivocado sobre a *natureza* ou o *local* da ressurreição:

E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto; os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns. (2 Timóteo 2:17, 18)

Paulo, alertando dos hereges a Timóteo, dizia que havia já um grupo de pessoas dizendo que a ressurreição havia ocorrido por volta do ano 64 d.C. Porém, note calmamente qual o problema que Paulo levanta: eles diziam que a ressurreição *era já feita*, e este era o erro deles. O erro **não era a natureza da ressurreição**, visto que eles também viam que não estavam com o corpo brilhando, mas **sim que o tempo em que ela ocorreria estava sendo antecipado** por estes falsos mestres (com uma perseguição se iniciando certamente ficaram confusos). Aqui é importante perceber que Paulo reprovava *este ensino que entendia a ressurreição como acontecida antes dos eventos do ano 70 d.C.*, pois ele não diz "dizendo que a ressurreição acontece conosco ainda na carne", e sim "já feita".

Assim, temos "duas ressurreições" a serem tratadas, uma que nos leva para junto de Cristo agora, sem termos ainda morrido, e que sobrepõe nossa vida na carne atual, e outra que se dá na morte do corpo – de modo que, assim que morremos, vamos para um novo corpo, e por isso não há mais morte (Ap 21:4).

Outros argumentos como: "não estaremos nas nuvens com Cristo?", ou "não seríamos transformados num piscar de olhos?" serão tratados nos próximos textos de escatologia, por hora, porém, precisamos fechar o assunto do Milênio.

APOCALIPSE 20 – O MILÊNIO

Este é o momento de que você leia novamente o texto, com tudo acima observado:

E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão. Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos. E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo. E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos. Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição. Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos. E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou. (Apocalipse 20:1-9)

Deve ser notório que Ap 20 não é um texto "final", pois, caso leiamos com atenção, veremos que ele é mais ou menos simultâneo ao capítulo 13 e ao 19 (portanto, Apocalipse não é um livro necessariamente cronológico, porém, no geral, relata o período entre o ano 4 a.C. [o nascimento do Messias (Ap 12)] até o ano 70 d.C., tornando o Novo Céu e Nova Terra o que vem após este ano). Isso nos faz ler com mais clareza o capítulo.

Além disso, é claro que o texto específico precisa ser considerado com os que morrem degolados (algo muito próprio do império romano contra os crentes), a existência da cidade de Jerusalém, um ataque com cerco a ela e aos crentes em geral, entre outras coisas extremamente pontuais. Infelizmente a falta de espaço não nos permitirá desenvolver mais do que o que vimos até aqui.

Conclusão:

- O Milênio já ocorreu e do nosso ponto de vista durou 40 anos;
- No céu sinalizava os que viviam com Cristo;
- Na terra sinalizava a conversão das nações;
- O fim do milênio implicou um breve período sem crescimento da igreja;
- Porém, após isso, as **nações** (lembre-se que no céu não há nações) passam a trazer a Deus honra e glória (Ap 21:26);
- Assim, o Milênio não tem relação com tempo, e sim com vida.

ESCATOLOGIA 1

que desde o princípio anuncio o fim e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam (Isaías 46:10)

Existem perguntas que não precisam ser respondidas em um texto como o atual, porém, falaremos sobre tudo o que cremos ser importante para a compreensão geral da escatologia nas Escrituras. Estamos cientes das milhares de posições,

tanto as consideradas ortodoxas quanto as não ortodoxas, tanto as particulares quanto as de algumas comunidades. A verdade é que há tanta distinção e tanta separação neste assunto, com vidas sendo conduzidas a partir dele, que é impossível em um texto tratar de cada posição. Por isso, abrimos mão completamente disso e apenas trataremos dos pontos gerais *que ninguém costuma mencionar*. Mostraremos claramente o que é *sombra e realidade*, onde começa a escatologia e em torno de quais pessoas ela gira. Além disso, daremos exemplos práticos e (não muito) claros sobre o próprio uso da escatologia nas Escrituras.

Como não nos propomos a enquadrar nosso posicionamento em nenhuma tradição, antiga ou nova, então pode parecer confuso para o leitor que está acostumado a estudar este tema sempre dentro de uma demarcação clara.

Isso que dizemos, porém, não quer dizer que não possamos ser classificados por algum 'título de doutrina', apenas que, na verdade, o que diremos abaixo não se enquadra em nenhum posicionamento popular, nem entre evangélicos ou católicos, nem entre liberais ou reformados.

O ANÚNCIO DO "FIM"

Isaías 46:10 é extremamente importante se quisermos entender sobre o "fim" de "todas as coisas". Neste texto Deus claramente diz que o fim é anunciado desde o livro de Gênesis, afirmando que tais coisas não haviam ocorrido ainda na época de Isaías, que não vivia o fim. Essa explicação do anúncio do fim se dá porque, claramente, os outros deuses sempre "anunciavam" coisas que ocorreriam; os oráculos e os astrólogos (pagãos, não os israelitas) sempre tentavam prever os eventos em um curto espaço de tempo. Porém, Deus, o verdadeiro Deus, anunciava o fim desde o princípio.

Não é sem motivo que Isaías utiliza o termo "no princípio", que é a primeira palavra utilizada em Gênesis, se referindo à criação do mundo. Ora, na criação do mundo Deus anunciava o fim de todas as coisas, porém, porque havia o propósito de que nem todos compreendessem, Deus o fez de modo literal (que explicaremos abaixo), para que se veja o significado espiritual. Gênesis só relata diretamente a criação do mundo, dos animais e do homem, então ele *precisa* ter mais outro significado que seja aplicado ao *fim*; portanto, o texto tem dois significados: o literal (presente/passado) e o espiritual (fim).

Assim, quando Deus criou o mundo, ele realmente fez os animais (que vemos), o homem (que somos nós), o céu e a terra e os mares, contudo, estas coisas precisam, individualmente, significar outras, apontando uma realidade que chega ao fim. Fim este que não é o do mundo (veremos abaixo), do contrário, Isaías anunciaria o fim da Terra, Céu e Mares, e não "fim" como sinalizando em contraste ao início apenas, ou seja, o fim de uma era, e não das coisas criadas.

Obs.: não cremos nas divisões tolas dos escolásticos e muitos puritanos a ponto de darem 3, 4 ou até mais sentidos a um texto. Para nós o texto tem uma descrição literal e uma espiritual, somente – com a literal, eventualmente, apontando coisas *presentes na época*. E isso nem se quer se aplica ao NT ou suas parábolas.

Interpretação espiritual

Temos casos claros dessa interpretação espiritual no NT:

Pois assim está escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito alma vivente. O último Adão, porém, é espírito vivificante. (1 Coríntios 15:45)

De onde Paulo tirou que Cristo é "Adão"? Ou mais, de que ele é o "último" (pois seria o fim)? Claramente ele entendeu a mensagem de Isaías, de que o "fim" era anunciado desde o princípio, e viu em Adão a figura de Cristo. Como base fundamental dessa interpretação ele entende que o primeiro homem foi **literalmente** formado da terra (v. 47) e, portanto, por contraste, o segundo é do céu (não formado do céu). O da terra morre, o do céu, não. O da terra pode cair porque é de carne e sangue, o do céu não é de carne e sangue mais (um dia já o foi), de modo que sabemos que Adão prevê a vinda de outro Adão não formado nem por carne e nem sangue, visto que estas coisas não entram no reino de Deus (v. 55) – portanto, o "fim" se dá só quando o último Adão não tem mais carne e sangue (ou seja, após sua ressurreição).

Veja que Paulo não sai aplicando o conceito de Adão em várias coisas, pois o fim a que Adão se referia era aquele da espiritualidade de Cristo (confira também em Efésios 5 Paulo tratando do casamento de Adão e Eva como prefiguração do casamento de Cristo e a Igreja). Já temos, assim, só deste texto, uma clara demonstração de que a literalidade implica espiritualidade e de que essa literalidade aponta **uma** coisa no passado e **uma** no futuro dos que escreveram as profecias.

Exemplos práticos dos quais emergem este princípio

Exemplificaremos por meio de duas coisas no Éden que apontam eventos do fim: os Animais e as Árvores:

Animais: sabemos que Deus criou cada animal segundo a sua espécie, porém, sobre nenhum é dito que foi feito "do pó da terra" ou "da terra", eles apenas "aparecem" como que induzidos a surgirem do meio em que viveriam (Gn 1:20-25; Gn 2:7). O homem, contudo, é formado pessoalmente por Deus, com o Senhor lhe soprando nas narinas a vida. Isso, porém, não explica o papel dos animais, pois precisamos ver como a Lei, os profetas e o NT lidam com isso:

O Senhor levantará contra ti uma nação de longe, da extremidade da terra, que voa como a águia (Deuteronômio 28:49)

E morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará, e o bezerro, e o filho de leão e o animal cevado andarão juntos, e um menino pequeno os guiará. E acontecerá naquele dia que a raiz de Jessé, a qual estará posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios [nações] (Isaías 11:6, 10)

Disse assim: O quarto animal será o quarto reino na terra, o qual será diferente de todos os reinos (Daniel 7:23) E, pondo nele os olhos, considere, e vi animais da terra, quadrúpedes, e feras, e répteis e aves do céu. E ouvi uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro; mata e come. E eis que, na mesma hora, pararam, junto da casa em que eu estava, três homens que me foram enviados de Cesaréia. (Atos 11:6, 7, 11)

Os homens, porque não leem o texto bíblico no molde em que foi concebido, não conseguem entender seus significados. Veja acima qual é a preocupação: Animais na lei significam tanto nações quanto gentios (ímpios) e crentes (cf. Dt 22:10 com 2 Co 6:14). Portanto, o que vemos? Primeiro, uma ameaça de que uma nação, "como águia", e cuja língua Israel não entendia viria contra ela (assim se deu no ano 66 até 70, dos romanos – cujo símbolo era a águia – destruindo Jerusalém). Depois vemos a promessa de que animais pastarão juntos *enquanto os gentios* buscarão o Senhor – portanto, não está falando de um mundo refeito em que os animais habitam o céu, mas sim de uma terra em que ainda se busca pelo Senhor, provando que os povos, por meio dessa busca, fariam paz entre si (daí o lobo viver com o cordeiro).

Além disso, como vemos em Daniel, é evidente que os animais, quer sejam comuns, feras ou com partes de outros são reinos (o que deve nos lembrar de Deuteronomio). E, quase por fim, em Atos 11 Pedro conta a visão dele sobre "matar e comer animais impuros", mostrando que estes animais significavam os gentios que agora poderiam ter acesso a Deus, com a pregação a estes sendo o "mata e come". Como vemos acima todas as passagens relacionam animais às nações, povos, reinos e, até, a grupos menores e ou abstratos.

Obs.: isso explica a razão espiritual de terem existido leis sobre a alimentação. E, como não havia pena de morte especificamente para quem se alimentasse de determinados animais, é óbvio que essa lei não previa o pecado – apenas apontava uma relação de impureza em que os outros povos viviam no AT – e que, por causa da morte de Cristo, foi finalizada no NT, tendo ele morrido para purificar *todo o mundo* (embora não tenha morrido para salvar a todos).

A lei de Deus não foi feita para se preocupar com animais (1 Co 9:9, 10), e sim conosco – doa a quem doer, este é sempre o significado real e espiritual de "animal" na Lei, enquanto o animal em si era literal e sombra.

Assim, por fim, quando Deus diz que Adão dominaria sobre todos os animais, nada mais está sendo dito do que Cristo que dominaria sobre povos e nações, algo que se deu no milênio e que agora permanece no reino de Deus. E, claramente, isso confirma também o que temos dito: **quando não há um mandamento, é uma sombra, e uma sombra só tem um significado literal e um espiritual**. O mandamento, porém, é para sempre. Portanto, temos algo literal e algo espiritual.

Árvores: outro caso, quase tão estúpido quanto o primeiro porque não entendemos o texto, são as árvores. Deveria ser óbvio que os crentes são comparados a árvores (Sl 1) e que o que eles produzem é fruto (Gl 5:22). Mas isso não acaba aí, pois vemos que no Templo também estavam presentes plantas e frutos (1 Rs 6:18, 29, 32). O Jardim do Éden ou do Paraíso era uma prévia disso, pois Adão cuidaria das plantas e as cultivaria, protegendo-as (Gn 2:15 [contra o que se protege plantas num mundo perfeito? É óbvio que é uma prefiguração]). Em última instância, o Templo não apontava para o jardim, mas apontava para a Nova Aliança, com o Jardim sendo a versão mais simplificada, ou uma sombra menor, do que viria a ser depois. Isso, evidentemente, é para a nova aliança, pois só crentes que ainda estão em algum perigo precisam ser cultivados e guardados. Desse modo, enquanto os animais sinalizam gentios e crentes de modo próximo, as árvores e frutos sinalizam

aos crentes na Nova Aliança frutificando (Is 55:12 – árvores não batem palmas, pessoas sim – assim como montes, pois o monte de Deus agora é a igreja [Hb 12:22, 23]). Portanto, temos algo literal e algo espiritual.

Todas estas coisas são o “anúncio do fim”, e se encontram ainda nos dois primeiros capítulos de Gênesis, mostrando que Cristo administraria nações, ímpios e cuidaria dos crentes. Ainda teríamos muito mais que falar, porém, por hora, não caberá neste texto. A conclusão que podemos tirar do que vimos até então é bem simples:

Uma sombra só significa sua literalidade e sua espiritualidade (algo que depois se aplicará às profecias também, não havendo profecia com 3 ou 4 cumprimentos, mas somente 2).

Obs.: em 1 Coríntios 7:19 fica provado também que nem toda ordem do AT é mandamento. Este é o caso da circuncisão: ela era uma ordem, mas mesmo assim não um mandamento de Deus. Por não ser mandamento, é logicamente uma sombra. Como sombra, seu significado é a remoção do pecado da vida: Dt 10:16; 30:6; Jr 4:4; Cl 2:11 (este último texto diz que a circuncisão não é feita por mãos humanas, e ainda explica que é o despojar da carne do pecado). Assim, a própria circuncisão tinha um significado claro para o NT.

Um exemplo de profecia

Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei a meu filho. (Oséias 11:1)

Tal feito profético é claro, pois Deus chamou a Israel do Egito como podemos comprovar no Êxodo, algo que é inegável. Contudo, as profecias eventualmente falam do futuro como se dissessem algo do passado, por isso, embora no tempo passado, ela se refere a algo futuro (cf. Is 53 em que o tempo do texto é o “passado”, mesmo sendo quase 800 anos antes de Cristo sofrer o que ali estava previsto, pois Deus chama as coisas que não são como se já fossem [Rm 4:17]). O que é esse futuro, porém, a que o texto de Oséias 11:1 se refere?

E esteve lá [no Egito], até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que foi dito da parte do Senhor pelo profeta, que diz: Do Egito chamei o meu Filho. (Mateus 2:15)

Ora, quando Jesus estava no Egito? Quando era menino. E quando os eventos se findaram com a morte de Herodes, o que houve? Deus chamou o menino para sair do Egito (Mt 2:19- 21). Não esperamos que Cristo nasça de novo, de modo que tal profecia de Oséias só se cumpriu duas vezes: uma sobre Israel e outra sobre Jesus. E o que justifica tal aplicação a Cristo? Simples, Israel nunca foi menino, e sim uma nação; também, Israel não é “Filho” de Deus, pois era composta de vários homens: Deus só pode ter tido um menino e um Filho.

Referência temporal

Já deveria estar claro em torno de quem a história bíblica gira: não em torno de nós, 2 mil anos depois, mas dos que tinham presenciado a ressurreição de Cristo e dos que ouviram a pregação dos apóstolos (Mt 28:19). Assim, quando formos interpretar uma sombra do AT, o ponto de referência do segundo cumprimento são os apóstolos e seus ouvintes, não nós.

*Porque tudo o que dantes foi escrito, para **nosso** [aqueles crentes que viviam no primeiro século] ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança. (Romanos 15:4; cf. 4:23, 24; 1 Co 10:11)*

Ora, quando lemos a Bíblia como se ela falasse de um fim dos tempos que já dura há mais de dois mil anos, o que resta é apenas confusão, contudo, quando tomamos como referência o tempo dos apóstolos tudo se esclarece, pois sobre eles é que vieram os últimos dias, isto é, o fim (cf. nosso texto sobre Da Igreja, que já indicamos no início).

Dessas coisas, emergem algumas conclusões e padrões de interpretação:

- 1 – Máximo de 2 cumprimentos (sombra – realidade);
- 2 – Apontar o Messias (se apontar diretamente pela profecia [não por figura], então há um só cumprimento – como casos de Profecias de Daniel);
- 3 – Parar no ano 70 d.C. (se apontar diretamente, então há um cumprimento [é o caso de Mateus 24])*.
- 4 – Apontar a Nova Terra e o Novo Céu é limitado a poucos textos, mas em geral segue os princípios acima, com exceção do 3, pois ela dura para sempre após o ano 70 d.C.

* Cristo é a realidade, não sombra. Contudo, sua primeira vinda é como se fosse o AT: física e literal. A Segunda foi como o NT: Espiritual e Real.

É evidente que estas coisas limitam nosso modo de ver o texto propositadamente, para que não divaguemos em vários símbolos e imagens de coisas que não fazem sentido. Dessa forma, sabemos que não só os apóstolos podiam interpretar o AT assim, mas todos os crentes que estejam munidos dessa compreensão interpretativa o podem.

Assim, este também é um resumo interessante:

Literal = Sombra = Antigo

Espiritual = Real = Novo

Obs.: veja um exemplo prático de como sombras eventualmente se “contradizem”, pois, na verdade, estão se sobrepondo: o sacerdote violava o sábado para fazer sacrifício. Como tanto o sacrifício quanto o sábado eram sombras, ambos podiam se “contradizer” nas ordens de Deus (Mt 12:5 – o sacerdote acendia fogo no sábado [Lv 1; 6], mesmo sendo proibido acender fogo aos sábados [Êx 35:3]). Sombras eventualmente se contradizem para ressaltar, também, sua não duração e não perpetuidade, reforçando a imperfeição da Lei, pois em Cristo não há e não houve contradição.

Uma prova no AT de que o Espiritual é Real

Os homens, habituados a pensarem de modo poético grego, não entendem as expressões bíblicas. Por exemplo, para dizerem que Adão é Cristo, tentam negar que Adão foi literal, algo nunca imaginado em nenhum texto bíblico. Por outro lado, outros, ao interpretarem novos céus e nova terra, interpretam o que claramente é espiritual de modo literal, o que confunde, e inverte totalmente o texto. Para os

primeiros, o literal não existe; para os outros, o espiritual precisa ser visível a olho nu. Ambos errados.

Vejamos um ou dois exemplos do próprio AT de como o literal existe e o espiritual é real:

Em 2 Reis 6:8-18 temos o famoso caso de Eliseu com seu servo. A Síria cercou a cidade onde estava Eliseu, e Eliseu não possuía exército consigo, exceto o espiritual. Mesmo que não fossem visíveis a olho nu, todos os cavalos de fogo eram reais, visto que por esta razão estavam ao lado de Eliseu (não era só uma visão cinematográfica). No fim, essa visão espiritual se provava real, pois embora não visível ao olho nu, foi visível em seu efeito: livrar Eliseu e seu servo dos sírios – assim, todos poderiam ver.

Caso semelhante ocorre em Números 22:31, com a mula vendo o anjo que a impedia de passar enquanto Balaão não via. Novamente, o anjo era real e espiritual, e seu papel ali foi impedir Balaão de executar o propósito inicialmente e nos ensinar a enxergar espiritualmente as coisas. Veja também o caso abaixo:

Na angústia invoquei ao Senhor, e clamei ao meu Deus; desde o seu templo ouviu a minha voz, aos seus ouvidos chegou o meu clamor perante a sua face. Então a terra se abalou e tremeu; e os fundamentos dos montes também se moveram e se abalaram, porquanto se indignou. Das suas narinas subiu fumaça, e da sua boca saiu fogo que consumia; carvões se acenderam dele. Abaixou os céus, e desceu, e a escuridão estava debaixo de seus pés. (Salmos 18:6-9)

Nenhuma das coisas descritas pelo Salmista (Davi) ocorreram com ele fisicamente, nunca os montes se moveram e abalaram e nem o Senhor fez o céu abaixar com escuridão. Ora, mais interessante fica se notarmos que este salmo é o canto de louvor de Davi por ter sido liberto das mãos de Saul. Quando, com Saul, tais eventos ocorreram? Nunca! Ou melhor, não literalmente, e sim espiritualmente. Tal linguagem profética (não poética – o salmista é chamado de profeta no NT, e não de poeta) é exatamente a mesma dos textos que falam sobre a terra se abalar, o cair das estrelas, Jesus vindo sobre as nuvens etc. – todas estas coisas são eventos espirituais que, na terra, teriam um correspondente: no caso de Saul, foi sua derrota e até a morte; no caso de Cristo sobre as nuvens, o correspondente seria a destruição que Israel passou (Lc 21:24-28 [note que Jesus fala de Jerusalém ser destruída, não do mundo inteiro]).

Obs.: Deus falou de muitas maneiras pelos profetas no AT: poesias, nomes de pessoas, eventos e coisas semelhantes. No NT Deus falou somente por Cristo: o seu nome, os seus eventos e todas as coisas ocorridas com ele. É importante ressaltar: nomes e seus significados têm relevância no AT, mas de modo profético, assim como Melquisedeque era rei de Salém e, por isso, rei de Paz, apontando que o Rei verdadeiro, Cristo, seria o rei da Paz. Isso é profecia e não poesia.

Incrivelmente tais eventos se cruzam em Cristo. Assim como o servo de Eliseu e Balaão não viam o que ocorria de modo espiritual, os homens judeus não viam o que ocorria espiritualmente contra Jerusalém. Pelo contrário, somente os crentes tinham seus olhos abertos para verem e entenderem aqueles eventos, que finalizaram a Antiga Aliança definitivamente.

Obs.: no livro 5, parágrafo 13 da História de Tácito encontramos várias referências interessantes ao que ocorreu no ano 70 d.C., como: “Exércitos em conflito foram vistos se encontrando nos céus, armas reluziam e, de repente, o templo [de Jerusalém] foi iluminado com fogo vindo das nuvens. Repentinamente, as portas do santuário se abriram e uma voz sobrenatural gritou: ‘Os deuses estão partindo’: ao mesmo tempo, o grande tumulto de sua partida foi ouvido.”. Isto não te lembra exatamente do evento descrito em 2 Reis 6 a respeito do servo de Eliseu?

Sugerimos que pare a leitura um minuto aqui para entender o que foi dito até o momento, pois o texto é corrido e complicado, por isso é importante parar para meditar e entender o que foi dito até agora.

PASSAGENS DO NT QUE SOAM CONFUSAS

Existem 5 passagens do NT que frequentemente são levantadas contra o que dissemos acima, e são elas: Romanos (sobre a “nova criação”), 1 Coríntios (sobre ser transformado), 1 Tessalonicenses (sobre estar nas alturas), 2 Pedro (sobre desfazer os elementos e queimar o mundo) e Atos 1 (sobre o modo como Cristo voltaria). Todas elas são interpretadas erroneamente porque pensamos que o mundo gira ao nosso entorno e, também, porque somos por demais sensíveis, com o primeiro alarido de conflito nos fazendo dizer “o sinal do fim dos tempos está entre nós!”. Tais homens não suportariam um dia na Europa medieval com o controle de informação que havia (podendo resultar em morte se você fosse encontrado com uma bíblia traduzida), nem lidariam com as guerras diárias que haviam *por todo o mundo clássico*, ou não conseguiriam sobreviver ao menos um dia sem liberdades que hoje são consideradas fundamentais.

De qualquer modo, não é o nosso foco acusar alguém de qualquer coisa, então, iremos apontar, abaixo, como as passagens devem ser entendidas:

Romanos 8

*A ardente expectativa da criação aguarda a **revelação** dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à **vaidade**, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a **própria criação será redimida do cativeiro da corrupção**, para a liberdade da **glória dos filhos de Deus**. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, **geme e suporta angústias até agora**. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a **redenção do nosso corpo**. (Romanos 8:19-23)*

Começamos observando um ponto simples: neste texto a “criação” não é glorificada, pelo contrário, somente os filhos de Deus é que são, e a “criação” aguarda(va) a glória destes filhos para ser ela liberta (mas não glorificada). Abaixo será notado alguns pontos sobre “carne e sangue no céu”, mas para compreensão básica: a escritura diz que carne e sangue não herdam o reino de Deus, portanto, os “animais” não podem estar neste céu sem serem transformados e glorificados. Contudo, o texto de Romanos deixa para a criação uma descrição muito mais simplista: a criação aguarda a revelação dos filhos de Deus para ser liberta, e não para ser glorificada e nem transformada. Sozinho isso já aponta que a criação não poderia estar esperando uma mudança substancial nela, no que diz respeito à sua existência. Ora, não são os próprios teólogos que dizem que viveremos em “Novo

Céu e Nova Terra” e que a atual criação será destruída ou transformada? Se é destruída não está sendo “redimida”, e se há Novo Céu e Nova Terra literal não há mais céus e terra antigos, que teriam sido destruídos, portanto, é muito mais do que liberdade que estes homens esperam.

Vejamos pontos rápidos e breves:

Revelação dos filhos de Deus

Até este momento que Paulo escrevia, não estava revelado quem eram os filhos de Deus, pois havia absoluta confusão entre judeus e crentes (para os romanos o cristianismo ainda era uma vertente do judaísmo, por exemplo). O que se espera é que em um momento estes crentes seriam conhecidos como tais (algo claramente notado após a queda de Jerusalém). Guarde isso.

Vaidade e Corrupção

O termo grego “vaidade” se refere à nulidade, inutilidade, e já apareceu no NT nas passagens Ef 4:17 e 2 Pd 2:18, falando sobre a vaidade dos descrentes; já no AT grego (LXX) aparece em passagens como Sl 4:2; 26:4; 144:8 entre outras, sempre (ou quase sempre) se referindo diretamente a pessoas (cf. Rm 1:21). O termo para Corrupção aparece em Gl 6:8, 2 Pd 1:4 etc., se referindo sempre aos ímpios, enquanto no AT aparece em passagens como Isaías 24:3, que é quase uma versão veterotestamentária dessa passagem de Paulo, mostrando que os indivíduos que abandonam a Deus e seus mandamentos são inúteis e corrompem a “terra”. Ou seja, tanto vaidade quanto corrupção nunca são utilizados se falando de animais ou da terra, antes, na verdade, são utilizados falando de pessoas.

“Criatura” – “Criação”

Em Marcos 16:15 Jesus diz: “preguem o evangelho a toda criatura (gr. criação)” e, a menos que você acredite que animais precisem se converter, sabe que só pode estar se referindo aos homens ímpios de outros povos em contraste com os judeus. Poderíamos, é verdade, estender ainda mais a explicação dessa passagem, mas ela nos levaria inevitavelmente para o resultado de que mesmo os ímpios estavam em perturbação (cf. At 16:9, 10 [mostrando a Paulo que os ímpios estavam implorando por algo que os livrasse]). Confira 2 Co 5:17 sobre os crentes se tornarem “Nova Criação” e Cl 1:15 sobre Cristo ser o primogênito *da Criação*.

Obs.: caso você seja um bom leitor das Escrituras, notará que Paulo menciona o que é especificamente “criação” em Cl 1:15 em diante: tronos, soberanias, autoridades, principados, potestades... tudo isso são cargos e indivíduos, e não o mundo inanimado dos animais. No v. 23 Paulo ainda confirma que o Evangelho já havia sido pregado a toda “criatura”, portanto, a conclusão óbvia é que “criatura” não é criação em geral.

Nosso corpo (v. 23)

Obs.: veremos abaixo que Paulo não esperava a ressurreição física do corpo atual, pois argumentará a favor da impossibilidade de esta carne (mesmo glorificada) herdar o reino de Deus. O texto de 1 Co 15 é muito mais claro do que este de Romanos 8, e isso precisa ser considerado, já que este não pode contradizer aquele.

Veja que diferente do v. 11, Paulo usa o plural junto com o singular no grego: "nossos corpo" (literalmente), o que torna tudo estranho, haja vista que até agora Paulo estava falando de carne e espírito (não da natureza) e, de repente, fala sobre a redenção do corpo de um modo plural.

Neste momento muitos preteristas correm pelo caminho fácil para lidar com o termo "corpo", apenas dizendo que se refere ao corpo como igreja e passam a citar várias passagens de Efésios e Romanos etc. Mas a verdade é que estamos lendo o capítulo 8 de Romanos, no qual Paulo está tratando de algo mais limitado à "carne"/"corpo" e "espírito"/"vida", portanto, o sentido deve fluir de alguma dessas coisas, e não do conceito de "igreja" como "corpo" que nem está realmente presente no contexto.

Como Paulo usa o termo vinculando o plural e singular neste capítulo?

E, se Cristo está em vós, o [vossos] corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça. (Romanos 8:10)

Neste ponto Paulo se vale do plural e singular também, dizendo "vossos corpo", e diz que o espírito está vivo. Ao que tudo indica, na mentalidade paulina, o corpo não se trata, neste contexto, da igreja como corpo, e sim do corpo como a composição da corrupção pelo pecado (Rm 6:6, 12 [note o plural e singular no grego neste texto]). No fundo é um termo "teológico" se referindo a um corpo que ainda está preso ao pecado e precisa viver de modo antecipado o céu na terra (Rm 13:12,13). Além disso, Paulo não segue a regra dos teólogos de falar de pecado relacionado ao corpo somente usando o termo grego "sarx", mas também utiliza o termo *soma*, pois na verdade o primeiro se refere mais à "carne" como aquilo no qual o pecado reside e o segundo como aquilo ao qual o pecado atingiu, tornando-o escravo do pecado (Rm 7:24).

Daí Romanos 7 vem justamente para introduzir o capítulo 8, e explicar o fato de que os crentes ainda serviam ao pecado com o corpo.

Ora, Paulo, ao declarar em Romanos 7 que "vivia sem lei" (v. 9 [cf. 1 Co 9:21]), está se pondo no lugar do gentio, que agora conhece a lei (e não antes), e não está livre do pecado, pois seu "corpo" ainda peca, enquanto seu espírito tem prazer em Deus. Ele não estava dizendo que os crentes pecavam com idolatrias e tudo mais, mas sim que seus corpos mantinham todos os sinais e impulsos para o pecado (algo que seria, no mínimo, diminuído na "redenção"). Seus corpos deveriam ser punidos com o rigor da Lei de Deus, mas Deus havia garantido que o Estado de Israel passaria e, portanto, ninguém mais seria morto no corpo por causa do pecado.

Obs.: Essa afirmação é que fez muitos docetistas crerem que podiam servir ao pecado com o corpo porque o espírito seria salvo depois. Mas não é isso que Paulo diz. Ele está afirmando que o corpo dele rumava para a morte, pois não havia meios de remover do corpo a prática do pecado que a lei mostrou.

Me responda uma pergunta: como é possível que a igreja do AT, mesmo com visões, milagres e todas estas coisas continuava fazendo estátuas fálicas de outros deuses, se ajoelhava para os céus e a terra, sacrificava bebês a Moloque,

participava de festas rituais nas quais o sexo e a comida dedicada a ídolos era presente e, de repente, no NT, isso não é mais comum? (Zc 13:2).

Você ainda não entendeu o ponto porque não conhece nem o AT e nem a história do mundo antes de Cristo, e pensa que os dias de hoje são piores que os de antes (Ec 7:10). Mesmo um descrente hoje (a "criação") não é mais como daquela época, no qual eram filhos de Belial porque iam para os cultos com as prostitutas cultuais mesmo sendo casados. O corpo dos crentes foi redimido e os descrentes abandonaram a nulidade dos pensamentos e, às vezes, até eles saem em defesa dos cristãos – ou você não conhece descrentes a favor da igreja, ou que não se furtam de ajudar com mais confiança um crente quando este precisa?

Por isso, e em resumo, o conceito de "vossos" (o plural) e "corpo" sempre juntos nos textos apela para o fato de o corpo ter sido aquele local que ainda retém os anseios para o pecado, e este anseio seria, posteriormente, diminuído até entre os ímpios comuns. Era como um animal que não conseguia mudar de pele, pois literalmente a carne retinha o hábito do pecado mesmo entre os crentes.

Agora não só os crentes são conhecidos por todo o mundo, tendo Deus os esperado amadurecerem o suficiente para isso, mas também o mundo passa a ser menos preso à própria idolatria que era marca registrada dele, tornando-o mais suscetível ao conhecimento da Lei de Deus (algo impossível no AT). Este é o ensino da criação ser libertada em Romanos 8. Note que no AT nenhum outro povo conhecia a Deus e, no NT, mesmo conhecendo-se, ainda estavam presos ao pecado (Rm 7) – portanto, a promessa de Deus era não só que os povos seriam mais livres da servidão do pecado, mas que os crentes seriam melhores do que os do AT.

Obs.: no AT os povos eram extremamente maus e, como prova dessa depravação (diferente entre AT e NT), vemos: violência (Gn 4-9); desonra aos pais (Gn 9); violência sexual e insubmissão à autoridade (Gn 19); incesto (Gn 19); defraudação (Gn 34 [por parte dos filhos de Jacó]); quebra de votos (Gn 38) etc., com tudo culminando em Lv 18:24, no qual se mostra que todos os pecados mencionados antes deste versículo eram comuns entre os cananeus. Não existe povo hoje que viva abertamente na prática dos pecados como Gênesis e Levítico mostram. Paulo espera essa mudança em Romanos 8, e não outra qualquer. Importante que você saiba: Gênesis (no que diz respeito ao pecado) é o método narrativo para expressar os pecados que depois tomam forma legal na Lei.

1 Coríntios 15

Antes de mais nada, lembre-se de Deuteronômio 18:22, que claramente especifica que se um profeta disser algo e isso não se cumprir ele será um falso profeta, e não deverá ser temido. Isso é importante porque abaixo estamos destacando as marcações temporais do texto, que são essenciais para nossa compreensão:

Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos [nós] dormiremos, mas todos seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto

que é mortal se revestir da imortalidade, então cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória. (1 Coríntios 15:52-54)

Como destacamos em nosso texto, "Da Igreja", é importante notar os marcadores temporais do texto: neste em particular há duas informações interessantes – a de que há um mistério e a de que "nós" seremos transformados ainda vivos. Vejamos cada uma dessas coisas com cuidado:

Mistério: Paulo estava trazendo uma revelação para a igreja de Corinto. Saber disso era importante, porque até aquele momento se sabia que a vinda de Cristo se daria naquela geração, porém não se sabia se isso alcançaria aos Coríntios vivos. Essa questão emerge naturalmente do fato de que para eles não era um mistério a ressurreição, visto que era o ensino básico da igreja e da teologia paulina (Jo 5:29; Hb 6:1, 2; At 17:31, 32). O que, portanto, tinha que ser um mistério não era a ressurreição, mas o fato de que os vivos também seriam transformados, e que estes vivos transformados seriam "nós".

Nós: quando Paulo diz "nem todos nós dormiremos" ele está claramente enfatizando o fato de que a morte não alcançaria todos os coríntios ou todos os que liam a carta. Isso é importante, pois muitos homens dizem que este "nós" se refere à igreja de modo amplo, dizendo que ela não deixaria de existir sem ser transformada. Contudo, isso aniquila o conceito de mistério da parte anterior e também vai contra a ênfase *presente* de Paulo sobre seus ouvintes. Isso é a clara marcação temporal de Paulo, para mostrar que o mistério é que nem todos os coríntios morreriam antes de serem transformados.

Agora podemos encarar a questão principal: o que é ser transformado? O problema de quem lê é que começa com a questão principal, e já mostramos que este não é o melhor modo (por exemplo, se respondermos à questão temporal muitos erros já são abandonados). Então, vamos para o próximo termo que ajudará: o que é ser "revestido"?

Este termo, literalmente, é "vestir" (Mt 22:11), e aparece em outros textos se referindo a movimentos espirituais. Como exemplo, nos vestimos de Cristo (Rm 13:14; Gl 3:27) e devemos nos vestir do novo homem (Ef 4:24; Cl 3:10 – note que novo homem é singular, mesmo se referindo à igreja no plural, porque agora não temos mais um corpo de pecado, mas somos homem completo), bem como vestir a armadura de Deus (Ef 6:11). Ninguém dirá que estas vestimentas sejam visíveis à olho nu, pois se referem a ações espirituais que, embora sendo reais, não são perceptíveis (te lembra algo?). É o mesmo ato de ser "nova criatura" (2 Co 5:17), o qual ninguém, exceto um fariseu (Jo 3:4), esperaria que significa nascer novamente do ventre da mãe.

Obs.: a propósito, nossa teologia da ressurreição veio do farisaísmo, não do NT (ou AT); essa teologia foi absorvida pela igreja que lutava ainda contra influências do platonismo seguindo na direção oposta. Mas veja a surpresa: nem platonismo e nem ressurreição na carne – pois na verdade temos um *corpo novo no céu*, mas ele não é feito de carne e nem é um espírito solto (perdoe termos adiantado o assunto).

Mas ok, Paulo não diz que seríamos transformados fisicamente, e sim que seríamos vestidos de incorruptibilidade, ou seja, os coríntios não seriam vestidos de glória

visível, mas passariam por um processo interno (claramente caracterizado pelo "revestir"). Além disso o texto diz que a transformação é um revestimento de incorruptibilidade. Na prática, isso quer dizer que não há uma transformação externa, e sim interna, que só será externamente visível após a "morte" (que não mais existe, pois assim que um crente morre já "está do outro lado", no seu corpo).

Acompanhe atentamente a leitura: um mistério que os coríntios não sabiam estava sendo revelado. Este mistério era o fato de que alguns ali presentes não experimentariam a morte veterotestamentária ("dormir"), mas que seriam transformados ainda vivos, tendo a impossibilidade de morrerem de fato. Essa transformação nada mais seria do que ser revestido de incorruptibilidade, e não ter um corpo brilhante visível. Dessa forma, tanto a transformação quanto ser "revestido" são conceitos equivalentes que não têm significado em si, dependendo inteiramente do "quê" estamos sendo revestidos ou para o que estamos sendo transformados.

Note que este evento é simultâneo à última trombeta, portanto, qualquer texto que cite esta trombeta estará cronologicamente vinculado a este, dentro do tempo esperado por Paulo e os profetas do NT, portanto, a última trombeta teve que tocar no período em que o "nós" estavam vivos ainda. E não se esqueça que a vinda do Senhor se deu no ano 70 d.C., de modo que essa transformação já ocorreu e, agora, todos os crentes possuem este corpo incorruptível, que apenas não lhes é visível atualmente.

Obs.: este caso é semelhante ao da semente, já explicado por Paulo (v. 37). Ora, a semente não é em nada parecida com a árvore, embora ambos tenham um corpo. O fato é que a semente, que visualizamos, e que semeamos, morre. Por outro lado, da mesma terra em que ela foi enterrada, nasce algo totalmente diferente, com um corpo não composto pelas mesmas coisas, e cujo papel é totalmente distinto do primeiro. Se você não entender este exemplo de Paulo, não irá compreender como a ressurreição é, ao mesmo tempo, num corpo mas em nada parecido com o corpo atual.

A Ressurreição na Lei

Como vimos, a ressurreição não é nem ortodoxa/farisaica, que crê que voltamos num corpo de carne e sangue, e nem platônica, que crê que seremos espíritos desencarnados eternamente. Na verdade, não é se quer um meio termo entre estes posicionamentos. Uma prova disso já aparece no AT, em Gênesis 2: "serão uma só **carne**". Marido e mulher, ao fazerem contrato de casamento e se relacionarem sexualmente a primeira vez, estão se tornando uma só **carne** para sempre, ou melhor, para até quando a carne durar. Por esta razão, o casamento é anulado quando o marido morre (Rm 7:2, 3; 1 Co 7:39), pois a carne é desfeita e não há nela vida.

Porém, imagine se ressuscitados recuperássemos o mesmo corpo, ainda que glorificado, mas da mesma carne e sangue? O corpo traria consigo a mesma aliança de casamento. O que viola o mandamento de Deus, que não permite adultério, haja vista que, caso uma mulher se case na terra com outro homem após o marido morto, ela não poderia pertencer aos dois no céu.

Os fariseus, que defendiam a ressurreição **do corpo** (não só a ressurreição, como Paulo defendia), eram questionados pelos saduceus, que levantavam este questionamento para eles, de modo que os próprios saduceus deixaram de crer em qualquer vida após a morte com Deus de fato, pois o raciocínio a favor disso era absurdo para eles. Saduceus e fariseus estavam em disputa por causa da ressurreição, e Jesus chega no meio deste conflito.

Ora, os saduceus realmente refutavam os fariseus neste sentido, mas ainda estavam errados e, por isso, ocorre isso em Mateus:

Ora, houve entre nós sete irmãos; e o primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão. Da mesma sorte o segundo, e o terceiro, até ao sétimo; por fim, depois de todos, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será a mulher, visto que todos a possuíram? Jesus, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus. Porque na ressurreição nem casam nem são dados em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu. E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou, dizendo: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos. E, as turbas, ouvindo isto, ficaram maravilhadas da sua doutrina. E os fariseus, ouvindo que ele fizera emudecer os saduceus, reuniram-se no mesmo lugar. (Mateus 22:25-34)

Nem os fariseus calavam os saduceus no que diz respeito à ressurreição, logo, sabemos que a resposta de Cristo, baseada na aliança de casamento, é contra todos eles. O poder de Deus é garantir que no céu não haja mais carne e sangue ("ser como [não igual] os anjos"), pois isso geraria contradição dele com seus próprios mandamentos para nós, tornando todas as mulheres casadas adúlteras no céu.

Obs.: Não sabemos se haverá algum tipo de sexo no céu, pois, afinal, não teremos o mesmo corpo. Caso haja, ele não pode envolver casamento (veja nosso texto sobre o Pecado da Prostituição no livro sobre Falsos Pecados).

Enfim, a lei do casamento atesta a favor da necessidade de a ressurreição não ser mais com o mesmo corpo, apontando que o corpo precisa deixar de existir para anular todas as relações presentes nele. Haveriam mais textos que provariam isso, mas cremos ser suficiente ter mostrado dois que corroboram essa compreensão.

> *Nuvens e a Vinda de Cristo*

Antes de prosseguirmos precisamos entender o que significa Cristo vir sobre as nuvens (Ap 1:7; Dn 7:3; Mt 24:30). Claramente isso é apenas o modo literal de descrever um ato espiritual profético. Por exemplo, em todo o AT Deus utiliza nuvens para se ocultar ou sinalizar juízo (Êx 19:16; Is 19:1, 2; Sl 97:2). Estas mesmas nuvens e o próprio céu apontam o poder de Deus para julgar um povo (Sl 18:9, 12; 68:4, 34; Dn 7:3; Na 1:3). Em outro momento, as nuvens apenas sinalizam a presença de Deus (Êx 40:34; cf. Nm 16:42).

Ora, Deus literalmente utilizou nuvens para falar com o povo no Sinai, e para julgar a nação de Israel bem como para protegê-la e julgar os egípcios. Tais eventos são, também, figura, de modo que não pode ser que Cristo fosse para ser visto pessoalmente nas nuvens, e sim, somente que elas seriam muito visíveis no

juízo de Deus sobre Israel (note a escuridão na terra em Mateus 27:45 após a morte de Cristo).

Portanto, "estar na nuvem" ou "vir sobre a nuvem" nada mais é do que a presença protetora ou julgadora de Deus. No entanto, não podemos perder de vista que em todas as passagens que se menciona Cristo vindo sobre as nuvens, há um demarcador temporal que limita tudo àquela geração (Mt 24:34 e Ap 1:7 que diz que até quem matou a Cristo ainda veria o evento das nuvens, informação só relevante se os que o mataram estiverem vivos no evento). Dessa forma, e tendo visto isso, podemos prosseguir para mais casos práticos abaixo.

Obs.: o Salmo 18 é um exemplo do fato de Deus se valer de nuvens para executar suas ações, com elas sinalizando sua presença, sem, entretanto, ele mesmo ser visível para além delas.

1 Tessalonicenses 4

*Dizemos-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que **nós**, os que **ficarmos vivos para a vinda do Senhor**, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a **trombeta de Deus**; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois **nós**, os que ficarmos vivos, seremos **arrebatados** juntamente com **eles nas nuvens**, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. Portanto, **consolai-vos uns aos outros com estas palavras**. (1 Tessalonicenses 4:15-18)*

Novamente, precisamos estabelecer o tempo do acontecimento:

Trombeta: não é difícil notar que a "trombeta" deste texto é a mesma do outro, de 1 Coríntios. O evento da vinda do Senhor e a trombeta automaticamente lança essa trombeta para a última (pois a vinda não se daria na primeira trombeta), como já vimos. Portanto, como Paulo já mostrou, tal trombeta tocava na época da igreja primitiva (note o paralelo com o texto literal de Josué 6:20 e Levítico 23:24 [este mês é o de Tishrei, o mês do juízo, no qual a trombeta tocava, e que foi o mês da Queda de Jerusalém, no ano 70 d.C.]).

Obs.: em Levítico 26:18, 21, 24 Deus diz que castigaria Israel sete vezes, e é o que ocorre em Apocalipse, que possui sempre sete trombetas, sete selos e sete ciclos. No caso, Apocalipse é o cumprimento da ameaça de Deus sobre Israel, e não sobre o mundo, algo muito claro se compararmos como Deus puniria Israel na Lei.

Nós: novamente, Paulo não diz "daqueles que estiverem vivos para a vinda do Senhor", mas trata de modo pessoal, para os leitores da carta. Ele quer que os leitores esperem pessoalmente essa vinda, pois os que ficarem vivos da igreja de Tessalônica presenciarão os eventos por ele mencionados. Tanto é isso que diz para que os crentes se consolem mutuamente assim. Ora, se o evento se daria milhares de anos depois, tal consolo seria inútil, já que morreriam sem encontrar o Senhor e sem a expectativa de tais coisas ocorrerem com eles ainda vivos.

Além disso tudo, nós já vimos que o Senhor vir sobre as nuvens (ele nunca desce das nuvens, sempre fica "acima", oculto por elas) é um evento escatológico único, no qual, literalmente, temos nuvens, mas não fisicamente o Senhor. Assim,

independente do que signifique "arreatados", tais eventos não podem ser milhares de anos depois e nem de forma visível.

Contudo, antes de analisar o que significa "arreatados", outra questão precisa ser respondida, e trará luz ao termo: por qual motivo Paulo diz que nos encontraremos com o Senhor nos **ares** e permaneceremos para sempre *assim* (nos ares) com o Senhor? Ora, sabemos que o Reino dos Céus não é nos ares, e não faria sentido Cristo voltar sobre as nuvens e, por isso, vivermos sobre as nuvens. Mesmo Paulo, quando foi arreatado (mesmo termo grego), o foi ao "Terceiro Céu" (Paraíso), e não ao "Terceiro Ar" (2 Co 12:2, 4). Se nós seremos arreatados, por qual motivo pararemos nos ares, nas nuvens, e não iremos para o Paraíso ou Céu? Ou, por qual motivo não voltaríamos para morar na Terra do Novo Céu e Nova Terra? É bem simples o motivo:

*estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o **príncipe das potestades do ar**, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; [...] e nos ressuscitou juntamente com ele e nos fez assentar nos lugares celestiais, em Cristo Jesus (Efésios 2:1, 2, 6)*

A razão está aí: quem governava o "ar" era o diabo, agora, porém, somos nós com Cristo. A razão para Paulo dizer "ar" e não "céu" é que neste momento o diabo já tinha perdido parte do seu poder, pois estava preso como que por uma longa corrente (cf. nosso texto sobre Milênio), então, ele podia atuar, mas com muita limitação. Porém, sua derrota final seria perder este poder, no qual seriam inseridos os cristãos. Portanto, fomos tomados por Cristo e colocados no lugar do diabo, que ficou abaixo dos pés (Rm 16:20; Sl 47:3 [em outro texto mencionamos que vencer o diabo é vencer outras nações]; 1 Rs 5:3; Sl 18:38; 2 Sm 22:39). Isso responde naturalmente o sentido do termo "arreatar" (que não está presente em nenhum outro texto falando sobre este tema de "arreatar a igreja" – toda a teologia do arreatamento é baseada somente neste texto, na realidade, algo muito estranho, não é?).

Ainda, Efésios 2 mostra que em Cristo, mesmo os crentes da igreja primitiva, já estavam assentados em lugares celestiais, *mesmo que todos eles ainda estivessem na terra*. A única diferença entre essa ressurreição e a final é que essa se deu por meio da de Cristo, como que sendo um penhor ou garantia da nossa, enquanto a dos crentes, de fato, ocorreu posteriormente.

Por fim, a vinda de Cristo não foi secreta, como mostramos, ela é cercada de eventos como a destruição do templo, o cerco de Jerusalém, o céu cheio de nuvens, fumaça, entre outros eventos que não permitem que achemos que a vinda de Cristo tenha sido secreta. Ela foi explícita e espiritual, real, porém, não com Cristo pessoalmente sendo visto.

2 Pedro 3

*Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com **grande estrondo**, e os elementos, **ardendo**, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e*

os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça. (2 Pedro 3:10-13)

Os homens não entendem a linguagem profética. Por exemplo, embora Deus tenha dito que jamais destruiria o mundo com um dilúvio (Gn 9:11; Is 54:9), Daniel diz que o fim "será num Dilúvio" (Dn 9:26 [em algumas bíblias está como "inundação"]). Ora, o que isso significa? Significa que o povo seria destruído por uma nação estrangeira (cf. Jr 51:42; Ez 26:3; Ap 17:15, 16), apenas isso, e não que águas novamente inundariam a terra – pois o dilúvio prefigura o fim de Israel.

Obs.: Ap 21:1 diz que o "mar não existe", enquanto em Ap 17:15, 16 diz que o mar são os povos. Ora, a razão é simples para isso: na Nova Aliança os povos não mais são inimigos, mas conquistados por Deus.

Mas voltemos ao nosso texto. Pedro está falando da mesma vinda do Senhor que Paulo disse, embora em Paulo nenhum destes eventos grandiosos seja presente. Além disso, enquanto em Paulo "ficaremos para sempre no ar com o Senhor", em Pedro "habitaremos em novos céus e nova terra". Qualquer um com um mínimo de entendimento notará que são apenas linguagens proféticas distintas descrevendo o **mesmo evento**.

Vejam os por partes. Pedro diz que os **céus** passarão, os elementos em fogo se desfarão e a terra e as obras se queimarão (preste atenção nisso, pois o que é o "céu passar"? Ou, como os "elementos" são diferentes das "obras da terra" sendo queimados?). Recorramos a profecias semelhantes:

Porque a indignação do Senhor está sobre todas as nações, e o seu furor sobre todo o exército delas; ele as destruiu totalmente, entregou-as à matança. [...] E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá [...] Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que sobre Edom descera (Isaías 34:2, 4, 5)

Todos devem saber que Edom foi destruída em 553 a.C., por Nabonido. Contudo, os céus não mudaram, nem as estrelas caíram. Na verdade, as autoridades de Edom é que passaram, e seu exército é que caiu. As estrelas nada mais são do que as autoridades (cf. Gn 37:9, 10), e sua queda nada mais é do que a morte dessas autoridades. Não devemos imaginar que as estrelas (que são imóveis do nosso ponto de vista) de repente cairão na Terra, pois seria absurdo: não só teriam que viajar milhões ou bilhões de anos-luz, mas uma só (como seria o caso da Próxima Centauri – a estrela mais próxima a nós fora o Sol) destruiria toda a Terra sem ao menos encostar nela (isso sem contar o tamanho de uma estrela). Para um exemplo particular, veja o caso de Isaías 14 em que o rei babilônico é tratado como estrela que cai na terra e morre como homem comum.

A pergunta, então, é: quais céus passariam? Os céus de Israel, que perderia suas autoridades e deixaria de existir. Isso ficará mais claro abaixo.

Pedro diz que os "elementos" se desfarão em fogo. Estaria Pedro falando dos elementos da Tabela Periódica? Impossível, visto que tal conceito é recente – embora Diógenes e Platão se referissem ao mundo como "vindo de elementos básicos", mas Pedro está falando de Teologia, e não de física.

Mais interessante, porém, é que todas as passagens que a palavra (grega) aparece, ela sempre se refere a coisas próprias da Antiga Aliança: Gl 4:3 ("rudimentos" = "elementos da lei"); Gl 4:9, 10 ("rudimentos" = "dias, tempos e anos"); Cl 2:8 ("rudimentos" = elementos da lei [v. 16, 17]); Cl 2:20, 21 ("rudimentos" = objetos que podem ou não serem tocados [itens do templo?]). Qual a nossa conclusão? Em todos os casos "elementos" são itens da lei que são externos: objetos tocáveis ou não, princípios básicos (Hb 5:12 [a palavra é traduzida como "rudimentos"]) ou até mesmo práticas que não são mandamentos, como a circuncisão.

O que significa o contexto de Pedro dizer que elementos seriam queimados? Como poderiam os elementos da lei serem queimados em fogo? A coisa é bem simples: o que havia da lei para ser queimado em fogo se encontra no templo de Israel. Primeiro, não é verdade que **todos** os itens de dentro do Templo de Jerusalém foram queimados até derreterem, pois o Arco de Tito evidencia que os romanos levaram objetos de dentro do templo (ainda mais porque não é todo dia que se acha ouro por aí). Contudo, segundo o que vemos de Josefo, que presenciou a destruição do Templo, fogo foi ateado a este, de modo que a prata e ouro dos *ornamentos* e das *portas* derreteu.

No sexto livro da Guerra dos Judeus de Josefo ele mostra que os ataques ao templo ou começavam com ou continham incêndios:

Os romanos, julgando que uma vez queimado, seria inútil poupar o restante, incendiaram, também todos os edifícios dos arredores; e assim eles foram destruídos com tudo o que restava dos pórticos e das portas, exceto as duas que estavam do lado do oriente e do sul, que eles destruíram depois, até os alicerces. Incendiaram também a tesouraria que estava cheia de uma quantidade enorme de riquezas, quer em dinheiro quer em soberbas peças de vestuário e outras coisas preciosas, porque os mais ricos dos judeus para lá haviam levado o que tinham de melhor. Fora do Templo só restava uma galeria, onde seis mil pessoas do povo, homens, mulheres e crianças se tinham reunido para se salvar; mas os soldados, levados pela cólera, incendiaram-na também, sem esperar a ordem de Tito, uns morreram queimados, outros atirando-se para baixo, para não sofrer morte semelhante, se suicidaram, de sorte que nem um só se salvou.

Obs.: esta versão em português é horrível, porém, consegue transmitir o sentido a que queremos apontar. Detalhe: aqui é relatado apenas uma etapa, mas todas as partes do templo foram sendo queimadas, desde suas conexões com a fortaleza Antônia até as entradas e as partes mais interiores.

Qual a conclusão óbvia? Primeiro, a Queda das autoridades judaicas, todas morrendo, uma por uma, de modo que desde o sangue de Abel até Zacarias – que foi morto no meio do templo (Mt 23:35) –, toda a culpa se recaiu sobre aquela geração de autoridades.

Obs.: este Zacarias que Jesus relata não é nem o profeta e nem algum parente dos reis de Israel, já que depois dele outros homens piedosos foram mortos – e de nenhum deles se relata terem morrido de tal modo. A verdade é que o único Zacarias que morreu sob as circunstâncias que Cristo prediz foi Zacarias, filho de Baruque. Este Zacarias foi morto por zelotes – um grupo dos fariseus – entre o altar (perto da destruição do Templo de Jerusalém), cumprindo perfeitamente a culpabilidade dos

fariseus a que Jesus acusa em Mateus 23:35, e atribuindo a eles a maldade desde Abel até o fim dos tempos do AT.

Mas as coisas não acabaram. A **terra** também seria queimada. Porém, que "terra" é esta? Naquele ambiente, *ge* (terra), sinalizava Israel (Mt 9:31; 10:34). Mais ainda, tudo o que era dito sobre a terra em Pedro também ocorreu em Israel, com incêndios e destruição daquilo que estava no meio do povo. Note que quando terra está em contraste com céu o objetivo é mostrar que é o local do homem comum (Is 14:12a, 14 [céu]; Is 14:12b). Assim, não só as autoridades morreriam de muitas maneiras, e passariam, mas ainda o povo morreria e seu templo seria destruído. Repare que nada se fala "das águas", pois águas são as outras nações, e não Israel – Israel era a Velha Criação, com o seu Céu (autoridades) e Terra (povo) que estava prestes a acabar.

Note isso também:

2 Pd 3:5> Pedro fala sobre céu, terra e água; em 3:7 só menciona Céu e Terra. 3:5 Pedro diz que o céu, terra e mares foram feitos pela palavra, e que, **agora** [quando escreveu a carta] o Céu e a Terra que existem, pela *mesma* palavra (não o mesmo céu e terra mencionados antes) seriam destruídos. Note que o enfoque de Pedro é "Agora" (quando escreveu a carta), pois disse que o julgamento de Deus já havia começado quando escrevia a segunda carta (1 Pd 4:17), portanto, como o céu e a terra não se desfaziam, mas Jerusalém era cercada, faz sentido que este "agora" se refira ao momento em que o céu e terra se desfaziam diante de Pedro.

Repare que no texto não existe "mesmo céu e terra", e sim somente "mesma palavra", ou seja, o foco de Pedro é dizer que o céu e terra que existiam 'agora' passariam, mas a Palavra de Deus que criou os céus e a terra ainda era a mesma. Jamais o objetivo foi dizer que o mundo atual criado acabaria, mas que as coisas relacionadas à antiga aliança passariam.

Por fim, **o novo céu e a nova terra** (que não possui mares, ou seja, é um único povo), é o contraste total, visto que ele não tem elementos (percebe que Pedro apenas fala de novos céus e nova terra, e não de novos elementos?). O Novo Céu são autoridades novas que Deus deu ao seu povo, e a Terra é o seu novo povo. Em Apocalipse, ainda, nos é dito que este céu não possui sol e lua (Ap 21:23 – nada dizendo sobre as estrelas), pois as festas e os elementos do AT acabaram, sendo que todas as festas eram marcadas pelo sol ou pela lua. Se o primeiro céu é literal, o último tem que ser espiritual.

Obs.: leia Ap 21-22 com calma e perceba que nenhuma das coisas ali presentes fazem sentido em conjunto: rios que não deságuam em mares, uma árvore que alimenta nações inteiras em um mês, uma cidade em forma de cubo, com cães [pecadores] que ficam do lado de fora, ainda que permaneçam no Novo Céu e Nova Terra, entre outras coisas. Somente leitores desavisados e não acostumados com as profecias do AT é que veem ali algo literal.

Atos 1

Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel? E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o

*Pai estabeleceu pelo seu próprio poder. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas, tanto em **Jerusalém** como em toda a **Judéia e Samaria**, e até aos **confins da terra**. E, quando dizia isto, vendo-o eles, **foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o** a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: *Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.* (Atos 1:6-11)*

A leitura desatenta causa horrores em textos como estes. Note que a pergunta dos discípulos é: "quando Israel será restaurada?", Jesus diz que há um tempo para isso ocorrer. O que os leitores se esquecem é que a Israel da qual Jesus dizia não era aquela terrena, mas sim a celestial – o Israel de Deus. Este Israel seria restaurado devidamente em seu tempo, após ter sido congregado de todas as nações. O que vemos em Ap 21 – 22 é o cumprimento dessa restauração após os 40 anos que se seguiram desde a morte e ressurreição de Cristo.

Mas este não é o ponto principal, a parte principal é que o fim só se daria (ou seja, o reino só seria restaurado) após o evangelho ser pregado em 3 lugares: Judéia (algo que ocorreu com Pedro e os primeiros discípulos ali mesmo – At 2 – 7), Samaria (At 8) com tudo fora de Samaria sendo os "confins da terra". Sabemos que você dirá que até hoje o evangelho não chegou aos confins da terra, porém, veja esta passagem:

*Eis, pois, as visões da minha cabeça, estando eu na minha cama: Eu estava assim olhando, e vi uma árvore no meio da terra, cuja altura era grande; crescia esta árvore, e se fazia forte, de maneira que a sua altura chegava até ao céu; e era vista até **aos confins da terra**. [...] A árvore que viste, que cresceu, e se fez forte, cuja altura chegava até ao céu, e que foi vista por toda a terra; Cujas folhas eram formosas, e o seu fruto abundante, e em que para todos havia sustento, debaixo da qual moravam os animais do campo, e em cujos ramos habitavam as aves do céu; **és tu, ó rei, que cresceste** [em seu império babilônico], e te fizeste forte (Daniel 4:10,11, 20, 22)*

É dito que o rei, em seu império, era visto por toda a terra, até aos seus confins. E nós perguntamos: qual foi o tamanho do império babilônico? Veja este mapa do que teria sido este império, por volta de 550 a.C.:



Ninguém pode negar que este império não é se quer grande comparado a muitos países hoje. Contudo, ele era visto "até os confins da terra". Os outros impérios que se seguiram, segundo Daniel, também eram até os confins do mundo (Dn 2:37 em diante): os medos, os persas, os gregos e os romanos, todos estes tinham reinos sobre todo o mundo, mas este mundo estava limitado aquele espaço, que estava em conexão com as terras de Israel (nas visões de Daniel ele não vê, por exemplo, o Egito, pois este nunca conquistou Israel, os únicos povos que importavam para Deus registrar em Daniel foram aqueles que controlaram os israelitas, já citados acima).

Novamente perguntamos, onde os discípulos iam pregar pessoalmente? Nos Estados Unidos? Claramente não – somente nos confins da terra conhecidos por eles. Mas, para piorar (ou melhorar), os dois homens que falaram com os discípulos disseram que *eles* (não nós) veriam Cristo descer sobre as nuvens – reforço: os discípulos veriam o evento, e não os discípulos deles. E aqui mora outra confusão sobre o texto. Visto que pensamos que os discípulos viram Cristo subir e então ser ocultado, imaginamos que ele (Cristo), viria sem ser ocultado, contudo, como já vimos, nuvens sinalizam a presença de Deus e Cristo voltaria *sobre* ou *com* as nuvens, não abaixo delas.

Lendo com calma o texto grego de Atos veja o que ocorreu: enquanto os discípulos olhavam para Cristo, este estava sendo elevado, com uma nuvem o recebendo e ocultando-o. Ora, qual parte o livro quer ressaltar: a subida de Cristo ou a nuvem o ocultando? Pior, o texto grego demonstra que este ocultar ocorreu antes dele chegar nas alturas, com o evento ocorrendo simultaneamente: Cristo subindo e a nuvem vindo, e após isso os homens dizem que desse jeito (oculto por nuvens) é que Cristo voltaria. Isso é exatamente como a presença de Deus se dá em todo o AT, e essa presença de Deus no AT é concluída com Cristo sobre Israel nas nuvens.

Teríamos muito mais que dizer, sobre muitas passagens, mas escolhemos apenas ventilar ideias gerais, para que o leitor possa chegar ao texto bíblico com mais clareza e estudá-lo devidamente, com seus cuidados necessários.

Tememos, entretanto, que o leitor entenda o que dizemos acima, mas tema crer porque a sua filosofia teleológica exige um começo, meio e fim para o mundo que conhecemos. Contudo, Deus não fez o mundo nos moldes filosóficos, e este existirá mesmo após todos os que crerem que Cristo ainda voltará terem falecido. Essa crença, infelizmente, fruto de homens que pensam que o mundo gira em torno deles, não será largada tão facilmente.

Esperamos que o leitor consiga entender estes assuntos.

Conclusão:

- As sombras são distintas dos mandamentos;
- Elas eventualmente se contradizem de modo proposital;
- Elas são sinais escatológicos;
- Seus sinais já se concluíram;
- Hoje vivemos no Novo Céu e Nova Terra

ESCATOLOGIA 2 – O DECLÍNIO DA DEPRAVAÇÃO HUMANA

Neste nosso texto temos a intenção de explicar mais algumas questões que não tivemos como fazer no primeiro sobre Escatologia. Este, portanto, é uma continuidade direta daquele, sendo que aqui daremos um exemplo prático de um texto, falaremos da tal "Depravação Total" e explicaremos como ela é diferente antes e depois do retorno de Cristo.

Resolvemos tratar disso por ser um assunto que ninguém, nem mesmo os preteristas, têm interesse. E o motivo é simples: todos estão preocupados com o debate. Não é o nosso caso, pois apenas queremos relatar o que está no texto bíblico, quer você discorde ou não. Se você não concordar com o que for apresentado abaixo não pretendemos ir além.

Além disso, embora expliquemos um texto no início abaixo, nosso foco não será expor textos bíblicos como habitualmente fazemos, visto que tudo o que explicamos abaixo já está explicado em nossos textos como o de Escatologia e Da Igreja. O que estamos apresentando é uma conclusão óbvia que não é pensada normalmente: a de que a **Depravação da Vontade é diferente entre o AT e o NT, com ela, no AT, sendo mais agressiva.**

EZEQUIEL

Ezequiel é um livro difícil para a maioria dos crentes, pois todos querem se ver no texto e pensar no que ele pode significar para nós hoje. Isso é o pior método, pois Deus quer nos mostrar primeiro o que Ele quer falar e, só depois, devemos pensar o que fazer com isso. Como servos devemos ouvir ao senhor sem questionar se aquilo é ou não 'útil' a nós. Como um caso prático para entendermos isso, escolhemos um texto que é "grandioso" do nosso ponto de vista, mas na verdade relatava um evento de um único versículo num dos livros de Reis:

Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, com um fogo revolvendo-se nela, e um resplendor ao redor, e no meio dela havia uma coisa, como de cor de âmbar, que saía do meio do fogo. E do meio dela saía a semelhança de quatro seres viventes (Ezequiel 1:4, 5)

O que se segue no texto é a descrição destes quatro seres que, posteriormente, são chamados de Querubins (Ez 10:1). Aqui surgiram milhares de interpretações idiotas, como a de que representam os quatro evangelhos ou coisas do tipo. Mas vamos ver o que o texto diz:

Em primeiro lugar, o texto não fala de algo bom, mas de algo ruim, e isso vemos tanto por causa do "vento tempestuoso" quanto "fogo revolvendo-se nela". Termos que são sinal de julgamento e condenação, não de alegria ([vento] Ex 15:10; 2 Sm 22:11, 16; Jó 27:19, 21; Ez 27:26; [fogo] Ez 5:4; 30:14; Êx 9:23) – note que isso é uma inversão do julgamento de Deus contra o Egito, porém, agora, contra outro povo.

Em segundo lugar, querubins não são anjos comuns, mas guardiões ou soldados de Deus (Sl 18:9-11; Gn 3:24; Ez 10:2). Eles protegiam o propiciatório e sempre estão ao lado de Deus em seu trono (Êx 37:9; Sl 99:1). O fato é que sua aparição neste texto de Ezequiel sinaliza que Deus está enviando-os para destruir "a cidade" (Ez 10:2), como sendo seus soldados, e não para bonança.

Em terceiro lugar, *do norte* de Israel é que Deus envia os que condenam o povo (Ez 8:5; Jr 46:24; 1:14; Is 14:31). Assim sendo, a mensagem que Deus está passando é que o Seu exército viria do Norte sobre Israel, espalhando fogo sobre a cidade, destruindo o povo.

Isso joga muita luz e limita bastante as coisas. Mas ainda não acabamos, pois quem ficava ao norte? E o que justificaria o fato de Deus descrever quatro querubins e não um? Vejamos:

Antes de tudo, os próprios babilônicos estão ao norte (como já vimos nos textos citados acima). Portanto, quem se levantaria contra Israel? Os babilônicos, por isso o vento vem do norte. O que, contudo, não explica ainda os 4 querubins. Agora repare: Israel seria atacada novamente, após o primeiro ataque já feito (Ezequiel já estava no exílio), e viria do norte (ou seja, comandado pela Babilônia), porém, de algum modo, dividido em 4. Vejamos se temos algo que ocorreu mais ou menos na época de Ezequiel que confirme isso:

Nos seus dias subiu Nabucodonosor, rei de Babilônia, e Jeoiaquim ficou três anos seu servo; depois se virou, e se rebelou contra ele [contra Nabucodonosor]. E o Senhor enviou contra ele as tropas dos caldeus, as tropas dos sírios, as tropas dos moabitas e as tropas dos filhos de Amom; e as enviou contra Judá, para o destruir, conforme a palavra do Senhor, que falara pelo ministério de seus servos, os profetas. (2 Reis 24:1, 2)

A questão é bem simples: Jeoiaquim era o rei na época de Ezequiel (Ez 1:2), e este se virou contra Nabucodonosor, de modo que o que Ezequiel previra era Deus enviando contra Judá seus querubins. E quem eram os querubins de Deus do ponto de vista humano? "Caldeus", "Sírios", "Moabitas" e "Amonitas", provavelmente um dos maiores exércitos de carros daquela época – o que, certamente, explica muito

das visões de rodas e tudo mais que vemos nos querubins... Veja, não estamos inventando nenhuma coisa mirabolante ou falando de coisas nunca ditas no texto, apenas trouxemos o texto do jeito em que ele foi escrito. Os detalhes do texto (que é onde as pessoas se perdem) deixa-se para momento oportuno, mas os marcadores, tanto o local quanto o tempo, são essencialíssimos para se compreender o aspecto de sombra do texto.

Dessa forma, fica claro que Ezequiel previra não uma coisa boa, mas má contra Israel. E nisso o vento que vem do norte trazia quatro querubins ou, em outras palavras, quatro povos, enviados pelo Senhor, contra Israel. Já no aspecto espiritual (explicado no "Escatologia") o texto se refere à destruição de Jerusalém pelos romanos divididos em quatro legiões: V Macedonica, XII Fulminata, XV Apollinaris, X Fretensis (ainda que não tenham integrado até o final conjuntamente o ataque). Embora Roma não tenha sido um "povo do norte", é patente que seu papel é claro como 'espiritualmente do norte' sobre a Israel moribunda.

Obs.: a própria Israel passa a ser chamada de Babilônia (por isso é dito ao povo para sair dela, visto que seria destruída – Ap 18:4 [Deus ordena que os crentes saíssem fisicamente dela]). Compreendida assim, como não havia juízo sobre os crentes, é evidente que Israel não só toma o lugar da babilônia, mas sofre o que a Israel do AT sofreu *mais* o que a Babilônia sofreu – com seu sofrimento sendo dobrado, como nunca houve (Mt 24:21).

Ora, este texto que parece difícil para a maioria das pessoas, é claramente compreendido se lido na perspectiva em que foi escrito, sem nos intrometermos no seu sentido. E ele serve para apontar para nós como grandes descrições de visões, com muita frequência, são 'pequenos' eventos do nosso ponto de vista. Da mesma forma como o conceito de Novo Céu e Nova Terra o é na Escritura, sendo uma grande visão, porém, ao se manifestar neste mundo, parece coisa pouca e pequena por causa da forma como vemos.

Os homens que olham o conceito de Novo Céu e Nova Terra e se prendem à visão provavelmente ficariam estupefatos ao chegarem na Terra Prometida e notarem que da Terra não mana nem leite e nem mel, mas que estas coisas precisavam de trabalho, como cuidar de gado e ter cuidado de abelhas. A diferença é que o Novo Céu e Nova Terra, pela sua natureza mais espiritual, é descrito como esta visão de Ezequiel, em proporção muito maior porque espiritualmente é algo gigantesco, ainda que fisicamente pareça algo comum e simples.

Obs.: em Marcos 14:62 Jesus diz que quem o ouvia "veria o filho à destra de Deus". Porém, fora Estevão, ninguém viu Jesus sentado à Direita de Deus: e o motivo é claro – "ver" não é o mesmo que notar com os olhos que temos, mas saber que Cristo estava à destra de Deus, e isso espiritualmente. O mesmo vale para o que ele diz em seguida, mencionando sua vinda sobre as nuvens, provando que este ato também seria espiritual. Na prática, as descrições espirituais tendem a ser maiores do que o que vemos com os olhos (assim como Jesus era um homem comum ao olharmos com os olhos comuns, porém, é o Filho de Deus, o Senhor, sob quem todo joelho se dobrou, e isso só era perceptível espiritualmente).

Em resumo, o que Ezequiel prova é que visões grandes nem sempre são expressas visualmente de modo grande, podendo ser até mesmo algo corriqueiro em relação a outros povos. Mas vamos avançar enquanto costuramos esta tapeçaria.

DEPRAVAÇÃO "TOTAL"

Depravação da Vontade

O assunto da depravação é frequentemente debatido entre arminianos e calvinistas, e também entre calvinistas e calvinistas, pois alguns possuem certas variações em relação ao que "total" significa na depravação. O ponto, porém, é que é um fato claro que quando os homens pecaram em Adão se tornaram sujeitos intrinsecamente ao pecado, ou seja, não precisam do diabo para pecar, visto que podem produzir seus próprios males sozinhos.

A questão toda, entretanto, costuma passar de largo o fato de que a Escritura trata de depravação somente em relação à vontade, e jamais em relação ao intelecto ou emoções. Isso é muito claro no alerta de Deus a Caim, no qual vemos todo o resumo do problema com o pecado: a sua vontade é sobre você, mas te compete dominá-la. Portanto, somente neste trecho, podemos saber que quem pratica pecado é escravo do pecado, visto que o oposto de dominar à vontade é ser dominado por ela – *em relação ao pecado* (Jo 8).

Obs.: repare que em João 8 o contexto do 'pecado do qual alguém é escravo' é o assassinato e falso testemunho. Ser escravo do pecado é desejar estas coisas: matar e prestar falso testemunho contra alguém, e não ter um vício em chocolate ou videogame, coisas que podem ter um tratamento distinto, mas não podem ser confundidas com o pecado.

Eu entendo que os filósofos cristãos gritarão dizendo que afirmar que o problema é somente a vontade contradiz a realidade, visto que os homens distorcem as coisas pelo intelecto e não pela vontade. O problema é que estes mesmos filósofos não entendem que, na escritura, é a vontade em relação a Deus que guia a mente do homem. Por isso, concebe-se a maldade a partir do desejo, e não da razão, que apenas segue a vontade e nada mais (Tg 1:14, 15).

A razão pode ser enganada com ou sem pecado, motivo pelo qual Eva foi enganada antes mesmo da Queda (1 Tm 2:14; 2 Co 11:3). Portanto, essas coisas como "redimir a razão" ou "salvar a razão" nada mais são do que ideias humanas, já que Deus muda o coração, isto é, o centro da vontade humana, para que esta deseje praticar a justiça de Deus, e encontre os meios de fazê-lo, não prometendo nada com relação à razão em si.

Como acabamos de afirmar, a razão era enganável antes da Queda e, assim, ela jamais poderia ser o meio de conversão estabelecido por Deus, de forma que não importa quão racional ou logicamente o argumento seja estruturado, a menos que Deus *mude a vontade* não é possível haver conversão. Se a razão pode ser enganada, é óbvio que ela nada mais é do que o entendimento, mas não o centro no qual Deus opera.

Por isso, o intelecto não é o problema, o que não significa que ele possa ser o meio para alguém ser salvo, pois não sendo o intelecto o centro do pecado, não são

argumentos intelectuais que levarão o homem à fé, mas somente a Palavra de Deus, cujo poder do Senhor utiliza para vencer a vontade do homem. Portanto, não confunda: dizer que o problema não é o intelecto é justamente o que prova que argumentos intelectuais não convertem realmente – do contrário, todos seriam crentes mesmo após a Queda, já que todos conhecem a Deus, como Paulo afirma em Romanos 1.

Assim, você verá que todos os enganos bíblicos são mera força da vontade contra o Senhor e nada mais. Podemos dizer que a vontade do homem é totalmente depravada, mas não que o homem é totalmente depravado, ao menos não no sentido calvinista do termo. Pois, conquanto a vontade má infecte o homem, esta não tem o poder de tornar a razão incapaz de raciocinar, ainda que, por causa da mesma vontade, a razão não aceite a explicação espiritual das coisas.

Em suma, o que vemos com os olhos como uma distorção das coisas por meio da razão é, na verdade, um controle da vontade sobre o homem. Porém, diferente do que muitos pensam, mesmo essa depravação sofre mudança entre o Antigo e Novo Testamento, e é o que veremos.

Obs.: talvez você ressalte que em 1 Coríntios Paulo argumenta que as coisas espirituais precisam ser compreendidas espiritualmente. Porém, a capacidade espiritual *não é intelectual*. Não foi o intelecto atingido pelo pecado, visto que, como Paulo mesmo diz, não muitos intelectuais haviam sido chamados naquela época. Portanto, não é a filosofia, matemática e coisas semelhantes que foram atingidas pelo pecado, mas sim a capacidade espiritual, que reside tanto em intelectuais quanto em tolos. Veja, quando Paulo diz que poucos intelectuais haviam sido chamados, e disse que coisas espirituais se discernem espiritualmente, ele está claramente dizendo que não se discerne as coisas espirituais pela lógica, filosofia ou qualquer das ciências, mas sim que é outra capacidade alheia ao intelecto, e que pode residir em pessoas estúpidas mais do que em inteligentes. Assim, resumindo, se poucos intelectuais foram chamados, é porque os crentes que eram tolos tinham uma capacidade que os intelectuais não tinham: a de enxergar as coisas espiritualmente – e os intelectuais que foram chamados, além da sua intelectualidade, também tinham uma capacidade espiritual.

FIM DESSA TOTAL DEPRAVAÇÃO

O que explica o fato de que, na Antiguidade, todos os homens viviam em guerra com raros momentos de paz e, depois de Cristo, embora ainda existam conflitos, tal ambiente não seja tão frequente? O que explica o sumiço quase repentino dos ídolos antigos que possuíam cultos elaborados em torno de sexo e bebida e comida? Ou mais, o que explica o sumiço do culto aos mortos familiares que, no Império Romano, se tornou culto ao imperador vivo?

A resposta idiota é que o "cristianismo influenciou a cultura", mas antes de Cristo o povo de Deus estava no mundo, e nunca conseguiu tal façanha! Na realidade, frequentemente, os próprios judeus caíam nessas idolatrias e conflitos, motivos pelos quais a maior parte do AT existe. Se assumirmos que Cristo ainda removeu as sombras do AT, isto é, reduziu a quantidade de coisas a serem ativamente praticadas, isso ainda deixa tudo mais confuso, visto que, na realidade, *há menos influências externas "culturais" no NT do que no AT*.

A realidade é que não houve uma cultura cristã (isso nem se quer faz sentido, mas não é o nosso tema agora) que influenciou o mundo, mas três processos explícitos pelos quais Deus fez o mundo, mesmo dos descrentes, se tornar diferente do mundo do passado. E, embora estejamos sujeitos aos mesmos pecados, mesmo descrentes se sentem compelidos a não quererem praticar as coisas más que eram naturais e comuns até para judeus no passado.

Obs.: muitos vão apelar que, na verdade, as maiores perseguições aos cristãos se deram depois do ano 70 d.C., o que provaria que na realidade houve um agravamento. Bom, além disso ser mentira com uma hiperinflação de mártires, as perseguições pós-neronianas se direcionavam não só a cristãos, mas às bruxas e druidas (quando o código legal de Roma foi recuperado na Idade Média, a caça às bruxas retornou – pois romanos odiavam bruxas e magias). Os cristãos acabaram sendo acusados de bruxaria devido, justamente, algumas doutrinas específicas. A perseguição sob Nero acabou sendo a pior pelo fato de ser no início do Cristianismo, enquanto nas outras já haviam cristãos até fora dos limites do Império – não havia ‘risco’ de o Cristianismo morrer.

Vejam agora o que Deus fez entre o AT e o NT:

Nos descrentes

Os três fatores que ocorreram foram: Purificação (pela morte de Cristo, purificando todo o mundo), Perda da Idolatria (da qual mesmo os descrentes foram libertados), e bênçãos de Deus (as quais positivamente afastaram os ímpios do pecado em geral). Estas coisas são os fatores reais pelos quais o mundo mudou após Cristo, e não porque os cristãos supostamente foram mais avançados culturalmente ou mais inteligentes, pois, como Paulo mesmo testemunha em sua época, não muitos sábios haviam sido chamados naquele momento (1 Co 1:26-29).

A cultura greco-romana, esta sim, é que foi absolvida pelos crentes, de modo que hoje luta-se por esta cultura dizendo-se ser ela, supostamente, cristã. De qualquer modo, deixaremos isso para o final. Por hora, porém, é importante que entendamos o papel de uma mudança no mundo feita por Deus.

Purificação

Cristo morreu por todos. Mas não no sentido salvífico, sendo este último sentido estrito. Mas, para que você compreenda isso, é preciso entender como Deus estabeleceu as leis de purificação na Lei.

O livro de Levítico divide o mundo em três partes: O Templo (o lugar mais santo), Israel (o lugar puro) e o resto do mundo (o lugar impuro). Quando um israelita tocava em algo impuro, como um cadáver ou comia carne de porco, ele não precisava praticar nenhum ritual de pecado, antes, apenas purificador, visto que estas coisas não eram pecado (assim como não ser israelita não era pecado, apenas impureza).

Obs.: o caso da Lepra é interessante, visto que não era um sacrifício pelo pecado, mas de testemunho. Ninguém se curava da lepra em 7 dias, ou em 14, como a lei estabelecia. Pelo contrário, a pessoa levava essa doença para toda a vida, razão pela qual se alguém fosse curado deveria apresentar uma oferta de **testemunho** (não de pecado), pois seria um milagre de Deus (2 Rs 5:6, 8). No último caso, a cura da lepra

sinalizava a vinda de Cristo, visto que só ele poderia curar alguém milagrosamente disso (veja o caso de Naamã e também Mateus 8:1-4).

Neste caso, o mundo inteiro era impuro, algo atestado mesmo em Gênesis 3-4, no qual Adão é expulso do Jardim do Éden, depois Caim é expulso do Éden (não do Jardim), indo para o mundo. Do mesmo modo, o Templo: Santo dos Santos, Santíssimo, e a Entrada. Em tudo Deus criou três níveis em relação ao templo, ao jardim, ao Sinai e ao mundo com a nação de Israel e o templo.

Obs.: o templo dividido em três partes, do santíssimo para o puro; o Mundo, dividido em Jardim, Éden e o restante; o Sinai, no qual três níveis de separação foram feitos: Moisés, líderes e o povo, sem poder tocar o monte; por último, a própria nação de Israel, sendo como que santa, com o templo sendo o Santo dos Santos, e o mundo afora impuro; tudo isso são figuras de realidades que viriam e algumas que deixariam de ser.

Pode-se notar, também, que a própria terra e o piso do santuário se tornavam impuras com o tempo, por causa do pecado do povo (Lv 18:25, 28; 16:16). Isso quer dizer que estas coisas precisavam de pureza.

Ora, Deus destruiu o templo e a nação de Israel para sinalizar que esta distinção tripla não existe mais. Não existe mais um mundo dividido em três níveis de pureza, não existem mais rituais de purificação e não existe mais distinção entre puro e impuro em termos rituais.

Isso é claramente dito por Deus a Pedro, quando este estava preocupado com se deveria ou não pregar aos gentios (At 10-11). O fato de Deus demonstrar os gentios como animais para Pedro é simples: os rituais que impediam a ingestão de animais no AT nada mais significavam que os crentes do AT não deveriam ter contato com os gentios ou andar com eles ou mesmo pregar a eles – ainda que não fosse pecado tal coisa, visto ser apenas impureza.

Pedro compreende isto bem, de tal modo que após a visão entende que Deus *purificou os gentios*, do mesmo modo como um israelita era *purificado das impurezas que o separavam de Deus*. É claro que um israelita não era santo por estar puro, assim como um gentio não é santo por estar puro. E aqui entramos no aspecto espiritual do sentido destas coisas.

A impureza “são” os pecados que misturam coisas que não devem, como homossexualidade masculina (Rm 1), ou se deitar com animais ou nora (Lv 18:23; 20:12). Isso é o pecado da impureza na sua plenitude (hipocrisia também é impureza no NT – antes que você pense que se relaciona com assuntos sexuais). E é isso que separa alguém de Deus hoje. Algum descrente, porém, que não pratique estas coisas estará puro, embora não necessariamente seja santo, visto que a santidade implica, ainda, a prática da justiça de Deus e não somente o abrir mão das impurezas.

Obs.: perceba que quando havia sacrifício em Israel pelos pecados, sempre era somente por Israel, pelo Povo de Deus, pois não fazia sentido que todo o mundo tivesse um sacrifício por ele. De modo que Cristo, mantendo a lógica do sacrifício, morre para tirar os pecados do seu povo (Mt 1:21) e não do mundo todo, ainda que aparentemente alguns textos digam o contrário (neste caso, geralmente os textos

estão contrastando 'judeus e gentios', ou seja, morrer pelo mundo é morrer por judeus e gentios, não por todos sem exceção).

Assim, da mesma forma que Deus governava os israelitas puros, também governa os gentios por atualmente serem puros, visto que o *deus da última era não governa mais*. E isso significa não só o fim daquela impureza de modo negativo, mas também que Deus positivamente limpou os homens do que os distanciavam de Si mesmo, de modo que o Reino de Deus chegou a todo o mundo, algo que antes era limitado somente a um povo (Jesus promete que *alguns* não **morreriam** até que vissem vir o Reino de Deus em sua plenitude – Lc 9:27 – algo só possível após a vinda de Cristo).

Perda da idolatria

Sabemos que para os crentes atuais tudo é 'idolatria', pois acham que idolatria é gostar demais de algo (as famosas "idolatrias do coração"). Mas lhe digo algo: a maior parte dos deuses a quem os homens sacrificavam não eram adorados por amor, e sim por medo (para aplacar divindades) ou por tradição. Na realidade, com muita frequência não haviam emoções fortes, a ponto de ser necessário induzi-las, tanto por meio do sexo, como da festa. Essa idolatria (idolatria de verdade) não é comum entre nós, ou o que há é uma tentativa frustrada de imitação destas coisas. E há motivos espirituais (não culturais) para isto.

Por esta razão o mandamento diz "não terás outros deuses" e não "não amarás outros deuses", pois Moisés bem como os hebreus sabiam que não se tinham outros deuses por amá-los na maioria dos casos.

Sabemos também, por meio de Tácito, que os gentios ouviram durante a queda do templo que os deuses estavam deixando o mundo. E isso é relevante se considerarmos que Deus prometeu isso especificamente para seu povo:

E acontecerá naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, que tirarei da terra os nomes dos ídolos, e deles não haverá mais memória; e também farei sair da terra os profetas e o espírito da impureza. (Zacarias 13:2)

A profecia acima não é somente sobre o fim do profetismo e da impureza, mas também do nome dos ídolos. E é importante que entendamos que Deus está prometendo que ainda haveria mentira sobre profetismo (Zc 13:3-4), mas não o profetismo em si. Este texto, além de afirmar o que já dissemos em outros lugares, atesta que os falsos deuses seriam esquecidos, algo muito claramente cumprido, ainda que, novamente, sempre haja, por causa de certas tradições, alguma resistência.

Mas por qual razão os povos adoravam outras divindades? O motivo é simples: o diabo as governava, ele é quem imperava sobre elas, e por isso induzia as nações ao seu próprio culto (Lc 4:6; 1 Co 10:20). Ora, ao mostrar os reinos do mundo para Cristo, Satanás prova que tais reinos eram dele ainda, e Cristo não objeta a isto, pois de fato Satanás governou os povos (Jo 12:31; 14:30; Ef 2:2).

Quando Satanás ganhou o poder de governar os povos? Ora, quando Adão caiu, Deus mesmo disse que a semente da Serpente lutaria contra a da Mulher, resultando, assim, no fato de que a própria serpente teria povo(s). Durante todo o

AT podemos ver que a serpente é quem governava as outras nações, pelo simples fato de que elas possuíam como modo prevalecente o culto aos falsos deuses.

Paulo, porém, esperava que os homens fossem removidos da idolatria em um momento específico, que seria na "revelação" dos filhos de Deus (Rm 8:19-22). O ponto central de Paulo é que as criaturas (isto é, os gentios) seriam libertas da escravidão, por isso esperavam a liberdade, e não a glorificação – exatamente como esperavam a *revelação* dos filhos de Deus, e não a glorificação destes.

Obs.: preciso lembrar, porém, que 'glorificar' só adquiriu status de ser elevado aos céus posteriormente, visto que, na realidade, glorificar é "exaltar", "por em evidência", "honrar". Assim, quando Paulo diz que Deus "glorificou os crentes" (Rm 8), está ressaltando que estes foram exaltados, e não que falava do futuro como se já tivesse ocorrido na mente de Deus.

Ora, qual era o problema na época de Paulo? Todos os gentios viam os crentes como um grupo menor dos judeus – mesmo com o evangelho crescendo. Isso mudou quando o julgamento de Deus começou pela casa d'Ele, por volta do ano 64, com Nero fazendo com que os cristãos fossem perseguidos. Neste momento, não só o diabo havia sido solto, de modo que o evangelho parou momentaneamente de progredir, mas também os cristãos começaram a ser notados como distintos dos judeus. Até que, finalmente, quando a destruição de Jerusalém ocorreu, não só fomos totalmente revelados ao mundo, mas nos tornamos semelhantes a Cristo (1 Jo 3:1-2 explicamos estes versículos comentando ao Cap. 9 da CFW).

Ora, a idolatria perdeu força enquanto o evangelho crescia, até que, finalmente, ela perdeu o seu propagador final: o diabo. Com o diabo sendo lançado no lago de fogo e enxofre, junto com o inferno, todas as suas obras foram desfeitas, de modo que agora temos não só o fim total da impureza ritual, mas também o esquecimento progressivo da idolatria. Deus cumpriu o que disse ao profeta, cessando assim também a profecia.

Bênçãos de Deus

Revelação dos crentes

O que a maioria das pessoas não nota na Depravação é que a restrição dela foi aumentada. Ora, vimos acima que as criaturas (gentios) de Deus foram libertadas da corrupção e nulidade de pensamento, isto é, da idolatria como tal. Além disso, a destruição definitiva do diabo é que favorece tais coisas, de tal modo, que se quer vemos cultos aos governantes como ocorriam no passado (não eram só imperadores romanos que exigiam ser ativamente adorados, isso era mais comum do que você pensa – e hoje é absolutamente incomum, ainda que você pense que amar demais um político seja idolatria, o que não é verdade).

Obs.: eu sei que a ideia estúpida de que há isso hoje é corrente. Existem mesmo livros inteiros dedicados a provar que os anseios políticos modernos são cultos porque, afinal, externamente se assemelham a um culto; mas tal analogia é tão tola que só com muito estudo e esforço os indivíduos começam a associar tais coisas. A realidade é que as paixões intensas humanas são somente isso: paixões intensas. E todas elas, no manifestar externo, sempre se assemelharão às estruturas de culto se

você olhar somente para as partes aparentes dos cultos que envolvem intensidade emocional ou um tipo específico de ordem (que, cá entre nós, não é igual em todos os cultos que ainda existem por aí). Na realidade, um culto com muita frequência é mantido simplesmente sem nenhum processo lógico perceptível, embora os ‘cultos políticos’ tenham uma lógica e um *modus operandi* específico com maior frequência. Isso não quer dizer que concordamos com estas paixões intensas, apenas que não podemos acusá-las de idolatria: tais acusadores são, por ensino bíblico, falsas testemunhas.

Vendo o tanto que Deus nos afastou de tais cultos reais, não deve ser surpresa que Deus mesmo tenha dado mais coisas como meios de eliminar, do nosso meio, outros pecados – ou, na realidade, reduzi-los. Ora, tal coisa soa otimista, mas não o é no sentido que um pós-milenista pensa. Para nós, a remoção dessa maldade está atrelada à igreja, na medida em que cresce e se espalha, de modo que, ainda que a vitória sobre o diabo tenha já ocorrido plenamente, as práticas por hábito do pecado aprendidas foram perpetuadas, além de haver sempre um certo desejo interno guardado do pecado. A memória histórica pode custar a sair, afinal, foram, no mínimo, 3 mil anos de culto a imperadores e reis, e nós estamos a 2 mil anos após Cristo, com estas coisas já não sendo comuns entre nós, porém, ainda com alguma proximidade em culturas que não conhecem a igreja.

Obs.: o pós-milenarismo é político, o pré-milenismo é literal e o amilenismo, além de atrasado, habitualmente é meramente pessimista sem razão alguma, ainda que haja os otimistas.

Perceba quantos pecados Israel cometeu no passado. Veja se existe alguma equivalência com os erros que igrejas locais cometem. Note por partes como Deus tem nos abençoado:

Dividindo o seu povo:

Quando Israel pecava havia apenas uma divisão: norte e sul. Não era absolutamente incomum que um dos lados pecasse mais do que o outro ou antes do outro, o que, ao menos, reduzia o sofrimento de *todo o povo*. Porém, no NT, Deus tem uma única nação espalhada pelo mundo, em igrejas locais, de modo que quando uma peca apenas ela sofre, sendo irrisório no nível maior (note como Jesus lida com as 7 igrejas do Apocalipse). Essa divisão de Deus favorece-nos, visto que agora o nosso pecado, mesmo de um único indivíduo, não afeta a igreja toda, como o pecado de Acã afetou toda a nação israelita. Naquele caso, o pecado de um indivíduo podia afetar toda a nação, o que não se sucede hoje porque a nação existe espiritualmente, sem vínculo externo necessário. Isso, em parte, acaba com a maldição da lei.

Dando fim à maldição:

As pessoas não entendem como a maldição de Deus funcionava no AT. Por exemplo, o segundo mandamento expõe que Deus visita o pecado dos pais nos filhos, ou seja, Deus pessoalmente pune algo que os pais fizeram na sua descendência, afastando essa descendência da mesma benção que os crentes tinham. Explicamos:

Primeiro, a Lei proibia que nós, os homens, punissem os pecados dos pais nos filhos, pois nós não temos este direito ou dever dado por Deus (Dt 24:16). Porém, era notável que Deus punia os pecados dos pais nos filhos, pois ele mesmo diz e o povo percebia, como se prova nos profetas (Êx 20:5; 34:7; Jr 31:29; Lm 5:7; Ez 18:2; Jó 21:19). O fato é claro: Deus punia e visitava os pecados dos pais nos filhos, "fazia os dentes dos filhos se embotarem pelo fato de os pais comerem uvas", e isto é doutrinariamente dito no AT.

Mas também temos casos práticos disso: as filhas de Ló e o caso de Davi. As filhas de Ló geraram nações ímpias, afastadas de Deus, que foram usadas até contra Israel – o pecado delas foi o incesto, e neste pecado se geraram amonitas e moabitas, dois povos separados das promessas de Deus, exceto para aquilo que ainda seria futuro. Ainda, o filho do adultério de Davi morreu punido por Deus (no sétimo dia, antes da circuncisão, provando quanto Deus odiou o pecado de Davi), sendo evidentemente Deus visitando o pecado de Davi em seu filho, sem que nada possa ser dito contra isso. Tal coisa soa como injustiça, e da fato, Jó assim pontua (Jó 21:19). Por isso Deus promete nos profetas que chegaria um momento em que os filhos não mais sofreriam pelos pecados dos pais (Jr 31:28-30; Ez 18:2- 4).

Obs.: muito teólogo pensa de forma pragmática o texto do segundo mandamento. Mas isso é uma grande falha, pois não são meras consequências internas que são mencionadas no texto, e sim uma visita do pecado dos pais nos filhos, ou seja, fazendo os filhos sofrerem a pena do pecado que os pais deveriam sofrer ou que sofreram.

Ora, a isto é chamado de "maldição da lei", pois ela era aplicada aos descendentes dos que pecaram. A morte de Cristo, por isso, foi muito mais do que o que ocorria num sacrifício anual em Israel, antes, em Cristo não só o pecado foi removido, como também a maldição que pairava sobre a descendência e que privava esta mesma descendência das boas novas de Deus foi aniquilada. Razão do porquê o conhecimento da lei de Deus só se dava, verdadeiramente, dentro de Israel e, agora, a temos fora daquela terra ou daquele povo. E como tal coisa foi possível? Simples, Cristo purificou todo o mundo.

Paulo reconhece que Cristo se fez maldição para isto mesmo, remover o poder amaldiçoador da lei sobre nós. O simples fato de o evangelho chegar a nós e de nos convertermos (pois a própria conversão é algo de Deus) sinaliza como a maldição foi revertida em bênção, de modo que os povos que antes estavam afastados de Deus, foram aproximados. Isso sozinho deveria testemunhar sobre como a maldição da lei foi não só restringida (entre os anos 30 e 70), mas totalmente aniquilada com a expansão geral do Evangelho.

Quebrando o desejo pelo pecado

Não parece óbvio para muitas pessoas, mas leia todo o AT e veja o quanto o povo pecava. Pior, pense dessa forma: o povo de Deus viu 10 pragas caírem sobre o Egito, a nuvem separa-lo dos egípcios, o mar se abrir, as pessoas serem curadas pela serpente de bronze, maná cair do céu, água sair da rocha, sandálias não envelhecerem, fogo e saraiva sobre o monte Sinai, a terra se abrir e, ainda assim, quase toda aquela geração que saiu do Egito morreu pela incredulidade. Você, que a nada disso viu, crê em Deus e diariamente mantém sua luta contra qualquer

desejo pecaminoso (e às vezes contra o lícito também), e não caiu ou cairá no deserto. Por qual motivo isto? Porque Deus prometeu que a Depravação seria atenuada, o que criou em nós uma facilidade maior à fé no verdadeiro Deus.

E mais, por qual razão você não pegará um bebê de um ano e oferecerá no colo de uma estátua para ser assada a uma divindade? Ou, antes, por que não fará uma grande festa regada a bebida e comida a um deus qualquer? Ou, por qual razão não levantará um poste e reunirá amigos e moças/mulheres para juntos fazerem sexo publicamente em torno deste poste com o fim de apresentar culto? O motivo é simples: você não está mais no AT, e Deus prometeu que estas coisas não seriam mais pecados persistentes entre o povo dele.

Por qual razão, mesmo em igrejas da Idade Média, havendo vários *sheela-na-gig's*, não se registrar qualquer culto a tais coisas com foco sexual? Ou antes, por que, mesmo o culto aos santos católicos é muito mais *clean* do que qualquer falso culto do AT? A razão é simples, porque Deus afastou de nós todas estas coisas, mesmo em nosso coração.

Mas você dirá: "Mentiroso! Todas as nossas obras são trapos imundos, e estão todas poluídas de pecado!". Não é isso que o texto bíblico nos diz:

[...] por muito tempo temos pecado e havemos de ser salvos? Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniquidades, como um vento, nos arrebatam. (Isaías 64:5, 6)

Muitos há que afirmam que estes versículos nos descrevem, porém, não é verdade. A questão que Isaías está tratando é daquele que vive em pecado, de modo que aquele que "por muito tempo tem pecado" é imundo e suas justiças são como trapos de imundícia. É evidente que Isaías não está dizendo que as justiças dos crentes são imundas, visto que vemos, mesmo no AT, que Deus ama as boas obras e justiça, desde que sejam feitas a partir de um coração ou pessoa que não vive em pecado. Não é isto mesmo que 1 João afirma?

Todo aquele que está no pecado não o viu nem o conheceu. Filhinhos, não deixem que ninguém os engane. Aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado é do Diabo, porque o Diabo vem pecando desde o princípio. (1 João 3:6, 7)

O apóstolo espera que, mesmo seus leitores sabendo que pecaram, eles não vivem no pecado, antes, praticam a justiça, porque Deus é justo. Ora, se Deus é justo, como pode considerar nossas justiças imundas se não vivermos no pecado? Temos em Deus toda a certeza de que o que praticamos de justo é visto por Deus como boa obra que de fato é, sem que seja menosprezada por ele. Dessa forma, sabendo que Deus freou a maldição e concedeu mais poder ao seu povo para pecar menos, é evidente que mais ainda Deus vê o que fazemos, pois tudo está muito mais limpo ou isento de pecado! Isso não quer dizer que não pecamos, mas não podemos dizer que pecamos sem saber em que caímos. No máximo, podemos fazer como o salmista no Salmo 19, que pede auxílio a Deus contra pecados ocultos dele mesmo (o que é difícil de ocorrer se considerarmos a lei de Deus como é de fato, e não com os acréscimos que fizemos). E isto nos leva ao último ponto.

RESUMO DE ALGUNS TEXTOS

O que muita gente não percebe é que nestes dois capítulos de Paulo aos Romanos ele está tratando da força do pecado que, a partir do conhecimento da Lei, *ganhava* mais força ainda, por isso os gentios paradoxalmente odiavam o evangelho, como loucura e, ao mesmo tempo, vinham se convertendo. Paulo reconhece que o homem que tem o entendimento da Lei está em uma fase fraca, porque só isso não garantia nada, visto que ele continuava desejando o que era do próximo (você fez isso ao conhecer a lei? Se não, então já tem uma boa resposta do que estamos falando sobre o pecado perder força).

Vamos seguir Paulo de perto: ele cita Êxodo 20:17 no v. 7 do cap. 7 de Romanos. O que ele quer mostrar com isso? Ele está citando que o pecado da cobiça (desejar o que é do próximo), ganhou mais força entre os que não tinham lei na medida em que estes souberam que isso é pecado. Por isso, pela carne, eles não tinham poder algum, e no espírito tinham prazer na lei de Deus, embora externamente desejassem o que é do próximo. Contudo, assim que se converteram, ou, antes, receberam o Espírito Santo, o pecado não tinha mais poder sobre eles, que é o que Paulo diz no cap. 8. Paulo está dando uma descrição da conversão presente na época dele, não na nossa.

Dessa forma, embora fosse difícil não desejar o que é do próximo, eles tinham as primícias do Espírito Santo, de modo que a Lei de Moisés morreu para eles, ou seja, perdeu a força que tinha para os fazer pecar mais ainda e para morrerem por ela. Contudo, a pergunta que fica é: seriam os crentes perturbados assim para sempre? Afinal, não teria um momento, neste mundo, em que conhecer a lei de Moisés me afastaria do pecado? A resposta de Paulo vai além e diz que os crentes terão este corpo de pecado (citado no cap. 7) redimido finalmente na vinda de Cristo, fazendo os filhos de Deus serem revelados (e não "glorificados"). De modo que, mesmo os descrentes, perderiam essa carne presa ao pecado, sendo libertos da sujeição, e sendo mais sujeitos aos poderes do evangelho.

Obs.: Filipenses 3:21 segue na mesma linha, considerando a estrutura de pecado e ódio a Deus anteriormente mencionada no capítulo, diz que o "nosso corpo *abatido*" seria submetido, ou seja, ele não está falando do corpo como tal mudado em um estado de glória no céu, mas sim que o corpo seria sujeitado a Cristo, assim como o corpo de Cristo é sujeito a ele mesmo.

Posso dar um exemplo prático: o que o apóstolo João fez assim que viu o anjo? (Ap 22:8, 9). Aliás, por qual motivo isto está registrado justamente neste capítulo de Apocalipse? Ora, a razão é simples: Deus quis mostrar que este corpo do pecado perderia todo o poder no Novo Céu e Nova Terra, apontando que mesmo os apóstolos antes da vinda de Cristo caíam facilmente em idolatria diante de uma visão, nós, porém, embora tenhamos algum risco nisso, não mais caímos facilmente.

Tudo isso está nestes dois capítulos de Romanos, expondo o conflito com o pecado que foi único na época intermediária de Cristo, mas que agora não mais existe. Não confunda, pois agora pode ver o todo completo, caso tenha dado atenção a este texto e ao anterior: citamos o caso de Ezequiel para mostrar como eventos relatados de modo grandiosos podem ser, na verdade, pequenos do ponto de vista

humano; daí, passamos a mostrar como, no final, as promessas do AT se cumpriram todas até o ano 70 d.C., eliminando a forte tendência ao pecado, mas ainda não acabando com toda ela; como também Ap 21-22 mostra, ao relatar que há um novo céu e uma nova terra, com uma cidade nela, sendo que os pecadores estão no novo céu e na nova terra, mas não entram na cidade (ou seja, na relação com Deus e seu povo).

Promessa para a Igreja inteira

Outro exemplo de que Paulo esperava algo que tornaria a igreja firme como um todo é Efésios 4:11-16. Primeiro, ele toma como base e tipo da igreja o corpo físico de Cristo, e nessa perspectiva ele divide de duas formas: um como menino e outro como um corpo ainda incompleto. Como menino ele ressalta que a igreja primitiva ainda era levada a todo vento de doutrina, mas que posteriormente, após o aperfeiçoamento, mesmo com os ventos de doutrinas, a igreja não mais seria levada. Neste sentido, chegando à fase adulta, a igreja estaria livre do tipo de imperfeição que havia antes do ano 70 d.C. (cf. 1 Co 14:20; Gl 4:19 [onde Paulo mostra que ser infantil é ser levado à circuncisão de novo]; Hb 5:11-14 [onde o autor mostra que a infantilidade é ainda prender-se de algum modo às ordenanças {não mandamentos} do AT]). Dessa forma, embora a igreja seja enganada eventualmente, ela não cai mais nos erros infantis da circuncisão e rituais da Lei (os rituais de hoje são imitações ou não são praticados pela igreja de fato).

Obs.: aquilo que Paulo chama de “mandamento de *ordenança*” é uma categoria distinta do mandamento. Os mandamentos de ordenanças é o que passou, os mandamentos nunca passaram (Ef 2:15; Cl 2:14; 1 Co 7:19 [circuncisão é ordenança | não adulterar é mandamento]).

No que diz respeito ao corpo, Paulo espera que ele tenha o jeito do corpo de Cristo, isto é, atue em harmonia. Para isto o ministério dos profetas e pastores existiu até o ano 70 (o dos presbíteros e diáconos continua, entretanto).

Em 1 Coríntios 13 Paulo também afirma o mesmo, ao dizer que o amor tudo crê e tudo espera, mas que a fé e a esperança deixariam de existir. Ora, pra quê o amor tudo crê e espera depois do fim da fé e da esperança? O motivo é simples: a fé que esperava na época de Paulo acabava com a vinda de Cristo, pois não havia nada mais para se ter fé depois, pois só se pode ter fé pelo que a palavra diz, e não pelo que eu sinto ou acho. Dessa forma, com a vinda de Cristo, a fé acabou, visto que todas as promessas se cumpriram, mas o amor continua, crendo que Deus sustenta toda as coisas, e aceitando todas as coisas, por isso ele tudo crê e tudo espera, mesmo que não haja uma promessa específica sobre a qual esperar.

Na realidade, o amor tem fé e esperança nele porque tudo crê e tudo espera, ou seja, acredita que pode se suceder tudo: morrer ou viver, se dar bem ou mal. Não como José, que sabia que precisava sobreviver, pois não sabemos se sobreviveremos daqui 2 dias, mas cremos que Deus pode fazer qualquer coisa que quiser dentro de 2 dias, por isso o amor tudo crê. O que é perfeito já veio, e removeu a esperança e fé que a igreja primitiva precisava exercer.

Obs.: muitos, querendo provar o fim dos dons, dizem que o “perfeito” é o cânon bíblico. Mas se o perfeito já veio, a fé e a esperança acabaram, se o perfeito não veio, então línguas e profecias continuam (tais dons são citados em conjunto). Dessa

forma, o fim das línguas e da profecia ocorre junto com o fim da fé e da esperança – basta que leia o texto de 1 Coríntios 13 e note (além de lá Paulo mencionar, também, o fato de se deixar de ser menino, que nós já vimos acima, e que é a perfeição a qual Paulo se refere nos textos citados e neste de 1 Coríntios 13).

UMA ÚLTIMA QUESTÃO TEOLÓGICA

Letras e Palavras

Infelizmente não podemos tratar de um “sentido das letras” hebraicas. Porém, podemos deixar dois alertas: o primeiro, é que não é possível fazer uma teologia na qual cada letra tenha um significado em toda palavra hebraica, sendo daí que fluem os erros toscos e tolos de vários judaizantes e outros homens. Além disso, e em segundo lugar, estamos tão distantes do pensamento hebreu que é mesmo difícil saber se os casos que parecem mais razoáveis fazem realmente sentido. No geral, o que podemos dizer é que o “significado extra” de uma palavra é o que ela já significa por cima. Daremos um exemplo:

Os sinais do AT apontavam Cristo, e isso sabemos porque muitas vezes eles eram figuras de Cristo. Calha que a palavra hebraica para ‘sinal’ também aponta Cristo (pois as letras hebraicas possuem um significado específico: touro pregado numa cruz). Assim, é notável que não existe uma revelação nova, apenas um detalhe extra na revelação já conhecida. E mais, como regra, tal deve ser a função dessas palavras com significados duplos: apontar a Cristo e sua igreja – coisas fora disso tornam-se questionáveis e podemos duvidar muito de sua aplicação. Porém, como não temos espaço, deixaremos este assunto neste pé, na esperança de que outros desenvolvam com mais detalhes e atenção.

Por fim, abaixo, veremos apenas uma questão breve: a Cosmovisão.

COSMOVISÃO

Sabendo que o pecado não atingiu o intelecto, sendo este, porém, distinto da capacidade espiritual do homem, devemos considerar o conceito de ‘cosmovisão’ popular entre os crentes atuais. Primeiro, considere esta afirmação:

Todos têm cosmovisão *pela* filosofia,
porém, ninguém pode ser julgado por inteiro, pois a
escritura nunca faz isso,
já que cosmovisão é uma perspectiva e preocupação filosófica
e não bíblica.

Sempre que a Bíblia fala sobre si mesma como lâmpada, luz, sabedoria e coisas semelhantes, ela está contrastando-se ao pecado que ela mesma condena, ou seja, se você vive no ódio pelo próximo está em trevas, a luz que a Escritura é nos ensina que não podemos odiar o próximo, antes, amá-lo, fazendo coisas ativamente para o seu bem, como a Lei mesmo especifica, enquanto odiamos firmemente todo o pecado. Afinal, a Escritura julga os desejos e pecados que são contrários a ela, e não “cosmovisões”.

Alguém na Escritura já foi julgado pela cosmovisão? Nunca, todos sempre foram julgados pelo pecado, por adulterarem, matarem, prestarem falsos testemunhos, incestos, prostituições culturais etc., mas nunca, jamais, um indivíduo é criticado por uma posição científica ou filosófica, nem mesmo por uma incompreensão intelectual ou algo do tipo.

Sempre que homens são condenados por ideias na Bíblia ou são por ou crerem em outros deuses, ou por crerem que a ressurreição já tinha ocorrido antes do ano 70 d.C., ou por ensinarem que Jesus não tinha um corpo – coisas estritamente teológicas, e não filosóficas ou científicas.

Obs.: já vimos dois casos interessantes – o primeiro, no qual os pais não queriam ficar com os filhos no culto, e tinham o desejo de enviá-los para a salinha de ‘culto infantil’, estes foram vistos como abortistas em potencial, pois a cosmovisão deles é de desprendimento dos filhos. O segundo, extremamente comum, é o caso de que alguém ao assistir pornografia é automaticamente visto como pedófilo, estuproador etc., mesmo sem nunca terem desejado tais coisas, porém, são julgados por um conceito de cosmovisão: se você faz algo, outra coisa está próxima e é logicamente ligada, portanto, você é acusado de pecado. Cosmovisão na teologia é uma verdadeira praga.

No fundo, a “cosmovisão” dentro do cristianismo é um meio de acusar indivíduos não muito civilizados de pecado, já que, na realidade, “tudo é cosmovisão”. Notoriamente, não estamos dizendo que não possam existir cosmovisões, visto que é claro uma certa linha de raciocínio e modo de vida que as pessoas seguem. O problema é que, como já vimos, para alguns, um homem pintar um cabelo de amarelo expressa uma cosmovisão contrária ao cristianismo, o que, no fundo, implicaria pecado. Isso é um absurdo! Pois onde o cristianismo estabelece, na Lei bíblica, que o cabelo obrigatoriamente pode ou não ser de uma cor? Em nenhum lugar. O máximo que alguém poderia concluir é que um indivíduo que faz isso não é tão civilizado quanto ele, e só.

Obs.: não estamos em um embate filosófico e, por isso, não trabalharemos sobre o desenvolvimento do conceito mesmo de “cosmovisão”, iniciado há pouco tempo na própria história do cristianismo. Muito menos diremos se ela é ou não real, visto que, quer exista ou não cosmovisão, os crentes (e descrentes) são julgados não por ela, mas pelos seus pecados ou doutrinas contrárias à escritura de Deus, e não pelos aspectos culturais, civilizatórios ou coisas semelhantes. A propósito, caso tenha curiosidade, veja o conceito de mu'tazila, que vem dos árabes em contato com materiais de Aristóteles e que, de certo modo, é quase um equivalente à ideia de ‘racionalista’ que vê o mundo por certas lentes: quase exatamente o mesmo conceito de ‘cosmovisão’ que temos.

Este conceito vem arrastando milhares de pessoas para a tal “guerra cultural” que, novamente, não é nosso objetivo dizer se existe ou não, mas que podemos dizer, claramente, que não é para ser vencida pelos cristãos. O motivo é simples: o que os cristãos querem impor são padrões filosóficos de beleza, literatura e coisas semelhantes – e isso não é a lei de Deus. Conquanto você possa querer ter determinados tipos de produções cinematográficas específicas, e até mesmo criar grupos e se envolver em processos para conseguir isso, jamais faça parecer ser uma luta pelo cristianismo para tentar dar um sentido espiritual à sua luta.

O fato é que você sentirá, tão somente, que o mundo está ficando pior, e o motivo é simples também: você o está julgando por padrões estéticos e morais greco-romanos, e não bíblicos. E vou lhe dizer: o mundo está se afastando destes padrões, porque é o que sempre ocorre, com um eventual retorno a estes padrões modificados (isso já ocorreu algumas vezes).

Obs.: o conceito que temos de cosmovisão é um fruto da sociedade europeia francesa e alemã. Essas duas tendo herdado de Roma (o Império) o conceito de costumes voltados para um centro. Ocorre que neste sentido, a cosmovisão seria uma perspectiva que fundamenta toda a sua relação com o mundo, de modo que não ser “crente” em uma dessas relações não só polui todas as outras, como também te torna bárbaro, intelectualmente inferior etc. (veja como as pesquisas citadas por neocalvinistas quase sempre ressaltam a falta de inteligência). Não estamos dizendo que não possa ser filosoficamente viável que você tenha uma ‘cosmovisão’, mas se a possui, ela não é um conceito bíblico – ela só explica nossas relações, e teologicamente torna inocentes culpados.

Infelizmente não podemos oferecer muito mais do que estas respostas, do contrário, entraremos no campo que justamente estamos dizendo que não queremos: o do debate filosófico. Pense o que quiser pensar. Por nossa parte, fizemos todo o esforço que estava à nossa mão.

Que Deus, que é cheio de poder e graça, de verdade e amor, de repreensão e justiça, te dirija no caminho que ele mesmo nos deu.

Conclusão:

- As visões sempre ressaltam coisas grandiosas que do nosso ponto de vista não são tão grandes sempre;
- O fim da Depravação foi previsto, e temos atualmente pouca coisa real sobre pecado em comparação à Antiguidade.
- Isso, porém, não é influência cultural, mas ação espiritual de Deus.
- Por esta razão, conceitos de cosmovisão na teologia são falsos, criando falsos julgamentos.

BREVE COMENTÁRIO DE MATEUS 24 - 25

Vimos acima que muitas questões foram respondidas, mas podemos também pontuar vários outros detalhes que nunca costumamos aceitar e, para isso, focaremos em comentários breves - como os comentários deveriam ser - sobre o texto bíblico em relação à escatologia que Jesus nos apresenta. Naturalmente os pressupostos que temos já foram apresentados, portanto, saiba que não cremos ser possível haver mais outro cumprimento das profecias de Cristo. Por outro lado, se elas não se cumpriram como Cristo disse, logo, ele é um falso profeta, como Dt 18 especifica, e não deve ser respeitado.

Para facilitar o nosso estudo, dividiremos o texto em perícopes, ou trechos coesos e menores, que podem ser notados como início e fim de raciocínios no próprio

texto grego. E destacaremos, em negrito, aquilo que for importantíssimo de ser notado:

MATEUS 24

24:1-2:

¹ *E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo.* ² *Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.*

Ora, tendo Jesus saído do templo neste momento, os discípulos passam a lhe mostrar como é a estrutura do templo, Jesus, contudo, repentinamente, os diz: este templo de pedra não ficará de pé. Isso é importante porque é o resto do assunto até o fim do cap. 25.

24:3-14

³ *E, estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo [século/era]?* ⁴ *E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane;* ⁵ *Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.* ⁶ *E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.* ⁷ *Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.* ⁸ *Mas todas estas coisas são o princípio de dores.* ⁹ *Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e lhes matarão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome.* ¹⁰ *Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão.* ¹¹ *E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos.* ¹² *E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará.* ¹³ *Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo.* ¹⁴ *E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim.*

Isso acima nada mais é do que uma segunda introdução, agora pelo próprio Cristo. E isso é importante: Jesus apenas disse que o Templo seria derrubado, portanto, as dúvidas dos discípulos se centram nisso: quando o templo será derrubado? Eles entenderam que isso estava conectado à vinda de Cristo e o fim do "mundo". Aqui cabe notar a péssima tradução feita: não existe na Bíblia "fim do mundo", existe "fim dos tempos" se referindo aos tempos do AT, e não ao fim do planeta. A propósito, o termo grego utilizado se refere mais corretamente a século ou era. Ou seja, a pergunta dos discípulos (que era uma só) foi a seguinte:

Quando será a sua vinda e com quais sinais ela virá, para sabermos que é o fim da era do Templo?

Somente esta pergunta é que é feita, pois os discípulos entenderam que Cristo lhes falava sobre uma era em que não mais existiria o templo. Porém, Cristo começa com um alerta do que aconteceria *com os discípulos* antes do fim: Cristos falsos apareceriam para eles, eles seriam perseguidos, mortos e seriam odiados por nações. Note claramente que Jesus está falando com seus discípulos, e não

de uma era posterior. Ou seja, tudo o que se dá neste texto é somente em torno dos discípulos, e não de nós.

Obs.: Roma era um Império e, como a maior parte dos impérios, dentro dele é comportada mais de uma nação. Por isso, quando Cristo diz que seriam odiados por nações, ele não está falando no sentido atual do termo, mas no sentido que havia na época: povos sob o poder romano. O próprio Israel estava sob poder romano e era uma nação mesmo assim. Império é diferente de nação.

Neste momento Cristo sinaliza que a iniquidade seria grande e que o Evangelho seria pregado a todos, com Paulo já sinalizando, em alguns lugares, que isso se deu em sua época (Cl 1:23; Rm 10:18; Rm 1:8; At 2:5; At 26:20). Tendo o Evangelho alcançado "toda criatura", todas as coisas estavam prontas para as dores dos fins dos tempos. Quando este julgamento começa, isto é, a perseguição, Pedro mesmo diz (1 Pd 4:17): "pois chegou a hora de começar o julgamento pela casa de Deus", tendo escrito a carta por volta do ano 64, sabemos que ele descreve a perseguição contra os cristãos iniciada neste ano, ou seja, Pedro está dizendo: agora é a hora de começar o julgamento – provando que o julgamento começou contra os da casa de Deus quando estava escrevendo a carta.

24:15-28

¹⁵ Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda; ¹⁶ Então, os que estiverem na Judéia, fujam para os montes; ¹⁷ E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; ¹⁸ E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes. ¹⁹ Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias! ²⁰ E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado; ²¹ Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver. ²² E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias. ²³ Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito; ²⁴ Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos. ²⁵ Eis que eu vo-lo tenho predito. ²⁶ Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis. ²⁷ Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. ²⁸ Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias.

O versículo 15 possui um "pois", e este 'pois' é uma conexão direta com o que ocorre anteriormente. Ora, Cristo está dizendo que quando os apóstolos vissem no Templo a Abominação (que ocorreu uma vez com Antioco no AT por sombra e agora ia acontecer por realidade), então era hora de fugir e não voltar atrás, tal como na destruição de Sodoma e Gomorra. Note isso. Cristo está respondendo à pergunta de quando o templo seria destruído, por isso está dizendo que haveria uma abominação no lugar santo.

Porém, mais limitador do que isso, é que os que estivessem na Judeia (não em outro país ou nação, mas *na Judéia*) deveriam fugir para os montes; e ainda diz que os discípulos deveriam orar para que sua fuga não ocorresse no sábado, do contrário, não teriam nenhuma ajuda de nenhum judeu, e não seriam recebidos em

nenhuma casa judaica. Porém, perceba como Jesus descreve a destruição: haveria sofrimento como nunca houve e como *nunca mais haveria*, isto é, haveriam, depois de Jerusalém ser destruída, sofrimentos e destruições, mas nenhuma comparada à destruição de Jerusalém – a pior de todas as eras. O que prova que o mundo continuaria a existir após este “fim”.

Perceba, por último, como Cristo diz que isso seria o equivalente da sua vinda: “Porque”, ou seja, tudo o que foi dito sobre destruição e falsos cristos estão ligados à vinda do Senhor, daí ele fazer esta conexão com um “porque”. A destruição da qual os povos sob o governo de Israel passaria alcançaria todas as extremidades de Israel, com Israel sendo o cadáver, no qual as águias (império romano) se ajuntariam.

É impossível, pois, que a vinda de Cristo fosse milhares de anos posteriormente, visto que ele conecta diretamente a sua vinda com a destruição e ataque à Judéia. Portanto, não devemos ler o texto com superfluidade e pobreza que temos ao acharmos que o mundo que vivemos é que vive na iniquidade multiplicada (confira nosso livro sobre Falsos Pecados).

24:29-31

²⁹ E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. ³⁰ Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória. ³¹ E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus.

Veja que Jesus não diz: e “muito depois daqueles dias”, isto é, da destruição de Jerusalém, antes, ele diz “logo depois”, ou, numa outra tradução “em seguida”. Jesus está dizendo que Sua vinda se inicia na destruição da Judéia, mas o sinal final dela se dá após a destruição. E aqui é importante notarmos: Jesus diz que haveriam três sinais: sol se escurecer, lua não dar o brilho e estrelas caírem. À parte do significado astrológico disso (nosso último texto é sobre astrologia), todo mundo sabe que não faz sentido estrelas caírem na terra. Como já citamos acima, essa descrição genérica de estrelas caindo, sol se escurecendo e lua se apagando é na verdade o fim das autoridades judaicas. Com todas as autoridades mortas, as tribos *da Terra* (não do céu) se espantam, pois o sinal do filho do homem é o fim das autoridades de Israel – razão pela qual Jesus fala em “tribos” e não em povos ou nações: o foco dele é mostrar o desespero das *Tribos de Israel*.

Como Jesus jamais desceu do Céu, o texto é enfático em dizer que Cristo ficou *sobre* as nuvens, isto é, não é visível a olho nu, pois está sobre Israel para julgá-la, assim como Deus “aparecia” nas nuvens no AT. Por fim, sua ordem implica os anjos reunindo os eleitos, mas reunir aqui é na realidade formar outro céu e terra, visto que o objetivo de Cristo não é os reunir em outro lugar, mas formar a igreja pós queda de Jerusalém: os anjos é que uniram os crentes de todos os cantos em um corpo após a Queda do Templo (lembre-se dos anjos dando fugas no AT sem nada de anormal acontecer visivelmente).

Veja que isso é simultâneo à última trombeta, que anunciava a festa do mês de Tishrei, e que era a última do ano. Portanto, Cristo está nos contando que na época em que a trombeta soaria, seria soada a vitória dos crentes contra os judeus daquela época.

24:32-44

³² *Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão.* ³³ *Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas.* ³⁴ *Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.* ³⁵ *O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.* ³⁶ *Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai.* ³⁷ *E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.* ³⁸ *Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca,* ³⁹ *E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem.* ⁴⁰ *Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro;* ⁴¹ *Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra.* ⁴² *Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor.* ⁴³ *Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa.* ⁴⁴ *Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis.*

"Aprendam, meus discípulos, com base em tudo o que eu disse, a parábola da figueira". Veja, após todas as descrições de grandes eventos, Cristo diz que tudo isso pode ser resumido em uma parábola: quando os ramos brotam, o verão está próximo: portanto, discípulos, quando virem todos os eventos que foram descritos acima, sabeis, o fim está próximo. E Cristo, para garantir aos discípulos tudo o que disse, afirma que aquela geração não passaria sem que *tudo aquilo descrito ocorresse* (desde o início até a vinda de Cristo). E os Céus e a Terra passaram, mas as palavras de Cristo permaneceram, e por isso sabemos que Jerusalém caiu.

Porém, note também as descrições gerais: o povo comum, em Israel, seria pego de surpresa: estariam pessoas trabalhando, casando, comendo e tudo o mais quando, de repente, eles seriam pegos num cerco, com um sendo morto e ou outro, crente, sobrevivendo. O "levado" não é o salvo, e sim o destruído, assim como nos dias de Noé: quem foi "levado" é o que a água levou, não Noé, que ficou.

E Jesus começa a finalizar mais esta perícopes afirmando *que os discípulos* (não nós), não sabiam a hora. Perceba: Cristo diz para os discípulos estarem atentos. Portanto, não passaria aquela geração, mas *eles mesmos não sabiam a hora que Cristo viria*, mesmo com todos os sinais.

24:44-51

⁴⁵ *Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?* ⁴⁶ *Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim.* ⁴⁷ *Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens.* ⁴⁸ *Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá;* ⁴⁹ *E começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios,* ⁵⁰ *Virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à*

hora em que ele não sabe, ⁵¹ E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Aqui Jesus fecha totalmente o capítulo, conectando com outro "pois", visto que está, na realidade, em um único raciocínio: se os discípulos não esperarem, achando que Jesus irá demorar mais do que aquela geração para voltar, então este será um servo mau. Cristo o julgaria em conjunto com Israel, punindo-o sem distingui-lo dos hipócritas fariseus.

MATEUS 25

Magicamente muitos homens dividem as perguntas dos discípulos em três, ou dividem parte do capítulo 24 para a vinda de Cristo naquela época e a outra parte para uma vinda futura. Tudo isso é absurdo, e não encontra base no texto, por mais que os homens intelectuais e que escrevem grandes comentários digam o oposto. Para nossa alegria, o capítulo 25 basicamente é a dramatização do capítulo 24, e é o que veremos:

25:1-13

¹ Então o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo [delas]. ² E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas. ³ As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo. ⁴ Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas. ⁵ E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram. ⁶ Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: *Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.* ⁷ Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas. ⁸ E as loucas disseram às prudentes: *Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.* ⁹ Mas as prudentes responderam, dizendo: *Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.* ¹⁰ E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta. ¹¹ E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: *Senhor, Senhor, abre-nos.* ¹² E ele, respondendo, disse: *Em verdade vos digo que vos não conheço.* ¹³ *Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir.*

Veja, Jesus terminou o capítulo 24 dizendo que os discípulos precisavam estar atentos, logo, a parábola das 10 noivas nada mais é do que uma dramatização do fato já explicado no capítulo anterior: Cristo está contando que a Igreja estava dividida em duas metades: a de crentes e a de hipócritas. Os crentes ficariam atentos até à vinda de Cristo, os hipócritas não. Veja que é a mesma coisa da parábola anterior, do servo fiel e do mau, porém, ilustrada de modo distinto.

Obs.: em nosso livro sobre Casamento tratamos sobre essa parábola e provamos que se trata, na realidade, de um casamento poligâmico, e não de uma festa aleatória com virgens e um noivo sem noiva.

A razão para a continuidade entre o cap. 24 e 25 está também na conexão, o "Então", ou seja, "concluindo o que estava dizendo na parábola anterior, veja como é o reino dos céus: é como 10 noivas, 5 burras [da Lei de Deus] e 5 sábias".

25:14-30

¹⁴ Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens. ¹⁵ E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe. ¹⁶ E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos. ¹⁷ Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois. ¹⁸ Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. ¹⁹ E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles. ²⁰ Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles. ²¹ E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. ²² E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos. ²³ Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. ²⁴ Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste; ²⁵ E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. ²⁶ Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? ²⁷ Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros. ²⁸ Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos. ²⁹ Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado. ³⁰ Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Novamente, note que Cristo conecta a parábola anterior com esta, e ainda acrescenta um "também", provando que ambas descrevem exatamente a mesma coisa. Os discípulos hipócritas seriam, no fim da era do AT, mortos na destruição de Jerusalém, e é o que de fato ocorreu.

³¹ E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; ³² E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; ³³ E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. ³⁴ Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; ³⁵ Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me; ³⁶ Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. ³⁷ Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? ³⁸ E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos? ³⁹ E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te? ⁴⁰ E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. ⁴¹ Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos; ⁴² Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; ⁴³ Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes. ⁴⁴ Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu,

ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos? ⁴⁵ Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim. ⁴⁶ E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna.

Note que Jesus está descrevendo o que ocorre perto do fim do cap. 24: vieram os anjos reunir seu povo, mas não só reuniram no mundo físico, como também de entre os mortos. Cristo se preocupa agora em descrever o que se daria no céu no momento da sua vinda. Ou seja, enquanto em uma passagem Cristo descreve a sua vinda da perspectiva da terra, na destruição de Jerusalém, agora ele está descrevendo como isso se deu no céu. E, novamente, está falando apenas de crentes e hipócritas, pois estes hipócritas conheciam Cristo, mas não eram conhecidos por ele.

No fim da era do AT todos os homens foram julgados, e todos os que foram hipócritas com as nações (agora não só tribos) foram escrutinizados por Cristo – este mesmo diante de quem todo o joelho se dobrou e toda língua confessou que era o Senhor, para a Glória de Deus pai: todos os povos que clamaram a outros deuses, estavam, agora, reconhecendo Jesus como único Senhor.

Daqui em diante, porém, é nosso horizonte de eventos: não podemos perscrutar nada além, pois não conseguimos ver nada além. Sabemos, porém, que estes 2 capítulos são um resumo de Apocalipse, o qual, se o leitor ir com cuidado e atenção, verá todas as coisas aqui mencionadas, desde o grande trono branco de julgamento na glória de Cristo, até o início das dores, na perseguição contra João. Por fim, tenha paciência necessária para lidar com todos estes textos, pois sabemos que são difíceis para nossa mentalidade.

Abaixo lidaremos apenas com algumas questões que são levantadas.

PARA QUÊ SERVE A BÍBLIA JÁ QUE TUDO SE CUMPRIU?

Pelo mesmo motivo que vimos acima: agora sabemos tudo o que podemos usufruir, e não pecar contra Deus. A Bíblia, portanto, é mais útil para nós do que jamais foi, visto que os homens daquela época puderam presenciar certos feitos, enquanto nós, de fato, só sabemos pela leitura da palavra de Deus.

E O SISTEMA RELIGIOSO – QUEM O ABANDONA POR CAUSA DISSO?

Ora, para nós tanto faz essa questão: sabemos que o menor tamanho da igreja é uma família, portanto, onde marido e mulher estão, junto com filhos, há uma igreja, ainda que ela, na realidade, possa não possuir presbíteros e diáconos: aí deve haver louvor, oração, ajuda aos necessitados e, se houver capacidade e possibilidade, leitura e comentário das escrituras.

Todo o resto do que chamamos sistema religioso não é um problema para nós. Vemos nele apenas um desenvolvimento natural da necessidade básica humana de se organizar em instituições mais ou menos coesas. Contudo, não cremos ser necessário tal vínculo, ainda que não desencorajemos a reunião dos crentes sob nenhuma hipótese – pelo contrário, queremos que os crentes se reúnam para fortalecerem o amor e os laços que já possuem espiritualmente.

E O INFERNO?

Cristo termina o seu sermão profético falando de “tormento eterno”, ou, na realidade, de uma punição eterna. Para nós parece factível que haja um inferno, no sentido de que os que morrem sem Cristo passem a sofrer eternamente. Contudo, sabemos que os textos bíblicos nos parecem, ao mesmo tempo, dúbios, visto que podem ser vistos como “destruição”, “fim”, “punição final eterna”, ou seja, um estado de inconsciência eterna, com essa morte da consciência podendo ser a final sobre o homem em pecado. Porém, de nossa parte, não bateremos o martelo, pois preferimos manter a dúvida neste assunto na expectativa de que alguém o cubra com bom estudo do texto, do que opinarmos e definirmos algo que não conseguimos, pela distância da mentalidade, compreender plenamente ainda. O fato é que, quer seja uma inconsciência eterna quer seja sofrimento ativo eterno, nenhuma das duas coisas é agradável: uma é a aniquilação do eu, como num sono eterno, sem percepção de qualquer coisa: o que é uma ideia pavorosa por si só; o outro é um sofrimento como que no fogo, mas na escuridão, sem a luz de Deus para nos guiar para fora dela: o que também é horrendo.

Sabemos somente que *nós não nos decidimos neste ponto*, mas não cremos que ninguém o possa, pelo contrário: alguém sabe a verdade sobre isso, porém, por qualquer motivo que seja, nem todos sairemos deste mundo tendo a resposta definitiva: alguns saberão (ou não terão consciência de saber) a verdade do outro lado, os outros terão plena vida eterna em Deus – diante do que nenhuma memória sobre inferno será relevante.

Obs.: há muitos estudos sobre termos gregos, hebraicos e contextuais sobre o fim dos ímpios, contudo, nenhum nos parece convencer para nenhum lado suficientemente. Ainda que, na realidade, pareça um pouco mais convincente, para nós, a ideia de que a morte do ímpio seja o fim da sua consciência – não porque Deus não seria capaz de fazer o oposto por causa do amor, mas porque certos contextos bíblicos *parecem* apontar a *destruição* da alma junto com o corpo (p.ex. Mt 10:28).

ASTROLOGIA

Sugerimos que, quer você acredite ou não em astrologia, evite formular espantalhos, isto é, ideias que supostamente representam o que a astrologia seria, mas que ataca, no fundo, a “astrologia de jornal” e popular. Abaixo trataremos de questões que estão ligadas a este assunto e que precisam ser compreendidas em seu contexto, não no modo comum dos leitores médios de publicações supostamente científicas de sites de entretenimento. **O texto abaixo, portanto, não é para entretenimento, não é este tipo de ciência com a qual lidamos** (pois entretenimento também é uma ciência, já que se fundamenta em conceitos artísticos e de marketing).

SOBRE A CIÊNCIA

Não estamos tratando nada sobre a área científica de *modo acadêmico*, o que torna este texto *não tão relevante academicamente*. Portanto, não espere uma descrição científica perfeita aos moldes acadêmicos e nem espere citações de nomes relevantes, pois o que trataremos serão coisas gerais das quais algumas serão

levemente aprofundadas. Também estamos presumindo que o leitor terá boa fé ou de pesquisar ou de deixar o assunto em suspenso até que compreenda melhor.

A questão da ciência como matéria teológica

Veremos que alguns estão tão enlouquecidos – não somente na religião – que em todas as coisas revelam sua natureza monstruosa, pois dizem que o sol não se move, e que é a Terra que se move e gira. [...] Quando vemos tais mentes devemos confessar que o demônio as possui [...].

João Calvino, Sermão sobre 1 Coríntios 10:19-24 [não é o comentário, é o sermão], Calvino

Opera Selecta, Volume 49

Farei uma pergunta: é algo de crente ou descrente aceitar, cientificamente, a teoria da evolução? Ou, para citar o caso de Calvino, é algo de crente ou descrente acreditar que a o sol se move em torno da terra ou não?

A ciência não é sobre verdade, é sobre o que pragmaticamente melhor explica um evento ou ocorrido e como prever tal coisa. Com base nisso, novamente devo perguntar: é cristão ou não? Tudo depende. Diante dos nossos olhos podem haver coisas que aparentemente são melhor explicadas pela evolução (o que não quer dizer que seja aceitável), portanto, se ela melhor explica um evento, posso, cientificamente, presumi-la. Contudo, pela revelação de Deus, sei que o mundo foi criado sem evolução. Como concilio essas coisas? Não preciso. E é aqui que mora o erro de quem acha que a ciência é uma matéria teológica (como Calvino pensou).

Ao condenar aqueles que não acreditavam no Heliocentrismo, Calvino automaticamente condenou quase todos os crentes modernos e mostrou certa ignorância, herdada dos escolásticos, pensando que o Reino de Cristo era dominar as áreas do conhecimento. Não é isso. Você acreditar que a terra gira ou o sol gira em torno da terra é irrelevante teologicamente, pois tal coisa está ligada à observação e aos experimentos e instrumentos científicos. Assim, quando a Bíblia diz que o “sol parou” (Js 10:13), ou ela está descrevendo a realidade de modo factual (como sendo Geocentrismo) ou está falando do ponto de vista de quem vê – tornando o texto irrelevante cientificamente, já que do nosso ponto de vista é o sol que se move.

Contudo, mesmo Einstein chegou a dizer que é impossível provar uma coisa ou outra, pois ambas são possíveis mesmo em seu sistema (em seu livro *The Evolution of Physics: From Early Concepts to Relativity and Quanta*).

Obs.: veja a citação: “As duas sentenças, ‘o sol está em repouso e a terra se move’, ou ‘o sol se move e a terra está em repouso’, significariam simplesmente duas convenções diferentes relativas a dois diferentes S.C [Sistema Coordenados]. [...] Poderíamos construir uma física relativística real válida na qual não haveria lugar para o movimento absoluto, mas apenas para o movimento relativo em todos os S.C.? Isso é totalmente possível!”. Tecnicamente, tudo o que pode ser explicado no Heliocentrismo também o pode no Geocentrismo – e tanto faz cientificamente (é isso que Einstein estava dizendo), embora os cientistas modernos sejam dogmáticos demais para aceitarem isso.

Isso é importante ser compreendido, pois estamos tratando da astrologia não como matéria teológica, e sim científica. A teologia não terá voz contra ou a favor de algo

que simplesmente não pode ser atestado teologicamente. Se a astrologia for *somente* cruzar eventos da terra com o que ocorre no céu, então não existe magia, nem bruxaria, muito menos teologia: apenas ciência. A pergunta, portanto, não é o que o crente deve pensar de tal e tal afirmação, pois isso é absurdo, já que o texto bíblico não tem interesse em fornecer uma visão científica do mundo.

Veja este exemplo: há quem diga que a relatividade de Einstein seja uma prova da ação de Deus, e há quem diga que ela é uma corrupção da verdade de Deus. O que farão quando a relatividade de Einstein for trocada por outra teoria/hipótese? Deus mudou? Esta outra é uma corrupção da verdade de Deus? É ela o retorno à verdade de Deus? Tolice. Não podemos pegar nada da ciência e elevar à categoria de teologia, pois causaremos divisão e não agradaremos a Deus – por mais estranho que possa parecer, às vezes.

É claro que há certa tolerância, afinal, dizer que a bíblia defende a evolução ou que do texto dela dá para presumir isso é absurdo também, assim, uma coisa é dizer que cientificamente a evolução funciona para explicar eventos, outra coisa é crer na evolução como factual... talvez você ainda não esteja entendendo o que estamos fazendo: o foco é mostrar que qualquer teoria científica é aceitável cientificamente, e nada dela interfere em como o texto bíblico significa o que significa. Assim sendo, não há demônios intelectuais que nos fazem separar a realidade em duas coisas. Antes, estamos aceitando que tudo o que estudamos possui nível de erro, porque a realidade por trás do que vemos não é acessível à ciência de modo último, do contrário, a ciência seria feita de dogmas, e não de fórmulas matemáticas e estudos que podem ser refutados eventualmente.

Van Til diria que a intelectualidade do homem não aceita a Deus, embora usando as ferramentas dele. E isso não é o caso, se se compreende que a ciência não é matéria teológica e, portanto, não estou usando as "ferramentas de Deus", mas convenções humanas – das quais, evidentemente, alguns cientistas abusam pensando que o mundo se resume a isso.

Obs.: é convencionado entre os neocalvinistas e calvinistas que tudo o que não condiz com a forma que Deus criou o mundo ou desordena as afeições é idolatria. Porém, em nenhum lugar nas Escrituras há idolatria quando se usa equivocadamente ou desordenadamente as ferramentas científicas ou das coisas comuns – nem há a criação de outros deuses. O mais próximo de uma desordem que seja idolatria é o amor ao dinheiro, mas o termo que Paulo utiliza inclui a ideia de violência na aquisição monetária (algo que já tratamos no livro Falsos Pecados).

A verdade é que a realidade é cientificamente inacessível e, por isso, há toda uma confusão generalizada. Os hindus, por exemplo, passam perto da *verdade a respeito da ciência* ao dizerem que nada ali expressa a verdade, por crerem ser o mundo uma ilusão. Bem, o mundo não é uma ilusão, **mas este fato não é acessível cientificamente**. Contudo, mesmo presumindo que o mundo seja uma ilusão, seus cálculos funcionam pragmaticamente, pois o que importa, na ciência, é funcionar, e não se é verdade ou não. E, assim, eu pergunto: a astrologia funciona?

A saída para o problema levantado é aceitar que toda ciência humana expressa mentira em detrimento da Palavra de Deus que é a verdade. O agravamento do problema é presumir que o mundo se explica somente de modo científico (o que te

levará a crer ser o mundo uma ilusão), ou acreditar que a ciência é ferramenta da teologia (o que te fará travar a ciência e impedir ela de ser mentirosa – ou seja, vai impedir seu progresso ou atrasá-lo).

Obs.: estou ciente do escolasticismo católico que foi fundamental para o desenvolvimento científico ocidental. Mas observe: a alquimia foi essencial para o desenvolvimento da química, e você não vê o pessoal crendo que seja necessário o retorno da alquimia, pois, no final, ela impediria o progresso do conhecimento químico. Percebe o problema? Aquilo que às vezes é fundamental na linha histórica do desenvolvimento precisa ser abandonado, pois prenderia a ciência em um dado período histórico.

A questão da teologia como matéria científica

Para o lado oposto, porém, temos outro problema. Os liberais, reagindo a todo o arcabouço intelectual dos reformados e tradicionais, chegam à conclusão de que toda a ciência realmente é pragmática, contudo, incluem dentro dela a própria teologia, afinal, cada teólogo tem uma opinião, não é mesmo? Mas a teologia não é sobre saber se um evento ocorrerá assim ou de outro modo, e sim sobre o que Deus exige de seu povo e lhe prometeu. Conquanto não possamos oferecer uma estrutura sobre este erro liberal, é notável que erram no extremo oposto, tornando impossível saber até mesmo se o que aprendemos na Escritura é verdade (transbordando a ciência para a teologia).

Naturalmente existe divergência sobre a leitura da Escritura, mas o fato de ser claro que ela fala sobre condenação, erro e salvação, torna relevante que seu ensino é real e não pode ser distorcido, pois terá um resultado eterno: e eu duvido que algum liberal, no céu ou no inferno, dirá que aquilo não é real ou que ainda precisa ser interpretado.

A versão mista

Como tentativa de sair desse enlace os neocalvinistas e alguns intelectuais tentam fazer um meio termo, dizendo que há uma separação, mas parte do que se estuda da Escritura é ciência, e parte do que se vê no mundo é teologia. Embora seja verdade, por exemplo, que a crítica textual da bíblia seja uma ciência como qualquer outra, e que nossa crença sobre a realidade seja fundamentada na teologia que temos, não é verdade que a Escritura em si seja sobre ciência e que a ciência expresse a realidade fundamentada na teologia – pois a ciência *nunca a pode alcançar*.

Dessa forma, ainda que pareça bem difícil de o leitor compreender, resumirei deste modo: o neocalvinismo tem, no fim, uma linha que continua confundindo ambas as coisas e, por isso, continuará não entendendo o assunto da astrologia, pois responderá a ela teologicamente, e não cientificamente (quando tentar cientificamente, apresentará a conclusão de sua pressuposição, e não a conclusão dos dados).

Alguns ainda dirão que a lógica e a ciência provam que Deus existe, ao que eu direi em letras garrafais: NÃO. Para os filósofos gregos uma divindade inicial básica era apenas uma necessidade científica, para explicar a coerência do mundo, e não resolvia em nada sua maldade e nem os direcionou para Deus em nenhum nível.

Na realidade, quando se apela aos usos apologéticos da ciência o que nós temos é a criação de uma fé fraca, misturada, que não entende a Deus e nem crê realmente no que ele diz. Como coesão científica, faz sentido crer que o mundo todo foi criado por um ser racional (todo cientista que se preze crê nisso, mesmo em suas versões "alienígenas"). Mas entre "um ser racional superior" e Deus existe um espaço vago tão grande que é impossível assimilar ambos.

Daremos um exemplo prático de um indivíduo fraco na fé por ter se convertido por "evidências científicas". C. S. Lewis. Como escritor dominava a retórica e a arte de conectar eventos como ninguém. Ele é o autor das Crônicas de Nárnia, e suas frases de outros livros sempre estão por aí (embora seja difícil você lembrar, porque só são bonitas, sem conteúdo). Lewis acreditava que os primeiros capítulos da bíblia não podiam relatar uma história verdadeira, além de afirmar categoricamente que o salmista pecou ao escrever os salmos imprecatórios (coitado, não conseguia nem ver Cristo ali nestes salmos) e, por fim, chegou a afirmar que Cristo e os apóstolos *erraram* – sim, **erraram** – em sua escatologia. Tal homem sábio segundo os instrumentos da criação era um total incapaz em sua fé, porque o que não se harmonizava com sua intelectualidade ele transformava em mentira da bíblia, não da ciência dele. Lewis procurava afirmar Deus, é verdade, mas o seu ensino era truncado. No fundo, ele é uma demonstração clara de como não podemos *confundir os instrumentos*.

O fracasso dessas abordagens

E quando as hipóteses falharem? Quando na matemática eu preciso criar milhares de dimensões para explicar a propagação do calor em uma superfície curva? Ou quando eu precisar abandonar uma teoria científica por ser obsoleta? Nenhuma dessas posições acima consegue explicar de modo abrangente isso. A única forma abrangente possível é: *tudo na ciência é mentira, tudo na Escritura é verdade*. Tudo na ciência é mutável, tudo na Escritura é imutável. Tudo na ciência pode mudar até seus fundamentos, tudo na Escritura é fundamental. Se a ciência não pode mudar nos fundamentos, então é dogmática. Se a teologia pode mudar em seus fundamentos bíblicos, então é mentira. A ciência é uma descrição do que é mensurável. Como descrição, ela está sujeita a erros, pois não é a realidade em si.

Obs.: sabemos que alguém pode levantar contra o que dizemos da ciência a hipótese de matéria e energia escura. Porém, tal coisa, se existir, é somente uma necessidade matemática para explicar o movimento e massa aparentes do universo – é um recurso matemático, não uma realidade atestada pela ciência, pois por definição não podem ser medidos, percebidos, pesados ou qualquer coisa semelhante.

Sabemos que a realidade existe e está aí, mas a ciência não pode encontrá-la. Isso é o que gera tanto os que acreditam que vivemos um tipo de simulação (porque só enxergam o mundo pela ciência), quanto também os que acham que a ciência seja a realidade (o que estagna a ciência, visto que verdades absolutas impedem a mudança das coisas). Por padrão, portanto, a ciência é uma mentira, já que verdades permanecem para sempre.

Obs.: alguns dirão que uma exceção a isso é que o número 3 expressa, por exemplo, a Trindade, que eternamente é três pessoas – logo, os elementos da ciência vinculados a este número precisam ser verdadeiros. Ora, embora seja verdade que

na Trindade tenhamos “3 pessoas” (o que quer que isso signifique), não quer dizer que essa descrição da Trindade implique que as descrições tripartites do mundo sejam verdade. Isso só *descreve* que a trindade pode ser compreendida em três pessoas (pois o que prova mesmo é a Escritura, enquanto a matemática só *descreve*). Ainda assim, novamente, é verdade que posso ter 3 maçãs diante de mim, e isso será a realidade – contudo, a matemática apenas *descreve*, não *prova* (veja o caso do “paradoxo do Navio de Teseu” como caso prático do problema presente em *descrever* a realidade).

Na Realidade, contudo, é Deus quem faz as coisas acontecerem. Veja, tudo acontece porque Deus está fazendo ocorrer, e a ciência não tem nada a ver com isso. Deus não faz as coisas inexplicáveis ocorrerem, ele faz a chuva (que é previsível cientificamente) ocorrer (Sl 147:8; Zc 10:1 [se a chuva é só natural, para quem pedir a Deus?]; Lv 26:3, 4). Isso não tem a ver com dados científicos, pois por definição seus instrumentos não alcançam a ação de Deus, e por isso não temos nenhum dever de provar, cientificamente, que Deus está causando a chuva – pois é impossível.

E é preciso fazer essa explicação, pois muitos teólogos acreditaram que a astrologia é pecado por razões teológicas e outros acreditaram que ela previa até a “volta de Cristo” (atrasados alguns séculos estes). Não é assim que a astrologia deve ser vista, pois sua proposta é científica, apesar dos homens que muitas vezes são místicos em seu uso (Platão e Pitágoras eram místicos com a matemática... e não vejo ninguém a questionando).

No final, a astrologia não tem a ver com fé, mas com predição científica de eventos na terra baseado no que se vê do céu. Não concordar com isso precisa ser absolutamente aceitável, pois também é elemento científico aquela ciência ser questionada até o seu fundamento, pois pode ser que tudo não passe de uma leitura conveniente das coisas, não é mesmo?

A astrologia como ciência

Antes de lidar com as passagens bíblicas, é preciso entender que *sempre* existiram dois tipos de astrologia, de modo geral: a mística e a não mística. A mística envolve sacrifícios, rituais, magia e coisas relacionadas. A não mística foi praticada até por reformadores e puritanos (embora de modo muito estranho). Na verdade, o Cristianismo sempre oscilou entre uma condenação e aceitação da astrologia, tudo dependendo do que o teólogo ou grupo vincula a ela.

A astrologia perde o *status* de ciência quando se torna meramente mística, crendo na influência de energias e em carmas ou qualquer coisa semelhante. Da mesma forma que uma ciência deixa de o ser quando crê em coisas místicas: como a de que é possível algo surgir do nada ou de que um ponto de 10^{-15} m pode gerar tudo o que há no mundo, indo do desorganizado (sem leis físicas) para o organizado (com leis e padrões preditivos). Se esta última pode ser ciência, então a astrologia mística o pode também, contudo, não creio nem que um ou outro o possa.

Obs.: afinal, os planetas causam as coisas na terra ou não? Vamos reformular: viajar à velocidade da luz faz o tempo passar mais rápido ou não? Depende do ponto de vista: para os fins matemáticos propostos na relatividade, é necessário que o tempo passe devagar para quem está à velocidade da luz, e passe rápido para quem está

fora. Mesmo assim, a luz está aí “viajando à velocidade da luz”, e até o momento nenhum estudo pode provar se os fótons são ou não “novos” ou “velhos” em relação ao resto do universo. A questão da astrologia é a mesma: para seus fins descritivos, diz-se que os planetas e constelações causam os eventos da terra, mas isso é mera necessidade explicativa (ou você dirá que Jesus nasceu por uma necessidade astrológica baseado em Mt 2?).

Para entendermos por qual motivo a astrologia é uma ciência é preciso entendermos que o conhecimento científico tende a ser formulado por experimentações e validações de vários indivíduos. A astrologia sempre foi usada por todo o mundo, com previsões que falharam e outras que acertaram, de modo que neste sentido ela se encaixa bem no princípio.

Além de tudo isso, é imprescindível que haja uma medição clara dos eventos ou do que é previsto, de forma que também nisso a astrologia se enquadra, haja vista que cada coisa nela tem um significado direto e (quase) sempre preciso. E, assim como as outras ciências, o que a torna complicada é a relação dessas partes, que com muita frequência quase joga tudo para o lado subjetivo (principalmente quando há bastante dinheiro envolvido).

Podemos ainda considerar a consistência externa e interna. Dizem que a astrologia não possui este tipo de coisa, pois astrólogos frequentemente se contradizem com outros (o que é verdade), mas o que devo fazer quando uma teoria científica é abandonada justamente porque foi contraditada por outra área ou cientista? Aquilo não simplesmente deixa de ser ciência (como as Leis de Newton não deixaram de ser após Einstein). O problema, contudo, se situa no fato de que a astrologia não é internamente consistente, o que é realmente verdade. Afinal, ela depende basicamente de uma tradição para suas afirmações. Mas é uma tolice desclassificar ela por conta disso, pois qual ciência é inteiramente consistente de modo interno? É uma ilusão pensar isso, haja vista que, principalmente na área de exatas, há apenas consistência teórica, e não interna.

Deixa explicarmos isso de outro modo: se para toda comprovação científica eu precisar provar que $1+1=2$, logo, a ciência torna-se impossível, pois precisamos apenas pressupor que determinadas coisas funcionam. Para você ter ideia, o livro *Principia Mathematica* que busca provar que $1+1=2$ possui mais de 600 páginas. Já pensou se toda teoria científica precisasse começar provando seus pressupostos? Assim, a astrologia não precisa provar que sua tradição astrológica é correta em cada ponto, basta apenas apresentar evidências de que funciona nas previsões – e lembre-se: há várias tradições astrológicas, Ocidentais, Semíticas, Orientais, Indianas entre outras, e cada uma possui variações; supondo que prove que as Ocidentais falhem em tudo, ainda seria necessário estudar as outras e testá-las.

A falseabilidade é outro problema sério, pois nem mesmo entre filósofos da ciência se encontra coerência se a falseabilidade é realmente científica. O ponto é que se é necessário aplicar este princípio, aplique-o à astrologia você mesmo e veja se ela é falseável ou não – não basta dizer: a falseabilidade não se aplica, pois isso é fácil, e é o que todas as revistas ditas científicas fazem com a astrologia sem mostrar o processo.

Todos os aspectos das ciências comuns estão na astrologia, e argumentar mais em favor disso é até mesmo repetitivo. Por isso, seguiremos adiante

A ASTROLOGIA

A Astrologia não é para saber se você deve ou não se casar com um rapaz ou moça. Não é dessa astrologia de jornal que estou falando. Na verdade, tal uso é algo 'baixo'. Assim como a popularização da física quântica inaugurou vários teóricos e coisas que não fazem sentido (como coach quântico etc.), a astrologia popular fez criar o interesse nessas ideias bobas e frágeis de indivíduos que querem se casar ou não baseados no signo do outro. Tal coisa, conquanto possa funcionar eventualmente, não é o papel da astrologia – nem é por isso que ela existe.

Ela sempre teve como meta prever futuro de povos, reis e nações. Seus traços principais estão relacionados não aos interesses individuais de uma pessoa sem relevância, mas das personalidades grandes que despontam como estrelas. É claro que seu uso individual é possível, contudo, isso apenas aumenta a margem de erro (como qualquer ciência, na medida em que é removida de seu foco principal).

Obs.: nós lidamos também com um caso engraçado e que apelidamos de “predição com atraso”. Com frequência, depois de um evento ter ocorrido, astrólogos saem de todos os buracos para dizerem que tal e tal coisa estava prevista. Contudo, para que serve isso agora? Conquanto possa ser relevante como dado para acumular informações que possam corrigir compreensões e melhorar a própria astrologia, tais predições atrasadas não significam realmente nada para o público, senão somente charlatões tratando de astrologia.

Além disso, assim como outra ciência qualquer, a astrologia depende de um conhecimento concatenado, organizado e não místico do mundo (embora, assim como as outras ciências, funcione também deste modo, mas muito mais confusa). Não basta saber “significados dos planetas”, nem só sua órbita. Matemática, astronomia, história, política e, para os nossos fins, até teologia são importantes. Infelizmente, pelo espaço que temos não será possível descrever em muitos detalhes, mas abaixo tentaremos resumir os pontos principais.

Obs.: existe outro erro, inverso ao anterior mencionado na observação. Este erro é quando um leitor tenta se “adequar ao próprio signo”, adquirindo suas boas e más qualidades, de forma que passa a emular porque primeiro crê na astrologia e então busca adequar a realidade a ela – não deveríamos dizer que isso é, não só anticientífico, mas contradiz o bom senso. Nos indivíduos a astrologia deveria, no mínimo, auxiliar a evitar as más qualidades, já que ela não é fatalista. É o mesmo caso dos quatro temperamentos (que é uma ideia extraída dos quatro elementos da astrologia), cujo foco não é explicar o porquê você faz algo, mas como melhorar as qualidades boas e evitar as desconfortáveis. Detalhe: os temperamentos ou signos não tratam especificamente de pecado, mas de questões administrativas da vida, o que trata de pecado é a Lei de Deus.

Astronomia e "Matemática"

Toda ciência precisa reduzir o “mundo” para funcionar. Na física, com frequência, precisamos dizer que desprezamos o ar em um cálculo, ou precisamos desenhar uma linha que descreva um movimento (que não ocorre na realidade). Na astrologia isso não é diferente. Em geral, ela toma como ponto de partida um local e, daquele

local, olha para o céu. Isso implica que a terra não é considerada (necessariamente) um globo na astrologia, e sim um círculo com um domo ou tela curva côncava.

Obs.: não podemos confundir as coisas. Para a ciência moderna é imprescindível que a terra seja redonda, e isso faz sentido dentro de sua estrutura matemática que explica muito bem eventos, e os torna previsíveis com bastante certeza. No que diz respeito à realidade, a Terra é redonda ou não, contudo, na astrologia eventualmente é importante a considerar plana, e na cosmologia moderna é importante a considerar geóide ou redonda.

É evidente que quando dizemos essas coisas estamos tratando de ciência, que nada mais é do que tornar o mundo em linhas e coisas que o representem, mas que não podem ser, sozinhas, verdade. Aliás, a ciência, como já dissemos, precisa ser mentira por natureza.

Mas nos voltemos aos pontos centrais: a astronomia (que é "filha" da astrologia) precisa ser conhecida. Ela é uma ciência relacionada ao universo, e que considera do que as coisas são compostas e seus comportamentos. Com ela é mais fácil prever os movimentos, os comportamentos e o modo em que determinadas coisas ocorrem no espaço, permitindo que uma previsão de um evento mais exato no céu nos forneça, juntamente, o evento na terra. No fundo, a astrologia é apenas uma segunda camada sobre a astronomia, ou a astronomia é como a astrologia, mas sem sua camada preditiva terrena.

Já a Matemática é fundamental, pois todas as áreas científicas que são consideradas mais relevantes começam ou terminam nela. Além disso, tudo no espaço e tempo pode ser reduzido (note isso, "reduzido") a números, o que torna ela uma ferramenta fundamental na astrologia. Contudo, ela ainda se centra muito mais no conhecimento do comportamento do céu, e não no comportamento da terra.

Em conjunto (ou de modo inseparável), a astronomia e matemática fornecem o melhor conhecimento e predição do que ocorre ou ocorrerá nos corpos celestes. Isso aponta que o conhecimento astrológico não pode ser comparado a uma leitura boba de um parágrafo sobre o seu "signo", visto que esse parágrafo, se informar, irá apenas mostrar o básico sem permitir qualquer conhecimento mais aprofundado e prognosticador.

História

A História é fundamental à astrologia, como ciência, pois uma coisa atesta a outra. Ora, como sabemos que é possível relacionar eventos do céu com os da terra? É bem simples: quando essa formação celeste aparecia, o que ocorria na terra? Este evento, sob a mesma formação repetiu-se? Isso é relevante porque, assim como o céu funciona em ciclos, a história também funciona: em um momento estamos avançando e em outro regredindo, e tudo isso se repete (Ec 1:9).

Obs.: para que a astrologia fosse desenvolvida sem o conhecimento matemático avançado moderno, seria necessário um longo tempo de vida humana, para perceber, registrar e, então, codificar o que ocorre nos céus em relação à terra.

Um indivíduo que só olha para o próprio umbigo e espera fielmente as previsões astrológicas sobre sua vida se cumprir, não sabe se aquela previsão ocorrerá

porque não conhece a história de outros indivíduos nascidos em momentos e situações semelhantes a ele. E isso importa justamente porque a história possui sincronia e é cíclica considerada em si mesma: ela não só se repete em escala maior, mas mesmo na vida dos indivíduos – adolescentes tendem a ter um tipo de comportamento, jovens têm outro e assim sucessivamente, pois é a característica comum e geral que tais indivíduos tenham um comportamento mais acentuado de determinada forma – e tais coisas serão relevantes.

Preciso pontuar melhor a questão da história cíclica: no que diz respeito à teologia ela é linear, pois Deus fez um caminho que só vai para frente, mas no que diz respeito aos eventos ela é cíclica.

Assim, não basta conhecer o que ocorre no céu e conectar a um signo na expectativa de que a predição esteja correta. Antes, é preciso um estudo consistente de história para que tais eventos façam sentido e haja menor chance de erro.

E isso nos joga para os eventos “únicos” históricos. Entre estes, o nascimento do Messias (o qual foi visitado por astrólogos), que não poderá se repetir. Outros casos se relacionam a uma nação específica que deixa de existir ou que passa a existir: no que diz respeito a ela esse evento é único (embora neste caso ainda haja um ciclo universal em ação).

Obs.: havia uma previsão astrológica voltada para a morte de Putin, governante na Rússia, por volta de Março – Abril de 2023. Evidentemente ele não morreu nesta data. Contudo, a previsão consistia em considerar o “nascimento” da Rússia, e não de Putin, o que pode ter feito a confusão. No caso, entre este período, ocorreram eventos que foram ditos, até mesmo por chineses, como únicos e que não ocorrem há mais de 100 anos! É claro que as relações políticas mudaram completamente a Rússia, porém, não estamos falando da morte de um Governante, e sim, talvez, de um modo de vida russo. A propósito, existe uma previsão astrológica sobre a própria astrologia: de que ela retornaria com muita força entre os anos 2020 e 2030, sendo que a “era do ar” (era dos “estudos espirituais”, “tecnologias” e “recomeços [bons ou ruins]” [Grande *reset?*]) deve durar mais de 200 anos.

Política

O conhecimento político é um apêndice no conhecimento histórico: muita gente não sabe para que ele serve, mas possui papel importante. Na verdade, tão importante que durante boa parte da história as razões políticas foram as mais relevantes para o uso da astrologia (ainda hoje o é). Entender modos de governo, tendências políticas e as relações de poder conta muito no momento da leitura das previsões, pois elas afetarão diretamente uma previsão.

Ora, alguém pode ser de “Leão” ou “Capricórnio”, e talvez a predição seja de que um passará dificuldades e o outro irá crescer financeiramente: mas o que ocorre se ambos estiverem em um país assolado pela pobreza e cujo poder político é ditatorial? Neste caso, a regra ou pede para considerar esta influência ou ignora o menor em prol do maior, ou seja, deixando de considerar o indivíduo e se voltando para a previsão referente à nação (portanto, voltando para o sentido principal no qual a astrologia é fundada). É, pois, necessário que o conhecimento astrológico

venha precedido de outros: astronomia, matemática, história e política; embora, para o público comum, os métodos e estudos não sejam necessariamente visíveis.

Teologia

O conhecimento teológico pode ser relevante para o astrólogo, embora nenhuma ciência em particular esteja presa à teologia. Contudo, a teologia contém em si tanto estudo e assunto que pode aperfeiçoar a compreensão do próprio astrólogo. Quando dizemos isso não queremos significar que a teologia possa corrigir a astrologia científica – a teologia pode corrigir a astrologia mágica, é este o ponto. Além disso, o que veremos mais abaixo é a fundamentação bíblica que prova que esta astrologia nunca foi condenada e jamais poderia, visto se tratar de algo sem ídolos, magia ou engano proposital.

Obs.: os nomes dos astros, em sua maioria, nasceram de falsos deuses (ou o contrário), assim, Júpiter era divindade romana e nomeia um planeta do sistema solar (naturalmente, astrônomos chamam Júpiter assim hoje, e ninguém vê nisso idolatria). Europa não só é o nome de uma lua, mas também de um continente na Terra, porém, ninguém pensa em divindades, pois a promessa de Deus para a Nova Aliança é que se quer haveria memória delas (Zc 13:2) – o que está claramente cumprido no fato de termos os nomes e nem sabermos mais o que significam ou de onde vêm. Portanto, é necessário, para os fins da astrologia, compreender a história e o significado dos seus símbolos.

TEXTOS BÍBLICOS

Sinal

[...] e sejam eles (sol e lua) para sinais [...] (Gênesis 1:14)

As estrelas, o sol e a lua nas Escrituras apontam outras realidades. Na verdade, em geral, a lua em conjunto com os outros astros celestes tende a apontar autoridades, algo muito claro em Is 14, ao tratar o rei da Babilônia como uma estrela que cai, ou outros textos apocalípticos que claramente fazem paralelo entre estrelas, sol e lua e o exército e autoridades de algum local (cf. Is 34:1-5; Gn 37:9, 10).

Sabemos que este é o apontamento dos astros como tais, mas normalmente não estudamos seu sentido no texto bíblico. Um ponto interessante seria notar não só a correspondência entre doze símbolos do zodíaco e doze tribos (com a principal sendo simbolizada sempre por um Leão), mas o fato de que as festas judaicas eram demarcadas por posições da lua e do sol, *prefigurando* os eventos do fim da antiga Israel. Veja alguns poucos exemplos práticos:

No AT vemos claramente que a Páscoa se iniciava no mês de "Nisan" ou "Abib" (os judeus tinham "dois calendários"), algo em torno dos nossos meses de Março-Abril. A Páscoa era a festa do cordeiro, que era morto em lugar dos primogênitos israelitas (Ex 12), mas cujo objetivo era festivo. O ponto é que, quando se olha para o céu, este mês corresponde ao sol sobre Áries, e Áries é um carneiro ou cordeiro, mostrando que o sacrifício do cordeiro Pascal sempre se dava justamente nesta época do sol sobre o cordeiro celeste.

O mês em que o sol está sobre Touro é o "segundo mês", no qual Deus fez cair maná do céu (Ex 16:1-7), para mostrar sua força e glória. Também é neste mês que Cristo é elevado aos céus em Atos 1 – se assentando à destra do Pai (touro sinaliza força e autoridade na astrologia bem como nas Escrituras – cf. Sl 22:12; Dt 33:17). Curiosidade é o fato de Jó mencionar que as Pleiades (que são formações estelares de Touro) exercem "influência" (Jó 38:31 [infelizmente em traduções modernas esse termo tem sido abandonado]).

O mês de Sivã era o terceiro, no qual caía o pentecostes. Gêmeos é o correspondente do céu a este mês. Gêmeos não só é o signo do ar, mas ainda por cima é governado por mercúrio, o que seria um sinal de dualidade. Contudo, em Gêmeos, duas coisas ocorrem em Atos 1 – 2: não só um barulho como de um vento impetuoso é ouvido, mas ainda vemos vários judeus vindos de vários povos se unindo sob a igreja, com a dualidade presente de fato ali. O céu claramente anuncia a glória de Deus.

Poderíamos continuar em cada mês do ano judaico e cada referência astrológica, mas isso consumiria muito espaço e cremos que termos citado três destes deve ser suficiente (veja tb. o caso do mês do julgamento, Tishri, que é o mês de Libra – a balança do julgamento). Todos estes meses estão perfeitamente alinhados com eventos e padrões celestes.

Obs.: note que os meses judaicos não batem com os nossos, com seu início sendo mais ou menos no meio de um mês nosso – ou seja, eles *andavam em sincronia com os signos do zodíaco*, que começam no meio dos nossos meses.

Porém, não é só de afirmações que vivemos, temos também as condenações que os teólogos vivem a citar contra ou a favor da astrologia, vejamos:

Levítico – contra

[...] *não agourareis, nem adivinhareis. (Levítico 19:26)*

"Agourar" é nada mais nada menos do que utilizar objetos para prever o futuro. A isso a astrologia não se alinha, pois ela não tem a intenção de que você venha se valer de um copo para saber o que vai ocorrer. E por que citamos um copo? Porque José o cita como meio de prever eventos futuros (Gn 44:2-5). Agourar é pecado, pois é um tipo de bruxaria/feiticeira e está frequentemente associada com ela (Dt 18:10; 2 Rs 21:6).

"Adivinhar" é muito mais próximo de "dizer palavras mágicas" e tem uma relação com "observar tempos", como o formato de nuvens e coisas semelhantes (Dt 18:14; 2 Rs 21:6; Mq 5:12; Jr 27:9). Nenhuma dessas duas proibições presentes na lei se enquadram no que estamos tratando, pois nuvens não devem ser estudadas em seu formato como meio de prever os eventos e nem palavras mágicas devem ser ditas para mudar o curso deles.

Deuteronômio – contra

Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; (Deuteronômio 18:10)

Dois destes termos já foram vistos ("prognosticador" [traduzido dessa forma neste texto] e "agoureiro"). Sobrando "adivinhação" (que aqui é outro termo hebraico – *qesem* – e não o mesmo de Levítico – "*ānan*" e "*nāḥaš*"). O "prognosticador" tem uma qualidade distinta: é a afirmação de que uma divindade está dando aquela previsão. A tradução "divinação" faria sentido neste contexto, pois é como algo que vem de um deus (ou Deus – cf. Pv 16:10). Dessa forma, o que temos é a proibição de um oráculo, algo extremamente comum entre os gregos, por exemplo. Para casos práticos, Heródoto, em seu livro "História", cita vários eventos envolvendo oráculos. Todo oráculo peca, porque prevê eventos baseado em rituais falsos ou de outros deuses. Porém, a mesma coisa não é pecado quando vem do Deus verdadeiro, notou?

Em resumo, portanto, o que vimos é a condenação do uso de termos mágicos para prever os eventos, a leitura de coisas como copos, nuvens etc., e a afirmação de que alguma divindade está dando aquela predição. Assim, por padrão, qualquer vez que estes termos aparecem no AT estarão se referindo a estes três tipos de predição não permitidas por Deus.

Obs.: na lei só era permitido fazer a leitura daquilo que intencionalmente Deus fez assim. Dessa forma, os "sinais" (lua, sol e estrelas) podem ser lidos, pois Deus os estabeleceu *para isso mesmo* – usar qualquer outra coisa do mundo natural para prever eventos é, portanto, perverter os fins para os quais Deus criou cada coisa. Além dessa forma positiva, o fato de a Lei não proibir a leitura das estrelas significa, automaticamente, que não há pecado nisso, pois só é pecado o que contradiz a Lei.

Isaías – contra

Já estás cansada com a multidão das tuas consultas! Levantem-se, pois, agora, os que dissecam os céus [hāḇar] e fitam os astros [hōzê], os que em cada lua nova te predizem [yāda] o que há de vir sobre ti. Eis que serão como restolho, o fogo os queimará; não poderão livrar-se do poder das chamas (Isaías 47:13, 14)

Há três termos neste texto, e qualquer leitura mal feita dele torna até mesmo o profetismo comum pecado. Veja, por exemplo, o fato de que *hōzê* se refere normalmente aos profetas com quem Deus fala (2 Sm 24:11; 2 Rs 17:13; 1 Cr 25:5; Am 7:12 ["vidente"]).

Isaías está condenando o profetismo? Claramente que não, pois ele não se foca neste sentido. A intenção dele é demonstrar que mesmo estes homens prevendo algo de bom para Babilônia a destruição a alcançaria (cf. tb. Mq 3:7; Ez 13:9). Deus está, pela profecia de Isaías, prevendo (!) que tais homens não conseguiriam prever a maldade e o sofrimento que viria sobre aquele império. A propósito, isso prova que a Astrologia pode errar, pois pode ser que Deus tenha outros planos, independente de nossa leitura das estrelas.

Em particular essa passagem não está tratando de nada que seja intrinsecamente pecado, apenas ressaltando que ninguém conseguiria prever o mal (ressalto, porém, que o termo "dissecam os céus" [astrólogo] só ocorre nesta passagem, o que provavelmente é um ataque de Isaías também a um tipo específico de astrólogo [dado à magia], e não a todos).

Obs.: a Babilônia sempre foi considerada um centro de desenvolvimento astrológico, com essa ciência frequentemente sendo misturada às outras que haviam por lá, bem como com a idolatria. Aliás, é relevante essa informação sobre a Babilônia por causa do que veremos abaixo.

Issacar – a favor

dos filhos de Issacar, conhecedores dos tempos, para saberem o que Israel devia fazer (1 Crônicas 12:32)

Até mesmo Targuns judaicos reconhecem que aqui temos um caso claro de uma tribo de Israel que se havia especializado na astrologia. Mas, apesar dos comentários estranhos sobre este texto (alguns dizem que aqui são só conhecedores de política e “momentos”), é evidente que o texto ainda esclarece que Issacar conhecia os tempos para *saber o que Israel devia fazer* – e é justamente neste sentido que a astrologia sempre foi utilizada: ela não é uma ferramenta de entretenimento, mas para se saber o que (uma nação) deve fazer.

Daniel – contra e a favor

O livro de Daniel é cheio de referências aos magos/astrologos. Em geral, porém, quando Daniel é contrastado a estes é para mostrar como o profetismo é superior às práticas astrológicas e todo tipo de magia. Aliás, Daniel é especificamente tratado como mais sábio do que os astrólogos e mágicos da Babilônia (Dn 1:20), provavelmente por conhecer medicina e também aos céus (a questão é de grau, não de qualidade – não está se dizendo que o conhecimento de Daniel é diferente, mas maior do que dos magos e mágicos).

No final, Daniel foi chefe sobre todos os astrólogos e mágicos da Babilônia (Dn 5:11). Ora, parece óbvio que sendo Daniel chefe sobre estes, sua sabedoria foi sendo ensinada a eles, removendo também a idolatria e a falta de sabedoria. É evidente, porém, que é impossível Daniel ter extinto os cargos, visto ainda existirem neste momento do cap. 5. Não podemos fazer uma leitura tão ruim da realidade, pois Daniel, que no início do livro se mostrava totalmente focado em não tocar coisa imunda, jamais se misturaria com aquilo que sempre fosse pecado, portanto, e mantendo coerência com a lei de Deus, todos os elementos pecaminosos dos cargos abaixo dele devem ter sido removidos, sem extinguirem os cargos.

Certamente você nunca conheceu essa versão do profeta Daniel, porque todo mundo se preocupa ou com a escatologia ou com as partes miraculosas.

Obs.: cada um dos cargos poderia ser exercido sem magia ou idolatria. Assim, os feiticeiros facilmente podem ter sido convertidos em médicos comuns, assim como nós não somos feiticeiros por usarmos o termo grego “pharmácia” (que se aplicava aos itens mágicos para cura). A verdade é que, com Daniel, todos os cientistas babilônicos gradativamente abandonavam a idolatria e o que quebrava a lei de Deus, sem abandonarem o cargo e suas ciências específicas.

Magos visitando Jesus – a favor

eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém, (Mateus 2:1)

O que eram "magos"? Segundo a LXX (tradução grega do AT) eram astrólogos, e é algo que você mesmo pode conferir na versão grega do livro de Daniel. Porém, é comum que se deem duas respostas para isso, isto é, o fato de que astrólogos foram visitar Cristo:

1 – "Na verdade eram 'sábios', e estes sábios vieram do oriente porque estudavam bastante e entenderam a vinda do Messias". Além do fato de o termo para sábio em grego ser outro (σοφός – Mt 11:25; 23:34), o contexto claramente atesta que eles acompanhavam uma "estrela" (v. 2, 9, 10), anulando completamente este sentido geral de "sábio".

2 – "Na verdade, Deus usou de misericórdia e os fez chegar até Jesus apesar da astrologia". Isso é absurdo pelo próprio contexto: eles foram protegidos por Deus durante todo o caminho, inclusive recebendo visões diretamente de Deus (v. 12). Além disso, vimos em Isaías que se Deus quiser ele pode confundir os astrólogos, algo que não ocorreu aqui: literalmente o que os astrólogos estudaram sobre os céus os levou diretamente para Jesus. Pense de outro modo: se a astrologia é pecado, seria como se eles tivessem usado de adivinhação para achar o local onde Cristo estava – e já vimos que adivinhação é odiada por Deus na Lei.

O que mais ainda atesta o fato de a astrologia estar em vista é que eles vieram do Oriente (região da Babilônia) e não do "ocidente" (região da Grécia). Ora, entre os gregos a astrologia era utilizada, mas havia muito preconceito com astrólogos, embora aceitassem a existência de oráculos e adivinhações. Inclusive, entre os gregos a astrologia só passou a ser realmente desenvolvida dois séculos antes de Cristo, enquanto na Babilônia há astrologia desde que se sabe da existência dessa nação.

É muito provável que a tradição astrológica de Daniel tenha chegado a estes magos, daí a relevância de eles serem tratados em Mateus (afinal, esse relato só se encontra no Evangelho escrito para judeus, e ainda por cima não se encontra outro motivo pelo qual tal relato seria necessário, senão confirmar que a predição do nascimento de Cristo estava, também, nos céus e isso chegou ao conhecimento dos magos "do oriente"). É claro que eles poderiam ter vindo de "qualquer lugar do oriente"; contudo, o "oriente de Israel" é geralmente vinculado à Babilônia – algo confirmado por Filo de Alexandria, mencionando que os únicos Magos que não estavam corrompidos pela idolatria eram os da Escola Oriental (entre os quais também estavam os persas).

Obs.: sobre a quantidade dos magos, faz muito sentido que tenha sido um grupo muito grande (ou uma comitiva), pois só assim Herodes poderia se perturbar pela presença deles em Israel – e só assim teriam acesso a Herodes, do contrário (se fossem apenas três), seriam só uns magos aleatórios andando por Jerusalém e nada mais.

e eis que a estrela, que tinham visto no oriente, ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino. (Mateus 2:9)

É certamente incomum essa descrição a respeito da astrologia. Normalmente astrólogos não "seguem estrelas até algum lugar". Portanto, o que eles viram ou foi um cometa ou um planeta que seguia uma órbita não padronizada ("planetas")

eram chamados de "estrelas errantes", pois jamais foram vistos como planetas nas astrologias tradicionais da época – e a própria bíblia os chama de "estrelas").

Portanto, duas são as possibilidades: ou eles seguiram um planeta que "muda" de rota (movimento chamado de retrógrado), ou este planeta estaria saindo de alguma constelação, e o "parar" se referiria à saída deste planeta sobre Belém. Em ambos os casos não faz sentido ser um cometa, e sim um planeta.

Outro fator importante é buscar qual seria este planeta que os magos teriam seguido. Há muitas sugestões, mas, como estamos falando de ciência agora, daremos a nossa sugestão (ou seja, podemos estar errados).

Primeiro, já reparou que no céu há uma constelação chamada "Virgem"? Por causa desta constelação vários povos têm relatos sobre deuses virgens que dão à luz algum bebê superpoderoso etc., mas para nós é bem claro que esta constelação tem a intenção de anunciar um evento futuro (em relação ao AT).

Obs.: as constelações não têm formatos do que simbolizam, p.ex., Leão não parece um leão, e nem Virgem parece uma virgem. A questão é a *mensagem* que é passada, e por isso elas foram nomeadas dessa forma. As constelações possuem nomes proféticos, que já se cumpriram.

Pois bem, nesta constelação de Virgem a cada mais ou menos 11 ou 12 anos o planeta Júpiter (chamado de Justiça entre os judeus e de o "rei dos deuses" entre romanos) costuma passar 9 meses, saindo por volta de meados de setembro (o que jogaria o nascimento de Cristo para essa época). Um movimento retrógrado em Virgem faria com que o "nascimento" do planeta fosse como que parado, ficando ali durante um tempo. É importante você entender que este evento por si só não é nada especial, pois, como vimos, ocorre a cada década praticamente.

Outro evento que é muito comum é Virgem ter sob os pés a lua com o sol a vestindo (todas essas descrições não são minhas, são comuns na astrologia). Isso ocorre todo ano, e é normal que quando Júpiter nasça de Virgem isso ocorra. A propósito, é tão comum que não se pode nem fazer muitas previsões relevantes com base nisso.

Obs.: é curioso que entre os egípcios Júpiter levava o nome de Amon, e Amon era representado com uma cabeça de cordeiro. Mais curioso ainda é que, posteriormente, Amon vira "Amon-Rá", e passa a ser associado ao sol e significando justiça. Tudo isso é sugestivo, já que é baseado em uma leitura das estrelas e aponta Cristo. Joseph Seiss (que era um tanto quanto conspiracionista), tem um livro introdutório ao assunto: O Evangelho nas Estrelas. Ele tem algumas ideias que não concordamos (cientificamente), mas pode servir como meio de entender como a astrologia funcionou para os povos no AT. Também, a astrologia é a razão de tantos povos falarem sobre um ser meio homem e meio divino nascendo de uma mulher virgem. Tal coisa não é prova de que o Cristianismo as imitou, pelo contrário, é a prova de como a mensagem profética estava bem revelada nas estrelas, mas foi distorcida pelos homens.

O que não é comum é Vênus (o planeta do amor), Mercúrio (o mensageiro), Júpiter e Marte (a estrela da destruição) se encontrarem em Virgem. Isso soma-se ao fato de a constelação de Leão, que naquela época era reconhecida com, talvez, 10

estrelas (alguns dizem que sempre foram 9), ter duas a mais, formando, sobre a cabeça de Virgem, uma "coroa" de 12 estrelas, enquanto Vênus se encontrava com Júpiter saindo do ventre de Virgem.

Após sair de Virgem, ao que tudo indica, tal formação ainda servia para guiar os magos, que provavelmente encontraram Cristo já nascido há alguns meses ou talvez com um pouco mais de um ano (Mt 2:16). Ou seja, não necessariamente o nascimento de Júpiter em Virgem equivaleria ao exato momento do nascimento de Cristo, nos dando duas opções 1 – ou a formação ocorreu *depois do nascimento de Cristo*; 2 – ou depois que ela foi desfeita ainda havia alguma formação entre Vênus e Júpiter que se tornou relevante para os astrólogos que os seguiram.

De modo interessante essa formação astrológica é posteriormente apresentada em Apocalipse, se referindo ao nascimento de Cristo (Ap 12).

Obs.: muitos dizem que algumas formações astrológicas raras ocorrem a cada "7 mil anos" e que a próxima vez que ocorrer sinalizará a volta de Cristo. Em um texto sobre Escatologia *já provamos que Cristo voltou no ano 70 d.C.* e, portanto, quer sejam raras ou não, essas formações não podem apontar o retorno do Messias. Todas essas previsões falharão assim como as expectativas daqueles que esperam Cristo literalmente sobre as nuvens "em todo o planeta Terra" (?).

Apocalipse – a favor

A respeito de Apocalipse precisamos fazer algumas observações: em um texto sobre Escatologia afirmamos que uma coisa é literal no texto e que ela se refere a algo espiritual, tendo somente dois significados: um literal e outro espiritual. Dessa forma, quando se descreve em Apocalipse o posicionamento de estrelas ou seu movimento em "queda", nada mais é do que uma descrição de um evento literal no céu, que tem sentido espiritual especificamente ali (ou seja, não é toda leitura astrológica que resulta em algo espiritual, só aquelas registradas nas Escrituras).

Assim, portanto, quando vemos no texto bíblico que estrelas caíram, que o dragão (claramente uma referência à constelação que leva seu nome) é punido etc., então o que a bíblia quer fazer é pontuar os eventos visíveis no céu na época, de forma que qualquer astrólogo saberia que Deus estava exercendo justiça contra alguma nação. A propósito, o único evento que permite que "todo olho veja" (daquela região) é possível só astrologicamente.

Dito isso, precisamos reforçar que Apocalipse tem a intenção de descrever um período de, no máximo, 70 anos, desde o nascimento de Cristo até sua volta, que se deu em torno do ano 70 d.C.; assim, Ap 12 se refere ao nascimento de Cristo e Ap 20 ao juízo final sobre o AT, com o fim de que os cristãos primitivos fossem advertidos e também guiados para fora de Israel em tempo, antes que Roma a cercasse ou atacasse. Isso era necessário, pois nem todo mundo conseguia prever os eventos pela leitura do céu – mesmo os judeus interpretaram o céu errado, algo que Josefo, que presenciou a destruição do templo, ainda acusa nos astrólogos judeus da época (por não terem alertado corretamente o povo sobre a destruição da cidade, se confundindo – lembre-se de Isaías...).

De qualquer modo, toda a descrição astrológica bíblica sobre estrelas caindo não existe ali sem motivo: ela está ali para que o povo reconhecesse no céu os eventos

quando ocorressem mesmo que não presentes no local do ocorrido (por exemplo, até onde os nossos cálculos vão, todas as destruições dos povos no qual se dizia que a lua e o sol não dariam o seu brilho são simultâneas à eclipses visíveis da região de Israel). Por fim, entretanto, tais ocorridos não podem ser ignorados, e precisam ser considerados no contexto mais amplo do estudo tanto da escatologia do AT quanto da astrologia atualmente.

Um resumo dos "nãos" da astrologia:

- Não se deve buscar a "volta de Cristo" – uma vez que já voltou todas essas leituras falharão.
- Não se deve focar em indivíduos sem relevância política ou histórica – embora a leitura não necessariamente vá falhar.
- Não se deve utilizar a astrologia como mera ferramenta de curiosidade – pois serve para que se saiba o que fazer dado determinado contexto.
- Não se deve confiar 100% nela – visto que não só Deus pode contradizer a leitura feita, mas ainda pode ser que a leitura esteja errada de fato.
- Não se deve buscar uma astrologia totalmente inovadora – visto que ela é fundamentada em uma tradição interpretativa ligada ao significado (vindo de tempos imemoriais) dos planetas e signos (o que não quer dizer que não haja progresso nela).
- Não se deve unir com ela nenhuma magia, idolatria ou adivinhação – como ciência ela precisa estar desvinculada de tudo isso, além do fato de Deus condenar estas coisas.
- Os sonhos, tradicionalmente vinculados aos astrólogos, também precisam estar desconectados – visto que os últimos dias já passaram, este tipo de dom também cessou junto com aqueles dias.

Conclusão:

- A Astrologia é uma ciência;
- Para entendê-la é necessário um bom conhecimento de outras áreas;
- Ela não serve para interesses meramente privados;
- A Astrologia não é magia e nem viola mandamentos.

CIÊNCIA ARTÍSTICA – UMA BREVE DESCRIÇÃO

Afirmamos no início que a ciência é uma "mentira" por padrão. O mesmo vale para as ciências artísticas, nas quais os modelos estéticos não representam nenhuma categoria absoluta de beleza. Eu sei que os grandes teólogos do passado dirão que Deus é belo e tudo deve apontar isso, porém, analogicamente, como você transmite a beleza de Deus, que é espírito, para a matéria, que é visível? Não é possível e, no fim, o que prevalece é a concepção estética do filósofo-teólogo.

Muitos apelarão para o fato de que a Criação é boa, afinal, Deus mesmo diz isso. Mas tal coisa é um absurdo, pois "bondade" no contexto de Gênesis 1 – 2 não significa "belo". E pior, o que dizer dos inúmeros animais feios que foram criados? Estes homens dirão que não eram feios (antes da Queda) ou que é o nosso padrão que está errado. Bobagem. Para todo o lado o discurso se torna meramente filosófico, e a existência do debate acaba, em si, por provar o que estamos aqui defendendo.

Além disso, qualquer um que olhar o passado e o presente, saberá que há mais coisas que consideramos belas hoje do que no passado. Porém, estes homens que sempre dizem ser o passado melhor do que hoje provam não serem sábios (Ec 7:10). A verdade é que quando estes homens pensam em arte ignoram as outras ciências, como a história, que demonstra que estes artistas eram frequentemente não muito conhecidos, com sua arte, normalmente, sendo considerada uma corrupção do passado. Em tempo, na verdade, há mais modalidades de arte do que estão dispostos a reconhecer, pois não são somente quadros e casas que formam o âmbito da arte.

Obs.: um exemplo clássico é o arco romano, feito sem ligaduras ou cimento e ainda é bonito – os amantes da ‘arte’ amam apontar isso. Mal sabem estes que usamos este padrão frequentemente em túneis e ainda com maior qualidade do que os romanos sabiam fazer. Na realidade, só é possível ver arcos romanos em locais de pouca atividade sísmica, pois eles eram extremamente sensíveis a qualquer desnível do terreno (algo que hoje foi superado). Não só o melhoramos, como não precisamos dele em todos os lugares. O que estes homens não notam é como o resto do mundo era feio, com as casas comuns se assemelhando a meros puxadinhos, já que as pessoas frequentemente não sabiam nada sobre a coesão de espaços e tamanhos específicos. Acusar a ‘modernidade’ de corrupta por abandonar estas coisas prova o quanto estamos cegos pelos nossos saudosismos.

E falando em casas, é comum que se apele para o fato de as casas modernas parecerem caixas de sapato, o que, claramente, é uma perda estética em relação às casas do passado. Tais idiotas contrastam as casas brasileiras com alemãs e acham que estão comparando com o passado. Na realidade, geralmente onde as casas são “feias”, sempre foram feias (ah, os antigos barracos inúteis do passado... era uma tristeza viver naquelas casas pequenas sem energia e coisas semelhantes).

Daí, tais homens passam a comparar as estradas modernas com as romanas, que não só sofriam manutenção o tempo todo, mas que não tinham toneladas de carros e caminhões passando sobre, com os efeitos da inércia e tudo mais sendo aplicados sobre o piso. Estes homens olham o passado por meio de uma moldura e o põem numa jaula, na qual é possível adestrar o passado para se adequar ao nosso ponto de vista em que queremos nos sentir superiores. A ciência incha.

A verdade é que a vida nunca foi tão simples e nunca foi tão fácil. Recebemos de Deus mais do que pedimos, e ainda temos reclamado e agido com estupidez, porque queremos continuar sentindo que sempre há algo a mais a ser visto nas coisas. Tolos! Há coisas que são tão somente aquilo que apresentam, e não precisam de explicações ou uma cadeia complexa de eventos. Isso contradiz não só o conservador quanto também o progressista, que importam para a estética e teologia suas perspectivas políticas, misturando a arte com seus anseios de controle.

Por último, é importante dizer que a arte é uma ciência, na qual se busca adequar ela ao público esperado, para demonstrar as coisas que se intenciona. Não sem motivo o entretenimento e até as obras de arte (outro tipo de entretenimento) cativam alguns públicos e outros não. O foco é descobrir como cativar o maior público possível, fugindo-se de estabelecer critérios universais únicos. A arte é

isso aí mesmo: expressão minha ou nossa, algumas vezes com ou sem valor de mercado, que serve ou não de propaganda. Não sinto nada se para você isso tira a "transcendência" da arte. Para nós, porém, isso é a verdadeira liberdade em Deus, em quem reside toda a beleza espiritual, e no qual podemos nos alegrar de modo permanente, sem confundir a criação com o Criador.

CONCLUSÃO

Este livro, apesar de grande, não tem só um objetivo, mas vários, pois cada capítulo trata de um assunto, no qual às vezes há conexão entre o anterior e o seguinte e às vezes não. De qualquer modo, não é possível que ofereçamos uma conclusão satisfatória para um material tão heterogêneo. Contudo, achamos viável que o leitor busque anotar tudo o que aprendeu e reforçar, brevemente, essas coisas, para desenvolvê-las enquanto estuda a própria bíblia.

Sendo este livro o segundo de uma série, que busca expor coisas não ensinadas normalmente por aí, é importante sugerirmos ao leitor que leia o livro anterior (Falsos Pecados) e o seguinte, sobre casamento. Esperamos que o atual tenha sido relevante para construir mentalmente os caminhos necessários para entender, ao menos basicamente, os assuntos da Lei de Deus e da Escritura em geral.

Que Deus nos abençoe a todos, e que frutifiquemos mais, como árvores no seu Jardim.

Soli Deo Gloria